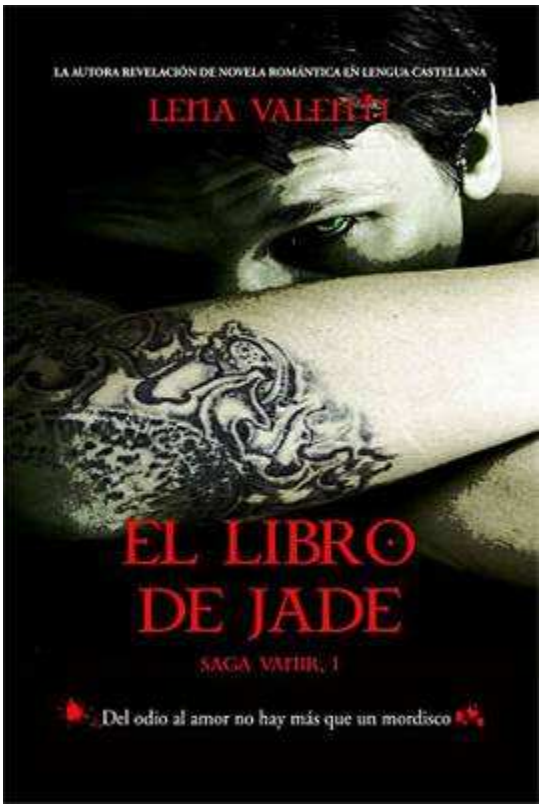
TWKliek apresenta:



Lena Valenti

O Livro de Jade

Série Vanir 01

Do amor ao ódio não há mais que uma dentada...

Caleb é um homem atormentado. Um Vanirio, um ser imortal criado pelos Deuses Escandinavos para proteger os humanos daqueles que não souberam resistir ao sangue e ao poder. Agora, chegou a Barcelona para dar com a estranha organização que está sequestrando e assassinando a todos aqueles que são como ele. Procura vingança e não duvidará em levar Eileen Ernepo, a filha do cientista louco que está fazendo experimentos com os corpos de seus amigos. Ela será a resposta a toda aquela rede de sangue e injustificada violência para os seus. Eileen terá que pagar. Entretanto, nunca imaginou que a jovem se converteria em sua perdição. Eileen vivia sua vida dentro de uma aprazível normalidade. Trabalhava na empresa "familiar" como Relações Públicas, tinha um bom salário e queria com loucura seu Huskie[1] e seus dois únicos amigos que mantinha desde a infância. Além disso, acabava de formar-se como pedagoga e devotou um excelente trabalho em Londres num projeto de educação. Aquela era a oportunidade perfeita para fugir das garras de seu pai Mikhail, um homem que não a queria e que a culpava pela morte de sua mãe, Elena. Fugiria dele, por fim. O que não podia imaginar era que aquela mesma noite, um homem zangado e terrivelmente atraente, a sequestraria e a introduziria à força em um mundo cheio de mitologia, magia, clãs, sangue e presas.

---

[1] *Huskie Sibeiano é uma raça de cão nórdico muito antiga, cuja aparência assemelha-se a um lobo.*

***Disp em Esp*: MR**
***Envio do arquivo*:** *Gisa*
***Revisão Inicial*:** *Cris Reinbold*
***Revisão Final*:** *Lory*
***Formatação e finalização*:** *Greicy*
TWKliek

Comentário da Revisora Cris Reinbold: Quando uma violação se torna o elo mais forte entre um homem e uma mulher, a ponto deste homem descobrir que essa mulher era tudo para ele e sem ela não era nada. Pode um coração culpado se auto perdoar somente amando essa mulher?

Comentário da Revisora Lory: Só tenho uma palavra para descrever o livro "*Maravilhoso*". Realmente se parece com a série Cárpatos, quem gosta da série irá adorar. Eu adorei!!! Homens que amam possessiva, enlouquecida, e absurdamente sua "única" escolhida pelos deuses. Sem contar que tem todos os ingredientes que eu adoro num romance: homem mais velho (ele tem 2.000 anos... rs) ela é bem mais nova (tem 22 anos... rs), ela é linda de parar o mundo, ele é um TDBombom delicioso, maníaco-possessivo, ruim até a medula... ai meus sais. O tipo de livro que eu recomendo para o final de semana, pois ao começar a ler você não conseguirá parar!

Diz a profecia...

Haverá uma guerra entre os deuses do céu, chamada Ragnarök (O destino dos deuses). A guerra começará com uma rebelião a favor da supremacia divina sobre todos os habitantes da terra. Mas nem todos os deuses estarão de acordo e se dividirão em dois lados. Os jotuns, liderados por Loki, ficarão a favor da subversão dos humanos, e os Aesir e Vanir, liderados por Odin, vão preferir nos dar o livre arbítrio, sem depender das divindades, e observar constantemente nossa evolução como civilização. Este destino apocalíptico é conhecido em outras culturas como o fim dos tempos ou o livro do Apocalipse. Supõe-se que nesse juízo final não só os deuses envolvidos perecerão, mas parte desse universo irá desaparecer. Odin, conhecendo a terrível profecia e o desacato que Loki está prestes a cometer, o bane. Mesmo assim, Loki escapa da prisão em Asgard e cai em nossa dimensão, Midgard, a terra, evocando aqui sua própria prisão invisível e coexistindo com seres humanos, criando o caos, destruição e confusão para onde quer que vá.

Foi assim que chegaram à terra os berserkers e o vanirios. Criados pela magia dos deuses Aesir e os Vanir, cuidaram dos humanos e de afastar Loki (alguns o conhecem como diabo). Vão tentar por todos os meios que Ragnarök não chegue, e que Loki não incomode os seres humanos mais que o necessário. O Caído, por sua vez, faz todos os esforços para desestabilizar a ordem que Odín quer manter em nossa dimensão.

A batalha entre o bem e o mal já começou. Ragnarök se aproxima.E você.... do lado de quem está?

Termos gaélicos

Aileen: A que está cheia de luz
Ál: Jovem e adorável
Álainn: Menina formosa
Atalayas: Os 4 guardiões dos elementos. Um para cada ponto cardeal.
Beat: Mordida
Beatha: A que dá a vida
Bratháir: irmão
Cahal: O poderoso na batalha
Caleb: O guerreiro valente
Cáraid: Companheiro, amigo
Carbaidh: Caramelo
Chailin: Dama
Cianoil choin: Idiota asqueroso
Comharradh: marca, sinal
Daanna: a eleita e venerada
Doch: trovão
Duine: Homem
Gall: Intruso
Gwyn: nome gaélico que significa branco, santo, abençoado.
Keltoi: Celta
Leannán: doce coração
Mada-ruadh: Puta
Madadh-allaidh: Besta-lobo
Mamaidh: Mãe
Maru: Grande
Menw: o que pode curar
Peanás Follaiseach: Castigo público.
Piuthar: Irmã
Rix: Rei
Wicca: tradição neo-pagã de magia e bruxaria.

Frases gaélicas

Cha b· éid mi, athair
Eles não são como eu, pai
Mo bréagha donn
Minha menina linda
Carson
Por quê?
Liuthad, mo álainn
Tudo, minha bela.
Gobha
Mais profundo
Beat is beat
Mordida a mordida
Tha mi gu tinn á t· áonais
Porque fico doente sem você
Mas fheàrr leat xxxx, gabh e, leannán
Se preferes xxxx, tome-o, meu doce coração
Guir fuathach leam do thu
Odeio você
Thagh mi thu
Escolho você
Cha dèan
Deixe-me em paz
Tha thu mo leannán
Você é meu doce coração
¿' N deíd thu lium, mo chailin?
Virá comigo, minha dama?
Ó furrain
Podes?
Mo ghraidh
Meu amor

Termos nórdicos

Asgard: residência dos deuses, em particular dos Aesir.
Barnepike: ama
Bastão Conselho: o bastão que Odín deu ao líder do clã enfurecido para levá-lo com ele como um símbolo da paz entre clãs.
Bror: irmão
Canto Joik: canto de noaiti que evoca os espíritos.
Comitatus: um grupo de pessoas reconhecidas como família entre eles, embora não haja nenhum laço de sangue entre eles. O comitatus ocorre entre os berserkers.
Constantes: sacerdotisas que recebem imortalidade para combater o mal para sempre.
Druht: o dom da profecia e adivinhação.
Hallsbänd: o colar usado no pacto de escravidão e que submete quem o coloca.
Jotunheim: casa dos gigantes, considerada a fonte de todo o mal.
Juramento Piuthar: juramento pronunciado entre as irmãs sacerdotisas.
Katt: gata
Kompis: parceiro
Kone: como os berserkers chamam suas esposas, que significa "mulher esposa".
Leder: líder
Matronae: nome dado para as sacerdotisas que apoiam as constantes.
Midgard: o nome que os deuses nórdicos dão à terra.
Noaiti: o xamã do clã berserker, também conhecido como "O Senhor dos animais".
Nonne: apelido carinhoso dado às irmãs, é como " pequena irmã" ou "irmãzinha".
Nornas: as três parcas nórdicas que tecem o destino.
Od: um dos presentes dados por Odín para os berserkers. É a raiva animal.
Pacto Slavery: pacto de escravidão que acontece no clã berserker quando um homem blasfema a uma mulher.
Ragnarök: batalha final em que aparecem deuses, jotuns e humanos.
Reflekt: apelido carinhoso dos berserkers a suas companheiras. Para eles suas companheiras são um reflexo do que eles são.
Seidr: magia muito poderosa.
Seidrman: bruxo que domina a magia negra Seidr.
Slave: escravo.
Soster: irmã de sangue.
Spädom e Drom: livro das profecias e sonhos de noaiti.
Valhalla: residência das valkyrias.
Vanenheim: residência dos Vanir.
Velge: a ungida.
Voluspá: a profecia da vidente. Assim se conhece a profecia de Ragnarök.
Völva: vidente.

Peanás Follaiseach

Quando um guerreiro alega, maltrata, fere ou calúnia outro injustificadamente, a pessoa paga seu erro com punição pública.
Punição pública é uma flagelação aos olhos de todos os membros do clã.
Quem recebe o castigo, sofrerá em seu corpo o número de chibatadas iguais aos anos que a pessoa lesada tenha. As cordas castigadoras são feitas de couro e seus extremos untados com vidro quebrado.
Se o guerreiro sobreviver às lesões e infecções subsequentes, obtém o perdão do clã. Se morrer, é considerada morte justa.

O comharradh

O rótulo. Os casais Celtas antigamente se davam um nó perene como sinal de amor eterno. Freya (a deusa que torna dependentes seus pares vanirios) ama essa tradição romântica dos celtas e decidiu selar todos os casais vanirias vinculando o corpo, mente e alma, com uma réplica do nó perene tatuado em seus corpos.

A noite das fogueiras

Como é chamada a noite de São João pelos vanirios. Em seus rituais pulam, dançam e bebem Hidromel ao redor do fogo.
Na noite das fogueiras os vanirios podem encontrar seu parceiro e mesmo se eles fizeram a vinculação podem ser selados pelos deuses.
Para o Celtas-vanirios, é uma noite muito especial porque através do fogo (considerado símbolo sagrado para eles) podem queimar o passado e olhar para um novo futuro.

Capítulo 1

Não gostava dos dias nublados, detestava-os. Fazia mais de uma semana, o clima ameaçava com a chegada de um terrível furacão. Faltavam sete dias para a lua cheia, a noite do solstício de verão se aproximava e na Catalunha a tradição chamava todas as pessoas que acreditavam nas histórias de magia e bruxas para que saíssem à rua, acendessem as fogueiras e inventassem todo tipo de feitiços e encantamentos para trazer prosperidade e felicidade a suas vidas.

Eileen aproximou da cristaleira de seu quarto, que deixava ver uma bela vista de Barcelona, e elevou o olhar ao céu. Seu huskie siberiano branco de três meses se aproximou e arranhou a

perna com sua patinha. Eileen o olhou, o agarrou nos braços e sorriu enquanto massageava digitalmente o cocuruto de Brave e voltava a olhar as soberanas nuvens. Pelo amor de Deus, estavam quase em pleno verão e o tempo espreitava ameaçador como no inverno. Vá com a mudança climática... Todo mundo falava disso como se tal coisa, mas ninguém entendesse muito bem quais seriam suas consequências.

Em 23 de junho celebraria a verbena[2] de San Juan, sua festa favorita e, seguindo desta maneira o clima, ia estar debaixo d'gua. Desde pequena sentia adoração por essa celebração, para ela era realmente especial, e nem sequer podia explicar de onde provinha sua fascinação. Nesse dia as pessoas compravam as tradicionais cucas de San Juan. Algumas eram de pinhões, outras de nata ou de cabelo de anjo. O teto estelar se alagava de foguetes, haveria música em qualquer parte e a noite mais curta do ano se converteria na mais longa para muitos jovens e não tão jovens que procuravam diversão, música e alguém com quem cair na areia das praias do Mediterrâneo para logo alcançar juntas e confundidas — muitas graças ao álcool— o amanhecer.

Estava mais iludida pela chegada dessa festividade que pelo de seu aniversário. Faltavam dois dias para que ela fizesse vinte e dois anos. Vinte e dois anos. Um calafrio percorreu sua coluna vertebral arrepiando os cabelos da nuca e apagando o sorriso que apareceu divertido em seus lábios. Abraçou a si mesma, esfregando os braços e conseguindo dar calor de novo.

Deu meia volta para dirigir a sua cama, não sem antes parar em frente de sua penteadeira e inspecionar seu corpo e seu rosto. Deixou Brave no chão e ele foi direto morder um camundongo de pelúcia, seu brinquedo particular.

Eileen usava um pijama de short e camiseta de alças finas, ambas as partes de cor branca. Sua pele bronzeada vestia um corpo simplesmente perfeito. Um corpo estilizado, sem ápice de gordura e de longas e moldadas pernas. Mas não era o corpo o que mais chamava a atenção, a não ser seu rosto.

O rosto que aparecia no espelho era a reencarnação do feitiço e a atração. Uma longa e lisa cabeleira azeviche caía por baixo de seus esbeltos ombros. As sobrancelhas da mesma cor, perfeitamente arqueada e sexy. Seus olhos eram de uma cor azul cinzenta que às vezes era impossível de definir, emoldurados por umas longas e espessas pestanas negras que da extensa e frisada que eram tocavam quase suas maçãs do rosto, estes altos e ligeiramente tintos de um rosa pálido. Seu nariz fino e elegante. Seus lábios grossos desenhavam um arco perfeito e voltavam loucos de desejo a seus companheiros de universidade. Mais de um tentou prová-los, sem muito êxito. O inferior um pouco mais cheio que o superior pedia a gritos que o mordessem e o sugassem até dizer basta.

Com um sorriso, lembrando seus amigos, que mais de uma vez bêbados até as sobrancelhas pediram um beijo por compaixão, elevou o queixo e deslizou seu dedo indicador pela pequena e graciosa covinha que a dividia. Sua amiga Ruth mencionou que ter uma covinha dividindo o queixo significava beleza e harmonia física. Não sabia se era certo, mas êxito tinha, não havia dúvida.

[2] *Festa popular ao ar livre, festa da uva.*

Acariciando esse peculiar traço, pensou em sua mãe. Ela teria tido essa marca? Afinal não chegou a conhecê-la, não sabia.

Deve ser muito bonita, porque seu pai não parecia em nada, disso estava certa. No melhor não conseguia encontrar nada parecido com ele porque Mikhail sempre estava de mau humor, com o cenho franzido e o olhar escurecido. Talvez se o homem relaxasse mais quando estava com ela... Impossível. Desprezou essa ideia imediatamente. Não ia enganar, ela devia ser a cara de sua mãe. Não ter nenhuma foto nem lembrança fazia difícil tirar conclusões, mas sua intuição dizia que assim devia ser.

Sua mãe... Quanta falta lhe fez durante esses quase vinte e dois anos que estava a ponto de completar. Mikhail contou que Elena morreu dando a luz. As coisas se complicaram, perdeu muito sangue devido aos rasgões. A hemorragia a deixou seca, disse sem um pingo de tato seu pai. Eileen demorou um tempo para descobrir o significado da palavra hemorragia. Com cinco anos já aprendeu a ler perfeitamente, assim grudou um dicionário e com suas delicadas mãozinhas procurou pelo H o que isso queria dizer. Quando entendeu que ao nascer sua mãe sangrou tanto que ninguém pôde detê-lo começou a chorar desconsoladamente e a aflição durou meses. Ia se sentir culpada durante toda sua vida e não era assim seu pai já se encarregaria de lembrar.

Você a matou. Você foi à culpada.

Eileen escureceu o olhar lembrando as palavras que seu pai disse mais de uma vez para ela. Inspirou fundo.

—Será meu pai e tudo o que queira — sussurrou olhando fixamente o espelho, - mas é um idiota dos grandes.

Depois da morte de sua mãe, Mikhail queimou e eliminou qualquer fotografia, vídeo ou imagem que pudesse lembrar sua mulher. Ignorando e sendo indiferente que sua filha alguma vez quisesse ter uma lembrança dela.

É obvio que ela queria ter uma e não só uma, mas também milhares de lembranças da mulher que lhe deu a luz. Mas ele a privou, do mesmo e de muitas outras coisas igual importantes como o querida, o amor e o calor de uma família. Embora só fossem dois. Ela e ele.

Jamais demonstrou que a apreciava, jamais escutou um eu te amo, filha. Embora fosse certo que não faltava nada materialmente, tinha tudo o que queria. Trabalhava na empresa de seu pai como vínculo de relações externas. Tinha um bom salário com o que permitir qualquer capricho sem necessidade de pedir nada a ninguém. Ela pagou a universidade e também seu carro, um BMW Z4 conversível de cor azul elétrica que fantasiou.

Sabia falar vários idiomas, como o espanhol, catalão, inglês, russo, chinês e francês. Seu pai tinha uma empresa de materiais e produtos para salas de operações e hospitais, assim necessitava alguém que pudesse comunicar a nível comercial com todo mundo. O mais novo, Mikhail o criava e o vendia. Tocava desde instrumentação cirúrgica até fórmulas de novas vacinas. Ela era a encarregada, mediante seus enlaces, de receber e distribuir as substâncias e os aparelhos.

No trabalho dirigia a palavra somente o necessário. Pela manhã, na empresa familiar e pela tarde na universidade. Assim eram sua vida fazia cinco anos.

Estava escassa de vínculo afetivo em sua casa, não ficou mais remédio que aprender a viver com isso e tecer esses vínculos fora das paredes de seu lar, desde bem pequena.

No colégio e na universidade fez grandes amigos. Mas mantinha e mimava os de sempre, Ruth e Gabriel. Eles eram seus dois pilares. Pilares não. Irmãos para ela, melhor dizendo. Conheciam da escola, eram inseparáveis.

E logo estava seu médico, Victor, que desde cinco anos, depois da morte de seu anterior doutor, o senhor Francesc, usava o controle diariamente de sua diabetes. Vinha cada noite, controlava seu açúcar no sangue e subministrava insulina. Ela odiava as agulhas e seu pai evitava ter contato íntimo com ela, assim tinha seu médico particular que cuidava, cravava e logo ia. A intimidade que compartilhavam em seu quarto, enquanto fazia a revisão médica fez travar uma boa amizade.

A canção do *Unwritten* começou a soar distraindo de seus pensamentos. Deu a volta dirigindo para a bolsa Tous que deixou colocada sobre a cadeira. Grudou o celular exclusivo Motorola Dolce & Gabanna dourado e o abriu para ver que Ruth estava chamando. Adorava todas essas besteiras.

—Hello — disse uma voz do outro lado do telefone. Era Ruth.

—Olá, louca.

—Tenho notícias para dar.

Eileen sentou e colocou os chinelos de ficar em casa em forma de coelho.

—Dispara.

—Gabriel e eu decidimos que não vai nos deixar jogados todo o verão enquanto você está vagamundeando em Londres. — Eileen sorriu diante da expectativa.

—Já sabe que eu não vagabundeio — respondeu acariciando as orelhas do coelho.

—Pode ser que essa não seja sua intenção, mas fará se nós dois acompanhamos.

—Viriam comigo no verão? —aumentou os olhos e levantou as sobrancelhas iludidas.

—Você o que acha? Alguém tem que te tirar as moscas azuis indesejáveis de cima. Seria um cervo rodeado de lobos. Mas não se preocupe, nós perverteremos, eh...digo protegeremos.

Eileen começou a rir. Como gostava de seus amigos. Ruth era maravilhosa, sempre arrancava algum outro sorriso.

—O que? Não diz nada? —recriminou Ruth. —Nada como... A amo Ruth, é genial Ruth, é um amor...

—É fantástico. E sim, amo muito, bruxa.

—Isso está melhor. Está por aí o Dr. Zhivago?

—Não, ainda é cedo para que chegue.

—Dê meu telefone, Por Deus. E eu direi se for ou não é gay.

—É uma lagarta incorrigível.

—Por isso me adora. Deixo, vou entrar em um estacionamento e não tenho cobertura. Amanhã ligo. —OK. Beijinhos. —Beijinhos.

Com um sorriso desligou o telefone, deixou sobre a cama, prendeu seu cabelo de cetim e o enroscou em um coque mau feito para dormir. Era uma grande noticia saber que seus dois melhores amigos compartilhariam com ela uns dias na Inglaterra. Olhou seu relógio digital de homem Brail. Nunca gostou dos relógios de mulher.

O Dr. Zhivago, como chamava Ruth, devia estar para chegar.

Bocejou e sentou esperando Víctor. Deus tinha uma vontade louca de pegar grande festa e celebrar sua precoce licenciatura em Pedagogia. Foi a melhor de sua promoção e precisava fazer alguma loucura das grandes. Ela tinha um máster em Calamidades.

Como o dia em que a prepararam mesmos bolos com maconha nos seus dezoito anos e os repartiu a toda a classe, incluído o professor. Aquele dia estava em um dos seis créditos de Educação para a Sexualidade. O certo é que a classe grudou um matiz muito literal quando a subdiretora Martínez, que entrou só para filar, colocou dois pedaços de bolo ela só e mais tarde começou a lamber a orelha do Dr. Jiménez, o encarregado de repartir dito crédito. Ela lambeu a orelha... Em público. Eileen nunca pensou que Maria fosse afrodisíaca. Pois era. E muito pelo que pôde ver esse dia.

Ou como o dia, fazia já dois anos, em que o muito bonito, mas estúpido da Gorka a tentou sovar no quarto dos gizes e os rascunhos. Sem dúvida, seu queridíssimo amigo Gabriel tirou sarro do pobre menino, dizendo que ela queria vê-lo na sala do magro — mais conhecido como a sala dos gizes. — Gorka foi super iludido. Por fim ia poder mudar esse corpinho que encantou a meia universidade. Pois bem, ela sim que o atiçou bem. Agarrou pelos ovos, apertou-os até quase tocar com os dedos a palma de sua mão e logo o lançou contra a porta, fazendo-o sair disparado e caindo de costas no corredor mais concorrido da faculdade.

Aquele dia teve uma discussão com Gabriel sobre o que eram brincadeiras de bom e de mau gosto. Aquela não foi uma de bom gosto nem por indício. Gorka jamais voltou a dirigir o olhar.

Ou como o dia em que... Toc.

Eileen levantou da cadeira e abriu a porta de seu quarto. Um menino de uns trinta anos, ligeiramente mais alto que ela, loiro, de olhos negros e grandes sorria. Olhava com doçura e esperando receber permissão para entrar.

—Boa noite, Eileen — a saudou com voz amável.

—Olá, Víctor — respondeu. —Entra.

Foi a um lado e o deixou passar.

—Hoje chegou cedo — olhou sorrindo.

—Sim — disse ele deixando a mala negra sobre uma das mesinhas de noite. —Hoje por sorte me adiantei ao tráfico — sorriu.

Em Barcelona, a hora do rush, era impossível conduzir pela cidade sem ver misturado em uma caravana de três quartos de hora.

Eileen sentou sobre a cama e ofereceu o braço esquerdo. Fazia esse gesto todas as noites dos sete anos e estava cheia de automatismos. O fazia com uma grande naturalidade, já não se sentia incômoda. Nem ele tampouco.

—Como encontra hoje? —perguntou tirando da mala um medidor de tensão arterial. Olhou esperando uma resposta.

—Como sempre. Perfeitamente.

—Não sente enjoos, nem suores frios nem formigamentos?

—Nada — negou com a cabeça fazendo que algumas mechas azeviche escorregassem pelas têmporas.

Víctor seguiu seu cabelo rebelde com um desejo irrefreável de ficar atrás de suas finas orelhas. Pigarreou e voltou a concentrar em seu trabalho.

—Isso está bem — disse com a voz rouca.

Eileen levantou uma sobrancelha e o olhou de soslaio. Não era tola. Sabia exatamente o que provocava nos homens, e Víctor, embora se esforçasse em ser diplomático, não era imune a seus encantos. Ela não pretendia chamar sua atenção. Nunca pretendeu. Mas sabia que fazia.

—Sempre foi assim — disse tentando relaxá-lo. —Graças a você, tenho diabetes perfeitamente controlada. Minha dieta está equilibrada, baixa em gorduras. Faço esporte diariamente e cada noite injeta insulina. Mais controle não pode ter, não acha? — sorriu. — Cada noite as mesmas perguntas e as mesmas respostas.

—Nunca se sabe Eileen — rodeou seu braço com a fita azul e o pressionou. Olhou o medidor e sorriu conforme. —12/8. Está...

—Estou bem. Disse já que como sempre? —arqueou as sobrancelhas. Víctor negou com a cabeça enquanto fazia esforços por não lhe dar razão. —A diabetes é caprichosa às vezes.

—Mas não comigo, por sorte. Duvido que haja alguém que esteja tão vigiada como eu.

Olhou diretamente nos olhos e ficou em silêncio. Eileen o olhou incômodo e em seguida tentou desviar sua atenção. Ele percebeu de seu encantamento e tirou da mala o medidor de açúcar. — dê seu dedo indicador — tirou da mão.

—Não, me crave em outro — deixou o dedo anelar. —Este já deixou muito dolorido.

Cada duas semanas mudava de dedo da mão. A máquina do controle de açúcar a machucava sem compaixão.

Víctor grudou a gota de sangue vermelho e espesso que saiu da gema do dedo e a colocou sobre uma tira branca, que estava encaixada a um aparelho digital.

—Seu nível de glicose é normal — olhou à tela digital do medidor. —Muito bem — guardou os aparelhos na maleta e tirou uma ampola e uma seringa de injeção. Espetou a seringa de injeção no frasco e extraiu o líquido. Com uma pequena pressão do polegar e uns toques sobre o extremo da seringa expulsou o ar.

Eileen beliscou a perna direita e esperou que Víctor cravasse a agulha na pouca carne que conseguia reter entre seus dedos. Tinha as pernas tão fortes que não havia carne flácida por nenhum lado. As aulas de natação, defesa pessoal e spinning eram as responsáveis por seu tonificado músculo.

Passou um pequeno algodão e logo a espetou.

Eileen vaiou enrugando o nariz.

—Hoje doeu — Victor extraiu a agulha com rapidez.

—Não foi nada — sorriu enquanto esfregava ligeiramente a coxa.

Uma vez guardou tudo na mala, Víctor relaxou.

—E bem? —olhou aumentando os olhos. —Felicidades por sua licenciatura...

—Obrigada — respondeu. Levantou e caminhou para uma grande geladeira que embutiu na parede, no outro extremo do imenso quarto. — o de sempre? —olhou-o por cima da porta da geladeira.

—Sim, por favor.

Eileen pegou uma cerveja para ele e para ela uma água com gás. Sentou a seu lado.

—Como vai celebrar? Já pensou em algo? —arqueou as sobrancelhas repetidamente. —Em 21 de junho é seu aniversário, não?

Ela assentiu com um sorriso. Ele sempre lembrava.

—Acredito que celebrarei tudo na verbena de San Juan — bebeu da garrafa de Vichy.

—Lembre-se que não pode embebedar — recomendou enquanto bebia de um só sorvo meia cerveja.

—Não preciso beber para passar bem — franziu o cenho. —Já sei. Só advirto isso. Meu pai o colocou para cuidar de mim. —É meu doutor, não minha babá, Víctor.

—Sou seu doutor e deve me obedecer, Eileen — respondeu no mesmo tom que ela. —Sua saúde e minha vida correm perigo se decidir fazer alguma de suas loucuras. Seu pai é...

—Meu pai — cortou ela— pode guardar suas recomendações e suas ameaças onde caibam — voltou a beber outro sorvo.

Ameaças? Pensou Víctor. Mikhail não ameaçava. Procedia diretamente. Era um homem sem escrúpulos.

—Bom — a olhou de esguelha. —preocupa com você, não?

—Não seja cínico — começou a rir. —Confesso que não entendo a obsessão que tem em minha integridade física, mas eu, como pessoa, não importei jamais. Somente agradeço a possibilidade que me deu para estudar e o fato de que me deixe viver sob seu mesmo teto. Mais como um inquilino que como sua filha, claro está. Nunca me abraçou, sabe? —sua voz se tingiu de ressentimento. —Nenhuma só vez — acrescentou doída. Franziu os lábios e disse com determinação. —Mas em umas semanas vou arrumar minha situação — um brilho de esperança apareceu em seu olhar.

Víctor esticou as costas e a olhou nos olhos.

—O que quer dizer?

—Parto de Barcelona — recolheu uma mecha de cabelo que caía pela cara. —Saindo daqui e de seu controle. —Como? —De avião.

—Não, isso não... por quê?

—O diretor da faculdade entrou em contato comigo. Ofereceram terminar um projeto na Inglaterra com as futuras promessas no campo da pedagogia. Trata de um projeto ambicioso e pioneiro na Europa. Tentarei criar junto com um grupo de psicopedagogos apoio e novos métodos

de ensino para um novo sistema de educação primária. Poderíamos revolucionar o sistema educativo obsoleto — olhou esperançada. — É genial...

Víctor escureceu o olhar e apertou a mandíbula.

—Mikhail sabe?

—Mudaria algo se soubesse? —elevou uma sobrancelha. —Não, não sabe — olhou à frente com seriedade reprimindo a alegria que seu projeto o fazia sentir.

— Não pode mantê-lo em segredo — a olhou com severidade. —É seu pai.

—Sabe o que aconteceria se dissesse — é obvio que sabia. Não a deixaria ir.

—Olhe, já sabe que não estou de acordo em como trata você. Mas mesmo assim...

—Já estou mais que decidida. A passagem está comprada. Esperam para setembro, mas queria estar em Londres com antecipação. Eu gosto muito da cidade e não viria mal me aclimar antes. Em vinte e cinco de junho sai meu avião.

—Deveria dizer — recomendou levantando com urgência e recolhendo a maleta. — Sou seu médico, quem a controlará lá? Tem medo às agulhas, o sangue te enjoa e...

—Ali haverá médicos também — Eileen levantou com ele. Jogou a garrafa de vidro em seu lixo ecológico e assinalou com o dedo. —Se disser algo, deixarei de falar com você — o olhou intimidando de cima abaixo. —E por certo... Aonde vai com tanta pressa?

—Hoje não posso ficar muito tempo mais. Tenho coisas que fazer — fechou os botões das mangas da camisa. Eileen reprimiu um sorriso brincalhão.

—Ficar? —seu sorriso se alargou. —Vai brincar de médico com uma doutora?

—Por Deus, Eileen... —soprou rendendo diante dela. —Quando deixará de tentar me casar?

—É meu amigo, tem tentado anos e não teve um par nunca desde que conheço — o olhou divertida. —Me preocupo com você e por sua descendência.

—Eu também poderia dizer o mesmo de você — respondeu. —Nunca a vi com nenhum rapaz em particular — disse entre aspas. —E não me servem esses cachorros mulherengos que seguem babando e humilhados por todos os lados. Você tampouco teve namorado. Gabriel é o único rapaz que a acompanha, mas ele sabe muito bem que é só algo platônico. O que diz disso? Quando vai lançar?

—Não há homens que me interessem — franziu os lábios tentando parecer zangada.

—Mulheres?

—Não sou lésbica. Mas a este passo... Já não faço ascos a nada — soltou uma gargalhada.

Gostava dos homens. Sabia desde que viu Keanu Reeves em *Speed* ou Adam García, o cara bom de *Coiote Ugly*. Gostava de morenos, disso estava certa. Era certo que nunca se sentiu atraída por ninguém e assim que algum rapaz tentava paquerar com ela o rechaçava. Isso sem mencionar, que não gostava que a tocassem muito. Obviamente era virgem e não importava porque ela acreditava que se entregar a alguém era algo muito sério e se ela devia fazê-lo aceitaria que fosse com alguém especial. Por Deus, tinha que deixar de ler Lisa Kleypas.

—De todos os modos — Eileen seguiu espetando, - eu estou na flor da juventude — cruzou os braços e o inspecionou de acima a abaixo. — Você...

—OH — exclamou irritado. — Fecha já essa boquinha que tem, quer bonita?

—Só brincava — elevou os braços suspirando. —É um homem que está bem de se ver.

Víctor começou a rir e a deixou por impossível. A beijou na bochecha e se apressou em abrir a porta e sair de seu quarto.

—Víctor — disse mais séria. — confiei em você. Só você sabe Ruth e Gabriel. Não dirá, verdade?

—Não direi. Confia em mim. Embora bem pudesse mencionar algo mais a frente — recriminou. —Se for seu amigo e tanto me quer... — dramatizou.

—Nem sequer eu sabia. Ofereceram-me isso e aceitei sem pensar. Cuidarei-me, prometo — cruzou os dedos. —Não terá que se preocupar por mim e, além disso, seguiremos em contato.

—Eileen, é minha amiga. Preocupo-me com você esteja onde esteja. Mas tome cuidado. Se seu pai se inteira disto fechará o aeroporto de Barcelona para que não saia daqui — comentou passando a mão pelo cabelo dourado. —Ele não é alguém que possa sortear seu desejo.

—Mas não se inteirará verdade? —desejava uma confirmação por sua parte.

—Não, querida. Não por mim.

Eileen sorriu.

—Obrigada.

—Obrigado pela cerveja. Vejo-te amanhã — jogou a lata ao lixo. Piscou um olho e foi.

Não, ele não a trairia. O que a preocupava era que, no fundo, sabia que Víctor tinha razão.

Mikhail não a queria. Entretanto a tratava como uma posse. Tinha as pessoas vigiando-a constantemente e ela era suficientemente aguilhada para dar conta dessa vigilância. Controlava cada um de seus passos, revisava suas chamadas de telefone, suas contas de email. E, além disso, o fazia sem nenhuma dissimulação.

Não, seu pai não a queria como uma filha, mas seu comportamento maníaco-obsessivo para com ela tampouco era normal. Faria o possível por escapar. O que precisasse. Depois de San Juan iria.

Com esse pensamento e observando como a chuva começava a salpicar as janelas entrou na cama. Apertou o botão do interfone embutido na parede.

—Daniel — falou com microfone.

—Sim, senhorita — respondeu a voz ao outro lado.

Daniel era o guarda de segurança da entrada.

—Foi já o senhor Víctor?

—Sim, agora mesmo saiu que recinto, senhorita.

—Bem, obrigada.

Deixou de apertar o botão do interfone e cortou a comunicação. Acomodou o travesseiro e espetou seu olhar ao teto do quarto. Um sono súbito, doce e profundo ameaçou fechando seus olhos. Uma agradável comichão percorria suas pernas e os braços, de repente, tornavam pesados. Em um suspiro, chegou o sonho profundo que roçava a inconsciência. Como cada noite, caía adormecida imediatamente.

A mansão estava quase às escuras. Só umas luzes permaneciam acesas e ele podia ver, a tenor da luz que saía pelas janelas, que cômodos eram. Começava a chover com força, mas a Caleb não importava se molhar.

Não podia acreditar que por fim, depois de dezessete anos, vingaria a morte de seu melhor amigo, Thor. E muito menos entendia que todos e cada um dos passos por parar seu assassino levassem a zona do Tibidabo, na montanha da Collserola de Barcelona.

Barcelona não era um lugar muito frequentado pelos seus. Era uma cidade preciosa, encantadora, cosmopolita e desenhada para a cultura, o ócio e a diversão. Mas, por isso ele sabia, não era um conclave vanir. A luz e a vida diurna dessa cidade não podiam ser cômodas para um dos seus.

Possivelmente essa era a razão pela que o filho da puta de Mikhail instalou seu lar ali. Não poderiam perseguir nesse entorno, pelo menos não durante muito tempo. Mas ele não ia estar muito tempo. Ia entrar interrogá-lo e mutilá-lo em um abrir e fechar de olhos. Ia fazê-lo sofrer e dar onde mais doía.

A mansão que tinha em frente era um palácio envolto por pinheiros, rodeado por um espetacular jardim. A fachada construída de pedra estava coberta por desenhos de grande originalidade e cores, sem cair na redundância.

Observou como na fachada oeste havia duas torres. Uma dessas torres seria o quarto de sua próxima vítima.

Ali estava ela, fria e distante, terrivelmente formosa. Como um corpo tão bonito podia albergar tanta maldade? Nunca a viu a menos de um metro. Entretanto, aquela pose, aquela pele desejável muito suave e doce ao gosto e sua figura estilizada não podiam dar capacidade à dúvida. Era um bombom. Um bombom cheio de ácido.

Quando ela desapareceu da janela Caleb inspecionou com seus olhos de cor verde elétrica como fantasmagórica poderia chegar a ser essa casa, se não fosse pelos focos de cores azuladas e amarelos que a iluminavam. Mikhail tinha que ganhar muito dinheiro nas costa dos açougues e dos experimentos dos membros de sua raça pelo poderio que mostrava a simples vista de sua moradia.

Sua filha e ele eram ricos. Sua filha Eileen era a Relações Públicas de sua empresa. Estava em contato com todos os fornecedores. Encarregava de pedir os aparelhos, assim como as ferramentas e as drogas necessárias para proceder com os corpos de seu clã. Como fizeram com seu amigo.

Eileen, na realidade, limpava as mãos, porque ela não tratava com as vítimas diretamente, para isso já estava seu pai. Cadela. Não sabia a quem odiava mais, se a princesinha de gelo que puxava a pedra e escondia a mão ou ao assassino sem escrúpulos.

A sua mente voltaram às imagens de Thor mutilado. Em um dos braços esquartejados que encontraram naquele contêiner vira um selo que punha Newscientists, uma empresa destinada à

investigação científica. Seguiram o rastro durante anos e não foi fácil pela quantidade de empresas e corporações cobertas que impediam de ver a origem real dessa fundação.

Naquele momento, ali plantado, jorrando de pés a cabeça pela chuva, já sabia que um dos acionistas majoritários daquela empresa era o homem que vivia na mansão que tinha em frente.

Mikhail Ernepo. Um dos culpados do assassinato de Thor. Um de muitos que tinham que pagar pela perseguição a que se viam submetidos os vaniros.

Ia desfrutar belamente com ele e com sua filha, pensou enquanto passava a língua pelos lábios. Quando descobriram que Mikhail tinha sua filha trabalhando com ele não podia imaginar que ela fosse tão apetitosa. Sem dúvida, ia saborear esse salgadinho até que suplicasse que parasse, e bem sabia que não ia ser nem gentil nem educado com ela.

As luzes da chegada de um carro iluminaram por décimos de segundo a zona de bosque onde ele estava escondido. Espreitando. Protegeu seus olhos elevando a mão.

Do Honda Civic negro saiu um rapaz loiro, não mais alto que ele, com uma maleta negra.

—Segundo nossas investigações — disse uma voz penetrante atrás dele, — seu nome é Víctor e trabalha para Mikhail. Visita sua filha cada noite.

Caleb olhou para trás e saudou com um gesto de queixo Samael. Era de sua mesma estatura, um e noventa. Tinha o cabelo comprido, castanho escuro, com uma mecha branca no lado esquerdo. Seus olhos eram de uma cor cinza pálido e seu rosto frio e duro como o granito causava respeito aos que conheciam, e temor aos que não.

—São... Casal? — perguntou Caleb olhando friamente a Samael.

—Pode ser que sejam. Ele a visita todos os dias. Cada noite.

—De todos que há nessa casa — o olhar de Caleb voltou determinado enquanto voltava a olhar para frente, - além de sua filha, quem mais sabe de suas ações?

—Não saberia dizer — fez isso uma careta com os lábios. —Não acredito que os serventes estejam informados sobre como é sádico seu patrão.

—Encarregaremos de Mikhail e de sua filha Eileen. Só deles — advertiu. — Ele nos levará para as técnicas que usam para nos investigar —apertou a mandíbula— e ela para todos os contatos e fornecedores que estão implicados.

—Investigações? Isso parece muito suave para descrever o que fazem conosco, não acha? Abrem-nos em canal, tiram as vísceras e nos matam como animais. Somos seres imortais, Caleb, mas eles se encarregam de nos arrebatar a imortalidade quando nos degolam e nos arrancam o coração.

Caleb apertou os punhos com raiva. Devia relaxa se não queria ver tudo vermelho diante do tempo. Quando agarrasse Mikhail ia arrancar o coração, as unhas, os olhos, não sem antes ter esfolado vivo e... Não. Não. Os olhos seria o último. Mikhail tinha que ver diante de si o que esperava a sua filhinha querida. Ia atar... Parou sua mente. Seus músculos esticaram, fez água na boca. De repente não podia pensar só sentir. De onde vinha esse repentino aroma que tudo o alagava?

Samael esticou as costas e esquadrinhou a zona com o olhar. Ele também cheirava.

Caleb moveu as aletas do nariz e fechou os olhos, deixando levar por esse êxtase súbito. Era um aroma peculiar, um perfume como uma droga subia à cabeça e punha em alerta todos seus sentidos.

—Cheirava a bolo de queijo e framboesas. Recém feito.

—Pelos deuses... —foi o único que se atreveu a dizer. —Quem cheira assim?

Sentiu como as presas lutavam por alongar e as pupilas de seus olhos dilatavam até limites insuspeitados. Devia controlar seus instintos básicos. Olhou a virilha. OH, não. Tinha uma ereção de campeonato. Cobriu com sua mão e pressionou para relaxar esse órgão sem cérebro, tão impetuoso, quente e difícil de controlar.

—Vem da casa? —perguntou Samael com as presas completamente desenvolvidas e os olhos negros.

—É um aroma de mulher — disse Caleb voltando a inalar. —Quem cheira assim? —repetiu.

—Uma mulher muito apetitosa — lambeu.

—Centre Samael — ordenou. —Estão todos em sua posição? —tinha que tirar esse aroma das fossas nasais. Doía a virilha horrores e essas calças escuras, embora fossem largas, não ajudavam a sufocar a dor. Já procuraria à fonte daquele perfume embriagador.

—Estão preparados para receber nova ordem.

—Bem. Esperaremos — disse agradecido quando esse aroma desapareceu.

Haveria alguma empregada na mansão que pudesse nublar seus sentidos assim? Nunca antes havia sentido nada igual. Nada cheirava igual. Sacudiu a cabeça, esperando apagar essa estranha sensação.

Esperaram um momento mais em silêncio, parados, ocultos, espectadores como dois tigres à espreita. Vinte minutos depois saiu o rapaz loiro de novo. Parecia ter pressa enquanto polia o cabelo com as mãos.

—Caramba... Tem aberto as pernas, puxou e já pode voltar para sua casa — disse Samael entre sussurros. —foi muito rápido, não acha Caleb?

Caleb o olhou de esguelha e sorriu.

—Me diga, qual vai ser sua vingança para ela, Cal? —perguntou Samael elevando uma sobrancelha.

—Seja a que seja — olhou de novo à frente e seguiu com os olhos Víctor. —O certo é que não vou ser tão rápido. Durará — grunhiu para dentro.

—Faça o que faça nos deixe vê-lo. O resto de nós também queremos dar seu castigo.

—Não — disse Caleb cortante.

—Quer só para você?

—Quero humilhá-la e castigá-la tanto como você. Mas dissemos que você encarregaria de Mikhail. Não está em nossa natureza maltratar desse modo a uma mulher. Mas farei o que tenha que fazer para obter a informação.

—Assim não está, né? Nem sequer a uma que está colaborando na exterminação dos nossos? — olhou com fúria. —Essa rameira também colaborou no assassinato de meu irmão, Caleb. Thor era algo meu. Também quero minha parte do prato...

—Bem. Primeiro você irá a Mikhail. Eu irei à Eileen — olhou para a janela do quarto. —Quando tiver acabado com ela, faremos uma troca de casais.

É obvio não pensava fazê-lo, mas se isso bastava para aplacar Samael... A garota ia ter suficiente castigo com o que fazer e embora o ódio que sentia por ela e por seu pai era muito grande tampouco permitiria usar com ela os mesmos métodos de redução que Newscientists utilizava com os seus.

Samael inalou o ar e o exalou, relaxando as costas e a tensão de seu rosto. —Bem. Isso eu gosto mais.

Outro carro chegava ao recinto. Um BMW negro. O chofer saiu e abriu a porta a um homem alto e corpulento, de meia juba branca, nariz aquilino e barba recém barbeada.

Caleb e Samael ficaram alerta. Era Mikhail.

O ambiente espessou até tal ponto que era difícil respirar. Podia apalpar o ódio a grande escala que emanava dos dois corpos ocultos entre os pinheiros.

Víctor saiu a seu encontro. Deram um forte apertão de mãos e trocaram algumas palavras.

—O que tem ele? —perguntou Samael olhando Víctor. —O carregamos também?

—Veremos... —respondeu. —De momento temos duas peças que podem nos levar a muitos lugares. Mas pode ser que mais adiante o necessitemos.

Caleb que estava a quase trezentos metros de distância, aguçou o ouvido e escutou a conversa.

—... Está bem, em seu quarto — disse Víctor.

—Tudo normal? —perguntou Mikhail com interesse.

—Como sempre — olhou o relógio de seu pulso. —Tenho pressa, Mikhail. Até manhã.

Mikhail o seguiu com o olhar até que o Honda Civic se foi.

Caleb estudou a ambos. Pela linguagem não verbal que pôde observar não tinham uma boa relação. Parecia que Mikhail o coagia de algum modo, percebia a falta de confiança entre eles.

Mikhail dirigiu o olhar aos pinheiros e com seus olhos negros inspecionou o perímetro. Imediatamente entrou coxeando na casa.

—Samael — disse Caleb sem perder de vista ao coxo. —Avisa a todos para que estejam preparados. Assim que entre Mikhail, entraremos nós. Diga que em meia hora tenham os carros na saída.

Samael assentiu se afastou para chamar pelo transmissor que grudou à orelha.

Caleb inspirou profundamente enquanto deixava que sua natureza fluísse como rio de lava ardente. Os olhos obscureceram como a noite. As presas brancas e brilhantes se alongaram até roçar o lábio inferior. Qualquer um que o visse, embora seguisse sendo grosseiramente belo, sairia correndo.

Não se sentia orgulhoso do que ia fazer. Sua missão era proteger os humanos, não espreitá-los. Entretanto, nem Eileen nem Mikhail podiam ser chamados de humanos. Eles eram responsáveis pelo assassinato de seu melhor amigo. Eles, junto com o resto das sociedades que capturam a pessoas com estranhas mutações genéticas só para a investigação e a exploração de suas faculdades, como os vaniros, estavam exterminando sua raça. Não ficariam impunes, não permitiria. Sobre tudo porque a humanidade também devia se livrar de indivíduos como eles, e ele e os de seu clã foram escolhidos para proteger à humanidade.

Lançou um grito ao ar. Calma. Precisava acalmar ou não ia desfrutar da tortura. Tal e como visualizaram, havia um guarda na entrada, dois guarda-costas no interior da casa e três pastores alemães cercando o jardim.

Ele podia comunicar com os animais, aquele foi seu dom outorgado, assim que os cães estavam mais que controlados. Só fazia falta reduzir o guarda e os dois armários que vigiavam a segurança interna de pai e filha.

Sorriu com malícia. Seria fácil. Com gesto sereno, se impulsionou sobre suas pernas, os músculos se flexionaram e deu um salto por cima dos pinheiros. Sua meia juba negra ondeava ao vento, emoldurando um rosto felino e cheio de convicção. Preparou para aterrissar sobre a cabine do guarda de segurança.

Mikhail ordenou à empregada que ajudava a tirar o casaco empapado, que trouxesse um Bourbon. Cada noite mais do mesmo.

Chegava dos laboratórios, depois de revisar tomadas e tirar sangue que se comportavam diante dele como livros fechados. Sentava no sofá e tomava uma taça.

O que era cientificamente provado o que fazia que esses monstros tivessem um DNA tão extremamente complexo? Não podia solucionar e o não poder controlar as coisas o enfurecia.

Recostou sobre o sofá de pele marrom do amplo salão. O chão do salão era de parquet escuro. Um grande tapete com motivos árabes decorava a zona de estar. Quatro figuras de pedra estavam colocadas estrategicamente em cada esquina da sala. Figuras de guerreiros de terracota, em posição de longa e eterna vigília.

A empregada, rechonchuda, loira e de bochechas rosadas, trouxe o Bourbon em uma elegante taça de cristal, deixando sobre a mesa de marfim branca. Com um tímido assentamento da cabeça se foi deixando sozinho.

Mikhail grudou a taça entre seus dedos e observou o líquido ambarino remover enquanto a movia em círculos. Estava perto de conseguir algo. Os anos passavam e a longa espera devia chegar a seu fim. Tinha que dar com o elo perdido, aquela diferença entre eles e os humanos.

Tomava seu primeiro sorvo quando ouviu uns ruídos estranhos no jardim. Levantou do sofá com o olhar receoso e apertou o comunicador prateado que havia sobre a mesa.

—Daniel? —perguntou esperando resposta. —Vai tudo bem?

Não se ouvia nada. Não houve nenhuma resposta.

Mikhail dirigiu o olhar a ampla janela que dava ao jardim. Não parecia haver ninguém. E os cães... Por que demônios não ladravam os cães?

—Jorge, Louise — gritou aos dois guarda-costas para que fossem o seu lado.

Imediatamente duas torres humanas, de classe XXXL, se colocaram atrás de Mikhail. Eram gêmeos. Carecas, morenos e com muito mau aspecto.

—O que ocorre, senhor? —perguntou um deles.

—Não posso contatar com Daniel. Um de vocês que vá ver se funciona seu comunicador.

Jorge, que era ligeiramente mais alto, saiu do salão em busca de Daniel. Ao chegar ao jardim viu três corpos atirados no chão. Com o cenho franzido aproximou dos vultos inanimados. Eram os pastores alemães.

Abaixou a inspecioná-los. Não parecia que estivessem feridos. Pareciam... Pareciam adormecidos. Como era possível? Elevou o olhar para localizar a cabine de Daniel. O que viram seus olhos o assustara. Não havia ninguém na cabine, não havia nem rastro de Daniel.

De repente ouviu passos atrás. Uma presença grande e poderosa. Girou com cuidado, temeroso de fazer movimentos bruscos. Em frente, um homem de costas longas, de sua mesma altura, mas mais corpulento e com mais cabelo o olhava com gesto frio e divertido.

—Procurava isto? — disse Caleb atirando a seus pés o corpo inconsciente de Daniel.

Jorge abriu os olhos com consternação enquanto que Caleb cruzava os braços e sorria. Daniel tinha um golpe muito feio na cabeça.

O guarda-costas olhou Caleb, olhou à boca para advertir não sem surpresa que de seus lábios caía um ligeiro fio de sangue. Caleb cortou a si mesmo com suas presas, mas o humano acreditaria que mordeu a seu companheiro.

Suas presas eram largas e afiadas e seu olhar negro com uma auréola verde mais clara do que nenhum humano viu. Dava a entender que esse ser era letal. E que ele era o culpado do estado letárgico do guarda de segurança. Um vampiro?

Nervoso voltou sobre seus passos a avisar Mikhail do que acontecia, mas Caleb o agarrou do peitilho e o elevou ao meio metro do chão.

—Aonde acha que vai?

—Por... Por favor... Dei-deixa-me livre...

Caleb olhou o homem tremente e pálido que agarrava seus pulsos com força.

—Muito bem — sorriu estalando a língua. —Se isso for o que quer...

Com uma força sobre-humana o lançou a mais de vinte metros de distância, por cima das árvores. Ouviu um golpe seco, um osso quebrado e seguidamente um rugido de dor. Caleb olhou para onde o jogou.

Utilizou sua visão noturna para ver como o corpo de Jorge, pouco a pouco, perdia a cor do calor corporal. Ficou inconsciente.

Fez um gesto com a cabeça a Samael para que entrasse para procurar Mikhail. De entre as árvores, correndo à velocidade do vento, Samael se dirigia faminto a casa. Enquanto ele se ocupava de Mikhail e o retinha Caleb iria pela princesinha.

Logo olhou para a torre onde estava o quarto de Eileen. Voltou a impulsionar sobre seus calcanhares e voou para o balcão. Caiu de quatro e se dirigiu a abrir a janela. Ali estava ela. Adormecida.

Capítulo 2

Eileen tentava sair do transe no que se achava. Seu sonho tão profundo não permitia abrir os olhos, mas lutava para isso. Algo não ia bem. Sentia que a estavam observando. Que alguém a chamava, que a incitava a que saísse da cama.

Caleb tentava despertá-la com sua mente. Tentava entrar em seu sonho e tirá-la dali. Devia convencê-la, atraí-la até ele, mas não era fácil entrar em sua cabeça.

Eileen sentiu uma ameaça, uma pontada no coração. Devia despertar. Por que não podia fazer? Tirou forças da fraqueza e tentou levantar as pálpebras. Imagens imprecisas de seu quarto apareciam diante como sombras de um fantasma. Começou a ser consciente do som da chuva, do vento que acariciava seu rosto. Vento? Tentou abrir mais os olhos e dirigiu seu olhar à janela. Estava aberta.

Tentou esclarecer sua vista e um suor frio se concentrou em suas mãos. Que fazia a janela aberta? Antes de dormir estava fechada. Parecia aturdida.

Fazia anos que não despertava na noite. Seu sonho durava desde que se deitava até que soava o despertador. Nunca teve insônia.

Levantou e tocou o chão do quarto com os pés. Apalpou procurando seus chinelos de coelho, olhou seu relógio e apertou ao botão de iluminar para ver a hora. Não fazia mais que vinte minutos que caiu rendida na cama. Abriu os olhos, acordada de tudo finalmente.

Levantou e então viu algo que a deixou petrificada. Havia um homem oculto nas sombras do quarto. Um homem com as pernas e os braços abertos vigiava como um animal que ia a busca de sua presa. E a seus pés, Brave, seu amado cão, estava convexo de costas com as patas para acima, dormindo placidamente. Estava dormindo, não? Assustada voltou a olhar o homem. Esse tipo jorrava dos pés a cabeça. O coração de Eileen palpitava alocadamente em seu peito e sua respiração se descompassou.

O homem deu um passo até que a luz que penetrava pela janela o iluminou. Aquele homem, vestido completamente de negro, que entrou em seu quarto estava rodeado pela aura mais poderosa que sentiu em sua vida.

Que fazia falando de auras? O que sabia ela disso? Sacudiu ligeiramente a cabeça, esperando que a imagem viril desaparecesse da frente, esperando em vão que fosse um sonho. Entretanto, fazia anos que não parecia, desde sua diabetes.

Mais nervosa ainda, comprovou que ele aproximava.

Era enorme, esse corpo ocupava tudo, comia seu espaço vital de um modo escandaloso. Olhou à cara. Pelo amor de Deus, era o mais formoso que viu em sua vida. Tinha o cabelo comprido, da cor do azeviche, ligeiramente ondulado e caía sobre seu rosto. As mechas gotejavam água e escorregavam por sua cara, seguindo cada um de seus estilizados traços.

Seu rosto... Jesus. Essa um rosto de pura sensualidade. Uma promessa que escondia uma doce virilidade em sua expressão, embora nunca imaginasse que os adjetivos doce e viril pudessem conjugar. Os olhos verdes mais incríveis do mundo, o nariz perfeito, os lábios grossos, uma covinha no queixo. Como ela. O dele muito mais pronunciado.

Um calor inesperado começou a percorrer seu estômago.

Tragou saliva. Caleb a olhou de cima abaixo. Respondeu a ele. A seu chamado. Tinha-à frente, com sua tez bronzeada, as mechas de seu cabelo caíam sobre sua cara e por atrás da nuca. Seu peito agitadamente como se tivesse deslocado uma maratona. Seus deliciosos seios, escuro e firme. Mmm... Que vontade tinha de mordê-lo e sugá-lo. Olhou fixamente nos olhos. Era doce e embora doesse admiti-lo, preciosa. Com excitação olhou sua boca.

Eileen umedeceu os lábios sabendo que ele estava olhando a boca. O que estava fazendo? Por que não saía correndo do quarto e gritava para que a ajudassem? Havia um homem, um deus pagão da beleza. Estava a sós com ela em seu dormitório... Por que não podia se mover?

Tentou dar ordens a suas extremidades, mas estas não a obedeciam. Como entrou e burlado todos os sistemas de segurança que o paranoico de seu pai colocou em torno da casa?

Caleb seguiu sua língua e rugiu por dentro. Era doce, sim. E atrevida também.

—Veem — disse Caleb com o olhar fixo em sua boca.

Eileen ficou estática em seu lugar. O que aconteceria se movia? Tinha a sensação de que esse estranho de atrativo demolidor poderia fazer o que quisesse com ela. Bom, com ela e com quem desse vontade.

Caleb voltou a dar um empurrão mental. Por que não respondia? Certamente foi Mikhail. Mikhail mostrou como se proteger. Instruiu a erguer barreiras mentais para que as ondas não pudessem chegar a ela. Enquanto pensava isso, um músculo esticou em seu queixo.

Eileen conseguiu dar um passo atrás. Começava a tremer.

—Veem — repetiu ele.

Sua voz era melosa e cativante. Mas não podia ir. Ele era um estranho, e embora fosse capaz de ver a excitação em seus incríveis olhos, excitação por ela, havia algo vingativo em seu olhar e aquilo a assustou, embora ela fosse consciente também de sua própria excitação. O que desatinado era sentir-se excitada por um homem que não conhecia e que, além disso, parecia não ter boas intenções. Que diabos... É que além se penetrou em sua casa.

—Não — sussurrou cobrindo inconscientemente o pescoço. —Quem é? Saia de minha...

Em um abrir e fechar de olhos, Caleb equilibrou sobre ela, agarrou pelos ombros e a aprisionou contra a parede. O golpe foi duro e ela gemeu de dor. Doíam as costas, mas isso era o de menos... Faria mal de verdade? Iria matá-la?

—O que é o que quer? —perguntou ela com voz tremente.

Caleb a agarrou pelo cabelo e com um puxão violento a obrigou a jogar a cabeça para trás. Eileen gritou. Uma forte dor subia pelo pescoço. Certamente deu um puxão muscular. Era um selvagem e ela estava a sós com ele.

—Chist... —sussurrou Caleb a um centímetro de sua boca sem soltar o cabelo.

Que bonita era. E que má. Inclinou a cabeça para seu pescoço. Inspirou fundo enquanto sentia as convulsões dos tremores de Eileen. Sim. Cheirava seu medo e seu pânico.

As mãos de Eileen tentaram empurrá-lo.

—Não me toque — disse ele baixando o olhar a suas mãos e afastando com um tapa. Voltou a puxar o cabelo. Eileen bateu no peito com força.

—Me solte filho da puta. Brave, Brave, acordado — gritou esperando que seu huskie a socorresse. Por fim reagia. Sentiu que as lágrimas acumulavam na garganta.

—Se cale — grudou todo seu corpo ao dela e com uma só mão puxou os pulsos e as grudou à parede por cima de sua cabeça. — Tem medo? — perguntou olhando fixamente nos olhos. — Não pode gritar, não pode pedir ajuda. Ninguém virá ajudar, rameira, assim não perca tempo.

Rameira? Rameira?

—Matou meu cão? —perguntou ela afogando um soluço.

—Seu cachorro está adormecido — inalou seu perfume de novo, roçando com seu nariz a veia carótida que corria sob a pele de seu pescoço, sendo consciente de cada uma das partes de seu esbelto corpo. Por que dava explicações? Sentiu como seu pênis ficava mais duro que uma rocha. Pressionou sua virilha a ela.

—Quem é? O que quer de mim? —olhou desafiante, enquanto tentava afastar esse roce íntimo. Queria afastar da fogueira humana que parecia o corpo do homem.

Caramba. A garota tinha guelra pensou Caleb. Terei que baixar as fumaças.

—O que quero de você? Deixe-me pensar... —com a mão livre acariciou a garganta, a clavícula e o meio dos seios.

Eileen apertou os lábios e sentiu como os olhos umedeciam. Afastou a cara para tomar ar e para impedir que ele a visse chorar. Como podia passar isso a ela? Caleb se sentiu vitorioso diante de sua vulnerabilidade.

—Vá — com descaramento agarrou pela camiseta e a subiu até deixar seus seios nus. —Esta roupa de puta não é muito boa. Rasga com facilidade — puxou da camiseta com um sorriso cínico.

—A única puta que fica esse tipo de roupa é sua mãe — Eileen tentou lutar com ele. Queria liberar seus pulsos, mas a agarrava tão forte que não duvidava que fosse esmagar os ossos, ou no mínimo, a deixar contusões.

Caleb a olhou de cima abaixo e sorriu com malícia. Inclusive seminua, tinha atrevimento e orgulho.

—Alguém deve lhe ensinar algumas maneiras, Eileen. Mas não se preocupe, eu ensinarei a se submeter.

Eileen empalideceu ao escutar dizer seu nome.

—Como sabe quem sou? Quer dinheiro? Quer...?

—Você não pode me oferecer nada — disse ele ao ouvido. —Não quero nada de você.

Eileen compreendeu que tudo aquilo já foi premeditado. Seu pai era um homem milionário e poderoso, podia ser vítima de algo tão horrível como aquilo. Sequestro, extorsão, manipulação, roubo...

—E meu p... pai? —perguntou esta vez sem poder parar as lágrimas.

—O temos embaixo. Não chore — disse fingindo pena por ela. —Pobrezinha...

Voltou a investir com a virilha. Um calor fulminante percorria todo seu corpo, e ele percorreu com o olhar o dela, da cabeça aos pés.

Eileen sentia que seu olhar a abrasava. Parecia encurralada, ofendida, assustada... Mas esses olhos que a olhavam deixavam uma marca de fogo sobre sua pele. O que estava fazendo? Ela lutou e colocou uma perna entre as dele, para logo subir o joelho em um golpe seco e duro.

Caleb uivou e caiu de joelhos pondo as duas mãos sobre sua virilha. Ela correu de quatro para socorrer Brave enquanto as lágrimas caíam por suas bochechas sem nenhum controle. Parecia que seu cachorro estava morto, preocupava que não despertasse.

—Brave, bonito — sussurrou abraçando contra seu peito. Necessitava o calor de seu amigo para sentir forte. —Bonito, abre os olhos para mim. Não me deixe...

Caleb se elevou atrás e a viu balançar para frente e para trás com seu cão nos braços. Poderia ter fugido, mas preferiu socorrer Brave. Eliminou os pensamentos de sua mente, esses que podiam fazer acreditar que ela podia demonstrar lealdade e submissão a um simples huskie siberiano. Caleb rugiu como um animal selvagem e deixou que as presas tomassem sua forma depredadora.

—Eileen.

Ela deixou de balançar. Tinha medo, muito medo pelo que pudesse fazer. Não entendia nada. Não sabia se era um simples ladrão ou alguém que estava espiando durante muito tempo para preparar um golpe. E se era simplesmente um psicopata violador? Mas não podia ser só isso. Olhava com ódio e ressentimento, como se tivesse feito algo horrível. Mas isso era impossível. Nunca teve problema com ninguém, nem fez mal a ninguém.

Sentiu como uma mão forte se abatia sobre sua cabeça e fechava o punho sobre seu cabelo. Voltou a puxar até elevá-la. Ela tentou cravar as unhas nos pulsos, mas o monstro não respondia à dor.

Lançou de novo contra a parede, esta vez com mais força. Ela ficou sem respiração pelo impacto e lutava por conseguir que uma baforada de ar entrasse em seus pulmões.

Caleb olhou como seus seios bamboleavam. Puxou o queixo antes que caísse ao chão, e a obrigou a que o olhasse, embora ela lutasse com forças para evitá-lo.

—Me olhe — exigiu com aquela voz sedutora.

Ela sentiu um calor súbito que a convidava a obedecer. Aquela voz era sexy, sedutora. Certo que pedia que tocasse flauta enquanto pintava um quadro com os pés, ela o faria às cegas. Tremendo obedeceu e desejou imediatamente não ter feito.

Seu rosto não mudou muito, mas a sua boca saíram umas presas mais bicudas e longas que as de Brave, e seu olhar, deixou de ser bonito e cruel, para converter em uma careta cheia de escuridão e pecado. Era a boca de um depredador. Mas, mesmo assim, não deixava de parecer bonito.

Que demônios estava acontecendo? O que era ele?

—Já sabe o que sou — respondeu ele quase lendo a mente. —Você e seu pai nos caçam, assim não se faça de inocente.

Eileen não podia fechar os olhos. Tinha que ver aquele espetáculo para certificar de que era real.

—Não sei do que está falando — sussurrou ela com os olhos alagados de lágrimas.

—Assim não só é cúmplice de assassinato, mas também é uma mentirosa?

—Não sei do que está falando — voltou a gritar a um suspiro de sua cara. Observou bem seus dentes e seus olhos. —Não acredito em vai... Vampiros. E seja o que seja psicopata asqueroso, não sei o que quer de mim. E se qui... Quisesse algo, não obteria nada em troca... Tratando-me assim.

Estava encarando com ele? Caleb voltou a agarrar os pulsos e às sustentar contra a parede, sobre sua cabeça.

—Dá igual quanto resista. No final vou ser tão duro com você que será você quem pede clemência. Revelará tudo — sua voz cortava como uma espada. —matou e perseguiu sem trégua os meus. Submetem a todo tipo de experimentos, cortam, mantêm-nos com vida para logo torturá-los e ver como respondem a seus ataques.

—Acredito que... se confunde de pessoa — os joelhos dobravam, os dentes tocavam castanholas e estava a ponto de desmaiar. —Olhe, porque não vai e fazemos co... Como se nada disto tivesse passado... eu não... não... dire... direi nada.

—Puta covarde — disse com asco. —Direi o que vou fazer com você. Primeiro, vamos subir no carro que esta lá embaixo esperando. A levaremos a um avião privado a Londres. Aí a levarei a uma sala com espelhos em todos os lados — deu uma olhada a seus doces seios e a seus escuros mamilos. Deus, sim que estava bem formada. Sem poder evitá-lo, abriu as pernas com as suas e se colocou entre elas. Pressionou sua ereção entre as pernas, levantando-a um centímetro do chão enquanto que com a mão livre, colheu com dureza um peito. Era tão suave e esponjoso...

—Não... Por... Por favor... Para — soluçou tentando fechar as pernas.

Caleb a olhou no rosto. Sentia o calor de sua virilha como um convite. Queria rasgar o short e fazer com seu corpo coisas proibidas em alguns estados. Ela estava ruborizada, as bochechas úmidas de chorar, e um leve suor cobria seu pescoço fazendo brilhar. Brilhava para ele. Seu olhar tirava o ar, até tendo os olhos cheios de lágrimas. E aquela boca...

O animal que usava dentro estava a ponto de saltar a devorá-la em todos os aspectos. Mas devia esperar. Ainda não.

Com o dedo indicador e o polegar, agarrou um mamilo e o esfregou esta vez com mais delicadeza. Antes havia agarrado o peito com violência, e agora estava fazendo que se excitasse.

—Se olhe Eileen — sussurrou lambendo o lóbulo de seu ouvido.

Ela respirava entrecortadamente. Era isso uma espécie de carícia?

—Me escute — prosseguiu enquanto acariciava o seio, tentando acalmar sua ânsia por, para que ia negar, possuí-la aí mesmo. —A fecharei comigo nessa sala de cristais. Seu pai estará olhando. Os meus estarão olhando. Atarei à cama, despirei e jogarei com você das maneiras mais inverossímeis que jamais tenha imaginado, ou até de tudo o que sabe. E o mais vergonhoso será que seu pai estará presente para ver como sua tenra filha, goza comigo tantas vezes como eu queira e verá como trai sentindo prazer com alguém como eu. Algo que odeiam.

Eileen não podia acreditar o que dizia. Cantar o que? A possuiria em público?

—É um monstro — o olhou sem intimidar-se. —Me mate agora. Mate-me, por favor — suplicou angustiada.

Longe de parecer uma garota tola e acovardada, Eileen estava demonstrando muita coragem em uma situação limite como essa. Caleb fez negações com a cabeça.

—Não — respondeu avaliando o peso de seu peito com a mão. —Tem que pagar Eileen. Mostram clemência diante dos meus quando estão indefesos em suas salas de operações? — desprezou com o olhar. —Não.

—Isto tem que ser um engano — disse fracamente. Essa mão a estava marcando a fogo. — Deixa de me tocar assim — gritou furiosa.

Caleb levantou uma sobrancelha desafiando-a. Abriu a boca. O que ia fazer?

Respondeu imediatamente quando posou a boca sobre o mamilo do peito direito.

Eileen sacudiu. Sentiu-se humilhada e envergonhada pelo que estava fazendo. Mas sentiu mais vergonha quando um calor úmido e palpitante se concentrou em sua virilha. Contrariada, se derrubou e começou chorar. A língua de Caleb brincava com sua aréola escura e endurecida pelas carícias. Lambia em círculos e a sugava como se fosse um bebê. Soprava o mamilo e o esfriava, para logo voltar a levar à boca com a mesma ânsia.

Caleb sabia que a garota estava no limite. Sentia seu medo. Ela acreditava que iria mordê-la e rasgar o peito. Cessou sua tortura quando descobriu quão perto estava de fazer isso. Sabia tão bem que estava a ponto de cravar as presas... Afastou a boca do mamilo e voltou a erigir.

Era mais alto uma cabeça inteira. Eileen já não quis voltar a olhá-lo. Nem queria, nem podia.

—Logo haverá tempo para isto... Seu corpo responde a meus cuidados — disse sentindo se ganhador. —E não, não vou desfigurá-la.

Ela se esticou ao ouvir de sua boca seus próprios pensamentos. —Embora mereça — continuou ele.

—O que é? —perguntou com um fio de voz e com o olhar cravado no chão.

—Segundo você, algo que não merece viver. Esse era outro de seus pensamentos.

—Acredito, e me dá razões para isso. É um monstro que... que abusa das mulheres — disse com desprezo. —Um ser sem alma nem coração que desfruta dobrando com suas coações a outros. E se os teus são assim, se e... essa seja sua natureza, então... É... Espero que sigam torturando-os co... Como diz que lhes há... Fazem.

Aquilo foi o último que esperava ouvir de uma mulher que parecia assustada, de uma mulher que era uma assassina.

Uma veia começou a palpitar na têmpora. Um músculo do queixo movia sem cessar. Franziu o sobrecenho e apertou mais seus pulsos até que ouviu um estalo.

Eileen inclinou a cabeça para trás e chiou até que acabou o ar. Juraria que quebrou o pulso. Os ombros sacudiam em espasmos repetitivos. Tentou não chorar fortemente. Não queria dar nada do que ele se alimentasse. Mordeu o lábio com força para tentar esquecer a dor do pulso direito que ainda segurava junto com o esquerdo.

—Acha que estou brincando, Eileen? Acha que desfruto disto? Ao contrário de vocês, eu não. Ouve? —sacudiu.

Os deuses bem sabiam que não era assim. Desprezava tratar assim uma mulher, mas ela estava brincado com ele. A ira o consumia e a sede de vingança parecia atuar por ele. Nunca antes fez mal a uma mulher. Nem sequer agora estava certo de ter feito de propósito. Não quis quebrar o pulso assim. Tinha que controlar mais sua força com ela. Ela era mais frágil que ele. Mas ouvir de sua boca como falava dos vaniros o descontrolou.

—Não vou matá-la. A encadearei para mim pela eternidade. Eu também pagarei por meus pecados, também me castigarei pelo que farei — sussurrou de novo voltando a elevar o queixo com a mesma ferocidade. —Não acha? A converterei em uma dos nossos e nunca nos liberaremos um do outro. Será minha puta para a eternidade. Para sempre — recalcou com ódio.

Ela sentiu como encolhia o estômago.

—Não quero ser como você — respondeu. —Me matarei antes que isso ocorra ou encontrarei o modo de matar você. Nunca, antes morta — repetiu movendo de um lado ao outro a cabeça. —Não sei o que é o que tenho feito para que me trate assim, mas juro que está equivocado — disse tentando parecer digna. —Me castigará sem me conhecer, sem razão. Eu sou inocente.

—Inocente?—arqueou as sobrancelhas olhando de cima abaixo com um olhar libidinoso. —Isso serei eu quem o comprove.

De um puxão a separou da parede e insistiu que caminhasse diante dele. Ela tropeçou e com a mão direita se apoiou no marco da porta para não cair. Uma dor a atravessou da ponta dos dedos até o ombro e sua frente se encheu de pérolas de suor. Nunca antes suou tanto em sua vida. A debilidade chegou às pernas e logo o chão se moveu.

Caleb a agarrou pela cintura antes que caísse em má posição.

Que fazia? Por que tinha em conta como ia cair? Como se as mãos queimassem a voltou a empurrar para frente.

—Caminha — ordenou.

Eileen reprimiu uma arcada e parou em seco diante das escadas.

—Não direi nada até que me dê algo com o que me tampar.

Estava louca? Por que disse isso? Assim ele ia acreditar realmente que tinha algo que ver com essa loucura que contou... Mas é que acaso esse monstro ia acreditar nela? Não.

Esperou sua réplica. Silêncio.

—Pode ler minha mente? —pergunto diante de sua ausência de resposta por sua condição. —leia isso e averigua se minto.

—Não posso entrar em sua mente. Você sabe bem por que. Seu pai ensinou a proteger. Até agora não entrei em sua cabeça, só adivinhei o que pensava. Seu olhar é muito expressivo quando está assustado, assim deixa de jogar a que não sabe do que falo. Não é inocente.

—Por favor — voltou a suplicar ainda sem girar. Apertou o punho da mão esquerda, a direita começava a inchar o e o pulso adquiriu uma cor arroxeada puxada ao negro. —Meu pai não me ensinou nada.

—Não... Eu... Deixe me cobrir — rogou. —Não deixe que outros me vejam. OH sim. Realmente era muito boa atriz.

—Sou o menos indicado a quem pedir favores de nenhum tipo, Eileen. Você já não pertence a você mesma. Agora é dos vaniros e olharão e tocarão quando eu diga. É minha concubina. Se prepare para perder a dignidade — Eileen não podia ver que ele sorria, mas se ergueu ao sentir o regozijo que causava o poder dizer essas palavras. Voltou a empurrá-la. —Agora caminha. Abaixo estão esperando.

Sua vida acabou. Estava indefesa, só e meio nua. Nas mãos de uns homens que não eram humanos, que pareciam vampiros desses que ela acreditava possíveis só em um mundo de ficção.

Fazia menos de uma hora, tinha um futuro, uma vida pela frente. E ela era sua única proprietária. Cinquenta minutos antes, ela podia escolher com quem ia fazer amor, quantos filhos teria que projetos realizaria... Agora, esse homem a usava como uma escrava.

Abaixou a cabeça e arrastando os pés descalços baixou as escadas.

Descia ao inferno.

Ao chegar ao salão, Eileen viu o corpo da Louise no chão. Abriu a boca para gritar, mas em seguida afogou o grito com a mão, enquanto negava com a cabeça. Não podia estar passando, não podia ser.

Louise tinha os olhos entreabertos por debaixo das pálpebras, à boca aberta e o pescoço quebrado. Estava morta.

Caleb franziu o cenho ao ver o cadáver. Não haviam dito que só foram pegar Mikhail e Eileen? Só a eles. Não havia necessidade de matar ninguém. —Samael — grunhiu Caleb notavelmente irritado. Samael não respondeu.

Caleb insistiu que Eileen seguisse caminhando. Ela estava bloqueada, quase em choque. Tampava os seios com os antebraços, tentando abraçar a si mesma, enquanto os tremores e o suor frio a sacudiam.

—Samael — Caleb voltou a chamá-lo enquanto observava à garota, que não podia controlar os espasmos.

Ao chegar ao salão, Samael grudou Mikhail do pescoço. Elevou-o e estava bebendo sangue de seu pescoço esmigalhado.

Eileen fechou os olhos com força tentando recuperar o controle de sua respiração. Estava hiperventilando.

O corpo de seu pai pendurava sem vida das mãos desse homem. O sangue jorrava desde seu pescoço, manchando sua camisa branca, suas calças e seus sapatos. Os pés ainda sofriam alguns tics involuntários e da ponta da sola, o líquido vermelho gotejava até formar um grande atoleiro no chão.

—Samael, não — gritou Caleb correndo para ele.

Samael deixou cair o corpo sem vida do pai de Eileen fazendo que sua cabeça golpeasse fortemente sobre o parquet. Logo, o vanirio inclinou a cabeça para trás, apertou os punhos e rugiu como o faria propriamente um leão.

Eileen quis tampar os ouvidos, mas, se os tampava, deixaria descobertos seus seios. Dava igual. Mataram Louise, seu pai e seu cão Brave estavam inconscientes em seu quarto. Que mais adiantaria que lhe vissem as tetas? Mesmo assim, não as descobriu. Com o rosto pálido e o olhar ausente, deixou cair de joelhos ao chão.

Caleb observou como se rendia, e debateu entre ir por ela e ajudá-la a levantar ou agarrar Samael e sacudi-lo.

—Os rapazes já vêm para cá, Caleb — o olhar faminto de Samael repassou em Eileen dos pés a cabeça. Com o antebraço limpou o sangue que caía pelas comissuras de sua boca. —Note, que boa está a muito...

Caleb o agarrou por pescoço da camiseta e o elevou sacudindo.

—Ficou louco, Samael? —mostrou os dentes. —Por que o matou?

—Agora sim que vinguei a meu irmão.

—Não vingou ninguém se não nos servir para coagir a outros. Acha que nos levarão até os chefes se o mata? O que acha que temerão perder agora? Né? —sacudia com raiva. —Estúpido. Carregou seu melhor cientista.

—Ainda temos a ela — respondeu ele agarrando pelos pulsos e fixando seus olhos em Eileen.

Quando ela sentiu que esse assassino a olhava, levantou de repente e se abandonou em uma das esquinas do salão.

—Estragou tudo — sussurrou Caleb deixando no chão.

—Não se preocupe Caleb. Ela nos levará a todos outros — acrescentou Samael.

Dois homens mais, vestidos de negro e de longas jubas loiras e lisas apareceram no salão. Eileen olhou os quatro seres que havia no salão. Suas costas dobravam as dela. Eram incrivelmente fortes e corpulentos.

Um dos loiros que entrou usava o cabelo preso em um rabo alto. Tinha os olhos azuis claros, o queixo obstinado, uma sobrancelha partida e uns lábios muito sedutores.

O outro prendia o cabelo com uma corda negra a modo de diadema. As mechas longas caíam por sua nuca até chegar aos ombros. Suas pestanas onduladas e longas emolduravam uns olhos de cor azul escura. Os lábios grossos desenharam um sorriso travesso.

Este último olhou Eileen, que estava contra a parede e fazendo negações com a cabeça.

—Começaram a festa sem nos avisar — disse com um acento sensual. Olhou de cima abaixo ignorando o corpo de Mikhail. —Ñam, ñam...

Eileen abraçou com mais força.

—Caleb — disse o outro loiro. —Quem comeu Mikhail?

—Fui eu — disse Samael destacando a si mesmo. — Vocês não entendem o que eu sinto. Este cão matou meu irmão, meu IRMÂO — marcou com ênfase. —Quando tive em frente, não... Não pude me controlar — deu eu uma patada ao corpo morto do chão.

—Thor também era meu melhor amigo — cortou Caleb. —Comportou-se de um modo indisciplinado, Samael. Desobedeceu as ordens. Cahal, Menw — olhou os dois loiros. — Está tudo preparado?

Cahal que era o de rabo-de-cavalo assentiu enquanto passava pelo lado de Caleb e se dirigia a Eileen. Esta tentou recuar, mas atrás dela só estava à fria e dura parede.

—Os carros estão na cabine do guarda — disse Cahal enquanto olhava as mãos que cobriam seus seios. Estava a um palmo dela. —Os aviões estão nos esperando. E você — olhou à cara— não deveria se cobrir se não quiser que nos zanguemos — sussurrou um suspiro de sua cara.

Samael se afastou de Caleb e com passos rápidos se dirigiu para onde estava Eileen.

—Cahal — disse Samael pondo o braço por cima a seu companheiro. —Provamos?

Eileen deixou cair ao chão enquanto suas costas escorregavam pela parede. Queria morrer.

—De uma vez? —perguntou Samael afogando uma risada. —Acha que poderá nos acolher os dois?

—Não sei você — disse Cahal elevando uma sobrancelha, — mas eu a deixo enorme.

—Então, você pela frente e eu por atrás — estalou a língua com desdém. —Eu tenho maior que você.

—Filhos da puta... —sussurrou Eileen elevando o olhar para eles. Os olhos umedecidos. — Não sei quem era seu irmão, mas se era como você — disse a Samael, - espero que diante de esquartejá-lo rasgassem o traseiro com uma estaca.

Cahal assobiou e arqueou as sobrancelhas. — Droga, língua má.

Samael olhou o gesto divertido do loiro e logo a olhou a ela.

Agarrou pelo pulso quebrado e a levantou. Eileen viu estrelas, esteve a ponto de perder o conhecimento. Caiu contra a parede e lançou um murro na cara. Viu todo negro. Sentiu um gosto

de ferro na boca, e uma dor fria e abrasadora de uma vez na maçã do rosto. As mãos violentas de Samael a jogaram de cara à parede grudou seus pulsos a suas costas e separaram as pernas enquanto ele se apertava a seu corpo.

—Então, você me dirá se meu irmão gostou ou não quando eu coloque minha estaca no teu.

—Solta.

A voz de Caleb se ouviu em toda a mansão. Samael girou para olhá-lo por cima de seu ombro. Eileen não deixava de soluçar, e de tremer como um animal indefeso. Isso é o que era ela, um bichinho indefeso nas mãos de quatro lobos famintos.

—Por quê? —perguntou Samael enquanto apertava seu corpo a suas nádegas.

—Se não a soltar, você e eu teremos uma séria briga — advertiu com o rosto cheio de raiva. —Ao ser os mais próximos de Thor, acordamos com o clã que decidiríamos como terminar nossa vingança. Não é certo? —rugiu Caleb, ameaçador.

Samael olhou a nuca de Eileen e logo olhou a ele. Finalmente assentiu com a cabeça.

—Bem, Samael. Você se encarrega que seu pai sem compartilhá-lo nem comigo nem com ninguém. Cahal e Menw estão aqui para testemunhá-lo. Não é assim? Os dois loiros assentiram.

—Então acredito que é meu direito desfrutar de Eileen eu sozinho — prosseguiu Caleb. — Comigo e para mim. Não tenho por que compartilhá-la com você, e se tocar um só cabelo mais, asseguro que desafiarei a morte. A você, ou a quem é — olhou Menw e Cahal. —Fica claro?

Eileen se sobressaltou para ouvir a determinação glacial com a que Caleb tentava protegê-la deles. Samael a soltou e deixou que suas presas retrocedessem.

—Fica claro, Caleb.

—Fica claro? —gritou olhando aos outros dois. —Muito claro — responderam intimidados.

—Quero minha vingança tanto como você, Samael — disse mais calmo. —Mas há coisas que não passo, como por exemplo, sua conduta de hoje. Quando chegarmos à Inglaterra, teremos um bate-papo para lembrar qual é o código de conduta vanir. Eileen vai ser minha. Não quero que a usem e me devolvam isso em mal estado. Hoje não a tocarão.

Caleb olhou a bonita curva das costas de Eileen e sorriu de lado.

—E amanhã? —perguntou Cahal.

—Quem sabe? Depende de como se comporte na cama. — Eileen desejou matá-lo.

Samael o olhava fixamente sem responder.

—Agora deixem tudo limpo e sem provas. Nós esperamos nos carros.

Obedeceram sem pigarrear. À velocidade do vento, e desdobrando um leque de poderes incríveis, limparam o parquet, reconstruíram os objetos quebrados e enterraram os corpos na terra.

Caleb olhou à garota que tinha em frente. Seguia grudada de cara à parede. Não ousava mover nem abrir os olhos. Caminhou para ela e colocou uma mão forte e possessiva sobre seu ombro obrigando a dar a volta.

Eileen sacudiu fazendo entender que não queria que a tocasse, mas Caleb a agarrou com as mãos e violentamente a girou para ele.

—Agora me escute bi... —deixou de falar quando viu o que o bruto do Samael fez na cara. Empalideceu ainda mais quando cheirou o sangue que saía do corte de sua maçã do rosto arroxeado. Bolo de queijo e morangos recém feito.

—Você? —disse horrorizado.

Eileen cobriu os seios de novo e girou o rosto. Caleb tinha fome. Fome de verdade: sexual e física. Ela era o bolo.

—Dá igual o que me faça, mas... O que fará com Brave? —perguntou ela sem poder controlar o tremor de sua voz.

Afetava mais o que acontecia com seu cão que o que fizeram a seu pai. Por quê? Seria efeito do choque?

Caleb só via seus lábios moverem. Não ouvia sua voz. Lábios sensuais, um pouco avermelhados pelo golpe e o sangue.

—Vai matá-lo também? —olhou mais tranquila ao ver que seu rosto voltava a ter uma boca formosa sem presas e uns olhos doces e perigosos da cor do mar de uma ilha caribenha.

Também? A quem matou? Foi Samael, não ele. Enfureceu que o acusasse injustamente.

—Disse que estava adormecido. Despertará quando eu ordene. Agora, não.

—Não me deixa me despedir dele? —sentia a garganta ardendo e ardida do sal das lágrimas.

Caleb sentiu um pouco parecido à ternura por essa mulher. Mas desapareceu imediatamente.

—Não, não deixo — puxou pelo braço e a levou a tropicões fora da casa.

A chuva torrencial caía sobre Barcelona. A noite estava escura e o céu iluminava pelos relâmpagos. Eileen tiritava do frio, embora agradecesse a sensação de frescor da água, porque a desbloqueou. Dois Porsches Cayenne negros, com os vidros tintos, esperavam na cabine de segurança. Estavam vazios. A dois metros da cabine havia outro corpo no chão. Era Daniel. Tinha os olhos fechados e um corte sangrava na frente. Inconsciente?

—Não está morto — disse ele. Agachou e colocou a mão sobre a cabeça para sussurrar algo. —Quando despertar saberá que Mikhail e Eileen tiveram que viajar precipitadamente por assuntos de negócios. Não saberá quando voltarão. Tudo seguirá com normalidade. Nunca me viu. Tropeçou e deu um golpe na cabeça.

Ela desencaixou a mandíbula. Estava surpreendida. Podia fazer isso? Podia mandar algo a alguém com aquele timbre de voz?

Caleb abriu a porta do carro e a obrigou a entrar. Os assentos de pele bege estavam empapando. Ele não entrou ainda. Abriu a porta do porta-malas e tirou uma bolsa atada com algo vermelho e esponjoso dentro.

Finalmente entrou no carro.

—Toma — lançou a bolsa que acabou golpeando na ferida da maçã do rosto.

Eileen gemeu de dor, mas se surpreendeu ao descobrir uma toalha. Não ia agradecer, mas foi uma surpresa. Certamente a puxou para que não molhasse a pele dos assentos. Com uma mão tentou abri-la, a outra já não respondia. Sentia as mãos intumescidas.

—Não ensinaram a abrir bolsas, rameira?

Eileen enrijeceu.

—Abriria se pudesse utilizar as duas mãos. Mas me quebrou o pulso, estou com o peito descoberto, tenho frio e está inchando minha cara — acrescentou com sarcasmo. —Não, acredito que não me ensinaram a abrir bolsas nestas condições, monstro.

Caleb resmungou. Tirou a bolsa da mão com muito mau humor, abriu e voltou a puxar a toalha ao rosto. Com lentidão e uns movimentos muito sigilosos, Eileen agarrou a toalha com tanta força que os nódulos de sua mão boa perderam a cor. O arrancou o carro olhando a de soslaio. Tinha o saco cheio e isso adorava. Ela abriu a janela e jogou a toalha à rua com um grito de fúria.

—O que acha que está fazendo? —perguntou ele assombrado.

—Não quero nada de você. Prefiro pegar uma pneumonia ou morrer de frio a aceitar algo de um assassino como você — assinalou com o dedo. Caleb a olhou impassível.

—Quer que falemos de assassinos? Ainda não comecei com você, Eileen. Não me provoque — disse com uma voz suave, mas fria.

—Pois mais vale que quando começar termine comigo — sugeriu com os olhos vermelhos e irritados. —Porque removerei céu e terra para destruí-lo. Se assegure de me deixar bem necessitada, se assegure... Porque por poucas forças que fiquem, procurarei e matarei. Juro — estava tremendo não só de frio, mas também da raiva que sentia naquele momento.

Ele admirou sua valentia. Estava débil, machucada, ferida em seu orgulho e, entretanto, ainda brigava. Se não fosse quem era, pode que...

—Monstro. Chamam vaniros, verdade? —olhou de cima abaixo contendo a ira que a carcomia. —Merecem tudo o que façam.

É que não tinha medo? Não teve suficiente com tudo o que estavam fazendo? Por que não temia?

—Não me dá medo — acrescentou com asco e desprezo.

Nem pensar. Se havia alguém que devia temer, essa pessoa era ela. Sorriu com malícia.

—Vejo que acha que o que nos fazem está bem — comentou alongando de novo as presas. —Bem. Não se cubra rameira — ordenou.

—Vai à merda.

—Dei a toalha e a rechaçou. Agora não se cubra.

Seguia abraçando os seios sem afastar o olhar e com os lábios trementes. Caleb freou em seco e parou a um lado da estrada. Agarrou a alavanca de posição do assento de Eileen e o jogou para trás, deixando estirada. Desabotoou o cinto de segurança e de um salto se colocou em cima.

—Matou mulheres e crianças — sussurrou voltando a agarrá-la pelo cabelo e forçando a levantar a cara para ele. —Violaram as mulheres, extraíram os órgãos, inclusive os fetos daquelas que estavam grávidas. As crianças separam de seus pais e forçam a que vejam como os mutilam. Experimentam com eles para ver como reagem suas peles ao sol e logo fazem o processo uma e

outra vez para ver e estudar suas rápidas recuperações. Matam e torturam — puxou da mecha. — Merece tudo o que eu faça a partir de agora.

Quem era capaz de fazer algo assim? Perguntava Eileen enquanto olhava fixamente seus olhos verdes. De verdade havias pessoas tão selvagens? Mas o que pintavam ela e seu pai em todo aquilo?

—Mas... p... Mas, eu não... Não tenho nada que ver co... Com isso — sussurrou implorando um voto de confiança. —Tie... Tem que acreditar em mim, Caleb.

Caleb esticou as costas quando a ouviu pronunciar seu nome pela primeira vez. Soltou o cabelo e colocou uma mão a cada lado de sua cabeça. Olhou-a atentamente. Estava encurralada, dobrada, ferida por ele e os seus. Suas machucadas mãos repousavam tensas sobre seu torso com os braços dobrados. Mataram a seu pai. E ela queria lutar por sua liberdade, por sua vida. Mas não podia enganá-lo. Ela era a que assinava e dava o beneplácito aos transportes para que movessem de um lado ao outro a mercadoria, os instrumentos e os remédios. Era a filha de Mikhail e se supunha que entre eles havia confiança para trabalhar juntos em algo assim. Não era nenhuma ignorante.

—Me deixe entrar em sua mente e então, só então, possa acreditar — desafiou.

—O que... O que devo fazer para que entre? —perguntou incerta.

—Relaxe.

Eileen jogou uma olhada à posição de seus corpos. Sim, claro, relaxar. Assim de fácil.

—Está me esmagando... A... Assim não posso...

—Se cale — gritou. Eles não podiam ter aquela conversa cordial, ela era sua inimiga. —Faz o favor de fechar os olhos — utilizou seu tom melódico para atraí-la e induzir a relaxação.

Eileen fechou os olhos e começou a abrir as pernas. Não, Por Deus. O que estava fazendo? Essa voz... Caleb apertou os dentes diante o convite.

Olhou como suas pernas bronzeadas e esbeltas se abriam. Encaixou entre elas até que tocou e esmagou seu sexo com o dela. Encaixavam a perfeição. De estar nus, já a teria feito dele. Concentrou nela. Tentou acessar sua mente, a suas lembranças. Não havia nenhum muro, mas se topava a três por quatro com uma névoa espessa e branca. Não era que não pudesse entrar. Entrava-se, ele perderia nessa confusão. Ela não ia deixar, não ia permitir.

—Me confundir? Quer que me perca? —perguntou ele com um grunhido.

—Se perder? Se confundir?

—Basta... Não me enganará mais. Põe obstáculos. Não quer que descubra a verdade.

Eileen fechou os olhos com força, tragou saliva e inclinou a cara a um lado, mostrando a jugular. Ele ditava sentença.

—Se não acha, será melhor que acabe com isto. Eu... Não suportarei muito mais. Venha me remoa — disse oferecendo.

—Faria um favor se fizesse isso, rameira.

Já estava outra vez esse insulto afiado. Por um momento, ao chamá-lo por seu nome, viu um pouco de compreensão em seu olhar, como se ele queria acreditá-la, mas deveria ter sido uma

miragem. Agora voltava a ser o monstro. Um monstro encaixado entre suas pernas como nenhum homem o esteve diante com ela.

—Por favor... Caleb — ia tentar de novo. —Tem que haver um modo de que possamos...

—Primeiro, eu não sou Caleb para você — cortou alterado. —Chamará amo a partir de agora — seu tom era frio e impessoal. —Segundo, disse que não me tocasse — agarrou a mão dela que colocou sobre seu muito duro peitoral para afastá-lo e a elevou de novo sobre sua cabeça. Logo agarrou a mão direita, aleijada, e com delicadeza a colocou sobre a esquerda. Agarrou ambos os pulsos com uma mão. —Terceiro — olhou sua boca, - não falará mais até que eu te dê permissão. Acabou não a acredito, nem acreditarei. Não quer que leia sua mente, mas há muitos modos de entrar na mente de alguém.

—Me vai torturar? —olhou angustiada.

—Mais de um quereria isso, rameira — respondeu afirmando com a cabeça. —Verá que aonde vou levar, não será muito bem recebida. Mas, não. Não vou te bater.

—Então...?

—Já verá.

—O que é? —perguntou com o queixo tremendo.

—Desde que começaram a caçada, não incomodaram em nos perguntar isso. O que importa agora?

—Importa porque quero saber o que são meus inimigos. São vampiros, verdade? Devo estar ficando louca... — sussurrou ao dar conta do que disse em voz alta. —O que vai fazer? —Se era ou não era um vampiro, não sabia, mas por Deus que era igual que esses seres atrativos e com presas que saíam nos filmes inspirados nos livros da Anne Rice.

Caleb baixou o olhar a seus precioso seios nus e ela voltou a hiperventilar. Aquela intimidade com ele era mais do que podia suportar. Ele cobriu um peito com sua mão livre e a olhou nos olhos.

—Vou soltar lhe os pulsos. Se me tocar, prometo que morderei. Farei mal.

—Não me responde? —a voz algo afônica. Ou era rouca?

—Também farei mal se voltar a abrir a boca outra vez.

Eileen elevou o queixo em um gesto de orgulho, embora soubesse que devia resignar. Pouco a pouco, Caleb soltou seus pulsos, enquanto com a gema dos dedos seguia com uma carícia seus braços, suas axilas suaves, seu pescoço, sua clavícula e, ao final, seu outro peito, frio e úmido da chuva. Eileen se moveu inquieta sob seu corpo aguentando com todo o aprumo que pôde aquela revisão a que Caleb a submetia. Ele seguiu acariciando o peito até ver como punha o mamilo ereto, então o cobriu e começou a massagear. Suas mãos grandes e masculinas a estavam abrasando com seu calor. Ela moveu as mãos sobre o respaldo da cadeira. Queria agarrar sua juba negra como o carvão e afastá-lo. Mas não podia tocá-lo. Agarrou desesperada o braço do assento.

Caleb liberou um de seus seios e o observou faminto enquanto inclinava a cabeça para levá-lo à boca. Seus olhos tinham um verde que era quase amarelo. Eileen reprimiu um pequeno chiado. Sua boca, úmida e quente, movia sem piedade sobre a carne branda da garota. Sua língua

torturava o mamilo até o encher e ereto. Capturou o montículo escuro entre os dentes, puxou enquanto dava pequenos toques sutis e doces com a língua. Ela apertou a mandíbula, enquanto tentava controlar o tremor de suas pernas. Sentia toda a virilidade de Caleb contra ela. Sentia seu calor corporal através dos jeans negros que ele usava. E ela só usava esse ridículo short branco e fino com o que podia sentir tudo. Tudo.

Caleb deixou a seus extasiados seios para colocar à altura de seus olhos. Olhava fixamente. Ela estava suando e tinha ainda marcas de sangue que desciam do rosto até seu pescoço. Os lábios semiabertos e um pouco inchados pela brutalidade de Samael. Cheirava tão bem. Era um bocado saboroso e especial para ele. Esse era seu aroma favorito, seu sabor preferido. Por que ela tinha que ser a que cheirasse assim? A umidade, a morangos e a bolo doce... Deslizou as mãos por sua estreita cintura e pelos ossos marcados de seus quadris. Seguiu acariciando a plaina barriguinha e deixou as mãos abertas sobre ela. Colocou os polegares por debaixo do short e se limitou a deixá-la nervosa fazendo carícias circulares pela zona de sua anatomia onde quase começavam os cachos de sua intimidade.

Ele observou suas expressões. Sim, estava tensa e assustada. Mas não assustada por ele, mas sim do que acreditava que podia fazer e, além disso, acreditava acertadamente. Pode ser que não esperasse chegar à Inglaterra para fode-la. E ela sabia. Era impossível não saber o que iria fazer com ela. Sua ereção era tão grande que ia furar a calça. Ela não era virgem. Seu namorado a visitava cada noite, assim sabia o que podia passar. O que ele morria de vontade de fazer.

Com esse corpo pequeno (comparado com o seu), submetido debaixo, tenro, suave e formoso... Como seria estar dentro dela? Tirou os polegares de seu short, e deslizou suas mãos até as nádegas dela. Apertou-as, mediu-as, massageou-as e sorriu.

—Vá, vá. Está muito em forma, né? —apertou as nádegas com desejo.

Aquilo era humilhante. Ele estava vestido até as sobrancelhas. Ela estava, só com uma calcinha, vulnerável e exposta a algo.

Mesmo assim, havia algo nele, não sabia o que, que não fazia que estivesse completamente assustada. Podia ver as diferenças entre Caleb e o animal de Samael. Caleb podia ser cruel e brutal, mas parecia ter um fundo do que o assassino de seu pai carecia. Estava tocando quase com reverência, olhando com desejo sim, mas estava convencida de que não a trataria errado, de que não a pegaria nem faria mal porque sim.

Caleb começou a pressionar sua ereção contra ela. A esfregá-la pausadamente em círculos sobre sua intimidade. As fricções eram cada vez mais fortes e poderosas, e Eileen sentiu como um calor úmido e palpitante se concentrava em sua virilha. Sem perder o ritmo, o vanirio dirigiu a boca a seu pescoço. Eileen se estremeceu pensando que ia morder, mas surpreendentemente Caleb só lambeu o sangue que havia naquela zona. Um lamento comprido, como um áspero cetim, para logo fechar a boca à altura do jugular e sugá-la, só roçando com as presas, não fincando.

Eileen fechou os olhos ao sentir aquele contato cheio de calor. Ela era saborosa, aditiva como nenhuma outra que tivesse provado. Quando limpou seu pescoço com a língua e a boca,

deslizou os lábios por seu queixo quase em uma carícia e logo subiu até a bochecha. Eileen se queixou. A maçã do rosto doía horrores.

—Detenha.

Caleb apertou mais contra ela e sussurrou ao ouvido:

—Disse que não falasse rameira.

—Deixa de me insultar.

Caleb colocou sua grande mão sobre sua boca, mas Eileen sacudia a cabeça para livrar. Umas enormes lágrimas caíram pela comissura de seus olhos, escorregaram por sua têmpora e desapareceram por seu cabelo, que já não estava recolhido em um coque, mas sim agora parecia um leque negro estendido sobre o assento do carro.

Caleb se sentiu envergonhado por ser ele quem provocasse as lágrimas em uma mulher. Mas, ela não era uma boa mulher, nenhuma boa pessoa, era uma assassina, ou como mínimo cúmplice de assassinato. Havia alguma diferença?

Caleb friccionou com mais força sua virilha. Esfregava sem compaixão. Enquanto não cessava em seus movimentos, aproximou sua boca à ferida da bochecha e a lambeu, entreabrindo os olhos do prazer saboroso de seu sangue. Não podia ler nada, porque o sangue se mesclou com a água da chuva e, além disso, não a bebia em quantidades, como deveria fazê-lo para conseguir seus propósitos. Mesmo assim, era saborosa até limites que nunca poderia ter imaginado.

Eileen sentiu uma queimação na cara. Estava lambendo?

—A saliva é curativa e cicatrizante — disse ele roçando sua têmpora com seus lábios.

Continuando, ele deslizou a boca até a mão que apoiou na boca de Eileen. Com o olhar advertiu do que aconteceria voltava a falar.

Eileen começou a nublar a vista. Seu corpo estava em tensão e sentia que inclusive sua própria pele queimava. Caleb não deixava de mover, de apertá-la e friccionar com ela, e ela... Ela começava a sentir que ia ficar louca. Um prazer palpitante, um comichão, os músculos de sua virilha começavam a mover espasmodicamente... Não, que vergonha... Não podia gozar com ele. Não, com ele não. Não assim. Não. Mas seu corpo já não obedecia. Agora Caleb era seu dono. E sorriu ao ver a luta interna de Eileen em seus olhos, no modo de apertar a mandíbula, desesperada. Estava a ponto de caramelo.

Afastou a mão de sua boca e deslizou a língua pela comissura de seus lábios, lambendo como se fosse um gato. Um gato selvagem. Lambeu o lábio inferior e logo o superior. Ela já quase não tinha forças para seguir franzindo os lábios. Não ia permitir que a beijasse. Precisava tomar ar, baforadas de ar. Entreabriu a boca e começou a respirar sem ritmo como se fosse à vida nisso.

Caleb grunhiu de prazer e voltou a deslizar as mãos por sua cintura, passando pelos quadris, até agarrar as nádegas com brutalidade. Elevou contra ele, e começou a mover mais duro e rápido para frente. Eileen escapou um som gutural. Não, Por Deus. Não, por favor.

Caleb tinha a boca aberta e as presas desenvolvidas. Queria fincar-lhe os dentes enquanto ela chegava ao orgasmo. Seria a primeira vez que poderia entrar em sua cabeça e baixar as barreiras. Tinha os olhos fixos em sua boca, e ela afastou a cabeça e a ocultou em um de seus

próprios braços, oferecendo inconscientemente o pescoço. Seguia com as mãos sobre o descanso do assento.

Caleb rugiu ao ver como a pele palpitava nessa zona, em sua feminilidade, e a abriu mais com suas pernas para apertá-la e friccionar de cima abaixo contra ela. Mais rápido, mais forte, mais... Eileen fechou os olhos com força. Não.

E de repente, um estalo de prazer. Foguetes. Espasmos corporais. Uma sensação líquida entre suas pernas e o mundo que se acabava. Estava gozando com ele e ele sabia. Estremecia violentamente em seus braços. Nos braços do monstro. Não pode controlar seu inexperiente corpo. Tentou mas Caleb saiu vencedor. Provocou-a, estimulando-a até o clímax.

Ele soltou suas nádegas à contra gosto e colocou as mãos sobre a poltrona, a cada lado de sua cara. Murmurou algo indecifrável. Ambos respiravam entrecortadamente.

Ele ainda tinha os incisivos compridos, mas a cor dos olhos não mudou. Quando ela o olhou, pôde ver o orgulhoso que se sentia de envergonhá-la assim. Era o ganhador e ela a derrotada.

—Assim que eu gosto — a olhou com determinação e algo mais que ela não soube decifrar. —Que obedeça a seu amo em tudo.

Era orgulho? Estava orgulhoso dela? Não, não podia ser. OH, por favor. Só faltava isso para acabar de pisotear o amor próprio. Caleb jogou uma olhada a seus seios, seu pescoço e suas bochechas. Estavam tingidas de vermelho. Vermelho paixão ou vermelho vergonha. Dava igual.

—Se pudesse se ver... Agora sim parece uma puta de verdade.

Eileen prometeu com o olhar que o mataria se pudesse. Voltou a esconder a cara em seu braço e começou chorar como uma louca desenquadrada. Caleb tentou compreender a situação em que se encontrava. Obviamente, tinha que sentir derrotada. Ele merecia.

Baixou o olhar para ver esmagado contra seu sexo. Ainda estava duro como uma rocha, ele não teve nenhuma liberação. Levantou um pouco apoiando sobre seus braços e viu como o cabelo púbico escuro dela se transparecia através do short branco molhado. Agarrou o short e o puxou. Não podia aguentar mais. Tinha que se afundar nela.

—Não. Rogo — gritou Eileen agarrando o pulso com a mão boa.

Caleb esticava o short com seus dedos. Ambos sabiam que se desse um puxão mais, rasgaria e a deixaria como ele queria vê-la. —Não, o que? —levantou uma sobrancelha divertida.

Embora na realidade não houvesse nada de divertido no que estava passando. Eileen não acreditou que pudesse odiar a alguém como odiava Caleb nesse momento. Ele esperava ouvir as palavras mágicas. Bem. Ela tragou saliva e sentiu o sabor da dignidade. Amargo. Muito, muito amargo.

—Não, por favor... Amo.

Caleb levantou o queixo, puxou ar pelo nariz, levantando o peito com o movimento, e agarrou a sua vez o queixo para elevá-la para ele. —Vai aprendendo. Levaremos bem.

Acertou seu assento no lugar e de um salto se encarapitou a zona do piloto. Eileen que seguia tremendo, o olhou de esguelha sem se ater todas com ela. Ao menos já não o tinha em

cima. Não estava certa de relaxar ainda. Relaxar? Nunca mais poderia fazê-lo em sua vida, porque já não tinha em quem confiar. Não no mundo de Caleb.

—Caleb, acabamos de te passar — disse a voz de Menw que ressonou por todo o carro. Era o comunicador de última geração que instalaram. —Não pude esperar né, malandrinho? Teve isso que puxar, verdade?

Caleb olhou Eileen que havia tornado a ocultar sua cara entre seus braços e encolhida, lhe dando as costas. Umas costas que se movia convulsionalmente.

—O que eu e ela façamos e não te concerne.

—Tem pequeno e é um fraco... Como todos vocês... —gritou Eileen avermelhada e furiosa. —Abusados de merda... —disse esta vez com um fio de voz e engasgando.

Abriu a porta do carro, deslizou pelo assento, caiu de quatro no asfalto e começou a vomitar. Teve que deixar de apoiar no pulso quebrado, assim que ficou de três enquanto tinha que ouvir como através das mãos livres os outros três rompiam a gargalhadas.

Caleb a olhou muito seriamente. Um músculo da mandíbula tremia fora do lugar. Ninguém o envergonhava assim. Ninguém.

—Assim que o achou pequeno... —acrescentou Menw afogando a risada.

Ele seguia sem responder. Estava impassível. Seu rosto como esculpido em granito. Não afastava o olhar dela.

—Localizou ao outro guarda-costas que havia entre os pinheiros? —seguia olhando a fixamente. Enquanto a garota vomitava, ele observava como os músculos de suas costas se esticavam e se moviam sem descanso. —Atirei ali.

—Sim, era o irmão gêmeo do que se encarregou Samael. Induzimos a imagem mental de que seu irmão se apaixonou por uma asiática e que foram casar em Las Vegas essa mesma noite, ele, de John Travolta e ela, de Olivia Newton-John. Tinha uma fratura na perna. Lembrará que a fez em um acidente de trânsito. E também tratamos com todo o serviço. Ficou muito claro que manhã quando despertarem lembrarão que a senhorita Eileen e o senhor Mikhail tiveram que fazer uma viagem relâmpago por um assunto de negócios, e que cabe a possibilidade de que passem uma longa temporada fora para conseguir novos clientes. É obvio, eles devem seguir suas vidas com normalidade.

—Muito bem. O que fizeram do corpo de Mikhail e de seu guarda-costas?

—Estão ocultos sob o chão de sua própria casa. Tudo controlado, Caleb. Agora só fica saber se é capaz de domar a essa dócil que vai com você. Não vai bem para sua reputação de quebra corações que uma garota o toureie assim.

—Tranquilo. Só está emocionada pelo que tenho feito.

Voltaram a soar as gargalhadas.

—Vejo o no avião.

Desligou o comunicador e saiu do carro com determinação e um olhar muito perigoso. Parecia mentira que a jovem tivesse tanta guelra estando como estava.

Eileen deixou de vomitar, mas seguia apoiada sobre os joelhos e sua mão esquerda. Respirava agitadamente, pálida e abatida.

Caleb a agarrou por cabelo de novo e a levantou. Eileen pensou que se seguia fazendo isso, deixaria calva.

Abriu a porta do copiloto e a colocou dentro de um empurrão.

Eileen seguiu com os olhos Caleb até que ele também entrou no carro.

—Quando chegarmos à Inglaterra demonstrarei quão pequeno tenho de todas as maneiras, rameira — sussurrou entre dentes enquanto punha a primeira marcha para arrancar.

Eileen não soube o que responder. Só sabia que estava muito cansada e que doía todo o corpo. Ao único que podia se amarrar para sair daquele pesadelo, era o feito que nenhum deles sabia que ela era diabética. Esse era seu ás na manga. Com um pouco de sorte, ao deixar de ter a vida habitual e controlada que até agora teve, se seu corpo deixava de receber insulina, cairia doente de um modo ou de outro. Sem cuidados morreria. Os rins falhariam, os poros sanguíneos das pernas se bloqueariam e iria perdendo sensibilidade às feridas de qualquer tipo pode que inclusive tivessem que cortar as pernas. Poderia ficar até cega. Então assim, já não serviria nem a eles, não?

Pensar em tudo isso estava revolvendo mais o estômago, se era possível. Mas preferiria morrer ao invés de ter que se converter na puta de ninguém, e menos do monstro que tinha ao lado.

O mundo desapareceu de sua vista, e esperou a que chegasse a escuridão.

Capítulo 3

A viagem até a Inglaterra foi menos problemática do que a princípio parecia que seria.

Quando chegaram ao avião particular, Eileen teve que fazer um esforço para caminhar até as escadas de abordagem. Conseguiu graças aos empurrões que recebia de Caleb. Olhou a seu redor. Não sabia nem onde estava nem ainda seguia na Espanha. Era aquele o primeiro avião que tomavam?

Já no confortável avião, Caleb a fez sentar a seu lado afastada dos outros três, que davam olhares lascivos e furtivos. Ela cobria o torso como podia, mas o braço aleijado doía tanto que não podia levantá-lo. Se encolheu e voltou a dar as costas a Caleb, enquanto tiritava. O ar condicionado do avião estava muito forte. Mas antes de fechar os olhos, teve que aguentar como Cahal tirava a língua várias vezes e a movia fazendo círculos. Não podia dormir. Tentava, mas não podia. E se fazia e se encontrava com que a despiram e...?

Não, isso não. Fingiria que dormia, no caso de. Era melhor fechar os olhos que ver os rostos. Ainda esperava que esses seres demonstrassem um pouco de compaixão. Lutavam pelos seus, e vingavam os que mataram isso significava que tinham coração, verdade?

E se tinham coração, ainda havia esperança para ela. Ou talvez não. Quando chegaram à Inglaterra, dois Cayenne como os que viu em Barcelona esperavam no aeroporto. Entraram nos carros e se dirigiram a algum lugar em particular.

Tentando averiguar onde se encontravam, Eileen pôde ler uma placa que dizia West Midlands, logo outra que indicava Birmingham e a última que pôde ler Dudley.

Se forem mais longe dali já não soube, porque deu uma cabeçada. Os olhos começavam a fechar o ignorando seus esforços por mantê-los abertos.

O carro parou em seco. Ela olhou para trás e viu as luzes do outro Cayenne que apagavam igual a ambos os motores.

Meu Deus. Já chegou.

Quis parecer serena e digna, mas não pôde. Quando Caleb a tirou do carro, seus joelhos pareciam gelatina e não podia andar. Tiritava sem cessar e certamente teria muito mau aspecto.

Ele a olhou de cima abaixo, desprezando cada centímetro de seu corpo.

—Vamos.

Puxou pelo cotovelo e começaram a andar.

Os arredores eram tão escuros... Entretanto, sabia que onde estava havia muita vegetação. Sabia por que cheirava igual a seu jardim quando estava úmido depois de regá-lo. Angustiou ao lembrar sua casa. E Brave? Estaria bem? Alguém tinha que cuidá-lo. Não tinha mais de três meses, ainda era um cachorrinho, seu cachorrinho.

Levaram por umas escadas que descendiam a túneis subterrâneos. Eileen não podia ver nada, mas eles pareciam ter visão noturna ou no melhor se deixavam guiar pelo som como os morcegos. Não se imaginava a nenhum deles convertendo em um morcego.

Abriram uma porta e acendeu a luz. Diante apareceram um montão de passadiços com as paredes de pedra e com símbolos gravados nelas com uma beleza incomum e mística. Os tetos tinham cornijas de ouro maciço, com sianinhas e incrustações de pedras preciosas. Ele estava acostumado à era de mármore, um mármore claro e gentil, que fazia soar os saltos das botas militares, que só eles usavam, com grande elegância.

Eileen olhou para baixo. Seus pés seguiam descalços e com arranhões. Pode ser que se cortasse com o asfalto ou que alguma pedra cravasse na planta do pé.

Entraram por um corredor mais longo e comprido que os anteriores. No final do corredor havia uma porta de madeira de carvalho com os punhos de ouro em forma de garras.

Caleb colocou a mão sobre o punho, não sem antes de dar um último olhar a Eileen. Ela abaixou a cabeça, não queria olhá-lo. Caleb abriu a porta e apareceu o luxo.

Era um salão circular tão grande que de pé poderiam caber até duas mil pessoas. Algo impensável de encontrar em um metrô. Entretanto, aquele lugar era bonito e fastuoso, embora Eileen pensasse que o a que sobravam eram os seres góticos que havia nela. No centro do salão, encontravam seis poltronas elegantes e grandes com motivos celtas. Nelas estavam sentados quatro homens e duas mulheres, vestidos com capuzes e batas púrpuras, e ao redor uma grande multidão de gente com taças de cristal da boêmia nas mãos. Eileen advertiu que eram taças vazias.

Os homens que ali se encontravam eram grandes e robustos. Perigosos e ameaçadores. Frios E... Irresistivelmente formosos, pensou Eileen. E todos, sem exceção, olhavam a ela com olhos famintos.

As mulheres eram elegantes e de beleza etérea. Pareciam deusas. Eram tão bonitas... De igual modo a olhavam. Com curiosidade, sim, mas com fome e ódio também.

No salão só havia silêncio. Toda a atenção recaía sobre ela, e ela fazia o possível por não voltar a chorar.

Samael a empurrou e caiu de joelhos sobre o círculo com um pentágono dentro que desenhou em ouro gravado sobre o chão. Acaso não era isso o símbolo da bruxaria e da magia? Diante dela as seis poltronas que desenhavam um semicírculo a seu redor. Eileen olhou para trás com o gesto furioso e irritado. Estava farta de que aqueles porcos a maltratassem assim.

Caleb a olhou do alto com gesto impassível.

—Onde está seu pai? —perguntou um dos encapuzados. A tenor da voz varonil que mostrou, era um homem.

—Desce na operação, *Rix*[3] Gwyn — respondeu Caleb.

—Baixa?

—Samael perdeu os estribos — respondeu olhando de soslaio. Cahal e Menw assentiram para apoiar Caleb.

—Samael? —o homem tirou uma mão robusta para convidar que explicasse. —explique.

Eileen olhou os seis em uma olhada relâmpago. Não via o rosto a nenhum deles, só os lábios, sensuais tanto os das mulheres como os dos homens.

—Thor era meu irmão, Rix — explicou Samael. —Sabe tão bem como eu que tipo de procedimentos utilizam os humanos caçadores contra nós — explicava com gesto indiferente como se realmente não importasse o que dissessem outros. —Não merecia compaixão nenhuma. E quando tive em minhas mãos... Matei-o.

—Hum... Mas não podia matá-lo— respondeu a mulher que havia ao lado que falou. —Devemos entender que desobedeceu às ordens de Caleb por vontade própria?

Samael pareceu incômodo diante da acusação.

—Não foi por vontade própria*, Maru*[4] Beatha.

—Ah, não? —insistiu ela. —Então o que quer dizer é que não esteve à altura das circunstâncias. É isso? Tropeçou e sem querer espetou as presas.

Diante o tom recriminatório que Beatha estava utilizando com Samael, era evidente que não esperava resposta, a não ser assentimento e silêncio por parte dele.

Samael apertou os dentes e assentiu com a cabeça deixando que seu cabelo cobrisse a cara. Eileen estava convencida de que não se sentia envergonhada, mas necessitava uma desculpa para

[3] *Em celta gaélico significa rei.*

[4] *No idioma celta significava grande. Diante de nomes próprios e essenciais dava a entender a grandeza e a majestosa de uma pessoa ou coisa.*

olhar a essa mulher com todo o ódio que parecia sentir nesse momento e seu cabelo o cobriria bem. Pelo visto Samael era um homem que não suportava as ordens.

—Está arrependido, Samael? —voltou a perguntar.

—Não, não estou, e acredito que se tivesse a oportunidade de novo, voltaria a fazer, Maru.

—É uma falta de respeito para nós, para Caleb. Usou tempo estudando como proceder nesta operação. Nós encarregaremos de você mais tarde, Samael. Será preso na sala da fome — sentenciou Beatha. —Sabe como pagam os atos de indisciplina. Não vamos passar por cima.

Samael assentiu solenemente.

—Caleb — prosseguiu Gwyn. —Esta é a assassina?

Eileen não podia ver a cara, mas sentia o poder do olhar desse homem sobre sua pessoa.

—Assim é, Rix — respondeu ele com frieza.

—Entrou em sua mente? É realmente um ser sem escrúpulos? — Caleb elevou o queixo e assentiu com a cabeça.

—É não tenho nenhuma dúvida, mas ainda não me mostrou isso, Rix Gwyn. Mikhail a educou muito bem. Está mentalmente adestrada e não permite que se metam em sua cabeça.

—Pediu diante do Conselho *Wicca*[5] que você e Samael —acrescentou Beatha, —por ter estado intimamente ligados a Thor, fossem os únicos responsáveis pela captura destes dois indivíduos. Devo entender que a você também perdeu o controle das mãos? Acaso não controlou a operação? Só voltou com um deles.

Eileen sorriu diante o tom autoritário e inflexível daquela misteriosa mulher. Matariam se dissesse que a desorientação de Caleb com Samael se devia a que ele se entreteve muito com ela tocando-a e assustando em seu quarto? Ou se o dizia arrancariam todos em aplausos sonoros e humilhantes tratando ele como um herói?

Caleb olhou o corpo machucado de Eileen e reprovou a si mesmo o tempo que perdeu com ela no andar de cima. Mas, é que simplesmente não pode evitar. Seu corpo o chamava como o ímã ao metal.

—Bem — prosseguiu a mulher diante seu silêncio. —Acha que ainda pode se encarregar dela? Acha que realmente nos pode ser útil para nossas investigações e para desarmar a sociedade de caçadores?

—Acredito que até que não a dobre, não poderei tirar nada mais dela. Mas sim que nos é útil, e muito. Ela tem toda a agenda de contatos de seu pai, sabe todos os procedimentos que seguem. Uma vez tenhamos localizados a todos os implicados, só nos fará falta nos desdobrar para encontrar com eles e detê-los.

—Mas nós todos podemos beber e descobrir o que é o que nos oculta e o que sabe. Não é assim? —perguntou Samael olhando a ele de soslaio.

Caleb o desafiou com o olhar. Samael não podia tocar um só cabelo de Eileen, o mataria. Esse vanir estava fora de controle por seu afã de vingança. Estaria ele igual respeito à Eileen?

[5] *Palavra celta que dá nome à tradição britânica neo-pagã de magia e bruxaria.*

Perderia o controle quando estivesse com ela? Nada mais de pensar de como iria desfrutar de seu corpo ficava rígido de novo.

—Samael — disse Gwyn. —Você desobedeceu ao código de conduta vanir. Sua opinião agora não conta.

Caleb sorriu para dentro. Fodeu-se, idiota.

—Fodido, idiota — disse Eileen entre dentes.

Os seis se ergueram de uma vez em suas cadeiras para ouvir a resposta de Eileen. Samael o sangue foi nos olhos e avermelharam por completo.

—Tranquilo Samael — disse Caleb detendo com uma mão. Teria lido o pensamento? Curvou os lábios em um meio sorriso. —A humana tem a língua muito longa... —explicou ao Conselho com gesto nervoso. Não tinha por que justificá-la, mas o estava fazendo.

—Já o vemos — observou Rix Gwyn. —E nos conte Caleb, como a castigará?

—Para uma humana como ela —explicou Caleb com tom afiado e despótico, —a converter no que odiou e ajudou a exterminar até agora será o primeiro golpe. Afinal suas barreiras estão bem ancoradas, necessito que parte dessa energia para que se disperse.

Os membros da sala seguiam com espera a explicação de Caleb.

—Tomarei como minha concubina.

A multidão ali reunida começou a rir e a aplaudir.

—Vá, Eileen — disse a mulher chamada Beatha. —Isso sim que tem que doer, não? Deitar com seu pior inimigo, se converter em seu igual e para cúmulo trair os teus. Eu não poderia suportar — disse com sinceridade. —Mas acredito que a nenhuma das mulheres aqui reunidas nos dá pena.

Eileen elevou o olhar para ela com seus olhos azuis e cinzas desafiadores.

—Concubina... —disse Gwyn meditativo.

—É uma mulher orgulhosa, Rix. Isso a humilhará o suficiente e me servirá para reduzir suas defesas mentais — esclareceu Caleb. —Quero saber o que pensam de nós, não só o que tem feito. Com o sangue, não só posso descobrir suas ações. Com sua mente: seus patrões, seus ideais, suas futuras ações como organização.

—E logo? —perguntou Beatha ainda olhando ao Eileen. —O que fará com ela quando já não te servir?

—Bom — respondeu ele com franqueza encolhendo os ombros. —É uma puta, as putas sempre nos servem, não? Não vejo por que teríamos que matá-la.

Os homens puseram a rir a gargalhadas.

Eileen o olhou de esguelha e soube que, embora Caleb a protegeu dos outros três, ele ia ser o que infligiria o pior dos castigos. Ainda não entendia por que, mas viu algo distinto em Caleb. Distinto ao menos dos outros três. Equivocou.

—Sim, deixe isso — gritou uma voz entre a multidão.

—Ou a mim — exclamou outra.

—Por que não a todos? —sugeriu Caleb vendo como ela esticava os músculos de suas costas. —Ela tem feito muito mal aos vaniros. Que todos os vaniros se desafoguem com ela, então. Mais, eu serei o primeiro.

A sala quebrou em aplausos e vivas de todo tipo. Caleb parecia um herói de verdade. Tal e como ela suspeitava.

—Silencio — Beatha elevou a mão e todos obedeceram. —Eileen, o que te parece o que proporcionou para você Caleb?

Eileen abaixou à cabeça e começou a chorar em silêncio. Ainda ficavam lágrimas? Todas as pessoas a olhava desfrutando de vê-la derrotada. Nenhum compassivo.

Ela elevou o queixo e deixou que todos vissem como as lágrimas caíam por suas bochechas.

—O que pareceria a você, Beatha? —perguntou com tanta coragem que mais de um ficou assombrado. —Chama-se assim, não? —disse com o mesmo desdém. —A diferencia entre as mulheres e os homens é que podemos ser compassivas até com nossos inimigos. Está em nossa natureza. Não compadece de mim? Nenhuma daqui faz?

Beatha cheirou o ar, levantou da cadeira e caminhou para ela. Houve um murmúrio entre os assistentes.

A vanir se abaixou para ficar a sua mesma altura e puxou seu queixo para olhá-la nos olhos. Deixou cair seu capuz e mostrou sua inegável beleza diante ela. Era uma mulher de cabelo loiro quase platinado, os olhos marrons avermelhados e a boca carnuda e bem perfilada. A pele pálida dava aspecto de fragilidade, mas suas feições eram sexy e fria.

—Compadeceram de meus dois filhos quando os sequestraram e os mataram? Dois meninos inocentes? —perguntou sem inflexões na voz. Eileen sentiu que rasgava o coração.

—Eu sou inocente —sussurrou ela, —mas embora me queiram fazer mal, ainda tenho suficiente coração para me compadecer do que diz que fizeram a seus filhos. Ninguém deveria viver algo assim.

Beatha apertou a mandíbula e toda a frieza se refletiu em seu olhar.

—Vê as taças vazias? —perguntou em um tom neutro.

Eileen as olhou e assentiu.

—Vão encher de todo seu sangue. Íamos abri-la e a deixar que sangrasse. Sim, íamos beber de ti e iria morrer depois de que nos tivesse revelado tudo. Era o plano inicial.

—Pois então, me matem — respondeu ela contundentemente.

—Mas não podemos decidir sozinhos. Caleb é seu proprietário — o olhou entreabrindo os olhos— e, pelo visto, quer só para ele. Uma pena — estalou a língua. —Não lhe agradece que perdoe a vida?

—A vida? —perguntou ela com ironia. —Se seu modo de sobreviver chamam vida, então peço que se haja algum deus ali em cima, me mate agora mesmo. Não conheço, mas pelo pouco que sei os vaniros são cruéis e abusivos. Dão-me asco. Não serei a puta de ninguém e nenhum de vocês me porá nunca uma mão em cima. Nunca... —apoiou em uma mão e levantou para olhá-la do alto. —Dizem que há pessoas que os perseguem e que os matam sem escrúpulos. Eu vi como

esse vampiro daí —assinalou enfurecida a Samael, —matou meu pai e a meu guarda-costas sem nenhum escrúpulo tampouco. Duas pessoas humanas — recalcou com os dois dedos da mão em alto. —Suas vidas pelas de seus filhos. Vamos dois a dois. Não é o justo? Agora são iguais que essas pessoas às que chamam caçadores. Já estão em paz.

Acreditava de verdade? É obvio que sim. Seu pai e seu guarda-costas eram inocentes. Igual os dois meninos de Beatha. Por certo... Os vampiros podiam ter filhos? Pode que Beatha os tivesse antes que a convertessem...

O ambiente no salão se espessou. Os vaniros endureceram seus traços e Eileen pensou que estavam fazendo um sobre esforço para não equilibrar sobre ela e esquartejá-la. Mas se aguentavam por respeito à Caleb. Ele tinha certa fila entre eles.

Beatha se levantou com a graciosidade de uma serpente e sorriu.

—Tem muita guelra, pequena puta — sussurrou a um centímetro de sua garganta. A loira mais alta que ela. —E, além disso, é muito boa atriz. Aqui não há nenhum vampiro, você sabe muito bem. Somos vaniros e fomos criados pelos deuses para defender à humanidade dos nosferatus[6] e dos humanos como você. É uma pena que decidisse decantar por ser uma assassina, Eileen — a olhou com sincero respeito. —Com a energia de guerreira amazona que desprende, acredito que qualquer vanirio estaria disposto a que o montasse pela eternidade. Mais de um reclamaria para que unisse a nós. Entretanto, é vítima de suas decisões. Além disso — arqueou as sobrancelhas e sorriu com desdém olhando nos olhos, - já não importa por que... Vai montá-la de todos os modos. De uma forma ou outra, hoje morrerá.

Todos arrancaram em aplausos e Eileen apertou mais o peito com o antebraço para se esquentar. Essas pessoas estavam obcecadas com o sexo. Deveria sentir intimidada, mas só sentia raiva pela impotência de não poder demonstrar sua verdade. Que diferença havia entre os vampiros e eles?

Beatha deu meia volta, caminhou para sua poltrona e se sentou cobrindo a cabeça de novo.

O Conselho olhou Caleb e moveram suas cabeças de cima abaixo. Estavam dando o beneplácito para que a levasse dali, para que por fim fizesse com ela o que tivesse vontade.

Caleb grudou Eileen pelo cotovelo e a obrigou a dar a volta. Ela não tinha forças para caminhar. Pela primeira vez, Caleb percebeu como a trataram duro. Tinha a maçã do rosto inchada e arroxeada, e o lábio inferior, esse lábio inferior delicioso, também tinha uma ligeira inflamação. Seu pulso estava quebrado. Lutou com a dor sem queixar, sem mostrar debilidade. Uma guerreira amazona.

Uma má guerreira amazona.

Uma cruel, má e assassina guerreira amazona.

Não podia permitir sentir arrependimento por nada do que fez.

Não, não ia sentir.

—Vamos — deu um puxão para que caminhasse junto a ele.

---

[6] *O Nosferatu é uma poderosa e medonha criatura morta-viva que lembra muito um Vampiro. Ao contrário dos seus primos Vampiros o Nosferatu não Drena Níveis e não teme a luz do Sol.*

—Aonde me leva?

—Segundo muitos, levo ao céu. Mas para você pode ser que seja o purgatório.

Quando Caleb sorriu, juraria que viu como mostrava as presas. Ela abaixou à cabeça e arrastou os pés até seu purgatório particular. Doía todo o corpo. Ia necessitar muita força para suportar Caleb.

Caminharam por um corredor tão e tão comprido que parecia interminável. Quando acreditava que já chegaram, umas escadas de pelo menos duzentos degraus ascendentes cortaram seu caminho.

Ela já não podia dar um passo mais. As feridas dos pés doíam muito, assim que apoiou na parede justo debaixo de uma tocha e fechou os olhos.

—E agora o que passa? —perguntou aborrecido.

—Já não posso caminhar.

Caleb deslizou a vista por suas incríveis pernas até as parar em seus pequenos e femininos pés. Tinha vermelhidões e feridas entre os dedos e algumas feridas, inchadas pela infecção, à altura dos calcanhares.

—Continua — disse ele.

Ela abriu os olhos e o olhou como se estivesse vazio. —Disse que não posso filho da...

Em um abrir e fechar de olhos, Caleb colocou um braço por debaixo de seus joelhos e com o outro rodeou a cintura e parte das costas. Grudou pelos braços e levantado como se não pesasse mais que um saco de plumas.

—Como nossa primeira noite de casamento — disse ele de modo cínico.

—Só que eu nunca serei sua mulher — esticou ela.

—Não quero que seja minha mulher. Não quereria alguém como você jamais — a olhou de esguelha. —Só quero fode-la.

Eileen estava surpreendida por muitas razões. Suas palavras cruas não quadravam com o modo em que a elevou. Grudou com suavidade, não do modo bruto e insensível que estavam utilizando com ela. Seu corpo era quente. Quente era pouco. Era uma fogueira, Por Deus bendito... Inconscientemente aconchegou contra ele e contra todos seus princípios.

Assim que ia tomar, queria ou não. De repente sentiu muito frio. Estava tão destemperada que necessitava uma manta para começar a esquentar, e a falta dela, estava o corpo musculoso, duro e ardente de Caleb.

Mas não estava surpreendida por aquelas superficialidades, mas sim porque cada vez que ele a tocava sentia uma estranha sensação de proteção. Como era possível? Ele ia aproveitar dela. Ele acreditava que ela era sua inimiga, que era uma assassina. Fez mal fisicamente. Trataria assim de estar em outro contexto? De dar outro tipo de situação completamente distinta a que estavam vivendo? Como podia pensar nisto estando em sua situação?

Ela não queria cheirar. Não queria roçar sua garganta com o nariz... OH, que bem cheirava. Cheirava a bosque e há um pouco parecido a Allure do Channel. E a homem. O homem de verdade.

Ela não queria fechar os olhos nem apoiar sua cabeça em seu ombro, mas fez. E fez, além disso, sentindo plenamente relaxada contra ele. Eram seus poderes? Ele não podia ler a mente, mas sim que podia incitá-la a fazer o que quisesse? Era isso?

—Está induzindo que me comporte assim? —perguntou ela sem poder separar dele. Colocou os braços ao redor do pescoço e falava com os lábios grudados ao lado direito de sua garganta.

Caleb o tinha duro que em qualquer momento podia matar a alguém com o botão da calça. A jovem era doce e provocadora de uma vez. O fazia a propósito.

—Bateu Samael na sua cabeça e eu não me dei conta? —respondeu ele com um sorriso.

Foi isso uma brincadeira? Estava brincando com ela? Que surrealista parecia tudo.

—De fato, têm feito muitas coisas, mas de momento ainda não me bateram no crânio —respondeu ela. —Vendo os brutos que são cedo ou tarde farão.

—Se segue respondendo a todo mundo assim, logo alguém fará, não duvide. Tem a língua muito longa.

—Estão me tratando muito mal e estão sendo injustos comigo — quebrou a voz. —Tenho que me defender...

Caleb esticou as costas e apressou a subir os degraus. Quanto antes chegasse e antes a soltasse na cama, muito melhor. Seguia-se assim com ela, apertaria contra ele e acabaria pedindo perdão por tudo e o pior era que não tinha nenhuma razão para fazer. Ela não era inocente.

—Por que não o deixa já?

Eileen afastou a cabeça de seu ombro e o olhou nos olhos franzindo o cenho.

—O que quer que deixe?

—Deixa de fingir. Deixa de mentir. Assume o que tem feito e pague por isso com toda a dignidade que seja possível, como mesmo faz quando levanta o queixo diante todos outros. Se segue aparentando que não tem feito nada, mostra então como uma puta covarde. Os vaniros detestam a covardia. Prefiro ver como uma puta descarada e valente — a olhou nos olhos e elevou os ombros. —Merecerá mais respeito e, além disso, põe isso mais duro.

Eileen o observou sem pestanejar e respondeu com voz fria e dura.

—O que vai passar quando descobrirem que não tenho nada haver com o que me implicam? Como vão proceder quando se demonstrar que é a primeira vez que os vejo que sei de vocês e que nem meu pai nem eu estamos envoltos em caças de nada nem de ninguém? Nunca matei nada em minha vida. Jamais. Eu não gosto da violência nem a extorsão nem as injustiças...

—Não se cansa nunca não? —sua pergunta não esperava resposta.

Eileen apertou os lábios e voltou a esconder sua cara em seu ombro, antes de ver como voltava a tremer o queixo por enésima vez. Era impossível. Abraçada a ele, tal e como estava, sentia asco de si mesmo. Parecia que estava vendendo. Mas seu corpo atuava por instinto. Precisava acoplar a Caleb. E o odiava.

—E não. Não estou induzindo a que se comporte assim — sussurrou ele. —Não me interessa que se sinta cômoda comigo. De fato, acredito que está tentando me seduzir. Está fazendo a mim, para que seja mais gentil com você, verdade?

Ela voltou a esticar, mas não se moveu. A bílis removeu na boca do estômago. O que importava a ela se era gentil ou não? Sua vida já não valia nada. Perdeu tudo em umas horas. Seu pai, sua casa, seu cão... O controle sobre sua vida.

Chegavam ao final da escada, por fim. O aroma embriagador de Eileen estava nublando a razão. Abriu a porta e apalpou a parede até dar com um interruptor. Era o interior da casa mais sofisticada e de desenho que ela jamais viu. Mas não era de salas quadradas, a não ser circulares. Por quê? O teto tinha grandes olhos de boi e estava pintado de cor vermelha. O que estava acostumado era de parquet escuro e contrastava com as paredes brancas daquele salão. A mão esquerda, uma cozinha americana de última geração, das inteligentes. Toda de marca, negra e metalizada. A geladeira era imensa.

A mão direita estendia um salão tão amplo que sobrava espaço por todos os lados. Ou talvez porque sobrava espaço, parecia amplo. Uma televisão plaina Sony de 56 polegadas, com o Home Theater, delimitava a sala de estar. Ao redor, sofás de pele branca com seus respectivos sobre pés. E sobre os sofás, almofadas negras e outros com raias horizontais vermelhas e brancas. A mão direita da sala de estar, quase a um metro de distância, havia uma chaminé de estilo moderno. Caleb parecia gostar de bastante a tecnologia e os carros caros como os Cayenne que viu.

As amplas janelas que havia na casa eram negras completamente e através não se via o exterior.

Ele teve vontades de explicar coisas da casa como, por exemplo, por que todas as salas que se viam eram circulares. Mas ela não era uma convidada nem tampouco era bem-vinda, a não ser uma refém a ponto de ser escravizada para a eternidade.

Entre a cozinha e a sala de estar, umas amplas escadas subiam ao andar de cima. E no final da escada havia uma mulher. As escadas eram de madeira de... Um momento. Uma mulher?

—Daanna, o que faz aqui? —perguntou Caleb ruborizado.

Eileen o olhou. Ele podia ruborizar? Quem era ela? Repassou à mulher de cima abaixo. Era preciosa e se parecia com ele. Morena, de cabelo comprido e ondulado, e com os olhos verdes inusitadamente claros, como os de Caleb.

—É ela? —disse a garota com uma voz doce e sedutora.

—Aha — assentiu ele.

Daanna baixou as escadas com a elegância de alguém que sabe que é formosa e parou em frente de Eileen.

—Economize os comentários — disse Eileen. —Sei que me vai dizer que sou escória, que dou asco, que mereço que me torturem, arranquem as unhas e puxem os cabelos... Mas não sou quem acham e, além disso, o sentimento é recíproco.

Daanna dirigiu o olhar a Caleb, com surpresa. — Ponha uma focinheira — sugeriu Daanna levantando uma sobrancelha.

—Me acredite. Farei — respondeu ele. —Vai tudo bem, irmãzinha?

— Sim, Eileen estava certo. Pareciam-se porque eram irmãos. Daanna inspirou profundamente e exalou com brutalidade. —Venho dizer que não aprovo o que vai fazer — manteve o olhar sem nenhum tipo de respeito.

—Não aprova? —disse ele sorrindo. —E o que?

—Lembra a *mamaidh*[7].

Caleb empalideceu para ouvir as palavras de sua irmã.

—Se lembrasse —continuou Daanna, —não faria o que tem pensado fazer e o que é pior: se a mantiver a seu lado contra sua vontade, será um perigo para todos nós.

—Não há nenhum perigo que temer. Não sairá nunca de nossos condomínios, Daanna.

—É uma mulher — cruzou os braços e a revisou de pés a cabeça. —Nunca subestime a uma mulher humilhada.

—OH, por favor...

—O caso não é esse — soprou. —Quer reviver o que viveu mamãe? Vai fazer o papel de Gall?

Uma pesarosa lembrança caiu sobre Caleb. Sem querer, sua mente deslocou no tempo, quando ele ainda era humano e só tinha sete anos.

—Mamãe, aonde nos levam estes homens? —perguntou ele enquanto observava os homens embelezados com saias vermelhas, sandálias, escudos e coletes de metal.

Daanna estava agarrada a sua mão com os olhos chorosos e a cara manchada. Ela só tinha quatro anos.

—Não se preocupe por mim, querido — respondeu ela. —Esteja onde esteja sempre cuidarei de vocês. Sempre amarei com todo meu coração.

Abaixou os abraçou aos dois de uma vez. Depois dela, muitas outras mulheres faziam o mesmo com seus pequenos.

Um homem alto, de longas barbas e cabelo avermelhado se aproximou pelas costas de sua mãe.

—Vamos — disse enquanto a agarrava possessivamente do braço. —me deixe despedir deles — rogou ela.

—Deixa de ser mãe, deixa de ser esposa, agora mesmo só é minha escrava — disse enquanto a olhava com luxúria.

—Gall, é um porco traidor — disse Caleb com sua doce voz de menino e os olhos cheios de lágrimas de ódio.

—Sua mãe é minha recompensa, por ter sido preparado e me pôr do lado dos mais poderosos, Cal — o olhou de pés a cabeça. —Logo servirá a suas tropas, e sua irmãzinha aqui há uns anos...

—Deixa-os em paz — gritou sua mãe.

Gall deu uma bofetada e a jogou ao chão.

---

[7] *Em gaélico significa mamãe.*

Caleb pulou no pescoço e o golpeou várias vezes no crânio. Mas Gall era um homem muito grande, e as pequenas mãos de Caleb, embora batessem com fúria, não faziam nada. Gall o agarrou pelo cabelo e o puxou diante fazendo que seu corpo de menino desse uma cambalhota pelos ares.

—Amanhã virão por vocês — disse Gall enquanto arrastava a rastros a sua mãe.

—Mamãe... Não... Mamãe...

Com estas palavras, esse homem afastou a sua mãe dele e de sua irmã, subiu a um carro imundo e sujo e a levou a acampamento romano.

A névoa do passado se dissipou e Caleb recuperou a noção do presente. Sacudiu a cabeça querendo fazer desaparecer o doloroso passado atrás dele. Mas havia coisas que sempre perseguiriam.

Caleb olhou Eileen e pareceu meditar as palavras de sua irmã.

Eileen aguentou o olhar. Sentia curiosidade por saber onde foi Caleb nos últimos três minutos que permaneceu com o olhar perdido.

—Vai, Daanna — pediu ele.

—Não está bem. Esse comportamento suja os valores dos vaniros — recriminou dando com o dedo indicador no ombro. —Castiga se quiser, mas não a ate a nós. Dê seu castigo, mata-a ou deixa livre, mas não...

—Por que não? —perguntou ele apertando os dentes.

—Porque se deita com ela e a transforma, não poderá viver sabendo que dependerá de você eternamente. E o que passará quando encontrar a sua *cáraid*[8]? Sabe muito bem qual é o tipo de relação que há entre os casais Vaniros. Ela não suportaria, e no final se converteria em...

—Basta, Daanna — o olhar que dirigiu podia partir um muro de concreto. —Isso é minha decisão.

—Não tem por que sacrificar assim — sussurrou ela olhando com tristeza. —Você sabe que o que vai fazer não está bem. Seu coração *keltoi*[9], já não só o vanirio, assim diz isso. Acaso quer fazer penitência por isso? Quer autoflagelar para te sentir melhor?

—Não. Só quero vingar Thor.

—Eu o queria tanto como você. Era como um irmão para mim e sabe. Mas pode se vingar sem necessidade carregar a culpa e sem necessidade de carregá-la. Cedo ou tarde nos trairia. Entrega ao Conselho e eles decidirão. Só terá que beber dela e todo se revelará.

—A matarão — disse ele olhando Eileen de soslaio. —No momento em que a provem, matarão.

—E se supõe que com isso pagaria, não? —perguntou Daanna confundida. —Não quer que morra? É o melhor. É uma assassina.

—O convença — rogou Eileen a Daanna. —Me matem. Por favor, me matem.

Daanna elevou as sobrancelhas sorrindo a Caleb.

---

[8] *Em gaélico significa casal.*

[9] *Substantivo que significa celta.*

—Acaso é o único que não vê o que todos veem com claridade? E você, puta — disse a ela com desprezo. —Não vais brigar por sua vida?

—Não posso brigar por algo que não controlo — respondeu ela com severidade. —E não posso lutar quando ninguém me acha nem quando estou em inferioridade de condições. Pelo visto, vocês já ditaram a sentença, inclusive antes de me conhecer.

—Se cale já — disse ele. —Daanna, vai.

—Caleb, não faça — pediu ela.

—Disse que vá.

Daanna se dirigiu à porta mal-humorada. Abriu e Eileen notou um forte aroma de terra molhada. À noite. Estavam a pé da rua? Que hora devia ser? As cinco ou as seis da madrugada?

Daanna girou a cabeça para eles e disse:

—Não tem por que fazê-lo. Adeus.

Caleb não girou para vê-la. Ouviu uma portada e começou a subir as escadas que usavam a parte de acima.

A Eileen acelerou o pulso. Meu Deus ia passar. Ela, ela... Era virgem ainda e, como disse Caleb, ele ia deitar com ela. Sem olhares. Sem cuidados. Sem preliminares.

As mãos esfriaram e começaram a suar. Era um fagote de açúcar? Por favor, essa era sua única salvação. E além não tinha insulina. Desmaiava-se no melhor ele não faria nada com ela.

Caleb caminhava com ela nos braços, impassível. Frio como o granito. Parou em frente de uma porta metálica. Colocou a mão sobre uma tela de TFT pequena que havia ao lado direito e a porta metálica se abriu. Entraram em uma sala completamente escura. A porta se fechou atrás deles, deixando a sala absolutamente selada e em penumbra.

Caleb sussurrou algo em algum idioma antigo e pequenas tochas que estavam penduradas na parede fizeram combustão e iluminaram toda a sala. Era outra sala circular e incrivelmente grande. Com uma grande cama colocada no centro, de lençóis e colchas negras, com almofadas brancas e, sob a cama, um tapete grosso de cor vermelha. Só havia essa cama, essa grandiosa cama. Se havia algo mais no quarto, Eileen não o advertiu.

Capítulo 4

—Me solte — Eileen começou a reagir lutando com forças contra ele. Batia no peito, puxava de seu cabelo, mas Caleb não fazia caso de nada.

—Tranquila — sussurrou. — relaxe, Eileen.

Sua voz era música. Eileen deixou de brigar com ele imediatamente e ficou em seus braços como se fosse uma menina indefesa e confiada. Sua voz...

—Não, não me faça isto, por favor... —disse ela com os olhos umedecidos e tragando saliva.

—Deixa de lutar — a deixou sobre a cama acomodando seu bonito corpo sobre o colchão e colocando sua cabeça sobre o travesseiro. —Isto ia passar por muito que o queria negar. Vamos desfrutar dos dois. Não farei mal. Pode ser uma assassina, mas eu não farei mal na cama. Eu não gosto de fazer assim. Não desfruto.

—Caleb, está errado comigo — tinha um nó na garganta. Enfurecia que ela lutasse por sua inocência quando todos sabiam que era culpada.

—Como disse que me chamasse? —gritou a um centímetro de sua cara. —Sou seu amo — grudou seus pulsos e as colocou sobre a cabeça.

Eileen não podia lutar, não podia brigar. Seu corpo não a obedecia.

Caleb se colocou de joelhos sobre a cama e a olhou atentamente. Por todos os céus. Essa mulher o estava olhando com terror, mas também com esperança. Ela queria acreditar que ele não era assim.

E tinha razão. Ele não era assim. Ainda não entendia muito bem por que a reclamava só para ele ou por que tinha necessidade de submetê-la na cama. Por que não retirava a custódia pessoal de Eileen e a deixava em mãos do conselho como pedia Daanna? Eles obteriam a informação e preparados. Logo, adeus. Isso era já suficiente castigo. A morte de seu melhor amigo, Thor, pela de Eileen e Mikhail. O justo.

Por que queria pinçar tanto na ferida? Acaso não era melhor acabar com ela rapidamente?

Não, não era melhor. Do momento em que a viu grudada à janela de seu quarto, havia sentido um desejo irrefreável de colocá-la debaixo dele e abrir lhe as pernas. E seu aroma... Esse era o aroma pelo que ele poderia enlouquecer. Se ela fosse uma boa garota, se não tivesse tido nada haver com a extorsão e a mutilação dos vaniros, ele possivelmente, só possivelmente, poderia reclamá-la como sua cáraid. Mas ela não era uma boa garota. Não, não era. Defendia com unhas e dentes sua inocência, mas após não deixava que ele comprovasse se dizia a verdade.

Caberia a possibilidade de que Eileen soubesse do desejo que ele sentia por ela? E se o estava utilizando para que ele fosse misericordioso com ela? Desejo? Não, isso não podia ser. Desejo de vingança, sim. Mas nada mais. Mesmo assim...

—Eileen —se colocou escarranchado sobre ela, imobilizando as pernas, —me deixe entrar — queria entrar em sua mente, queria dar a oportunidade de não convertê-la e submetê-la a uma vida de noites intermináveis e fome eterna.

Eileen esticou e abriu seus olhos azuis cinzentos. Estava tão assustada, mas sua voz a relaxava.

Caleb tentou tocar seus pensamentos, suas lembranças, mas aquela bruma espessa e desconcertadamente seguia aí. Por que se sentia tão mal ao descobri-lo? Acreditava que ela ia confiar nele o suficiente para abrir sua mente? Não. Não ia confiar, porque se ele entrava, veria que ela era culpada.

—Como quer.

Saiu de cima dela e ficou de pé, a seu lado. Ela o olhava fixamente. Não tirava o olho. Caleb sorriu e agarrou a parte baixa de sua camiseta negra e ajustada para tirá-la pela cabeça.

Sem dúvida Caleb era o ideal de homem de Eileen. Moreno, forte e formoso.

Eileen repassou seu torso com os olhos. Não tinha pelo. Estava musculado de um modo que deveria estar proibido. Nem ápice de gordura. A pele bronzeada, o peitoral esbelto, grande e fibroso. Os abdominais marcados como se fosse um tablete de chocolate. Os ombros incrivelmente grandes, grandes e torneados. A cintura estreita. Só tinha pelo escuro e encaracolado por debaixo do umbigo, e descendia em linha reta até... Meu Deus, a calça ia estourar. Os olhos verdes de Caleb a devoravam.

Eileen estava débil e, além disso, necessitada de sua cama. Não podia mover os braços desde que Caleb os colocou sobre a cabeça. Mas ver como a olhava Caleb, com que desejo, com que fome, fez sentir ligeiramente poderosa e aterrorizada de uma vez.

Os bíceps marcavam sem dobrar o braço. O antebraço de Caleb era musculoso, salpicado com cabelo negro, masculino e vigoroso.

Caleb levou as mãos à virilha e pressionou o desconforto que sentia.

Ajoelhou na cama e fixou a vista em seus shorts brancos. —tira isso — ordenou ele com a voz rouca. Queria que ela participasse. Queria que simulasse que ela o convidava.

—Não — sussurrou ela movendo a cabeça.

—Eileen... —sua voz baixou uma oitava, cobriu um de seus seios com a mão aberta. —tira isso.

Ela sentiu o calor abrasador sobre sua pele. Não queria sentir prazer, mas o calor se concentrou em sua virilha e a parte interna de sua vulva começou a palpitar.

Cegada pelo desejo de sentir o contato de Caleb, ela baixou os braços até a parte superior de sua calcinha. Introduziu os polegares e os deslizou para baixo até ficar nua. Estava horrorizada por seu comportamento, mas seu corpo, pelo visto, tinha vida própria.

Caleb começou a palpitar o coração descontroladamente. O que passava? Parecia um menino virgem. Parecia igual de emocionado.

Os cachos da virilha de sua escrava apareceram como se fora o primeiro amanhecer que pudesse desfrutar em séculos. Inalou profundamente e fechou os olhos. A ereção que só o aroma íntimo de Eileen provocou foi muito brusca e agitada para seu autocontrole.

Eileen o olhava com olhos de desejo, enquanto baixava a calcinha até os joelhos. Mas o fazia inconscientemente, com lentidão como se suas mãos não a pertencessem.

Ela era muito bonita. Muito tenra para um bruto como ele. As presas estalaram em sua boca e um rugido vitorioso emergiu de sua garganta. Enquanto apertava o peito com uma mão, dirigiu a outra mão ao tecido que se deslizava pelas panturrilhas e a destroçou por completo. Aquele era o único objeto de vestir que ela usou. Já não tinha nada.

Eileen se assustou diante de sua reação tão selvagem e começou a respirar agitadamente, saindo do transe de desejo que esperava que tivesse sido induzido. Deslizou seus olhos diante sua nudez e se derrubou. Estava perdida.

Caleb erguia a seu lado como um animal a ponto de montar a sua fêmea. Olhava como um louco e ela nunca teve relações nem com loucos nem com possessivos nem com ninguém do sexo

oposto. Nunca sentiu atraída por nenhum homem. Humilhava dar conta de que Caleb, seu inimigo, seu sequestrador, tinha esse poder sobre ela.

Talvez fosse porque ainda queria acreditar que Caleb não era o que parecia. Entretanto, agora parecia alguém fora de controle.

—Desabotoe a calça, rameira — pediu cravando o olhar na virilha.

—Vai à merda, monstro... —gritou ela lutando contra o desejo de fazê-lo. Esse insulto podia acabar com ela. Muito duro muito forte.

Ele soltou um taco e um grunhido e mostrou as presas. Ficou de pé, desabotoou o cinturão e o puxou sobre a cama. Rasgou e destroçou sua calça como fez com os shorts de Eileen, que estavam agora no chão, rasgados por completo.

Seu pênis comprido, grosso como seu pulso e palpitante, ergueu até seu umbigo. Ela não entendia muito sobre tamanhos nem tipos, mas o seu devia ser dos imensos. Quanto mediria? Vinte e cinco centímetros? Algo assim podia entrar nela? Era muito grande. Parecia um semental. Um arbusto de cabelo negro cobria a parte superior de seu púbis. Aquele falo era de pele escura como seu corpo bronzeado e marcavam as veias. A glande, de um rosa pálido, estava úmida e sobressaía como algo que pedisse liberdade a gritos.

Com cada olhada rápida que jogava a seu corpo, aquilo parecia crescer e crescer.

—Disse que me chamasse amo — subiu à cama e a olhou de acima, de pé, como um guerreiro sexual.

Esse homem era esplêndido em sua nudez. Suas pernas estavam tão fornidas tinha os músculos tão delineados e grandes que bem poderiam ser as pernas de um jogador de futebol. E sua cara... Podia dar medo, mas não a ela. Seus lábios, seus olhos, seus maçãs do rosto, seu nariz... Uma cara masculina, mas cheia de vulnerabilidade, como a de um menino. Isso era o que a desarmava. Ele queria lutar por ser agressivo, mas alguém com um rosto angélico como esse não podia ser tão mau. Ou sim?

Eileen teria que mudar seus gostos.

—Por que faz isto? —perguntou ela com a voz afogada pela comoção. —É um monstro de verdade? Quer me assustar?

Mas Caleb não respondeu. Fazia um momento que queria cravar nela, até o mais fundo, até onde seu corpo deixasse chegar, e mais ainda. Essa mulher podia ser sua perdição.

Seu aroma feminino era pura tentação. Seu corpo como o de uma sereia e seu olhar, pelos *Atalayas*[10], estava derretendo. Derretia o gelo que forjou ao redor de seu coração para que ninguém como ela chegasse nunca a cativar.

Ela era uma assassina. Eileen, assassina e ele, um monstro. Poderiam se completar.

Agora iriam colocar as cartas sobre a mesa. Ela teria que admitir o que ele descobrisse e ele desfrutaria de sua rendição. Desfrutaria?

—Sim, Eileen — disse ele com sua aveludada voz. —Sou um monstro e, a diferença que você, eu não nego. Deixe-me que demonstre isso.

---

[10] *É os quatro guardiões dos elementares. Cada um representa a um elemento e cada elemento custódio um ponto cardeal.*

Ajoelhou diante de seu corpo e colocou as mãos debaixo dos joelhos. Dobrou para cima fazendo que flexionasse as pernas e as separou um palmo para ver melhor suas partes mais íntimas. Ela estava exposta diante dele. Seu sexo se abriu para ele.

—Não — tentou fechar as pernas resistindo a sua íntima exploração.

Os lábios internos de sua vulva estavam inchados, úmidos e palpitantes.

—Merda — disse ele agradado enquanto massageava seu pênis de cima abaixo, debaixo do surpreendido olhar de Eileen. —Já está preparada.

—Não, Caleb. Não... Não estou... Eu nunca... —agora sim que estava realmente aterrorizada.

—Chist... —disse ele colocando entre suas pernas. —Se acalme. Vai estar bem. Disse que não faria mal.

Eileen tentou apartá-lo pondo as mãos no peito, empurrando para tirá-lo de cima. Queria detê-lo, dizer que ela era virgem. Tinha medo. Ele podia matá-la com algo assim, poderia rasgá-la.

Caleb empalideceu ao sentir as mãos dela sobre seu corpo, à altura de seu coração. Não foi uma carícia, a não ser um movimento de rechaço absoluto, mas o contato de suas mãos sobre sua pele o bloqueou.

—Não — disse ele com voz perigosamente dócil e respirando nervoso. As mãos queimavam. —Não me toque...

Agarrou os pulsos, agarrou o cinto da calça que deixou sobre a cama e com brutalidade, atou os pulsos aos barrotes da cama. Não queria o contato de suas mãos para nada. Isso o debilitava e o fazia perder o norte. E não queria perguntar por que.

—Não quero que me toque... —fez os nós com força. —Eu me encarregarei de você, mas não me toque — não suportaria essas mãos culpadas de matar seu melhor amigo em cima de sua pele.

Ela soltou um grito seco ao sentir a pressão no pulso. Começou a tremer. Imobilizou-a. Agora sentia mais medo que em todas as horas anteriores desde que o viu em seu quarto. Sim que era cruel. Perdeu toda a bondade do menino que ela queria ver em sua cara. Entre Samael e ele não havia diferenças. Por que acreditou que sim havia?

—Caleb — disse ela apertando a mandíbula. —Estou atada. Será meu pri... Primeira vez — suplicou piedade com os olhos.

Caleb deixou cair às mãos a cada lado da cabeça de Eileen e começou a rir com vontade. Cada gargalhada se cravava em sua alma inocente.

—Será mentira — respondeu ele olhando com raiva. —A quem quer enganar? Sai com esse tipo, Víctor — disse com tanto asco que ele mesmo se surpreendeu.

Eileen se assustou quando ele pronunciou seu nome.

—Esta brincando com isso de que é virgem? Cada noite abre as pernas para ele, mas ele... — roçou a fenda dela de cima abaixo com a cabeça de seu pênis— ele não é como eu.

Eileen esticou diante essa carícia atrevida e Caleb franziu o cenho.

—Se de verdade for virgem, me deixe entrar em sua cabeça para vê-lo.

—Ensina-me como poderia fazê-lo... —estava desesperada. —Eu quero deixar entrar, mas você não pode e não sei por que...

Caleb a escutava enquanto seguia esfregando contra ela. A textura de Eileen o fazia perder a cabeça. Tentou concentrar nela de novo e entrar em sua mente. Mas de novo, a porta estava fechada. Era um muro de concreto enorme que o separava.

—Já não dou mais oportunidades — afirmou com frieza, irritado por não poder entrar.

—Não, Caleb... Víctor é... É me...

—Já sei o que é... —gritou. —Sabemos tudo sobre você. Por que não pede ajuda a ele agora? —afundou sua cara em seu cabelo e inspirou profundamente. —Viria resgatar você?

Eileen sentia um ardor profundo à altura do umbigo, e baixava até concentrar ali onde ele a roçava.

—Se pedisse, ele viria, porque é muito mais homem que você... Mas você o mataria. E sua vida vale mais que a tua, tenho certeza disso, pedaço de animal... —gritou ela.

Caleb voltou a levantar sua cara para olhar sua boca. Havia decisão nesses poços verdes que a vigiavam. Está defendendo a outro homem. Odiava ouvir aquilo. Odiava ver que Eileen protegia a outro com tanta veemência.

—Que a minha, certo — se colocou de joelhos entre suas pernas. Deslizou suas mãos por debaixo de seus quadris, levantou apertando com ânsia e ele acomodou a ponta de seu pênis em sua entrada. —E que a tua também. Mas asseguro que não vale mais que a de Thor nem que a dos filhos de Beatha. Olho por olho.

Com um movimento direto e seco a penetrou de uma só investida. Não por completo. Ela era muito estreita e, além disso, encontrou com uma barreira no caminho que fez retroceder a penetração, mas que conseguiu derrubar com uma forte pressão.

Eileen gritou tentando mover as pernas, apartando a dela, querendo que ele saísse. Sentia que estava partindo em duas. Santo Deus, que dor... Só seus ombros e sua cabeça estavam tocando a cama. Suas costas e seus quadris se estavam a quatro palmos do colchão desenhando um arco perfeito. Caleb a sustentava assim.

Começou a chorar tão afligidamente que tentou esconder o rosto entre seu braço e o travesseiro, mas parecia que a cada espasmo que fizesse ao agarrar ar, esse monstro se cravava mais nela.

Sua primeira vez. Era sua primeira vez. E estava com um vampiro.

Caleb ficou branco. Se o cravassem não tirariam sangue. Estava surpreso. Fechou os olhos com força e tentou dobrar os joelhos para baixar o corpo de Eileen pouco a pouco. Não ia sair ainda, faria mais dano, mas podia modificar a posição de seus corpos. Dirigiu os olhos para ver a zona onde eles dois estavam encaixados. A ele ainda faltava colocar a metade.

Aquilo não era possível. Víctor ia vê-la a cada noite. Isso dizia Samael, isso investigaram. Ela não podia ser virgem. Mas, disse a verdade, não tinha experiência com os homens. Mas os homens de Barcelona não tinham olhos? Se ele a tivesse visto, faria todo o possível por seduzi-la. Se houvesse sido humano...

Não a seduziram e, além disso, penetrou-a quando ainda tinha que estar mais lubrificada. Mas não ia fazer amor. Ele ia foder, isso disse tão crua e duramente. E além de tudo sua comodidade, a ele não devia importar. Mas descobriu que sim importava. Por que se sentia tão mesquinho? Os vaniros keltoi veneram as mulheres, não fazem mal, e menos arrebatam a inocência desse modo. Nem sequer a induziu a que se excitasse com ele.

Mas ela era... Uma má pessoa... Não? Não importava. Não era justificável.

—Saia de mim, monstro filho da puta — pediu Eileen completamente partida em duas e com o cenho franzido de dor. Já não ficava dignidade.

Caleb puxou ar e saiu apenas uns milímetros, mas então se perdeu no fio de sangue que caiu sobre o lençol. Bolo de queijo com morangos. Almíscar. Calor. Desejo. Eileen. Sua primeira vez. Ela era dele. Dele.

Uma quebra de onda de posse percorreu as vísceras. Tentou tranquilizar-se, tentou sair, mas a Eileen doía. Por que devia fazer caso? Ele ia conseguir abater suas barreiras mentais. Não podia sair, não agora. Conseguiria provocar um orgasmo com ele em seu interior, ela liberaria parte da energia que utilizava para erigir as barreiras telepáticas. Ele poderia entrar.

Eileen não podia acreditar que Caleb saísse só porque ela o pedia. Ele era tão grande... E a desvirginou com muita rudeza. Mas parecia que sim iria fazer caso, que sim iria sair se... Mas não. Tinha razão: Caleb não ia ceder. Os olhos avermelharam e estavam nublados pelo desejo e a luxúria.

—Se fizer o que digo Eileen — respondeu ele com voz gutural, — a dor cessará. Era virgem. Não mentiu — reconheceu com a voz enrouquecida. —Mas, agora já não é — sim, claro. Já não era, graças a ele, pensou orgulhoso Caleb.

—Para — pediu enquanto se afogava com as lágrimas, irritada consigo mesma por suplicar a um animal.

Caleb sentiu asco de si mesmo. A vingança não era tão doce como ele supunha.

—Eileen... Eu... —ele queria, mas não podia desculpar. Não sabia fazê-lo. Aspirou o ar e decidiu acabar o que tinha começado. Obteria a informação que necessitava e a converteria. —Só me deixe entrar um pouco mais — impulsionou os quadris com cuidado para diante e se introduziu uns centímetros mais. Notou que ela o queria rechaçar. —Está tão fechada — se abateu sobre ela e esmagou seu peito contra o dela andando na cama. —me deixe um pouco mais... — empurrou com seus quadris.

—Não, faz-me muito mal... —gritou ela com a cara cheia de lágrimas, lutando por liberar os pulsos.

—Sei, sei. Maldição — se lamentou sinceramente. Já não queria causar mais dor. Ao menos se ela se relaxasse. —Fica pouco... E um pouco mais... —introduziu por completo.

O interior de Eileen o segurava com tanta força que estava a ponto de ejacular. Ela era quente e acolhedora. E estava completamente quieta, mas seu corpo tremia violentamente.

—Já está, Eileen — a olhou nos olhos. Pelo Odín, ela estava abatida de verdade. Já não o olhava com esperança de encontrar algo bom no fundo de seus olhos. Agora seu olhar para ele era frio, letal e vazio. Não lhe sentou bem descobri-lo.

Eileen queria perguntar por que falava com ela na cama ou por que explicava o que estava fazendo. Por que queria tranquilizá-la com essas palavras? Por quê? Dava no mesmo o que ela pensasse e se sentiu tola ao pensar que sim que podia importar. Sentiu tola por ter pensado alguma vez que havia um pouco de luz no negro interior de Caleb.

A cara de Caleb estava tensa. Não podia continuar se ela se queixava, já fez mal suficiente. Não ia fazer com nenhuma mulher e ele estava deixando tempo para que se acostumasse a seu tamanho.

Deslizou uma mão entre seus corpos e ela se enrijeceu.

—Nem ocorra.

—Me deixe Eileen — pediu ele apoiando sua frente no ombro dela, respirando forcadamente. —Isto fará que não doa. Só me deixe acariciar...

Na realidade conhecia um montão de jogos preliminares que faziam que a primeira vez de uma garota fosse muito prazerosa. Mas cegado com ela, e quis evitar as preliminares. Agora estava arrependido. De ter sabido que ela era virgem, teria sido muito diferente. Arrependido? Pois sim. Nenhuma mulher deveria sofrer esse trato em sua primeira vez, embora essa mulher fosse Eileen Ernepo.

Chegou ao triângulo de cachos negro e deslizou o dedo do meio entre a fenda.

Tocou indevidamente o ponto onde eles estavam tão intimamente unidos, onde ele estava tão prazerosamente tenso como uma lança enterrado nela. De visualizar essa imagem, cresceu um pouquinho mais em seu interior.

Eileen vaiou da dor. Essa mulher percebia tudo. Ia ser uma amante excelente. Amante não, concubina, teve que se obrigar a lembrar.

Ela já não chorava abertamente, o fazia em silêncio.

Abriu a palma sobre o triângulo azeviche, marcando como dele e mudou de dedo. O polegar deslizou em círculos sobre seu clitóris, enquanto que os outros separavam um pouco os lábios vaginais e os esfregava. Caleb tocava e apalpava com o polegar a protuberância que sabia que dispararia seu prazer.

Eileen sentiu que se relaxava, mas ela não queria relaxar. Caleb estava concentrado nela. Ainda não se moveu desde que se inundou em seu interior até o final. Olhava à cara com uma intensidade própria de um felino a ponto de comer a sua presa. Eileen sentia toda a envergadura de Caleb dentro dela. Todo seu peso e sua altura sobre ela. Sentia quente e intimidante. Abateu o olhar nos olhos de Caleb, que a olhava de igual modo e, por um momento, por um segundo intensamente perturbador, o mundo se paralisou e ambos foram plenamente conscientes um do outro. Como se realmente encaixassem a perfeição como casal, como homem e mulher. A sensação foi tão inquietante e contraditória que Eileen teve que afastar o olhar.

Esse homem cruel e vaidoso se colocou em seu interior como se realmente fosse seu amo e agora a olhava como um tesouro digno de proteger. Não a enganaria. Ele a violentou e tentou se afastar quando ele começou a acariciá-la com mais intensidade.

Seu corpo esticava. Podia sentir uma umidade latente percorrendo seu útero para dar encontro ao membro de Caleb. Já estava se lubrificando. Seu clitóris, inchado, duro e escorregadio. Era inevitável se ele seguisse a acariciando desse modo. Por que seu corpo a traía assim com o vampiro?

Ele respirava entrecortadamente e apertava a mandíbula. Já podia começar a deslizar. Já podia obter o que queria dela.

Caleb colocou a mão livre para capturar a cintura de Eileen. Deslizou para fora quase por completo para logo voltar a se introduzir numa longa e interminável investida.

Eileen gemeu jogando a cabeça para trás. Os músculos distendiam pouco a pouco deixando que ele chegasse onde desejava. Eileen apertou os dentes e puxou a corrente do cinturão. Aquele dedo hiperativo estava fazendo estragos. Não parava de se mover e ela cada vez estava mais escorregadia. E mais envergonhada pela resposta de seu corpo.

—Boa garota — disse ele investindo mais intensamente. —Farei que você goste, já verá.

Por que não se calava e a deixava tranquila?

O prazer de estar dentro dela era algo novo para Caleb. Em seus longos anos de vida teve milhares de relações com mulheres, mas nada se assemelhava ao que era estar com Eileen. Ela tentava aceitá-lo embora ele fosse seu inimigo. Queria deixar passar e isso o tinha louco. Ainda confiava nele? Levantava o olhar e a via ainda com esperanças de encontrar algo bom nele, não a compartilharia com os outros. Via nesses dilaceradores olhos azuis que o olhavam com um pouco de fé nele, não a entregaria ao clã. Ficaria com ele e ponto.

Mas de verdade teria feito algo assim? De verdade teria sido capaz de deixar uma mulher nas mãos de um grupo de vaniros sexualmente descontrolados? O ainda tinha autocontrole, embora entendesse que Eileen não acreditasse nesse momento, mas não estava certo do controle dos outros. Por que se preocupava tanto por sua segurança? Por que sentia a necessidade de mantê-la com vida? Por que ficava doente só de pensar que outros a tocassem e fizessem mal?

Perdeu o fio dos pensamentos quando ela soltou um gemido rouco. Bem. Começava a gostar do que ele fazia e isso o agradava. Deixou de excitá-la com o dedo e passou essa mão por atrás dos quadris para capturar as nádegas com as duas mãos e as levantar para ele.

Ela fechou os olhos. Deus, assim o sentia. Como se cravava mais profundamente... Até onde poderia chegar? Eileen não podia acreditar que aquele ato fora tão intenso. Se seguisse assim, arrasaria tudo o que encontrasse por seu passo. Arrasaria a ela.

Caleb veria tudo vermelho em questão de segundos. O ritmo era incendiário, queimava por dentro e por fora.

Eileen queria reprimir seus gemidos apertando os lábios, afundando sua cara no peito dele, mas era incapaz. Começava a gemer descontroladamente. Caleb, apesar de sua crueldade, deu procuração de seu corpo e ela devia ser honesta e ceder a isso. Não tinha nenhum controle.

Ele abusava dela. Abusava de sua experiência para lhe dar mais prazer do que jamais imaginou, abusava de seu corpo bem maior, para poder abater ao seu menor, abusava de seu poder para dominá-la e fazer que ela o desejasse. Porque Eileen o desejava como o ar para respirar. E seu desejo tinha que estar provocando esse vampiro cru e duro que tinha sobre ela porque, se não era assim, se sua reação não estava sendo induzida, se essa reação era natural... Então ela tinha um grave problema. Síndrome de Estocolmo[11].

Desde que o viu, seu corpo reagia a seu contato, a seu olhar, a suas palavras prejudiciais... Caleb a estava sabotando, estava obrigando a sentir.

Queimava a vagina, sob o ventre, a pele... Queria quebrar o cinto e agarrar ela mesma a cabeceira da cama. Não ia aguentar muito mais. Logo chegaria ao clímax.

Seus olhos começaram a nublar e a cabeça deu voltas. Fechou os olhos para centrar nas sensações de senti-lo dentro dela, movendo agora de dentro para fora, agora em círculos, agora mais rápido, logo lento e profundo. A dor aparecia como um pequeno eco no final de cada investida, mas se mesclava com o prazer. O conjunto que formavam ambas as sensações era turbador.

Olhou Caleb um instante. Era tão formoso. E era tão cruel. E já não aguentava mais.

—Para, por favor... —pediu ela contra seu ombro. Era a única coisa que conseguiu sussurrar, seu cérebro não funcionava. Estava entregue ao ato sexual que Caleb infligia. Sentia que ia desmaiar.

—Não posso... Eu não... Sinto muito, Eileen, mas não posso... —alargou as presas e as pupilas dilataram. Como pararia se agora sumido no prazer mais tormentoso e sensual que havia sentido?

Estava fora de si. Investiu com mais rudeza. A cama bamboleava de um lado ao outro. Ele estava encaixado até o limite: a glande tocava o cerviz dela e o estimulava.

—Não, Caleb. Acredito... Acredito que vou A... —teve que morder o lábio para não gritar a pleno pulmão.

—Sim... —sussurrou ele abrindo os lábios sobre o pulso de sua garganta. —Vamos Eileen— a animou movendo os quadris mais rápido. —deixe levar... Vai ser bom, já verá...

—Não — gritou. —Por Deus...

Ela esticou as costas arqueando por completo, elevou os quadris para encontrá-lo e jogou a cabeça para trás lançando um comprido gemido. Estava gozando.

Caleb perdeu o controle. Sentiu como os músculos dela o engoliam para dentro, como se contraíam e o apertavam massageando até voltar louco. Chegou ao orgasmo com ela. Enquanto a cavalgava rugiu jogando a cabeça para trás, deixando que sua juba negra acariciasse seus ombros. Abriu a boca, olhou o pescoço exposto de Eileen e espetou os dentes aproveitando o comprido orgasmo que sentiam os dois. Ela era sua em corpo e mente.

---

[11] *A Síndrome de Estocolmo (Stockholmssyndromet em sueco) é um estado psicológico particular desenvolvido por algumas pessoas que são vítimas de sequestro. A síndrome se desenvolve a partir de tentativas da vítima de se identificar com seu captor ou de conquistar a simpatia do sequestrador. Pode ser também chamado assim uma serie de doenças psicológicas aleatórias.*

Eileen gemeu e sentiu um prazer doloroso que percorria sua virilha, o interior de seu estômago, seus seios e a zona sensível do pescoço da qual Caleb bebia. OH, Deus, não... Estava encadeando outro orgasmo e ele não deixava de mover. Sentiu como o líquido quente de Caleb, chegava ao estômago, enchia todo o conduto mesclando com seu próprio calor. De repente, umas estrelinhas brancas apareceram sob suas pálpebras, depois uns pontos negros. O que estava passando? Ia perder o conhecimento? Podia ser um fagote de açúcar? Morria? Caleb provocava tudo isso? Fechou os olhos e deixou de gemer enquanto caía ao vazio.

Quando Caleb começou a beber, seu corpo isento de calor humano e seu coração que não palpitaram nunca assim por ninguém enlouqueceram. Com uma mão a agarrou pela nuca para beber melhor, com a outra amarrava sua cintura enquanto seguia investindo com penetrações lentas e profundas. Sentia que a pele arrepiava que se segurava da cama com Eileen... Assombrado descobriu que o estava fazendo, que isso estava passando. Seu poder estalou ao provar seu sangue, doce e quente, e agora estavam levitando sobre a cama e não flutuavam até o teto porque ela estava cruelmente atada aos barrotes do cabeceira como se fosse uma prostituta que gostasse desses jogos eróticos avançados.

Eileen tinha o pescoço jogado para trás e sua longa e bonita juba, caía como uma cascata negra em direção aos travesseiros.

Caleb começou a perceber imagens da vida de Eileen. Eram sequências um pouco imprecisas, mas não havia dúvida do que revelavam.

Suas lembranças começavam à idade de sete anos... Uma noite começaram a cravá-la, diagnosticaram diabetes do segundo tipo. Vinha um homem mais velho a sua casa, um homem que a tenor das imagens acabou tomando carinho...

Eileen praticando natação. Era uma menina esportista e no colégio, tinha bons amigos. Chamavam Ruth e Gabriel. Cresceram juntos, queriam como irmãos...

Viu outra imagem de Mikhail olhando sem nenhum interesse. Dizia que ela foi a culpada da morte de sua mãe, Elena. Ele não a queria. E ela a ele tampouco. Aprendeu a ser indiferente para ele, a não lutar por sua aprovação ou por seu carinho. O coração de seu pai estava fechado para ela e ela se resignou a não reclamá-lo... Mikhail não queria sua filha. E pensar que a tomaram para fazer sofrer a esse idiota...

Eileen estava triste pela morte de seu doutor, Francesc. Um homem mais velho, mas bondoso nos olhos. Um homem que parecia querê-la realmente...

Com dezessete anos, Eileen era já uma beleza reclamada por todos os olhos masculinos que posassem nela. Aprendeu vários idiomas e Mikhail ofereceu um posto de trabalho em sua empresa. Ao ser poliglota poderia desempenhar o papel de vínculo de relações externas da empresa. E assim foi. Ela acreditava trabalhar para uma organização que se encarregava de subministrar material de sala de cirurgia aos hospitais, assim como substâncias para recuperar a uma maior velocidade aos que saíam dos pós-operatórios. Era muito eficiente. Tinha um bom salário, e, além disso... Além disso, acreditava firmemente no que fazia. Não tinha nem ideia do que era realmente Newscientists. Nem das atividades reais de seu pai e de seus trabalhadores.

Para ela, Mikhail era o engenheiro, o inventor de todas essas máquinas. E ela vendia e exportava todo o material...

Eileen já era maior de idade. Estava na verbena de San Juan com seus dois amigos e ela dizia que queria ser pedagoga. Que ia estudar a carreira queria ensinar valores e moralidade nas escolas, trabalhar com as crianças desde bem pequenos...

Apertou mais os lábios entreabriu a sua jugular, mas começou a beber delicadamente esta vez mais.

Os quatro anos seguintes, ela crescia em maturidade e beleza, passando as manhãs na empresa, as tardes na universidade, e as noites em sua casa esperando a que um novo doutor chamado Víctor, visitasse e a cravasse...

Víctor o doutor. Víctor o doutor? Não podia ser. Cravava todas as noites. Tirava uma gota de sangue de seus dedos e olhava o nível de açúcar em seu sangue. Maldição, aquela noite a espetou também, por isso ele detectou seu aroma de quilômetros de distância. Não havia nenhuma empregada que cheirasse assim. Só ela.

Eileen recolhendo um cachorrinho huskie nas estradas da Conrería. Era Brave.

Uma última conversa. Com Ruth, com Víctor... Ela ia partir, estava farta da constante vigilância de seu pai. Ele estava obcecado com ela. Víctor aconselhou que falasse com Mikhail. Ruth a chamou para dizer que decidiram passar o verão com ela em Londres...

Londres... Uma oferta de trabalho. Um projeto em uma universidade. Ela iria viver em Londres e deixaria de trabalhar no Newscientists...

O corpo de Eileen jazia lânguido entre seus braços. Peso morto e frio. Caleb acariciava o cabelo, em um gesto refletivo e inconsciente.

Tirou os dentes e a olhou horrorizado. Ainda seguia deslizando em seu interior, seus quadris seguiam impulsionando em seu interior. Eileen estava branca, desfigurada e tinha os lábios roxos. Derrotada. Seu sangue foi um manjar. Ela era saborosa e aditiva até não poder mais. Olhou consternado. O que fez com ela? Agora eram só movimentos lânguidos. Saiu dela pouco a pouco, e quando o fez sentiu como se parte de seu corpo, de sua alma, se fosse com ela. Já não era o mesmo.

A consciência do que fizeram com ela (sobre tudo ele) fez sentir o ser mais indesejável e ruim de toda a terra. Podia errar tanto com alguém como fez ele com a jovem e preciosa mulher que jazia inconsciente em sua cama?

Havia tornado a dizer a verdade. Não tinha nada que ver com a perseguição dos vaniros. Acreditava trabalhar para uma empresa com fins benéficos para a saúde pública. Não queria a seu pai. Ele não a queria a ela tampouco. Como podia ser que um homem não sentisse afeto por um anjo como Eileen? Ela era boa, boa de coração.

Se Eileen tivesse estado a par do que Mikhail e o resto das sociedades secretas faziam com eles, certamente os teria denunciado. Poria a mão no fogo por ela. Agora faria. Depois de ter visto seu interior, seu coração. Era uma lutadora, uma guerreira que brigava por seus princípios e que denunciava as injustiças.

Mas do mesmo modo em que Caleb acreditava nesse momento, agora... Agora ela conhecia os vaniros. E os temia e os odiava profundamente. Tinha pânico e a ele mais que a ninguém.

Estava doente. Era diabética e agora sabia que não disse nada e que esperava cair cedo ou tarde pela falta de insulina. Não mencionou nada sobre sua enfermidade. Não importaria que preferisse morrer a converter em um algo tão brutal como mostrou que podia chegar a ser um vanirio.

Caleb roçou sua bochecha com a gema dos dedos e limpou uma lágrima que fracamente caía em direção ao travesseiro. Não a acariciou antes. O que ele desejou, grudou como um autêntico carniceiro e não parou até deixá-la sem reservas. Não teve preliminares. Fez movimentos negativos com a cabeça. Ele era uma besta e ela era suave como a seda, como a pele de um bebê. Belo casal. A bela e a besta.

Por que não pode entrar em sua mente antes? O que significava essa névoa espessa que havia em sua memória? Não entendia o que estava passando em sua cabeça, nem por que não o deixou entrar. Se Eileen não tinha poderes mentais, se Mikhail não mostrou como desenvolver aquelas faculdades em sua defesa, isso só passava com os que estavam medicando para resolver problemas neurológicos. Mas não havia lembranças nem pensamentos dentro de sua cabeça que fizessem menção a algum problema mental.

E seu sangue estava tão delicioso... E era tão relaxante que só queria tombar a seu lado e dormir com ela. Aquela ideia sim que não era normal. Algo ia mal.

Caleb sentia um torpor profundo que o obrigava a fechar os olhos. Tomava Eileen alguma outra medicação para conciliar o sonho? Mas não havia nada em sua memória que demonstrasse essa cabala. Devia escapar.

Colocou os dedos indicadores e coração à altura do pulso de seu pescoço. Deus esteve a ponto de matá-la em meio dessa cópula brutal e frenética a que a submeteu. Nunca antes foi assim. Com ninguém. Mas ainda tinha pulso, débil e lento. Pulsava aí, sob seus dedos. Eileen lutava por sobreviver, brigava como uma guerreira amazona que demonstrou ser.

Caleb esticou a mandíbula. Foi um porco mesquinho. Mas não havia tempo para lamentações. Certo que mais tarde haveria. Agora o corpo de Eileen o necessitava. Tirou a correia do cinto e esfregou com o polegar as marcas que deixou nos pulsos.

Fez um corte no pulso com as presas e a aproximou de seus lábios... Mas parou a meio caminho.

Não. Não ia fazer. Se fizesse, a vincularia a ele por toda a vida. Ela não merecia nada do que passou nada absolutamente. Eileen merecia que as pessoas a quisesse e que cuidassem como um tesouro. Fazia tempo que ele não via uma mulher com sua fortaleza e sua moralidade. Se ele percebeu... Maldição... Como reprovava a si mesmo sua cegueira... Ela não merecia ficar atada a ele.

A repassou dos pés à cabeça. Estava fascinado com seu corpo, com seu rosto, com seu caráter e com sua valentia. Enfrentou com uma galhardia digna de elogiar. Enfrentou a dezenas de vaniros ela sozinha.

Pelo Odín... Estava voltando a ficar duro em apenas contemplá-la. Nunca passou algo assim com nenhuma outra mulher. Jamais. Ele se deitou com muitas fêmeas, mas só para desfrutar de uma transa rápida e carniceira. Sempre as deixava rogando que desse mais. Mas ele nunca sentiu conexão alguma com elas.

Mas com Eileen... Foi explosivo. E queria mais. Há todas as horas com ela. De lado, de costas, contra a parede, de joelhos... Só com ela e com ninguém mais.

Um suor frio percorreu seu pescoço deslizando por suas costas nuas.

Seria tão cruel o destino como para que a única mulher que ele tratou tão desrespeitosamente fosse seu verdadeiro par? Era Eileen sua cáraid? A única que despertaria nele a capacidade de amar de novo e de saciar sua fome? Sentia satisfeito como nunca. A fome eterna ao que os deuses confinaram os de seu clã. O desejo de encher constantemente seu estômago desapareceu desde que bebeu de Eileen. E isso só podia significar uma coisa.

Não, por favor. Aproximou desesperado e egoísta seu pulso aberto e sangrando a boca meio aberta de Eileen. E a voltou a tirar. Queria ligá-la a ele. Sentia com ela. Ele foi o primeiro. Ninguém mais poderia reclamá-la, ele não o permitiria. Mas não era justo. Não para Eileen.

—Não posso fazê-lo — sussurrou ajoelhado diante e agachando a cabeça.

Se ela era a mulher que seu corpo exigia para compartilhar a eternidade com ele, então esperaria ganhar sua confiança. E se ela o rechaçava bem merecido. Mas então ela teria que matá-lo, porque ele não poderia sobreviver sem seu corpo e sem seu sangue, e menos quando já a provou. Menos quando já a conhecia e por fim se encontraram.

Já era suficiente. Caleb, acorda...

Tinha que deixar de pensar em cáraids e em ideias românticas.

Eileen era uma garota inocente, formosa e capaz de se juntar a uma múmia se o propuser. Tinha muitas virtudes, e coragem e caráter entre outras coisas... Mas não havia mais. Nada profundo que os vinculem.

A puxou. Esteve muito mal com ela. Talvez pudesse arrumar a situação entre eles uma vez despertasse... Claro, e ele talvez pudesse ir à praia em um dia ensolarado.

Ergueu o queixo e elevou nos braços. Entrou com ela no banheiro e as luzes azuladas se acenderam automaticamente. As paredes tinham azulejos de mosaico em tons cinza escuro e azul claro. O chão de parquet, escuro como o quarto. O banheiro era de desenho, com um jacuzzi ao mesmo nível chão, um complexo de ducha hidromassagem com poltrona para sentar, inodoro e lavabo. E um excelente móvel de madeira com duas lanças para assear.

Sentou na poltrona da hidromassagem com ela em cima e puxou uma toalha azul escuro que pendurou sobre o aquecedor da parede. Molhou com a mangueirinha da ducha e abriu as pernas de Eileen. Limpou os sinais do ato sexual e os restos de sua perda de virgindade. Logo se limpou e saiu de novo para o quarto. Assim que perceberam que já não havia ninguém no banheiro, as luzes com sensores de calor humano se apagaram.

Caleb a cobriu com os lençóis negros manchados do sangue de ambos.

—Está bem — sussurrou enquanto a enrolava com o lençol. A elevou nos braços e se dirigiu à porta do quarto. Esta se abriu automaticamente e saiu embalando-a como a uma menina pequena. —Tudo isto passará rápido — apoiou a bochecha sobre sua cabeça e a esfregou com ela em um gesto tenro e carinhoso.

Baixou as escadas e se dirigiu ao salão. A estirou sobre o sofá. Tinha o corpo cheio de contusões. O pulso negro e quebrado, a cara machucada e arroxeada, os pés feridos, os joelhos cortados e, quando despertasse, ia sentir dor em suas partes mais íntimas. E agora, o pescoço se somava à multidão de golpes, feridas e contusões que a inocente jovem sofreu.

Correu de novo à parte de acima e entrou em outro quarto selado com uma dessas portas automáticas, saídas mais de um filme do Star Wars, que de uma casa de projetada como aquela. Em seu interior havia outra sala circular repleta de armários embutidos. Era um armário.

Agarrou uma camiseta negra de manga curta ajustada (tinha um grande sortido destas) e uns jeans largos Levis. Colocou um calçado esportivo informal negro e abriu uma das gavetas. Pegou um celular iphone de última geração e saiu. Pressionou com o indicador a tela touch e procurou um dos telefones que havia na agenda de contatos.

Chegou ao salão, se dirigiu ao sofá, colocou uma mão sob a cabeça de Eileen, elevou e se sentou debaixo para fazer de almofada. Ela seguia inconsciente e com uma anemia excessiva.

—Caleb? —perguntou uma voz ao outro lado do celular. —O que faz chamando? Teria que estar pegando a essa beleza malvada que...

—Basta, Cahal — cortou ele. —Me escute bem. Equivocamos com ela.

Cahal ficou em silêncio uns segundos.

—O que quer dizer?

—Eileen não tinha nada que ver com os procedimentos do Newscientists. Não sabia o que fazia seu pai, mal se conheciam apenas. Mikhail a ignorava, não a queria como um pai deveria querer a sua filha.

—De que falas, cara?

—Falo de que a cagamos... Caguei... Ela é inocente.

—Não me fode, Caleb.

—Necessito Cahal. Estive a ponto de matá-la.

—Não deu de beber ainda?

—Não vou fazer.

—Faz.

—Não posso.

—Tem remorsos agora? Faz e logo todos pediremos perdão e a ela passará tudo — grunhiu nervoso. —Não há volta atrás, não vai esquecer. Ou a faz um dos nosso ou...

—Me acredite — a olhou angustiado. —Sei, mas não posso fazer.

Cahal soprou mal-humorado.

—Não é momento para princípios, Cal.

—Acha que não sei?

—Vá merda... O que quer que faça?

—Vêem a minha casa. Necessito que me ajude a averiguar algo.

—Estarei aí em uns minutos.

—E avisa a Menw. Necessito que me traga sangue para fazer transfusões.

Houve um silêncio.

—Conta com isso.

—Obrigado, irmão.

—De nada. Ouça... Encontra bem?

Caleb pensou em todas as coisas horríveis que fez ao anjo que jazia sobre suas pernas e respondeu:

—Acredito que acabo de assinar minha sentença de morte — e se ela era sua cáraid de verdade? A Freyja destinada a pertencer em corpo, mente e alma? Agora que sabia a verdade, que se deitou com ela, que bebeu... Tinha uma ereção constante e uma sensação de vazio, pesar e temor por... Deixar de vê-la? Perdê-la? Era frustrante não saber o que passava.

—Não diga isso. Vou para lá correndo.

Caleb desligou e baixou o olhar ao rosto bonito e formoso que os vaniros, sua raça, tinham maltratado. Repassou suas olheiras com os dedos e afastou algumas mechas de cabelo negro que lhe caíam pelo pescoço.

—Sinto muito — sussurrou afetado.

Capítulo 5

Eileen estava em um lugar que acreditava nunca ter visto embora a sensação de familiaridade a contrariava. A seu redor, tudo eram luzes e sombras que se misturavam como pintura amarela e cinza. A luz do sol ficando entre as montanhas, convidando de noite a que caísse sobre a terra. Ela dando voltas sobre si mesmo com os braços estendidos em um bosque misterioso, esperando que alguém saísse entre as sombras que criava a lua com sua luminosidade. Alguém querido, alguém amado, alguém desejado e esquecido durante muito, muito tempo... Uma silhueta apareceu entre a vegetação. Era um homem alto e corpulento, tanto que enquanto aproximava, ela tinha que jogar a cabeça totalmente para trás. Não podia ver a cara... A imagem era muito imprecisa.

—Boa noite, minha bela Aileen — dizia enquanto se agachava e a pegava nos braços.

O calor humano e o afeto eram tão reconfortantes quando se sentiam tão sinceros... Quem era esse homem?

—Estive todo o dia perguntando por você — dizia uma voz melodiosa e feminina atrás dela. —E meu *atrair*[12]? Perguntava. Sabe poucas palavras, mas essa foi a primeira que aprendeu. Adora.

[12] *Em celta gaélico significa pai.*

—E eu a ela — respondia o homem. —E você?

—E eu o que? —perguntava a mulher de um modo divertido e coquete. —Adora meu amor? —parecia que a puxava da cintura e agora as abraçava a ambas.

—De um modo que até me dói.

—Diga isso diga isso em minha língua — rogou.

A mulher soltou uma doce gargalhada.

—*Is caohm lium thu a, mo ghraid*[13].

A mulher se aproximou para beijá-lo. Por que demônios não podia ver o rosto?

Aquela imagem se converteu em uma espiral vertiginosa que não deixava de dar voltas a toda velocidade. A espiral parou e apareceu outra imagem.

A mesma mulher estava com ela. Não a via claramente, mas a percebia, sentia. Era um dia ensolarado, aproximava o crepúsculo.

A mulher a abraçava com força e sussurrava uma canção ao ouvido. Do que soava aquela canção de ninar? Sua voz a relaxava e inclusive podia chegar a perceber seu aroma. Cheirava a morangos e a pêssego.

—Aileen — acariciou o cabelo com doçura. —Athair já está aqui.

O homem se aproximou dela, beijou-a na bochecha e as cobriu a ambas com uma manta negra as abraçando com necessidade e posse.

—Como estão minhas duas meninas?

—Melhor agora que você está aqui.

Houve um silêncio entre eles.

—Hoje tem feito muito sol — observou ele. —Aileen esteve bem?

—Sim — respondeu a mulher sorrindo. —Temo que esta jovenzinha — agarrou sua mãozinha e beijou os dedos— decidiu que ainda não quer parecer com seu athair.

O homem acariciou seu nariz com a dela.

—Me alegro — disse. —Só tem três aninhos, pequena. Não seria justo.

—Tampouco o é para você — respondeu a mulher.

—Não me faz falta — disse ele encolhendo os ombros. —Já tenho a vocês para iluminar minha vida.

A imagem voltou a desaparecer e dissipar. Estava desvanecendo, ia, quando se encontrou bruscamente em outro cenário.

Corriam a muita velocidade. O homem as pegou ambas e esquivava árvores, pedras, ramos e rios... Carregava nos braços.

Fugiam de algo ou de alguém.

O homem caiu violentamente com elas bem amarradas a ele. Colocou seu corpo para que não sofressem o golpe.

Dirigiu o olhar ao joelho do homem. Sangrava e estava quebrado.

---

[13] *Em gaélico significa Quero-te, meu amor.*

—Aileen... —disse a mulher agarrando pelos ombros. —Está ferida? —inspecionou angustiada. —Não? Querida, me olhe.

Toda sua atenção no rosto da mulher. Parecia formosa, mas sua voz se quebrava de medo. Era cabelo negro e comprido o que via? Olhos... Verdes?

—Athair está ferido — continuava a mulher.

Voltou a desviar o olhar para o homem, que fazia um torniquete no joelho com uma parte de tecido de sua própria camisa. Olhou o ombro da mulher que também sangrava. Parecia tão assustada.

—Querida, me olhe nos olhos. Bem, céu. Muito bem, é muito valente. Papai e mamãe guardamos umas coisas muito importantes. Estão enterradas na pedra mágica da ponte do West Park se lembra da pedra, meu céu? Sim? Que orgulhosa estou de você... Quero que corra até ela, desenterre os objetos e o leve aos *Madadh-allaidh*[14]. Lembra princesa? Lembra onde estão eles?

—Aileen — o homem alongava a mão para ela até que a agarrou. —Meu *ál*[15], Aileen. Faz tempo que não vamos por aqui, quase seis anos... Lembra Wolverhampton? Lembra o parque? Não fica muito longe daqui, minha vida. Sim, pequena? Pelos deuses... —sussurrou angustiando. —Que coisinha mais bonita fizemos Jade — olhou à mulher com veneração. —Será tão formosa como você.

A mulher se sacudia enquanto chorava.

—Venham aqui — rogou ele. A mulher chamada Jade correu para ele e o abraçou soluçando.

Ela sentia que estava esmagada entre os dois, e que também chorava.

—Mais de dois mil anos em solidão valeram a pena para isto — disse ele limpando as lágrimas. —Peça aos Madadh-allaidh que levem diante o *AnDuineDoch*[16]. Repete o que te diz athair, Aileen.

—AnDuineDoch... — repetia enquanto sorvia o nariz. —Mas*... cha b 'meu éid, athair*[17].

—Não, Aileen. Ainda não é como eles, mas será — disse ele juntando sua frente com a sua. —Será e mudará as coisas.

Aquele homem tinha o cabelo comprido e murcho, de cor negra. E seus olhos eram... de cor violeta? Violeta, claro...

—Você encontrará os presentes, princesa. E nunca se sentirá perdida, minha doce Aileen — a beijou na bochecha. —E lembra que mammaid e athair quererão sempre, sim?

—*Is caomh lium Aileen glé mhor a mammaid a athair*[18] — os abraçou com força e chorou desconsolada.

—*Is caomh lium thu glé mhor* Aileen[19] — responderam os dois de uma vez, tentando levar a lembrança daquele momento com eles.

---

[14] *Em gaélico significa Besta-lobo.*

[15] *Adjetivo gaélico que significa jovem e adorável.*

[16] *Em gaélico significa o homem da noite.*

[17] *Em gaélico significa mas eles não é como eu, pai.*

[18] *Em gaélico significa amo muito, papai e mamãe.*

—Agora, corre... Corre e não olhe para trás... —gritou o homem enquanto ficava de pé em posição de defesa.

As imagens se voltaram confusas... Ouviu gritos e corpos desabar no chão. Corria para aquele lugar, estava a ponto de chegar. Sentia a umidade do bosque, o aroma da noite e ouvia a água do rio. Correu tanto como pôde... e então... zas... Algo bateu na cabeça... e um redemoinho negro a absorveu.

Caleb observava Eileen de pé e com os braços cruzados. A garota franzia o cenho e os lábios como se estivesse perecendo. Prometeu que não ia entrar em sua mente até que não desse permissão. Aparecer em seus sonhos depois do que fez poderia conduzir um grande e doloroso pesadelo. E ela devia descansar.

Menw e Cahal estavam sentados ao redor do sofá onde jazia o corpo da jovem.

Menw havia trazido seis bolsas de sangue de um litro para fazer as transfusões. Estavam na última e, pouco a pouco, embora ainda estava muito pálida a parte de machucada e arroxeada, ia recuperando a cor. Os dedos das mãos, não estavam frios nem as unhas quebradas. Os lábios voltavam para seu tom rosado escuro tão atraente para Caleb e agora já não marcavam tanto as veias. Que mal o fez tudo...

Quando os dois irmãos loiros e imponentes entraram na casa e a viram no sofá, Cahal franziu o cenho e Menw fez negações com a cabeça.

—Não pôde controlar muito pelo que vejo — disse Menw apressando a tirar o sangue, os tubos intravenosos e as agulhas. Trazia com ele o suporte de ferro para pendurar as bolsas e o colocou ao lado de Eileen.

—Não — respondeu ele a secas.

—Por alguma razão em especial? —Cahal o olhou de esguelha. A pergunta tinha várias intenções. —Ceguei.

Cahal permaneceu olhando um bom momento. Tentava averiguar se ele havia sentido algo especial com ela. Caleb permaneceu sereno e inabalado.

—Não siga Cahal. Não foi mais que um deslize — recriminou com os olhos cravados no Eileen.

—O que você diga, amigo — elevou as mãos em sinal de desculpa. —Bom... —baixou os braços e exalou ar bruscamente. —Para que me necessita?

—E Samael?

—Encerrado durante sete compridos e relaxantes dias — respondeu Menw enquanto abria a mala ao lado do sofá.

—Tem que meditar sobre o que tem feito — disse Caleb.

—Estou de acordo — apoiou Cahal cruzando os braços. —E bem? Do que se trata?

---

[19] *Em gaélico significa queremos, Aileen.*

—Você detecta as substâncias no sangue, Cahal — afirmou Caleb. —Assim é.

—Eileen é diabética. Tem diabetes do primeiro tipo.

—Não acredito — disse ele meneando a cabeça de um lado ao outro.

—É — respondeu Caleb confuso.

—Não, não é — assegurou Cahal acariciando seu rabo-de-cavalo. —Vi em sua mente. Cada noite, esse tipo, Víctor...

—Víctor seu namorado?

—Não, Víctor era o doutor — respondeu com um estranho ressentimento. —Visitava para administrar insulina.

—Era seu doutor? —perguntou surpreso Cahal.

—Sim, era seu doutor — admitiu Caleb envergonhado. —Eileen não gosta das agulhas e seu pai não a tocava nunca, assim que ele não o ia administrar. Víctor era o doutor familiar.

—E nada mais? —olhou de cima abaixo com surpresa.

—Não — claro que não. Caleb sabia melhor que ninguém que ela era virgem. —Me conte por que Eileen não é diabética.

—Sabe que tenho o gosto e o olfato muito desenvolvidos. A diabetes troca o aroma corporal e faz que a pele segregue uma substância aromática parecida com a maçã. Os humanos cheiram só a aqueles que têm o aroma forte, mas eu os cheiro a todos. Cheiro a metros de distância. É uma característica que desenvolvi com a medicina ayúrveda[20] na Índia — Cahal viajou muito para aprender a controlar e para estudar os impulsos de seu corpo imortal. —Os índios acreditam que os aromas, quando se trabalham, ajudam a diagnosticar ou corroborar enfermidades. Os corpos mudam quando estão doentes, segregam suor e trocam a constituição molecular de sua água corporal. Então modificam seu perfume pessoal.

—E Eileen não cheira assim?

—Ai, amigo — deu uma palmada nas costas. —Você sabe tão bem como eu a que cheira esta bonequinha. É um adorável pastelzinho de framboesa. Isso é inegável, seu perfume... mmm... embriaga.

—É claro que sim — disse Menw observando o trajeto do sangue da primeira bolsa à veia do braço de Eileen. —Caleb, quase a mata — recriminou. —Não notou que era especial enquanto bebia dela? —grunhiu. —Não pôde parar?

—Acha que é fácil? —respondeu Caleb com o mesmo tom— Você deveria saber melhor que ninguém o que se sente ao beber de...

—Espera... —interromper Cahal. —Lamento interromper, mas não comece a transfusão, Menw.

—Ou a começo ou morre — respondeu Menw encolhendo os ombros.

---

[20] *A medicina ayurvédica é um sistema baseado nos milenares Vedas e na antiga tradição védica, que oferece conhecimentos práticos de como ter uma vida saudável e significativa. A sabedoria védica é atemporal, ilimitada e, portanto, de grande importância nesta época (Frawley, 1996). Os primeiros documentos históricos relativos ao Ayurveda foram encontrados no Rig Veda e no Atharva Veda, dois dos quatro vedas principais da antiga Índia. A palavra "veda" significa literalmente conhecimento (Verma,1995).*

—Me deixe prová-la — sugeriu Cahal. —E assim verei do que tratam a esta garota.

—Nem pensar — Caleb apertou os punhos e ficou tenso.

—Não quero mordê-la. Merda, Caleb. Acaso é tua? —perguntou esperando que seu amigo admitisse o que ele notou. Não houve resposta. —Bastará com uma gota.

—Espetarei em um dedo — Menw agarrou uma agulha e a espetou. Quase teve que esmagar a almofadinha dos rastros digitais para que saísse uma gota de sangue. Caleb chupou-a como se tratasse de uma esponja. —Pode que não seja diabética, mas tem alguns dos dedos das mãos cravados. Trataram como se fosse.

—Me deixe ver — disse Cahal. Ajoelhou a seu lado e grudou a mão morta das mãos de Menw. Inspecionou os dedos e assentiu com a cabeça. Logo dirigiu o olhar ao dedo do meio e ficou cegado pela pérola de sangue da garota. —Terá que ser um titã para ignorar tão suculento manjar. Não acha Caleb?

Caleb franziu o cenho e Cahal viu como um músculo do queixo começava a palpitar. O loiro, com toda sua formosura, inclinou os lábios para o dedo de Eileen, tirou a língua, introduziu o dedo em sua boca e o chupou como se fora um caramelo.

Caleb grunhiu, caminhou para ele, e grudou o pulso de Eileen para afastar de sua boca com brutalidade. Faltou dizer: é minha... Cahal caiu ao chão de traseiro com os olhos fechados concentrando no sabor de Eileen.

O vanirio esteve a ponto de agarrá-lo pelas lapelas da camiseta vermelha ajustada que usava, mas Menw o parou com a mão.

—Deixa. Está fazendo seu trabalho, Caleb.

Cahal permanecia sentado, ainda não abria os olhos. Ao pouco tempo se levantou e ficou de pé frente de Caleb.

—Não é diabética, Caleb — disse sorrindo. —E por certo, acredito que tampouco é tua a não ser que diga o contrário.

O aludido entrecerrou os olhos. Conhecia Cahal e sabia que seu amigo loiro o estava provocando, incitando a que reclamasse Eileen. Seu amigo Cahal o faria às cegas só para proteger aos vaniros, não porque a quisesse ou a desejasse. Cahal temia às represálias de Eileen. Ela seguia sendo a filha de Mikhail. Depois de como a trataram os vaniros, nada fazia pensar que Eileen não passasse a seu pai na perseguição dos de seu clã. Se ela era vingativa, faria.

Entretanto, Eileen demonstrou a Caleb, graças a sua intromissão mental, que ela não era assim. Caleb estava convencido de que quereria esquecer de tudo vivido, afastar dali, deles e dele e começar uma nova vida em qualquer outro lugar com seus projetos e seus sonhos... Tentaria ser feliz e não ficar traumatizada. Tentaria ser feliz... com outro homem? Um calafrio percorreu a espinha dorsal de Caleb. Aquela ideia começava a resultar irritante e ardia mais do necessário.

Se quase bateu em Cahal por chupar um dedo...

—Eileen segue estando em minha responsabilidade, Cahal. Confia em mim. Não farei nada que prejudique os nossos — assegurou Caleb.

—Se devolver a humanidade, fará — respondeu ele relaxando e baixando os ombros. —Transforma. Se assegure de que seja uma a nós, de que não esteja em nosso contrário. É humano e tal e como a tratamos pode vingar soltando tudo. Esse é meu conselho. Você é seu amo, você decide.

—Não, não sou — negou ele rotundamente. Com que direito ia ser agora? Não foi antes tampouco. —Mas ela está em minha responsabilidade, só no momento.

—Como queira Caleb. Confiamos em você — afirmou Menw com um olhar conciliador.

—Bem — assentiu mais tranquilo. —Me conte — o animou com a mão.

—A insulina de seu sangue é natural, não química. Seu pâncreas segrega bem. Hidratos de carbono, gorduras e proteínas... perfeito. Não há nenhum transtorno metabólico que o altere. E não há hiperglicemia. Os níveis de glicose em seu sangue são estáveis. Está perfeita. Mas isso você já sabe... —disse como quem não quer a coisa. —Entretanto, há uma substância aderida no sangue.

Caleb franziu o cenho com atenção.

—Trata-se de... —Cahal saboreou uma vez mais. —Uma solução controlada de propranolol e placebo.

—Drogas? —perguntou Menw. —É uma drogada?

—Não pode ser — cortou secamente Caleb. —Seja o que seja o que injetavam, Eileen estava convencida de que era insulina para sua enfermidade. Ela nunca usou drogas. Teria visto em suas lembranças...

—Mas as subministraram. Estas injeções não continham insulina — deduziu Menw. —E se fingiam tratar a de diabetes?

—Qual é a função dessas substâncias, Cahal? — perguntou Caleb aproximando de Eileen inconscientemente e sentando no braço do sofá, ao lado da cabeça morena da jovem. Não deixava de olhá-la.

—São beta bloqueadores. Bloqueiam as lembranças e fazem desaparecer os sonhos e os pesadelos.

—Acredito que estas substâncias —Menw mudava outra bolsa de sangue— são as que os médicos do governo dão aos militares que participaram de guerras, como a do Golfo ou a do Iraque. Anulam as lembranças e permitem parecer dóceis. Caem quase em coma.

—Estão dizendo que drogavam a esta garota cada noite dos sete anos?

—Dos sete? —Menw assobiou. —Caramba...

—Isso acredito Caleb — afirmou Cahal. —Não encontrou nenhuma lembrança traumática por aí? Algo que incitasse a dar propranolol...

—Não — Caleb sacudiu a cabeça e acariciou uma mecha azeviche de Eileen. Os dois loiros o olharam perplexos. Ele nunca fazia essas coisas. —Suas lembranças começam a partir dessa idade... mas... não sei... é tudo tão confuso.

—A partir dessa idade, você disse. O que passou antes?

—As pessoas começam a armazenar lembranças conscientes a partir do primeiro ano — sussurrou Cali sem deixar de acariciar o cabelo. Quando percebeu do que fazia, afastou a mão rapidamente. Cahal sorriu maliciosamente. —Onde esteve? O que passou com sua memória?

—Seja o que seja não queriam que lembrasse — comentou Menw. —Tem uma fratura no pulso. Vou enfaixar.

Caleb dirigiu o olhar aos braços de Eileen. Não só tinha uma fratura no pulso, mas também o cinto deixou marcas em ambos. Sentiu que o estômago dava voltar ao lembrar o que fez.

—Esse idiota do Mikhail... Ele era seu pai — disse Caleb enojado. —Como pôde drogar sua filha a tão nova idade?

—E sua mãe? —perguntou Menw. —Alguém teve que pari-la, não?

—Não há lembranças de sua mãe. Ela morreu no parto ou ao menos isso é o que há na mente de Eileen.

—O diria Mikhail, suponho.

—Entre outras coisas, sim. Culpava Eileen da morte de sua mulher.

—Vá desgraçado — disse Cahal. —Sabe? Acredito que essa era a razão pela que não podíamos entrar em sua mente quando a vimos. A droga estava em pleno efeito. Sacudia seu cérebro e seu sistema neuronal.

Caleb não podia acreditar nada do que estava passando.

—Terá que desenterrar o corpo de Mikhail — Menw tirou a bolsa de sangue vazio e a substituiu por outra. —Ou isso, ou falar com Samael para que revele o que viu nas lembranças de Mikhail.

—Não podemos falar com Samael. Está afastado na sala da fome — respondeu Caleb. —E de nada nos serve o sangue de Mikhail uma vez morto. Não podemos ler em sangue morto, sem energia vital.

—Então só fica esperar a recuperar a garota — assinalou Menw com um gesto de sua cabeça. —Pode ser que possamos a induzir para que nos deixe entrar em seu subconsciente. Suas lembranças estão aí, só terá que abrir a porta.

—O que averiguou sobre seu trabalho?—perguntou Cahal.

—Não sabia nada do que faziam no Newscientists. Ela contatava com cinco pessoas que eram os vínculos dos centros de investigação da organização no exterior. Nova Orleans, Romênia, Escócia, Canadá e Inglaterra.

—Além da Espanha, claro — disse uma voz feminina atrás deles.

—Daanna... —Caleb se surpreendeu ao vê-la.

Sua irmã caminhou para o sofá com gesto decisivo. Reclinou sobre Eileen e olhou Caleb furiosa.

—Quase a mata — disse ela apertando os dentes. Sim, isso já o haviam dito.

—Daanna... o que faz aqui? —perguntou ele. —Quanto tempo leva escutando?

—O suficiente para saber que é uma garota inocente. Trouxe roupa para ela — assinalou uma mala dura e de cor negra que deixou na porta. Enrugou a frente e as sobrancelhas. —Não ia permitir que a levasse nua de um lado ao outro. Não sou tão indiferente.

—Vá, Daanna... Todo isso sem saber que não tinha nada que ver com os assassinos — sussurrou Menw com um sorriso encantadoramente falso. —Se até tem coração...

Daanna o olhou friamente e logo o ignorou.

—Não matamos os humanos por prazer. Nem deveríamos sentir prazer quando o fazemos — sussurrou irritada. —Só em defesa própria e se estivermos em condições desfavoráveis, e sempre e quando, sejam humano poluídos.

—E... este não era o caso? —perguntou Menw com ironia.

—Pode ser que sim. Mas seguia sendo uma mulher indefesa e não tinha por que deitar com ela e convertê-la. Converte às autênticas cáraids, não às que não são — isto último o remarcou muito bem olhando a Menw. —Se havia um castigo, era o sacrifício e não o nos desfrutar em sua dor. E seus códigos morais? Onde está a lealdade a seu juramento?

Menw soprou com ironia.

—Algo que dizer Menw? —perguntou elevando a sobrancelha de um modo suficiente.

—Eu? —destacou a si mesmo com gesto provocador. —Nada, só me surpreende ouvir as palavras *lealdade e moralidade* em sua boca, princesa.

—Não me chame assim — tinha as mãos em punhos a cada lado de seu corpo.

—Vocês dois... Para quando é a transa da reconciliação? —perguntou Cahal desfrutando do espetáculo.

—Se cale Cahal... —gritaram os dois de uma vez.

Caleb olhou Cahal e teve que controlar sua vontade de começar a rir.

Daanna olhou fixamente Menw e foi recíproco. Logo afastaram a cara de uma vez, como dois meninos pequenos.

—Como vai? —perguntou ela finalmente desviando sua atenção do loiro do cabelo recolhido em uma presilha.

—Menw está fazendo transfusões — explicou Caleb. —Recuperará.

—Já há a converteu...? —disse alarmada.

—Não — respondeu Caleb ruborizando-se.

—Assim que meu *bráthair*[21] se arrependeu — disse orgulhosa dele.

—Não confie, irmãzinha — disse ele erguendo. —Não fiz porque descobri que ela não tinha nada que ver.

—Bom — encolheu os ombros. —Suponho que quando viu que ela não tinha nada que ver, como você diz, caiu o mundo em cima pelo que fez e decidiu não roubar sua vida, sua humanidade. Teria equivocado se o tivesse feito, Caleb. Teria matado igualmente quando encontrasse seu verdadeiro casal. Teria morrido de necessidade por você. Alegro-me que não tenha sido assim — esclareceu a garganta e olhou de esguelha a Menw. —Um homem tem que

[21] *Em celta gaélico significa irmão.*

saber quando parar. Não como outros que assim que se apresentou a oportunidade de puxar tudo o que se meneava, não duvidaram em converter a primeira que o juntou.

—Isso foi um engano — disse Menw entre dentes seriamente aflito pela acusação.

—Ah, sim? E quando foi um engano, Menw? Enquanto puxava isso ou quando espetou as presas? Não, o melhor... —estava tão tensa que podia quebrar em qualquer momento. O olhava de esguelha, vermelha da raiva — foi quando deu de seu pescoço para que provasse.

—Quando vais superar, Daanna? —Menw colocou uma máscara de frieza e indiferença, mas a dor seguia latente nas profundidades de seus escuros olhos azuis.

—Você se valoriza, Menw. Não há nada que superar — sorriu ela tentando manter a compostura.

—*Mada-ruadh*[22] — disse ele fechando a conversação.

—Menw, não volte a insultá-la —Caleb decidiu formar parte da discussão— ou terei que lhe dar uma surra...

—*Cianoil choin*[23]— respondeu ela recolhendo a mala iradamente.

—Daanna, querida... —disse Cahal brandamente. —Essa língua...

—Saiam daqui — ordenou ela a todos. Estava irritada com Menw e com seu irmão, mas sobre tudo com ela mesma. Podiam passar anos, séculos e milênios. Ainda não aprendeu a ser indiferente às palavras de algumas pessoas. —Vou troca-la.

Caleb a olhou inabalado.

—Tem que seguir nua quando despertar? —perguntou ela arqueando as sobrancelhas. —Não, irmãozinho. Já abusou suficientemente dela.

—Sim, será melhor que a tampe — sugeriu Cahal. —A garota está muito boa para três homens sexualmente ativos como nós.

Caleb tentou fazer ouvidos surdos ao comentário de Cahal. Não queria sair, não queria afastar dela. Mas por que, merda?

Fazendo provisão de forças e vontade saiu dali quase arrastando os pés. Teve que agarrar Cahal pelo pescoço para que viesse com ele e com Menw. Este último seguia olhando de um modo desafiante a Daanna.

Daanna procedeu com grande eficácia na hora de vestir Eileen.

—Que animais... —sussurrou repassando com seus dedos as feridas do corpo da garota. —Com um pouco de sorte, superará. Parece forte. Meu irmão é muito rude quando quer — dizia enquanto vestia a calça, - mas só está esperando que alguém entre nessa câmara couraçada onde tem o coração. Sabe?

Quando acabou de vestir. Penteou e desenredou o cabelo. Daanna acreditou que era precioso.

Levantou e avisou os outros de que já podiam entrar.

---

[22] *Em celta gaélico significa puta.*

[23] *Em celta gaélico significa cão asqueroso.*

Os três se sentaram ao redor de Eileen. Vestida com uns jeans azuis um pouco gastos e uma camiseta amarela de alças que aparecia seu esplêndido corpo.

—Deixo aqui as sapatilhas — eram umas sapatilhas Tommy Hilfilger, douradas e com a sola negra. Deixou aos pés do sofá. —Temos os mesmos tamanhos, quase — sorriu.

Menw a olhou de esguelha dando fé disso. Mas, entretanto, Daanna era um pouco mais alta.

—Que dia faz hoje? —perguntou Caleb olhando em direção à janela negra do salão.

—Não é recomendável sair. Estranhamente hoje faz um sol de justiça. Eu vim pelos túneis — respondeu Cahal.

—Eu também — disse Daanna.

—E eu — acrescentou Menw.

—Então, não podemos sair até o entardecer—conveio Caleb. —Se acorda antes, quererá ir, mas não poderá. Não até o anoitecer — e isso se ele a deixava ir.

—Estará cansada certamente — disse Menw.

—Esperaremos.

Tentou abrir os olhos. Ainda tinha as imagens desse sonho gravadas a fogo na mente. Quais eram essas pessoas? Por que ela se sentia como aquela menina? Chamaram Aileen. Era quase igual a seu verdadeiro nome.

Deus se pudesse lembrar quem eram...

Doía todo o corpo e já estava despertando. Fazia tanto, tanto tempo que não sonhava.

Abriu as pálpebras, não sem dificuldade.

Tentou acomodar à luz daquele lugar. Era uma luz não muito potente.

—Está despertando — ouviu que uma voz de homem dizia.

Uma cara posou em frente dela. Focalizou. Um menino de cabelo comprido moreno, um anjo caído a olhava com gesto sereno. Não... Era o demônio em pessoa. O mesmo que prendeu à cama.

Levantou sobressaltada e ficou sentada no sofá. O que havia na mesa era uma bandeja de comida? Comida para ela? Envenenada, certo.

—Espera, espera — dizia Caleb com as mãos em alto. —Já não vamos fazer nada.

Sim claro, e que mais...

Eileen começou a tremer, agarrou os joelhos e começou a se balançar para frente e para trás. Quando acabaria toda essa tortura?

Confundida, observou que alguém enfaixou o pulso. Por quê? Uma dor súbita na virilha parou e a fez gemer. Colocou sua mão sobre o umbigo para que chegasse o calor à zona. Lembrou tudo e olhou fixamente a Caleb. Depois dele, Menw, Cahal e Daanna a observavam com espera.

—Não vai fazer nada? —perguntou Eileen com um grunhido sustentando a raiva como podia.

Caleb a olhou consternado.

—Não, Eileen. Tudo foi um engano.

—É obvio que foi um engano... Já disse isso, imbecil... Filho da grande... —saltou do sofá e caminhou para ele arrastando com ela o suporte metálico. Esteve a ponto de levantar a mão, mas o ferro o impediu. — Claro... Não me vai fazer nada, verdade? Não acha que já tem feito o bastante? Devolva-me o que é meu... —estava vermelha da ira e ligeiramente enjoada. Perdeu muito sangue. —Por que não estou morta? Preferiria estar a ter que lhe ver outra vez.

Caleb esticou e sentiu um sabor amargo na boca. Que devolvesse o que era dela, disse. Como ia devolver lhe a virgindade? E seu pai? Caleb estava mais comocionado pelo primeiro que pelo segundo.

—O que lhe tirou? —perguntou sua irmã intrigada. Ao ver a ligeira tintura de culpabilidade no rosto de seu irmão o compreendeu. —Não me diga que era... —a palavra virgem ficou engasgada pelo assombro.

—É um violador. Abusador. Maltratador. Todo o mau e demencial que pode haver no mundo... Isso é você e sua prole — as palavras ardiam na boca e tinha que as cuspir. —devolva isso — Eileen sentia que se engasgava com as lágrimas. —Porco, matarei...

—Eileen, me deixe explicar por que não pude descobrir antes.

—Não quero ouvir... Não quero ouvir nenhum de vocês... deixem-me sair daqui... —apertou os punhos até quase cravá-las unhas.

Caleb a observou. Tinha o cabelo solto e chegava abaixo das costas. Os olhos azuis cinzentos e rasgados, vermelhos de dor e de impotência. Mas... que bonita que era de todos os modos. A ira ruborizava as bochechas e estava tão arrebatadora.

—Não se ofenda, mas... Não pode, garota — disse Cahal pondo suas mãos nos bolsos da calça militar negro que usava.

—Não posso? Que não posso... —gritou frenética.

Eileen agarrou a seringa de injeção que ainda espetada no braço e a desenganchou com força.

—Não faça isso — disse Menw. —Ainda está muito débil. O sangue...

—O sangue... —escureceu o olhar cheio de asco. —Me mordeu maldito idiota — disse ela franzindo o nevoeiro e lembrando Caleb absorvendo seu pescoço. Agarrou a seringa de injeção e começou a furar a bolsa de plasma vermelha que pendurava do suporte. Arrancou. Jorrava em suas mãos. Lançou com força sobre o peito de Caleb salpicando a camiseta e a cara. Ele a agarrou surpreso. —Toma sua comida, animal... faz mais falta que a mim, sanguessugas... Quero sair daqui...

Caleb enrugou o cenho. Não podia culpá-la por atuar assim. Estava histérica e não tinha nenhum medo.

—Não bebe monstro? —perguntou ela com a voz afiada e falsamente moderada.

Cahal e Menw se puseram a rir. Daanna abaixou à cabeça, envergonhada. Cahal colheu com seu dedo uma das gotas que salpicaram na cara e a levou aos lábios.

—Mmm... não está nada mal — sorriu brincando com ela.

Eileen ainda olhava a seu monstro particular, ao demônio dos infernos, a seu anjo da morte.

—Prefiro o teu — respondeu Caleb finalmente dando um passo para ela. —Veem aqui.

Eileen sacudiu sua cabeça e o olhou horrorizada.

—Não se atreva — disse ela com um fio de voz dando um passo atrás.

—Não me tema. Já não. Agora sei que é inocente, não te farei mal.

Eileen começou a relaxar, mas reagiu rapidamente.

—Não parece que o dano já parece? Não se aproxime de mim... Saia de minha cabeça... —levou as mãos às têmporas.

Olhou nervosa a todos os lados e encontrou o suporte de ferro do plasma como possível arma agressiva. Agarrou com as mãos e o intercolocou em posição de defesa entre Caleb e ela, como se fosse uma lança.

—Vou converter em uma de vocês? —olhou com ódio. —Mordeu... São vampiros.

—Não te converterá Eileen — esclareceu Caleb levantando a mão para apaziguá-la.

—Note, que guerreira... —exclamou Cahal.

—Se cale — disse Caleb muito seco sem afastar o olhar de Eileen.

—Quanto tempo dormi desde...? — era difícil falar do que passou.

—Umas seis horas — respondeu Caleb.

Eileen curvou um lado de seu lábio para cima como se tramasse algo. Sentia um vulcão cheio de raiva e ira em seu interior.

—Do que ri Eileen?

—Que não se meta em minha cabeça disse... —gritou. Os olhos avermelhados abertos como pratos.

—Caleb... —disse Daanna. Ela via que Eileen precisava tranquilizar. Não dava a Caleb permissão para falar com ela telepaticamente...

—Não — disse ele a sua irmã.

Caleb franziu o cenho. Que não se metesse em sua cabeça, disse? Com quem acreditava que estava falando? Ele podia fazer o que quisesse com ela. Eileen passou a ser de sua propriedade do momento em que a viu pela janela de sua casa. Em outra situação, já tivesse demonstrado quem mandava. Bom, já demonstrou lembrou com pesar. Mas não podia voltar a atuar assim com ela. Não depois do que passou e do que descobriu. Simplesmente, não saía.

—O que vai fazer com isso? Não acreditará que queremos lutar com você? —perguntou Cahal divertido.

—Lutar? —repetiu Eileen agarrando com mais força a estrutura metálica. —Não, playboy em parada. Não vou lutar.

Cahal ficou rígido de repente, e Menw e Daanna jogaram a cabeça para trás para começar a rir em sonoras gargalhadas.

—Eu gostarei — disse Daanna assentindo com a cabeça.

Eileen a desprezou com o olhar, mas Daanna a ignorou. Seguia sorrindo.

Por que atuavam todos como se não tivesse sido horrível tudo o que fizeram? Por que estavam tão tranquilos? Porque eles tinham o poder, mas ela contava com o fator surpresa.

Caleb demorou uns segundos em voltar a entrar em sua mente (embora disse que não o fizesse) e em adivinhar o que era o que ia fazer. Uns eternos segundos que não bastaram para parar Eileen enquanto saltava pelo sofá, corria para a janela negra e lançava o suporte de metal contra o cristal. A janela caiu feita pedacinhos deixando entrar na casa toda a luz do sol. Os quatro vaniros, surpreendidos pela audácia da jovem, correram a esconder atrás dos móveis da cozinha americana. Os raios do sol não chegavam até ali embora sim que iluminavam o amplo salão.

A garota deve ter usado muita força para que esses cristais cedessem desse modo e foi muito esperta ao fazer um cálculo mental das horas que estava ali. Seis horas comentou Caleb. Quando chegaram, ainda não eram às quatro da noite. Pensou que deviam ser as onze do meio-dia, mais ou menos.

Eileen tampou os olhos com o dorso da mão e tentou entreabrir para ver onde se encontrava. Quando seus grandes olhos felinos acostumaram à luz do dia, apoiou as mãos na estrutura da janela, com cuidado de não cortar e saltou ao outro lado. Estava em um amplo jardim, podado e cuidado como poucos que viu. Não havia mais casas ao redor.

Girou sobre seu eixo para ver a casa em que se encontrava. Era uma casa de estruturas quadradas, de desenho. Entretanto, os salões do interior, eram circulares. Mas por quê? Não pôde negar que os vaniros eram muito modernos e também uns esnobes.

Olhou para o interior do salão, em direção à cozinha. Esperou a que alguém se levantasse. Ali não chegavam os raios do sol, porque estavam muito afastados da janela.

Respirava agitadamente e as mãos ainda tremiam.

—Foda, merda. O que fazemos agora? —perguntou Menw cobrindo com seu corpo Daanna.

—Se afaste de cima... —pediu ela empurrando o peito.

Menw reagiu assombrado do que estava fazendo. Levantou o roce de suas mãos.

—De nada — disse ele mal-humorado.

Caleb levantou pouco a pouco e colocou uma mão sobre seus olhos, a modo de viseira.

Eileen esperava que dos quatro fosse ele quem se levantasse. Queria que visse com seus próprios olhos como escapava dele.

—Disse que te assegurasse de me deixar bem necessitada, monstro — advertiu Eileen com voz profunda e certa. —E que se não fizesse, e tinha a oportunidade, faria o possível para ir por você e acabar com você. Não esquecerei o que me tem feito.

—Veem por mim, então — sugeriu indicando com a mão que se aproximasse. —*Veem e acaba comigo. Mas acaba comigo... na cama* — disse mentalmente com um olhar sedutor.

Eileen apertou os lábios com força e sentiu como os mamilos endureciam involuntariamente. Acariciou ali? Não podia ser.

—Veem você — respondeu ela levantando o queixo. —Vá, esqueci que vampiros não saem sob a luz do sol.

—Não somos vampiros, Eileen — ele respondeu ofendido.

—Ah floco de neve, apesar de ser branco, não deixou de ser um gorila — respondeu ela.

Eileen deu meia volta e começou a andar sem prestar atenção. Tinha que fugir.

—Espera... —gritou Caleb. —Errei com você, mas não com seu pai Mikhail. Não podia deixá-la ir. Ela devia voltar...

Eileen parou. Seu pai? Não pensou nele desde que o viu morrer nas mãos de Samael. Deveria sentir culpado?

—Os vaniros tinham razões para ir à por ele — explicou Caleb com paciência. —Lembra as palavras de Beatha, o que passou com Thor e com todos outros que foram desaparecendo. Sua empresa está atrás, embora você não saiba. São caçadores. Caçam-nos porque acreditam que somos vampiros, mas não somos. Estão equivocados.

—Isso não é certo. Newscientists não procede nem investiga contra criaturas que não deveriam existir, como você — espetou com rancor. —A empresa cria material cirúrgico, máquinas de última geração, vacinas e substâncias para um maior êxito nas operações de risco. Não sabem nada de doentes psicóticos como vocês nem de vampiros nem do Drácula nem da namorada do Frankenstein...

—Ah, sim? —gritou Menw da barra americana sem levantar. —Também criaram uma vacina para você, sabe? Uma especial para meninas que precisavam esquecer. Não é diabética, Eileen. Estiveram lhe enganando, drogando pelas noites para fazer esquecer algo que deve ter vivido quando era pequena... Algo que não queriam que lembrasse.

Eileen empalideceu e tragou saliva. —Está mentindo... —gritou ela.

—Não minto — Caleb caminhou para ela e parou justo entre o limite das sombras e a luz. —Quanto faz que não sonha?

Eileen o observou. Ali parado entre as sombras parecia uma aparição.

—O que? —ficou algo cismada.

—Quanto faz que não sonha? —repetiu desta vez mais lentamente.

Eileen começava a enjoar. Não respondeu.

—Quando vinha Víctor, seu doutor... —prosseguiu Caleb.

—Agora é meu doutor? —perguntou ela saindo do transe de sua persuasiva voz. Segundo Caleb, Víctor era seu amante. Sentiu como fez um nó na garganta e ardiam os olhos. Sentiu-se tão impotente quando estava em suas mãos.

Caleb quis correr para ela e consolá-la. Abraçá-la e balançá-la até que não voltasse a vê-la chorar na vida.

—Quando ele vinha e espetava, dormia em seguida.

—Ele controlava minha diabetes...

—Não, Eileen. A estiveram enganando.

—Por que fariam algo assim? —a voz tremia pela angústia.

Faltava o ar, tinha que sair daí como fosse. Correr, esquecer, entender. Não podia acreditar nada do que estavam dizendo. Era muito forte.

—Ainda não sei. Se ficar, Eileen farei todo o possível para que entenda o que nos têm feito e para que averigue, por que têm feito isto a você. Por favor, não vá.

Estava rogando? Não podia acreditar. Onde estava o animal abusivo de fazia umas horas? Não o entendia. Ele podia dobrá-la como desse a vontade. Por que aquele repentino respeito?

—Não me importa o que tenham feito. Não me importa o que você queira de mim. Só quero ir e esquecer o tudo. Fazer como se nunca tivesse entrado em meu quarto, como se nunca tivessem matado meu pai, como se nunca... tivesse preso a sua cama e... —apertou os olhos para não lembrar e se esfregou os pulsos. —Não quero voltar a ver. A nenhum de vocês. Deixem-me tranquila e eu não direi nada... —isso nem a merda. Se vingaria. Se vingaria de todos eles.

—Não pode ir — murmurou.

—Me olhe — desafiou-a com o olhar.

Começou a caminhar até que Caleb a perdeu de vista. Não podiam sair sem morrer torrados pelo sol. Um único raio tocando sua pele e seriam pasto das chamas.

—Chamem a todos os vaniros do Black Country. Que saiam à rua ao entardecer e procurem Eileen — ordenou Caleb. —Não podemos deixá-la sozinha.

—Ah, não? —perguntou Cahal sem entender. —Estava muito disposta a esquecer tudo...

—Não vai esquecer — disse Daanna. —Eu não faria, asseguro isso. E faria o possível por me vingar. Falará de nos.

—Terá que encontrá-la — Caleb cobriu na barra americana até que o sol deixou de iluminar pela janela.

Não podia deixá-la sozinha. Aquela mulher estava ferida gravemente e não podia manter por si só.

Não, não ia se separar dela.

Capítulo 6

Eileen não sabia quanto tempo estava correndo, mas fazia sem rumo, afastando dessa casa, desses monstros, dessa estranha realidade em que foi misturada. Arrastava os pés porque nem forças tinha para levantar os joelhos. A gravidade a puxava. Em umas horas, o sol baixaria e eles viriam procurá-la, estava certa. Eram vampiros. Os vampiros tinham presas e chupavam sangue. Eles faziam isso.

Não queria pensar muito, doía à cabeça e se sentia débil. Só desejava que tudo aquilo passasse.

Estava na Inglaterra, em um lugar chamado Dudley, dentro de Birmingham. Isso sim que sabia. Leu os cartazes das autoestradas quando a trouxeram nos carros. Seminua. Malditos bastardos.

Baixou a vista a seus pés. Usava sapatilhas, jeans e uma camiseta de alças. Não pensariam que por pedir perdão e dar-lhe roupas ela se esqueceria tudo, não?

Escorregou e a ponto esteve de cair. A zona em que se achava era um prado verde bastante extenso. No horizonte, erguia uma zona industrial. As chaminés das fábricas tiravam fumaça espessa e negra.

Eileen pensou que havia muita poluição ali. Por sorte, estava sol, mas era consciente que a Inglaterra tinha fama de ser a terra das nuvens e as chuvas.

Se as fábricas soltavam essas fumaças tão espessas, certamente, ajudariam a formar uma capa escura sobre toda a zona, ao menos, em Dudley.

Não conhecia nada daquela terra. Só Londres, por uma viagem de sete dias que fez com a escola. Mas não visitaram nenhuma cidade dos arredores. Ao menos, seu inglês era perfeito e não teria nenhum problema para se comunicar. Pequeno consolo... depois de tudo o que passou... Tinha vontade de rir.

Olhou o céu. Bom, não era um lugar feio. Só fazia falta conhecer seus pontos fortes, pensou.

Cantarolava canções para ignorar o estado de nervos no que se encontrava desde ontem. Sequestraram-na, mataram seu pai diante em seu nariz. Arrancaram a roupa, prenderam sem nenhum respeito, insultado e, além disso, presa a uma cama com um cinto como se fosse uma atriz pornô que gostasse do sadomasoquismo. Deixou de cantar.

Caleb lhe roubou a virgindade como uma hiena carniceira.

Porque ela não gritou. Foi rude e um autêntico animal no princípio, mas logo... Logo algo mudou, no momento em que percebeu de que ela era virgem ainda.

Então a havia acariciado para excitá-la, para que ela encontrasse o prazer e, além disso, começou a mover de um modo mais suave. Profundo, mas suave. E ela encontrou prazer, sem dúvida. Duas vezes (sem contar a do carro) até que sentiu a boca de Caleb no pescoço. Sabia que tinha que se sentir ofendida e humilhada. E uma grande parte dela se sentia assim. Entretanto, a intimidade com o vanirio deixou rastro.

Parou em seco e abriu os olhos. Colocou sua mão esquerda sobre a zona de sua garganta que ele chupou. Mordeu. O muito canalha... Mostrou as presas, chupou e bebeu como se ela fosse à solução a sua sede.

Ao recordá-lo, o pescoço e uma zona que estava muito mais abaixo começou a palpitar e a ela arrepiou o belo dos braços.

Acaso gostou? Não, Eileen... Como pode sequer pensá-lo? Ficou zangada consigo mesma.

Quando ele mordeu, começou a ver estrelinhas brancas que nublavam a vista. Sentia que flutuava que voava sobre a cama, com os braços de Caleb como fortalezas de ferros candentes, ao redor de sua cintura, e com suas mãos, apertadas e tensas sobre suas nádegas.

Sem rumo de novo, foi consciente de que cada passo resultava doloroso. Havia partes do corpo que ardiam. Zonas íntimas. A virilha, por exemplo.

Não tinha muita noção do tempo que estava correndo, mas estava convencida que eram mais de três horas.

Com quem poderia falar do que estava passando? Não tinha dinheiro nem sequer uma libra para chamar a cobrar em Barcelona. Se falasse com os policiais, ririam dela. Quem iria acreditar? Quem acreditava em vampiros, pelo amor de Deus?

O que estava claro era que mataram seu pai. Seu pai estava morto. Por que não podia soltar uma mísera lágrima por ele?

Não há nada pelo que chorar, respondeu a si mesma. Nem uma lembrança nem um gesto carinhoso nenhuma palavra afetuosa. Nada. Era tão estranho ter visto morrer seu pai e ficar tão vazia. Vazia de lembranças amáveis ou de palavras carinhosas. Vazia de gestos cúmplices ou de abraços cheios de calor. Doía mais esse vazio emocional que o fato de que ele houvesse falecido.

Seria verdade? Seria verdade que Newscientists estava envolta na caça dos vaniros? Mas isso era algo sobrenatural. Não podia ser. Ou sim?

Estava ficando louca. Se falasse com Gabriel e Ruth, eles acreditariam?

Tinha que encontrar o modo de voltar para Barcelona. Necessitava-os. Necessitava às pessoas que a amava, que dava calor. Eles estariam perguntando onde estava. Ligavam cada dia pela manhã. Deveria se importar não saber nada dela.

E sua diabetes, o que? Víctor iria hoje de noite a sua casa administraria a insulina. E se não era insulina como disse Caleb? De todos os modos, ela não ia estar ali quando ele fosse ver. Nem tampouco seu pai.

Mikhail estava morto. Mãe do amor formoso... o que ia fazer?

Uma cabine. Uma cabine e uma boa pessoa que emprestasse dinheiro para chamar a qualquer dos três, isso era o que necessitava.

Teriam que viajar até Londres para ir procurar, mas ela encontraria o modo de chegar à capital.

Entretanto, ainda não se encontrou com um só inglês, à exceção desses monstros.

Correu e correu até chegar a aquele lugar industrializado. Demorou meia hora mais a chegar.

Era uma urbanização. O centro de uma cidade. Havia casas aos lados das ruas e uma placa que indicava o nome desse recinto no que se achava. Segdley.

As casas que havia eram do mais puro estilo inglês. De tijolo vermelho, juntas e de janelas brancas. Algumas com urze nas entradas e os carros estacionados na frente. Tocava o timbre de alguma delas, certamente ninguém a abriria. Não com essas pintas. Assim desprezou a ideia.

Um grupo de rapazes jovens falando animadamente e rindo, alheios ao pesadelo que ela estava vivendo, cruzaram com Eileen. Não deveria chamar a atenção, não teria porque fixar neles à exceção de porque necessitava ajuda e de porque um deles, um rapaz alto e enorme, de bochechas rosadas e cabelo loiro, usava uma camiseta amarela que dizia em inglês:

Conhece os homens do Wolverhampton.

Fecharam os pulmões. Não podia tomar ar. Havia um banco na rua para sentar e se sentou para tentar relaxar. Quando o sangue regou de novo seu cérebro, começou a lembrar do sonho que teve.

Papai e mamãe deixamos dois presentes para você. Estão enterrados na pedra mágica sob a ponte do West Park Te lembra da pedra, meu céu? Lembra Wolverhampton?

Eileen apoiou os cotovelos nos joelhos e a cabeça sobre as mãos. Massageava o couro cabeludo com as gemas dos dedos.

Esse sonho... Era ela a menina a que falavam aquelas duas pessoas? Mas... como podia ser? Ela não lembrava nada daquilo.

Elevou a cabeça e olhou para todas as direções. Toda as pessoas que passava a olhavam sem importar. Que aparência de criança deveria ter... Criança suada e machucada.

Sem pensar duas vezes parou os jovens e se dirigiu ao rapaz da camiseta.

—Necessito ajuda, perdi-me — disse falando o mais calma possível.

—Encontra-se bem? —perguntou o rapaz seriamente preocupado. Deu uma olhada aos machucados da cara.

—Diz por isso? —ela destacou a cara e o pulso. —Fiz isso anteontem. Caí..... de uma moto.

Os meninos se olharam um tanto desconfiados.

—Preciso ir até a Wolverhampton. Ao... ao West Park. Venho com um grupo de amigos de Barcelona. Estávamos visitando Segdley, mas despistei-me e os perdi de vista. O ônibus que nos trouxe até aqui, já terá ido. Nosso lugar de encontro é Wolverhampton. Devo chegar antes das sete da tarde. Mas não posso chegar por que... porque uma de minhas amigas leva minha bolsa com o celular e com minha carteira. Agora não as posso localizar nem tenho dinheiro para ir para lá — De onde saía tanta habilidade para mentir?

O rapaz sorriu e olhou a camiseta.

—Então saberá que sou um homem de Wolverhampton, verdade? —assinalou as letras e o logotipo em forma de cara de lobo que desenhou no peito.

—Bom — disse ela dando um esplêndido sorriso que o deixou cativado a ele e a seus amigos, - isso parece indicar sua camiseta. Poderiam dizer como chegar até ali?

—Podemos te acompanhar se quiser — disse ele. —Eu vivo ali e, além disso, trouxe carro. Não pensaria ir andando, verdade?

—Pois... sim.

—Bom, não fica muito longe se for com quatro rodas. Andando tem como umas quatro horas e meia.

—Vá — olhou suas sandálias douradas. Não ia poder caminhar muito mais. Ainda ardiam as feridas dos pés.

O menino advertiu seu calçado e a animou.

—Não se envergonhe... —esperou a que dissesse seu nome.

—Né... Eileen — deu a mão e ele a agarrou.

—Eu sou Bob. Prazer em conhecê-la.

—Igualmente.

—Então te levo?

Eileen duvidou um segundo.

—Não se preocupe. Se quiser, nós também podemos acompanhar — disse outro do grupo, mais alto e magro que Bob. Tentava convencê-la. —Bob é muito perigoso com as garotas bonitas como você.

Ela fingiu que não ouviu. O último que precisava era mais ego masculino. Teve uma boa dose com o monstro de Caleb. E mesmo assim, não sabia se confiava neles. Mas pensou que nem todo mundo tinha que ser malvado.

—Não quero importunar — disse ela mordendo o lábio.

—Tranquila, não se preocupe. Eu já ia para lá — disse Bob. Não. Esse rapaz não faria mal. Parecia ser feito de boa massa. —Chegaremos a vinte minutos, já verá — insistiu. —Que hora é agora? —perguntou ela. —São cinco e meia.

Andou e caminhou mais do que acreditava. O medo pode injetar grandes doses de adrenalina.

—Está bem, Bob. Confio em você.

Uma vez sentada no assento do copiloto de um New Beatle vermelho, se animou lembrando o sonho. Não entendia por que decidiu fazer caso nem por que urgia chegar até West Park. Seu plano prévio foi localizar uma cabine, conseguir dinheiro, chamar Barcelona e que a devessem buscar. Mas sua ideia se desvaneceu ao chegar à cidade e ao cruzar com esses rapazes.

E se era um sinal? Bem, agora saberia.

—Deve ter ficado muito nervosa quando encontrou sozinha sem seus amigos em um país desconhecido e sem dinheiro...

Eileen esclareceu a garganta e olhou Bob. Por fim encontrou alguém bom. Alguém educado e amável que estava disposto a ajudá-la gratuitamente. Era um rapaz jovem, de não mais de trinta anos.

—Sim, assustei-me um pouco — respondeu um pouco envergonhada, sem mentir de tudo.

—Eu também me assustaria.

Eileen o olhou de cima abaixo. Era um autêntico tanque. Grande, corpulento e com uns braços de levantador de pesos que intimidariam a muitos. —Sim, certo — disse ela tentando sorrir. —Claro que não — ele começou a rir.

Como sua vida estava mudando, pensava enquanto olhava pela janela. Sentada num carro, com um rapaz que não conhecia guiada só por sua intuição que dizia que Bob não era mau. Indo de cabeça a perseguir um sonho. O primeiro que teve desde sete anos.

—Eu quero ir a Barcelona algum dia. Tenho conhecidos que visitaram sua cidade e retornaram contando maravilhas dela.

—Bom, é uma cidade realmente bonita e cheia de cultura — disse ela se obrigando a falar com seu salvador. —Quase sempre faz sol, as praias são espetaculares e as noites, quentes e cheias de ambiente jovial. A comida é excelente e tem o melhor time de futebol do mundo.

— Futebol Clube Barcelona — disse Bob.

—Assim é — confirmou-a.

—Você gosta do esporte, Eileen?

—Eu gosto muito. Todo tipo de esporte, mas sobre tudo eu gosto do futebol e do Barcelona.

—Bom, não discutirei que o melhor time de futebol do mundo é o de sua cidade, mas o segundo melhor é o dos Wolves. Assim que darei duas entradas para que vá ver o torneio do verão que organizam. Até quando estará aqui?

Não sabia. Dependia de se voltava a encontrar Caleb e os seus.

—Irei logo — respondeu ela com a esperança de que suas palavras fossem certas.

—Bem. Então eu dou as entradas e você decide se pode ir ou não vê-los antes que vá, OK? —abriu o porta-luvas com a mão esquerda e agarrou as duas entradas. As ofereceu.

Eileen as pegou, assentiu com a cabeça e voltou a olhar pela janela. O último que queria era ir ver um jogo de futebol e muitíssimo menos cercar conversa com ninguém. Estava a ponto de desmoronar e chorar pelo que viveu.

Chegaram a uma cidade cheia de vida, comércios e muito, muito ambiente. Passaram pela frente de uma preciosa igreja. Eileen a admirou.

—É Saint Peter's Church. Bonita, verdade? —o indicou. —Tem de tudo para ver aqui. Galerias de arte, teatro, lojas, parques... E a partir de primeiro de julho se converterá numa cidade sem más fumaças — colocou dois dedos abertos sobre os lábios e fez como se fumasse e se afogasse.

—Proíbem o tabaco definitivamente?

—Sim. Não se poderá fumar em nenhum lugar público. É genial.

—Sim. Fumar arbusto — murmurou com ironia. Depois do pesadelo que viveu o fumar ou não fumar parecia ridículo.

Bob assentiu. Colocou o indicador de direção à direita. Bob parecia um desses homens ingleses. Muito educados, muito cavalheirescos e também muito filhinho de papai. Mas era bom de coração e completamente inofensivo.

—Viu algo mais da cidade? —perguntou olhando pelo retrovisor e desviando o carro para o mesmo lado.

—Algo — como odiava mentir.

—Tem o escritório de turismo perto de West Park. Eles darão umas guias esplêndidas.

—Você vive por aqui? —perguntou. Não estaria mal ter alguém com quem contatar, no caso de.

—Vivo perto do Cine World. A sala de multi cinemas de Wolverhampton.

Parou o carro. Estavam justo em frente de um imenso parque de grama verde, muito gentil e bem cuidado, com árvores em qualquer parte e adoráveis caminhos que seguir que se perdiam entre a vegetação.

—Bom, aqui é.

Eileen assentiu com a cabeça e franziu os lábios num gesto nervoso. Como iria agradecê-lo pelo que fez por ela?

—Bob, não imagina o favor que me fez me trazendo até aqui.

—Compense indo ao torneio — sorriu aumentando os olhos.

—Farei o possível — reclinou e deu um beijo amistoso na bochecha. Ele merecia por ter sido seu cavalheiro.

—Vá — ruborizou. —Espera — afastou antes que saísse pela porta. Tirou sua carteira e deu cinco libras. Escreveu seu telefone em um papel com uma caneta e também o deu. —Pode utilizar este dinheiro para o que você ache conveniente. Se me necessitar, ligue neste número. E se não encontrar seus amigos, utiliza o dinheiro para chamá-los e localizá-los. Emprestaria meu celular, mas não o tenho.

—Bob, se não nos virmos mais — deu a mão e a apertou agradecida, - guardarei este número para ligar e me assegurar que quando vier a Barcelona, eu possa mostrar a cidade.

—Eileen, conheço as marcas que deixam os murros — disse em voz baixa. —Eu mesmo sou boxeador. Por favor, se necessitar ajuda, não duvide em me chamar.

Eileen ficou branca por ouvir aquele sincero oferecimento e o muito que acertou. *Como eu gostaria de explicar a alguém.*

Bob sorriu e Eileen, a sua vez, sorriu com tristeza. Assim se despediram.

Haviam pessoas boas no mundo. Gente muito boa na Inglaterra, em Wolverhampton. Nem tudo era mau, não? Estava convencida de que voltaria a ver Bob.

De repente se encontrou sozinha frente ao parque que a fazia sentir pequena não só de estatura, mas também de idade. Curiosa sensação pensou.

Entrou pelos caminhos e sentiu como ficava arrepiada. Parecia se lembrar do lugar. Mas era impossível, porque ela não esteve ali, jamais. Cheirava a erva molhada, a verão e a doce, a nuvem doce. A mão direita, um rio serpenteava e passava por debaixo de uma ponte.

Parou o coração. Uma ponte.

As mãos começaram a suar e teve que inclinar e apoiar sobre seus joelhos para voltar a tomar ar. Não era bom momento para um ataque de pânico.

As pessoas passeavam por seu lado como se fosse um dia normal. Mas aquele não era um dia normal. Ela sabia perfeitamente. Um grupo de vampiros psicopatas a pegaram e teve um sonho no que lembrava a vida de um casal e sua filha. Além disso, perdeu seu pai e, para cúmulo, também a virgindade. Agora tampouco dava muita importância ao feito de perdê-la, mas sim ao modo em que fez. Tinha que deixar de pensar nisso e centrar-se em seu sonho.

O lugar. Aquelas pessoas. A ponte.

Saiu do caminho e caiu na grama. Havia joaninhas revoando pela grama e mariposas perto da água do rio. Caiu de traseiro e agarrou as pernas.

Todos os instintos diziam que estava no lugar e no momento correto. Que fazia muito tempo alguém escondeu um presente abaixo dessa ponte, em uma pedra mágica. Uma ponte não muito grande, mas dotado de um especial encanto.

Uma imagem atravessou sua mente. *Ela nos braços do homem e da mulher. De noite, em pleno verão. O dia de seu aniversário. Um tijolo da ponte aberta e algo que introduziam no interior. Logo colocaram o tijolo de novo.*

Sacudiu a cabeça e a agarrou entre tremores.

Estava doente. Não havia outra explicação. Aquela visão era uma alucinação.

Não. Não era nenhuma alucinação. Merda, Eileen, acordada... a mordeu o homem mais incrivelmente formoso e malvado que viu na vida. Mordeu com suas presas. Caminhou por subterrâneos e conhecidos aos chamados vaniros. Pareceu com outra vida que, no melhor sem conseguir entendê-lo, pertenceu alguma vez. O que tinha suas lembranças antes dos cinco anos? Onde estavam?

A menina do sonho se chamava Aileen. Com A, não com E, mas eram nomes quase exatos.

Caleb estava certo. Sua diabetes estava perfeitamente controlada, nunca teve nenhum problema. Quando a diagnosticaram? Aos sete anos. O que passou? Lembrava sentir-se mau ou desmaiar para que diagnosticassem essa enfermidade? Não. De fato, não lembrava nada antes disso.

Caleb estava certo. Quando Víctor a cravava, não demorava mais de dez minutos em cair na inconsciência até o dia seguinte. Depois da diabetes, deixou de sonhar. Então, antes sonhava?

Fosse o que fosse, estava viva ainda e tinha a oportunidade de saber se esse sonho foi ou não a visão de uma vida que perdeu nos retalhos de sua memória.

Fazia sol, mas à luz do dia não podia entrar sob a ponte. Os guardas florestais do parque chamariam a atenção. Esperaria a que não houvesse quase ninguém para fazê-lo, embora se arriscaria se chegasse a escuridão e com ela, Caleb e seu clã.

Estirou e sem querer o nem acreditá-lo, relaxou.

Às doze da noite, faria vinte e dois anos. Já não seria a mesma Eileen. Como poderia ser?

Pensou nos planos de futuro que tinha: no projeto de formação de pedagogos em Londres, no desejo de poder ajudar à sociedade através de um novo método de educação. Já não poderia seguir seu sonho.

Com muita dificuldade, mantinha acordada naquele momento para ser capaz de ensinar nada a ninguém. Essas pessoas roubaram tudo, mas não ia ficar de braços cruzados.

Primeiro tentaria averiguar o que estava acontecendo e por que a assaltavam essas lembranças alheias. E logo, averiguaria quais eram os procedimentos reais da empresa em que trabalhava e que dirigia seu falecido pai. Se o que dizia Caleb era verdade, não podia permitir algo assim. Estavam matando a seres que tinham seus próprios filhos. Crianças que eram diferentes e que sofriam vendo como matavam a seus pais. Uma criança era uma criança fosse da natureza que fosse.

Ela viu morrer seu pai. Por que não sentia sua morte? Por quê?

Apertou os punhos e golpeou o solo fofo de verde. Sentiu que algo molhava a têmpora. Afastou com a mão e descobriu que era uma lágrima e que estava chorando.

—Basta, basta de chorar... —levantou e ficou sentada de novo com as pernas cruzadas.

Ela não pediu nada disso. Não escolheu descobrir o que descobriu. Estava colocada até o fundo em algo que não reclamou, em uma guerra que não era dela. Mas a envolveram. Pois, já era suficiente...

Não tinha nada. Estava sozinha. O que podia perder? Não era nenhuma covarde. Nem tampouco desse tipo de pessoas que jogam a manta à cabeça para esquecer-se do mundo.

Um mundo de noite, sangue e clãs a tirou de sua vida acomodada e agradável. Agora que todos carregassem com as consequências.

Caleb, o primeiro. Por que não podia deixar de pensar nele? Esfregou os pulsos com o olhar perdido.

Levantou. Olhou a um lado e ao outro e, sem pensar duas vezes, baixou a costa que usava a borda do rio. Vigiando que ninguém a visse, introduziu os pés no rio. A água estava fria, mas agradeceu a mudança de temperatura, porque fez tomar contato com a realidade. Sobre a superfície havia pequenos mosquitos. Agradeceu que o rio não levasse muita água. Estava quase vazio. Com toda a rapidez da que foi capaz, ocultou debaixo da ponte de pedra e começou a apalpar os tijolos que conformavam o arco da ponte.

Havia um tijolo, quase oculto pela água, que tinha umas letras escritas. Eileen se agachou e o apalpou tentando ler a inscrição.

J A T FOREVER.

J A T para sempre?

Eileen vigiou que ninguém a visse. Estava obscurecendo e as pessoas já não passeavam. Introduziu os dedos pelas laterais do tijolo. Parecia estar oco. E... movia...

Envolta em uma renovada curiosidade, tentou desencaixar o tijolo. Custou bastante. Só um pouco mais e... zas... O tijolo saiu e ficou repousado em suas mãos. Sorriu e olhou o buraco negro que havia na parede. Introduziu a mão apalpando com cuidado. Haveria ratos? Não pense nisso.

Tocou barro úmido, parede rugosa e algo envolto em um pano. Introduziu meio braço para alcançá-lo e amarrá-lo com força.

Papai e mamãe deixamos dois presentes para você. Estão enterrados na pedra mágica sob a ponte do West Park. Lembra-se da pedra, meu céu?

Era verdade? Conseguiu tirar o pano com o que envolvia. Era algo retangular, um pouco grosso e pesado. Meu Deus, tudo aquilo era real.

Saiu do rio correndo como se estivesse possuída. Amarrava esse tesouro como se fosse à vida nisso. Olhou ao céu, o sol estava se pondo. Más notícias.

Com as barras da calça molhados, os pés úmidos e as mãos tremendos, procurou a proteção de algum lugar do parque. Sob uma árvore, depois de um matagal, atrás de um muro, qualquer lugar seria bom para estudar o que levava com ela.

Encontrou um grupo de árvores que pareciam desenhar a forma de um arco. Se colocou atrás deles e ficou coberta pelos troncos. Caiu de joelhos e deixou o tesouro sobre a grama. Tirou o pano imundo. Aqueles presentes estavam cobertos por um plástico isolante da umidade. Tirou também e então seus olhos descobriram pela primeira vez o que o tempo escondeu sob a ponte.

Um livro. Tinha as tampas duras cobertas de minúsculas pedras preciosas verdes. No centro, com topázios mais escuros, tinha escrito:

JADE.

Entre o plástico isolante divisava outro objeto enrolado de um modo menos cuidadoso. Uma faca de valiosa e excelente manufatura. O punho, em forma de urso levantado sobre as duas patas traseiras, parecia ser de marfim branco e gentil. O urso com um desenho na pança de um símbolo que ela conhecia muito bem. Um símbolo celta chamado triskel. Ela sabia que significava a interação entre o corpo, a mente e a alma. Leu-o em um dos livros sobre mitologia e simbologia ancestral que tinha Gabriel em sua casa. A encantavam.

Eileen acariciou o punho e girou a faca para admirar a folha. Ainda cortava e o aço brilhava refulgentemente.

Aproximou a folha a seus olhos e divisou uma inscrição.

"An Duine Táirneánach".

O que queria dizer? e... em que idioma estava escrita? Tratando de lembrar o sonho, entendeu que havia palavras que, embora soavam nunca as escutou antes e estava certa de que eram palavras antigas. Ela sabia muitos idiomas para diferenciar as etimologias e as diferenças entre línguas modernas e antigas.

Essa língua já não se falava. Poria a mão no fogo.

Cobriu a folha da adaga com parte do plástico e o guardou na parte de atrás da calça. Não no bolso, a não ser entre a calcinha e...

Calcinha? Eileen puxou com os polegares os jeans e viu que usava uma calcinha amarela. Colocou as mãos sobre os seios e descobriu que também usava sutiã. Saiu tão nervosa dessa casa que nem parou para pensar no que colocaram. Se tivesse estado nua, também teria fugido do mesmo modo. Olhou o sutiã pelo interior da camiseta. Também eram amarelos. Vá, o conjunto. Mas bem, quem mudou de roupa? Teria sido Daanna?

Acomodou bem a adaga. Colocou com cuidado de modo que não sofresse risco de cortar. Só faltava isso...

Apoiou as costas no tronco da árvore mais curvada e pegou o livro. Acariciou sutilmente.

Fez inspirações lentas e profundas lembrando as classes de ioga que fez no ginásio de Barcelona. Tinha os cabelos como ganchos e estava convencida de que começava a ter febre. Suas mãos frias e trementes acolheram as tampas e as abriram. Eram folhas um tanto amareladas, mas bastante grossas.

As primeiras folhas estavam escritas em símbolos que não conseguiu entender. E pareciam, além disso, símbolos queimados sobre o papel. Como desgostava desconhecer algumas coisas. Irritada, passou as páginas rapidamente até chegar, por fim, a palavras escritas a mão em inglês. Um inglês que parecia atual.

Minha querida Aileen, este é meu presente mais prezado para você. Eu gostaria de poder dar isso em mão, mas, entretanto, acredito que quando o tiver quererá dizer que eu já não estarei com você para poder explicar todas aquelas coisas que você deseje saber.

Com ele me lembrará sempre, e aprenderá todo o necessário a respeito de você e em relação ao que é e a quem é.

É um diário como já te terá imaginado. Nunca tive nada especial que explicar até que conheci seu pai. Logo chegou você.

Terá muitas perguntas em relação ao que passa ou a por que se sente diferente do resto. Confio em que este livro te sirva de guia, minha estrela.

Amo com todo meu coração.

Mamãe.

Tragou saliva e fechou os olhos. Parecia que a terra dava voltas sob seus pés. Sentia enjoada e desorientada. Seguiu lendo.

Desde onde eu venho, quando nascem meninas se celebram festas por tão ditoso evento. As mulheres são veneradas e respeitadas, porque são o berço e o coração do futuro de nosso clã.

Quando fiz dezoito anos, me deram de presente este livro. Nele devia escrever se assim o desejava, todo aquilo que acontecesse minha vida.

Suponho que o que me passou hoje, à idade de 22 anos, é o primeiro que escreverei.

Chegou minha conversão. Passei de ser uma humana a me converti numa berserker. Foi estranho e doloroso, mas parece que já tenho feito à mutação. Aos 22 anos, tal e como nos manda a tradição.

E acredito que é uma loucura, porque após tenho uma cauda de berserkers machos esperando a que escolha como casal. O clã acredita que sou a mulher mais bonita que existiu entre eles. Dizem que sou especial e me apelidaram princesa Jade.

Estou coibida e ébria de tanta adoração.

Eileen não deixava de suar. Secou a língua e ouvia um pequeno zumbido nos ouvidos.

O livro esteve vazio de palavras importantes até esta noite. Hoje conheci o homem mais incrivelmente formoso e arrumado que vi em toda minha vida.

Não sei como passou, mas o encontrei me olhando entre os sebes do West Park. Vigiando-me e me espreitando. Cuidando e, de uma vez, me ameaçando. Assim é como me sinto. Ele é uma ameaça.

Hoje o tornei a ver, mas esta vez procurei estar acompanhada dos machos do clã. Eles me seguem há aonde vou como cães em zelo. São tão adoráveis.

Senti seus olhos sobre minha nuca, sobre meu pescoço e juraria que me falou mentalmente. Exigiu que me separasse deles e que fosse para ele, que voltasse para ele. Se o fizesse, não posso me aproximar. Se sua voz era real, devo me afastar. Ele é nosso inimigo.

Hoje me internei em Dudley com o clã. Importaram a ação e sabiam que ali a encontrariam. Nada melhor que abrir antigas rixas entre eles e os chupa sangues. Eu não gosto das brigas, as odeio, não sei por que me levaram, mas o ego masculino é assim.

Ele estava ali. Ria de nós, mordia aos rapazes com o olhar e me devorava com os olhos. Olhava. Estudava. Assusta e me queima por dentro. No final não houve briga. Muitos humanos no meio.

Não sei como passou, mas três homens vestidos de negro tentaram abusar de mim nas montanhas de Wolverhampton. Eram humanos. Por sorte, ele me salvou. Acredito que os deixou inconscientes, se não os matou, porque nunca vi ninguém lutar com tanta fúria.

Abraçou-me e me elevou nos braços como se fosse uma necessitada. E me disse que eu era dele, que me proibia de me separar dele. Zanguei-me. Zanguei-me tanto... Ninguém me dá ordens e esse homem parece que é um dominante e um abusado. Os vaniros são uns prepotentes. Sempre foram assim. Tocou-me e sovou como se fosse realmente algo de sua propriedade, sem ter em conta se eu o desejava ou não. Dá medo.

Dá medo, mas... eu gosto. Acordava em mim algo primitivo que se encontrava adormecido em meu interior. Não me quer dizer seu nome ainda.

Não pode fazê-lo. Não pode fazê-lo... Mas, o que acreditou? Esta noite me sequestrou e me levou a sua casa. Uma casa preciosa rodeada de jardins e flores silvestres. Disse que me desejava e eu quis lutar com ele, quis me liberar de seus fortes braços, de seu calor, de sua atração e de sua boca que me lambia o pescoço e arrasava meus lábios e minha língua. Deveria estar proibido beijar desse modo. Mesmo assim segue me assustando. Assusta-me sua intensidade, seu modo de querer me dominar e me subentrar a ele como se fôssemos feras selvagens. Sou uma berserker, sou uma fera por natureza, mas ele é muito mais selvagem que eu. E não sei se estou preparada, porque ele, definitivamente, não é como eu. Depois de discutir, deixou-me de novo no Wolverhampton e se foi sem despedir.

Hoje me venceu e derrubou todo meu autocontrole. Não sei como passou. Deve ter sido a lua cheia e ele, esse insuportável e endiabradamente sexy vanirio, se colocou em minha mente e não me quer liberar de suas correntes.

O encontrei no Segdley falando com uma garota loira e de tetas enormes (meu pai me cortaria a língua por falar assim). Tive vontade de lhe arrancar os olhos e de lhe cortar esse bonito cabelo ondulado que tem e que move de um modo presumido e sedutor. Acredito que ele, quando me viu, sorriu e desafiando-me com o olhar se aproximou mais à loira e... Acariciou-a...

Fez um nó no estômago e senti que queria rir de mim, que isso é o que esteve fazendo desde que me viu. Saí dali correndo como alma que leva o diabo, mas parou a meio caminho, porque apareceu no bosque como se também fosse dele. Exigi uma explicação e me converti no que dizem que são as mulheres berserkers: guerreiras ciumentas e possessivas de seus homens. Pequeno espetáculo.

Ele me agarrou pelo cabelo e me fez calar com seus lábios. E eu perdi o norte. Não é justo. Não pode me tirar o conhecimento desse modo. Disse que queria saber até que ponto eu sentia algo por ele, que por isso se comportou assim. Culpou-me de ser fria, de não me deixar levar, de não ir a ele quando pedia. Dei uma bofetada e disse que não podia obrigar aos outros a comportar-se do modo em que ele queria que o fizessem, mas depois de toda a manha de criança,

arrependi de lhe bater. Estava furioso e seu rosto parecia estar cortado pelos mesmos padrões das esculturas gregas. Me agarrou como um saco inanimado pendurou-me em seu ombro e senti que nos elevávamos pelas árvores e o bosque e que aterrissávamos no jardim de sua casa. Eu estava assustada, tinha medo. Não dele, mas sim desse fogo abrasador que refletiam seus olhos. Destroçou-me a roupa e me tombou na cama de seu quarto. Não consegui entender como chegamos até ali, mas chegamos certo. Ancorou à cama e separou as pernas. Gritei e peguei tudo o que pude, mas ele não me tem feito nem caso. Tirou a roupa e estava nu, de joelhos entre minhas pernas. Eu tremia. Ele me disse que não resistisse a ele, que não tentasse afastá-lo, que o deixasse entrar e tomar livremente o que queria. Nunca o vi assim, os olhos vermelhos e as pupilas negras, os dentes largos e lacerantes. Disse que me faria mal, que não o queria, mas que ia fazer isso porque não podia controlar à besta que havia nele. Que essa besta despertava só comigo, mas que ia tentar retornar. A primeira vez ia doer e, ao melhor, assustar. Depois de superar esse transe, as demais vezes seriam frenéticas e roçariam o êxtase, acariciou-me. Isso me disse. Como podia acreditar?

Eu não podia estar mais assustada do que já estava.

Caiu sobre mim, encaixou os quadris entre as minhas e, sofrendo a dor mais ardorosa e irritante que senti até então, penetrou-me de uma só investida. Logo foram mais até que meu útero o deixou entrar por completo.

Era um animal. Arranhou-me a pele, sentia que eu estava sangrando entre as pernas, ouvia meus soluços, minhas súplicas de que parasse, mas não fez. Nada podia detê-lo. Espetou as presas e bebeu até que perdi o conhecimento. Mesmo assim, acredito que nem então parou.

Quando voltei a despertar, tinha um gosto de ferro na boca. Saltei de um salto da cama e procurei a porta mais próxima para sair dali. Ele me dava medo. Estava aterrorizada, enfurecida e doída por seu comportamento.

Parou caindo sobre mim e esmagando contra a parede de costas a ele. Seguia sendo muito agressivo. Através da janela podia ver a lua pálida e brilhante no céu, maior que nunca. Eu não queria voltar a me unir a ele, não queria esse tipo de relação. Além disso, ele era um vanirio e eu uma berserker. Não nos caímos bem, repelimo-nos.

Abraçou-me, esta vez sem violência, só com ternura e um pouco de possessiva e afundou a cara em meu pescoço. Com um fio de voz, rogou que não o abandonasse que esse tipo de união se dava só a primeira vez, com o verdadeiro casal. Eu era sua cáraid, disse, seu casal eterno. Disse que eu era sua e ele era meu, e me suplicou que o deixasse me amar outra vez como ele sabia fazer. Não sei por que me angustiei depois daquelas palavras, sobre tudo depois de como me tratou, mas quis confiar nele. Voltou a tomar nos braços e a me deixar sobre a cama. Com suas mãos e seus beijos, acalmou meus tremores e meus medos. Com sua língua, lambeu e chupou minhas feridas e também as que não se viam. Colocou entre minha virilha e eu me cobri, doía e não queria que voltasse a me tocar ali.

Quando me pediu que deixasse me curar, pareci ver os olhos umedecidos e muito arrependidos pelo que passou. Enterneci não o pude evitar. Apartei as mãos, ele grudou e me

beijou um a um os dedos das duas mãos. Logo se acomodou entre minhas pernas e as separou com os ombros.

Posou sua boca e sua língua aí abaixo e eu me enrijeci. Aquilo era incrível. Chupou e me chupou até que quase me saltaram as lágrimas, mas esta vez de prazer e, depois de me levar ao êxtase três vezes seguidas, acomodou entre minhas pernas e afundou em mim. Eu acreditava que ia enlouquecer de gozo. Não imaginei nada parecido entre homens e mulheres. Mas ele me ensinou isso. Valeu a pena o sofrimento inicial para logo receber o prazer mais sublime.

Bom, pois já não sou virgem. Agora sou uma mulher apaixonada por um homem chamado Thor. Jade, a princesa berserker, e Thor, o guerreiro vanirio. Pequeno par.

Deus meu. Caiu o livro das mãos. Estava ardendo e sentia a pele transbordante de suor. Não soube quando começaram os dores, mas seu estômago começou a retorcer e a queimar como se tivesse um incêndio interno. Se encolheu e apertou o livro contra sua barriga. A virgem... O que estava passando? A dor remeteu pouco a pouco. Voltou a apoiar no tronco da árvore, respirando com dificuldade, ligeiramente enjoada e se resolveu a continuar com o livro.

Thor. Seria o mesmo amigo de Caleb? Estava convencida de que assim era. Repassou as folhas seguintes que continham as descrições explícitas de seus encontros sexuais. Pelo visto, desfrutaram muito um do outro.

Jade se apaixonou perdidamente por Thor e Thor por ela. Pareciam dois cães em zelo, perseguindo pelas noites, praticando todas as posturas, umas vezes de modo tenro, outras vezes rude e violento, em função sempre do momento e o calor da paixão. Ambos eram apaixonados, sem dúvida.

Logo havia outros resumos extensos sobre como eram os vaniros. Sobre a necessidade de sua cáraid, seus casais... Parecia interessante, mas os passou sem ver.

Chegou à outra parte do diário mais informativo.

Convertemo-nos em amantes fugitivos. Somos conscientes de que as diferenças entre berserkers e vaniros são completamente inviáveis. Se dissermos que estamos juntos, haverá uma guerra de novo. Ou pior, matarão por ter cometido desacato. Mas estamos apaixonados e queremos desfrutar de nosso amor todo o tempo que nos dê de presente a vida.

Assim decidimos ir da Inglaterra. Não podemos nos ocultar por mais tempo. Devemos encontrar um lugar ideal para nossas características. Acreditam que a Romênia é uma boa opção.

Thor está um pouco triste por deixar seu clã e seu melhor amigo Caleb, mas está ainda mais aflito pelas diferenças que distanciaram às duas raças até o ponto de matar por matar, de perseguir por perseguir, ou de proibir por proibir. Eu estou triste por não poder me despedir de meu pai, Ás. Mas é o que nos toca viver agora Thor e a mim. É o que arrasta a história dos vaniros e os berserkers. Ambos somos seres mágicos de linhagens ancestrais e, entretanto, isso é o único que temos em comum, pelo visto.

Os Bálcãs têm seu encanto. As pessoas aqui são quentes e embora haja berserkers e vaniros, incrivelmente, parece que se suportam melhor que na Inglaterra ou ao menos... essa é a

impressão. Alguns humanos conhecem nossa existência, mas seguimos entre os mitos e as lendas. Na realidade não querem acreditar. Não quisemos nos relacionar com nenhum clã. Não sabemos até que ponto poderiam voar as notícias até as ilhas e, embora saibamos que ao parecer não há muita relação entre os clãs ao redor do mundo, tampouco queremos nos arriscar.

Estou grávida. Thor e eu temos feito nosso pequeno milagre. As berserkers têm iscas, mas eu não estou certa de que vão ser mais de um, sobre tudo ao ser o pai um vanirio, mas Thor deseja que assim seja. Diz que quer nossas réplicas em miniatura. Eu me pus a rir. É tão tolo...

Surpresa inesperada a de hoje. Samael nos encontrou. Não sabemos muito bem como, mas certo que o vínculo entre irmãos é tão forte que no final pôde encontrá-lo. Ninguém sabia que Thor e eu tínhamos fugido juntos. Agora Samael sabe, mas não sabe que estou grávida. Decidimos não dizer nada. Pelo visto, não vai ficar, mas sim que exigiu de Thor que esteja em contato com ele, ao menos. Para não preocupar-se desnecessariamente. Thor aceitou.

Hoje nasceu nosso bebê. É uma menina incrivelmente formosa e rodeada da aura de luz mais pura e bonita que jamais tenhamos visto. Thor começou a chorar de emoção e eu também. Gostaria que meu pai conhecesse minha filha, mas não sei como reagiriam ao saber que é filha de um vanirio. E Thor desejava que em um dia tão especial seus amigos, Caleb e Daanna, assim como Menw e Cahal, estivessem presentes, sobre tudo Caleb que, embora não sejam irmãos de sangue, sim que o são de alma e coração.

Thor está afetado por isso. Acredita que está traindo seu amigo, mas, igual a mim, prefere não dizer que se apaixonou, casou e criou uma família com uma berserker e não porque nos envergonhe, mas sim porque poderia haver represálias indesejadas em ambos os bandos. Pelo resto, hoje é nosso dia mais feliz. Não tivemos nenhum problema para escolher o nome. Chamará Aileen. Diz Thor que em sua língua significa luz e me sobressaltaram suas palavras. Então, que o mundo a conheça como Aileen, a luz que iluminará suas noites e nossos dias.

Eileen enxaguou as lágrimas. A dor aparecia a intervalos cada vez mais curtos e seguidos. O livro a ajudava a manter a atenção afastando do foco da dor, mas cada vez custava mais.

Aileen. Que bonito.

Há uns homens muito estranhos rondando pelas montanhas. Na cidade, estão dando várias mortes em circunstâncias um tanto peculiares. As pessoas assinalam os bosques como a procedência dos que se fazem chamar nosferatus, vampiros que matam aos humanos e bebem suas almas.

Estes homens estranhos dizem procurar os nosferatus. Não sei o que pensar.

Aileen já tem um ano. É um bebê são e precioso. Pode sair ao sol sem queimar, bebe leite de meu peito e tem uns olhos enormes e rasgados de cor azulada. A cor dos olhos de seu pai antes que os deuses o convertessem em vanirio. Agora são de uma cor lilás que tira o sentido.

Não o entendo, quanto mais tempo passa, mais nos necessitamos um ao outro. Mais necessito de seu contato e de seu corpo. É como uma enfermidade. Bendita enfermidade...

Comecei a compreender o que significa ser sua cáraid. Ele também é o meu. Não posso viver sem ele e ele tampouco sem mim.

Thor está inquieto e eu também. As mortes acontecem aproveitando as guerras dos Bálcãs. Uns morrem pelas balas ou as bombas, outros pela fome e outros estão morrendo porque os vampiros os estão assassinando. E não só eles. Ultimamente parece que estão sendo atacados por lobos. Não quero imaginar que os lobachos[24] estejam por aqui. Algo tenho muito certo: nem os berserkers nem os vaniros são responsáveis por essas mortes.

Aileen já cumpriu dois anos.

Nossas dúvidas se confirmaram. Estão tomando a vaniros e berserkers por igual. Vigiam-nos e nos perseguem. Não procuram nosferatus. Buscam-nos. Há uma organização de homens humanos que pegam às pessoas das montanhas e logo não os devolvem. Esses desaparecimentos são a desculpa perfeita para nos culpar e ir a nossa busca. Querem-nos responsabilizar, mas não é verdade.

Nossa pequena Aileen... Pode que não esteja segura aqui.

Thor e um grupo de vaniros, junto com uns quantos berserkers, formaram um grupo de amparo de clãs. Terá que varrer a zona e investigar a fundo a estes caçadores.

Hoje mataram a outro vanirio. Kerzhakov. Sua cáraid está em choque. As mulheres tentam ajudar, mas acreditam que tem caído em uma grande depressão.

Hoje Anna, a cáraid do Kerzhakov, entregou-se voluntariamente ao sol. Morreu.

Thor e outros têm descoberto a organização e seus cabeças. O principal instigador se chama Mikhail Ernepo. Há outro homem chamado Patrick Teimoso e outro que se chama Sebastián Smith. Eles são a cúspide da organização.

Hoje Thor disse a Aileen que tinha um amigo muito bonito para ela para quando fosse toda uma mulher. Trata-se de seu melhor amigo, Caleb. Eu não cheguei a ver, mas certo que se é parecido a ele, tem que ser arrebatador.

Eileen reprimiu uma arcada. Estava literalmente atirada no chão. Seu corpo só respondia à dor. Lia o livro de lado e tentou manter os olhos abertos. Se alguém a encontrava nessa posição, o que ia fazer?

Caleb. Não podia ser ele. Negava achar que fosse ele.

Doía à cabeça, as têmporas iriam estalar, os olhos iriam sair da órbita. Doíam os dentes e os seios. Tinha a sensação de que os ossos estavam congelando e rangiam com cada movimento.

Mikhail Ernepo. Maldição. Ele estava no plano.

Decidimos retornar às ilhas e alertar os clãs sobre estas organizações. Não sabemos como alcançam os vaniros nem os berserkers, mas acreditam que trabalham em conjunto com os vampiros e com os lobachos. É a única resposta que nos ocorre. Eles têm o poder mental para nos captar. Por que nos perseguem estes humanos? Eu uma vez acreditei que se aliariam conosco, não

[24] *Cria de Lobos. Pode se comparar com os Nosferatus.*

que iriam à contra. Não lhes temos feito nada. Somos bons, defendemos aos humanos. E, entretanto, estes caçadores trabalham com os vampiros para nos dar caça.

Acreditam que estão tentando extrair algo de nossos corpos, algo que os vampiros desejam ou que inclusive os humanos desejam e, embora não sabemos com exatidão o que é, tem que estar relacionado com mutações genéticas de algum tipo.

Aileen tem quatro incríveis e tenros anos. Tem-nos cativados.

Desde ontem, estes assassinos nos perseguem. Retornamos a Dudley para alertar os vaniros, mas acreditam que os caçadores já têm gente que trabalha para eles justo aqui, em Black Country. Não podemos nos mover sem levantar suspeitas, e acreditam que nos seguem. Não podemos levar nem até os vaniros nem até os berserkers. Queria poder avisar papai. Assim esperamos que Samael se encarregue de alertá-los a todos. Perseguem-nos quase em manadas. Dá medo pensá-lo, mas acredito que sabem que somos um casal de raças distintas e que dessa união nasceu alguém como Aileen. Temo por ela... Acredito que interessa muito. Estas pessoas se organizaram e se distribuíram por aqueles lugares da terra onde existem nossas raças e se estão aproveitando de nossa pouca comunicação.

Eileen passou a seguinte página, mas já não havia nada mais escrito. Estava pondo o sol, aproximava a escuridão, à noite. Começava a perder o conhecimento quando seu corpo se esticou para amortecer outra convulsão que sacudiu as vísceras e a deixou de quatro. Quis vomitar, mas não tinha nada no estômago, só bílis. A bílis ficava na garganta e a amargurava.

Outra convulsão. Cada vez mais seguidas, mais fortes.

Era ela Aileen?

As perguntas amontoavam sem fôlego e a maldita dor acompanhada de trementes espasmos não dava trégua.

Jade... Jade se transformou à idade de 22 anos. A partir das doze da noite, ela faria a mesma idade. Não podiam dar tantas casualidades...

Não, por favor. O sol se foi. Sentiu uivar um cão e olhou aos arredores do parque. Estava sozinha de verdade.

A seguinte convulsão fez cair de lado e ficar encolhida. Grunhiu afundando a cara na erva e apertou o livro contra ela.

Estava morrendo e não ia aguentar isso muito mais.

Uma convulsão mais. Esta a deixou pegando ar, desesperada por respirar, por obter ar. As lágrimas nublavam a vista. Já não podia mover. O olhar ao mesmo nível chão.

Dois pares de sandálias Quicksilver pararam em frente dela. Os pés grandes com dedos de unhas bem cortadas e cabelos de homem.

Não podia elevar o olhar para ver.

—Né, olhe — disse um deles. —O aroma vem dela.

—Merda, esta garota me puxou uma presas — disse o outro com desprezo.

Sentiu que uma cara de feições anguladas e muito moreno, se agachava para olhá-la nos olhos. Tinha o cabelo muito curto e loiro platinado.

—Acredito que está mudando — a olhou no rosto e colocou a mão na frente. —Está ardendo.

Sentiu como punha um braço sob as pernas e outro sob os ombros e a levantava sem nenhuma dificuldade.

Ela não soltava o livro.

—Madadh-allaidh — disse ela sem forças. Lembrou as palavras de Thor, no sonho. Wolverhampton... Os Madadh-allaidh.

—Disse o que acredito que disse? —perguntou o outro rapaz.

—Buscava-nos, pequena? —perguntou o que a tinha nos braços. —Me diga quem tem feito isto?

Outra convulsão e vontade de vomitar. Esta vez devolveu sangue sobre a camiseta do rapaz.

—Vamos levar a um lugar mais cômodo — afirmou ele sem alterar. —Seu corpo está trocando, querida.

Eileen se agarrou à camiseta do rapaz e afundou sua cara no largo ombro do jovem. Já não aguentava mais e não importou que a carregassem nos braços.

Caleb estava alterado. Sulcava os céus em direção ao centro de Dudley. Eileen tinha que estar por aí, não podia ter ido muito longe. Desde que deixou de vê-la, seu corpo se ressentido e formou um buraco oco à altura do estômago. Devolveu o aroma e o sabor. Saciava sua fome insatisfeita desde milênios.

Não queria acreditar que ela fosse sua cáraid, mas seu coração, seu corpo e seu membro diziam que sim era. Era incrível, uma brincadeira do destino.

Quem era Eileen? Por que Mikhail a esteve drogando? Parou sobre o telhado de uma das casas do povo.

Não havia muito movimento nas ruas. Entretanto, algumas pessoas passeavam com seus cães.

Caleb tentou estabelecer comunicação telepática com ela. Já bebeu de seu sangue, agora já podia falar com ela, mas seu sinal era débil. Antes, estando ela sob a luz do sol, não podiam comunicar. O reflexo da luz na mente de Eileen o impedia. Agora já era de noite e saíram todos em corrente para procurá-la, mas só ele podia controlar a desse modo.

Eileen... onde está?

Esperou resposta. Franziu o cenho e voltou a tentá-lo.

Eileen sei que está débil. Veem a mim e eu te cuidarei. Tudo isto passará. Já o verá.

Escutou um gemido esmigalhado de dor. Todo seu corpo se esticou e temeu por ela. Ela estava sofrendo fisicamente.

Anjo me indique onde está.

Vai à merda.

Bem. Sua guerreira ainda tinha forças para encarar a ele. Mas estava muito débil e sentia uma grande agonia. Tentou entrar em sua cabeça, averiguar onde estava.

Nem te ocorra, monstro. Advertiu com um fio de voz.

Caleb voltou a tomar impulso e sobrevoou Dudley. Guiava mais pela intuição que por outra coisa. Tinha conseguido ver uma imagem do centro de Segdley. Teria podido chegar ela até aí?

Onde está? Perguntou esticando a mandíbula. Queria encontrá-la desesperadamente e fechá-la em sua casa para pedir perdão a sua maneira.

Tranquila, garota ficara bem. Agora só aguenta um pouco mais...

O que era essa voz de homem? O que foi isso? Com quem estava Eileen?

Era um varão. Eileen estava com um varão e ele cuidava dela. Maldição... Um sentimento completamente alheio a ele percorreu as vísceras e colocou em tensão todos os músculos do corpo. Eileen foi sua fazia umas horas. Só dele. Com quem diabos estava agora? Soltou um rugido de raiva e um desejo incontrolável de arrancar a cabeça ao homem que estava com ela se apoderou dele.

Quem é ele?

OH, Deus...

O que? O que te acontece?

Sentiu a dor dela. Algo a estava rasgando inteira. Eileen gritou com todas suas forças. Não deixava de suar e tampouco podia abrir os olhos. A última vez que o fez, uma luz potente a cegou.

Caleb se estremeceu.

Eileen vou por você agora mesmo. Indique-me onde está.

Eileen?

Não respondeu e a comunicação mental ficou desprendida. Imediatamente Caleb, que sobrevoava a zona limite entre o Wolverhampton e Dudley, perdeu todas suas forças e caiu ao chão e ficou sem respiração.

—Não, Eileen...

Já não a detectava, não a sentia. Não podia ter morrido. Essa garota não podia ter morrido. Era forte como nenhuma outra que conheceu. Não, sorriu aliviado. Não estava morta. Percebia.

Era a dor por ela, a empatia que corroia sua consciência e seu coração, em milênios adormecido, o que provocou que Caleb perdesse as forças.

Era Eileen sua *cáraid*?

Poderia sua cáraid odiá-lo tanto?

Poderia perdoá-lo?

Rememorando tudo, certo que não.

Capítulo 7

—Corre Aileen... Corre Aileen... Não olhe atrás...

A lembrança das vozes de sua mãe e de seu pai se misturava com o vento e com os passos desses homens que a perseguiam. Respirava agitadamente, temerosa de olhar para trás. Uma mão a agarrou pelo pescoço puxou para chão e deu um soco na cabeça. Ficou com os olhos meio abertos, mas não estava de tudo consciente. O único que viu foi um rosto de barba branca e olhar aquilino que se inclinou sobre ela. Mikhail, um pouco mais jovem. Além disso, tinha a coxa esmigalhada por três arranhões.

—Poderia tê-la matado, estúpido... —repreendeu Mikhail ao que usava o taco de beisebol.

—Acredito que está em estado de choque.

—O que está é inconsciente. Pega-a, a levaremos. Veremos como tirar proveito.

—E os pais?

—Deixaremos no centro de investigação. Mas diante... deixe-me à mãe um pouco, arrependerá de me haver esmigalhado o quadríceps merda, pode ser que fiquei coxo. —sussurrou com veemência.

Amanheceu. Ou talvez fosse que estava morta. Não sabia.

Pareceu com o que passou o dia em que perdeu a seus pais, porque agora estava convencida de que se tratava de seus verdadeiros pais. Lembrou o dia em que ficou inconsciente estendida na grama e Mikhail a levou com ele.

Mikhail era coxo por culpa de Jade, pois o feriu de gravidade tentando defendê-la.

Deveria estar impressionada pela revelação de que ele não fosse seu pai. Mas não estava. Ao contrário, sentia calma e em paz pela primeira vez desde fazia... enfim, nunca se sentiu assim.

Sim, ela era Aileen. Filha de Thor e Jade. Não tinha ciência certa do que aconteceu essa trágica noite. Açoitaram-nos certo, mas não podia esclarecer nada mais. Entretanto, podia recordá-los. Podia lembrar quanto adorava e admirava sua mãe Jade ou quanto amava seu pai Thor. Sentia o amor que processava um amor gravado agora em seu sangue e em seu coração. A alegria de ter sido uma filha realmente querida e protegida encheu a alma machucada. Tampou a cara com as mãos e começou a chorar.

Precisava desafogar. Muitas emoções em um curto intervalo de tempo. Quando se acalmou, não sabia o que seria dela a partir desse momento, mas sabia que, afinal nada ia ser igual à antes, ela devia amoldar e tinha a segurança de que ia fazê-lo. Sempre foi assim prática.

Devia fazê-lo, devia encontrar o sentido a tudo o que passou o controle de sua vida, fosse o que fosse.

Esfregou os olhos com a mão enfaixada e se surpreendeu ao notar que não doía. Enfocou os olhos no pulso. Não parecia nem sequer quebrado e a quebraram a noite anterior. Com curiosidade começou a desfazer a vendagem, pouco a pouco, até tirar por completo.

Parecia impossível. O pulso sarou por completo, como se nunca a tivessem quebrado.

Levantou. Estava em um quarto feito todo de madeira. Pela janela penetrava a luz da manhã e apareciam umas vistas bem bonitas de árvores e montanhas. Entretanto, não fazia sol, mas pela primeira vez gostou desse amanhecer nublado.

Sentia como nova. Tinha uma fome de mil demônios e precisava ir ao banheiro. Apalpou a seu lado. E o livro? E a adaga?

Levantou-se de um salto e ficou imóvel. Olhou seus pés, suas pernas... Vá, Por Deus, haviam tornado a tirar as calças. Que mania tinham todos de despi-la...

Jogou uma olhada a seu estômago plano, seus seios e tocou a cara. Algo mudou. O que era?

Procurou um espelho naquele quente quarto. E enquanto girava sobre si mesma para localizá-lo, abriram a porta.

Entraram dois rapazes altos e atléticos, com o cabelo ao estilo militar, muito curtos e muito morenos de pele. Um deles tinha o cabelo de cor negra, e o outro, tão loiro que parecia branco. Lembrava ligeiramente.

O de cabelo quase branco tinha um brinco de madeira que atravessava a orelha como se fosse uma estaca.

O outro o usava na sobrancelha. Seus olhos eram incrivelmente grandes e seus lábios grossos. Ambos muito bonitos, por certo.

Os dois se aproximaram e um colocou diante e o outro atrás.

—Pelo Odín... —disse o moreno. —Está para que passem creme, preciosa.

Eileen elevou as sobrancelhas e deu um sorriso inclinado.

—E você certo que não come nenhuma rosca se acha que pode ligar assim — respondeu. — me devolvam minhas calças, agora mesmo — estava nervosa, mas não tinha medo. Sentia bem. Sua cara estava relaxada, mas seu tom era duro e exigente. Desde quando podia soar tão fria e altiva?

—Mmm... —o de cabelo branco grudou uma mecha azeviche de Eileen e o cheirou. —Quem foi a presas que a montou querida? Vamos matá-lo — roçou seu pescoço com seu nariz.

—Presas? Como sabe que...? —separou-se bruscamente. Nada de tocar. Ninguém ia pôr um dedo em cima nunca mais.

—Cheira — disse o moreno elevando o queixo com a mão. — Marcou-te.

—Não. O da cara não me fez isso ele...

—O rosto a deixa estupenda, preciosa. É sua pele, seu aroma. Deixou sua essência — sussurrou o moreno olhando-a com assombro nos olhos. —minha mãe, seus olhos são...

Eileen apalpou a bochecha e o lábio. Não sentia nem dor nem inchaço. Tentou afastar-se.

—Tiraram-me do parque? O que me passou? Mostrem-me um espelho. —Assim ainda não te viu... —murmurou divertido o loiro. Começou a ficar nervosa.

—Deixem à moça em paz — ordenou uma voz da porta.

Um homem de uns cinquenta anos, bastante alto, com uma longa juba negra e olhos de cor verde clara, aproximou dela. Vestia jeans, botas de montanha e uma camisa vermelha e negra quadriculada.

—Aileen — inclinou a cabeça a modo de saudação.

Eileen entrecerrou os olhos e olhou ao novo visitante. Era a primeira vez que a chamavam assim.

—Como sabe quem sou? —perguntou surpreendida.

—Toma — entregou o livro e a adaga. —Ainda não posso acreditar quem é. Mas é inevitável não dar conta de se parece com ela.

Agarrou os dois objetos com receio.

—A quem me pareço? — perguntou desejando ouvir a resposta.

—É igual a sua mãe. Jade.

Aileen tragou saliva. Tentava assimilá-lo com rapidez, mas custava. Poderia jurar que o que sentiu então foi alegria para ouvir que se parecia com ela.

—Suponho que não acreditará em mim se digo que não recordo muito minha mãe para se justificar. Nem sequer meu pai — os dois rapazes grunhiram como se fossem cães, mas ela os ignorou. —Quem é você? Quem são?

—Calem — ordenou. O homem a olhou de marco em marco e finalmente sorriu. — A muito do que falar, mas antes — a tirou dos ombros, abriu a porta do banheiro e a colocou em frente do espelho de corpo inteiro que havia ao lado da banheira— se olhe.

Por todos os Santos do céu... mudou. Seu corpo era o mesmo, mas mais tenso e suave como advertiu ao tocar o estômago. Seu cabelo murcho e azeviche brilhava de um modo natural, quase como de salão de beleza, mas ela não esteve em um desde fazia várias semanas.

Seu rosto. Era igual à antes só que se antes era bonita agora... agora era mais. Não sabia como explicá-lo, mas, a todos os efeitos, se antes chamava a atenção, agora simplesmente a chamaria... muito, muitíssimo mais.

Então advertiu a mudança radical. Seus olhos. Já não eram azuis cinzentos, mas sim tinham adquirido a cor das campainhas na primavera. Um lilás tão claro que não parecia possível em olhos humanos. Thor tinha essa cor de olhos quando o transformaram. Isso dizia o livro.

Quem o transformou? E por quê? Tinha tantas perguntas sem responder.

Para começar a primeira: Ela seguia sendo humana?

Abriu a boca e mostrou os dentes. Seus dentes eram mais brancos do normal e, com a língua, notou umas presas mais afiadas que antes. A simples vista ninguém o notaria, mas se fixavam bem, as diferenças estavam aí. Não tinha o roxo na bochecha, desapareceu. E seu lábio já não estava partido.

—Reconhece? —perguntou o homem.

Eileen jogou o cabelo para trás em um gesto coquete e feminino e ficou de lado para ver sua silhueta de perfil.

—Sou mais... —esclareceu a garganta tentando definir o que via no espelho. —Enfim, pareço bem.

—É preciosa, menina — disse o homem olhando com admiração e doçura.

—Sou como antes, mas sem o “E”.

Os três se olharam confusos e ela teve que explicar-se.

—Até faz umas horas me chamava Eileen. Era filha de Mikhail Ernepo, minha mãe morreu quando nasci, vivia em Barcelona e trabalhava em uma empresa que pelo visto dava caça a berserkers, que ainda não sei quem são — explicitou, —e a vaniros por igual. A partir de agora, meu nome é Aileen, sou filha de Jade, uma princesa berserker, e de Thor, um guerreiro vanirio. E melhor que não ladrem — reprovou com o dedo aos dois jovens. —Dei conta que grunhiram ao mencionar meu verdadeiro pai. Enfim, me encontro na Inglaterra, depois de que me sequestrassem uns vaniros psicopatas e violentos. Fui sua refém umas horas, mas escapei e logo cheguei ao Wolverhampton, onde graças a um sonho que tive a mesma noite que perdi... bom, isso dá igual, descobri que meus verdadeiros pais deixaram um presente para mim sob a ponte de West Park. Os presentes eram este diário e a adaga. Li o diário enquanto uma dor me percorria as vísceras e os ossos, e então li que minha mãe, converteu-se em mulher berserker aos 22 anos. Hoje é meu aniversário, 18 de junho, 22 — cruzou os braços e endureceu o olhar. —Diz alguém agora no que se supõe que me converti?

O homem colocou suas mãos sobre os finos e suaves ombros de Aileen.

—Meu nome é Ás. Sou o chefe desta manada da Inglaterra. Os vaniros nos chamam Madadh-allaidh, lobos selvagens. Nós preferimos berserkers. Minha filha era Jade. Este era seu diário — assinalou o livro que Aileen tinha em suas mãos. —E você é minha neta.

Aileen o olhou do espelho e girou bruscamente para ele.

—O que disse?

—Sou seu avô. E me acredite quando juro que o que digo é certo.

—Preciso me sentar — tremiam os joelhos e estava convencido de que se não se apoiava, cairia cedo ou tarde.

Ás a ajudou a sentar de novo sobre a cama.

—Quero minhas calças — ordenou. Não podia falar sentindo-se quase nua.

Ás olhou aos dois rapazes e fez um gesto com a cabeça. O moreno abriu um armário embutido e tirou as calças jeans lavados e engomados. Os ofereceu.

—Prefiro sem eles, bonita — soltou o loiro descarado.

Aileen arrancou as calças das mãos com muito mau humor. Levantou e os colocou. Logo voltou a sentar e Ás se sentou com ela.

—Diz que sou uma mulher lobo...?

—Acredito que é uma mescla de duas raças ancestrais muito poderosas.

—Berserker e vanirio — resumiu o loiro sorrindo. — Parece atroz.

Aileen sacudiu a cabeça e a apoiou sobre suas mãos.

—Então é verdade. Converti-me... Isto não pode estar acontecendo realmente — sussurrou.

Ás colocou uma mão nas costas e a massageou. Elevou o olhar e com um gesto indicou os meninos que se fossem do quarto.

—Nos deixem sós — ordenou.

Os dois meninos se foram no que dura um suspiro.

—Devo estar me ficando louca — continuou Aileen.

—Aileen, necessito que me explique tudo o que passou. Não está louca. Deixe-me entender.

—Desde quando? —perguntou sem levantar o olhar para ele. Ás percebeu de que as lágrimas se juntaram em seu queixo e que gotejavam sobre seus joelhos.

—Entendo que esteja assustada, e que...

—Não. Não entende nada... —gritou olhando nos olhos. —Eu... eu acredito que enlouqueci, que... —Não, Aileen.

—Berserker? Vanir? Eu não acredito nestas coisas... isto... supera.

—É só a primeira impressão. Vêem aqui.

Sem pedir permissão, aproximou-a de seu peito e a abraçou. Apoiou o queixo sobre sua cabeça e acariciou o cabelo. Aileen agradeceu o contato e, pela primeira vez desde que a arrancaram de sua casa, relaxou.

Ás a balançou e começou a cantar uma canção de ninar e automaticamente seu corpo se voltou gelatina.

—Essa canção de ninar — sussurrou Aileen soluçando de tanto chorar. —A lembro...

—Lembra? —perguntou ele com surpresa. —Eu a cantava a Jade quando era pequena.

—Pois a lembro. Acredito que sim. As lembranças me vêm pouco a pouco, desde... anteontem de noite.

—Aileen, preciso saber o que é o que te passou. Por que não lembrava de seus pais? Preciso entender por que tenho uma neta a quem não conheço. Todos estes anos acreditei que Jade a raptaram e mataram os vaniros. Explique-me o que passou... Quero saber tudo, de onde você lembra.

Aileen pegou ar para explicar tudo o que ela sabia até fazia umas horas. E as últimas revelações que teve depois de que a sequestrassem. Quando acabou de contar tudo, Ás seguia abraçando-a como se fosse o mais prezado de sua vida.

—E bem? —ela separou do círculo protetor de seus braços e o olhou. —Não diz nada?

Desde que Aileen começou sua história, ele não perdia o fio de nada. Quão jovem cobriam seus braços tinha a mesma idade que tinha sua filha Jade quando se foi. Era igualmente formosa ou mais. Lembrava tanto sua filha perdida.

Sua voz, seu cabelo, essa covinha não muita pronunciada de seu queixo. Sorriu. Era um traço de sua família, ele também tinha.

O que fizeram não estava bem. Era injusto que sua recém aparecida neta sofresse desse modo, mas, graças a isso, agora ele a conhecia. Tinha a fortaleza e o caráter de Jade.

Ás inalou profundamente, levantou e ofereceu a mão para que a acompanhasse.

—Saiamos a dar uma volta. Quero que tome ar, Aileen. —Aileen não soube muito bem como fez, mas adivinhou o que Ás realmente estava pensando.

—Não, não quer que tome ar. Quer ver como responde meu corpo à luz do dia. Se meu pai era um vanirio, então eu...

Ás jogou os ombros para trás e a olhou com orgulho. Sua neta não era tola. —Você fica brava que queira saber?

—Não, não me incomoda. Mas agradeceria que fosse sincero comigo. Já suportei muitas mentiras, não parece? —reprovou. —Sou um inseto estranho. É isso, verdade?

—Não, Aileen. Você, mais que ninguém, é um fenômeno da natureza. Perdoe-me — se abaixou e pegou suas mãos. —Não queria te ferir. É simplesmente que o teu é o primeiro caso de hibridação. Sua mãe era uma berserker que se juntou com um vanirio. Não acreditávamos que fosse possível a fecundação entre as duas raças, mas você está aqui — beijou a mão com querida.

—Explique-me isso tudo. Preciso entender o que sou — suplicou apertando as mãos.

—Vêem comigo então. Daremos uma volta pelo jardim e o resto da manada te conhecerá. Eu contarei tudo o que saiba. — Aileen se levantou e Ás a seguiu.

—É meu avô, então? —perguntou Aileen tremendo a voz. —De verdade?

—Sou seu avô, sim — disse ele apartando uma mecha de cabelo da cara. —Acostumaremos o um ao outro, já o verá. Mudará aqui para viver comigo. Não voltará para Barcelona.

Aileen baixou o olhar e assentiu nervosa. Nunca teve avô. Elevou os olhos de novo e apertou os lábios.

—Tenho amigos ali. Não quero deixar de vê-los.

—Não o fará. Não estará presa. Poderá viajar sempre que quiser.

—Advirto que, na realidade, estou muito assustada embora não pareça, mas não sei por que tenho esta atitude tão à defensiva. Eu sou agradável, na realidade.

Ás segurou pelo rosto com as duas mãos e encolheu os ombros.

—Os berserkers têm esses traços. Somos resmungões e precavidos, mas você é muito doce, querida — disse ele corrigindo-a. — Eu juraria que é uma mescla perfeita e turbadora das duas coisas. Uma híbrida, Aileen.

Quando saíram juntos ao jardim, os dois rapazes os secundaram colocando-se atrás deles. Ás tinha um braço passado por cima dos ombros e a abraçava dando calor.

A casa em que esteve era uma mansão feita toda de madeira. Entrava muita luz pelas amplas janelas que davam a cada uma dos quartos. Sobre tudo no salão.

Ao sair ao jardim, à claridade do dia incomodou. Mas seus olhos se adaptaram no final uns segundos.

—Encontra bem? —perguntou Ás preocupado.

—Sim.

—Não arde a pele? Não queima?

Aileen olhou seus braços. Sua pele, que era da cor do mel, não parecia reagir à luz do sol. Sentiu aliviada. —Não sinto nenhuma moléstia.

—Boas notícias — comentou o avô Ás. —Pelo visto não adotou esse traço tão irritante dos vaniros.

Aileen pensou em Caleb e em seus amigos. Alegrava não ser assim.

—Não quero ser como eles — sussurrou com voz débil.

—Mas tem coisas deles — assegurou Ás. —É inevitável. Você... pai... Deixemos. Mudaram os olhos e também desenvolveram os incisivos superiores — assinalou sua boca. —Isso, ao menos, é o que se vê a simples vista.

—Está-me dizendo que a simples vista sou uma vampira? Não. Não quero ser...

—Está bem, está bem, tranquila — detiveram e a voltou a abraçar sorrindo. —Na realidade, Aileen, qualquer que te veja pensará que é muito bonita para ser real. Não sei se você o aprecia, mas esses olhos que tem teriam de estar censurados. Voltará louco a qualquer um que olhe com eles. Vai-me custar muito trabalho afastar aos machos de você.

Aileen sorriu contra o peito de seu avô. Isso estava melhor. Embora o dos machos...

—E suas presas... apenas notam. Embora deveremos saber até que ponto podem desenvolver. E quanto ao do sangue...

Aileen esticou os músculos. Não pensou nisso. Na realidade não pensou em nada do que comportava sua transformação.

—Nego-me a beber sangue.

—Não gosta? —Ás a olhou nos olhos para assegurar disso.

—Não, Por Deus — disse desgostada colocando a mão no estômago. —A só ideia me repugna. Tenho fome e revolvem as tripas, mas em último o que penso é em sangue. Prefiro um bom prato de massa e um pouco de bolo... não sei se o poderá solucionar...

—É obvio que sim. Direi ao mordomo que te prepare um bom manjar — disse Ás rindo. —Todos estarão mais tranquilos ao saber isso.

Seguiram caminhando.

—Até faz uns dias acreditei estar doente. Disseram que aos sete anos diagnosticaram diabetes tipo um. Agora sei que não estou doente, sinto em meu corpo. E gostaria de bolo, algo doce com milhares de calorias.

—Não está doente. Se estivesse não teria feito a conversão— explicou Ás. —Os vaniros estavam certo. Certamente drogaram para que esquecesse quem foi e fizeram acreditar que o que davam era insulina.

—Sinto-me tão... utilizada e enganada — tinha os olhos tristes e na voz se denotava um ponto de derrotismo.

—Não pense agora nisso. Olhar adiante.

—Acredito que me retinham até que chegasse minha mutação. Eles me queriam... —apertou os punhos até quase fazer sangre.

—Relaxe, Aileen — Ás apertou o braço em torno dela. —Averiguaremos quem são e o que querem exatamente.

—O que me vai passar as noites de lua cheia? —perguntou ela enquanto jogava com os dedos da mão. Faria um esforço por conseguir domar a raiva que sentia nesse momento.

Ás fez um gesto de surpresa e logo começou a rir como um louco. Aileen o olhou um tanto irritada.

—O que? Disse uma estupidez?

—Não, querida— Ás acalmou. —Isso é parte das lendas urbanas. Os berserkers nos transformamos quando queria ou quando nos irritam de um modo excessivo, mas inclusive podemos chegar a controlar isso. O que passa as noites de lua cheia... é... —vá, Por Deus, encontrava um pouco incômodo falando de algo assim com sua neta. —Nós não somos como os homens lobos.

—O que quer dizer Ás —explicou o de cabelo loiro— é que em lua cheia a testosterona e a progesterona dispara — arqueou as sobrancelhas e mostrou um sorriso do mais sensual. —E a você, céu — aproximou dela e sussurrou ao ouvido. Terão que prender num lugar certo para que não nos joguemos em cima de você.

Aileen tragou saliva. Se pretendia envergonhá-la, tinha-o conseguido. Isso não estava bem.

—O que disse Noah? — perguntou Ás.

—Nada, Ás — respondeu com gesto indiferente. —Só que não acredito que deva preocupar-se por isso enquanto cheire a varão vanirio.

—Se esquece de mencionar que também me disse que você estaria mais que disposto a me tirar esse aroma — Aileen sorriu com desdém. Não ia ofender ninguém mais. Já não.

De onde tirava a coragem para falar desse modo tão ousado e tão sedutor de uma vez? Ela não era assim.

— Touché — sorriu Noah.

Aileen se aproximou de seu avô pedindo com linguagem corporal que voltasse a passar o braço por cima. Ele o fez.

—Então... tem fome, não gosta do sangue e tolera a luz do sol — resumiu Ás com alegria. — É fantástico.

—Voltemos para o de transformar. Tampouco quero fazê-lo.

—No melhor tampouco pode. Não sei qual foi à autêntica mutação que experimentou seu corpo nem se a hibridação te permite desenvolver todas as qualidades das duas raças. Ao melhor, o sangue vanirio anulou parte do potencial berserker, e ao reverso.

—Por que me transformei agora? Por que não fui assim desde que nasci? E desde quando há berserkers e vaniros na terra? Acreditava que eram mitos e lendas surtos da imaginação da mente humana.

—Aileen, todos os mitos e lendas sempre têm uma parte de verdade — afirmou Ás olhando para frente. —nos sentemos ali.

Uma mesa de vime escuro com cadeiras ao redor a conjunto esperava para que se sentassem. Sobre elas, uma carpa muito elegante de madeira os cobria do sol. Tomaram assento e Ás prosseguiu a conversa.

—Nossa raça procede dos tempos ancestrais — explicou o homem. —Muito se disse sobre os homens lobo, aqueles que têm o poder de transformar em animais sangrentos em lua cheia e matam e assassinam a humanos. Esse não é nosso caso. Somos berserkers.

—Me conte o que é um berserker — inquiriu Aileen com ênfase.

—Somos guerreiros de Odín — esperou a que Aileen interquebrasse, mas em vez disso, ela assentiu com a cabeça.

—Já, continua.

—Odín é um deus nórdico. O pai de todos — esclareceu ele esperando uma pergunta.

—Aha, segue — franziu os lábios.

—Está bem. Faz milhares de anos os deuses receberam uma profecia chamada *O Caso dos Deuses, o Ragnarok*. A profecia dizia que haveria uma guerra entre os deuses do céu. A guerra se produziria pela rebelião de uma parte dos deuses — Ás olhava de vez em quando a Aileen, mas esta não mostrava nenhum tipo de reação assim continuou. —Uma parte dos deuses estaria a favor de dar aos humanos o livre-arbítrio até que por si só evoluíssem como civilização e se convertessem em professores de seus próprios professores. Outra parte minoritária estaria em contra, já que viam estes seres inferiores para emprestar tanta atenção. Assim que uns deuses lutaram a favor da submissão dos humanos, porque estavam assustados por acreditar que essa raça inferior que povoava a terra chegasse a ser mais capitalistas que eles e os desbancasse no poder supremo da ordem do universo. Outros, entretanto, decantaram a favor de entregar as rédeas e a liberdade observando em sua evolução como civilização, sem fazer dependentes de deidades e sem que soubessem da existência dos deuses. Só avaliando-os e estudando seu próprio avanço como seres independentes.

—Havia uns deuses que queriam controlar aos humanos e outros que diziam que melhor nos deixar tranquilos e a nosso cilindro, não?

—Vejo que entende.

Aileen seguiu com o olhar aos dois rapazes berserkers que davam voltas a seu redor.

—Tento, me acredite.

—Bem. Os deuses não puderam chegar a nenhum acordo e houve uma batalha chamada Ragnarok. Estudou mitologia?

—Não, mas tenho um amigo que se voltaria louco com tudo o que me está explicando — sugeriu Aileen cruzando os braços em um gesto não muito paciente. —Continua, por favor.

—Nessa batalha morriam os bons — esclareceu Ás. —Os deuses aesir e os vanir se uniram a Odín e contribuíram suas próprias criaturas fantásticas. Mas o matavam e então chegava o fim do mundo. Os jotuns, os traidores liderados pelo deus Loki, acabavam com todos eles.

—Mmmm... que tranquilizador — comentou Aileen com sarcasmo. —Menos mal que é uma profecia.

—Mas é muito real. Por isso Odín decidiu encarcerar Loki em uma prisão de cristal no Asgard, o céu, antes que iniciasse a rebelião. Mas Loki escapou de algum jeito utilizando algum tipo de feitiçaria e descendeu a Midgard, a terra. Aqui ficou conjurando sua própria prisão e fazendo a vida impossível à humanidade que tanto detesta.

—Desceu como um anjo caído?

—Sim. Loki poderia ser perfeitamente o ser que a tradição cristã conhece como diabo.

—E o que fez Odín para ajudar aos seres humanos contra Loki?

—Odín se serve de um exército de seres mágicos que ele mesmo criou como as Valquírias ou os einherjars que eram guerreiros implacáveis e também os chamados berserkers. A princípio, eram humanos einherjars, guerreiros e fortes, mas Odín entregou dons sobrenaturais aos mais desenvolvidos na arte da guerra quando tocou com a ponta de sua lança e outorgou o od. Od quer dizer fúria e berserker significa fúria desenfreada. Os dons que outorgou foram à capacidade de metamorfosear. É a extensão dos músculos dobrando o tamanho original. Os incisivos inferiores e superiores se alongam, o cabelo da cabeça cresce depois de cada transformação, sai belo na pele e os olhos se dilatam e se voltam amarelos.

—OH, por favor... —olhou-o assombrada. —Quanto faz que Loki desceu a terra?

—Como de antigo é o demônio?

—Não posso acreditar — sussurrou isso. —Quantos anos tem você? — Muitos — respondeu ele sem querer dar importância. —Venho de um dos originários.

—Quantos?

—Três mil anos.

Aileen deixou o olhar perdido e fez negações com a cabeça.

—Uff... muita informação.

— Esta bem?

—Sim, sim... —sorriu para tranquilizar. —É muito velho.

Ás soltou uma gargalhada. Aileen não perdia o senso de humor nem nessas circunstâncias. Pareceu orgulhoso disso.

—Odín e o resto dos deuses não puderam parar Loki em sua descida ao mundo dos humanos — continuou— mas, em troca, e, para reprimir as futuras ações do Loki, decidiram fazer descer os Midgard os integrantes de seu exército. Berserkers, guerreiros einherjars e Valquírias. Eu sou descendente desses berserkers.

—E os esparramaram pelo mundo para que fossem os protetores dos humanos... —resumiu Aileen tentando não rir.

—O que te passa, bonita? —disse Noah um pouco irritado. —Parece engraçado?

—Graça? —repetiu ela olhando o de soslaio. —Não é isso, é que... Tenho o inoportuno costume de rir quando estou muito nervosa.

—Aileen, ainda não acabei que explicar o que é — advertiu Ás com severidade. —Disponha atenção.

Aileen mordeu a língua e o convidou com o olhar a que continuasse.

—Em teoria nossos antepassados vieram aqui a impor justiça a Loki, a mantê-lo a raia para que não se ultrapassasse com os humanos. E durante um tempo, isso foi possível. Até que os membros do exército de Odín se deixaram levar pela energia do Midgard.

—Não entendo — disse Aileen franzindo o cenho.

—Resultou que os homens e as mulheres humanas eram formosos e atraentes. Um dos mandamentos de Odín era que não se manteriam relações sexuais com os terrestres. Mas esse mandamento se quebrou. Assim começaram a manter relações sexuais com os humanos, criando

assim uma linhagem que se estendeu até o dia de hoje. Os berserkers originais, os puros, eram incorruptíveis, mas não assim os filhos que tiveram com os humanos. Muitos deles sucumbiram ao poder de Loki e seus comparsas, e se uniram a ele em seu plano de atormentar a humanidade. A mente do ser humano está cheia de desejos e debilidades. Isso é muito atraente para Loki.

—O que dizer é que houve uma divisão entre a raça berserker, quando vos híbridos com os humanos, verdade?

—Se inclua querida— sussurrou o moreno. —Você também é dos nossos.

—Adam... — advertiu Ás.

Aileen o ignorou por completo e seguiu falando com seu avô. —A hibridação fez possível que Loki pudesse influir nos filhos dos berserkers devido a sua natureza humana, mais débil, não é assim? Ás assentiu.

—Loki mudou os descendentes dos berserkers que se uniram a ele e os transformou em autênticos monstros. Esses são chamados os Doa-madadh ou lobachos, autênticas abominações selvagens em forma de lobos. A humanidade deve temê-los, não a nós. Nós somos bons, Aileen. Quero que o entenda e que não assunto ao que é — grudou suas mãos e as apertou impregnando força e valentia.

—Não é fácil compreender... —disse ela confusa. —E estes Doa-madadh estão aí fora espreitando os humanos?

—Sim, céu. Alimentam-se deles. Estão às ordens de Loki, são suas criações, igual aos nosferatus.

Aileen tragou saliva e assentiu.

—Repitam isso outra vez... Vocês estão aqui para proteger os humanos destes seres?

—Sim. Tentamos aplacá-los e que não façam mais mal de que têm feito já à humanidade.

—E o que tem a profecia? Quando se supõe que se vai cumprir?

—Não sabemos. E espero que o destino tenha se reescrito de novo com cada uma das ações feitas até agora porque se o Ragnarok chegar de verdade, o inferno se desatará na terra — respondeu Ás. —Mas, de momento, estamos brigando aqui por seus amigos. Eles merecem uma oportunidade.

—E... levam mal com os vaniros?—era mais uma afirmação que uma pergunta.

—Somos incompatíveis.

—Não são tão incompatíveis como para não ter filhos entre vocês — comentou afiando as palavras. Ela era uma prova de sua teoria. —E nos surpreende.

—E me diga vovô Ás — seu tom era algo desafiante, - o que pensa a manada de mim? Se tanta aversão tiverem aos vaniros... Meu pai, Thor, era um deles... Eu também resulto repulsiva?

—Você é minha neta, Aileen... — golpeou a mesa com o punho e ficou de pé. —E matarei com minhas próprias mãos a aquele que insulte ou faça mal... Começando por Caleb e o clã do Dudley.

Noah e Adam se colocaram atrás e cruzaram os braços. Com esse gesto deram a entender que eles também seriam seus protetores e que queriam vingança.

Aileen se angustiou e lutou por controlar as lágrimas. Odiava ser tão emocional.

—Não acredito que seja conveniente lutar contra eles — titubeou Aileen. Embora bem merecesse um castigo exemplar, sobre tudo Caleb.

—Aileen, você é dos nossos e deve saber que quem faz mal a um de nós, acaba-o pagando — comentou Noah olhando fixamente.

—O que fez Caleb? —perguntou Adam como se fora um inquisidor.

Aileen ficou rígida. Afastou o olhar dos olhos dourados de Noah e apertou a mandíbula.

—O fato, feito está. Não quero que ninguém lhe faça mal.

Ás negou com a cabeça a sua neta.

—Não, céu. Acredito que não o entende. Hoje mesmo vamos por ele.

—Defende-o, Aileen — disse Noah com tom acusador. De repente abriu os olhos e sorriu incrédulo. —É ele verdade? Ele te marcou assim?

—Basta... —gritou Aileen. Não queria recordá-lo, não queria pensar nele. —me escute vovô Ás. Faz dezessete anos enquanto o grupo de Mikhail nos perseguia, meus pais me pediram que encontrasse e que desse o livro de Jade e a adaga. Mas também me disseram que me levassem até o AnDuineDoch. O que é?

—Aileen, isso significa o homem da noite — explicou como se ela fosse uma menina. —Thor quis que levássemos até os vaniros, mas isso não vai acontecer. Você mesma esteve ali e não tem uma grata lembrança. Nem pensar — fechou em banda sem dar opção a pigarrear.

—Quero ir com vocês esta noite — disse elevando o queixo.

Por quê? Queria voltar a vê-los? Não, não era isso. Queria ver como ficava a cara com Caleb quando a visse. Ela era a filha de Thor e ele era curiosamente seu melhor amigo. Morria de vontade de vê-lo arrependido pelo que fez. Queria devastá-lo e fazer pagar. E queria... queria voltá-lo louco. Como ia fazer isso?

—Não — respondeu Ás.

—Sim — respondeu ela. —Por favor, deixe ir.

—Não quero que aconteça nada — Ás rodeou a mesa e acariciou a bochecha. —Não, agora que a encontrei.

—Não me vai acontecer nada. Não, estando com vocês. E não, tendo os argumentos que temos para contatar com eles. São os desejos de meu pai.

—Qual é seu argumento, Aileen? —perguntou Noah. —Esse não me serve.

—Meu argumento é o de todos, N-ou-a-h — respondeu marcando cada uma das letras de seu nome. —Há uma sociedade secreta de humanos que estão dando caça a berserkers e vaniros por igual. Não é agradável saber o que fazem quando os raptam, me acreditem — disse lembrando as palavras de Caleb. —Estes humanos estão acompanhados de nosferatus. Assim captam as ondas mentais de ambas as raças e também dos lobachos. Na Romênia, berserkers e vaniros se uniram para a causa. Não se sabe exatamente por que estes humanos nos espreitam — Aileen parou. Sentia essa causa como dela? —Mas querem obter algo de nossos corpos, algo

relacionado com o estudo de nossas mutações genéticas e acredito que para nenhum fim honrado.

—Nada que tenha que ver com nosferatus e lobachos é honrado. Eles são os jotuns, o exército de Loki — explicou Adam.

—Não tenho notícias de que os berserkers dos Bálcãs trabalhassem cotovelo com cotovelo com os vaniros — admitiu Ás incrédulo.

—Não tem notícias porque não estão em contato. E por isso, devido a sua pouca comunicação, estas sociedades secretas tem se feito mais fortes. Meus pais retornaram para alertar a ambos os clãs, mas... agarraram-nos antes. E os agarraram aqui... Nesta terra. Eu não sou a verdadeira surpresa que trouxe o livro de Jade. A surpresa é o que o livro de Jade pode mudar. Minha mãe deixou escritas umas palavras que proclamavam a necessidade de unir as raças, de lutar juntos por uma causa justa.

—Aileen, espera — Ás a olhou fixamente. —É certo que desapareceram muitos berserkers nos últimos dois anos, mas o atribuímos a pleitos com os vaniros. Os corpos que encontrávamos cheiravam a eles, não a humanos nem a lobachos. Não tem por que significar que...

—Mas não é assim — reprovou ela. —estão se aproveitando de suas diferenças para fazer acreditar que seguem em guerra uns com os outros e enquanto eles seguem limpando as mãos. Estas sociedades se uniram com os nosferatus e os Doa-madadh, ou lobachos ou como é que se chamem, para encontrar e reter. Não digo que de repente fiquem amigos íntimos dos vaniros, mas sim que formemos uma boa empresa entre nós. Pode ser que seja o único modo de parar estes caçadores e averiguar o que há atrás deles. Têm que falar disto. Terá que fazer algo...

—Por que interessa tanto, Aileen? —perguntou Adam. —Você é relativamente à nova da família. Não pode removê-lo tudo e por para cima. São muitos anos de diferenças.

—Claro que posso Adam... —grunhiu apertando os punhos. —Meus pais morreram por culpa destas pessoas. As diferenças entre vocês, suas proibições, seus tabus, todas essas coisas começaram a matá-los... —assinalou com o dedo. —Posso... Posso porque me roubaram minha vida... E não é justo que a um tirem o que é dele... Nego a ficar quieta quando me revelaram todo o bolo. Quero vingança e... e justiça...

Adam levantou uma sobrancelha, sorriu e fez uma reverência.

—Minhas desculpas, mademoiselle. Mas não voto a favor de que nos acompanhe. Não é um lugar para uma menina como você.

—Isso eu quem decidirei. Ou acaso não acham que possam me proteger? —perguntou com malícia. Mostrava-se orgulho, cederiam.

—Virá — Noah a pegou pelo braço com suavidade, mas era um gesto contrário a suas palavras. —Virá e verá como nos comemos às vísceras de Caleb — procurava a reação de Aileen, mas só pôde ver como ela assentia com a cabeça— e verá como deixamos bem claro a quem pertence.

Aileen notou que se disparavam todos os alarmes em seu interior. Não devia preocupar que pusessem Caleb em seu lugar. Mas não queria que ninguém o pegasse. De fato, não queria que

ninguém se pegasse por sua culpa. Sobre tudo quando havia coisas mais importantes que solucionar.

Ás observava com satisfação como sua neta se impunha aos dois homens do clã. Noah e Adam eram suas mãos direitas e, quando ele estava ausente, eles se encarregavam da manada.

Aileen poderia controlá-los a seu desejo se propor. Sua mãe, Jade, também o fazia. Tinha loucos aos machos, mas nunca deixou que ninguém confundisse sua beleza com uma suposta vulnerabilidade. Aileen era mais bela, sem dúvida, e ainda mais fera. Não se intimidava por nada.

Ás esclareceu a garganta e a separou deles voltando para agasalhar como o fez antes.

Noah e Adam se olharam o um ao outro, um tanto preocupados com as réplicas de Aileen. Essa garota era muito teimosa.

—Não vai ser agradável — disse Ás.

—Já sei — admitiu relaxando. Seu avô provocava a mesma reação que uma tila. —Mas não quero me ocultar. Quero que paguem por como me trataram, mas não quero uma guerra. Assim que saibam que sou a filha de Thor, retratarão. Tenho suficiente com isso e com que me mostrem o respeito que não me demonstraram, não só como híbrida que sou agora, mas sim como ser humano que fui e que ainda sinto que sou. Como mulher. É importante que saibam o que acontece você sabe. Fale-me deles, vovô.

—Dos vaniros? —perguntou surpreso. —Isso sim que não posso fazê-lo. É um acordo aesir. Se quer saber algo deles, terá que ir a Dudley e perguntar. Entre clãs não falamos uns dos outros.

—Não está no protocolo? —perguntou mal-humorada.

—Não tome isto de brincadeira, jovenzinha. Esta guerra durou muitíssimo tempo e vai ser difícil que afastamento tão facilmente.

—Me perdoe, é que... é tudo muito hermético. Não entendo por que passam tão mal, embora entenda que não caiam bem. O pouco que sei deles me produz enxaqueca e uma vontade horríveis de cuspir.

Ás sorriu diante o sarcasmo de Aileen.

—Deixarei o livro dos Edda para que entenda de onde vêm às diferenças entre vanir e aesir. Mas não penso falar das presas. A mim, já me está bem o conceito que você tem agora deles.

A Aileen não pareceu muito justo o comentário de Ás, mas tampouco importou muito. Ia-se, ou seja, algo dos vanir, ela mesma o averiguaria.

Seguiram caminhando, entrando mais no interior do bosque. Aquilo seguia sendo propriedade privada, pelo visto.

—Tudo isto que vê é nosso — disse Ás abrindo os braços.

Aileen olhou os arredores e fixou a vista em um ponto, onde havia um pouco parecido a um totem. Ao redor do totem, à medida que se aproximavam, viu um grupo numeroso de pessoas em círculo. Quando chegaram diante eles, Aileen sentiu que não tiravam os olhos de cima. Ouvia comentários de assombro e sussurros que pretendiam ser mais sonoros do que fingiam. Havias pessoas de todas as idades: meninos, jovens e adultos.

As crianças a olhavam com vergonha, sorrindo e agachando a cabeça. Aileen acreditou que eram adoráveis. Mas isso ela pensava de todas as crianças. Encantavam.

Os jovens, sobre tudo os meninos, despiam com o olhar, e as garotas, grosseiramente preciosas, não emprestavam muita atenção, embora Aileen sentisse que o faziam mais para não violentá-la que para ignorá-la e fazê-la sentir mal.

Os maiores sorriam com aprovação. Muitos agradavelmente surpreendidos por vê-la.

Quando Ás deu a notícia de que a filha de Jade chegou a sua casa, ninguém pôde acreditar de tudo. Assim para comprová-lo, toda a manada do Wolverhampton estava ali.

Aileen elevou a vista para olhar o totem. Era um lobo de três metros de altura. Muito propício, pensou.

Na realidade, se o que tinha em frente eram berserkers, não pareciam muito furiosos. Embora ainda não viu um enfurecer. Pareciam gente calma, não tão altivos como os vaniros, mas mesmo assim cada um deles tinha um porte de distinção que os diferenciava do resto.

Ás a segurou pelos ombros e a colocou em frente dele, olhando para frente. Aileen não sabia como atuar, mas não estava intimidada. Todos se calaram.

—Ela é a filha de Jade. Minha neta, Aileen.

Que direto, pensou Aileen. Nem introduções, nem nada... Querem ver Aileen? Aqui está. Genial.

—Aileen — seguiu elevando a voz— fez hoje vinte e dois anos. e... —É diferente — disse uma menina ruiva, de olhos azuis e lábios grossos. — Por quê?

—Aileen é...

—Vovô — interrompeu ela pedindo a palavra. Ele a olhou com dúvidas, mas ela o tranquilizou com um sorriso cândido e relaxado. —Está bem, me deixe falar.

Ás assentiu e a deixou fazer.

—Preciso falar de muitas coisas e peço que enquanto eu tenha a palavra, não me interrompam. Farão por mim? —perguntou com doçura.

Todos assentiram encantados, mulheres, homens e crianças por igual. O encanto de Aileen era incontestável.

—Isto me surpreendeu tanto como a vocês. Até ontem eu não sabia quem era. A história que vou contar se reboca há vinte e três anos, quando Jade desapareceu da manada. O motivo de seu desaparecimento poderia ser simples para muitos, porque todos conhecem pessoas que fugiram por amor, que deixaram tudo por amor. Mas o caso de minha mãe é especial. Ela se apaixonou por Thor, o vanirio.

E assim, diante o assombro de Ás, Adam e Noah, Aileen procedeu a explicar a todos quem era. Explicou o que aconteceu, quem a sequestrou, o que fizeram e o que posteriormente ela descobriu sobre sua origem e logo sobre sua transformação. Caramba, em dois dias viveu mais coisas que nos 22 anos de vida em Barcelona. Falou com o coração, como só ela sabia falar, guiada pela intuição, pela honestidade e não ocultou nada. Sua voz adquiria tons doces e sedosos que obrigavam a prestar atenção.

Seus olhos, cheios de expressão e jovialidade, olharam a todos e cada um dos ali presentes. Ela devia se fazer presente em todos, devia cruzar o olhar com todos os assistentes e acreditava ter contado a mais de cem. E como boa pedagoga que era, obteve que todos prestassem atenção e que a respeitassem.

Ao acabar de falar deu um passo para trás e topou com o duro peitoral de seu avô Ás. Ele se inclinou para ela e sussurrou ao ouvido:

—Deveria apresentar às eleições. Com essa lábia, todos votariam em você.

Aileen girou a cabeça para ele e respondeu:

—A lábia não faz tudo. O que realmente provoca a atenção das pessoas é que se sinta realmente o que diz.

Os homens da manada se reuniram em torno de Ás e decidiram unanimemente que deviam falar com os vaniros e contar tudo o que descobriram. Tentar chegar a um concílio.

Noah e Adam a escoltavam em todo momento, não se separavam nem um só instante. Advertiam com o olhar a todos aqueles machos que deviam cheirar Aileen.

Ela contou o que passou com Caleb. Ele falou abertamente com seu clã, não foi nenhum segredo o que ia fazer. Ela tampouco ia guardar nada. Os detalhes desnecessários sim, mas não os fatos. E Caleb se deitou com ela. Na realidade, havia sodomizado e, embora odiava admitir, graças a essa usurpação de seu corpo, ela conseguiu parecer pela primeira vez com seus pais. Algo positivo, ao menos. Bom, isso e que teve dois orgasmos seguidos devastadores.

Quando a acompanharam à casa de seu avô, Noah e Adam não deixavam de repassá-la com os olhos. De cima abaixo e de baixo para cima.

—Não se cansam nunca? —perguntou divertida sem olhá-los.

—Ninguém se cansa dos bons espetáculos, bonita — respondeu Noah com um brilho sedutor nesses olhos da cor do ouro. —Por certo, esta noite Aileen, não se separe de nós, entendido?

Esse tom denotava autêntica preocupação por ela. Aileen o olhou com serenidade e assentiu.

—Está bem.

Capítulo 8

O QUE proporcionaria a noite não sabia. Mas o que sentiria quando voltasse a ver esses animais... No melhor não estava preparada. Uma longa fileira do Hummers negros dirigiam a Dudley. Ela ia ao primeiro com seu avô Ás, Adam e Noah. Aileen olhou para trás e Noah piscou um de seus olhos leonados.

—Não esteja nervosa. Não se aproximarão — assegurou.

Oxalá pudesse estar tão certa. Caleb era intimidante e forte. Não importava ter faculdades sobrenaturais para adivinhar como ele era poderoso. Embora ela não o temia. Não era isso. Ele a fez sentir suja e muito vulnerável. E não queria voltar a sentir assim nunca mais. A fez mal fisicamente, mas a dor mais profunda corria por dentro.

Sua primeira vez... Porco. Obrigou-a com suas carícias a desfrutar com ele. E isso era confuso e enlouquecedor para ela.

—Aileen, arrancará a maçaneta da porta se segue apertando assim — observou Ás com sua já tranquilidade habitual.

—OH, perdão — esfregou a mão dali e a colocou sobre suas pernas. Colocou a roupa que deram os vaniros. Em troca seu avô Ás ordenou a seus assistentes pessoais que fizessem uma visita relâmpago às lojas mais seletas de Londres e comprassem um armário inteiro para todo o ano para a Aileen.

Ás explicou que sua família teve um nome importante dentro da aristocracia inglesa. Souberam fazer grandes investimentos e acabaram enriquecendo mais do que devido, quando se revalorizaram os terrenos da Inglaterra. Ele em particular herdou propriedades e terrenos de seus predecessores, assim vendeu e literalmente se forrou.

Podia viver placidamente dos interesses que davam ao mês os bancos, só com o que tinha a prazo fixo, mas ele, que era inquieto, comprou uma frota de navios para estudar o fundo do mar e resgatar tesouros perdidos. Encontrou já milhares de peças preciosas, vendendo algumas no mercado negro, outras guardando no porão de sua casa, e as demais as doando ou as vendendo ao estado.

—Que tamanho usa, preciosa? —perguntou seu avô enquanto fazia esperar a seu assistente ao telefone. —E não me negue este capricho, Aileen. Tome como um presente de aniversário.

—Não é necessário, vovô. Poderiam ir a Barcelona e trazer tudo o que tenho ali. Incluído meu cão — como o sentia falta. —Necessito meu cão — murmurou.

—Já irá querida. Assim que se esclareçam coisas, mas enquanto...

—De acordo — disse a contra gosto. — 39 de pé e M de tudo. Desde acima e a baixo. 90 de sutiã e uma 38 de cintura. Meço um metro e setenta.

—Noventa e sessenta noventa? —perguntou divertido. Aileen se ruborizou, mas sorriu afirmando com a cabeça. —Como sua mãe — respondeu ele.

Mais tarde Ás a levou por aquela mansão de estilo Vitoriano, forrada toda de madeira pelo interior e a guiou até um salão de jantar decorado com móveis caros e exclusivos. Ao fundo do salão e coberto por uma série de poltronas da regência havia uma chaminé. E sobre a chaminé um retrato de família. Ás, sua mulher Stephanie e sua filha Jade.

Quando Aileen parou em frente do quadro não pôde reprimir as lágrimas. Soube de quem se tratava nada mais ao vê-la. Sua mãe deveria ter uns sete anos. Usava dois rabos presos com laços vermelhos a ambos os lados e um vestido vermelho e branco de graciosos laços bordados nos ombros. Estava sentada sobre a perna de Ás e passava um bracinho pequeno por cima do pescoço do homem. A seu lado sua avó Stephanie agarrava a mão pequena de Jade entre as suas.

Jade tinha os olhos muito grandes e expressivos, de uma cor verde intensa, lábios grossos, um nariz fino e uma covinha no queixo.

Aileen roçou o queixo com a mão e achou essa marca parecida com a de sua mãe. Sabia, vinha dela. Vinha de Ás. E os olhos rasgados e azuis viriam por parte de seu pai Thor, porque os três do retrato os tinham fascinantemente verdes. As pestanas negras e frisadas e os maçãs do rosto altas eram herança de sua avó Stephanie. Mas do nariz para abaixo era de Ás.

Sentiu vontade de abraçar o quadro, mas como não podia fazê-lo girou e apoiou a frente no peito de seu avô Ás. Ás em seguida a cobriu com seus braços e a consolou.

—A vovó era preciosa O que aconteceu? —perguntou com a voz entrecortada.

—Morreu em uma briga faz quase quarenta anos dos seus. Este retrato foi pintado um mês antes que falecesse.

—Como morreu? —sentiu que Ás se esticava. —Não importa vovô, não faz falta que...

—Em uma caçada contra os Doa-madadh. Os vaniros entorpeceram a briga e lutaram contra nós e contra os Doa-madadh e ela... Caiu por engano — apertou a mandíbula. —Um dos lobachos a matou.

—Tinham muitos enfrentamentos com eles?

—Frequentemente. Aparecem muito na zona central de Birmingham. Ali há muita energia jovem e isso chama a atenção, igual a os Nosferatus.

—Foi ali onde morreu a vovó?

Ás assentiu observando o rosto formoso da que foi sua mulher.

—Estávamos fazendo guardas por grupos. A noite parecia tranquila, ou ao menos isso nos achava. Quando apareceram os Doa-madadh em cena, ficamos surpreendidos. Levantou uma batalha campal. Outros grupos de vaniros uniram à briga e se abriram três frentes. Os vaniros lutavam contra nós e contra os lobachos. Nós, devido a nossa animosidade, também lutamos contra os vaniros e contra os lobachos. E os lobachos lutavam contra ambos. Foi uma das poucas noites nas que as mulheres acessaram a nos acompanhar em nossas guardas noturnas.

—Por que não foram com vocês mais frequentemente? Não são guerreiras como vocês?

Ás a abraçou mais forte e sorriu.

—Ah, pequena... Uma mulher berserker é um ímã para o sexo oposto. Ainda não sabe qual é seu poder. Imagine. Como íamos proteger os humanos, tendo os instintos divididos entre o amparo para nossas fêmeas e a deles? E o pior: como íamos querer defender os homens, quando estes mesmos puxavam os discos e tentavam seduzir nossas mulheres? A questão é que apareceram mais lobachos do que o esperado e, mais tarde, acrescentaram Nosferatus que cheiraram o sangue à distância. Stephanie e três fêmeas mais caíram em mãos dos vampiros.

Segurou a respiração e logo exalou como se cada grama de ar cortasse sua garganta.

—Sinto-o muito, vovô.

—Obrigado — sorriu pesaroso. —Sua avó teria se encantado com você.

Aileen estava muito certa disso. Com o olhar cravado no rosto de Stephanie pensou na segurança do lugar onde se encontravam agora.

—E no Wolverhampton? Vieram aqui alguma vez?

—Nunca chegaram até aqui. E não virão. Um lobacho aqui não duraria nem meio minuto. Este é nosso santuário.

Abraçou com mais força o torso de Ás e esfregou com a bochecha. Por fim tinha com ela a alguém de sua família e finalmente se sentia em casa.

—Eu gosto do nome de Jade — sussurrou sem poder reprimir as lágrimas.

Ás inclinou a cabeça e apoiou sua bochecha sobre o cocuruto de Aileen.

—O pusemos pela cor de seus olhos. Verdes como o jade.

Agora, no carro, com essa roupa nova, discreta e uma vez insinuante não podia negar que se sentia melhor. Vestia uma camiseta rosa, um shorts curto negro que deixava ao descoberto suas bronzeadas e esbeltas pernas com bolsos militares nos laterais e umas botas negras de meio salto que chegavam quatro dedos por debaixo dos joelhos. Que grande mudança. Tomada banho, perfumada e acompanhada de pessoas nas que começava a confiar se sentia melhor e mais forte. Sentia feminina e sedutora e mais consciente que nunca do que provocava no sexo oposto. E pela primeira vez em sua vida isso a estimulava e a divertia. Tinha vontade de jogar. E estava convencida de que em vinte minutos, quando baixasse o sol, começaria o jogo.

Capítulo 9

CALEB olhava através dos cristais escuros do salão como descia o sol. Depois de que Eileen o quebrou, demoraram umas horas em mandar alguém para o arrumar. Sobre tudo porque o sistema das janelas era especial e as traziam sob pedido. Menos mal que era um vanirio quem as desenhava. Com as mãos nos bolsos e suas longas costas cobrindo quase toda a janela, pensava em Eileen. Vestido com uns Dockers negros, sapatos de ponta quadrada de pele desgastada branca e camisa branca aberta até o peito e arregaçada sobre os duros antebraços, estava disposto a matar a mais de um de um enfarte.

Mas ele só pensava em uma mulher. Sua pele, suas mãos, seus dedos cheiravam a ela e ansiava vê-la. Hoje voltaria a procurá-la. Nunca antes amaldiçoou sua impossibilidade de sair ao sol até que viu como ela saía correndo através da janela que dava ao jardim. Eileen.

Estaria bem? Com quem estava? E o mais importante o que estava passando? Quando a noite anterior se comunicou com ela, parecia sofrer de verdade, mas sua mente estava descontrolada e ele só via brilhos de energia. Precisava vê-la outra vez.

Desde que fez amor... Não. Meneou a cabeça. Isso não era fazer amor. Não com uma garota inocente em sua primeira vez. Mas tudo foi confuso com ela desde o começo. Quem ia imaginar que ela não tinha nada que ver com as atividades de Mikhail?

E quem podia imaginar que ela era virgem? Minha mãe se vê-la caminhar, era quase pecado. Por que ninguém a cuidou antes?

Tinha que fazer tantas perguntas...

Deixou de pensar no momento em que notou a energia de Eileen perto de onde ele estava.

Cahal, Menw e Daanna o chamaram gritos.

—Caleb... —apareceram gritando pela porta que se comunicava com os metrôs. Menw respirava agitado. —Cães.

—Noto-os — disse Caleb enquanto saía pela porta que dava ao jardim. Já escureceu, via livre. Cheirava aos berserkers entrar em seu território e não gostava nada.

Mas também sentia Eileen. Seus aromas se mesclavam, mas o seu, o de Eileen, era inconfundível e ainda mais potente que antes. Ele ficaria louco. E se a pegaram porque ela cheirava a vanirio? E se a torturaram ou prejudicado de algum modo?

—Pega o carro, Caleb. Às vezes os cidadãos nos veem sobrevoar a zona e é difícil desmenti-los dizendo que só são corvos — sugeriu Daanna. —Voa quando for necessário, não agora.

Caleb agradeceu o conselho de sua irmã, nervoso como estava poderia ter pirado em plena exibição de globos e tivesse dado igual se tivessem visto. Assim agarrou seu Cayenne negro e os convidou a que montassem. Apertou a embreagem, colocou primeira e saiu dali derrapando.

—A que vieram? —perguntou Cahal rangendo os ossos dos nódulos.

—Não sei — respondeu Caleb. — Percebo Eileen perto, mas não posso entrar em contato com ela. *Eileen me deixe te ajudar agora. Onde está?*

Sentia tão impotente respeito a ela. Ninguém escapou de seu controle, de seu poder mental. por que diabos ela não respondia?

Aileen estava apoiada no imenso porta-malas do Hummer de seu avô. Todos os berserkers a rodeavam protegendo-a. Tinha a Ás de um lado e Noah do outro.

Observou que todos os rapazes vestiam com roupas folgadas, quase dois tamanhos maiores do que tocava a cada um. Lembrava bastante à roupa que se usa na capoeira. Calças longas e camisetas com alças elásticas. E, além disso, estavam descalços.

Noah olhou como ela os observava e sorriu.

—É para nossa transformação, bonita. Crescemos um pouco. — Aileen levantou a cabeça para olhá-lo, era um pouco mais baixo que Caleb, mas igualmente grande e esbelto. Bonito e muito sedutor. —Quanto crescem?

—Quase vinte centímetros mais em altura e em largura. As roupas rasgavam em nossa conversão. Não dávamos para os objetos de vestir. Assim pensamos que seria conveniente utilizar roupa mais funcional e elástica em nossas brigas.

—Entendo — sorriu olhando nos olhos. —Mas aqui não vai brigar — titubeou em sua afirmação. — Verdade?

—Nunca se sabe... —encolheu os ombros.

—Nem pensar, Noah. Não podem — saiu sua veia dominadora. —Não quero que ninguém se machuque.

Noah sentiu que fazia um nó no estômago. Aileen desprendia energia de mulher num raio muito grande.

—Aileen, deveria tomar cuidado com suas novas faculdades. Desprende muita energia.

—Tenho que me ofender? —não era um comentário muito bonito.

—Nem muito menos. Mas não sei se dá conta de que é o alvo de todas os olhares aonde quer que vai. Na autoestrada quase provoca um acidente quando o condutor de um dos carros que ia a nosso lado, ficou preso olhando e você o olhou com esses olhos violeta... Pelo Odín, quase sai da estrada.

—Não faço de propósito —cruzou os braços sem ser consciente de que esse movimento realçava seu peito.

—Não, claro... —disse Noah perdendo os olhos no decote— por que se vestiu assim? É que quer que a comam?

—Visto assim, porque gosto. E deixa de me olhar os seios, Noah.

Noah sorriu picaramente e afastou o olhar. Aileen olhou para trás e Noah e Ás também o fizeram de uma vez. O gesto sério e alerta.

—Já estão aqui —disse Ás colocando a Aileen atrás dele.

Adam abriu o porta-malas e pegou um pau com um esfregão na parte alta e um lenço branco preso à base do ave. O entregou a Ás e este o espetou no chão, enquanto o sustentava com a mão direita. Como Moisés, pensou Aileen.

Todos outros formaram filas atrás, exceto Adam e Noah que tampavam a Aileen. Ela estava oculta.

Ao longe, Aileen pôde divisar luzes de carro que se dirigiam para eles.

Era ele. Podia sentir. Nunca antes teve a intuição tão desenvolvida como agora a tinha, e assustava. Assustava perceber que todo seu corpo e seus sentidos ficavam alerta diante a iminente presença de Caleb.

Inconscientemente começou a tremer. Ela não queria, mas seu corpo se tornou tão brando como a gelatina.

Vários Cayenne negros estacionaram um a um diante dos berserkers.

O primeiro em sair do grande grupo foi Caleb.

Aileen não podia ver, mas de repente um aroma frutado, como de manga, encheu o nariz. Fechou os olhos desfrutando desse perfume e soube imediatamente que era a essência do vanirio de seus pesadelos. Endureceram os mamilos e sentiu como ficava úmida quase imediatamente. Seu corpo reagia a esse aroma como se tivesse mãos que a tocada por todos os lados.

Um a um os vaniros saíram dos carros. Eram menos dos que Aileen viu nesse lugar subterrâneo.

—Ás — Caleb caminhou até plantar a um dois metros dele e o saudou firmemente mas não de um modo amistoso.

—Caleb — respondeu Ás igual de distante.

Caleb fechou os olhos e deixou que o aroma de bolo de queijo e framboesa o nocauteasse. Ela estava ali. Mas onde? Com seus olhos verdes, buscou-a entre os berserkers. Eileen se achava com eles.

—Tem algo que me pertence — sussurrou Caleb com raiva contida.

Ás estava impassível.

Noah notou como Aileen se agarrava a sua camiseta.

—Acredito que não — respondeu ele tranquilizando sua neta.

Caleb mostrou os dentes. Eileen era dele, não desses cães sarnentos.

Eileen. Deixe-me ver. Está bem?

Não, outra vez não. Aileen se esticou e proibiu a entrada em sua mente. Esse era um poder que desconhecia. Não sabia se podia parar aquele tipo de intrusão mental, mas o desejava tanto que funcionou porque deixou de senti-lo.

Caleb gemeu como um animal ferido. Eileen fechou a porta de sua mente.

—Não devemos brigar, vanirio — disse Ás. —Há certas coisas que nós gostaríamos de dizer.

Caleb olhou a Ás e prestou atenção, mas não relaxou o semblante ameaçador. De fato, nenhum vanirio ali presente estava relaxado.

A tensão entre os dois bandos podia cortar com uma faca.

—Trago comigo a fortificação do concílio com um lenço branco —assinalou, —não devemos lutar.

A fortificação do concílio era o símbolo do discurso e a paz. Um presente de Odín às duas raças com a esperança de que sempre que a fortificação estivesse presente pudessem falar de um modo “conciliador”.

—Se não quer lutar, velho — disse deslizando a língua, —será melhor que me diga onde está a garota.

Estava mais nervoso e preocupado do que o necessário. Mas, como não ia estar? Os berserkers a encontraram e era bem sabido que também eram uns selvagens sem escrúpulos. Muitos vaniros morreram em suas garras. Se fizeram mal a Eileen, nenhum sairia dali com vida. Juraria sobre a lembrança de Thor.

Aileen enfureceu quando ouviu que Caleb perdia o respeito a seu avô. Em tão pouco tempo, ela já começava a ter carinho. Do primeiro momento que viu, advertiu que Ás era um homem a respeitar. Caleb era um mal educado.

—Está aqui, posso cheirá-la — continuou Caleb esticando os músculos dos braços. —Não repetirei isso mais. Me dê isso Ás.

—Nem sonhe, presas — disse Noah centrando toda sua atenção. —Veio a nós ferida gravemente por sua culpa. Por isso a mim respeita, pode choramingar tudo o que queira. Ela fica conosco.

Caleb sentiu como se uma adaga atravessasse o esterno. Eileen estava ali realmente. Queria verificar com seus próprios olhos.

—Eileen... —gritou. —Está bem? Deixe-me vê-la — ordenou sem flexão. —Agora.

Noah estalou a língua e inclinou a cabeça.

—Não se atreva a dar ordens, presas.

—Noah — Ás elevou a mão para parar antes que o berserker se equilibrasse sobre ele.

—Não... — exclamou Aileen.

Caleb ficou paralisado para ouvir sua voz.

Uma perna bronzeada saiu dentre os berserkers, logo outra. Pernas longas e moldadas com botas de... salto. Isso não era bom. Caleb seguiu subindo com o olhar e viu a curta calça negra, a camiseta rosa com pescoço de pico e um decote criminal e o cabelo azeviche que caía sobre seus ombros até o meio das costas. Aileen, que ainda tinha a vista inclinada para baixo, elevou o queixo com orgulho e olhou Caleb.

Olhou sem nenhum tipo de vergonha. Não soube como reagir. Caleb, vestido tal e como estava, lembrava mais a um modelo das passarelas de Melam que a um selvagem depredador.

Caleb quase cai de joelhos quando ela o olhou à cara. Seus olhos eram eletrizantes, da cor dos de seu amigo Thor. Violeta claro. Já não tinha a cara machucada, mas sim estava perfeita. Impressionante. E esses lábios desenhavam um meio sorriso de satisfação diante do que via. Via ele a seus pés. Eileen fazia uma conversão, mas não entendia como. Para transformar a um humano, necessitavam três dias. Três trocas de sangue em jejum e ele, muito a seu pesar, não o fez.

E se a converteu um nosferatus? Eles podiam transformar uma pessoa em vampiro com tão somente uma troca de sangue. Mordiam e bebiam até saciar e logo davam de seu sangue para iniciar a transformação.

Mas Eileen não parecia como um nosferatus. Não estava pálida nem viam as veias através da pele. Seus olhos não pareciam frios e não tinha as unhas das mãos negras.

Eileen elevou uma sobrancelha e dedicou um olhar cheio de ira e rancor.

—O que significa isto? —perguntou Caleb inquieto. Aileen entreabriu os lábios e deixou que vissem as brancas e afiadas presas.

Caleb deu um tombo o coração ao ver como ela estava bonita com sua nova dentadura. Eileen era explosiva, uma bomba sexual, o sonho de qualquer adolescente saído ou o brinquedo erótico predileto de qualquer libertino. Eileen agora era extremamente irresistível.

Mas não podia ser... Simplesmente era impossível.

—O que aconteceu? —Caleb deu um passo para ela, mas Eileen deu dois para Noah, procurando proteção. O berserker a respaldou encantado agarrando pela mão. Caleb sentiu como se violentava seu coração quando viu que Noah entrelaçava os dedos com ela. — Tire suas mãos de cima, vira-lata — ordenou ao berserker com um tom muito frio.

—Noah, seu nome é Noah — Aileen olhou a seu amigo de um modo tão sensual que Caleb teve que reprimir a vontade de esbofetear a ela e matar a ele. —Por favor, me dê o livro — disse ao berserker. A adaga o tinha na parte traseira de cinturão da calça, metido em uma bonita capa de pele branca.

—Do que vai? —perguntou Caleb se esquecendo de tudo o que tinha a seu redor. —Eileen...

—Não me chamo Eileen — respondeu ela olhando fixamente. Não soube de onde tirou a coragem para manter o olhar, mas fez.

—A chamei de muitos modos, mas não vou voltar a te insultar, se o disser por isso... —Caleb lembrou as vezes que a chamou rameira. E se repreendeu por todas e cada uma delas.

Aileen sorriu enquanto negava com a cabeça em um gesto de incredulidade.

Incredulidade de que Caleb estivesse usando esse tom suave como um sussurro com ela. E sorriu também porque tinha vontade de ver como Caleb se derrubava quando dissesse tudo o que ia dizer e visse como mudaram as coisas.

Noah se colocou atrás de Aileen, passou o braço por cima para dar o livro. Aileen não se afastou, mas sim se aproximou um pouco mais a ele e agradeceu com um sexy sorriso.

Caleb franziu o cenho e tragou saliva. Ciúmes possessivos e irracionais percorreram todo seu interior. Estava ciumento? Ele? Quando se tornaram as coisas assim? Queria arrancar essa cara de orgulho e satisfação do berserker.

—Obrigada — disse ela a Noah.

Noah a olhou com um brilho especial nos olhos e se colocou a um centímetro dela, por atrás.

—Ás tem razão — disse ela com seu novo tom de voz altivo, melódico e tão suave que podia dominar a massas. —Não viemos aqui...

—Ás, me pode chupar isso se quiser... —espetou aproximando dela de um modo visceral. — por que já não é humana?

Aileen tentou se afastar dele, mas sentiu que alguém a afastava da medula. A partir daí tudo foi muito rápido.

Os berserkers se fizeram enormes. Não perderam seu aspecto de homem, mas a todos cresceram o cabelo até a cintura. As unhas dos pés e as mãos alongaram. Os músculos de todo seu corpo estalaram e dobraram seu peso e sua massa. Os olhos obscureceram deixando só uma pupila amarela que se dilatava cada vez que golpeavam a um vanirio. E de suas bocas saíam quatro incisivos afiados dispostos a fincar o dente a todo aquele que não tivesse cabelo.

Aileen se escondeu atrás do carro, mas caminhou o suficiente para procurar com os olhos Caleb. Caleb era virtualmente invencível. Berserker que puxava em cima, berserker que punha a voar pelos ares. Era cruel e muito violento na luta. Golpeava a esquerda e direita sem nenhum tipo de inibição. Era um animal e não o ocultava.

Havia uma indiferença entre vaniros e berserkers. Uma muito visual. Os berserkers eram animais selvagens, cheios de fúria e completamente descontrolados. Os vaniros eram guerreiros frios e metódicos. Elegantes como um felino e letais. Não precisavam despentear para puxar uma patada voadora.

Os gritos e os uivos se misturavam até o ponto de não saber dos quais procediam.

Seu avô Ás e Noah se voltaram para cima de Caleb e começaram a golpeá-lo por todos os lados. Caleb elevou a perna do chão e apoiou o pé no estômago de Noah e o lançou para trás. Continuando, apoiou sobre os braços e as pernas agachando para esquivar uma patada de Ás. Agarrou seu pé ao voo e o fez rodar pelos ares.

De repente, lançou um grito de dor. Um dos berserkers enfiou as garras nas costas.

Aileen sentiu uma pontada de dor ao vê-lo. Feriram nessas costas musculosa que ela viu. Depois, outro arranhou o peitoral.

Caleb caiu ao chão de joelhos mas voltou a levantar em seguida. Era um atleta incansável. Suas feridas sangravam e manchavam sua camisa branca, agora rasgada. Eram cortes muito feios e profundos, mas ele parecia não senti-lo.

Aileen divisou a Daanna, Menw e Cahal, que eram quão únicos conhecia do outro bando. Eram excelentes lutadores. Daanna saltava de cabeça em cabeça como se fosse uma perita samurai. Elegante como um cisne. Veloz como uma gazela. Letal como uma cobra píton.

Menw a vigiava com a extremidade do olho e a protegia para que não a atacassem pelas costas.

Cahal, entretanto, era todo astúcia e sutileza. Ia dando golpes específicos, só com dois dedos de sua mão direita e todo aquele que tocava ficava imóvel no chão. Não os matava, mas poderia fazê-lo sem problemas. Parecia divertir-se enquanto lutava.

Aileen correu então a agarrar a fortificação do concílio. Devia parar aquela guerra. Mas então, um corpo que quase dobrava o seu se colocou sobre ela para protegê-la.

—Eileen, se esconda no carro — disse Caleb cobrindo-a com seu largo corpo.

—Se afaste... —deu um empurrão mas o vanirio não se moveu.

—Podem lhe fazer mal. Os berserkers agora mesmo não poderiam diferenciar de nós. Vá para o carro... —ordenou ignorando os empurrões que dava.

Estava preocupado realmente com ela? Aileen soprou como uma égua e deu uma cotovelada na têmpora. Estava louco se acreditava que podia dar ordens.

Caleb ficou de joelhos cobrindo o rosto e logo a olhou perplexo.

—Estou protegendo-a... —recriminou indo de novo por ela.

Aileen voltou a bater no estômago mas esta vez com o fortificação do concílio, que nesse momento não era muito conciliador.

Caleb agarrou a fortificação e o lançou ao outro lado do descampado.

Aileen tirou a adaga de seu cinturão e o agarrou pelo punho.

—Não aproxime monstro ou juro que mato — ordenou com uma promessa cheia de ameaças.

Caleb olhou a adaga e advertiu a inscrição gaélica que havia na folha. Esse era a faca de seu amigo. Que fazia Aileen com a adaga pessoal de Thor?

Não o pensou duas vezes. Afastou a faca de um tapa e a agarrou pela nuca puxando pelos cabelos.

—Agora mesmo... Ouve? Agora mesmo me vai dizer o que faz a filha de Mikhail com a adaga de Thor...

Voltava a pensar que estava envolta no do Newscientists e isso a enfureceu. Tentou apartá-lo com as mãos golpeando seu peito, mas Caleb ouvia chover. Então viu as feridas abertas de seu torso e introduziu os dedos como garras nelas, pinçando entre os cortes e cravando as unhas. O

sangue saiu a fervuras e Aileen ficou hipnotizada por sua cor e seu aroma. Ficou de pedra, rígida e rígida. Tinha vontade de aproximar sua boca e lamber as feridas. Desejava beber. Caleb reprimiu um grito de dor, mas voltou a sacudi-la pelo cabelo e Aileen deixou de rasgar o peito, alheia à dor dos puxões de Caleb . Ela o olhou com as pupilas dilatadas e a boca entreaberta.

Desejo. Caleb parou para olhar a boca e esses olhos acesos por ele.

Sentiu o mesmo que ela e, logo, um grande desconforto na calça.

Tentando lutar contra aquela sensação de debilidade, Aileen levou as unhas à mão que agarrava a cabeleira e as espetou no forte e duro pulso de Caleb . Mas este não respondia aos seus ataques. Tinha o olhar fixo nos olhos de Aileen, concentrado nela, isolando da batalha que tinha lugar em sua terra. Voltou a sacudi-la.

—Diga-me isso.

—Maldito seja, bruto abusado... —gritou ela a um só centímetro de sua cara. —me solte...

—Eileen, me acaba a paciência... Disse que me conte isso... —enviou um empurrão mental. Queria ver, saber, conhecer sua mente. —diga isso Eileen.

—Thor era meu pai — gritou com todas suas forças e com os olhos cheios de lágrimas. —Sou sua filha, pedaço de animal...

A batalha campal que estava tendo lugar em frente deles parou bruscamente para ouvir os gritos de Aileen.

Caleb soltou Aileen como se queimasse e começou a retroceder. Respirava como se levasse horas nadando.

—Mente — Disse ele. Mas algo em seu interior dizia que ela não inventou. Algo dentro dele e o fato de ver de novo esses olhos rasgados de cor lilás tão incomuns entre os vaniros, como os de Thor, seu melhor amigo. Os de Eileen, entupidos de longas pestanas frisadas.

—Você sempre acha que minto — o empurrou com toda a raiva que sentia por ele. Secou as lágrimas com o antebraço, esfregou os pulsos olhando de esguelha a Caleb, recolheu a adaga de seu pai e logo grudou o diário que ficou aberto sobre o chão arenoso.

Os berserkers e os vaniros fizeram um corro ao redor dos dois.

Caleb tremia da excitação provocada por aquela notícia.

—Que classe de brincadeira é esta? —perguntou Cahal limpando uma ferida da cara que já começava a cicatrizar.

—Sem dúvida uma de muito mau gosto — respondeu Menw afastando o cabelo loiro do rosto. —Não pode ser verdade.

Caleb, nocauteado e com o sobrecenho enrugado, não deixava de olhar Eileen.

—É verdade — disse ela procurando com o olhar a seu avô, que não demorou em aparecer e em colocar-se atrás dela. — Por que razão têm essa fortificação ridícula com o lenço branco se logo não fazem nenhum caso? —ela recriminou a Ás.

Transformado como estava, era maior e alto que Caleb e isso que o vanirio era enorme. Tinha o cabelo negro comprido até a cintura. Cresceu muito. Ás colocou uma imensa mão peluda sobre o ombro de Aileen e esta agradeceu o gesto. Vê-lo convertido em berserker era estranho.

Ela grudou o livro de Jade e tirou o pó que impregnou as tampas, com carinho e suavidade. Elevou o queixo e encarou com decisão Caleb.

—Este é o diário de minha mãe, Jade. O deram de presente faz 26 anos, quando ela tinha 18.

Caleb a escutava com as pernas ligeiramente abertas e os braços tensos a cada lado.

—Era uma berserker — explicou observando as reações do monstro desalmado embora pecaminosamente formoso que tinha em frente.

—Sua mãe morreu quando nasceu você — respondeu Caleb com absoluta segurança. —Li em sua mente, quando...

—É o que me fez acreditar meu p... Mikhail — corrigiu com obstinação. —Mikhail me arrancou dos braços de meus autênticos pais. Thor e Jade.

Os vaniros ficaram surpreendidos pelas palavras de Aileen e murmuravam com incredulidade.

Caleb apertou os punhos e negou com a cabeça.

—Demonstra — insistiu Caleb.

—Faz 23 anos, Thor e Jade se conheceram no Wolverhampton, no West Park. Apaixonaram, Caleb —elevou uma sobrancelha desfrutando da cara do vanirio que era todo um poema.

—Thor não se apaixonaria por uma cadela...

Ás deu um passo à frente e o agarrou de seu moreno cabelo solto sem dar tempo para reagir.

—Vovô... Não... —Aileen correu a certar os braços, mas eram tão grandes que só pôde apoiar as mãos neles. — deixe ou não poderemos esclarecer isto nunca. É um provocador e um porco — desprezou Caleb com o olhar. —Não faça conta.

O berserker a olhou e logo olhou Caleb.

—Jade era minha filha — sussurrou mostrando os quatro incisivos. —Não volte a insultá-la jamais.

Caleb mudou o semblante. Sério e frio como o granito.

—Ás, me solte se não querer que arranque o coração aqui mesmo — sugeriu Caleb.

—Vovô, por favor... —rogou Aileen.

Ás soltou o cabelo e voltou a secundar a Aileen.

—Me escute, monstro — disse Aileen enfurecida com Caleb, — Minha mãe e meu pai, Thor, tiveram que fugir da Inglaterra, porque temiam precisamente este tipo de reações entre os clãs — disse ela com desprezo. —Não levam nada bem — a briga demonstrou. —Fugiram para os Bálcãs, onde encontraram berserkers e vaniros que nem viviam juntos nem viviam revoltos, mas ao menos viviam em paz — acrescentou encolhendo os ombros. —Jade ficou grávida faz 22 anos. De mim.

Ouviram expressões de assombro.

—Jura — ordenou isso Caleb dando um passo para ela.

—Queria deixar o livro de Jade — reconheceu Aileen. Deu um passo para trás. —Mas não posso fazê-lo porque há coisas muito íntimas nele — havia coisas muito íntimas inclusive para ela,

mas já as leu. —fotocopiei as partes mais importantes, as que demonstrarão que sou filha deles. Minha mãe conta tudo o que passou quando se conheceram. Suas experiências nos Bálcãs, o que ali descobriram, tudo... E acredito que concerne sabê-lo tanto como aos berserkers.

—Por quê? —perguntou Caleb sem tirar a vista de seus olhos e dando um passo para diante.

—Porque quando souberem tudo o que tem escrito em suas folhas, teremos que procurar uma solução conjunta ao problema que se espera. E... —deu outro passo para trás, — porque meu pai Thor falava muito bem de você e você não esteve à altura, monstro. O que pensaria meu pai de você depois de tudo o que me fez?

Caleb aceitou com humildade o insulto, merecia. Assim que parou e estendeu a mão para receber o livro.

—Mikhail, não era meu verdadeiro pai — continuou falando e entregou as cópias. —Faz 16 anos, Thor e Jade retornaram a Inglaterra para alertar aos clãs da ameaça que se abatia sobre as duas raças. Procuravam um concílio real entre ambos os bandos para lutar conjuntamente. Uma aliança. Mas os caçaram em algum lugar entre o Wolverhampton e Dudley. Eu ia com eles essa noite. Bateram na cabeça e acredito que... que perdi a memória. Só sei que sobre o que se passou depois é que Mikhail Ernepo era um dos caçadores que foi atrás dos passos dos berserkers e os vaniros, e que ele me sequestrou adotando a forma de meu pai. Aproveitando minha amnésia — apertou a mandíbula inspirando profundamente, tentando controlar o ódio que sentia para esse homem, — me... manteve enganada todo este tempo porque eu não podia lembrar — agora não podia angustiar, não podia tremer a voz desse modo, mas sua voz se debilitava. — Me fez acreditar em coisas que não eram, me dizendo que minha mãe... Enfim — endureceu a voz de novo ignorando a lembrança das palavras de Mikhail e o olhou. —Retiveram... porque acredito que esperavam minha transformação — olhou a seu avô começando a entender ela mesma porque Mikhail a adotou. —Era filha de duas espécies sobrenaturais mas seguia sendo humana. Até ontem de noite quando começou minha conversão segundo a tradição berserker. Aos 22 anos.

Muita informação para Caleb. Se tudo isso era certo, Eileen era...

—Meu verdadeiro nome é Aileen — admitiu esfregando de novo os pulsos. —Significa luz, em gaélico.

—Sei o que quer dizer — confessou Caleb em tom o mais neutro possível. Não reconhecia sua voz. Deu um passo para ela com muita cautela observando como um caçador, apreciando a sua presa.

—Em algum momento sua mente teve que começar a lembrar — comentou Cahal aproximando-se de Caleb e pegando o pelo braço. —Poderia ser certo. Certamente lembrou através dos sonhos. Por isso Mikhail subministrou os beta bloqueadores enquanto esteve em suas mãos. Se Aileen recuperava a memória ia ser muito difícil tratar com ela e Mikhail a quereria dócil uma vez transformada, por isso a adotou — concluiu assentindo com a cabeça e olhando de cima abaixo a Aileen. —Ela não lembrava nada porque Mikhail não queria que fizesse.

—Agora sei que não estava doente, mas sei pouco mais — sussurrou ela muito confundida. —Não recordo muito...

—Lerei isto — Caleb sacudiu mal-humorado o montão de páginas encadernadas diante da cara de Aileen. — Amanhã verei você só para entregar isso de novo. E então você e eu falaremos.

Precisava estar com ela a sós. Se tudo isso era verdade, ele meteu a pata até o fundo. Nunca o perdoaria e esse pensamento levou a outro mais inquietante. Ele necessitava que sua recém descoberta Aileen outorgasse a redenção. Porque ela era sua cáraid. Já não tinha nenhuma dúvida a respeito. Estava com uma ereção de cavalo e toda sua pele clamava pelas carícias das mãos de Aileen. Desejava afundar os dentes enquanto se afundava nela de um modo mais íntimo. Lento e suave se gostava assim, ou como ela desejasse. Queria beijá-la na boca, morder os lábios e arrancar algum sorriso brincalhão quando os acariciasse com a língua.

Em seu interlúdio sexual, não se beijaram. Isso era horrível, mas, claro, então só era sexo e ele ia direto ao que queria e não sabia que Aileen era inocente. Teria desculpa?

Aileen, inquieta, elevou as sobrancelhas e cruzou os braços. Não sabia no que estava pensando Caleb , mas fosse o que fosse não gostava do que via em seus olhos. Voltava a sentir-se como uma presa nas mãos de um depredador.

—Eu com você não vou a nenhum lado — respondeu ela fria como o gelo. —Não está em posição de me dar ordens. Já não sou sua ... —parou quando ia dizer diante de todos “sua rameira”. Mas era certo, já não era. Nunca foi e, além disso, não queria estar perto dele.

—Ah não? —perguntou ele com a mesma sensação de superioridade que Aileen já conheceu.

—Não, claro que não — mostrou meneando a cabeça.

—Virá conosco então. É uma das nossas — soltou como se fora o mais óbvio. Agarrou pelo braço e puxou mais. Aileen espetou os saltos no chão. —É a filha de Thor. Thor era um dos membros do conselho e esse será seu lugar.

—Meu lugar está onde eu diga —escapou de sua mão e observou como Noah e Adam se colocavam a seu lado. —Fico com eles. São bons e eu gosto de seus valores. Vocês eu não gosto.

Teria que haver dito: você eu não gosto, monstro.

Caleb estava a ponto de sequestrá-la e levá-la com ele. Estava tão bonita quando o desafiava. Mas embora se munisse da raiva, entendia o medo que sentia Aileen para os vaniros.

—Medo e asco, Caleb. *Asco por você*.

Um brilho de surpresa cruzou os olhos verdes de Caleb . Essa era Aileen. Não havia dúvida e, pela primeira vez, ela levou a iniciativa em uma conversação telepática. Vincularam como os autênticos casais e, apesar de que ele a mordeu e ela a ele não, a conexão estava aí. Caleb entrecerrou os olhos e um raio de esperança cruzou sua mente.

—Aprende rápido — comentou meio sorrindo. —Te devo o tempo que me pede para que pense nisso, Aileen. Mas, isto não é negociável. Virá comigo, antes ou depois.

—Eu digo com quem vou estar. Não você — agarrou a manga da adaga com força. —Não tem poder sobre mim.

—Admite sua derrota, presas — sussurrou regozijando Noah. —Não a levará e ponto.

Aileen brigou com o olhar, mas logo sorriu. Quando voltou a olhar Caleb, seus olhos se tornaram glaciais e, além disso, notava como palpitava um músculo na mandíbula.

—É meio vanir — as palavras vaiavam entre suas presas que pouco a pouco voltavam para a posição de não morder. —Ás, faça entrar em razão a sua nova neta. Amanhã ao entardecer quero vê-la no Dudley.

—Não — respondeu ela com suficiência. —As coisas não vão assim, monstro.

Quanto mais ouvia essa palavra dos lábios de Aileen, pior parecia.

—Amanhã virá você a Wolverhampton — ordenou ela. —À casa de meu avô. Prepararemos uma recepção. Virá para se desculpar. Por tudo — deixou bem claro. —E logo falarão entre os clãs do que fica por fazer. Sabe? Verá que a leitura do livro de Jade é muito amena. E disposta atenção ao que diz sobre Samael... —sugeriu dando meia volta e dirigindo-se ao carro. —Ocultou coisas.

—Espera um momento — gritou Caleb ignorando o de Samael. —Como chegou tudo isto a suas mãos?

—Faz duas noites, quando você me deixou inconsciente, tive meu primeiro sonho em quinze anos. Acredito que ao me deixar sem sangue — respondeu olhando acusadoramente, —meu cérebro teve um colapso. O sonho que tive me levou às lembranças de Jade e Thor, até a noite em que nos caçaram. Eles deixaram um presente para mim sob a ponte do West Park. Se eles desapareciam e, afinal ninguém me conhecia nem sabia de mim, estes objetos pessoais revelariam minha verdadeira identidade aos clãs. Minha mãe Jade escreveu o diário que agora tem nas mãos e meu pai Thor, aliás "o melhor amigo traído de Caleb ", deixou esta adaga que por sorte você reconheceu.

—Todos os guerreiros vaniros têm uma adaga distinta. O que tem escrito na folha diz a quem pertence.

Aileen teve que morder a língua para não perguntar o que queria dizer o que estava escrito e que língua era essa que ela lembrava com muita dificuldade. Mas não queria suas explicações, só queria fugir dali.

—Pertence ao "Homem do trovão" — explicou ele olhando a adaga com respeito.

Aileen olhou a adaga com outros olhos. Apesar disso, não agradeceria pela informação.

—Até manhã em Wolverhampton, monstro — deu a volta nesta ocasião com um *savoir faire* digno de uma rainha.

OH, por favor, o estava passando em grande. Pela primeira, vez sentiu que ela tinha a frigideira pela manga e que controlava a situação. Seu avô Ás assim o confirmou quando colocou a mão sobre o ombro, assentiu com a cabeça e a acompanhou até o carro. Noah e Adam foram atrás, junto com o resto de berserkers que seguiram seu exemplo, entrando cada um em seus carros, mas não sem antes voltar para o aspecto humano que significava reduzir três tamanhos em músculos.

Noah abriu a porta do copiloto como um cavalheiro e Aileen o observou. O cabelo cresceu até chegar por debaixo das omoplatas e pérolas de suor brilhavam sobre seu nariz e sua frente.

—Tenho que voltar a barbear a cabeça — destacou o crânio.

—Já vejo — Aileen sorriu.

—Aileen.

Caleb se colocou em frente da parte dianteira do carro com uma velocidade extrema e havia se inclinando para a janela com as mãos sobre o capô, cara a cara com ela. Aileen tragou saliva e agarrou o pulso direito. Caleb observou seu movimento e relaxou o rosto. Não queria que tivesse medo.

—O que passará quando tiver fome? —perguntou ele olhando sua boca.

Aileen sentiu que o coração ia sair pela garganta. Até então não pensou muito nisso.

—Tem sangue vanirio, pequena. A fome virá a você cedo ou tarde.

—Não-me-chame-assim — soletrou cada palavra com raiva.

—Algo tem que ter de nós. A fome lhe chegará.

—Desejo que não seja assim. Mas por agora, sou berserker de coração.

—Não pode transformar, não é berserker.

—Tampouco sou vanir. Note, não gosto de morder o pescoço de ninguém nem maltratar as pessoas mais fracas que eu nem assassinar...

—Você não é débil, Aileen — Caleb a olhou sem reservas.

Aileen não soube como encaixar essas palavras. Justificava tudo o que fez porque ela não era débil?

—Não justifico nada com o que acabo de te dizer — explicou ele lendo a mente. —Só era uma observação. É forte. Mais do que acha.

—Caleb, largue — disse Noah sem afastar da porta de Aileen.

O vanirio o olhou com cara de poucos amigos e logo a olhou como observava com espera o comportamento dos dois homens. Noah era protetor e Caleb era e ameaçador em todos os sentidos, além de mandão, arrogante e abusado.

—É ele seu cão mulherengo, Aileen? —perguntou ciumento. —Retifico. Sim que tem um pouco de berserker — disse ele com toda a má intenção da que foi capaz. —Comporta com os homens de seu clã como uma cadela em zelo.

Aileen tentou parecer indiferente diante seu insulto, mas não o obteve. Por que o fazia mal? Agarrou ao braço do carro e se inclinou para diante, vermelha da ira e ofendida até as sobrancelhas. Os nódulos brancos de tanto apertar.

—Não sei por que te incomoda tanto, monstro — sua língua viperina se desatou. —Se não soubesse que, como bom vanirio abusador, você gosta das garotas indefesas, golpeadas, com os pulsos quebrado, virgens e presas a sua cama e, afinal eu já não sou nada disso, atreveria a dizer que está morto de ciúmes. E se tiver um pouco de berserker é que posso sair sob a luz do sol e tenho princípios e valores muito válidos. Não como você. Se meu pai levantasse a cabeça... Ele que te tinha em tão alta estima — moveu os braços como clamando ao céu, — não daria crédito ao que veriam seus olhos. O mataria, Caleb, voltaria a matá-lo de pena quando visse o monstro no que se converteu. É um ser indesejável que maltratou a sua filha e que pretendia deixá-la diante o clã para que a utilizassem a seu desejo —parecia que ia acabar de dar o sermão, mas voltou a

inclinar para a frente dando um forte golpe com o punho no painel. Parecia uma fúria. —Lê o diário, Caleb... E se tiver um pouco de dignidade ainda dentro desse coração podre e doente que tem, no melhor amanhã retratará por tudo o que me tem feito e se afastará de mim para sempre...

Caleb ficou reto e afastou as mãos do capô.

Noah os observava com atenção. Faziam como se ele e Adam não estivessem aí. Ás entrou no carro e ligou o motor iluminando o corpo e a cara de Caleb .

Realmente Aileen era capaz com suas palavras de fazer sentir mal ao mesmo diabo.

Ela não pôde evitar sentir umas pontadas dolorosas no coração quando viu o rosto derrotado de Caleb. Pode que outros não o notassem, porque ele sempre tinha essa cara esculpida em gelo, inexpressiva e dura. Mas ela pôde ver que em seus olhos, de uma cor verde tão clara que parecia amarelo, havia remorso e algo que se parecia bastante à pena.

Daanna agarrou o braço de Caleb e o puxou.

—Vamos, Cal — disse.

Mas ele não se moveu. Seguia olhando-a com os olhos escurecidos e o rito aflito.

—Vamos? —perguntou Ás pedindo permissão a Aileen. Ela se converteu por direito próprio na substituta princesa Jade. Aileen tinha poder e se fazia respeitar. Ele estava muito orgulhoso de seu descobrimento e, de algum modo, apesar de parecer uma loucura, estava em dívida com o Caleb, porque embora não compartilhava os mesmos gostos quanto a métodos dissuasivos, fez Aileen se lembrar e a guiou até eles. Ás olhou ao Caleb e indicou com a cabeça que afastasse. —Vemos amanhã, vanir. Já sabe onde vivo.

Caleb se afastou ligeiramente. Aileen seguiu olhando quando o carro arrancou e passou de comprimento.

Capítulo 10

Quando todos os vaniros se foram, Caleb ficou um momento mais naquele descampado. Daanna foi à única que o acompanhou. Leram o livro de Jade juntos em meio da escuridão, a sós e com as luzes do carro acesas.

Não davam crédito ao que o livro revelava. Thor, seu melhor amigo, seu irmão da alma, apaixonou-se por uma berserker. Nada mais e nada menos que Jade, a filha do líder do clã de Wolverhampton.

Por que não disse nada? Realmente ele se colocou contra sua relação? Não sabia o que pensar. Para ele a felicidade de Thor vinha primeiro.

Embora fosse certo que de todas as mulheres que havia no mundo, descobriu a sua cáraid no clã contrário. Mas... ele era seu amigo. Talvez se tivesse contado...

—Deixa de pensar nisso — disse Daanna.

—Acha que o teríamos apoiado?

—Acredito que não. E nos teríamos equivocado ao não fazê-lo. O ódio está muito enraizado entre as duas raças e, tanto um clã como o outro, perdemos as pessoas queridas por culpa de nossas diferenças e dos enganos de nossos entes passados, os originários. Dói admitir, mas acredito que teríamos falhado.

Caleb decidiu não opinar a respeito. Ele, mais que ninguém, tinha problemas com os berserkers. Não teria gostado de saber que seu melhor amigo traía o clã por uma mulher do outro bando.

Pelo visto, as duas raças eram compatíveis para procriar e parecia incrível que com todas suas diferenças tivessem o dom de criar vida. E criassem coisinhas tão formosas como Aileen.

Aileen. Luz. Adorava a associação de seu nome com o gaélico. Quando pensou em como o encarou, sorriu. Se deu conta do que ele provocou nela, ao ver seu sangue de perto, ao cheirar. Voltaria louca seu aroma como o seu o voltava louco? Seus olhos dilatados, as pequenas e brancas presas que apareciam entre seus lábios. A cara do desejo. Desejou-o e ela não o poderia negar. Sim, sem dúvida à pequena Aileen enlouqueceu com seu sangue e seu torso tingido de vermelho.

—Aileen é uma autêntica beleza — sussurrou Daanna observando de soslaio a seu irmão. —Antes já era bonita, mas a conversão a converteu em uma espécie de deusa pagã. Não acha?

Caleb, nervoso, moveu no assento e esclareceu a garganta.

—Isto... Você gosta dela, verdade? —perguntou Daanna levantando uma perfeita sobrancelha negra. —Você gosta de verdade.

Caleb a olhou e pensou que era inútil ocultar nada a sua irmã. Estavam muito conectados.

—Não importa se eu gosto. Ela não quer saber nada de mim e com razão.

—O princípio de causa e efeito. Toda ação produz uma reação, bráthair. Disse que não o fizesse.

—Eu não sabia... É como se os deuses tivessem querido pegar pelo cabelo... Você sabe que a teria prendido a mim depois de me deitar com ela. Esse teria sido meu castigo por me comportar assim com uma humana... Mas não. Resultou que tudo saiu mal depois de... já sabe.

—Depois de puxar isso — franziu os lábios desaprovando Caleb. —Merece sua ira, Cal.

—Sei.

—Mas?

—Mas graças ao que fiz, ela descobriu a verdade sobre sua identidade. Sobre o que é.

—Nem ocorra dizer isso a ela se não querer que arranque a cabeça de coalho, ouve? —assinalou com um dedo ameaçador. —Mas onde têm os homens o sentido comum? O fim não justifica os meios e menos neste caso. Nenhuma mulher quereria passar pelo que ela passou em sua primeira vez.

—Embora acabasse desfrutando? —elevou as sobrancelhas vangloriando disso.

—Caleb, não — o censurou rotundamente. —Não esteve bem. Não aprovei de princípio.

Sua irmã tinha razão. Caleb deu um forte golpe ao volante com as duas mãos. Havia fodido bem.

—Sua frustração é por algo mais, suponho — disse calma.

Claro que era por algo mais. Seu corpo reconheceu Aileen como seu par antes que o coração e a mente pudessem sequer conectar.

—Não me diga — sussurrou Daanna assustada pelo destino de seu irmão. —Não, Caleb, por favor...

—É minha cáraid.

Daanna fechou os olhos e apoiou a cabeça na cabeceira do assento. Umedeceu os lábios e exalou bruscamente.

—Pelos deuses, Cal... —passou um braço por cima e esfregou as costas para consolá-lo.

—Não vai me perdoar, Daanna, e ela é minha cáraid... —repetiu incrédulo.

—Sintomas — exigiu saber sua irmã. Se havia uma possibilidade de que ela não fosse o par eterno de Caleb, descobriria.

—Cheiro seu sangue a quilômetros. Bolo de queijo com framboesas.

Daanna ficou a mão na frente e torceu o gesto. O sabor e o aroma favorito de Caleb .

—A primeira vez que bebi dela, a fome eterna que estamos destinados a sofrer os vaniros desapareceu. Agora volto a ter fome, mas só dela. Não me atrai nenhum outro pescoço. Ninguém. Só ela. E tenho fome porque não me alimenta desde ontem. As mãos me queimam quando estou perto de Aileen e só se acalmam se a montar. Hoje esteve a ponto de me estalar o coração quando a vi. Sua voz me relaxa, arrulha... e hoje teria matado os dois berserkers que tentavam chamar sua atenção. Fico doente. Ciumento — disse para si mesmo.

—Sim, não há dúvida. É sua cáraid.

—Já disse isso.

—A questão é, bráthair, ela pode corresponder? Hoje por hoje só quer vê-lo longe dela.

—Mas me corresponde — gritou ele. —Não pode negar. Desde que nos vimos, a atração saltou à vista.

—Atração, desejo... são coisas distintas do amor, Caleb. São qualidades que funcionam na cama, mas não para criar um verdadeiro vínculo fora dela. Sua cáraid tem que sentir amor e devoção por você para poder compartilhar o que ela é com você. Tem que confiar em você e ela tem pavor. Assusta-a.

—Mas não pode lutar contra o que seu corpo pede de mim. É inevitável, virá para mim — disse desesperado.

—E o que fará? A forçará, Caleb? Não, isso não o pode voltar a fazer. Ou demonstra o tipo de pessoa que há debaixo de todas essas couraças que tem e ensina como são os vaniros ou ela não virá a você. E quando vier, terá que ser por própria vontade. Agora dá medo, damos medo — esclareceu— e não é para menos. Mas nós somos os protetores da noite, cuidamos dos humanos. Isso não é mau e a ela tem que ficar claro que somos os bons, não os vilãos. Tenta.

Seguiram lendo até acabar as folhas. Nenhum dos dois quis dizer nada mais sobre Aileen.

Pensaram nas palavras de Jade, como eram certas e novidades que eram.

Samael sabia e não disse nada nem sequer quando devia alertar os clãs para avisá-los sobre os caçadores e ajudar Thor, Jade e Aileen. Mas o que queria dizer isso? Samael era um traidor?

—Samael não é trigo limpo — Daanna o sentenciou. —Nunca gostei dele.

—Segue na sala da fome? —perguntou Caleb olhando pela janela.

—O Conselho o castigou a permanecer ali uma semana.

—Faremos uma visita. Isto tem que se esclarecer.

—O que opina? Samael é o tio de Aileen. Acha que a reconheceu? Deveria ter reconhecido, não?

Caleb lembrou como bateu em sua casa e a ameaçou sexualmente. Desprezou essa opção.

—Acredito que até que não fale com ele não poderei opinar. É muito forte pensar que Samael não ajudou a socorrer Thor ou que sabia quem era Aileen e não disse nada. Daremos, de momento, o benefício da dúvida.

—Terá que informar os membros do Conselho disto. Não cheira bem.

—Sim, já está solucionado. Menw e Cahal pediram uma audiência.

Quando chegaram a casa, Daanna desejou boa noite a seu irmão e desapareceu pelo túnel subterrâneo que comunicava com as casas.

Amanheceu e tinha que dormir um pouco. Conseguia-se que Aileen saísse de sua cabeça e deixasse conciliar o sonho.

Mas não. Em seu quarto, com as janelas fechadas e as persianas baixadas não deixava de dar voltas sobre o colchão.

Cruzou as mãos por atrás de sua cabeça e ficou em plena escuridão com os olhos abertos olhando ao teto.

Aileen era a filha de seu melhor amigo. Thor falou dele quando ela só era uma menina e disse que era bom e elogiável, como se fosse um homem de confiança, leal e justo. Mas, devido a um engano, demonstrou que não era nada disso. Ele, com sua crueldade e sua raiva, se mostrou como alguém horrível e cheio de maldade.

Tinha fome e começavam a doer às articulações. Sua cáraid o estava rechaçando, estava privando de seu corpo e de seus cuidados. E se estava privando dos cuidados dele. Aileen não queria saber nada dele e ele a ia necessitar mais que a nada no mundo. Far-lhe-ia falta para seguir vivendo com seus poderes, para seguir sendo forte e imortal. Mas a mulher a quem ele humilhou, sua cáraid eterna, paradoxalmente, ia se converter em sua própria tumba. Bem pensado, o castigo seria justo. E ele aguentaria até onde chegassem às forças e se nesse tempo Aileen seguia negando a ele, se entregaria ao dia, à luz, a sua morte. A Aileen.

E uma merda... Ele era Caleb McKenna... Não puxaria a toalha, não deixaria que o matasse de fome e de desejo. Não.

Aileen aprenderia a desejá-lo tanto como ele a desejava, porque se a atração mútua era unicamente o que podia vinculá-los, utilizaria contra ela para fazê-la entrar em razão. Saquearia como o bárbaro que era na realidade.

Thor teria confiado a vida de sua filha se as coisas tivessem ido de outro modo. Ele traiu sua confiança, mas lutaria por emendar a situação.

Se Thor tivesse apresentado Aileen em outras circunstâncias, Caleb teria ajoelhado diante dela e teria suplicado uma oportunidade. Mas os sucessos se precipitaram um atrás de outro, escaparam de seu controle para passar ao controle de todo o mundo. Estalaram uma luta de intenções, uma guerra de poderes entre o um e o outro, estimulados pelo ódio, o rancor e os desejos de vingança. Aileen estava doída e queria o fazer pagar. E se isso era uma guerra, ele não tinha escrúpulos e lutaria com todas as armas disponíveis. Lutaria por ela.

A seduziria como não fez antes.

Aileen estava apoiada de costas no totem do bosque de seu avô. Encontrou nesse lugar um centro de meditação e de calma. Passavam muitas coisas a seu redor e, embora assimilava tudo com naturalidade, como se realmente o levasse nos genes, precisava pensar e entender os sucessos acontecidos.

Brincava com uma pedra entre seus dedos. A fazia rodar sobre eles de um extremo a outro. Lembrava a conversação que essa mesma manhã teve lugar no salão de Ás, enquanto tomavam o café da manhã.

—O que tenho de berserker, vovô Ás? —perguntou enquanto mordia um pãozinho lubrificado com manteiga e geleia. —Não posso me transformar como você.

—As mulheres berserkers têm outro tipo de dons que nada têm que ver com a transformação guerreira — explicou Ás. —Não podem transformar como nós por consequência da hibridação com os humanos. Odín não criou mulheres berserkers. Assim que todas as fêmeas que há são produto da hibridação com os humanos. Convertemos-nos em monstros depredadores, só os homens de nossa espécie. Vocês não. E embora a habilidade para a guerra não está em sua natureza, são resistentes, velozes, ágeis e fortes e, além disso, têm outros fantásticos dons. A mulher obtém a capacidade de atrair e dominar os machos.

Aileen engasgou com o seguinte pedaço.

—Se envergonha falar destas coisas comigo, céu? —disse Ás ocultando um sorriso na voz.

—E estranho — esclareceu ela antes de tomar um sorvo de suco de laranja. —Por favor, continua.

—É uma fêmea alfa como um todo. Chamará a atenção masculina lá onde te apresente. Quererão te cortejar, quererão juntar com você.

—Não me fale como se fosse um animal — disse ela olhando com seus olhos lilás e suas escuras sobrancelhas ligeiramente arqueadas por cima da taça. —Não sou.

—É uma humana com instintos selvagens e animais, Aileen. Destila feromônios por todos seus poros. Se propor isso, seria capaz de prostrar a todo um exército de homens a seus pés. Em teoria, uma berserker ovula só uma vez ao ano, mas você... —esclareceu voz.

—Acredito que sim que me dá vergonha falar com você disto — disse Aileen ruborizada. — Não sei se é melhor que deixemos...

—Mas tenho que explicar o que é o que está acontecendo — recolocou Ás com gesto firme. —Isto são coisas naturais e eu sou sua única família agora.

—Está bem, está bem... Bom — mordeu outro pãozinho. Tinha uma fome voraz e insaciável. —Então, como também tenho genes vaniros, também posso ser uma exceção, verdade? —elevou as sobrancelhas em gesto interrogatório. —Já temos descoberto que não posso transformar, pode que não ovule tampouco como deveria.

—Assim é. Mas, enfim, isso já o falaremos mais adiante, quando... — fez um gesto nervoso com a mão.

—Quando... venha a regra?

—Sim, isso.

Aileen se acomodou na cadeira e saboreou com ansiedade tudo o que provava sua boca.

—Será territorial e muito possessiva quando encontrar seu macho alfa. Mas a intensidade dessas emoções não tem por que assustar. Os homens da manada, adoram esse aspecto de suas mulheres.

—Aha. Aqui são todos uns saídos — Ás começou a rir.

Territorial e possessiva? Ela? Não acreditava.

—Todos seus sentidos se desenvolverão excepcionalmente. O ouvido, o olfato, o gosto, o tato, a vista... e explorará um sexto sentido. A intuição. Perceberá quem têm boas energias e quem, pelo contrário, não têm.

Tudo isso ela gostava muito mais. Ter dons... Vá, isso sim que era realmente interessante.

—Como os desenvolvo? —perguntou apoiando os cotovelos na mesa e inclinando para ele.

—Só tem que propor isso Já os tem aí. Quando quiser prestar atenção, aguça o ouvido. Quando quiser observar além do que vê, enfoca a vista. Quando quiser procurar alguém através de seu aroma, inspira profundamente e o encontrará. Suas mãos — disse enquanto as tomava entre as mãos dele e que não tinha o pão-doce, — poderão sentir ou perceber algo que toque. E sua pele será sensível a qualquer estímulo.

—E o que há do gosto? —perguntou enquanto Ás devolvia a mão. —Tenho uma fome agônica e tudo me parece delicioso, mas...

—Bom, os animais desfrutam comendo. Você também o fará — sorriu arranhando-a nuca. —É um bom dom, não acha?

—Mas me colocarei como um bronco... —franziu o cenho.

Ás inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

—Tudo queimará. Seu corpo necessita calorias para ativar todas essas funções acrescentadas que te deu a conversão — encolheu os ombros. —E se isso não funcionar... corre.

—Correr?

—Corre. Sai fora e força a máquina. A ver o que acontece... —sorriu. Aileen olhou a seu avô de soslaio. O que queria dizer com o “da ver o que acontece”?

—Corre. Salta. E faz como realmente deseja fazer. Como se parecesse.

—Faz muito tempo que não tenho sonhos desse tipo — confessou um pouco incômoda. —Acredito que não tive nenhum. Cahal mencionou algo sobre beta bloqueadores... Parece que era isso o que me administravam e por isso não podia parecer.

—Mas isso já passou — roçou a bochecha com os dedos em um gesto tenro e carinhosos. —Esta é sua nova vida. Abraça.

—E o que tenho antes? Tinha entre mãos um trabalho muito interessante, vovô — explicou com os olhos tristes. —E tenho a meu cão Brave e a meus dois melhores amigos em Barcelona. Não sabem nada de mim desde que me sequestraram — esfregou as mãos pela cara. —Não quero perder o contato com eles. Também são minha família.

Ás repassou a expressão de sua cara e assentiu lentamente com a cabeça.

—Quer falar com eles? Faz. Mas não pode falar de nada do que passou.

—E o que tem isto? —levantou o lábio superior com os dedos e tocou a bicuda presa com a língua. —E disto? —destacou nos olhos. —O que vou dizer?

Ás puxou pela mão e deu dois toques suaves.

—Confio em seu próprio julgamento, Aileen. Mas este é meu conselho: não envolva seus amigos mais da conta. Acaba de internar em um mundo de guerras intraterrenas, de raças distintas das humanas. Não há paz aqui. Você decide. Entende? Quando quiser ir procurar a seus amigos, faça saber. Eu trarei disso.

Aileen assentiu tendo em sua conta soube palavras. Ás se inclinou para beijar a bochecha e antes de sair do salão disse:

—Quer estar presente quando vier Caleb?

—Sim, ele não me dá medo, vovô — levantou o queixo com segurança. —Não tem por que passar um mau momento.

—Não se preocupe. Quero que me devolva o livro em mãos e ver que tal lhe sentou a leitura.

Ás a olhou tentando averiguar o que não dizia. Mas Aileen manteve o olhar. Finalmente, o homem sorriu e se foi.

Agora estava ali, no totem da manada. Não havia ninguém mais que ela, pois o clã só se reunia naquele lugar quando se requeria debater algo. Ainda era cedo e não escureceu. Mas aquilo era a Inglaterra e o céu estava tão nublado como um dia de outono. Além disso, Aileen já advertiu que tanto Dudley como Wolverhampton eram um pouco mais escuras do habitual em dias como esses.

Estava rodeada de imensas árvores que cobriam grande parte do teto estelar. A terra era úmida e cheirava a musgo por toda parte. Estava acostumada a estava denso de plantas verdes que pareciam tiradas mais de um pântano que de um bosque como esse e, de entre as plantas, saiam rochas sílicas de grande espessura.

Apoiou a cabeça no totem e fechou os olhos, disposta a encontrar na escuridão um pouco de reflexão. Mas de repente, sentiu algo estranho. Alguém a estava observando. Abriu os olhos e aguçou o ouvido.

Começou a ver a verdadeira cor das coisas que a rodeavam, percebeu a energia vital de cada uma delas. Ao redor de tudo aquilo que observava, aparecia uma silhueta de luz branca com chispitas flutuando sobre sua aura. Ouviu o zumbido de um mosquito longínquo, inclusive os passos pequenos de um roedor correndo por entre as árvores em busca de comida. Outro ruído mais chamou a atenção. Algo se movia entre a terra úmida. Meu Deus, era um verme. Como podia escutar e adivinhar esses sons? Até onde chegaria sua nova audição? Deixou de ver e de escutar.

Ficou arrepiada, os cabelos da nuca arrepiaram, um calafrio percorreu sua coluna vertebral e disparou o coração. Havia alguém atrás dela e, sem necessidade de girar-se para ver o rosto, soube imediatamente de quem se tratava. Caleb.

—Olá, Aileen — disse aquela voz profunda e masculina a suas costas.

Aileen permanecia com as costas rígida e os ombros erguidos, tensa como a corda de um violão. Não, aquilo não podia ser verdade. Não era de noite. Ele era um vampiro e as lendas populares mencionam claramente que os vampiros só saem de noite, verdade?

Teve que abrir e fechar os dedos das mãos para sentir que a circulação sanguínea voltava para seu leito.

Caleb exalou o ar de seus pulmões pouco a pouco. Ia necessitar tempo e paciência.

—Vim te trazer isto — meneou as folhas. Obrigou-se a não aproximar dela e tocá-la. Sentia um formigamento insuportável em suas mãos por essa necessidade.

Aileen deu a volta e olhou Caleb que permanecia imóvel a só dois metros dela. Levantou e esfregou os pulsos sem afastar os olhos de seu olhar verde.

Caleb não pôde evitar olhá-la de cima abaixo. Aileen era a maçã do jardim do Éden. A tentação, o pecado original.

Usava o cabelo solto, brilhante e liso. Recolheu algumas mechas com uns passadores de brilhantes que reluziam entre sua cabeleira negra como o azeviche. Outras mechas caíam estrategicamente pela cara, esperando a que alguém os afastasse e os colocasse atrás de suas bonitas orelhas. Uma camisa ajustada de mulher, de cor vermelha, aberta até o decote desses doces seios, que ansiava saborear de novo, e uma minissaia jeans que tampava o justo para deixar voar a imaginação eram seu novo modelito. E como gostava... Nos pés, umas botas blusões acabados em ponta e, além disso, de salto, também de cor vermelha. Caleb elevou as sobrancelhas ao ver esse atrevido calçado.

Aileen baixou o olhar a suas botas e logo voltou a olhá-lo com uma séria advertência no olhar tipo deixa-de-olhar-como-um-banquete.

Repassou da cabeça aos pés. Calçado negro, jeans largos, e uma polo negra que deixava descoberto esses imensos bíceps que marcavam com uma perfeição pasmosa os exuberantes ombros e seu definido peitoral. Algo mudou nele. Seu cabelo. Usava uma fita negra muito fina, como a de Menw, que jogava o cabelo para trás afastando de seu formoso rosto.

Dava igual qual fosse a imagem da masculinidade em essência. Ela não emprestaria nenhuma atenção a seu aspecto. Nem a sua pele bronzeada nem a seu estômago plano nem a suas pernas de jogador de futebol nem a esses olhos tão estranhamente verdes que a olhavam com uma expressão que mesclava culpa e remorso. Estava distinto e cheirava a manga. Deus, a encantava a manga. Caleb deu dois passos para ela estreitando as distâncias e ela se sobressaltou ao o ter tão perto.

Começou a respirar agitadamente. Cheirava a manga por toda parte e fazia água na boca. Tinha fome. Se seu estômago seguia assim, ela não se converteria em lobo, a não ser em uma imensa e obesa vaca.

—Tem seus olhos, Aileen — disse ele desenhando um sorriso de saudade em seus lábios de uma vez que oferecia o livro. —Thor tinha o olhar lilás como você. — Aileen teve que esclarecer a voz para poder falar.

—Fica onde está. Não se aproxime — comentou ignorando seu comentário e arrebatando as folhas da mão. —Ainda não obscureceu por que pode sair?

Caleb inclinou a cabeça e deu outro passo para ela, mas parou o ver que ela dava outro para trás.

—Só nos faz mal a luz direta do sol — respondeu ele reprimindo a vontade de agarrá-la pelo braço e dar um puxão para ele até a ter esmagada contra seu peito. O incomodava que se separasse dele. — Não nos fere a hora do dia, a não ser o tipo de dia.

—Por isso estão na Inglaterra. O país das chuvas. Aproveitam as nuvens para sair de dia — disse consternada pensando em voz alta.

—Não é o país, a não ser a zona, anjo. Inglaterra tem dias ensolarados também, mas no Black Country, isso não implica sol direto. Só em estranhas exceções.

Aileen estava prestando tanta atenção como se fosse a única pessoa do mundo. Agitou a cabeça e esfregou o pescoço em um gesto nervoso. Já descobriria mais tarde o que é Black Country. Agora só desejava ir dali.

—OH, se cale... Não me importa — mentiu. Claro que importava, mas não queria ter uma conversa com ele. —Por que está aqui? Há gente me vigiando e já não pode me fazer nada. Além disso, estou sozinha e...

—Vim porque queria falar com você — respondeu sincero. —A sós. Não venho fazer-lhe mal, já disse que...

—Não vai falar comigo nem vai se dirigir a mim nunca mais, a não ser que haja alguém de meu clã a meu lado.

—Eu sou de seu clã.

—Nunca.

—Sou vanirio como você, como seu pai. Por nossas veias, corre o mesmo sangue.

—A mesma maldição dirá... —gritou. As bochechas tingiram de vermelho.

—Aileen, necessito que me escute — disse com voz suave e incitante.

—Não faça isso — colocou a mão em frente para parar. Sua voz tinha poder sobre ela. —Não vou obedecer.

—Não quero ordenar nada, princesa.

—Princesa? —repetiu assombrada pelo tom raivoso de sua própria voz. —O que passou com meu outro apelido? Já não me chama rameira?

Caleb apertou a mandíbula e evitou dar um passo mais para ela. Definitivamente, seria muito difícil lutar com aquela mulher. Que bonita estava e de saco cheio.

—Sei que tudo o que possa dizer é pouco, Aileen. Errei.

—Sim. Errou — apertou a mandíbula.

—Foi tudo um engano... um muito grave engano. E me arrependo disso e de tudo o que disse e fiz. Peço que me perdoe — abaixou a cabeça envergonhado. —Peço perdão em nome dos vaniros, Aileen. Não tenho desculpas para nada do que fizemos com você, mas desejo que nos dê a oportunidade de nos emendar.

Aileen não esperava uma desculpa e menos uma tão sincera como aquela. Mas não era suficiente. Sentia-se ferida.

—Deve estar louco se acha que há algo que possa emendar — se surpreendeu ao ver que suas palavras feriam Caleb. —Economize as desculpas, monstro. Nem as aceito nem as necessito.

—Mas eu sim, Aileen — elevou o olhar e rogou com os olhos que o desculpasse por tudo. —Deixei me guiar pela ira e a vingança. Fiz coisas horríveis, foi objeto de um lado escuro que nunca mostrei, que nem sequer eu sabia que existia em mim. Um lado que se movia guiado por uma má informação, pela confusão — e também por seu corpo e por tudo o que o fazia sentir. —Jamais tenho feito nada parecido a ninguém, a nenhuma mulher e menos a uma humana. Envergonho-me de meu comportamento.

—Não é para menos... —gritou. —E agora, saia...

Aileen deslocou a deixá-lo aí jogado. Não queria ouvir mais palavras. Não podia ouvir sua voz, porque gravava a fogo em seu interior e se sentia débil. E não queria voltar a sentir débil e indefesa nunca mais.

Justo quando se apressava para passar pelo lado de Caleb, este a parou agarrando brandamente mas com firmeza do braço e inclinou a cabeça para dizer algo ao ouvido:

—Me escute bem. Não vou parar até que me perdoe, Aileen. Não sou nenhum monstro e não pararei até que você veja. Estou aqui para o que necessite. Se quer saber algo de mim ou dos vaniros, só tem que fazer saber e falarei com você do que deseje.

—Por que importa tanto o que eu pense de você agora, monstro? —disse sem elevar o olhar até ele. —E não me ponha as mãos em cima.

—Porque preciso arrumar as coisas que estraguei. E porque embora não ache, Thor era um irmão para mim e o amava com toda minha alma. Dói ter falhado assim, me ter equivocado tanto. Se deixar, eu me encarregarei de você. Ele o teria querido assim.

Aileen elevou o queixo e o olhou nos olhos com incredulidade.

—Primeiro: nunca mais volte a se colocar em minha cabeça. Ouve? — se olhar matasse, Caleb estaria morto. —E a resposta é: Não. Não me poria em suas mãos jamais.

Caleb franziu o cenho e contra-atacou.

—Tem fome, Aileen? Uma fome quase animal que não desaparece embora passe o dia comendo? —grunhiu a ponto de perder a paciência. Aileen fechou os olhos e afastou a cara para que ele não a visse. Sim. Tinha fome e por muito que comesse, seu estômago seguia vazio. Manga. Manga era o que queria.

Caleb sorriu pormenorizado.

—Claro que tem fome. É uma vanir. Vi sua cara faminta ontem de noite, quando estava presa — inclinou até roçar com seus lábios o ouvido direito de Aileen para falar em sussurros. Suas duas cabeças morenas grudadas a uma à outra. —Eu também desejava. Eu posso ajudar. Posso acalmar os espasmos de seu estômago, as cãibras que provoca a agonia de não saciar seu apetite. Se debilitará se não se alimenta, pequena.

A ela dilataram as pupilas. Apertou os punhos e tentou escapar do ferro candente que era sua mão.

—Deve ir para mim quando fraquejarem as forças —roçou sua garganta com o nariz. —Ouve, Aileen? Só a mim.

OH, senhor. E o que devia fazer quando fraquejassem os joelhos como acontecia nesse momento? Falar nesse tom teria que estar penalizado pela lei. E cheirar tão bem teria que ser um dos dez mandamentos.

“Não cheirará nunca a manga.”

—Virá quando me necessitar e eu serei seu padre.

—Se cale, por favor... —disse com a voz entrecortada e os olhos fechados. Sim, claro, ele seria seu padre. Um padre era o que necessitava, um que praticasse exorcismos e que afugentasse ao demônio de Caleb de sua vida.

—Porque você é para mim. Igual a eu sou para você, Aileen.

Ela abriu os olhos como pratos e saiu do transe no que estava sumida. Não disse nada. Sentiu medo por ouvir aquelas palavras, mas mais medo ainda ao sentir que podiam ser certas. Que ela poderia desejar.

—Me solte — disse entre dentes olhando a mão enorme e masculina que a segurava pelo braço. —Não suporto que me toque.

Caleb a soltou obedecendo a sua ordem. Ela o olhou plenamente consciente de que ele a comia com os olhos. Longe de se desagradar, se ergueu orgulhosa e deu um cínico sorriso berserker. Uma que Caleb não quereria ter visto nunca.

—Obviamente, eu não sou tua e, certamente, você não é nada meu, monstro.

—Você — disse raivoso por negar o que para ele era evidente e além muito importante— foi minha como nenhuma mulher foi antes e eu fui teu como nenhum homem o foi em sua vida. Deitamos juntos. E sim, sei que fui duro e na realidade queria castigar, porque pensava que era outra pessoa, mas mesmo assim... foi... incrível. E você sabe, Aileen. Sobrou o cinto e o princípio

tão brusco que tivemos, mas após ... —meneou a cabeça e exalou. —Foi... sublime — exalou com força. —E você, pequena menina... —sussurrou alongando a mão para acariciar o cabelo. —Sei que está assustada.

Aileen afastou a mão de um tapa e Caleb esticou. Voltou a afiar a voz.

—Perdeu a virgindade comigo.

—Não. Não a perdi pelo caminho como quem perde uma forquilha... Você me roubou isso... —exclamou furiosa. —Não foi meu nem eu fui tua... —obrigou a serenar. —Para falar de possessividade terá que ter algo mais valioso que o corpo de outra pessoa. Terá que ter o coração do outro. Obviamente, você não tem o meu e eu não tenho o teu, porque você não possui coração, monstro. E, em caso de ter, eu jamais reclamaria um tão negro e vazio como o que tem aí metido — olhou seu peito esquerdo com desprezo. —Ninguém poderia querer nunca.

Depois dessas palavras, olharam fixamente o um ao outro. Podia ver como saltavam faíscas entre eles e logo haveria uma grande explosão.

—Se afaste de mim — disse ela afastando. —Não quero ter nada que ver com você.

—Sabe, Aileen? Não sou tão mau como acha — disse com a voz tingida de dor. —No melhor algum dia acreditará e, pelo bem de ambos, espero que dê conta logo, porque isto vai ser um inferno.

—Você já me mostrou como era o inferno. Além disso — recolocou rindo dele, —o que fará se não pensar como você quer que pense? E se não me dou conta de sua suposta bondade? Me atará a sua cama outra vez? —perguntou com repulsa. —Esse é seu modo de demonstrar que tem razão? Esquece, monstro.

—Atarei só se você me pede — respondeu isso ele provocador.

Aileen sentiu que um vulcão de lava ardente entrava em erupção à altura de seu diafragma. Nunca antes se havia sentido tão ofendida, tão encolerizada com alguém. Sim, ele era o inferno e ela consumia com suas chamas.

Era impossível que esse homem estivesse realmente arrependido pelo que fez passar. Se não, por que ia então falar desse modo?

—Não tem nem ideia de como tratar uma mulher, porco arrogante. Nem ideia. Desculpa e logo faz como se a desculpa não valesse nada. Detesto.

—Você não gostou que atasse à cama? —perguntou ele com fogo no olhar. —Muitos casais gostam de jogar assim. A você não? Bem, terei em conta — adorava provocá-la. Melhor ira que indiferença, pensou.

—Eu não sou seu par... Abusou de mim...

—Agradei. Três vezes — assinalou elevando três dedos. —Seu corpo não queria que me afastasse de você, mas você sim, porque tinha medo de mim — encolheu os ombros. —Solucionemos o do medo e nos deixemos levar.

—Se cale... Saia daqui... —empurrou seu peito sólido com as duas mãos, mas não se moveu nem um centímetro.

—Espera, espera — sussurrou ele esperando ser esta vez mais sutil. Não podia falar assim... Ela ainda não via o que ele. Mas o vanirio saía a flutuação e era difícil controlá-lo. Ela não sabia que estavam predestinados a estar juntos, assim que se obrigou a falar com mais calma. —Suplico isso, Aileen. Escute-me.

—O que quer de mim? —gritou ela assustada. Seus olhos lilás refletiam a frustração que sentia.

—Me dê uma oportunidade para demonstrar que não sou um bruto insensível. Só uma — aproximou sem avisar e em seguida esteve a menos de um dedo de distância de seu corpo. Seus seios quase se tocavam. —me deixe mostrar o que sou, como somos os vaniros. Suplico que me deixe tentar — seu tom perdeu toda arrogância e altivez para converter em um sussurro cheio de reclamação.

Aileen não soube como Caleb se moveu com tanta rapidez até que o encontrou tampando toda vista com seu enorme corpo de gigante. Seu corpo transmitia muito calor. Acaso os vampiros não eram frios como o gelo? Por que ele não?

—Não sou um vampiro — sussurrou ele agarrando uma mecha de cabelo com delicadeza e acariciando com doçura. Esperava um tapa, mas não chegou.

Podia uma carícia através do couro cabeludo enviar uma chicotada elétrica de desejo a todo o corpo?

Aileen não podia afastar os olhos. Nem sequer podia recriminar que estivesse tocando a juba.

Sem prévio aviso, que pelo visto era o modo de manobrar de Caleb , ele grudou a mão direita de Aileen entre as suas, a levou a peito e a reteve entre sua palmas ardentes.

Aileen teve que tragar saliva e fechar os olhos diante seu tato e a graça de seu movimento.

—Ouve o batimento de meu coração? —perguntou enquanto observava com a avidez de um leão o admirável rosto de Aileen. —Não sou um morto vivente por muito que queira me matar. Meu coração bombeia sangue a todo meu corpo. É porque estou vivo.

Aileen abriu os olhos e o observou enquanto pedia a gritos misericórdia.

—Não me importa — disse ela.

—Sim que importa. Não sou um vampiro. Nem sou um demônio — sussurrou com doçura.

—O que é então? —sua voz soou tão fraca que duvidou que Caleb tivesse ouvido.

—Somos filhos dos deuses — com os polegares acariciava o dorso da mão. —Criaram para proteger à humanidade.

—Custa acreditá-lo... —sussurrou baixando o olhar e afastando a mão do peito de Caleb.

—Sei, sei que está assustada e que me tem medo. Mas há coisas de você que não sabe, coisas de sua natureza — deixou que separasse, mas isso fez que encolhesse o estômago. —Eu posso ajudar a compreender.

—Mas eu não quero que esteja perto... —gritou ela sentindo transbordada pelo amontoado de emoções que albergava seu coração. Os olhos picavam por conter as lágrimas. —Não estou cômoda com você e você não faz nada mais que me perseguir e monopolizar todo meu espaço.

Entra em minha mente, se colocou em meu corpo e faz que me sinta estranha... que me comporte como... —como se estivesse em zelo, pensou.

—Esse último não faço. Você reage para mim como eu reajo a você. Nossos corpos se reclamam, Aileen.

—Não... Não e não... —exclamou limpando as lágrimas com o punho da camisa. —Fora de minha cabeça...

—É uma das coisas que poderia explicar se compartilhasse seu tempo comigo — doía o coração de vê-la tão contrariada e abatida. —Tem que entendê-lo — agarrou dos braços e a obrigou a olhá-lo.

—Me solte... —lutou mas não podia livrar-se de sua retenção.

—Você marcará as pautas, os tempos, tudo. Quer que vamos devagar? Perfeito, iremos devagar. Mas não fuja do que é — ele nunca antes cedeu com ninguém, mas os olhos de Aileen, assustados e vulneráveis, obrigavam a ceder terreno. Não poderia fazê-lo de outro modo. —me diga o que quer que faça?

—Quero que vá — tremia entre suas mãos. E o pior era que se ele não partia, ela cederia diante a tentação de tocá-lo ... saboreá-lo? Estava tensa e assustada.

Quando Caleb compreendeu que tinha medo afrouxou as mãos.

Caleb a soltou e limitou a controlar sua respiração e a acalmar o desejo que tinha de equilibrar sobre ela, jogá-la sobre a grama e possuí-la em todos os sentidos, de todos os modos. Elevou o queixo e relaxou as feições.

—Está bem — disse ele. —Se for o que desejas, assim farei.

—Não quero que entre em minha mente nem que empregue seus truques de domador — ordenou agarrando com força o diário de sua mãe.

Caleb apertou os dentes, mas assentiu. Ele necessitava o contato com ela, e mais agora, quando a necessidade de unir a sua cáraid nublava a mente e a razão. Ele notava que a Aileen começava a passar o mesmo, mas devido à força dessas emoções, ela voltava atrás. Pobrezinha, estava tão assustada... Daria um tempo, sim. Mas se depois desse tempo ela não entrava em razão, as coisas se fariam a seu modo.

Tomaria o que era dele.

Até então ambos sofreriam o inexprimível, sobre tudo Aileen, que não sabia como seria forte seu desejo por ele. Entretanto, ele era o que corria maior perigo. Quando um homem bebe de sua cáraid depende dela para sempre. Se a fêmea, ainda não bebeu dele, não perigam nem sua vida nem seus poderes. Caleb perigava diante o rechaço de Aileen. Mas, como Aileen não bebeu, de momento estava a salvo de voltar louca. Até que o provasse.

Sentiu vontade de perguntar a Aileen, a que cheirava ele para dilatar as pupilas desse modo. Olhava-o com tanto calor em seus olhos... Qual seria seu sabor favorito?

Então entendeu que não sabia nada dela. Não a cortejou nem a seduziu. Sua relação começou pelo último e ainda por cima foi traumático. Podia costurar algo que se quebrado?

Desejava com todas suas forças que assim fora.

—Então vou — disse ele dando meia volta.

Aileen se relaxou. Por fim, uma pequena vitória.

—Veremos daqui a um momento. Há muitas coisas das que falar, coisas que não queria falar com você enquanto tivéssemos este tempo a sós — comunicou ele sem dar a volta. —Mas antes quero te dar algo.

Aileen apertou o diário contra seu peito, desejando que acalmasse as ferroadas que começava a sentir em seu coração quando viu que ele se afastava.

Caleb deu um assobio curto e sonoro.

Aileen franziu o cenho. O que estava fazendo?

Impensadamente saiu dentre os matagais um cachorrinho husky siberiano. Se a cravassem, não sairia sangue.

—OH, Meu Deus... —Aileen se ajoelhou no chão e esperou a que seu cão Brave pulasse sobre ela. O cão fez e ambos brincaram pela terra enredando.

Caleb parou para ver a imagem dessa preciosa garota com seu mascote. Era adorável. E ela sorria abertamente. Seus dentes brancos e perfeitos resplandeciam. Ele a faria sorrir assim algum dia? Incômodo, levou a mão à braguilha e colocou seu torcido pênis de outro modo para que não incomodasse tanto. Era irremediável ter essa excitação quando estava perto dela.

Relaxou e tentou ignorar as palpitações de seu membro e, ao final, esperou que Aileen se incorporasse com seu cachorro nos braços.

Brave não deixava de lamber a cara, mas ela estava cismada olhando Caleb como uma obrigação.

—Como...? Quando...? —disse ela sem poder entender. Por que fez isso por ela?

—Tirei muitas coisas — respondeu ele dirigindo um olhar cheio de doçura. —me deixe devolver isso.

Esperava ele que ela dissesse algo? Ela não sabia o que dizer.

—Como vê tenho lido o diário e sim, tinha razão. Quero me retratar. Humilharei às cegas se for necessário. Mas não me separarei de você, não a deixarei em paz.

—O que? —disse ela temerosa de sua resposta. —Por... por que não?

—Porque te quero para mim e quero que estejamos juntos.

Caleb inclinou a cabeça a modo de despedida e, de repente, desapareceu.

Aileen ficou sozinha no bosque. Imóvel, de pé e com uma estranha sensação de vazio por todo o corpo. Abraçou com força Brave e deu beijos por todos os lados.

Isso sim que foi uma grande surpresa inesperada. Correu para a casa de seu avô com Brave alegre e feliz pisando os calcanhares.

Não pensaria em Caleb. Não faria. Nem tampouco lembraria que disse que a queria para ele. Nem pensar.

Capítulo 11

Os amplos jardins da mansão de Ás estavam iluminados pelas tochas de chão. O fogo destas cintilava criando uma atmosfera de sombras e segredos, de revelações e pactos. Havia uma zona com várias banquetas de pedra dispostas em um raio circular. No centro desse círculo, parecido no chão, achava o fortificação do concílio.

No interior, Noah, Adam, Ás e Aileen falavam sobre os assuntos que iriam tratar na reunião.

Aileen estava sentada com Brave nos braços. Enquanto o acariciava e lhe fazia massagens, o cão a olhava com adoração respirando pela boca e com a língua longa e rosada fora.

Pensava nas palavras de Caleb. “Tirei muitas coisas.” Realmente parecia estar arrependido pelo que passou entre eles. Como se ele não fosse assim.

Deu uma bolacha Chips Ahoy a Brave enquanto pensava nele. Nunca havia gostado de negar nada a seu cachorro. Caleb.

Não sabia nada dele nem sequer se tinha sobrenomes. Tampouco sabia nada de si mesma. O que desejava? Que instintos tinha? Mudou algo a desculpa e a surpresa de Caleb?

Os berserkers, especialmente Noah e seu avô, ficaram estupefatos ao escutar da boca de Aileen o que passou.

Um vanirio que pedia perdão? Um vanirio que usava um cachorrinho de lobo siberiano?

Agora os quatro esperavam em silêncio a chegada dos vaniros.

Ás ofereceu o braço a Aileen e ela levantou e o pegou com gosto. Seu avô era todo um cavalheiro.

Dirigiram-se ao exterior. Ela já percebia esse frutado aroma tão tropical que a voltava louca. Caleb já estava muito perto, de fato, ficou rígida quando o viu apoiado de braços cruzados na fortificação do concílio. Depois dele, os seis encapuzados do conselho, sua irmã Daanna, Menw e Cahal e uns quantos vaniros que nunca passariam despercebidos. Por que razão todos fossem homens ou mulheres, pareciam saídos de uma revista de moda?

Brave se separou dos pés de Aileen e avançou até chegar a Caleb. O olhou, sentou em frente dele e começou a ladrar e a mover a cauda.

Aileen se sentiu um pouco ciumenta ao ver como se dava bem Brave com Caleb. Logo se sentiu violenta ao ver que não sabia qual dos dois tinha ciúmes, se era porque Brave dava-se bem com ele ou se era porque Caleb se dava melhor com seu cão que com ela.

Caleb agachou e sorriu abertamente. A Aileen quase para seu coração. O sorriso mais esplêndido do mundo, a mais cativante que jamais viu, era o desse homem.

Pararam justo frente a ele. Caleb levantou do chão com Brave nos braços. Acariciava o cangote com doçura apesar de suas enormes mãos. E o cão rendia a ele.

Aileen pensou que Brave era um traidor. Porém logo desprezou esse pensamento ao ver a imagem tão tenra que ambos plasmavam.

Caleb elevou a vista do cangote de Brave, olhou Ás e logo Aileen.

—Olá de novo — disse ele elevando uma sobrancelha.

—Olá a todos — respondeu Ás olhando os vaniros.

Aileen olhou para trás e viu que não só estavam Noah e Adam, mas sim vinte berserkers mais se alinhavam atrás deles. Quando chegaram?

Olhou à frente e viu que os seis encapuzados liberavam de seus capuzes. Beatha inclinou a cabeça para Aileen e o resto dos vaniros fizeram o mesmo. Menos Caleb, que deixava Brave no chão para logo, enquanto se levantava, repassá-la de cima abaixo, até abater o olhar a esses olhos rasgados de cor lilás, de pestanas entupidas e curvadas.

O olhar do feitiço. Os olhos de sua cáraid, Aileen.

Prometeu que não entraria em sua mente, que não falaria com ela telepaticamente. Mas queria dizer muitas coisas sem que ninguém os ouvisse. Entretanto, não quebraria sua palavra. Ela devia confiar nele.

Beatha e Gwyn se adiantaram e se colocaram ao lado de Caleb , frente a Aileen. Beatha a olhou com os olhos cheios de pesar e de vergonha.

—Não sei se nos merecemos seu perdão, mas precisamos expressar como estamos arrependidos pelo acontecido. Aileen, rogamos misericórdia.

Logo todos fizeram algo que não estava preparada para ver. Ajoelharam diante dela e abaixaram a cabeça. Beatha a seguir voltou a falar.

—Às vezes, muito estranhamente se juntam um amontoado de maus entendidos, até fazer uma bola de enredos e mentiras que ninguém pode desmentir. Isso é o que passou com você, Aileen. Não nos desculpamos pelo trato que infligimos, o teríamos feito com qualquer pessoa que se dedicasse a nos destruir, mas você é inocente. Estávamos equivocados.

Aileen sentiu que se estendiam os músculos do estômago.

—Equivocamos com você, Aileen — de repente Beatha levantou a cabeça para olhá-la do chão.

—Pedimos perdão frente a sua família —prosseguiu Gwyn, —frente a Ás, o chefe do clã berserker. Diante de você também nos desculpamos, Ás. Sentimos o que passou com sua neta — Gwyn elevou a cabeça para Ás. —Nossas mais sinceras desculpas. Rogamos que isto não seja um motivo a mais de inimizade entre os clãs.

Ás olhou a Aileen e ela fez o mesmo com ele.

—Os desculpa, Aileen? Se você fizer, eu também farei.

Nunca teria imaginado que os vaniros reconhecessem seu engano desse modo tão humilde. Estavam ajoelhados a frente pedindo perdão.

Devia perdoar?

—Por favor, levante — disse incômoda pela situação. Já não doía nada, agora tinha dons incríveis e a respeito de Caleb ... Isso era algo entre eles dois. —As desculpas não servem muito uma vez feito o dano. Será algo que levarei comigo durante toda minha vida. Mas quero entender seus motivos. Só espero que a próxima vez, se assegurem de que a pessoa a que castigam seja realmente quem acham.

Todos a olhavam espectadores. Queriam saber a resposta.

—Sim, aceito suas desculpas — se apressou a responder. —Mas não o esquecerei. Meu caso tem que servir de lição de agora em diante.

Beatha e Gwyn assentiram e se levantaram sem perder em nenhum momento a elegância. Ambos os loiros, altos e esbeltos.

—Por que ele não ajoelhou? —perguntou Noah olhando Caleb.

—Caleb escolheu seu próprio modo para receber a desculpa de Aileen. *Peanás follaiseach*[25] — respondeu Beatha sorrindo de um modo afável a Aileen. —Quando acabarmos a reunião, procederá.

Aileen olhou Caleb. Estava completamente inexpressivo, apoiado de novo sobre a fortificação do concílio. Do que estavam falando? O que queria dizer isso?

Olhou a sua irmã Daanna que abaixava a cabeça com o rosto de se causar pena e a mandíbula apertada como se fosse voltar a chorar. E seus amigos, olhavam, orgulhosos mas de uma vez temerosos do que passaria.

—*De que fala Beatha, Caleb?* —perguntou muito nervosa, esquecendo que ela mesma vetou esse tipo de comunicação entre eles dois. Foi uma ação involuntária como se fosse o mais natural do mundo.

Ele levantou o queixo para ela.

—Dei minha palavra — respondeu olhando-a fixamente. —Não falarei com você desse modo até que você me dê permissão para isso.

Aileen tragou saliva e se assustou pelo matiz que tomava a noite e essa horripilante reunião entre clãs. Mas ao mesmo tempo, sentiu um estranho calor nas vísceras quando Caleb respeitou sua promessa.

—Bem, então — disse Ás cortando a tensão, —iniciemos nossa conversa.

Todos tomaram assento sobre as banquetas de pedra, alguns ficaram de pé. Um clã de um lado e outro clã ao outro. Caleb, Aileen e Ás permaneceram de pé.

—Durante anos — disse Caleb elevando a voz para que todos o ouvissem, —acreditamos que um grupo de caçadores humanos, dava-nos caça tanto a vaniros como a berserkers, porque acreditavam que éramos vampiros e lobachos. Achamos que nos aniquilavam, porque estavam confusos respeito a nossa verdadeira natureza. Hoje sabemos que não é assim. Sabem perfeitamente o que somos e agora sabemos graças ao livro de Jade. Sua mãe, Aileen — a olhou e meio que sorriu.

Aileen se sentiu como uma adolescentes, tola, estúpida e torpe.

—Também achamos que os berserkers e vaniros eram incompatíveis fisicamente. Que nossas diferenças começavam por aí. Duas raças, destinadas a não se entender, a vigiar por cima dos ombros. Duas raças distintas e separadas precisamente por uma série de diferenças irreconciliáveis. Hoje sabemos que podemos nos relacionar fisicamente uns com os outros e criar através de nossa união, magníficas criaturas como ela — a assinalou e suas bochechas se brilharam de vermelho.

[25] *Em celta gaélico significa castigo público.*

Tanto vaniros como berserkers a olhavam fascinados e assentiam com a cabeça sem deixar de observá-la.

—Foram muitas baixas as acontecidas em tantos anos de inimizade e de guerras. Perdemos o contato com os deuses devido a nossos enganos e a nossas atitudes. Somos criações dos quais somos e isso não podemos negar — olhou ao céu e abriu os braços com as palmas para cima. — Eles também têm suas diferenças ali em cima, mas somos nós quem devemos endireitar a situação aqui embaixo. Unidos em um objetivo comum ao menos: proteger os humanos.

Aileen olhou ao céu e abraçou a si mesma. Realmente estavam falando dos deuses de verdade? Dos do céu? Onde estavam as câmaras de Quarto Milênio quando as necessitava?

—O que propõe, Caleb? —perguntou Noah.

—Temos que nos unir — respondeu com determinação.

Os dois clãs começaram a murmurar, a maioria desaprovando essa opção. Outros reagindo com surpresa.

—Você também? —respondeu o berserker soprando. —São muitos anos de diferenças para querer solucionar agora. Muitos anos de tradições completamente distintas umas das outras. Como vamos lutar juntos contra essas sociedades se não nos levarmos bem?

—Terá que fazer um esforço — respondeu Caleb perdendo a paciência.

—Não fica outra opção — sugeriu Ás com voz de tenor. —Temos que chegar ao fundo deste assunto e para isso devemos trabalhar em comum união. Não sabemos nada a respeito destas pessoas. Desde quando estão os humanos trabalhando cotovelo com cotovelo com os nosferatus e os lobachos? Isso era impensável... Exatamente para quem trabalham estas organizações? O que querem realmente de nós? Acabam nos matando quando nos agarram, assim não nos convertem, mas, entretanto, sim que nos estudam. Por quê? O que querem tirar de nossos corpos?

—Algo que não obtêm dos nosferatus e dos lobachos — respondeu Aileen voltando a pensar em voz alta. Caleb elevou as sobrancelhas e sorriu. OH, Deus. Por que era tão bonito?

—Segue, Aileen. O que pensa você de tudo isto? —perguntou Caleb com doçura. Sua voz era música para seus ouvidos.

Aileen pigarreou e sentiu nervosa e importante. Caleb queria ouvir de verdade seus comentários, como se realmente os valorasse. Todos estavam pendentes de suas palavras.

—Né... acredito que... mmm... —fala pelo amor de Deus, exigiu a si mesma— acredito que nos estudam. Seja o que seja o que querem, não o obtêm dos outros, embora os usam para chegar até nós. Você me disse — disse olhando a seu avô— que na realidade os lobachos eram berserkers mudados.

—Sim, assim é.

—Pois parece que não interessam os mudados, a não ser os originais. Os corpos originais. Supõe que os nosferatus também são vaniros mudados? —perguntou Caleb sem manter o olhar.

—São — respondeu ele comendo com esses olhos verdes.

—Sim — assentiu Noah. —São vaniros débeis que cederam ao poder de Loki e converteram em chupa sangues.

—Exato, como os lobachos — respondeu Caleb sorrindo friamente a Noah.

—Pois seja o que seja o que fez Loki com os filhos desencaminhados dos berserkers e dos vaniros, não serve a estas sociedades. Terá que descobrir o que querem fazer com seus descobrimentos a respeito de nós.

—No livro de Jade mencionam dois nomes mais. Patrick Teimoso e Sebastián Smith. Chegou a conhecer? —perguntou Beatha.

—Não. Nunca conheci ninguém da cúpula do Newscientists. Sempre pensei que meu pai era a mente ejaculadora de tudo.

—A empresa de Mikhail recebia subvenções? —perguntou Caleb.

—Não estou certa — respondeu ela apartando o cabelo para trás com um gesto sexy. —Eu não controlava a administração. Mas posso voltar para averiguá-lo. Estando dentro poderemos descobrir o que quisermos.

—Nem pensar... —cortaram rapidamente Caleb e Ás.

Aileen abriu os olhos exasperada e os olhou aos dois com o cenho franzido.

—Um momento... —disse fazendo dramalhões com as mãos. —Que eu saiba não estou sequestrada, verdade?

—Não o duvide nem por um segundo, Aileen — disse Caleb cruzando os braços com um sorriso machista e triunfante. —Não se colocará em perigo de maneira desnecessária.

—Você se cale, monstro... —espetou. —Não manda em mim.

Caleb e Aileen voltaram a se olhar soltando faíscas pelos olhos. Olhos lilás contra verdes amarelados. O resto os olhava contemplando uma autêntica guerra de titãs.

—Mikhail foi assassinado — disse ela. —As pessoas estarão se perguntando qual é o motivo de sua longa ausência. Eu era sua filha, ao menos aos olhos dos outros. Supõe que tenho que aparecer para seguir trabalhando. Falarei com eles e...

—Pode ser que os outros também saibam o que é — disse Ás brandamente.

—Não acredito — respondeu ela. —Mikhail era um ser arrogante e avarento. Por que ia compartilhar seu segredo com outros quando ele sozinho podia levar todo o mérito? Se todos outros tivessem sabido que eu era uma híbrida, o que impedia o resto de não me sequestrar e me estudar? Nada. Teriam-me açoitado — encolheu os ombros— e teriam feito o mesmo que Mikhail. Não. Era melhor me manter em segredo.

Caleb apertou os punhos ao imaginar Aileen nas mãos de alguns deles.

—Acredito que posso ir à empresa e ver...

—Se for, não irá sozinha — era uma ordem imperante e irrevogável.

Aileen olhou Caleb e franziu o cenho.

—E quem virá comigo? Você? —elevou uma sobrancelha inquisitiva. —Como se atreve sequer a sugeri-lo? Você não vai A...

—Deixa de dizer tolices, menina — a cortou com arrogância. —Mikhail não contava nada a ti, mas isso não tira que não o tenha contado a ninguém mais. Se mostrar, expor. Não vai sozinha.

—Preciso voltar para Barcelona — gritou.

—Não iremos a Barcelona. Iremos à sucursal que têm em Londres — prosseguiu Caleb fazendo caso omisso das palavras de Aileen. —Fingirá que é uma visita de cortesia e citará ao segundo da borda da empresa. Quem se encarrega de tudo na ausência de Mikhail... Quem é?

—Não sei. Já te disse que eu só trabalhava ali, não falava com meu pai nem com os empregados. Só com os contatos externos.

Caleb apertou os lábios.

—Contataremos com ele e obteremos toda a informação administrativa que precisemos saber. Iremos ao entardecer, quando...

—Irei com Noah e Adam. Não com você — sentenciou ela em um tom afiado.

—Eu irei com vocês então — respondeu ele sem nenhum tipo de dúvida.

—Não pode. Você levanta suspeitas só em te ver — disse Aileen.

—Ah, sim? —perguntou ele ocultando um sorriso malicioso.

—Sim.

—Necessita segurança.

—Não a tua.

—Já é suficiente — disse Beatha.

Aileen e Caleb giraram para olhá-la.

—Caleb irá com você — ditou sem possibilidade de réplica.

—Está louca se acha que vou aceitar — murmurou entre dentes com os braços tensos. —Não quero a nenhum vanirio perto de mim — disse finalmente olhando Caleb nos olhos. Desafiando. —Noah e Adam virão comigo. E você não vai dizer — elevou o queixo e dirigiu seus olhos relâmpagos a Beatha, — o que vou fazer ou o que não. Sou uma berserker por decisão própria. Não sou nada sua.

—Está muito esquiva... —clamou Caleb.

—Cuidado com o que diz, monstro — advertiu Aileen elevando o queixo e assinalando com o dedo. —Não pense nem por um momento que sou alguma de suas posses.

Caleb sentiu uma pontada à altura do esterno. Fria quase dolorosa.

Ela teve que afastar o olhar ao ver os olhos rasgados de Caleb . Impactou dar-se conta de que tinha esse poder sobre ele. Ela podia machucar ao forte e o terror de Caleb .

—Perdoei, mas não quero me relacionar proximamente com vocês— decidiu afastando instintivamente do corpo de Caleb e aproximando do de seu avô. —Para mim ainda é cedo para começar a confiar em seu clã.

Beatha a olhou com respeito. Essa garota realmente era sincera e não tinha o mínimo decoro ou medo ao falar. Era refrescante.

—Seremos informados — ordenou Beatha.

—Não reteremos a informação — disse Aileen assentindo.

—Se você não confiar em nós, Aileen —sussurrou Caleb furioso por seu rechaço, —por que devemos confiar em sua palavra?

Aileen não podia acreditar o que ouvia. Ele, o motivo principal de sua desconfiança, desafiava.

—Porque até agora não dei nenhum motivo para que não faça — estalou com todo o corpo em tensão. —Ao contrário não acha, monstro? Tudo que eu disse, resultou ser certo.

Sim. Aileen disse que não tinha nada haver com a perseguição de sua raça e que não sabia nada, e dizia a verdade. Aileen disse que era virgem e dizia a verdade. Aileen o chamava monstro e era verdade. Porque ele para ela era um medo, algo maligno, um pesadelo. Isso era Caleb para a Aileen.

Mas ele não podia deixá-la sozinha. Era sua cáraid, por decreto físico. Porque seus corpos, embora não suas almas, se reconheceram.

Aileen se aproximou de Noah intencionadamente e este a puxou pela mão. Entrelaçaram seus dedos. Os olhos olhavam a Caleb regozijando com sua raiva, com seus... ciúmes.

Ela tinha todos os instintos das fêmeas berserkers. Sabia como se comportavam os homens, que tipo de emoções os fazia sentir com sua atitude. Não deveria provocá-lo assim, recriminou a si mesma. Estava errado?

Caleb queria gritar da frustração.

Noah olhou a Aileen e não a soltou enquanto olhava seus lábios e seus olhos com ânsias de depredador.

Aileen não queria dar esperanças a Noah, mas o rapaz a fazia sentir bem. Começava a ser um amigo.

—Em todo caso, se houver alguém em quem desconfiar... olhe dentro de seu círculo — cuspiu Aileen com desdém. —Samael esteve ocultando muitas coisas. Por exemplo que Thor e Jade tinham uma filha e que, além disso, descobriram a existência de sociedades secretas que perseguiam e assassinavam. E enquanto, vocês culpando uns aos outros de suas perdas.

—Samael está encerrado por sua conduta. Esta noite o vamos subentrar a julgamento — reconheceu Gwyn olhando a Ás. —Os dois membros do Conselho do distrito do Walsall o interrogarão. Não esperávamos que ninguém ocultasse esse tipo de informação. Surpreendeu-nos tanto como a vocês. Não sabíamos.

Houve um silêncio sepulcral. Aos vaniros esta revelação afetou realmente.

—Bom... Que precauções vamos tomar então? Como vamos colaborar? —perguntou Ás procurando soluções. —Nos centremos nisso. Acredito que agora não nos beneficia abrir feridas de nenhum tipo.

—Tem razão, Ás — Caleb se negou a olhar de novo a esses dois. —Temos que nos reorganizar — sugeriu tomando o mando. —Por nossa parte, muitos vaniros estão dispersos por partes distintas do mundo e não estamos em contato com eles.

—Passou o mesmo. Depois das migrações, perdemos comunicação com o resto — admitiu Ás pesaroso. —Nem sequer sabíamos que nos Bálcãs tinham membros.

—Sem dúvida foi uma surpresa para todos — comentou Gwyn. —E mais surpreendente foi saber que berserkers e vaniros colaboraram juntos contra os caçadores.

—Terá que localizá-los. Terá que retomar a relação —sugeriu Caleb. —Se eles puderem, nós também. É certo que passaram muitas coisas entre nós, mas está em jogo nossa sobrevivência e também a do resto de humanos. Essas sociedades secretas ocultam seus descobrimentos à humanidade. Ninguém sabe que existimos. Mas nos estão utilizando. Averiguemos o que há por trás de tudo isto. Amanhã mesmo viajaremos a Londres, ao entardecer. Aileen sabe qual é o endereço do edifício que Newscientists tem na capital.

—Está na rua Oxford. Iremos pela manhã — contradisse Aileen. Assim ele não a acompanharia.

—Irá com Caleb — ordenou Ás olhando-a fixamente e desaprovando a atitude de sua neta. —Ao entardecer. Terá que trabalhar em conjunto, pequena. Este é um gesto que demonstra que os berserkers estão dispostos a confiar neles.

—Ás — Noah interveio. Ele tampouco queria Caleb perto de Aileen, — ela não quer que...

—Noah, é suficiente — Ás elevou a voz.

Aileen olhou a seu avô e se sentiu traída. Respirou com agitação, soltou a mão de Noah e se deslocou a sair dali olhando Caleb pela última vez, com raiva e frustração.

—Já que ficou claro que manhã iremos ao Newscientists ao entardecer, agora só fica Bases das Pesquisas — disse Caleb com o olhar sombrio. —Aileen, não vá — ordenou com um grunhido.

Aileen parou em seco quando ouviu a ordem.

—Menina, se aproxime — ordenou também Ás oferecendo a mão.

—Por quê? —exigiu saber com os braços em jarras. —Por que tenho que obedecer?

—Caleb vai receber um castigo diante de todos — respondeu Ás. —Por isso fez. Você deve estar presente. É o correto. Foi você a ofendida.

Aileen franziu o cenho e os lábios, e dirigiu seus olhos à agitação que se formava atrás de Caleb. Três vaniros aproximaram uma mesa baixa de pedra circular e a colocaram no centro da reunião.

Caleb se dirigiu a sua irmã Daanna e, colocando em frente dela, tirou a polo negra pela cabeça e o entregou.

—Caleb — disse Daanna angustiada. —Não tem que fazê-lo.

Aileen aguçou o ouvido e escutou a conversa.

—Tenho que fazê-lo, Daanna, e nem isto vai ser suficiente para curar o dano que fiz.

—Vai perder muito sangue... e lembra que se não conseguir que ela alimente você...

—Não se preocupe, Daanna. Bráthair é forte — sorriu.

Embora não podia enganá-la. Aquilo seria muito doloroso.

Daanna umedeceram os olhos e abaixou o olhar.

Cahal e Menw estavam preparando umas cordas longas e grossas. Lubrificaram-nas com algo parecido a mel e logo as empanaram em uma terrina cheia de fragmentos desiguais de cristais. O que iriam fazer?

Menw ofereceu as cordas devidamente preparadas e Caleb as examinou. Assentiu com um gesto de sua cabeça morena e este as deixou sobre a mesa.

Caleb girou e olhou Aileen.

Ela o olhou de cima abaixo. Tinha o torso nu e os olhos obscurecidos. Tirou a fita de couro negro da cabeça e deixou que as mechas caíssem pela cara e pelas laterais do pescoço.

—O que faz? —perguntou ela tragando saliva.

—Se aproxime aqui, Aileen —disse Caleb.

Aileen ficou imóvel diante a ordem.

—Por favor — rogou ele.

Aileen olhou a seu avô e aos berserkers e, cheia de dúvidas, se plantou diante ele. Caleb deu um passo para ela sem afastar a vista de seus olhos, rodeou sua cintura com um braço e começou a apalpar suas baixas costas.

Aileen sobressaltou e percebeu um montão de mariposas que voavam por seu estômago. Começou a respirar com dificuldade. Caleb parou quando encontrou o que procurava. Agarrou a adaga que usava Aileen no cinturão e a desencapou.

—O que acha que está fazendo? —disse ela alterada e dando um passo para trás.

Caleb deu um passo para frente, puxou a mão insistente, abriu os dedos e colocou o punho da adaga de Thor. A obrigou a fechar a mão em torno dele. Agarrou seu pulso com as duas mãos para aproximar a ponta da adaga que agarrava Aileen à força e dirigi-la a seu coração. Ajoelhou diante o murmúrio insolente dos berserkers e o desconforto dos vaniros.

Aileen tremeu pelo que estava passando entre eles.

—Aileen — disse Caleb com a voz quase quebrada e a cabeça abaixada, —minha vida está em suas mãos. Peço perdão por minha ofensa a você. Se pudesse voltar a trás, retificaria, mas não posso... assim que — olhou o rosto com os olhos cheios de vulnerabilidade e arrependimento. —O mínimo que posso fazer é que você seja quem diga meu veredicto. Vivo ou morro. Você decide.

—Eu não... me solte... —removeu tentando soltar-se. Se havia algo que ela queria fazer, era levantá-lo do chão e sugerir que todos fossem para casa.

—Aileen — Caleb a manteve em seu lugar. —Esta é a adaga que foi de meu melhor amigo. É justo que seja sua filha quem seja a que acabe comigo depois do que fiz passar. Insultei sua lembrança, insultei você... Mereço isso. Tome a revanche. Venha.

—Está pedindo que... que crave a adaga em seu coração? —estava angustiada.

Recolheu sua cabeleira negra em um coque, mas caíam mechas pela cara e o pescoço. Secou a boca e sentia que os joelhos viravam gelatina.

Caleb curvou um pouco os lábios e a olhou com ternura.

Não. Ela não seria capaz de fazer isso: era boa e compassiva.

—Na realidade tem que me arrancar isso ou não morrerei. Se o desejar, pode me cortar a cabeça. Estou oferecendo minhas desculpas. Não mereço seguir aqui — reconheceu abatido. A misericórdia de Aileen o impulsionava a render diante e isso era o que estava fazendo.

Voltou a empurrar a ponta da adaga para seu coração. Aileen sentiu como a folha se espetou ligeiramente em seu peito.

—Não... Para... —gritou ela afligida querendo liberar de suas mãos.

Caleb a olhou com seus preciosos olhos cheios de agonia.

—Não posso fazê-lo —sussurrou ela olhando a sua mesma vez. —Não entende? Não... posso. Não quero matar você.

Não queria fazer mal nem muito menos matá-lo. Naquela posição, Caleb parecia incerto, sensível, frágil... E a Aileen partiu o coração e veio uma vontade irresistível de abraçá-lo e fazer que afundasse seu bonito rosto em seu estômago. De acariciar o cabelo e balançá-lo como a um menino que depois de uma reprimenda por ter se comportado mal, necessitava consolo e calor.

—Não farei — disse com o queixo tremente e reprimindo a vontade de afastar uma de suas preciosas mechas escuras da cara. —Não sou assim.

Suspiros de alívio se ouviram entre o clã dos vaniros. O mais absoluto silêncio no dos berserkers.

—Então — Caleb levantou como se levasse o peso do mundo a suas costas, —veem.

A agarrou pelo pulso, ela tentou se livrar e a fez caminhar até a mesa. Agarrou as cordas transbordadas de cristais e as entregou a ela. Aileen as olhou aterrorizada. Aqueles cristais cravavam.

—Quantos anos tem? —perguntou Caleb olhando-a com firmeza.

—O que pretende? —enfurecida deixou cair as cordas ao chão. Não gostava nada de como Caleb a estava fazendo sentir nesse momento. Ela não ia ser o verdugo de ninguém e menos dele.

—Quantos anos tem? —voltou a perguntar.

—Já sabe.

—Diga em voz alta.

—Por quê? —perguntou temerosa.

—Diga...

—Vinte e dois — respondeu pedindo em silêncio que deixasse o que estava fazendo. —Por favor, detenha, Caleb.

—Bem — ficou de joelhos e deixou cair seu torso sobre a mesa, deixando as costas ao descoberto, oferecendo para algo que parecia horrível. —Quero que me dê vinte e duas chicotadas e que em cada um delas, desafogue pelo que fiz. Uma chicotada por ano de sua vida. É o mínimo.

—Não... —tentou correr para seu avô Ás para cobrir-se. Ela não queria fazer isso a ninguém.

Caleb levantou como alma que leva o diabo e parou Aileen agarrando pelos braços.

—O que te passa? —sacudiu. —É seu momento de vingar, Aileen. Descarrega seu aborrecimento comigo. Eu sou o responsável por seu medo, de você...

—Não vou fazer isso. Nego a torturar ninguém— afirmou. —É um animal, mas não vou açoitá-lo.

—Nega? —elevou as sobrancelhas desafiando-a e olhou à multidão. —Se não fizer você, fará outro.

—Não... Perdoo, certo... —não suportaria ver que alguém bater em Caleb e esse pensamento a turvou bastante— Não é isso o que queria ouvir? Agora deixa isto já e...

—Não, Aileen. Não diz a sério — olhou suas pupilas, seus olhos rasgados e entupidos de pestanas. Estava vendo seu interior e ela não podia afastar o olhar dele. —Não me deixa eleição. É o que mereço. Não quero clemência e tenho que pagar de algum modo pelo que passou.

Soltou, recolheu as cordas e plantou em frente de Noah.

Aileen sentiu que parava o coração.

—Caleb, disse que pare... —empurrou, mas ele a ignorou. Noah o mataria. Não podia deixar que fizesse isso.

—Toma as cordas, Noah — disse Caleb ignorando Aileen. —Vinte e duas chicotadas.

—Não escute, Noah... —gritou ela rogando desesperada que desprezasse sua petição.

Noah olhou Caleb e a Aileen. Ela estava assustada e muito angustiada pelo que fariam a Caleb. O berserker estalou a língua e grudou as cordas olhando Caleb. Este assentiu e se dirigiu à mesa para tombar ali como antes.

—Por favor, detenha... —sentia como as lágrimas não derramadas irritavam as pálpebras.

—É sua decisão, Aileen — explicou Noah encolhendo os ombros e dirigindo à mesa circular. —Nada poderia me impedir de flagelar. Ele merece. Mas... —elevou as sobrancelhas.

Aileen entreabriu os olhos. Noah, de todos os berserkers, era o que mais ódio parecia ter a Caleb. Por que Caleb escolheu a ele? Ele não teria piedade.

—Mas o que? —perguntou ela umedeceu os lábios secos.

—Pararia se dissesse que sente algo por ele. Você é de meu clã. Não poderia desobedecer a seus rogos quando se tratam dessas emoções, de... seu suposto casal... É a filha da princesa Jade.

Estava brincando com ela? Estava desafiando? Aileen se enfureceu com Noah.

—Diga, Aileen. Diga que se preocupa por ele, que sente algo por ele e eu não serei quem o flagele. Vamos, seja o suficiente louca para admitir algo assim. Nem eu nem ninguém poderia ferí-lo se dissesse isso, porque demonstraria que não se importou com o que fez —era um ultimato. Noah sabia que a punha entre a espada e a parede. —Ser violento e rude na cama ainda não é um delito, assim... —encolheu os ombros.

Aileen desprezou a ideia de arrancar o cabelo ao Noah. Além disso, já o raptou. Estava envergonhando. Olhou Caleb, que já se agachou e estava convexo sobre a mesa.

Ela tragou saliva. Admitir que o que se passou com eles foi de mútuo acordo não era... Meneou a cabeça. Não era certo.

Caleb elevou a cabeça para olhá-la. Estava rígida. Sua cara tirante. Seus olhos cheios de nervos, dúvidas e contradições. Diria? Diria que sentia algo por ele? Deus, desejava ouvir essas palavras de seus preciosos lábios, mais que o ar para respirar.

Aileen espetou suas unhas em suas palmas e a dor afastou as palavras que tinha na ponta da língua. Tinha medo de admitir algo tão incoerente depois de todo o ocorrido entre eles. Mas, então, por que se sentia tão culpada? Estocolmo.

Imediatamente, reagiu.

—Não, não foi de mútuo acordo. O que fez Caleb não esteve bem —respondeu com frieza. Afastou a vista de Caleb e deu as costas para ir com seu avô.

Caleb sentiu que flagelavam seu coração. O que esperava? Que ela dissesse: sim, Caleb, depois de tudo o que me fez, acredito que sinto algo por você? Aileen só podia sentir ódio e ressentimento.

Virou a cabeça para Noah e disse:

—Não corte, vira-lata. Venha. Não terá outra oportunidade como esta.

Noah torceu a boca em um gesto não muito conforme.

—Faço por — deixou claro com um brilho de desconforto no olhar. —Alguém tem que vingá-la. Não vai chorar, verdade, presas?

Caleb olhou pela última vez a Aileen que tentava afundar sua cara no peito de seu avô. Mas Ás a obrigou a olhar.

—Isso é um sacrifício para um homem, pequena — disse seu avô tomando pelos ombros e dando a volta para encarar o castigo do vanirio. —Caleb admite seu engano. No mínimo, olha-o.

Ela o olhou, mas quando a primeira chicotada cortou a pele do vanirio , ela afastou os olhos.

Brave se lançou a morder a calça de Noah, grunhindo e defendendo seu novo amigo. Aileen correu a tomá-lo nos braços. O abraçou e o apertou com força, enquanto o cachorro não deixava de ladrar.

Caleb, por sua parte, não deixou de olhá-la em nenhuma das vinte e duas chicotadas. Tinha a carne aberta. Os músculos das costas rasgadas. A mesa, alagada de sangue, jorrava formando um atoleiro comprido e profundo na terra. Sua mandíbula apertada e os olhos vermelhos da ira e da dor. Espetou as presas no lábio inferior e tinha a boca manchada de seu próprio sangue.

Ela ouviu o ruído da corda e o cristal rasgando sua pele bronzeada, cortando suas costas. Seus sentidos deram detalhes que não teria querido perceber jamais. O sangue de Caleb alagava seu pequeno nariz e arrepiava todo o corpo.

Ele não rugiu nem gritado em nenhuma dos vinte e dois golpes.

Quando Noah acabou, nem sequer o berserker pôde reprimir um gesto de horror ao ver o açougue que fez com Caleb. Puxou as cordas ao chão com desgosto, querendo escapar dessa atrocidade.

Aileen tremia e chorava em silêncio. Estava pálida, seus olhos de cor violeta estavam avermelhadas e irritados.

—*Caleb?*—perguntou com receio e insegurança retorcendo as mãos sobre o colo— *Caleb?*

Só escutou um pequeno rugido de animal ferido. Caleb tinha os olhos fechados e as mãos fechadas como punhos. Tremia o queixo e as veias do pescoço estavam inchadas palpitando furiosamente.

—*Fala comigo* — estava dando permissão para falar com ela telepaticamente.

Caleb permanecia rígido sobre a mesa. De repente, ela viu como Caleb movia os lábios e se aproximou dele.

—Daanna... —sussurrou ele com mais esforço de que desejou.

Aileen viu como Daanna, com o rosto desencaixado, punha uma manta úmida à costas. Ele vaiou de dor afundando a cara sobre a mesa.

Os vaniros abandonaram o lugar, assim como a grande maioria de berserkers. Muitos deles, foram-se antes que acabasse a tortura. Não queriam ver aquele espetáculo.

Ás deu uns tapinhas de ânimo a Aileen, estalou a língua e se foi para a mansão. Noah passou a seu lado e tentou evitar seu olhar cheio de raiva e de dor.

—Acredito que já saldou a conta pendente — disse com o cenho franzido. —Ele merecia, mas não desfrutei embora pense o contrário.

Aileen o olhou com fúria. Noah tinha traços de sangue das costas de Caleb tanto na cara como nos antebraços.

—É um selvagem, Noah —espetou com todo o corpo tremendo.

—Sou que sou. Caleb é o que é. E você é ambas as coisas. Assim procedemos — disse friamente. —se acostume, princesa. Não somos humanos.

—Filho de cadela —estava tão irritada que o empurrou.

Noah ficou surpreso diante a reação da jovem. Logo sorriu e acrescentou, pormenorizado:

—Sim, bonita. Sou filho de uma cadela. Como você —não esperou para ver sua reação. Deu as costas e seguiu Adam que fazia momento que o esperava. —vá ver como está, Aileen. Não pode nem pestanejar.

Aileen se negou a chorar. Estava tão farta dessa situação, desse mundo cruel e visceral ao que pertencia... Endireitou as costas e caminhou até a mesa. Daanna levantava seu irmão com a ajuda dos dois loiros. Caleb não tinha forças nem para elevar a cara e olhá-la. Os braços penduravam inertes ao redor dos pescoços do Cahal e Menw, e Daanna ajudava a manter a manta úmida em cima das costas.

Aileen parou em frente. Doía ver o vanirio assim. Inclusive havia sentido as chicotadas em carne própria, como se pegassem também a ela.

—Isto não era necessário — disse controlando sem êxito o tremor de sua voz. —Ouve, Caleb? Isto não era necessário.

—Aileen —a voz da Daanna saiu de atrás das costas musculosa e ferida de Caleb , —não é bom momento...

—Dá igual —respondeu com os olhos cheios de dor por ele.

Aproximou do corpo abatido de Caleb e, com uma mão incerta e trêmula o agarrou do queixo e o obrigou a olhá-la. O sangue jorrava por seu pescoço e caía por seu peito largo e tão bem definido.

Sentiu vontade de lamber o de pés a cabeça. Gana de curá-lo e de aliviá-lo.

Deus... estava convertendo em uma mulher bipolar. A momentos o odiava e a momentos queria ajudá-lo.

—Ouve? —repetiu com a voz rouca pela dor de Caleb . —Eu não queria que fizesse.

Caleb teve as forças suficientes para abrir as pálpebras e olhá-la com os olhos semiabertos.

Ela sentiu que partia o coração. Ele tinha lágrimas nos olhos. Certo que doía uma barbaridade.

—Noah deu uma oportunidade. Se houvesse dito a verdade, ninguém poderia ter encostado num cabelo dele —respondeu Cahal encarando com ela. —Fosse como fosse vinculou a Caleb e...

—Deixa, Cahal — disse Daanna. —Por favor, leve meu irmão e nos deixem sozinhas.

Aileen espetou o olhar nos olhos semi-fechados de Caleb e soltou seu queixo. Levaram Caleb, que arrastava os pés e se mantinha só pelos fortes braços de seus amigos. Ela quis ir com ele.

Daanna jogou a cabeça para trás e massageou a nuca com uma mão.

—Ele vai se curar? —perguntou Aileen tentando fingir indiferença.

—Economize esse tom comigo —respondeu séria. —Meu irmão tem feito isto por você, porque ele acreditava que mereceu e porque queria seu perdão. Perdoou?

—Eu não sei se...

—Me escute bem, Aileen. Os vaniros não são o que você acha. Caleb se equivocou com você e hoje decidiu castigar por isso. Na frente de todos —assinalou. —Você não entende o que isso significa. Ser humilhado por um berserker diante do Conselho e os clãs... Não pode compreender. Mas meu irmão hoje se comportou como um homem justo.

—Não... Não quero entendê-lo. São uns selvagens. Sempre arrumam as coisas assim.

Daanna baixou a voz para falar com doçura.

—Nos julgue quando nos conhecer. Não deixe guiar por esse engano que cometeu. Olhe — limpou uma lágrima que caía por sua bochecha, —quando quiser falar do que seja, quando tiver vontade e esteja preparada para nos conhecer, pode contar comigo, ir — sorriu acariciando o queixo.

Aileen não pôde fazer nada mais que assentir como uma menina pequena e agradecer o gesto de Daanna.

—Sei que foi muito duro para você.

—É —soluçou Aileen. —É estranho.

—Eu te dou minha amizade, Aileen. Aceita? Posso ajudar a encaixar no mundo de seu pai. Em sua nova vida.

—Que vida? —gritou ela frustrada. —Esta vida? —destacou os olhos e as presas.

—Há vida na noite, Aileen —respondeu ela enternecida. —Há beleza e justiça. E você forma parte dela.

—É... estou aterrorizada... —reconheceu sem hesitações. Daanna sorriu e encolheu os ombros. —Suponho que damos um pouco de medo.

—Dão — respondeu a jovem. —Mas seu irmão é o pior de todos.

Tinha medo de Caleb. Nem Menw nem Cahal nem Daanna nem sequer Beatha ou o desgraçado do Samael podiam intimidá-la tanto como Caleb. Ele era o único que a fazia sentir débil e vulnerável, por tudo o que despertou em seu interior. Pelos desejos que tinha quando estava perto dele.

—É normal que se sinta assim. Quer que falemos disso agora? —perguntou Daanna.

—Não. Não me encontro bem.

É obvio que não estava bem. Precisava ver Caleb, com uma irracionalidade e um desespero, que não era lógico, não era normal. E o pior era que ele acabava de ir...

Quando voltou o rosto, sentiu eletricidade nas mãos. Calor nos seios. Ardor no ventre. E estava convencida, porque assim o diziam seus instintos, que algo estava passando com o vanirio .

O aroma de seu sangue a excitava como nada no mundo, sua voz a dominava e a fazia entrar em um transe de desejo incontrolável para ele, para sua pele, para seu corpo. Não se sentia assim com ninguém mais. Nunca se havia sentido assim.

—Amanhã faremos guarda em Birmingham. Os nosferatus e os lobachos atacam frequentemente por essa zona.

—Sei. Disse isso meu avô —secou as lágrimas em um gesto rápido.

—Há muito ambiente de noite ali. Se gostar que falemos... Poderia acompanhar os berserkers com seus guardas. Enquanto não tenha brigado, podemos conversar. Também haverá grupos dos nossos. Poderíamos conversar então com tranquilidade. Há trégua entre os clãs agora, assim não tem por que haver mais conflitos.

Aileen desejava falar com alguém feminino. Aquele mundo de testosterona a estava voltando louca. E sentia falta da Ruth e Gabriel. O que pensariam dela e do que aconteceu? Na melhor a rechaçariam. No melhor já não teria amigos como eles na vida.

Mordeu o lábio para reter os soluços.

—Está bem —disse finalmente. —Amanhã poderíamos falar.

Daanna sorriu abertamente e Aileen pôde apreciar como era formosa.

—Alegra-me ouvir isso. Bom, então nos veremos ali de noite. Agora tenho que me encarregar de meu irmão.

Aileen assentiu e se armou de valor para realizar a seguinte pergunta:

—Ele... vai estar bem?

A vanir a olhou com atenção surpreendida e de uma vez aliviada de que perguntasse algo assim.

—Caleb se recuperará mais rápido do que acha, mas só se você ajudar.

—Me diga como.

Estava disposta a ajudá-lo. Essas feridas eram horríveis e se deixou castigar por ela. Por que tinha que ser tão misericordiosa?

Daanna a repassou de cima abaixo e levantou a comissura dos lábios.

—De verdade quer ajudar? Depois de tudo?

Aileen assentiu com segurança.

—Então tenta escutá-lo. Fala com ele. Perdoa-o.

Capítulo 12

CALEB se encontrava em sua casa. Estendido sobre sua cama ainda podia cheirar no colchão o perfume de Aileen. Ferido e abatido, perdeu tanto sangue que não tinha forças para caminhar, mas o aroma dela o mantinha ainda acordado.

Menw e Cahal estavam muito preocupados com ele. Se Caleb não conseguia recuperar Aileen, ele não poderia sarar nem usar seus poderes. Uma vez que bebeu de sua cáraid já não podia voltar a beber de ninguém mais pelo risco de acabar perdendo a alma. Só dela podia. A cáraid o manteria com vida até a eternidade, igual ele a ela. Seu sangue se converteria no melhor manjar, na origem de seu poder. Sem ela, pouco a pouco, o vanirio pereceria. E bebesse mais de uma vez de outra que não fosse sua cáraid perderia sua alma e se converteria em um nosferatus.

Menw atendeu as feridas. Limpou e colocou uma pomada cicatrizante que pouco faria naqueles cortes profundos e naquela carne queimada e rasgada. Havia extraído as partes de cristais que ficaram cravados em suas costas e ao redor da coluna.

Caleb lembrava o rosto de Aileen quando viu Brave. O que ela não sabia é que ele encarregou Menw que levasse o cão com eles no mesmo dia que a tiraram de Barcelona. Então não entendeu muito bem por que teria esse detalhe com ela, tendo em conta que a odiava. Mas tal como foram às coisas logo não podia mais que agradecer aquele instinto, aquela intuição. Aquele gesto poderia fazer que ganhasse pontos com respeito dela.

Sorriu por aquela surpresa. Ele a fez sorrir, e queria voltar a fazer. Estava tão arrebatadora com aquele sorriso branco que chegava aos olhos. E seus dentes? Suas presas eram pequenas, femininas e sexy. Estando como estava, mantendo com as forças que tinha na antecâmara, sentiu como despertava sua virilidade. Nem meio inconsciente podia apagar o fogo que avivava Aileen em seu interior.

Seria seu fim. Aileen não poderia perdoá-lo. Ela não se entregaria a ele. Mas tentou protegê-lo das chicotadas e além disso ouviu como insultava o prepotente do Noah por tê-lo açoitado.

E logo ainda não sabia se o contato de sua mão no rosto e os olhos tristes e cheios de dor de sua cáraid eram resultado de seu abatimento ou realmente passou.

A necessitava. Precisava tocá-la e senti-la. E tudo, tudo o que acontecia agora, merecia. Lei de causa e efeito.

Grunhiu e afundou o rosto na colcha.

De nada servia lamentar. Suas forças iriam minguando, voltaria sua mortalidade e com um corpo humano essas feridas produziriam febres, infecções e inclusive a morte. E se não fossem essas feridas qualquer enfrentamento com um lobacho, um nosferatus ou um humano com uma arma poderia matá-lo. E se não, finalmente, mataria a sede que sentia por ela. Agora era vulnerável. Sem a alimentação de sua cáraid, seu corpo perdia todo o poder. Uma debilidade que foi capricho dos deuses. Amaldiçoava com toda sua fúria.

Mas não se renderia. Aquela bela mulher de olhos lilás e cabelo azeviche estava muito equivocada se acreditava que ele a deixaria em paz. Lutaria por ela até que seu machucado corpo aguentasse.

A dor advertia de que não aguentaria muito, mas enquanto isso tinha que ir ao aeroporto em umas horas buscar um presente para Aileen.

Estava em seu novo quarto. Na mansão de seu avô Ás. Teria que admitir que seu avô tinha um gosto delicioso para a decoração. Em menos de doze horas, realizando algumas chamadas e deslocando a toda uma equipe de decoradores até sua mansão, preparou toda uma asa só para o uso de Aileen. Uma zona só de seu uso exclusivo, com todas as comodidades que uma mulher de sua idade podia necessitar. O quarto foi pintado em tons ameixa e a transformou numa suíte de luxo, muito informal e jovem. Computador, televisão tela plana, aparelho de música... O banheiro haviam redecorado colocando uma banheira de hidromassagem de quase três metros de diâmetro. E ao lado, em um quarto contiguo, montou um armário em tons violeta pálidos que não tinha nada que invejar ao de Mariah Carey.

Sim senhor. Seu avô tinha classe e um montão de gente disposta a trabalhar para ele. Mas nada disso a fez esquecer o vivido.

Sentada sobre a cama, apoiada sobre as grandes almofadas de plumas, pensava sobre o dito por Daanna.

"...". Escuta. Fala com ele. Perdoa." Olhou pela janela. Eram cinco da tarde e logo obscureceria. Estava decidida a escutar. Decidida a entender, se podia, o comportamento de Caleb. Não adormeceu toda a noite. Sentia-se pesada e aturdida pelo que viu. O corpo de Caleb machucado. Aberto. Sangrando.

Pegou os joelhos e afundou a cara contra eles. Tinha um nó no estômago e vontade de chorar e gritar que não acabava de compreender.

Doía. O sofrimento desse homem doía como se fosse dele e a vontade de acalmá-lo corroíam até o ponto de voltá-la louca. Sentia como se alguém estivesse espremendo o coração como um pano de chão.

Essa noite, caída nos lençóis, havia sentido como o frio e a solidão vinham por ela. Sufocada, caminhou pelo quarto esfregando os braços e pensando nele. Em seus olhos, em sua boca, em seu cabelo, em seu corpo. Todo ele exalava perigo por todos seus poros, mas após o castigo o viu dobrado e preocupado com seu bem-estar. Depois do que fez agora resulta que ela se sentia mal por sua dor. Caleb podia assustar, mas ela já não sentia medo. Nem dele nem dela mesma. Por quê? O que estava passando com esse homem? Algo mudou em seu interior e esse algo modificava as emoções e os sentimentos que Caleb despertava nela.

Pode ser que a pusesse nervosa, ou que tentasse possuí-la de um modo que ela não estava de acordo. Pode ser que ele estivesse realmente muito arrependido pelo acontecido e se era assim, ela era capaz de perdoar. Estava em sua natureza.

Sua mãe perdoou Thor quando grudou violentamente pela primeira vez... Deixou cair à cabeça sobre o respaldo da cama e olhou ao teto soprando. Oxalá tivesse Ruth à mão para poder

falar com ela. Parecia uma confusão. Sentia-se furiosa com ele, mas do mesmo modo desejava vê-lo e consolá-lo em sua dor.

Mas o que passou entre Caleb e ela era distinto do de seus pais. Distinto nas formas, no fundo, em tudo, e entretanto estava louca de verdade porque queria perdoar e dar uma segunda oportunidade.

Aileen precisava poder aguentar sua outra natureza. Por que Caleb a chamava desse modo? Por que despertava seus instintos e a fazia sentir como se fosse uma flor abrindo na primavera? A natureza berserker ela estava compreendendo, mas a vanir já era outra coisa. E não a compreendia porque não a conhecia. Só a temeu e se afastou desse lado escuro em caso de que fora realmente um lado escuro e não um lado só cinza.

Ali parada, olhando pela janela como o sol pouco a pouco se pondo, desejava conceber essa realidade nova, bloquear seus medos e agarrar os sentimentos que começava a despertar esse vanirio prepotente e recortá-los. E se não era o síndrome de Estocolmo o que ela tinha? E se desejava realmente a esse homem?

Porque se sentia igual. Com a necessidade de atá-los pés para não voltar a correr e ir para ele. Para seu captor. Para seu torturante. Para seu ladrão.

Tinha que falar com Daanna. Tinha que comprovar que Caleb estava bem. E tinha uma fome de hiena em jejum. Esperaria que chegassem Noah e Adam a procurá-la e a levar a Londres para ir à sede do Newscientists. Mas antes tomaria o ar e daria uma volta pelos arredores para acalmar e encontrar a si mesma. Iria ao Totem.

Capítulo 13

O Totem estava mais silencioso que nunca. Não corria vento algum e tudo o que a rodeava sumia na calma e a imobilidade da espera. Arvores, plantas e animais cercavam como esperando ver algo novo. Ela os sentia, podia-os ouvir. Um cervo por ali, um javali por lá... Uma lebre escapando de um lobo e se ocultando em uma toca.

Aileen sabia o que estava fazendo ali. Não só desejava encontrar a paz. Não, não era isso. Sentada e apoiada naquele monumento ao deus lobo, enquanto arrancava as pétalas de uma flor silvestre, meditava sobre a verdadeira razão pela que ela estava ali.

Esperava que Caleb a observasse como fez no dia anterior. Esperava que ele estivesse vigiando-a.

Decepcionada, e sem querer se aprofundar no porquê de sua decepção, depois de tanto esperar levantou, polvilhou as calças ajustadas e se resolveu retornar a casa.

—Aileen.

Quando ela escutou aquela voz melódica e profunda, o coração agitou como uma maracá[26]. Exalou tentando controlar o ar abrupto de seus pulmões e olhou à frente.

Coberto com um capuz procedente de sua jaqueta de pele negra, vestindo calças jeans negros e calçando umas botas negras Caleb a olhava de cima abaixo. Com as mãos metidas nos bolsos, de pé, inabalado e inquebrável, ocupando todo o espaço e roubando todo o ar do lugar.

Aileen estava muito bonita. Usava umas botas de montanha altas e desabotoadas que chegavam por debaixo dos joelhos, jeans curtos que amoldavam perfeitamente o traseiro e uma camiseta branca e ajustada de manga curta. Um lenço negro de seda rodeava o pescoço e os extremos caíam até cobrir a altura dos seios. Tinha o cabelo sujeito a uma fita de couro marrom muito fina que impedia que as mechas se volteassem até sua cara. Suas bochechas adquiriram um tom rosado e pintou os lábios de cor carne que ao ser morena dava mais calor e naturalidade da que já tinha a seu rosto. Delineou os olhos com o Kohl negro.

Seu olhar violácea espetou no esverdeado dele. Permaneceram olhando, avaliando uns instantes que pareceram íntimos e eternos.

—Chegou mais cedo — disse ela com um fio de voz. —Outra vez.

Resolveram que se reuniriam às cinco. Ficava uma hora e Caleb já estava no Wolverhampton. Com ela. A sós.

Aileen tragou saliva e passou uma mão pelo pescoço para jogar a juba em um gesto feminino para trás.

Caleb sentiu como a virilha esticava.

—O sol ainda está no alto —disse ela controlando sem êxito o tremor de sua voz. —Como pode sair?

—Estou muito coberto. Os vidros de nossos carros estão defumados, uso protetor 50 e além disso está muito nublado —respondeu sem afastar os olhos de sua boca.

Falavam com quatro metros de distância. Ela não estava certa de aproximar e ele não estava certo do que faria se aproximava dela.

—O protetor era uma brincadeira— disse ele com um gesto de diversão. —Estamos numa zona que se chama Black Country —explicou ele dando um passo para ela e parando imediatamente.

—O País Negro.

—Esteve estudando? —perguntou divertido.

—Internet. Só olhei um pouco.

—Sabe por que se chama assim? —perguntou dando outro passo até ela. Controlava cada movimento, evitava ser brusco e ansioso. Ao menos Aileen não retrocedia.

—Não, não sei —murmurou com a voz afogada.

---

[26] *Maracá também chamado de bapo, maracaxá e xuatêé, é um chocalho indígena, utilizado em festas, cerimônias religiosas e guerreiras, que consiste em uma cabaça seca, desprovida de miolo, na qual se metem pedras ou caroços. O maracá também pode ser feito de coquinho.*

Caleb percebeu seus nervos, escutou os batimentos de seu coração que corriam acelerados. Acelerados por ele, pensou agradado. Inalou e encheu os pulmões de seu aroma feminino.

—Black Country formam quatro comunidades —respondeu com calor no olhar. —Segdley, Dudley, Walsall e Wolverhampton, localizada no centro da Inglaterra, a Noroeste de Birmingham. Aqui nasceu a primeira revolução industrial. Todas as fábricas que há nesta zona trabalham o aço e a fundição do ferro, e também há grandes minas.

—É como Wikipédia.

Caleb franziu o cenho e jogou uma pequena e rouca gargalhada.

—Mais ou menos. As chaminés das fábricas expulsam fumaças constantemente e criaram sobre o céu que abrange estas quatro comunidades uma espessa capa de cinza negra que faz que pelo dia, o céu se tinge de cores cinzentas e escuras e que de noite e ao entardecer o céu se veja vermelho. A capa que criaram as chaminés não deixa que o sol filtre como deveria —deu dois passos mais e se plantou frente a jovem que o olhava com os olhos muito abertos, assombrada pelo que escutava. —Acostumamos a caminhar abaixo dele.

—Por isso vivem aqui —era uma afirmação.

—Nosso clã sempre permaneceu nestas terras, nesta zona. Antes que se erigissem as indústrias e as fábricas, o chão de terra escura e os gases que exsudavam o interior das minas já cobriam estes céus de uma perceptível cor ofuscada. A nossa cútis vai muito bem —brincou sem sorrir.

Caleb assentiu com a cabeça quando viu que Aileen não estava para brincadeiras. Tinha que deixar de comportar como um adolescente incerto.

—E... o que faz aqui? —perguntou ela esfregando os braços, incômoda.

—Queria ver como estava.

—Como sabia que estaria aqui?

—Como poderia não saber onde está?

Aileen o olhou nos olhos uns instantes, procurando em seu olhar a sinceridade de suas palavras. Parecia que dizia a verdade e alegrou.

—Como está você? —perguntou ela com acanhamento. —As costas tem que doer, mas certo que cicatriza rápido.

—Tenho as costas em carne viva —respondeu ele contrito. —Mas, é verdade. Cicatrizo rápido —mentiu ele estudando.

Aileen abaixou o olhar e franziu os lábios.

—Não devia ter feito.

—Não estou arrependido —respondeu Caleb buscando os olhos. —Cada espetada me lembra de como fui injusto com você, Aileen. Mereço isso.

Aileen virou e lhe deu as costas. Temia olhar a seus olhos esmeralda e ficar hipnotizada por eles.

—O que faz você aqui, Aileen? —aproximou-se até quase roçar as costas.

Sua voz sedutora punha os nervos em tensão.

Aileen sentia o calor que irradiava seu corpo tão perto dela. Esclareceu a garganta e respondeu:

—Precisava sair e tomar o ar.

Pelo amor de Deus, onde foi parar todo o oxigênio do bosque?

—Por quê? Acaso se sentia mal? —ronronou. —Sentia mal por mim?

—Não — apressou a responder dando a volta para encará-lo. —Não, claro que não.

—Eu acredito que desejava me encontrar aqui, como ontem, porque necessitava me ver.

—É um pedante —grunhiu ela envergonhada por ter sido descoberta. Mas antes morta que reconhecê-lo. —Um caipira.

—Posso ler sua mente quando queira —agarrou uma mecha de ébano em suas mãos e inclinou a cheirá-lo. —Mas não tenho sua permissão para fazê-lo, assim não saberei se sim ou não.

—Ontem pedi que falasse comigo de mente a mente e não fez.

—Ontem, naquele momento, não sabia nem como me chamava. Além disso, quero que me peça isso em voz alta, não mentalmente.

—Diz que não sabe mentir ou não e que por isso quer entrar em minha cabeça —murmurou molesta. —Segundo você, certo que minto para variar —jogou a luva. —Nunca acreditou em mim.

—Então, está mentindo? Preocupa-se por mim?

Aileen soprou irritada.

—Por que pode ler meus pensamentos? —notava como a carícia do cabelo se propagava por todo seu corpo e arrepiava.

—Conheço todos seus segredos. Posso falar com você e pegar em sua memória. É um dos dons com os que os deuses dotaram nossa raça. Os vaniros podem inculcar imagens e podemos hipnotizar com nossa voz, controlar mentalmente a alguém. Entretanto, só podemos manter conversas telepáticas com nossos casais vinculados e com aqueles dos que bebemos, é assim como podemos saber todo o acontecido na vida do doador.

—Eu fui uma doadora para você? —perguntou com o olhar frio e acusador. —Um banco de sangue?

—Não.

—Porque eu não recordo ter assinado nada para que me deixasse seca —espetou apertando os punhos.

—Tem razão —a olhou com ternura explícita. —Mas precisava fazê-lo.

Aileen exalou todo o ar de seus pulmões e relaxou os ombros, resignada.

—Então já sabe tudo de mim —disse ela receosa.

—Sim. Bebi de você.

—Eu não gosto. Eu não conheço você.

—Já vai sendo hora, não parece?

—Esse também é meu “dom” agora? —mudou de assunto. Não ia responder o que parecia. —Posso fazer tudo isso como vanir? — Caleb sentiu seu desconforto.

—Tem sangue vanirio. Sim, pode fazê-lo. Quer saber quem sou? Qual foi minha vida, Aileen? Entrar em minha mente? —perguntou iludido por uma resposta afirmativa.

Sim. Queria saber quem era esse homem que levou sua inocência, e parte de sua prudência. Quem era o homem que temia e desejava partes iguais?

—Não me interessa conhecer você —mentiu. —Mas posso contatar com você quando queira? —perguntou com reservas.

—Pode, se desejar. Só tem que pôr a intenção. Visualizar em sua mente minha imagem e me chamar. Como uma chamada telefônica mas sem celular no meio.

—E poderia fazê-lo porque eu fui seu doador, e isso nos mantém ligados —concretizou.

Aileen deslizou o olhar até seus lábios delineados e carnudos e logo até a covinha de seu queixo.

—Ou porque estamos vinculados como casal.

—O que diz? —disse ela horrorizada.

—Já não tem medo de mim? —perguntou ele esfregando a mecha de cabelo entre seus dedos. Ignorava seu tom ressentido. Ela cederia cedo ou tarde.

—Tenho medo Caleb e acredito que isso não vai desaparecer nunca.

—Deixará de me temer, já o verá.

—Não posso esquecer o que me fez —murmurou fixando em suas brancas presas. —Não posso esquecer.

Não. Não podia esquecer nem a dor nem o prazer que experimentou em suas mãos.

—Não posso obrigá-la a fazê-lo —reconheceu com pesar. —Embora poderia.

Aileen tremeu e se separou dele fazendo que soltasse seu cabelo.

—Poderia Aileen. Poderia inculcar tua imagem e a minha pulando na cama como animais, sem medos, sem inibições. E você deixaria de me temer.

A imagem erótica deles dois fazendo amor como selvagens a assustou tanto que teve que agitar a cabeça para fazê-la desaparecer.

—Seria capaz? —disse entre dentes, furiosa e temerosa de uma vez.

—Poderia. Mas não farei —confessou com pesar. —Essa é uma mancha que vou levar toda a vida. Envergonho-me disso, Aileen, mas tenho que viver com a culpa. Só peço que me conheça para que veja que nunca mais lhe farei mal. Jamais.

—E por que teria que confiar em você?

—Porque vamos nos ver mais do que espera —voltou a aproximar-se. —E se for te proteger, necessito que confie em mim.

—Não é meu protetor, Caleb. Já tenho Ás, Noah e Adam que cuidam de mim.

—Não... —aferrou-a pelos ombros e se abateu sobre ela, provocando que Aileen tivesse que inclinar a cabeça para trás para olhá-lo. —Não entende...

—O que tenho que entender? —desafiou. Não. Já não tinha medo.

—Você... está em minhas responsabilidades —suplicou com o olhar que não o contradissera.

—Não seja ridículo —respondeu fazendo um gesto de incredulidade com os lábios. —E... e me solte, Caleb — empurrou o peito.

—Está me custando te dar espaço Aileen e não sei quanto mais vou suportar esta separação —concedeu com sinceridade. —Você... me deseja —não era uma pergunta.

Aileen ficou boquiaberta diante o atrevimento desse presunçoso. Elevou uma sobrancelha incrédula pelo que acabava de ouvir.

—Claro, monstro. Morro por você, cavernícola vaidoso —respondeu burlando-se dele e tentando mover o muro de seu peito.

Caleb apertou a mandíbula e se obrigou a relaxar. Deixou de tocá-la e afastou dando um passo para trás.

Ao momento, ela desejou de novo sua cercania e se sentiu estúpida e doente por isso. A que estava jogando? Afastou uma mecha da cara.

—Olhe. Preciso saber coisas sobre minha natureza vanir —explicou querendo serenar os ânimos. —O perdoei Caleb, assim não há necessidade de manter a tocha de guerra. Quis compreender que tudo formou parte de um grande equívoco. Mesmo assim, eu não gosto de seus métodos nem as ânsias de vingança que têm. Não vou esquecer — advertiu.

Não, claro, ele não queria nem a tocha de guerra nem que esquecesse o acontecido entre eles. Ele queria fumar "o cachimbo do amor".

—Eu não quero estar em guerra com você, princesa.

—Então: Você vai ajudar a entender essa parte de mim ou tenho que ir a outro para que me explique o que sou e de onde venho? Sua irmã me ofereceu sua ajuda e esta noite...

—Ajudarei no que seja necessário —sorriu com presunção. —Não tem por que ir a minha irmãzinha. O que quer saber? —estava irritado.

—Muitas coisas... Se não são vampiros —disse tentando desviar a tensão do momento, —o que são? Já sei que vêm dos deuses, mas me explica isso melhor?

—Seu avô falou das duas raças de deuses que experimentaram conosco verdade? —Aileen assentiu. —Os vanir, que eram os deuses que apoiaram aos aesir[27] no plano evolutivo de Odín com a humanidade, viram que os berserkers adquiriam cada vez mais e mais poder. Quando se misturaram com os humanos, a energia do Midgard podia chegar a desequilibrar com o que se necessitava a outros guerreiros que ajudassem a manter a energia da terra e a segurança da humanidade, mas sobre tudo uns guerreiros cujo trabalho também era a de controlar aos berserkers de que não abusassem de seu poder. Os berserkers são muito tribais e eram incapazes de acabar com a vida dos híbridos que se converteram ao poder de Loki. E foram muitos. —Os lobachos.

---

[27] *Æsir, segundo a mitologia nórdica, é um clã de deuses que residem em Ásgarðr, ou seja, a Terra dos Æsir (As = Aesir. Gard = Terra). Suas contrapartes e uma vez inimigos, com os quais guerrearam, são os Vanir. Os Vanir são deidades mais da natureza e fertilidade. Enquanto os Æsir são mais guerreiros que seus rivais. Quando as duas raças guerrearam, Æsir e Vanir, fizeram as pazes, as deidades Vanir entregaram Njörðr, Freyr e Freyja para os Æsir. Os Æsir formam o panteão principal dos deuses na mitologia nórdica. Incluem muitas das figuras principais, tais como Odin, Frigga,Thor, Balder e Týr. Existem outros clãs de deuses nórdicos, sendo segundo principal o clã dos Vanir, também mencionado na mitologia nórdica. Além destes clãs também há o clã das Nornas, o clã dos Jotnar e o clã dos "Dragões".*

—Sim. Seguiam vendo-os como parte de seu clã. Não se atreviam a matá-los, com o qual as guerras não cessavam e os berserkers que não queriam caíam em número diante dos lobachos que não tinham compaixão nem escrúpulos na hora de eliminá-los. Os vanir decidiram que era o momento de participar desse plano evolutivo e de segurança à humanidade. Se os aesir tinham representação no Midgard, eles também queriam tê-la. Além disso, era um modo de igualar as forças com os aesir, um modo de cobrir as costas também contra eles. Já tiveram antigos enfrentamentos e, embora então já assinaram a paz, não era muito recomendável que um dos dois grupos de deuses que controlavam o Asgard, tivesse um exército tão forte a suas ordens, e o outro nenhum. Além disso, Loki estava apertando muitíssimo com suas mutretas e pensaram que não viria mal a ajuda de outras mãos.

—E então criaram vocês.

—Bom, não exatamente. Somos muito mais jovens que os berserkers. Nós aparecemos fará uns dois mil anos atrás. Uma época em que a escuridão criada por Loki ganhava terreno na Terra e onde os berserkers não podiam controlar todo o dano que faziam os humanos entre eles. Os vanir são uns deuses que não têm nada de bélicos. Não sabem nada da guerra. São deuses que representam a riqueza, são os criadores das artes mágicas, exaltam o amor, o prazer e a sexualidade, e promovem a fecundidade e a paz. Mas quiseram tomar cartas no assunto para ajudar a equilibrar a balança. Assim estudaram os clãs de humanos guerreiros que povoavam a terra e os mudaram geneticamente. Tomaram a espartanos, vikings e celtas, seres humanos que sabiam da arte da luta e a espada e ofereceram uma série de dons. Njord, Frey e Freyja, os principais deuses vanir, foram os artífices de nossa transformação.

—Como se transformaram? —perguntou aproximando dele e desejosa de tocá-lo e inspecionar ela mesma essas mudanças.

Caleb se sentiu vulnerável quando ela se aproximou daquele modo. Seu pastel de queijo e framboesas estava já muito perto.

—Freyja foi a que nos dotou de todo o poder. Entregou-nos a beleza física.

—Antes foi um despropósito? —perguntou- arqueando as sobrancelhas.

Caleb começou a rir.

—Fez-nos atraentes nos olhos de outros e sexualmente muito ativos, cheios de uma vitalidade erótica que não tem nenhum outro ser na terra —esse último disse num tom tão rouco que Aileen estremeceu. —Deu-nos poderes curativos, com o que nossos corpos cicatrizavam e regeneravam com rapidez, e nos outorgou poderes mágicos como a telepatia, a capacidade de voar e a telecinese. Mas nem tudo é ouro o que reluz. Freyja estava farta de chorar lágrimas de sangue, de ouro vermelho, quando Od, seu marido, abandonava por tão longas temporadas. Assim sentindo despeitada nos fez fracos diante aquelas que seriam nossos casais eternos, nossas verdadeiras mulheres. Tirou-nos a capacidade de saciar nosso apetite e lançou a uma vida imortal de fome eterna, até que encontrássemos ao nosso verdadeiro casal, nossa cáraid. Seu sangue se converteria para nós em algo parecido à ambrósia.

—Assim Freyja disse algo assim como: “engulam minhas lágrimas”.

—Mais ou menos. Então, só então, nós dependeríamos de nosso casal, entregaríamos a ela, porque sem seu sangue morreríamos e os mais fracos acabariam transformando em nosferatus.

—Como?

—Loki tem um radar para a vulnerabilidade da alma vanir. Encontra aos que foram rechaçados por seus cáraids e os faz escolher entre a morte que chega inevitável sem os recursos do sangue do casal ou entre a vida eterna, bebendo e saciando com os pescoços dos humanos. Loki oferece deixar de passar fome e saciar com a morte de um ser humano. Em troca desse pacto rouba suas almas. Muitos vaniros o aceitam —encolheu os ombros resignado.

—Está dizendo que todos os vampiros são homens despeitados por seus casais?

—Quase todos. Ou homens cansados da busca. Como vê, somos vulneráveis diante de vocês. Quanto mais tempo passamos sem encontrar nossa mulher, mais perto está Loki de nós. E se a encontramos e ela nos rechaça, então se as pessoas não tem honra, cede diante o que Loki oferece. Somos fracos porque embora nossa alma seja imortal, segue sendo humano. Por isso, a cáraid de um vanirio é sagrada. Com ela recuperamos o sabor, fechamos as portas definitivamente a Loki, saciamos a fome e mantemos nossa imortalidade e nossos poderes. Se não obtermos o favor de nossa cáraid e se ela nos privar de seu sangue uma vez que já a provamos, se por alguma razão se nega a nossa natureza, nós escolhemos entre morrer ou perder nossa alma às mãos desse toca ovos de diabo. Entende? O mais importante para nós é achar a nossa mulher e logo mantê-la ao nosso lado.

—Lembra ao lema dos Cynster —sussurrou ela. Adorava Stephanie Laurens.

—Quem?

—Ninguém. E se sentirem que é ela, mas não prova seu sangue? O que aconteceria? —perguntou intrigada.

—Então mantém a esperança e dispõe a sofrer a tortura dos condenados até que beba dela.

Aileen mordeu o interior do lábio para evitar perguntar o que a corroia. Caleb tinha cáraid? De repente uma pontada inesperada de ciúmes agarrou o coração. Não tinha intenção de analisar essa reação.

—É evidente que os criou uma mulher —murmurou ela inclinando a cabeça e repassando com o olhar. — Acredito que vou abrir um clube de fãs no Facebook. Clube de fãs da Freyja —assentiu com um sorriso.

Os vaniros eram o sonho úmido de qualquer fêmea. Belos, fortes e poderosos, mas de uma vez débeis e submissos diante de suas mulheres. Caramba com essa tal Freyja. Era toda uma artista.

—E as mulheres? Têm que esperar que cheguem os homens e as reclamem?

—Para elas também é o malefício —disse entre aspas. —Estar tanto tempo sem que ninguém as ame também é doloroso, não acha? —elevou as sobrancelhas.

—Não sei —respondeu ela friamente.

—Freyja acredita no verdadeiro amor e espera a que os casais eternos se reencontrem. Que se reconheçam ou não depende de nós.

—Mas entretanto vocês utilizam as presas para algo mais que beber o sangue de sua cáraid —observou ela olhando de novo sua masculina e sensual boca.

—Nós não bebemos dos humanos para sobreviver —explicou ele admirando os olhos brilhantes de Aileen. —Se alguma vez bebemos, foi para averiguar sucessos que eram importantes para nossos objetivos e necessitávamos da informação que escreveu no sangue do sujeito. Em nossas papilas gustativas há uma espécie de leitor de informação e às vezes devemos utilizá-lo. Poucas quantidades sabe? O sangue humano nos prova, mas não é importante. Vivemos igual.

—Pouca quantidade? Matam aos humanos assim —sussurrou ela entre dentes. —Samael matou Mikhail. Sangrou-o.

—Samael está retido por isso. Os vanir nos deixaram as regras bem claras. Não podemos abusar de nossa força com os humanos, mas ele enlouqueceu. Perdeu o controle.

—Você quase me mata —lembrou tremente as presas de Caleb cravando em sua garganta.

—Você me voltou louco, pequena. Seu sangue é... —não sabia como explicar como era importante sua hemoglobina para ele. —É deliciosa, Aileen. Deixei levar por seu sabor, e pelo que estávamos compartilhando.

—Não compartilhamos nada —disse cortante. —Você pegou o que quis sem me consultar.

—Não acontecerá mais —concluiu ele ocultando um sorriso de lobo em seus lábios.

—Isso espero —tentou relaxar, mas com Caleb era uma tarefa impossível. Tinha a sensação de que antes ou depois a ia comer. —De Samael eu não gosto —confessou ela lembrando como a tratou e as coisas que disse. —por que acha que não avisou do paradeiro de Thor e que não alertou sobre os caçadores?

—Não sei. Esta tarde todos os vaniros receberão um comunicado dos dois representantes do Conselho do Walsall. Dubv e Fynbar nos dirão qual foi o veredicto depois da reunião com ele.

—Quem são os do conselho?

—São vaniros que atuam como representantes e juízes de cada condado. Há seis. Beatha e Gwyn representam Dudley. Dubv e Fynbar são de Walsall. Inis e Ione representam Segdley Entenderá que em Wolverhampton não haja representação vanir —enrugou o nariz com um gesto infantil. —O Conselho trata de chegar a concílios quando surge algum problema entre os clãs. Discutem e logo decidem sobre as soluções com o resto dos vaniros. Não querem dizer que sejam superiores, nem mais fortes nem mais poderosos. É só que estão dotados de um grande discernimento e muita objetividade, e isso faz que nós creiamos que tomarão as melhores decisões e as mais justas para todos nós. O ideal é que sejam casais os que ocupem esse lugar. É nos casais onde reside o equilíbrio.

Aileen franziu o cenho, pensativa. Entendeu muito bem tudo o que explicou.

—Gwyn e Beatha são...?

—Casal.

—E Inis e Ione...?

—Também são.

—Por que os de Walsall não?

—Porque ainda não há ninguém emparelhado ali —respondeu com ternura.

—Entendo... —Aileen abraçou a si mesma e estremeceu. —Samael é meu tio, mas não o quero conhecer. Lembra um animal selvagem contagiado de raiva.

Caleb fez uma careta, mas não pôde reprovar nenhum desses pensamentos. Também parecia um animal desenquadrado.

—Se dava bem com meu pai?

—Sim. Samael era o mais velho e sempre o protegia. Entretanto, também tinham suas diferenças. Samael era muito agressivo e não duvidava em abusar de seus poderes para obter seus fins. Thor, entretanto, até sendo o menor, era quem o fazia entrar em razão. Com o desaparecimento de seu pai, Samael começou a fechar mais em si mesmo e se afastou mais de nós. Antes, Menw, Cahal, Daanna e eu patrulhávamos com eles dois. Os seis éramos inseparáveis sabe? —sorriu melancólico. —Quando Thor faltou, então Samael deixou de vir. Ainda não acredito que ele soubesse onde estavam, e que não nos mencionasse nada —apertou o punho até que os nódulos ficaram brancos.

Aileen advertiu a tensão de Caleb. Deveram estar muito unidos ele e seu pai. Sua mãe não escreve no diário respeito a sua grande amizade.

—Enfim —a olhou com olhar ainda de melancolia em seus incríveis olhos. —Não tem por que preocupar. Temos que esperar esse comunicado. Logo informarei do que se decidiu. Até então não terá que cruzar com ele, ele está preso.

—Está bem —assentiu dócil. —Segue me explicando coisas, Caleb —pediu em um rogo doce e amigável.

Aileen começava a sentir bem com ele. Podia ser isso?

Caleb sorriu. Como não ia obedecer a sua formosa e bela cáraid?

—Nossa fome é eterna, anjo —colocou um dedo indicador em seu sobrecenho e pouco a pouco o deslizou pela ponte de seu nariz até chegar à ponta. Aileen estava imóvel. —Comemos mantimentos que nos saciam enquanto os ingerimos, mas imediatamente depois chega o vazio. Isso é o que acontece com você, preciosa? —perguntou docemente ainda roçando seu nariz. —Tem fome verdade?

Caleb estava sendo muito tenro com ela e Aileen não sabia como atuar diante dessa ternura.

—Sim, tenho fome —reconheceu indignada.

Caleb se alegrou por não ter feito nenhuma troca com ela, a não ser nesse momento Aileen se voltaria louca com a presença dele. Cheiraria seu sangue e precisaria fincar lhe os dentes. Mas, assustada como ainda estava e, depois do vivido, a jovem se debilitaria sobremaneira por lutar contra ele, contra a ânsia de beber de seu par. Como podia dizer que ele era seu par eterno? Ela tinha fome dele. Via nas pupilas dilatadas e no modo em que se passava inconscientemente a língua entre os dentes. E ele sentia orgulhoso de que um exemplar de mulher como era Aileen o desejasse desse modo. Agora só fazia falta que ela cedesse diante esse desejo, que familiarizasse com esse desejo e com as sensações que sua proximidade provocava nela.

—Como e não me sacio —continuou ela preocupada sem afastar a vista de seus olhos. —Nada é suficiente.

—Quando encontrar seu cáraid, verá que seu aroma e sua presença alterarão. Precisará tocá-lo, precisará beijá-lo, lambê-lo, abraçá-lo. Ele saciará — disse ele com voz erótica. —Eu sou seu cáraid.

Aileen não recebeu a mensagem mental mas se ruborizou igual, pois seu olhar dizia tudo e, envergonhada, voltou a colocar a mão no pescoço. Ela precisava provar esse surripio com cabelo negro e olhos verdes que tinha em frente com o mesmo desespero que descrevia Caleb.

—Segue com a história dos deuses — separou dele sutilmente.

—Frey —continuou Caleb retomando o fio com facilidade, —por sua parte, quando viu que sua irmã Freyja nos outorgou uns dons tão poderosos, temeroso ele de que os vaniros chegassem a superar o poder dos deuses, outorgou-nos outra debilidade —caminhou a seu redor, como um felino a ponto de saltar sobre sua presa. —Os deuses são muito ciumentos e precisam estar sempre por cima. Ele era o deus do sol nascente, assim que nos fez fracos diante o amanhecer. Por isso não podemos caminhar sob a luz do sol. E Njord nos entregou a imortalidade e nos outorgou a capacidade de nos comunicar com a terra, com a natureza. Entregou-nos dons comunicativos com os animais.

—Céus —suspirou Aileen colocando o cabelo para trás, —é material para um livro.

Caleb sorriu e o gesto chegou aos olhos, enternecendo o olhar de Aileen.

—Todos esses dons, unidos à capacidade guerreira desses clãs, criaram o que vê diante seus olhos. Eu sou um deles.

—É um velho. Tem dois mil anos de idade —elevou as sobrancelhas impressionada. —Acredito que se Cher tivesse linha direta com os deuses não duvidaria em pagar o que fosse por um de seus tratamentos de beleza.

—Muito para você, anjo? —se colocou atrás dela inclinando para seu pescoço.

Movia a tanta velocidade que Aileen não podia seguir seus movimentos. Tão logo o tinha a frente como, de repente, o tinha atrás.

—E vocês a que clã pertencem? —agitou nervosa.

—Somos celtas. Faz dois mil anos, na Bretanha, fomos convocados pelos deuses no Stonehenge. Ali nos disse qual seria nossa missão e ali nos transformou.

—E viram os deuses? —perguntou surpreendida.

—Em sua forma humana, sim. Eram formosos, esbeltos e finos. De tez de porcelana, cabelo feito de fios de sol e os olhos cheios de água marinha —um passo mais e voltou a ficar em frente a ela.

—Sempre me pareceu impossível que aí acima não houvesse nada.

—Não é cristã?

—Acredito que há algo poderoso que nos faz como somos e nos outorga de consciência, mas não traguei a história que apregoava a igreja.

—Há tantos deuses como mundos —assegurou Caleb. —Cada pessoa é um mundo distinto.

Aileen o olhou fixamente e meditou suas palavras.

—Era meu pai um celta? —perguntou desviando os olhos até seu pescoço.

Caleb se aproximou e inclinou para falar com ouvido.

—Seu pai era o celta mais temido de todo o clã. Um guerreiro invencível, leal e amigo de seus amigos. Não importava dar a vida por aqueles aos que queria —sussurrou afundando o nariz atrás do oco de sua delicada orelha. —Era o homem do trovão —explicou orgulhoso. —Não tinha medo de nada. E você?

—O que... o que faz? —disse ela fechando os olhos e tremendo da espera. Estava roçando o pescoço com o nariz.

—Não imagina como cheira bem para mim, Aileen —respondeu sem rodeios. —Seu aroma faz que me eleve da terra.

Isso não podia estar acontecendo. Caleb a estava seduzindo, estava tirando um a um os grilhões do medo e da vergonha. Ela tragou saliva tentando afastar e não respondeu.

—Seu pai, se perdeu pelo aroma de sua mãe —prosseguiu ele com sua sedução. —Ele encontrou nela a sua cáraid, aquela que estava destinada a caminhar com ele pela eternidade, a apaziguar seu maltratado coração, a dar o calor do amor e do lar. A cáraid para um vanirio é como o sol.

—Uma maldição? —perguntou com voz estrangulada.

Caleb sorriu e apoiou os lábios na têmpora de Aileen, e a obrigou a aproximar dele fechando brandamente seus dedos sobre seu pulso. Acariciando com o polegar, justo onde o cinturão a queimou naquela fatídica e selvagem noite. Puxou-a brandamente.

—Não. É a luz para nossa escuridão —murmurou contra sua pele.

Aileen se afastou para olhá-lo diretamente o rosto.

Ali de pé, em frente, com aquele corpo incrível e ameaçador, a pele pálida e a cara desfigurada, as pestanas tão longas e esse rosto angélico que voltava a lembrar de um menino, viu Caleb frágil, necessitado e ofegante desse calor de que falava.

Caleb, embora desejava inclinar e cobrir a boca com a sua, viu a confusão e a luta interna de Aileen e decidiu dar uma trégua. Afastou a seu pesar, olhou ao céu e tirou o capuz.

Era tão formoso e masculino de uma vez... Aileen não pôde mais que exalar o ar entrecortadamente e umedecê-los lábios.

—Na realidade, Aileen, tenho coisas de seu pai que pertencem a você.

—Coisas? —repetiu ela abraçando com os braços.

—Sim. Você é sua herdeira. Sua filha legítima. Tudo o que era dele é seu.

Aileen sentiu como acelerava o coração e o obrigou a serenar.

—Talvez esta noite, depois de visitar a sede de Londres do Newscientists, aceite em vir comigo para que possa mostrar do que estou falando.

—Esta noite? —combinou com Daanna em Birmingham. Noah e Adam iriam ali fazer guarda e combinaram em levá-la com ela. —Não acredito que possa.

Caleb endureceu o olhar.

—Virá —ordenou.

—Não me dê ordens —esticou os músculos de suas costas. Por fim. Acabou o feitiço.

—Não tem nada que fazer e o que tenho que mostrar te agradará muito.

Ela e ele sozinhos? Não estava muito convencida.

—Sua irmã e eu vamos nos encontrar em Birmingham. Noah e Adam me levarão. Não posso ir com você.

Sua irmã era uma completa estúpida, pensou irritado.

—Está bem —cedeu perceptivelmente cansado. —Que minha irmã te leve então. Não deveria ir a Birmingham esta noite, não é muito certo.

—E isso por quê? —cruzou os braços e levantou uma sobrancelha altivamente.

—Amanhã é lua cheia, solstício do verão. Os lobachos e os nosferatus sairão de caça. E você vais ser uma presa com um imenso alvo em seu precioso traseiro. Hoje estarão muito alterados.

Precioso traseiro? Uma boa adulação. Olhou o relógio digital Dolce que comprou seu avô e relaxou os ombros. —Estão nos esperando.

Caleb não respondeu. Seu corpo passou ao lado do de Aileen, com passos ágeis e largos. Ela elevou a comissura de seus lábios e o seguiu reprimindo um largo sorriso.

Caleb estava aprendendo a ceder terreno, e isso era positivo. Esse vanirio abusado e mandão tinha que morder a língua diante e não passar da raia. Aileen desfrutava com sua pequena tortura.

Olhou como os músculos de suas longas costas se moviam debaixo da jaqueta, mas então se lembrou das feridas. Doeria? Não. Certamente já teriam cicatrizado. Preocupada com ele, seguiu caminhando até a mansão.

Estavam em Londres. Caleb olhou o edifício de estilo modernista que se erguia diante eles. Um edifício que parecia silencioso, onde não deviam trabalhar muitas pessoas, mas onde ele sabia muito bem com o que ali se investigava. Se fosse por ele, agora mesmo entrava e fazia arder a todos os que ali se encontravam. Entretanto, tendo vivido a experiência de Aileen, já não tinha tão claro que todos os que trabalhavam em Newscientists soubessem no que trabalhava essa empresa realmente.

Mas ele sim. Lembrava o dia em que ele e Samael, encontraram os pedaços de Thor em um dos contêineres da rua Oxford. O aroma levou até suas extremidades cerceadas.

Ainda lembrava as lágrimas de Samael, enquanto apertava um dos braços de seu irmão a seu peito. Samael... não quadrava essa imagem com o que descobriram.

Caleb não pode respirar assim que pôde dar conta de que, efetivamente, a carne inanimada que tinham a frente era a de seu melhor amigo. Como puderam jogá-lo ali? Por quê? Com que intenção? Aquilo foi uma autêntica aberração. Se algum humano tivesse descoberto as partes desse corpo, e os meios tivessem investigado o caso, não só teria criado uma psicose, mas

também se os forenses tivessem analisado o sangue desse corpo... o que teria passado? Não era sangue humano.

O que sabiam certo era que foi enviado de Barcelona, tal e como indicava o selo do braço de Thor. Agora tinha que descobrir se o corpo saiu desse edifício ou se realmente não chegou a entrar nele. Quem? Como? E por quê? Eram as perguntas que tinha em mente. Lembrou a noite em que Samael e ele interceptaram a caça de um vanirio às mãos de dois dos caçadores do Newscientists. Beberam deles, só para descobrir o que faziam. Aqueles homens não sabiam muito bem por que faziam nada disso, eram uns mandados. Mas entretanto, eram executores de vaniros. Então através de seu sangue, viram o que faziam. Mulheres, crianças, maltratados, abertas... todos submetidos a todo tipo de estudos. Uns mandavam e eles obedeciam como robôs.

Observou como o Hummer de Noah estacionava justo ao lado de seu Cayenne. Caleb olhou de esguelha a Aileen, que saía do carro com seu porte elegante e seu inegável atrativo. Era impossível que não chamasse a atenção. Sua juba negra, brilhava fazendo cores azuladas. Seus olhos violeta o olharam e ele afastou os seus esverdeados para voltar a olhar ao edifício. Ele não quis viajar com eles.

Aileen jogou os ombros para trás e se colocou a seu lado. A viagem com Noah e Adam foi silenciosa. Adam era calado por si mesmo, e Noah e ela não se falavam depois do episódio das chicotadas. Só dirigiram a palavra para indicar a Aileen como devia proceder no interior do edifício.

Acreditavam que era tola... Ela sabia bem como funcionava essa empresa. Já tinha seu próprio plano para extrair informação. Só esperava dar logo com seu objetivo.

—Entrarei com você —disse Noah protetor.

—Não —respondeu ela.

—Entrará com ele e com Adam — ordenou Caleb à contra gosto. Aileen franziu o cenho sem compreendê-lo. Pensava que Caleb não queria que o berserker estivesse perto dela.

—Disse que não. Posso me defender sozinha.

—Não sabe que tipo de pessoas estão trabalhando ali dentro —respondeu ele cruzado os braços e apoiado na porta do carro.

—Preciso desenvolver minhas novas habilidades —disse com suficiência. —Agora seria um bom...

—Basta, Aileen. Deixa de se comportar como uma menina tola e nos faça caso —a arreganhou ele com frieza. A puxou pelos ombros e apertou até que ela sentiu uma pontada de dor.

—Faz-me mal, monstro —espetou com desdém.

—Vai obedecer. Ouve? —tirou todo o instinto animal que tinha em seu interior. —Isto não é nenhum jogo. Sabemos que estes humanos estão aliados com nosferatus e lobachos, e você cheira muito bem me entende? —estava louca se acreditava que ele a deixaria exposta ao perigo. —Se tiverem a alguém de sua espécie trabalhando com eles no interior do edifício, assim que entre perceberão e então eu parecerei um anjo ao lado deles.

Aileen desenhou uma linha escura e tremente com seus lábios e colocou todos os músculos de seu corpo em tensão. Menina tola? Mas o que acreditava esse Pedro Corta Pedra ?

Vai à merda, monstro. Não me fale assim.

Caleb a olhou de esguelha e não pôde evitar que seus lábios desenhassem um sorriso malicioso de superioridade. A soltou e apoiou de novo em seu carro. Noah e Adam não intercederam.

—Os transportes revistam chegar às sete nos lugares do destino —explicou Aileen surpreendida pela fúria de Caleb. —Cada dia se enviam caixas de Barcelona a todos os edifícios filiais do Newscientists. Vejamos se hoje chega também mercadoria. O caminhão tem que estar para chegar.

Dito e feito. Um enorme trailer com as siglas MRW no lateral parou diante do edifício. Dois homens desceram da cabine do condutor e se dirigiram a abrir as portas traseiras para baixar a mercadoria.

—Quem tramita os envios? —perguntou contrariada. —Eu não estou ali para fazê-lo...

—Bom, agora saberemos quem é o segundo ao mando —respondeu Caleb.

—Levam as tabuletas —advertiu ela. —Terá que interceptá-los antes que entrem no edifício.

Caleb a olhou desafiadoramente com os olhos.

— Não ocorra me desobedecer, Aileen. Fique aí. Por favor.

Toda a pele colocou em tensão. O coração acelerou, o sangue subiu à cabeça e sentia que mil mariposas revoavam em seu estômago. Caleb voltava a abrir comunicação mental com ela. Sentia-se bem, surpreendida e agradecida.

—Disse, por favor? Isso está melhor, monstro. A educação pode te abrir muitas portas.

—Quero que olhe bem o que vou fazer, Aileen. Você terá que utilizar seus poderes logo e eu vou ensinar como.

—O que vais fazer? Estava eufórica por poder falar assim com ele.

—Vou atraí-los para mim, vou ordenar que entrem na cabine do caminhão e que tirem a roupa.

Aileen sorriu para dentro fazendo negações com a cabeça.

— Ensina-me, então.

Captou tudo. Captou como Caleb enviava uma onda mental aos dois homens, e como os enfeitiçava com o olhar ao mesmo tempo em que ordenava e os obrigava a obedecer a seus desejos, baixando seu tom de voz.

Noah e Adam viram assombrados como os transportadores se metiam na ampla cabine e se despiam. Logo entregavam os dois uniformize e Caleb com um movimento de cabeça os fazia dormir.

Ninguém entrou nem saiu do edifício, atuou com velocidade e eficácia.

Caleb indicou com um gesto da mão que se dirigissem a ele. Os três correram até onde ele se encontrava.

—Noah e Adam, tomem —ofereceu os uniformes.

—Vá, vá... presas —sussurrou Noah assombrado. —É bom com a mente.

—Sou vanirio , é meu dom.

Um dos muitos, pensou Aileen olhando com intensidade. Caleb a olhou a sua vez, e sorriu.

—*Obrigado, Aileen*. Sentindo toda a dor física que sentia nesse momento, faminto e muito vulnerável, não só agradecia que o tivesse obedecido, mas também desse a oportunidade de poder enlaçar com ela desse modo mental. Aquilo era um grande sedativo para ele. Mas necessitava o enlace físico para poder recuperar toda sua vitalidade. Quanto ao emocional... parecia um impossível naquele instante.

Em uns minutos Noah e Adam adotaram as personalidades de Mark e Billy, os dois transportadores do MRW.

—Você entrará com eles —disse Caleb a Aileen. —Todas estas caixas têm que ir a alguma das salas ou dos laboratórios deste edifício. Vai dirigir ao recepcionista e vai sugestionar como eu fiz com estes dois. Procura que Noah e Adam ouçam suas indicações.

—Tentarei.

—Uma vez dentro, enquanto Noah e Adam averiguam o que há no edifício e o que fazem nele, você terá que extrair de sua mente todas as contra-senhas e arquivos das bases de dados.

—O obrigo a fazer um backup de todo o computador?

—Sim, isso também nos será de grande ajuda. Mas necessitamos os passwords, direções de email, encriptados, etc.... Entende-me?

—Sim.

—Não se afaste da recepção. Nem te ocorra te internar por aí dentro, de acordo?

—Está bem, Caleb.

Caleb ficou imóvel por um momento. Como gostava de ouvir seu nome na boca de Aileen, de novo.

—Esperará que cheguem os dois vira-latas — ordenou com um sorriso.

—Que deem —espetou Noah colocando bem as lapelas do uniforme.

Olhou-os. Ontem Noah estava açoitando Caleb e hoje deviam trabalhar juntos. Devia ser muito duro, sobre tudo para Caleb.

Aileen assentiu como uma menina obediente e ligeiramente assustada.

—*O que fará você?*

Falar assim com Caleb era muito reconfortante. Sempre que a respondia, seu corpo reagia do mesmo modo que o faria se a tivesse acariciado languidamente.

—*Aqui há várias caixas. Quero ver o que é o que há no interior e além disso tenho que controlar os dois belos adormecidos da cabine.*

—*Mas as pessoas podem ver. Sentirá saudades que haja alguém vestido de patrício dentro de um caminhão.*

—*Não, anjo. Não me verão se eu não quero.*

—*Claro, esquecia que é superman —respondeu elevando uma sobrancelha.*

—*Não... sou um celta com muitos, muitos poderes. Tome cuidado. Esperarei aqui mesmo.*

—E você... você também tome cuidado.

Deu meia volta e entrou no edifício. Depois dela Noah e Adam a seguiam com as tabuletas.

Caleb sentiu como se inchava como um galo ao reconhecer a preocupação por ele na voz de Aileen. Sua relação começava a mudar.

Devia se apressar e descobrir o que havia no interior desses envios. Deus, sentia-se tão mal fisicamente. Mas não permitiria que nada acontecesse com Aileen, ele estaria com ela mentalmente.

No interior não havia nem uma alma, à exceção do recepcionista. O chão era de mármore claro e muito caro. Havia algumas plantas altas e de caules grossos estrategicamente colocados na entrada, nas esquinas do salão, a cada lado do elevador e na imensa recepção, onde um rapaz jovem de menos de trinta anos babava ao ver o corpo de Aileen dirigindo a ele.

—Posso ajudar em algo, senhorita?

O menino era magro, ruivo, com o cabelo penteado para trás e lubrificado com gel, e com algumas sardas salteadas pela cara. Seus olhos marrons a olhavam se deleitando em cada uma de suas curvas, comendo com os olhos.

Aileen sorriu coquete, e pensou que era um descarado.

—Vai me ajudar —respondeu imperante.

Depois dela Noah e Adam esperavam a informação.

—Vou ajudar —disse ele completamente hipnotizado.

—Chegaram às caixas de Barcelona. Onde têm de deixá-las?

—No segundo andar inferior —o rapaz tragou saliva enquanto ficava submerso nos olhos violeta de Aileen. —Ali, a segurança introduzirá o código para abrir o armazém e assim possam deixar as caixas em seu lugar.

Aileen virou a cabeça e assentiu para que Noah e Adam colocassem mãos à obra. A jovem se reclinou sobre o mostrador e o olhou por debaixo de suas entupidas pestanas.

—Jude —olhou sua chapa e pronunciou seu nome arrastando as letras— quero que grave em um pen drive USB toda a informação do disco rígido de seu computador. Telefones de contatos, e-mails, base de dados, passwords, etc.…

—Imediatamente —Jude trabalhava como um robô. Não pestanejava, seus movimentos eram mecânicos e sem emoção. Agarrou um USB 5 giga da Sony, colocou na saída correspondente de seu computador e transladou todos os do disco rígido ao cartão.

Aileen se sentiu mal ao descobrir o poder que poderia ter sobre as pessoas. Mas ela era o que era, pensou lembrando as palavras de Noah. Pela extremidade do olho, controlou como os dois berserkers entravam no elevador com uma caixa. Tinham que atuar com discrição para que as câmaras não gravassem nada fora do normal. Aileen bateu com as unhas sobre a mesa de recepção.

—Jude —voltou a olhá-lo fixamente. Por que seguiam chegando caixas de Barcelona se ela não tramitava os envios? —Nos últimos cinco dias falou com alguém do Newscientists de Barcelona?

Jude assentiu observando impassível como se transladava toda a informação.

—Com quem, Jude?

—O senhor Víctor Sazar. Na ausência de Eileen, ele se encarrega de tudo. — Aileen deixou de bater os dedos e todo seu corpo ficou em tensão. Víctor? Víctor, seu doutor?

—Aileen, está bem?

Quando ouviu a voz de Caleb em seu interior, tranquilizou.

—O senhor Víctor Sazar diz?

—Sim, senhorita.

—Víctor Sazar faz muito que trabalha no Newscientists? —não podia acreditar.

—Fará uns doze anos. É a mão direita do senhor Mikhail.

Idiota falso e desprezível. Sentiu-se tola e ingênua por ter acreditado que ele, seu doutor, era seu amigo.

—Me diga... O que passou com a senhorita Eileen e o senhor Mikhail? —controlou o tremor de sua voz.

—A senhorita Eileen está aqui na Inglaterra, por trabalho.

Aileen sentiu um suor frio sobre a nuca. Isso era justamente o que fizeram acreditar Menw e Cahal ao serviço de sua casa de Barcelona.

—E o senhor Mikhail? Sabe algo dele?

—Chegará depois de amanhã a Londres, acompanhado do senhor Víctor —sussurrou baixo inclinando para a Aileen.

Aileen deixou de respirar, estremeceu e sentiu que o sangue ia de seu rosto. Mikhail estava morto, não podia ser. Jude a seguia olhando sem piscar, perdido em seu olhar violeta.

—Aileen, tranquila. Percebo suas pulsações. Estou com você.

Caleb percebia sua ansiedade.

—Quando... quando falou com o senhor Mikhail? —perguntou ela com voz tremente.

—Esta mesma manhã, senhorita.

—OH Deus... Caleb —tinha muitíssimo frio.

—Aileen, recolhe os dados e sai daí. Não quero te sentir assim.

—Vem por algo em especial o senhor Mikhail? —inquiriu Aileen.

—Obrigou-me que preparasse um reservado para umas dez pessoas no The Ivy, um restaurante muito seleto de Londres.

—Qual é a direção e a que hora esperam o reservado?

—No dezesseis da rua Moor, às oito e meia.

—Jude, me dê o cartão USB, e também sua agenda — apressou com um gesto da mão.

—Claro, senhorita, aqui tem — entregou um Blackberry negro e o USB tranquilamente.

—Não vai lembrar nada do que falamos — ordenou em um sussurro baixo e sedativo. —Vou sair daqui e vai fazer como se nunca tivesse me conhecido. Nunca me viu.

Jude assentia com a boca entreaberta e os olhos semi-fechados.

O elevador abriu e apareceram Noah e Adam, estranhamente pálidos e consternados.

—Ele têm que selar —disse Aileen entre dentes preocupada com eles. O que tinham visto?

Adam esperou que um atordoado Jude, selasse os papéis sem afastar o olhar apaixonado por Aileen.

Adam grudou Aileen pelo braço e a convidou que saísse dali. Os três chegaram até Caleb, que inspecionava o que tirou das caixas. Todo tipo de provetas congeladas, potes de cristal, vaporizadores, material cirúrgico...

—Encontra bem? —perguntou Caleb olhando Aileen. Estava pálida.

—Não —respondeu ela com o olhar perdido.

—Saiamos daqui, depressa —disse Noah bruscamente. —Este lugar é asqueroso.

Caleb assentiu. Colocou tudo o que encontrou em uma bolsa negra Nike e saiu do caminhão esperando que os berserkers se mudassem. Obrigou aos transportadores a despertar, mudar de novo, revisar a tabuleta e finalmente ir dali.

Caleb segurou Aileen pelo braço e olhou Noah advertindo com o olhar que nem ocorresse dizer a Aileen que retornasse com eles. Aileen era dele e se encontrava mal. Ele tinha que cuidá-la, não eles. Ele.

—Vem comigo — disse Caleb olhando-a com preocupação.

Aileen assentiu entre tremores, muito consternada para levar a contrária, tentando amarrar com força a agenda contra seu peito.

Uma vez dentro do carro e dirigindo de novo ao Wolverhampton, Caleb foi inclemente com ela.

—Me diga agora mesmo o que descobriu.

Aileen olhou a noite fechada que caía sobre eles. O céu estava encapotado. Tragou saliva e o olhou com os olhos úmidos.

—Víctor, meu doutor... trabalha com Mikhail na empresa. Leva ali há doze anos. Ele... está tramitando tudo de Barcelona em minha ausência.

Caleb a olhou. Queria averiguar se realmente incomodava a traição de Víctor. Só de pensar que esse loiro podia despertar algum tipo de ternura em Aileen, enfurecia-o.

—Víctor não é nenhum inocente. Ele sabia o que se fazia quando espetava você e ele sabe muito bem no que está trabalhando. Continua —grunhiu.

—Mi... Mikhail segue vivo — tremeu o queixo.

Caleb apertou a mandíbula e grudou o volante com tanta força que os nódulos ficaram brancos. Como podia ser? Samael o deixou seco e o enterrou. Estava morto. Mas então...?

—Me diga que não pode ser —suplicou com os olhos assustados. —Eu o vi cair sem vida com o pescoço esmigalhado. Samael o matou diante meus olhos...

—Está bem, pequena, tranquilize — disse com voz amável. —Me conte o que te disse.

—Esta pensado chegar amanhã a Londres. Tem uma reunião no The Ivy, reservaram um privado às oito e meia para dez pessoas. Eles sabem que estou aqui —disse desesperada e sem fôlego. —Sabem que vocês me trouxeram aqui —sussurrou com a voz estrangulada. —Como pode sabê-lo? Quem demônios disse? —gritou. —por que segue vivo?

—Não sei, anjo —mas ia descobrir e logo. —Em teoria Menw, Cahal e Samael se encarregaram de enterrar o corpo. A não ser que...

—O que? —perguntou Aileen tremente.

—Nada —respondeu distraído. —Averiguarei tudo o que possa. Por certo, disse a Víctor que viria a Londres a trabalhar. Estou convencido que vêm aqui para encontrar você. Mikhail procurará vingança por encontrar e matar e virão aqui...

Aileen o olhou. Caleb esteve em sua mente, tinha que acostumar a todos esses detalhes. Colocou as mãos na cara e exalou fortemente.

—Vem por mim. Por todos nós... —Aileen apoiou os pés no assento de pele e agarrou os joelhos.

—Está assustada? —perguntou ele com empatia. —Eu não deixarei que faça mal, Aileen. Vou chegar ao fundo deste assunto. Não tema.

Aileen abriu muito os olhos e o olhou com surpresa. Agradava ter Caleb protegendo-a, sentia estranhamente certa. Então, lembrou-se de onde estava. Do carro no que estava e do que passou ali fazia uns dias.

—E quem vai me proteger de você, Caleb? —disse abatida olhando à frente com absoluta rendição.

Caleb a olhou desolado e um músculo esticou no queixo.

—Eu te protegerei de mim. Já te disse que não voltaria a fazer mal.

Seu iPhone soou. Chegou à mensagem da comissão, mas não provinha dos dois do Walsall, mas sim dos dois do Dudley. Gwyn e Beatha. Caleb franziu o cenho e abriu a mensagem.

Às 22:00 H. Reunião no Athens Restaurant, em Birmingham. Já avisamos ao clã Berserker para que se reúna ali conosco. Samael escapou, e Dubv e Fynbar desapareceram. Os guardas da fossa morreram assassinados. Samael está descontrolado e é perigoso.

—O que acontece?

Caleb endureceu o rosto.

—Samael escapou, matou aos sentinelas da fossa.

—O que? Que fossa? —gritou.

—O lugar onde encerramos Samael, na sala da fome. Está clandestinamente... Os dois do conselho do Walsall puderam estar implicados em sua liberação. Desapareceu e ninguém sabe nada deles. Vamos a Birmingham para falar com os clãs.

—Não pode ser verdade —Aileen se afundou no assento. —me diga que isto é um pesadelo...

Caleb amaldiçoou a tudo o que se meneava. Aileen necessitava muito mais amparo do que imaginava e ele não estava em condições de protegê-la. Com muita dificuldade estava dissimulando seu mal-estar e sua perda de poder, mas não queria que fosse a compaixão de

Aileen que a levasse a ele, a não ser a verdadeira paixão entre casais, o reconhecimento humilde de entregar seu corpo a sua cáraid.

Mikhail e todos os que ainda não conhecia iriam por ela. Ela era um salto na evolução, um milagre, a possibilidade de engendrar uma autêntica raça quase invencível. Samael a quereria morta só por vingar a seu irmão, isso se era certo que ele desconhecia que Aileen era sua sobrinha.

Olhou a sua beleza morena de olhos lilás e pela primeira vez a viu como uma menina frágil e necessitada de muitos mimos. Tremia e estava impactada pelas últimas notícias. Necessitava calor e compreensão. Uma ternura insólita nele até então oprimiu o coração.

Ela o olhou fugazmente, ficava uma hora e meia para chegar a Birmingham e necessitava que alguém a tocasse e a abraçasse.

—*Me diga o que quer, e eu darei isso* — disse ele brandamente.

Aileen enrijeceu como se a tivessem queimado com um ferro candente. Ele estava continuamente em sua cabeça, já não podia sair dela.

—*É só que...*

—*O que, Aileen? Diga isso porque desejo fazer algo e não quero coentrar mais enganos com você. Não quero te assustar mais.*

Ela baixou o olhar com gesto derrotado, tragou saliva. Desabotoou o cinto com mãos incertas e o olhou pedindo permissão com toda a humildade do mundo. Precisava um corpo forte ao lado, um que nesse momento a sepultasse em um abraço.

—Veem aqui, Aileen —levantou seu braço esquerdo e a convidou a que se aconchegasse nele.

—Espera um momento... é só que... Isto não quer dizer nada vale? —esclareceu ela com voz débil e levantando o dedo indicador. Olhou seu perfil perfeito, seu queixo varonil e seu cabelo negro. Santo Deus, não desejava mais nada que se esmagar contra ele. Nem mais, nem menos. CÚMULO. ESTOCOLMO.

—Quererá dizer o que você queira —sorriu docilmente e Aileen pensou que desmaiaria de como doce parecia. —Vamos, pequena. Deixe-me te abraçar. Necessito eu mais que você.

Aileen mordeu o lábio para não chorar. Caleb queria fazê-la sentir bem, obrigou-se a pensar. Só era isso, um gesto amável por parte dele.

Se moveu até se grudar a ele, juntou as mãos ao peito para não ter que manuseá-lo muito, e apoiou a cabeça sobre o musculoso ombro de Caleb. Inspirou e apertou os joelhos a seu corpo mantendo o calor.

O aroma de manga cada vez era menos forte, irritada. Chocava que estivesse a gosto entre seus braços, mas aquela era a realidade. Nunca se havia sentido tão bem.

Caleb sentiu o corpo dócil e brando da jovem e seu coração disparou. Rodeou com o braço e a apertou contra ele com positivamente.

Aileen exalou e acabou relaxando. Necessitava que alguém a abraçasse assim, que alguém a cobrisse. Inconscientemente esfregou sua bochecha contra seu ombro e fechou os olhos.

—Esta melhor? —perguntou ela com um deixe de paquera e jogo na voz. Ele disse que necessitava seu abraço, não?

—Muito, muito melhor —sorriu Caleb ignorando como tinha a calça tensa à altura da virilha. Se alongava um pouco o braço, rodearia a plenitude de um dos preciosos seios de Aileen. Reprimindo a reação de seu corpo diante a cercania de Aileen, limitou a dirigir.

O coração de Aileen saltava de alegria e de uma estranha sensação que nunca antes havia sentido. Desfrutando desse momento, e sentindo como uma colegial, fez esforços por dormir.

Caleb conduzia com uma só mão, sentindo pleno e cheio de felicidade pela primeira vez em milênios.

Como seria a correspondência de mente, corpo e coração entre os casais vaniros? Como seria ter o corpo lânguido e tenro de Aileen por mútuo acordo? Seria apaixonada? Soprou. Já acreditava que sim, Aileen era puro fogo, só fazia falta que perdesse o medo e ceder. Ele seria quem a iniciaria nos prazeres do casal e, quem sabe, que na intimidade chegassem a conectar até contatar com o coração de cada um. Surpreendeu ao dar conta do muito que desejava que Aileen sentisse algo por ele.

Com essa ideia, expressou o último pensamento em voz alta.

—Ninguém te tocará, Aileen. Eu protegerei, prometo isso.

Capítulo 14

—POR QUE ficamos aqui? É um restaurante grego —disse Aileen entrando quase a tropicões. —Vocês fazem tudo assim?

—Assim como?

—Assim... —assinalou tudo o que rodeava. —Tão... esnobe. Não podem ficar num lugar resguardado de tudo e falar clandestinamente?

—Como nos filmes? —sorriu franzindo o cenho.

—Por exemplo, sim.

—Há muitas formas de chegar a acordos. E além disso, reunimos em público nos proíbem de nos enfrentar.

—Fazem como uma medida de prevenção, então?

—Mais ou menos —encolheu os ombros.

O alvoroço era ensurdecedor. As pessoas riam e davam palmas, dentro em suas celebrações. Um prato voava para a direita e chocava contra a parede a ponto de golpear um quadro decorativo da Grécia. As pessoas aclamaram ao que jogou o prato e logo se dispuseram a comer tranquilamente como se ninguém se comportasse esporadicamente como selvagens.

—Temos uma sala somente para nós, ao fundo —disse Caleb falando quase ao ouvido.

Uma vez lá dentro, primeiramente o que fez foi saudar seu avô Ás. O abraçou fortemente e sussurrou palavras carinhosas ao ouvido.

—Estava preocupado por você, querida — disse ele.

—Estou bem.

Ás a olhou nos olhos, e viu temor e insegurança. O que descobriram?

—Estou muito orgulhoso de você, Aileen. É uma mulher valente.

Aileen sorriu e os olhos brilharam de emoção. Seu avô estava orgulhoso dela. Seu avô. Algo dela, de sua família. Sentiu se bem ao pertencer realmente a alguém. Desde sua conversa, descobriu coisas agradáveis.

Uma vez sentados na longa mesa que preparam em Od, Caleb, Aileen, Ás, Noah e Adam se sentaram no centro. Menw, Cahal, Daanna, Gwyn e Beatha, em frente. E o resto ao redor.

Menw esteve olhando tudo o que Caleb havia trazido das caixas. Fazia gestos de preocupação e de desaprovação enquanto Noah e Adam explicavam tudo o que descobriram ao deixar a caixa no subterrâneo do edifício.

—Têm um imenso laboratório montado, de várias salas nas quais não se podem acessar sem que saiba as senhas de acesso —explicou Adam. —Noah pôde penetrar em uma das salas e viu o que ali tinham.

—São corpos criogenizados —explicou Noah. —Alguns são berserkers a meia transformação, outros completamente transformados e alguns mais eram berserkers em estado humano normal —disse com repulsa. —A sala contigua tem exatamente o mesmo, mas com corpos de vaniros.

Os ali reunidos murmuraram em desaprovação.

—Guardam umas imensas geladeiras nas mesmas salas, onde há uma série de provetas que se mantêm congeladas. São... —secou a frente de suor— amostras de esperma masculino e óvulos femininos. Uns de umas espécies e outros, de outra.

—Meu Deus... —disse Aileen mortificada.

—Outras provetas contêm amostras de sangue, há crisóis com tecidos membranosos que não pude descobrir o que eram... Mas o pior...

—O que? —perguntou impaciente Ás.

—Têm embriões humanos criogenizados. Muitos desses embriões estão a meio caminho de formar, alguns com má formações espantosas... Garras em vez de mãos, olhos oblíquos, linhas ao meio de se formar. É repugnante. Tem muitas mais salas fechadas... estou certo de que têm as pessoas dos clãs ainda com vida... intuo.

Fez o silêncio. Ao longe se ouvia um ou outro prato voando.

Entraram os garçons servindo pratos em qualquer parte e todos se comportaram com normalidade, sem levantar suspeitas de nenhum tipo. Aileen olhou seu prato e franziu o cenho.

—O que é isto? —perguntou a Caleb.

—Chamam-se Kolokitakhia —respondeu ele sorrindo. —São abobrinhas com azeite de oliva e alho.

—Alho? De noite?

—Assim nenhum vampiro te morderá —arqueou as sobrancelhas divertido.

—Já, que gracioso. E isto? —assinalou um prato com batatas e folhas verdes.

—São Dolmades —explicou enquanto colocava um pedaço de abobrinha na boca. —É guisado com folhas de vinha.

—Parece vegetariano... Não comem carne? —não gostava da carne. Era vegetariana.

—Não. É o único que nosso corpo não admite—respondeu ele, agarrando um pão-doce quente que deixou uma garçonete. A garçonete sorriu e piscou um olho. —Os vanir adoram os animais e não aprovam que os comamos.

Aileen olhou à garçonete e logo o olhou a ele. Sentiu como se dessem uma patada no estômago. Como se atrevia Caleb? Um momento. O que passava? Quis afundar no assento quando descobriu que não gostava que esse vanirio machista e arrogante paquerasse com outra mulher.

—Está bem? —perguntou ele olhando a de soslaio.

—Claro.

—Incomodou algo, princesa? —sorriu maleficamente.

O olhou e jogou os ombros para trás. Quando a chamava assim parecia que se separava do chão. Jogando mão à coerência, esforçou por sorrir e morder a língua.

Caleb viu que o sorriso não chegava aos olhos. Aileen se esquecia de que ele podia ler sua mente. Caleb sabia que estava muito ciumenta. Ao melhor, eles dois podiam ter uma segunda oportunidade. Com ânimos renovados, ofereceu uma parte de pão-doce.

—Prova. Está quente e tenro.

—Tenho uma fome de mil demônios, mas se como estas coisas corro o risco de sofrer uma indigestão.

—Come ou quebrarão um prato na cabeça — sugeriu ele comendo também com toda confiança do prato dela. —É a tradição. Se não comer suas especialidades, sentem ofendidos, assim que estrelam a baixela contra o crânio.

—Suponho que todos fatiam os pratos.

—Deixamos limpos.

—Mas, se por muito que comamos não nos saciamos... —jogou com uma batata guisada—por que comemos?

—Pode que não nos saciemos, mas as papilas gustativas não as temos atrofiadas. Comer é um prazer. E aos vaniros, adoramos todos os prazeres mundanos —deu um sorvo à taça de vinho tinto que encheram.

Aileen o olhava fascinada ao conhecer a faceta glutona de Caleb. Realmente desfrutava com a comida.

Daanna sentada em frente, olhava-os divertida. Aileen levantou a vista para ela e Daanna sorridente elevou as sobrancelhas.

Aileen pigarreou, ruborizou e baixou a vista para o prato.

Os garçons se foram e voltou a ficar tudo em silêncio.

—Terá que detê-los... eu não gosto de nada o que diz, Noah. O que pretendem com os óvulos e o esperma? —disse Beatha.

—Fecundar. Criar novas espécies —explicou Menw. —O óvulo de uma berserker e o esperma de um vanirio dá a Aileen como resultado. Ou pode que... podem ser muitas coisas as que fazem conosco e nenhuma boa. O que não há dúvida é de que Jade e Thor tinham razão em suas cabalas. Estas sociedades estão contra nós e seja o que seja o que têm entre mãos é perigoso.

—Há algo mais inquietante. Mikhail Ernepo segue vivo —cortou Caleb. —Depois de amanhã tem um jantar no The Ivy e se reúne com um grupo de pessoas. Pode ser que tiremos mais informação desse evento —grudou ar e olhou a Beatha. —Samael escapou e ele é o único que saberia por que razão Mikhail segue com vida. É óbvio que fomos vítimas de uma traição Rix Gwyn —olhou o loiro de aspecto élfico que prestava atenção solenemente. —Caçaremos, a ele e aos dois de Walsall.

Todos os vaniros elevaram os punhos e apoiaram a proposta de Caleb.

—Tenha a caça em suas mãos, Caleb. Não devemos esquecer que agora, mais que nunca, terá que proteger Aileen. Eles a querem —disse Gwyn olhando com admiração. —Lá aonde vá estará vigiada. Aileen é o exemplo da conciliação das duas espécies. Ou nos unimos ou acabarão nos matando a todos.

—Eu procederei também com meu clã —disse Ás com sinceridade. —São muitos os berserkers desaparecidos sem explicação nos últimos anos. Deve haver uma toupeira solta que facilite as capturas e juro pelo Odín que vou descobrir quem é.

Os berserkers gritaram animados.

—As vigílias faremos juntos, em grupos mesclados —sugeriu. —Aproximam noites muito movimentadas. Amanhã é o solstício do verão e dentro de três dias, a noite das fogueiras. Os lobachos e os nosferatus saem de caça, famintos, e os do Newscientists esperassem a que nos despistemos para atuar e nos sequestrar. É o momento de demonstrar que não vão ganhar.

—Aileen obteve muita informação do disco rígido do computador da empresa —comentou Caleb. —Nas seguintes horas tentarei recortar o que há aqui e averiguar tudo o que nos seja de utilidade para lutar contra eles.

—Hoje nos repartiremos por grupos. Alguém ficará em Birmingham. Quatro mais se repartirão pela Black Country. E outro irá a Londres —ordenou Caleb olhando a Ás.

—Meus meninos se unirão a seus grupos —disse o berserker com segurança.

Depois do jantar e ultimar os detalhes do plano de ação, saíram do restaurante. Daanna se aproximou de Aileen.

—Me encarregaram que lhe mostre suas novas propriedades —disse com total tranquilidade. —Vamos? —grudou amigavelmente pelo braço.

—Propriedades? Espera —espetou os pés. —Aonde me leva? Pensei que faríamos guardas em Birmingham.

—Mudança de planos. Esta noite iremos a Londres.

—Mas se viemos dali.

—Ali também se necessitam guardas. Já ouviu seu avô e Caleb.

—Outra vez temos que pegar os carros? —disse olhando a seu avô e a Noah.

Os dois a olhavam resignados como se tivesse aceitado que ela era posse de Caleb, de ninguém mais.

—Não pegaremos os carros —respondeu Daanna piscando um olho e levando a um beco traseiro. —Olá, Caleb.

O corpo de Caleb apareceu por atrás de Aileen. Aileen se virou e se chocou contra o peito do vanirio .

—O que fazem? —perguntou nervosa. Apoiou as mãos no peito de Caleb para evitar cair.

—Se segure, Aileen —as comissuras de seus lábios se elevaram sutilmente. Abrangeu sua cintura com as duas mãos e a apertou contra ele.

—O que faz? Você não tinha que estar aqui esta noite.

—A levo a Londres.

—O que? Caleb...

De repente seus pés já não tomavam contato com terra firme. Flutuavam. Aileen se agarrou aos ombros de Caleb e olhou para baixo.

—OH Meu Deus...

A seus pés, as luzes de Birmingham desenhavam ruas de néon em movimento. Os carros se viam minúsculos e as pessoas como formigas, alheios ao que sobrevoava sobre suas cabecinhas.

Caleb a olhava com atenção e sorria altivo e presunçoso. O cabelo de Aileen se agitava livre e acariciava suas costas. Caleb deslizou uma mão até o centro de sua deliciosa coluna vertebral sustentando contra ele.

Aileen sentiu o calor de sua mão transpassar a suave e fina blusa que usava.

—Caleb... —jogou a cabeça para trás e o olhou por debaixo de suas pestanas. —Estamos voando.

—Como? —brincou o vanirio olhando para baixo e fazendo que perdia o equilíbrio. Aileen gritou e ele riu de sua expressão. —É brincadeira.

Ele sentiu como seu cabelo roçava a mão que tinha a suas costas. Não podia cheirar o aroma pessoal de Aileen, perdia a faculdade de seus sentidos, mas sim que cheirava seu cabelo brilhante que desprendia um suave e excitante aroma frutado. Enredou dois dedos em sua juba e a acariciou enquanto se afundava em seus olhos violetas.

—Você gosta? —perguntou apertando-a mais a ele e olhando a boca.

—Sim —sussurrou ela tremendo de prazer. Não só gostava de voar, mas também, estar rodeada pelos seus braços.

—Tem frio? —rodeou-a mais ferozmente com os braços, dando todo o calor de seu corpo.

—Não... —murmurou deslizando suas mãos por seu peitoral e roçando com seu nariz o peito dele. Inalou profundamente e sentiu o sabor de Caleb na boca.

O que estava fazendo? Isso era uma carícia? Mas não podia evitar. Queria tocá-lo e esfregar-se com ele.

—O que te parece Aileen? —gritou Daanna voando a seu lado. Estava colocando sua bolsa Louis Vuitton modelo o Congo GM, advertiu Aileen, como bandoleira. —Não é tão mau ser vanirio, né?

Aileen a olhou de esguelha e levantou uma sobrancelha inquisitiva.

—Se agarre, princesa —murmurou Caleb com um sorriso travesso.

Em um abrir e fechar de olhos se colocaram em posição horizontal. Aileen gritou e espetou as unhas no peito.

Ao Caleb quase saltam as lágrimas. Tinha ainda as feridas do peito abertas da luta entre os berserker e vaniros. Tinha que beber dela para que cicatrizasse todo seu corpo ou logo morreria. Estava custando manter-se no ar.

—Está assustada, menina?

—Não.

—Está tensa.

—O que esperava? Estou voando, e além eu não gosto desta posição. É obvio que estou tensa. Alguma vez lhe cagou uma pomba em cima?

Caleb começou a rir abertamente. Gostava de seu senso de humor. Apertou mais contra ele e a mudou de posição. Ele abaixo e ela acima.

—Não seja presumido, Caleb —disse Daanna irritada.

Aileen assombrada, sorriu com a mesma irritação. Mas encantou sua risada.

—Acreditado —murmurou ela.

Caleb respondeu com outro sorriso deslumbrante e com o ego inchado. Armando de coragem recolheu o cabelo de Aileen e o enrolou inteiro em uma mão. Manteve-o agarrado, como se sua mão fosse uma borracha de certar acréscimos.

—Assim, seu precioso cabelo não se enredará — explicou. —E você poderá se agarrar melhor a mim.

Ela tremeu e agarrou às lapelas de sua jaqueta, apoiando a cara em seu peito de granito. Não ia contra nessas condições. —O que você diga, mas não me solte.

—Vamos lá, preciosa.

Adquirindo a velocidade do vento, sulcaram os céus ingleses. Céus frios, com restos de aromas da urbe, mas abertos e de uma vez infinitos para eles três.

Em dez minutos se plantaram de novo em Londres, em uma das ruas mais caras dessa cidade. Kensington Palace Gardens. Um grande exército de árvores decorava a rua, que por certo não era totalmente plaina, mas sim estava ligeiramente inclinada.

Quando aterrissaram, Aileen demorou uns segundos em soltar das lapelas de Caleb .

—Foi... incrível —reconheceu puxando de seu cabelo para que Caleb soltasse sua juba.

—Sim — disse ele com os olhos brilhantes. Penteou o cabelo com os dedos em um gesto íntimo e territorial e o deixou livre.

Aileen esclareceu a garganta, afastando dele, tentando dissimular sem êxito as bochechas rosadas. Prendeu a juba em um coque mau feito.

—O que fazemos aqui? —olhou as extraordinárias mansões que povoavam a avenida. —Quem vive aqui? O presidente?

Caleb e Daanna, olharam e sorriram.

—O rei da Arábia Saudita, Abdallah. O rei mundial do aço, o proprietário da mais poderosa imobiliária da Inglaterra, o sultão do Brunei, etc... —Enumerou Caleb como quem se conta os cabelos do nariz.

—Mortos de fome, pelo visto —comentou Aileen com cinismo.

—Todos muito, muito, muito milionários.

—Bom... E o que fazemos aqui? —voltou a perguntar Aileen franzindo o cenho. —Acreditei que íamos fazer a guarda.

—Seu pai, deixou uma casa aqui —respondeu Daanna.

—Como diz? —jogou a juba para trás e a olhou com as sobrancelhas levantadas e os olhos lilás abertos.

—Seu pai era muito rico.

—Todos os vaniros são bastante ricos —explicou Caleb com um amplo sorriso. —Thor tinha empresas de construção. Vendeu suas ações e enriqueceu. Além disso, tem uma grande quantidade de terrenos em seu nome e um montão de propriedades com valores em milhões de euros, além de importantes somas de dinheiro investidos em bolsa e demais... Enfim, esta é uma de suas casas.

Assinalou uma impressionante mansão de estilo Vitoriano, próxima ao século dezesseis. Era um palácio prodigioso, um desses que deixa a todo mundo que o vê assombrado e com vontade de casar com o herdeiro.

Aileen estava pasmada. Nem sequer a casa de seu avô era assim e isso que ele tinha muito dinheiro.

Por fora, vislumbravam várias asas na mesma casa. Madeiras de qualidade, algumas decorativas e outras que realmente formavam parte da estrutura, davam a entender que era uma mansão de estilo Tudor moderna. Toda a fachada estava recoberta de mimosas que subiam pela parede branca e perfeitamente mantida, embora estas não chegavam acima de tudo, com o que muitas das janelas de madeira escura do segundo e do terceiro andar podiam mostrar seu corpo perfeito.

Caminharam para ela.

Caleb tirou as chaves e abriu a porta.

—O palácio tem quinhentos metros construídos —assinalou abrindo a porta. —Todas as salas e quartos têm chaminé própria e banheiro com hidromassagem. O chão está recoberto todo de parquet de cerejeira escura. Consta de três jardins.

Aileen abriu a boca em sinal de pasmo. Na entrada, iluminado por vários focos havia um Monet.

—Seu pai gostava da arte —Caleb fechou a porta.

—Como pode ser meu isto? —perguntou mais para si mesma.

—É. Hoje ao meio dia falei com o notário. Não teve nenhum problema em pôr todos os bens e propriedades de Thor a seu nome.

—O notário?

—Inis. Do conselho de...

—Já recordo quem é. O casal da Ione, verdade? —Aha.

—Assim não teve nenhum problema, né? —repetiu ela.

—Não se preocupe por nada, Aileen — disse ele. —Tudo te pertence, tudo é teu por direito legítimo. Desfruta.

—De que patrimônio estamos falando? —passou a mão pela parede que tinha a mão direita da que caía água em forma de cascata e penetrava por uma ranhura situada no chão. Esfregou os dedos molhados.

—Tem dois apartamentos de cobertura de luxo no Mayfair, dois castelos na Escócia, uma ilha de sete mil metros em Ibiza com uma mansão de uns dois mil metros construídos, cinco carros de coleção Aston Martin, um iate, dois jatos privados, um helicóptero, um hotel de quatro estrelas em... Ah, e o que seja que tenha tido nos Bálcãs, já o investigaremos.

—Espera, espera... —Aileen seguia Caleb enquanto este mostrava com gostosa diversão como era sua nova casa. —Certo, já entendo. Meu pai era asquerosamente rico. Mas... —parou no meio da frase. Seu olfato dizia que ali cheirava a algo distinto do que rodeou nos últimos dias. Humanos.

—Boa noite senhorita Aileen —disse uma voz de mulher à mão direita.

A mulher tinha um tom sul americano inconfundível, a pele ligeiramente azeitonada, o cabelo negro recolhido com uns passadores e os dentes muito brancos. Não teria mais de 45 anos.

—Quem é você?

—Sou Maria, era a governanta do senhor Thor.

—*Seu pai tinha serviçais em todos os lugares. Ele passava muito tempo fora, assim que alguém tinha que manter as casas. Deu trabalho as pessoas humildes e muito necessitadas, e um teto no que viver e se sentissem como em seu próprio lar. Ele me dizia, que às vezes era ele quem se sentia um inquilino quando passava temporadas em suas propriedades.*

Aileen movia a cabeça assentindo seriamente concentrada na voz de Caleb.

—Olá Maria —disse ela oferecendo a mão com um amplo sorriso de afeto.

—Ai senhorita, é você preciosa. Seu pai era um homem muito bonito e você tirou muitos traços dele.

—*Sabe ela o que somos?*

—*Não exatamente.*

—*Não exatamente?*

—Você tem as mesmas condições que tinha seu papai? —perguntou passando a mão pelo ombro em um gesto maternal.

—Condições?

—*Rechaço ao sol.*

—Ai senhorita, seu papai tinha uma grande alergia à luz solar. Fotodermatitis, chamam. E fixe que aqui na Inglaterra não faz muito sol, mas lembro que uma vez, por engano —esclareceu levantando as sobrancelhas, —deixamos a asa norte com as janelas abertas e erguidas até acima para que se ventilasse a casa e seu pai se queimou e saíram ampolas por todos os lugares...

Meu Deus, essa mulher era uma broca. Mas carinhosa e muito amável, assim Aileen sorriu e se deixou guiar por Maria.

Levou a um salão esquisitamente decorado com uso Art Digo, minimalista e muito quente. Com cores vivas e com caráter.

Uma mesa de cristal, com colunas negras de mármore como suporte, erigia em um extremo do salão. Chaminé, amplos sofás de pele e quadros de assinatura mobiliavam o lugar. Ao lado da mesa, umas extensas janelas davam a seu próprio jardim de propriedade. No jardim havia uma fonte com um Buda enorme de pedra no centro e várias flores de lótus flutuantes. Ao longe se via uma pequena capela branca e vermelha, com almofadas atiradas no chão em seu interior.

—Sente-se senhorita. Parece um pau, tem que comer para que o homem tenha onde agarrar né? —girou e olhou Caleb piscando um olho picaramente.

Fazia realmente isso Maria? Aileen fez como se não tivesse escutado nada.

—Não se preocupe Maria —respondeu Caleb com um sorriso de um lobo que já conhecia Aileen, —Aileen está perfeita como está. Escura, esbelta e tudo em seu lugar —disse com voz rouca.

—Já basta —Aileen franziu os lábios, irritada e olhou Daanna que seguia os comentários muito entretida.

—Não me olhe —disse ela levantando as mãos. —Se ele disser, será verdade.

Por favor... onde demônios se colocou? Quem era o mais louco de todos?

—Eileen...

Aileen paralisou. Acreditava ter ouvido a voz de Ruth, mas não podia ser. Começava a desequilibrar. Certo.

—Ouça, Eileen...

Esta vez estava certa de que ouviu de verdade. Olhou para as escadas que tinha em frente e então a viu.

Ruth estava ali. Com seu cabelo mogno e encaracolado ondeando atrás de seus passos. Seus olhos amendoados e da cor do âmbar e cheios de pestanas grossas e longas olhando com adoração. Um sorriso de orelha a orelha que levantava suas maçãs do rosto e fazia aparecer uma covinha na bochecha.

Vestia um penhoar de homem que ia muito folgado de cor branca e umas sapatilhas de toalha da mesma cor.

Depois dela, Gabriel também vestia outro penhoar azul que fazia ressaltar sua cabeleira loira e lisa. Seus olhos negros a olhavam a ela e Caleb alternativamente, mas quando a olhavam a ela iluminavam de carinho.

—O que é isto? —sussurrou Aileen com os olhos cheios de lágrimas.

—Aileen, ontem de noite mandei os procurar. Encontrei em sua mente que iriam passar o verão com você em Londres. Contatei com eles, fiz passar por um dos trabalhadores de Mikhail. Disse exatamente o que incutamos na memória do serviço da casa de Barcelona, que teve que voar urgentemente por negócios. Sabe seus telefones de cor, não me foi difícil contatar com eles. Disse que você preparava os voos e que os passava a procurar para trazê-los aqui. Pensei que te faria feliz os ter com você.

Aileen não sabia o que dizer. Olhava fixamente, sem piscar. Os olhos alagados de lágrimas de emoção, de agradecimento, de alegria, de ilusão... e também de preocupação.

Não teve tempo para pensar em nada mais. Ruth se jogou em cima, rodeando-a com seus braços, abraçando-a com força e enchendo a cara de beijos.

Aileen se sentia ridícula rindo e chorando de uma vez, abraçando-a com o mesmo ímpeto e acariciando a cara.

Gabriel as abraçou as duas e encheu de beijos Aileen.

Caleb franziu o cenho, enquanto se apoiava na parede e cruzava os braços. Esse Gabriel tomava muitas liberdades com Aileen.

—... tinha uma vontade louca de lhes ver... —disse entre lágrimas.

—O que passou? Tem feito algo o porco de seu pai? —perguntou Ruth preocupada secando as lágrimas com a mão.

—Diga isso e me encarrego isso, Eileen —assegurou Gabriel acariciando o cabelo. —A obrigou a trabalhar com ele, verdade? Não te permite que faça o projeto de pedagogia?

Caleb observava os três. Eram como irmãos. Amavam-se, preocupavam-se com sinceridade um pelo outro. O carinho que se processavam era autêntico. Ao menos, Aileen tinha amigos de verdade.

—Sim... bom, não...

—Espera —a cortou Ruth. —Está estranha... O que te tem feito?

Aileen franziu os lábios esperando que as presas, que a verdade é que eram bastante discretas em comparação com outras que viu, não notassem.

—Seus olhos... —inspecionou como um oftalmologista. —Caramba... são lilás... E os azuis? Onde estão, pequena golfa?

—Vá, sim. São lilás —afirmou Gabriel aproximando muito dela, pensou Caleb.

—Aileen, diga que é uma alteração das células dos olhos e que te mudou a pigmentação.

—Fomos ao oftalmologista —se apressou a dizer Aileen. —Não tem importância. É uma alteração da pigmentação do olho, devido ao estresse e...

—Tem que se afastar do sádico de seu pai ou cairá doente, querida — comentou Ruth fazendo negações com a cabeça. —Também me põe histérica esse homem. Como pode ser que sejam parentes?

—Me acredite, também me parece incrível— murmurou olhando Caleb.

—Há algo mais... —disse Gabriel arranhando queixo e olhando pensativo. —Está... mais... mais espetacular. E seus dentes...

—Uma limpeza bocal ao mês —disse ela tirando ferro ao assunto— e os terá assim.

—Não... há algo estranho em você que...

—Senhores, por favor, tomem assento —interquebrou Maria. —Tenho uma sobremesa muito boa preparada para vocês. Ai, dá tanta alegria ter as pessoas jovem nesta casa —suspirou emocionada. —Cheia de vida.

—Maria é um encanto — disse Ruth passando o braço pela cintura. —Tratou-nos como reis em sua ausência. Já nos disseram que tinha trabalho e que retornaria de noite —se sentaram juntas.

—Sim, de noite —duvidou ela. —Veem a meu lado, Gabri — disse dando uma palmada na cadeira vazia a sua beira. —Caleb. Daanna. Querem... sentar conosco?

Caleb e Aileen se olharam nos olhos durante um comprido momento, imersos, um no outro. Foi quando se precaveu de que Caleb estava pálido e suarento, e as olheiras marcavam como círculos negros ao redor de seus bonitos olhos esmeralda.

—*Caleb?* Perguntou ela inquieta por ele. Nunca o viu assim, e ainda por cima não respondia.

Daanna olhou a seu irmão e em seguida se colocou a seu lado. Ele se apoiou em seu ombro, ela o olhou preocupada. Seu irmão perdia o poder, e com tantas feridas como tinha, debilitava-se e começava a escapar a vida. Nem os cuidados de Menw e Cahal nem os dela podiam fazer nada. Sua cáraid, Aileen, o rechaçou, seguia-o fazendo e não dava consolo. Só Aileen podia salvá-lo com a entrega voluntária de seu corpo.

—*Por que não me responde, Caleb?*

—Me tire daqui — disse ele a sua irmã em um sob sussurro apenas audível. —Não quero que me veja assim.

Daanna o acompanhou até a porta. Aileen os alcançou antes que saíssem por ela.

—Aonde vão? —perguntou apressada.

—Aileen, Caleb necessita que...

—Não, Daanna —a cortou ele com os olhos úmidos e avermelhados. —Só preciso descansar. Ainda me dói as costas.

Aileen abaixou o olhar e tragou saliva. Queria acalmar Caleb, ajudá-lo para que se sentisse melhor. Já fez o que Daanna sugeriu. Escutou-o. Perdoou-o. Ela sabia que havia algo mais por fazer com Caleb. Mas o que era?

—Fica um momento mais, por favor —pediu ela.

—Não podemos —respondeu ele. —Terá que fazer a guarda. Esta zona já está vigiada por vaniros e berserkers. Mas falta a zona central por cobrir, onde há mais alvoroço. Iremos para lá, ali nos necessitam. E você precisa estar com eles.

—*E os guardas? Aqui também necessito*. Surpreendida por sua própria resposta, Aileen o olhou à cara e ele nem se alterou. Difícil que era para ela admitir isso, e Caleb a ignorou.

—Amanhã nos vemos certo? —disse Daanna forçando um sorriso de tranquilidade.

Deram a volta para ir dali.

—*Boa noite, Caleb. Muito obrigado.*

Aileen fechou os olhos e enrugou a frente.

—*Por que não fala comigo, Caleb? Fiz algo mal*? Grunhiu confundida.

Mas Caleb e Daanna já levantavam voo. Aileen mordendo o lábio e arrastando os pés retornou ao salão. Ruth e Gabriel a olhavam espectadores. Ela não sabia como atuar.

Resultava que era rica. Que era híbrida por nascimento. Que tinha seus melhores amigos em sua nova casa, onde tinha serviçais ao seu dispor. Nosferatus, humanos e lobachos, açoitaram por ser híbrida. Agora também a perseguiriam. Mikhail, que era o precursor desse movimento contra vaniros e berserkers, feito passar por seu pai durante muitos anos. Fazia seis dias que o viu morrer. Agora resulta que estava vivo, que vinha a Londres com Víctor, quem acreditava que era um de seus melhores amigos. Mas não, era um traidor. Um conspirador. Descobriu que tinha um avô fantástico que era um berserker. Entretanto, nenhuma dessas coisas preocupavam tanto como o gesto de derrota e cansaço de Caleb. Sim. O mesmo vanirio que a havia meio violado e a arrancou de seu falso lar. Agora, depois de tudo, estava triste e ferida porque não respondeu mentalmente. Porque não ficou quando ela pediu. Porque não falava com ela. Era como se tivesse quebrado a comunicação. E porque Caleb tinha que fazer tudo tão bruscamente? Se inteiraria desse acreditado vaidoso.

Olhou a seus amigos e sorriu. Indevidamente pensou que eles estavam ali graças a ele. Brave, seu cachorro, estava em Wolverhampton graças a ele. Graças ao que ele fez, ela chegou a lembrar de quem era. Embora foi bruto e cruel. Mas ele a fez lembrar. E se não a tivessem sequestrado e tivesse sofrido a transformação em Barcelona, nas mãos de Mikhail e do Newscientists? Um calafrio percorreu todo seu corpo. Jamais haveria voltado a ver seus amigos.

—Encontra-se bem, querida? —perguntou Ruth com um de seus olhares intrigante.

—Sim. É só que foi um dia muito duro...

—Já —respondeu desafiante. —Me vais contar o que há entre você e esse homem saído de uma mescla entre a revista Vogue e os gibis do Marvel? A virgem... Eileen —exclamou Ruth entreabrindo os olhos. —Como pode estar tão bem?

—Não é para tanto —disse Gabriel bocejando.

—Não há nada importante —disse Aileen olhando à porta, lembrando o rosto de Caleb.

—Claro, e eu sou Megan Fox —comentou sarcástica.

—Já quisesse — disse Gabriel.

—Não desvie. Focalizemos, cari — ordenou Ruth. —Ele a olha como se fosse dele. Como uma posse. Me poria brincalhona que alguém me olhasse assim.

Aileen seguia pensando nele. Não o tirava da cabeça. Queria estar com ele, que tomasse entre seus braços e que juntos, pusessem-se a voar como antes. Foi a melhor experiência de sua vida.

—Está-me voltando louca... —reconheceu em voz alta agarrando a cabeça.

Gabriel e Ruth puseram os olhos como pratos.

—Então é certo? —perguntou Gabriel. —Há algo entre vocês.

Maria trouxe um brownie enorme de chocolate e nozes, com chocolate quente por cima e três bolas de baunilha.

—Esteve comendo assim desde que está aqui? —assobiou Ruth. —Você não pode comer isto. É diabética, céu.

—Estou muito melhor —disse ela lançando pelo brownie. Necessitava consolo, tinha mais fome que Jesus em seus quarenta dias de retiro no deserto e o chocolate ia dar ambas as coisas.

—Não, Aileen —Ruth a agarrou pelo pulso.

—Não se preocupe —fincou a colher na bolacha. —Estou muito controlada.

Ruth a olhou intrigada. Aileen nunca se comportava assim.

—Você gosta muito, desse homem, verdade? —perguntou inquisitiva entrecerrando os olhos. —A vejo transtornada.

Aileen tragou o brownie e a olhou surpreendida pela rapidez com que Ruth afirmava as coisas.

—Esse homem me turva —disse Aileen fincando outro pedaço na sobremesa e mesclando esta vez a bolacha com a bola de baunilha. —E me enche o saco como ninguém.

—Olha-o como se esperasse algo dele. Algo que não te dá—disse Gabriel. —Meu cão olha assim quando estou comendo pizza de quatro queijos.

—Não —corrigiu Ruth. —Olha como está olhando o brownie, como se queria fincar o dente. O que te passa? Te deixo seis dias e se converte em uma vampiriza.

Aileen sorriu para dentro. Sua amiga não sabia o perto que estava da verdade essa insinuação.

—Ela é muito bonita —comentou Gabriel como quem não quer a coisa.

—É sua irmã — informou Aileen lambendo a colher. —chama-se Daanna.

—Um nome muito bonito —disse ele. —Tem namorado? Ela sim que se parece muito ao Megan Fox.

—Não estou certa de que tenha namorado.

—Gabriel não nos corte —o arreganhou Ruth. —Deitou-se com Caleb?

Toma já. Que direta era Ruth. Aileen se engasgou. Esforçou em agarrar ar.

—OH Meu Deus... —sussurrou Ruth com um amplo sorriso de incredulidade. —Tem feito...

—Ruth, não quero falar disso —obscureceu o olhar e então foi quando Ruth se preocupou.

—O que passou? Comportou-se bem?

Gabriel tampou os ouvidos e apertou os olhos com força. Não queria escutar.

—Fez mal Aileen? —segurou-a pelo rosto e a olhou fixamente. —Conta.

—Não o entenderia...

—Conta-me, a primeira vez é bastante confusa quanto às sensações. Dói, sente queimação... e quase nunca chega ao orgasmo.

Ah não? Pensou Aileen. Ela sim que chegou ao orgasmo. Duas vezes com ele dentro. Tão dentro que ainda podia senti-lo no estômago.

—O que? Fala. Sou sua amiga, Aileen.

Aileen mordeu o lábio, um pouco envergonhada.

—Foi sexo selvagem. Não houve emoção, nem sentimentos, nem confiança nem nada que nos vinculasse de algum modo. Só sexo.

—Sexo selvagem em sua primeira vez. Caramba... E não pareceu... bem? —perguntou confusa.

—Já sabe como penso Ruth. Minha primeira vez tinha que ser especial, com alguém a quem eu quisesse. Com meu verdadeiro casal. Queria me abrir para o homem ideal.

—Tem que deixar de ler Kika Leypas.

—Lisa Kleypas —a corrigiu Aileen afogando uma gargalhada.

—Bom, quem seja. Isso o pensamos todas... sabe? Mas logo descobre que tem que puxar a muitos sapos até que encontra a seu príncipe.

—O que passou com os beijos? —perguntou Aileen rindo.

—Estamos no século vinte, céu. Enfim. Gozou?

—Sim — tampou o rosto com as mãos envergonhada.

—Então esse homem sabe o que se faz.

Por muito que o tentasse explicar, sua amiga nunca entenderia o que ela havia sentido fazia cinco noites com Caleb. Terror, medo, pavor... e logo ardor físico, calor vulcânico, as chamas a queimavam, as mãos de Caleb a marcavam por todos os lados. Até que se fundiu e logo quando despertou era alguém distinta.

Sentia obstruída por todas as perguntas a que a submetiam. Adorava Ruth, queria como a uma irmã, igual a Gabriel, e agradecia de coração que estivessem com ela, mas estava cansada e sua cabeça se dividiu em duas. Uma parte estava com Caleb, tentava ficar em contato com ele. A outra estava ali, no salão, tentando falar com seus amigos. Mas ela estava partida, porque inclusive essa parte queria roçar a mente do vanirio . E ele tinha fechado a porta.

Queria descobrir seu quarto e voltar a dormir. Custou muito tomar a decisão, mas ao final, por seus bem e pelo de seus amigos, decidiu o mais conveniente.

—Ruth e Gabriel, me olhem —baixou sua voz uma oitava e falou com um tom suave e melódico. —Subam a seu quarto e vão à cama.

—Vamos à cama —repetiram os dois como zumbis.

Imediatamente se levantaram e subiram as escadas, obedecendo às ordens de Aileen.

Ficou sozinha na mesa. Quanto poder tinha? O só pensar nesse fato, fez que se estremecesse. Apoiada com os cotovelos, afundou a cara entre suas mãos e penteou seu cabelo para trás com os dedos, entrelaçando-os finalmente em sua nuca e jogando a cabeça para trás.

—*Caleb, o que é o que me está fazendo...* —sussurrou desesperada.

Maria entrou em salão e recolheu a sobremesa que tinha sobrado. Aileen entrou sutilmente na cabeça da mulher, e obteve imagens de tudo o que tinha a casa. A garagem, a piscina interior, o ginásio, os quartos, a biblioteca, a planta inferior... Sua casa era preciosa.

Levantou apoiando-se na mesa, e com os ombros cansados se dirigiu a seu quarto.

—O senhor Caleb é um bom homem —disse Maria em tom conciliador.

Aileen parou na escada e girou a cabeça para olhá-la por cima do ombro.

—Seu pai confiava muitíssimo nele. Sabe o que, senhorita Aileen? Eu não sou tola. Desde que conheço Caleb, ele não envelheceu nunca, igual a seu pai. Nunca me quiseram dizer isso, mas eu sei o que são vocês. Eu tenho o terceiro olho muito desenvolvido —tocou o sobrecenho com um sorriso. —Seja o que sejam, nunca me têm feito mal, ao contrário, trataram-me muito bem e é por isso pelo que os respeito e os valorizo. Eu quis muito a seu pai sabe? E espero ganhar seu coração também. Você é diferente de seus amigos, é diferente de mim... mas se parece muito a Caleb. Os dois têm a mesma aura poderosa ao redor. Quase as mesmas cores.

Aileen duvidava em confessar com a mulher, mas a escutava com atenção e assombro.

—Tem medo de Caleb, mas entretanto sente algo muito poderoso por ele. Ele se preocupa com você senhorita.

Apartando esse comentário de sua memória perguntou:

—Maria... disse algo a meus amigos sobre o que você... acredita que sabe?

—Nunca senhorita. Seu segredo está a salvo comigo. Eu nunca a trairei. — Aileen respirou tranquila e a olhou agradecida.

—Então, sabe muitas mais coisas que eu, sobre mim mesma, sobre minha casa, sobre meu pai...

—OH sim, senhorita —sorriu com ternura. —Você deixe que a cuidemos e que nos ocupemos de tudo. Limite a viver, minha menina. Algo que necessite, pede-nos isso senhorita. Algo. E se algum dia precisa falar de seu pai... Eu estarei encantada de falar dele. Agora descanse. Amanhã apresentarei ao resto do serviçais.

Aileen sentiu que umedeciam os olhos. Assentiu com a cabeça e foi a seu quarto para descansar. Compreendeu que podia delegar algo a Maria, sua intuição berserker assim o dizia.

Uma vez em seu nova quarto, descobriu que tinha os armários cheios de roupa nova e ainda com a etiqueta. Nunca em sua vida teve tanta roupa. Havia um papel com uma nota, pendurado em um cabide.

Aileen, tomei a liberdade de te encher todo um armário. Já sabe que aos vaniros gostam da moda. É obvio, a mim também. Espero que você goste. Alguns vestidos os escolheu Caleb, mas não quer que saiba.

Talvez poderia te pôr um amanhã para impressioná-lo, não?

DAANNA

Ao melhor, pensou Aileen enquanto tocava os vestidos tão suaves e sexy que escolheu. Se isso fazia que o arrogante vanirio falasse outra vez e se fixasse nela, faria.

Tirou a roupa, entrou na cama coberta com um edredom nórdico branco e apagou o abajur de noite. Fechou os olhos e o tentou pela última vez.

—Caleb... preciso falar com você. Não sei por que, mas o necessito, assim me responda.

Precisava sentir que ele estava ali com ela. Necessitava-o como o ar para respirar. Subiu os joelhos até seu peito e ficou encolhida em posição fetal, com seu cabelo de ébano esparramado pelo travesseiro.

—Por que me faz isto? Caleb... por favor... necessito-te.

Depois de chamá-lo durante horas, acabou rendida e abatida.

Que... ódio. Dormiu, enquanto as lágrimas deslizavam por suas bochechas e acabavam no travesseiro.

Enquanto sulcavam o céu, Daanna mantinha seu irmão sobre suas costas. Por sorte as mulheres vaniras tinham força.

—Caleb, tem que reclamá-la ouve? Olhe como está... —gritou desesperada.

—Não. Ela tem que vir para mim... —murmurou com os olhos fechados.

—Vai morrer, Caleb... Não pode aguentar nem um só dia mais. Já perdeu muito sangue, e gastou todo o poder que ficava ao te empenhar a voar com Aileen.

—OH, se... —sorriu meio ido. —E o voltaria a fazer. Viu que cara tinha? Estava preciosa.

—Caleb — suplicou secando as lágrimas. —É meu irmão. Não quero que te faça isto. É o guerreiro líder, o mais forte. Não podemos te perder. Eu não quero te perder...

—Causa e efeito, irmãzinha —murmurou contra suas costas. —Causa e efeito.

Daanna pegou mais velocidade e se mesclou com as nuvens. Se seu irmão pensava que acabaria assim, deixava claro. Caleb era um guerreiro forte e temível por todos. Guiou seu povo contra os romanos, participou de muitas guerras e além disso liderava seu clã. Era Caleb da Britannia.

Aileen o necessitava, só que tinha que familiarizar-se com esse sentimento de dependência. E ela, a ia fazer saber.

Capítulo 15

A manhã seguinte o som da canção de Buffy A caça Vampiros[28] despertou. Franziu o cenho e esfregou os olhos que ainda estavam úmidos depois do ataque de pranto. Olhou a sua direita e sobre a mesinha de noite viu um iPhone soando. “Daanna calling.”

Muito apropriada à música.

—De quem se supunha que era esse telefone? —Aileen agarrou o celular e o desprendeu.

—Sim?

—Bom dia —disse a voz de Daanna do outro lado.

—Olá —estirou e pensou imediatamente em seu irmão. —Está aí Caleb?

Daanna ficou em silêncio uns segundos.

—Não. Não está.

—Onde posso encontrar?

—Quer ver? —perguntou com um tom esperançoso.

—Tenho que falar com ele.

—Veem esta noite a Birmingham e o verá. Hoje é noite de solstício. Lua cheia.

—E o que faço com meus amigos?

—Traz. Melhor que estejam conosco que estejam sozinhos.

—É certo?

—Esta noite não há nada certo, Aileen.

—Já... —ficou pensando. —Obrigada pelos vestidos. Quanto devo?

—Nada. É um presente de Caleb.

—Tenho que pagar Daanna —respondeu enquanto pensava emocionada pelo detalhe do vanirio. —Há muito dinheiro nessas roupas.

—Se de verdade o quer agradecer, te encontre com ele em Birmingham. Veem esta noite.

—E o celular? Supõe que é meu? Posso mudar a música do tom de chamada?

Escutou como Daanna ria.

—Aha. Estão todos os telefones dos membros do clã e de todas as pessoas que conhecemos e nos ajudam casualmente. Algo, chama-os e estarão dispostos a entregar sua vida por você.

—Que simpáticos —sussurrou sem emoção caminhando para a janela e apertando o botão para que abrissem as persianas. O dia era muito nublado em Londres. Para variar. —Está bem. Esta noite nos vemos. Onde?

—No The Queens Arms. No centro de Birmingham. Ali estará nosso grupo de guarda. Alguns berserkers virão também conosco.

—E o que se supõe que passará esta noite?

—O que passa a noite antes do solstício e a lua cheia. Guerra e caça, querida.

Aileen sentiu como algo em seu interior despertava. Algo forte, desafiante e ofegante de adrenalina.

—Ao entardecer, ali OK?

—Sim. É certo que Caleb virá?

---

[28] *Seriado americano sobre vampiros.*

—Sim. Ele virá.

A manhã passou rápida. Os três amigos tomaram café da manhã juntos. Riram dos comentários da Ruth sobre os cafés da manhã altos em gorduras e estimuladores de hipertensão que comiam os ingleses. Aileen sorteou as perguntas sobre Mikhail como pôde, e inventou o que acreditou necessário para explicar qual era o papel de Caleb e Daanna na empresa. Gabriel não deixava de olhá-la a meio passo entre o encantamento e a estranheza.

Aileen sabia que Gabriel notava algo distinto nela, algo que Ruth ao ser uma fêmea, não percebia. Mas Ás já advertiu sobre a reação que ela faria ter ao sexo oposto como híbrida.

Maria, escondido de Ruth e Gabriel, apresentou ao resto dos serviçais entre os que havia um chofer chamado Igor de pele negra de quase dois metros de altura e outros dois de largura. Dois meninos mais que se encarregavam dos jardins e as piscinas. E três mulheres mais, ambas de cabelo branco e comprido e muito parecidas entre elas. Era um serviço um tanto estranho, mas gostavam. Eram só sete pessoas para uma mansão. Ali havia muito que fazer.

—Quanto lhes pagava meu pai? —perguntou- Aileen a Maria.

—O suficiente senhorita.

—Aqui há muito trabalho, Maria. Eu subirei o salário.

—Menina — colocou a mão nas costas. —Nós vivemos aqui, com você. Você nos dá um teto, e certo que nos pagamentos muito, muito bem. Tudo o que fazemos, fazemos contentes e com gosto.

Maria era um encanto de mulher. O grandalhão de Igor era um desses homens com corpo excepcional mas com a mente e o coração de um menino pequeno. Aileen pegou carinho em seguida. E as três mulheres a olhavam e sorriam mas falavam bem pouco. Foram irmãs de clausura, conforme comentou Maria.

—Não há nenhum homem com você, Maria? —se importava porque a mulher seguia sendo formosa a sua idade. —Um marido, talvez?

—Meu marido morreu, menina — disse docemente com o olhar cheia de melancolia.

—Sinto muito, muito — desculpou, mas seguia sem entender por que não encontrou ninguém.

Essa mesma manhã pediu a seu novo chofer que os levasse a dar um passeio por Londres. Viram o Hyde Park, o Big Ben, o Westminster e acabaram no clube de futebol do Arsenal por petição expressa de Gabriel.

Depois comeram com o Igor em um restaurante de comida japonesa onde descobriram que Gabriel se dava mal ao usar os paus para pegar o sushi.

—Então... —comentou Gabriel enquanto brigava com uma parte de sushi. —Esta noite vamos a Birmingham?

—Sim —Aileen esclareceu a garganta. —combinei com Daanna, Caleb e seus amigos. Os vão conhecer, tanto as garotas como os rapazes são super atrativos.

—Eu me conformo enquanto estejam como o muito moreno perigoso de Caleb —disse Ruth abertamente enquanto ria de Gabriel e sua estupidez. Muito moreno perigoso? Sim. Sem lugar a dúvidas, pensou Aileen.

—Aileen —comentou Gabriel elevando uma sobrancelha, —já falou com a Universidade pelo de seu posto de trabalho? Já os conheceu?

Aileen tragou o arroz que tinha na boca e esclareceu a garganta inquieta.

—Não tive tempo —nem teria. Como começaria a trabalhar com um grupo de pedagogos e educadores quando ela já não era humana?

—O nazista de seu pai não permitiu isso? —perguntou Ruth bebendo de seu copo da Coca-cola Light. —Sério, Aileen, terá que parar os pés de algum modo.

Quanta vontade tinha de poder dizer a seus adorados amigos tudo o que aconteceu. O que aconteceria se dissesse que ela era uma mescla de mulher lobo e vampira?

—Sim —sussurrou. —Porei remédio.

Seguiram falando do tempo de Londres, dos dias que ficariam seus amigos ali, de seu até agora afastado trabalho de pedagogia... todas essas coisas das que podiam falar três pessoas que se conheciam desde muito pequenos. Com confiança e animosidade passaram o dia até que chegou o entardecer.

Igor os levava de carro até The Queen Arms. Aileen colocou um vestido lilás da Moschino, que chegava três dedos por baixo das nádegas, pegava à nuca e que deixava seus ombros descoberto. Gabriel disse que não tinha claro se era um vestido ou uma camiseta um tanto longa. Ruth entretanto a animou a fazer uma pose de modelos na entrada da casa. Como calçado, usava uns sapatos negros que pegavam à panturrilha com tiras de pele de estilo romano e que deixava que vissem os dedos. Fez uma manicura francesa, e seus pés tinham o toque feminino necessário para luzir esse tipo de acessórios. Tinham um pouco de salto, mas tampouco muito. Queria ir cômoda, mas também muito sexy. Guerra e caça, disse Daanna.

Pegou uma levita negra para a noite. Certo que refrescaria, como sempre. Inglaterra era assim.

O carro os deixou diante de um edifício que abrangia toda uma esquina. O andar de baixo, tinha estrutura de madeira verde e estava decorada com colunas brancas. A parte de acima, era de tijolo inglês avermelhado e janelas brancas. Havia um letreiro que punha “MITCHELLS AND BUTLERS”.

Aileen colocou a jaqueta. As ruas estavam abarrotadas de gente jovem com vontade de festa. Muitos deles tomavam cervejas fora dos pubs, enquanto conversavam animosamente.

Aileen pensou que os ingleses pareciam muito mais civilizados em seu país que quando passavam as férias sob o sol de Barcelona. Então sim que se desmamavam.

Daanna saiu do pub e os saudou. Aileen colocou a jaqueta, e pegou sua bolsa colocando depois das costas.

—Entrem, estamos dentro —disse Daanna olhando com aprovação. —Caramba Aileen, está impressionante.

—Estão... todos? —perguntou Aileen abrindo os olhos.

—Sim, todos.

A última em entrar foi Aileen. Os homens a repassavam de cima abaixo e a aclamavam.

—Atento, Caleb —disse Cahal quando viu entrar a híbrida. Sorriu divertido.

Caleb, estava sentado reclinado contra a parede, bebendo uma cerveja. Quando viu aparecer Aileen, o líquido espumoso ficou a meio caminho. A jovem se alvoroçou um pouco o cabelo, que emoldurava de forma graciosa a cara. Seus olhos lilás faziam jogo com o vestido. Suas pernas esbeltas, longas, exaltavam sua feminilidade e faziam desejar a um homem ser rodeado por elas. O vestido que ele mesmo comprou pela Internet era todo um desafio. Apertou a jarra de cerveja e desejou não tê-lo pedido nunca. Os homens a comiam com os olhos e as mulheres a olhavam com admiração. E ele queria sacudi-la, recriminá-la por provocar daquele modo e logo arrancar o vestido e substituí-lo por suas próprias mãos.

Aileen ignorou tudo os louvores que ouvia suas costas e se dirigiu para a mesa. Seu olhar passou de Caleb às duas mulheres loiras que sentaram ao lado. Duas preciosidades nórdicas, observou irritada. Eram vaniras, se as observava bem podiam se ver suas pequenas presas aparecendo por seu lábio superior, embora tentavam escondê-los. Caleb estava relaxado, com os dois braços apoiados sobre os respaldos das cadeiras das garotas. Como um conquistador.

Aileen o olhou desafiante, e ele viu como ela levantava uma sobrancelha e sorria com frieza. Que fazia ele com elas? Tinha vontade de marcar o território, golpear às loiras até fazer uma versão feminina do homem elefante e logo cortar as bolas de Caleb. De onde saía toda essa fúria corrosiva? Tinha que controlar.

—Menos mal que chegamos —disse Ruth irritada olhando para trás. —Há uma matilha humana que quer pular em cima de Eileen.

Aileen olhou Caleb e o sentiu incômodo e bravo por esse comentário.

Por que reagia assim? Pelo visto gostava das loiras, meditou raivosa e decepcionada. Sentiu os dardos de um ciúmes irracionais que atravessavam o estômago.

—Perdoa, bonita —disse um rapaz atrás dela.

Aileen girou, olhando ainda de soslaio a Caleb, e quando viu o rapaz que aproximou, aumentou os olhos com surpresa e sorriu amplamente.

—Bob?

O rapaz devolveu o sorriso e deu um beijo na bochecha. Aileen no momento se esticou. Bob estava ligeiramente nervoso e não gostava que outro homem aproximasse tanto. Com todos seus sentidos desenvolvidos, soube ao momento que Bob não a via só como uma amiga.

—O que faz aqui? —perguntou ela.

—Saí para tomar umas cervejas com meus... amigos. E você?

—Né... como vê, no final encontrei meus amigos em Wolverhampton. Temos sal...

Aproximando mais da conta, inclinou para falar com ouvido e cortá-la.

—Não me ligou — recriminou simulando aborrecimento. —Suponho que perdeu meu papel com o número de telefone.

Aileen lembrou que Bob deu o telefone. O papel estaria no jeans que emprestou Daanna e que entrou diretamente na máquina de lavar roupa.

—Não me esqueci de você. É que...

Imediatamente Bob deixou de olhar Aileen, para olhar algo uns vinte centímetros por cima de sua cabeça, sem dúvida mais alto que ele.

Aileen girou e viu Caleb, com o olhar obscurecido e a mandíbula pétrea.

—Toma —Caleb entregou cinco dólares a Bob. —O dinheiro que emprestou. No final, não teve que utilizá-lo. Agora, já não deve nada. Assim parte e deixa de babar.

Bob arqueou as sobrancelhas, desafiando-o.

Aileen o olhou de marco em marco. Como se atrevia? Caleb, a puxou pelo cotovelo sem nenhuma delicadeza e a convidou que saísse do pub. Todos os vaniros, seguiram-no.

—Mais certo que me solte, porco arrogante.

Caleb não a escutava. Ignorava-a. Uma vez na rua Caleb a fez girar bruscamente e franziu o cenho olhando de cima abaixo.

Ruth e Gabriel se olharam intrigados. Aquela situação era muito violenta. Sem dúvida se encontravam em meio de uma discussão. Mas não sabiam, nem como nem por que se iniciou.

Aileen começava a enfurecer e respirava agitadamente, o peito subia e baixava a grande velocidade.

—Por que tem feito isso? Ele me ajudou quando... —tentou escapar de sua mão, —eu não mencionei nada de Bob. Como sabia que...?

—Seu avô me explicou isso. E me importa uma merda, Aileen. Andando — empurrou levemente para que empreendesse a marcha.

Aileen nunca se sentiu tão envergonhada, e o pior era que ela não tinha nada do que envergonhar. Além disso, fazia um momento ele estava encantado com os cuidados das duas loiras. E de repente, levantou como alma que leva o diabo ao vê-la falar com Bob. E agora se encontrava na rua, indo para algum lugar onde Caleb se sentisse mais cômodo. Nem pensar.

—Nem pensar, monstro — olhou a seus olhos chorosos e avermelhados. Caleb parecia débil.

O vanirio sentiu uma pontada ao voltar a ouvir essa palavra de sua boca. Uma boca carnuda, úmida e hidratada.

—Ouça, você... —Bob apareceu entre a multidão reunida na rua. —Por que não a solta? Ela não quer ir com você.

—Drama, drama —murmurou Ruth emocionada pelos acontecimentos. —Uma princesinha espantosa entre um jogador de rúgbi e um homem que parece um dos imortais. Eileen, é toda uma quebra corações.

Bob agarrou Caleb pelo ombro e imediatamente Cahal e Menw jogaram em cima.

—Nem ocorra, guri —disse Menw meneando a cabeça de um lado ao outro. —Pelo seu bem.

—Já vejo —murmurou olhando Caleb. —Assim tem babás... É um neném?

—Bob, deixe — disse Aileen pondo uma mão no peito. Caleb tinha muita força e poderia lhe fazer mal.

Imediatamente Caleb grunhindo pegou pelo pulso e afastou a mão, olhando-a iracundo. Removia o estômago quando sua cáraid tocava a outro.

—Não o toque, Aileen.

Aileen apertou a mandíbula e sentiu que a ira percorria as vísceras e queimava os últimos vestígios de seu controle e de sua compreensão.

—Me deixe em paz, Caleb... Irei com quem me dê vontade... —gritou apertando os punhos a ambos os lados de seu corpo.

Caleb a ignorou e a agarrou pela mão, puxando-a.

—Seu irmão é um pouco , não acha? —perguntou Gabriel a Daanna.

Daanna fez uma careta com os lábios. Bob era um inconveniente a seu plano. Supunha que Aileen devia arder de ciúmes ao ver Caleb com Mina e Lona e que ao sentir esse sentimento sua veia berserker tão territorial a tivesse feito arranca-lo e depois de uma soberana bronca sua veia vanir a tivesse feito come-lo inteiro. Thor fez isso a Jade e funcionou. Mas não, esse tal Bob estava complicando as coisas.

—Sabe o que? É um autêntico filho de cadela — disse Aileen enquanto lutava com ele. Para variar, não respondeu.

Então tudo passou muito rápido. Bob correu atrás deles e bateu em Caleb atirando-o ao chão. Aileen se afastou assustada. Caleb grunhiu de dor e ficou tossindo, de quatro.

Menw e Cahal foram pegar Bob e o imobilizaram. Ruth e Gabriel correram e colocaram ao lado de Aileen. Daanna socorreu Caleb, que tentava respirar.

Um montão de gente rodeou a cena e de repente se ouviram gritos horripilantes. Dos cristais do pub, saíram corpos despedidos que caíam sem vida contra a borda da rua. Duas bestas desumanas correram de quatro, como macacos, e com um rugido mostraram os dentes cheios de sangue.

—Lobachos... —gritou Menw.

Cahal e Menw correram a parar as bestas, sobrevoando os carros e saltando por cima das cabeças dos peões. Três homens muito pálidos e magros se aproximaram de Aileen. Tinham as jubas negras e os olhos da mesma cor. As caras frias e sem expressão olharam Daanna e a desafiaram. As pessoas corriam desenquadrada de um lado ao outro.

Daanna se moveu à velocidade da luz e com um movimento próprio de um samurai tirou sua adaga e a espetou no pescoço de um dele transbordando a garganta. O vampiro caiu de joelhos segurando a carne aberta e fazendo dramalhões. Um dos outros dois a agarrou pelas costas e então Gabriel o golpeou com uma das madeiras que saíram despedidas do pub. O vampiro girou para Gabriel e só com o olhar o fez voar pelos ares até que impactou na janela dianteira de um Volkswagen vermelho. O alarme começou a soar imediatamente. Gabriel olhou o vampiro e viu como este perdia o brilho malvado de seus olhos. Com os olhos abertos dirigiu o olhar a seu peito, e viu como a mão de Daanna fundo sua adaga até o coração. Nada mais ficar desabado no chão, o corpo começou a arder por si só.

—Apodreça no inferno —falou Daanna.

Ruth estava paralisada, o outro vampiro sorriu a Aileen e logo a olhou. Ruth não soube como o obteve, mas o vampiro a tinha entre seus braços e ela tinha o pescoço descoberto e inclinado para trás.

—Não, Ruth... —gritou Aileen.

Aileen correu como um ciclone e agarrou ao vampiro pelo cabelo. Puxou e o fez voar pelos ares. Impressionada por sua força, olhou as mãos. Eram igualmente frágeis como sempre, mas ela por dentro já não era. Era uma híbrida.

Ruth saiu de sua letargia e olhou impressionada ao redor.

—O que passou?

—Não se separe de mim — disse.

Aileen colocou Ruth atrás e olhou para o céu. Vinham mais, muitos mais. Mas então divisou um grupo de rapazes que corriam para eles.

Eram berserkers, liderados por Noah e Adam. Colocaram a seu lado e as rodearam fazendo de escudos humanos.

—Aproximam — disse enquanto observava o céu.

Seus vaticínios se cumpriram. Um grupo de cinco vampiros aterrissaram sobre suas pernas e os rodearam. Um deles desviou e centrou em Caleb, que ainda estava prostrado de quatro, olhando impotente tudo o que acontecia. Dois lobachos foram por Daanna, que lutou como pôde com eles.

—Aileen, meu irmão... —gritou ela com o rosto assustado. Caleb estava indefeso.

Nesse momento, as duas loiras o ajudaram a levantar. Mas um lobacho aproximou por atrás e ambas puxaram em cima deixando Caleb só de novo.

Caleb perdia o conhecimento e apenas prestava atenção.

Os berserkers carregaram os vampiros. Cahal e Menw chegaram a tempo para parar três nosferatus mais que chegavam recentemente. Parecia que choviam do céu.

Menw esquivou um murro, agachou para esquivar uma patada que ia à cara e quando voltou a se levantar atravessou o peito do vampiro com seu próprio punho. Entre abeto, agarrou o corpo sem vida do vampiro e o lançou contra os Lobachos que lutavam com Daanna. Acompanhando o impacto dos corpos, Menw se lançou sobre um deles e abriu a mandíbula com as mãos até desconjuntá-la e abrir o crânio.

Daanna e ele se olharam fixamente. Menw tirou a adaga de sua bota, e de um salto bloqueou o outro lobacho que lançava de novo por ela. Arrancou a cabeça com a adaga. Voltou a olhar.

—Problemas? —perguntou ele. —Não deveria estar aqui, Daanna.

—OH, se cale... quer?

Aileen estava horrorizada pelo que via. Aquelas coisas eram bestas sem alma. Só sabiam fazer mal, atacar aos humanos e destroçar tudo o que cruzava pelo caminho. Sem perder detalhe de nada, deu um salto por cima dos berserkers e socorreu Caleb, que já se levantou do chão.

Então o vampiro que ela jogou pelos ares voltou para proibir o passo. Agarrou-a da garganta e a elevou do chão.

—Você vem comigo, bonita — disse mostrando as presas e arrastando as letras de um modo que fez que Aileen retorcesse de asco.

—Solta agora mesmo.

Aileen olhou Caleb, que estava de pé, olhando. Tinha a cara cheia de esgotamento mas os olhos plenos de determinação.

—Vá, vá... A quem temos aqui? —disse o vampiro.

—A toca, e abro um canal —sua voz era uma séria ameaça. Uma promessa.

Aileen retorceu e golpeou a cara do vampiro com o salto. Soltou com um grito de dor e ela caiu de costas. O vampiro tinha um buraco aberto na bochecha do qual jorrava sangue espesso e negro.

—Puta... vai A... —caiu sobre ela.

Não pôde dizer mais. Caleb o agarrou pelo pescoço e moveu seu braço de cima abaixo, cravando a adaga no coração.

Aileen arrastou para trás, apartando assustada quando o corpo do vampiro começou a arder.

—Me deixe... —ouviu gritar Ruth.

Um lobacho rasgou a camiseta arranhando a pele e fazendo um feio arranhão no estômago.

Caleb correu para ela e se intercolocou entre os maxilares e as garras do lobacho e o corpo pálido e frágil de Ruth. O ombro, o peito e o pescoço de Caleb ficaram esmigalhados, aberto e sangrando. Caleb caiu de joelhos ao chão e se desabou como um peso morto para frente, não sem antes alongar o braço e abrir ao Lobacho em canal do peito até o púbis.

—Não... —Aileen correu para Caleb com lágrimas nos olhos.

Daanna que acabava de matar a outro lobacho que mordia a um vagabundo, ajoelhou ao lado do corpo de seu irmão. E Ruth se limitou a ajoelhar de cócoras e abraçar as pernas.

—Brathair... Briga, Caleb... —os olhos azuis de Daanna o olhavam cheios de lágrimas. —Menw...

Menw correu para eles.

—Por favor, Menw, por favor... Caleb está muito mal, terá que fazer algo —olhou Menw como se ele pudesse solucionar aquela situação.

Menw soltou uma maldição e carregou o corpo de Caleb. Impulsionou e desapareceu nos céus.

Uma manada de berserkers e vaniros foram socorrer, e isso provocou a retirada dos vampiros. Mas nenhum pôde sair dali com vida. Os vaniros os caçaram no céu e se viu como os corpos caíam ardendo em chamas.

—Aonde o levam? —perguntou Aileen levantando desesperada.

—Me escute —Daanna a agarrou pelos ombros e a sacudiu obrigando a olhá-la. Seu tom era duro. —Caleb está assim por você. Ouve-me? Está fraco por sua culpa.

—O que diz? —tentou escapar.

—Quando Caleb a pegou, ele ainda não sabia quem era. Ninguém sabia, Aileen. O que ele pensou para você depois de deitar com você era te converter. Caleb queria trocar o sangue com você para fazer uma vanir como nós. Mas não fez. Não fez porque descobriu que você era inocente, assim que lhe deu a oportunidade de viver, de seguir vivendo sua vida com normalidade. Deixou escolher. Agora inclusive deixa escolher. Caleb descobriu que você era sua cáraid depois de deitar com você e beber seu sangue.

Aileen empalideceu. As lágrimas caíam por suas bochechas. Os lábios tremiam e não deixava de negar lentamente com a cabeça.

—Outros vaniros teriam submetido a eles sabe? Não teriam deixado escolher, porque sua sobrevivência depende de você. Mas ele sim, porque queria que seu casal o perdoasse e logo fosse a ele por própria vontade. Após meu irmão deixou que o açoitassem e o ferissem de morte, Aileen. Sofreu a dor do rechaço de sua cáraid. Quando um vanirio prova o sangue de sua cáraid, esta se converte em sua energia vital e tem que tirar dela cada dia. Se sua cáraid o rechaçar, Aileen —se assegurou de que prestasse atenção pegando pelo queixo, —o vanirio se converte em mortal e morre em poucos dias, a não ser que aceite se alimentar de humanos e se converta assim em um maldito vampiro. As feridas de Caleb são mortais, já não tem poder, não se você o proíbe de seu corpo, não se você não o aceita. Meu irmão morre por você e o pior é que acredita que é o melhor, que o tem merecido. Ele é um guerreiro, Aileen. Luta contra o mal, contra o que viu você esta noite. Equivocou, sim. Mas não é um monstro. Salvou a sua amiga, e possivelmente agora esteja morrendo porque quer salvar dele. Me ajude, Aileen. Salva-o, por favor —sussurrou angustiada. —Ele necessita que o salvem. E você o necessita.

—Daanna... —abraçou-a com força e começou a chorar. —Eu não quero que aconteça nada... Eu sou sua cáraid?

—Sim, Aileen —se afastou e a tirou da cara. —E ele é seu par. Me diga... qual é seu sabor favorito?

—Manga... —sussurrou contrariada.

—Ele cheira a isso verdade? —perguntou secando as lágrimas com as mãos. —Precisa vê-lo? Precisa tocá-lo? Falar com ele mentalmente?

—Deus, sim... —reconheceu baixando a cabeça e sacudindo entre soluços.

—A fome que arrasta desde sua conversão desaparecerá assim que o prove. Vai por ele, Aileen. Ajuda-o. Salva-o. Rogo isso Aileen... não quero perder meu irmão, ele é muito valioso para nós e a única família que fica. É mais, não faça por mim. Faz por você. Se o deixa morrer, ninguém poderá complementar como ele. Jamais.

Aileen sentiu um medo atroz. Medo de entregar a ele, medo de não fazê-lo. Temor de perdê-lo, temor de tê-lo. Elevou os olhos ao céu e deu um comprido suspiro. Olhou a seu redor e contemplou o caos em pessoa. Ali acabava de haver uma guerra entre mortais e imortais. Ele estava acostumado a estar entre atoleiros de sangue em qualquer parte. Os pubs estavam destroçados, os carros marcados por todos os lados. Viu Gabriel segurando a cabeça com as duas

mãos, completamente desorientado, e Ruth em estado de choque abraçada ao forte corpo de Adam, que a cobria e a fazia desaparecer entre seus braços.

—Daanna... Encarregará de meus amigos? O que passará aos humanos que viram o que acontecia?

—Não se preocupe. Seus amigos estarão bem, como outros — assegurou. —Inculcaremos outras imagens para lembrar. Corre e vai por Caleb — piscou um olho e dirigiu os pedestres em choque.

—Cahal... —gritou Aileen, —Leva-me?

Cahal olhou Daanna, e logo Aileen.

—Faltaria mais —disse agarrando a da cintura.

Em um momento Aileen estava voando agarrada do corpo duro de Cahal.

—Então decidiu, já? —perguntou olhando-a nos olhos —vai salvar meu amigo?

—Não vou deixar morrer, se isso for o que se preocupa —respondeu ela com determinação.

—Não tem nem ideia do que é uma relação com um vanirio verdade? Querida, se prepare — sorriu do mesmo modo de lobo como fazia Caleb. —Nada vai ser igual para você. E essa indiferença que finge sentir, desaparecerá.

Aileen olhou à frente.

—Que ele se prepare, porque antes vai ouvir.

É obvio que ouviria. Ela faria o que dizia a consciência. Ia salvá-lo, mas depois ele tinha que explicar muitas coisas. Além disso, estava louco se acreditava que podia tratá-la e humilhá-la como fez essa noite.

—Sim, senhor. Toda uma amazona para Caleb —uivou de alegria.

A abrigou colocando dentro de sua jaqueta e adquiriram mais velocidade.

Capítulo 16

Caleb permanecia em sua cama, com os olhos abertos mas sem olhar nada em concreto. Estava catatônico. Entretanto, sua cabeça funcionava. Lembrava todas as batalhas ao lado de seus amigos, lembrava a sua mãe, a sua irmã... mas tudo se nublava pela necessidade de vê-la. A essa garota de olhos lilás e boca feita para beijar. Sua cáraid. Nunca ia perdoar se o dano que fez. A morte era justo castigo por isso.

Menw estava sentado a seu lado. Segurando sua mão com força, tentando transmitir ideias de paz, de quietude. Limpou as feridas e as esterilizou, mas nada disso poderia ajudar já a seu amigo. A mente de Caleb era um torvelinho de culpa e de dor. Seu amigo estava perdendo a vida por uma mulher. Por sua mulher, a metade de sua laranja, seu complemento. Por que os deuses deram esse tendão de Aquiles? Freyja era uma puta.

As portas do balcão se abriram, e entrou Cahal com Aileen nos braços. Baixou-a e deixou que ela se dirigisse a Caleb. Não titubeou. Foi diretamente para ele, com determinação.

Menw a olhou estupefato. Aileen por fim compreendeu? Os deuses estavam de parte de seu amigo. Cahal sorriu e assentiu com um gesto de sua cabeça. Menw exalou e olhou ao teto soletrando a palavra obrigado em silêncio.

—Saiam — disse Aileen sem deixar de olhar o corpo do moreno perigoso. Ninguém veria como Caleb a mordia porque parecia algo estranhamente íntimo e pessoal. Não queria espectadores.

Cahal e Menw saltaram pelo balcão e desapareceram pelo horizonte.

Aileen nunca se sentiu tão poderosa. Ela tinha capacidade para dar vida? Sim. Ela podia salvá-lo. Ela o salvaria dessa escuridão e dessas mas maneiras que tinha. Ela faria por estar em dívida com ela e a partir de então seu trato mudaria.

Caleb não a viu entrar. De fato, era pouco consciente do que ocorria a seu redor. Até que sentiu um corpo quente a seu lado. Um corpo que nada tinha que ver com o de seu amigo Menw.

Aileen sentiu que seu coração se rasgava. Sentia dor física pela dor de Caleb . Estendeu uma mão até sua cabeça e acariciou a frente penteando com os dedos. Chorou em silêncio. Caleb tinha o peito aberto, o pescoço esmigalhado, o ombro em carne viva, e ela sabia perfeitamente, que suas costas não estava muito melhor. A cama estava cheia de sangue.

Caleb enfocou os olhos e então a viu. Seus olhos verdes capturaram os lilás que tinha em frente. Uns olhos rasgados, cheios de lágrimas da cor das campainhas. Tragou saliva e seu olhar esmeralda se encheu de calor e ternura por ela.

—Aileen... —sussurrou ele com muito esforço. — Sinto muito...

—Chist... — disse ela admirando seu rosto e pondo um dedo sobre os lábios. — Não fale.

Não sabia muito bem o que era o que tinha que fazer, mas se deixou guiar pela intuição. Agarrou sua bolsa e a deixou cair ao chão. Tirou a jaqueta, jogou ao chão. Pegou sua juba e a apoiou toda sobre seu ombro direito. Deixou a jugular ao descoberto. Estava terrivelmente excitada e aterrada de uma vez.

Caleb a seguia com os olhos e estes ficaram cravados em seu belo e elegante pescoço. Aileen se ajoelhou lentamente, sem perder o contato visual com ele e se inclinou para ele deixando seu pescoço à altura de seus lábios secos. Então ela se aproximou de seu ouvido e roçou o lóbulo de Caleb com seus lábios.

—Bebe de mim, Caleb —sussurrou docemente.

Caleb ficou imóvel. Estava oferecendo. Não fez nada, mas seguia olhando seu pescoço que palpitava acelerado. Estava nervosa. Aileen estava nervosa por ele. Fez esforços por levantar o braço e agarrar pela nuca para incliná-la. Mas não tinha forças. Dificilmente chegava ar a seus pulmões.

Aileen levantou a cabeça e o olhou com preocupação. Então entendeu que Caleb não podia fazer nenhum tipo de movimento. Deus, morreria de verdade se não tivesse pressa.

Com mãos hesitantes, Aileen passou a mão por debaixo de seu vestido e tocou a parte exterior da coxa. Ali tinha sua adaga, a adaga de seu pai sujeito a uma fita de couro. Tirou e olhou a folha afiada. Sem pensar duas vezes, fez um corte no pescoço, vaiando de dor.

Então, com a ferida aberta voltou a oferecer a Caleb. Colocou seu pescoço sangrando sobre os lábios de Caleb e puxou ao pescoço, levantando-o para que bebesse. Quando a primeira gota de sangue caiu na boca semiaberta de Caleb , as pupilas do vanirio se dilataram e seus olhos aumentaram esticando os dedos das mãos. Aileen era tudo o que ele desejava, tudo o que necessitava e seu sabor o enlouqueceu. Todos seus órgãos internos começaram a funcionar frenéticos, o coração golpeava com força despertando de novo à vida. Caleb levantou o braço com força, agarrou Aileen pela nuca e a aproximou mais a sua boca.

Quando Caleb pressionou seus lábios a seu corte lacerdiante e afundou os dentes em seu pescoço, Aileen acreditou que morreria. Um calafrio erótico percorreu todo seu corpo e soube que era ali onde ela tinha que estar. Caleb a agarrou sem gentileza, exigindo e tomando. E ela deixou de ajudá-lo. Caleb já se aguentava por si só, assim que ela se rendeu.

Aileen era tentação, era vida, era luz. Bebendo dela, Caleb se inclinou para frente e ficou sentado na cama. Agarrou Aileen com um grunhido de prazer e a sentou sobre seu colo. Não soube quanto a necessitava até que a teve entre seus braços.

Aileen sabia que cedo ou tarde ia ser pasto das chamas. Os lábios sensuais de Caleb a sugavam, chupavam com uma ansiedade que roçava a loucura. Todo o resto se desvaneceu. Jogou os braços no pescoço, passou seus dedos pelo espesso cabelo de Caleb e o apertou mais contra ela, insistindo a que agarrasse tudo que quisesse. Entregou a ele e pensou que não havia morte mais doce que essa.

Para intensificar todas as sensações que formavam redemoinhos entre eles, começou a chover com muita intensidade. Tanta que o vento da tormenta saqueou as cortinas de gaze vermelha transparente que cobriam os balcões as animando a dançar, a seguir o ritmo da língua e os dentes do vanirio.

Caleb voltava para a vida. Apertou entre seus braços submetendo a uma prisão de pele e músculos, de onde ela já não poderia sair nunca. Não haveria liberação. Ela, sua presa. Ele, seu carcereiro.

Aileen começou a mover inquieta. A esfregar os quadris contra ele, a abraçá-lo com mais força. Algo em seu interior despertava à vida com Caleb, algo que adormeceu durante vinte e dois anos. O frenesi de subjugar a uma força superior. Ao desejo. Não podia sentir mais assustada e se desesperava como estava, mas a necessidade de que algo a alguém enchesse o vazio que começava a sentir no estômago, podia com seus temores.

Caleb acoplou a ele de modo que toda a parte superior do delicioso corpo de Aileen ficasse em contato com o seu. Sentiu os seios pressionados a seu torso, e escutou o gemido de alívio que saiu dos lábios de sua cáraid. Com um grunhido de prazer tirou os dentes do elegante pescoço. Fez pouco a pouco, porque queria sentir como Aileen estremecia.

E vá estremeceu. Os dentes penetraram a pele, e agora sentia como ele os tirava, deslizando cada milímetro de longitude com cuidado. Fogo líquido se concentrou em sua virilha. Fogo suave e úmido que reclamava que alguém o apagasse.

—Pelo amor de Deus... —gemeu Aileen.

Caleb observou as duas incisões avermelhadas de Aileen. Passou a língua e as lambeu até que a carne deixou de inflamar. Não devia beber muito, pois para o que proporcionava a noite a queria forte e em plenas condições. A cada carícia úmida de sua língua sentia que Aileen crispava e cravava os dedos no pescoço e os ombros. Levantou o olhar e por fim a viu de verdade. Viu sua mulher lânguida e acesa entre seus braços com o pescoço jogado para trás, os lábios abertos e os olhos lilás que o olhavam entre suas negras pestanas. Sim, sua mulher e de ninguém mais. O cabelo caía para trás roçando a cama. Era uma oferenda aos deuses. Caleb a olhou de cima abaixo como um depredador.

Ali onde posava os olhos, Aileen se ativava. A virilha, o umbigo, os seios, o coração, a garganta... tudo palpitava com uma dor agradável que precisava ser acalmada.

Ela tentou se incorporar, indo para trás para olhar seu peito. Cicatrizou por completo e agora se erigia em todo seu esplendor. Todo músculo, formas e virilidade. Estava fascinada por sua perfeição. Passou a língua pelos dentes e notou as presas um pouco mais longas e desenvolvidas. Um brilho devorador apareceu em seus olhos.

Tinha fome.

Os olhos de ambos entraram em contato. Ela sem afastar o olhar deslizou um braço por suas costas percorrendo seus músculos. Caleb deu um coice e a olhou com desejo.

Orgulhosa, comprovou que não havia nem um corte. Só extensões de carne definida e delineada. Montanhas de tendões e músculos desenvolvidos até quase exagerar. Sarou no momento em que provou seu sangue. Era assombroso então a necessidade e a dependência que tinha o vanirio. E Caleb era assombroso também. Caleb era um guerreiro. Um guerreiro poderoso. E ela estava tremente, sentada sobre seu colo. Sua ereção, dura e grossa, pressionava contra as coxas de Aileen e ela a roçou com deliberação. Sem pingo de medo.

Não acreditava uma sedutora, mas pode ser que a conversão dispararia a libido e os hormônios. Estava enjoada e ébria dele. O aroma de manga havia tornado e ela só queria comer fruta.

—Aileen... —murmurou Caleb olhando com adoração.

Gostava de fazer tantas coisas e com tanta paixão... mas se obrigou a acalmar. Não queria fazer mal nem assustá-la.

Olhou à boca. Baixou a cabeça sutilmente e roçou seus lábios com os seus. E ali começou a verdadeira tortura.

—Esta melhor? —perguntou ela sem rechaçar esse leve contato, sustentando seu olhar sem piscar e mantendo suas emoções com um autocontrole impróprio de alguém tão jovem.

Os lábios de Caleb se separaram um pouco de sua boca e uma sobrancelha se arqueou.

—Ainda há algo que me dói, pequena — puxou ar e foi para sua boca de novo a beijá-la como era devido, mas Aileen afastou a cara e desceu de seu colo com a dignidade de uma rainha.

—De verdade? O que dói? —agarrou sua bolsa e sua jaqueta, tentando parecer indiferente e evitando pensar no enjoo que tinha em cima.

Caleb incrédulo levantou da cama e segurou pelos ombros. Se pensava que podia ir de sua casa, estava enganada. Aileen aceitou com esse gesto sua relação com ele e não havia volta, ele não permitiria. Ela era sua cáraid, sua companheira, não podia ignorá-lo assim.

—Dói tudo e necessito que me...

—O que necessita? —perguntou indiferente. Ia pôr a jaqueta, mas Caleb a tirou das mãos e a destroçou em duas partes. Estava irritado com ela porque não o fazia caso. Aileen o desafiou com o olhar. Agarrou sua bolsa e deu com toda a raiva que tinha dentro. Caleb a agarrou do pulso detendo seus golpes, arrancou a bolsa das mãos e o lançou à outra esquina do quarto. Aileen sem pensar, deu uma forte e sonora bofetada.

O ar esticou. Um trovão relampejou e ameaçou arrebentando os cristais. Caleb colocou as mãos sobre os ombros e a levou contra a parede, aprisionando-a com seu corpo semidesnudo. Seus olhos tinham um brilho perigoso. Agarrou o vestido dos ombros e o rasgou de cima abaixo.

—Onde acha que vai, Aileen? Agora já não pode sair assim à rua. Ficará aqui.

Aileen se encolheu. Voltava para a mesma situação de fazia umas noites. Seus seios, com os mamilos eretos assinalavam ao peitoral de Caleb . Só a calcinha negra, cobria sua pele. Aileen se abraçou e tentou cobrir na parede, enquanto o olhava com medo e se esfregava os pulsos. Salvava-lhe a vida e voltava a saquear. Assim era Caleb. Nunca antes se sentiu tão tola por confiar em alguém.

Caleb demorou em compreender. Aileen estava pálida, de pé só com seus sapatos e com suas calcinha. Voltava louco, tal era sua paixão por ela que com muita dificuldade a podia controlar. Olhou horrorizado, repreendendo a si mesmo por sua atitude dominante. Não, não podia desfazer os avanços com ela desse modo. Não podia fazer isso, mas tampouco foi sua intenção. Sentiu que rasgava o coração ao perceber o medo de sua cáraid.

—Não, Aileen... —imediatamente a aproximou e a abraçou com força, apoiando seu queixo sobre sua cabeça. —Não, Aileen, se acalme... não vai passar assim. Lamento ter assustado. Me perdoe, por favor,

Aileen tremia. Tentou lutar com ele, até que entendeu que Caleb não a soltaria. Então tensa como uma corda, deixou de brigar.

—Me perdoe, pequena. Não queria assustar. Vêem, me deixe abraçá-la —a abraçou com mais força, esperando que ela se sentisse protegida, não atacada nem ameaçada. Como podia tratá-la assim? —Aileen, sou um idiota. É que... eu... É que você... faz sentir coisas, tenho necessidade de você e não posso permitir que me rechace. É muito doloroso.

Aileen limpou as lágrimas de um tapa. Estava zangada com ele por muitas razões. Seu aborrecimento principal o arrastava desde que viu Caleb no pub com essas duas javalis loiras. Sentia traída e dava igual como se sentisse ele.

—O que quer de mim? —empurrou-o com a voz quebrada. —Já dei de beber, já não me necessita... me deixe, Caleb...

Caleb a rodeou com mais força e limitou a relaxar, a deixar que Aileen fosse a que falasse com ele, a deixar que se fundisse com seu corpo. Ela devia confiar nele. Caleb não respondeu mas permaneceu cobrindo-a.

As respirações de ambos, agitadas.

—Você é minha cáraid, a necessito. Se entregou a mim e eu quero me entregar a você.

—Não. Não me necessita.

Caleb separou dela ligeiramente, só para poder ver o rosto.

—Como pode me dizer isso? —olhou com adoração e baixou os olhos até seus seios redondos e bem formados.

—Faz um momento estava muito cômodo no pub —espetou, elevando o queixo, olhando-o com os olhos cheios de ira e dor. —Tem às duas loiras norueguesas para acalmar suas necessidades. Peça a elas. e... e... me devolva minha roupa.

—Está ciumenta —sorriu pensando em Daanna. —Minha irmã me sugeriu que fosse acompanhado delas, para que despertasse a possessividade e fizesse ferver de ciúmes. Não só é vanir querida, mas também é uma loba. Não iria suportar... Você não gostou de me ver com elas. Bem, é natural.

Ele adorava vê-la com os olhos faiscando de fúria, acesa e apaixonada. Puxou pelo queixo e a elevou para ele.

—Só são duas garotas do clã. Não há nada mais, só são amigas —sua voz descendeu uma oitava.

—Não, basta já. Disto —assinalou seus corpos próximos— não é natural. Assim não diga que é natural porque não é, entende? E além disso, não me dê explicações —a voz tremia, e o queixo também. —Não as quero.

—Me quer só para você. E eu a quero só para mim. Tem que acostumar a essa sensação, tem que aceitar o que eu desperto em você. Odín sabe que eu tento aceitar tudo o que você me faz sentir.

Aileen endireitou as costas e empurrou peito. Ia jogar tudo na cara.

—Deixa farta, Caleb. Bob me ajudou depois do trato vexatório ao que você me submeteu. Ele é todo um cavalheiro, quase um amigo. Tenho que agradecer muito e você tratou mal só porque se aproximou de mim e...

—Não fale dele. Eu não gosto.

—Por que? Por ciúmes ou por culpabilidade? É porque ele lembra que foi um selvagem comigo, a que sim?

—Não o vai ver mais — a ameaçou agarrando pelo cabelo com não muita delicadeza. —Esse mosca azul só quer lhe abrir as pernas.

—Então se parece com você — respondeu ela entrecerrando os olhos. —Isso é o que quer, verdade? Quer me abrir as pernas.

Caleb manteve o olhar. O dela cheia de fogo e o dele, frio e ressentido.

—Quero que me entregue seu corpo por sua própria vontade. Não se trata de abrir as pernas. E não fale assim, não fica bem em você. Você é toda uma dama, não um bruto animal como eu.

Aileen sentiu como essas palavras a acariciavam e a açoitavam de uma vez. O que queria ela? Queria entregar a ele?

Sim. Por muito que o queria negar, sabia que sim. Desde fazia quatro noites seu corpo chamava por uma liberação, que só despertava e se acendia com ele diante. Não sabia muito bem o que implicava ser a cáraid de um vanirio , mas seu corpo reagia por si só quando ele estava perto e ela já não tinha nenhum poder sobre os desejos de seu corpo.

Ao reconhecer a verdade ficou abatida e indefesa como uma menina. E como as meninas se limitou a ser sincera e a falar com claridade. Toda a fúria se esfumou e então se sentiu vulnerável como nunca. Estava perdida, perdeu contra ele. Não podia utilizar mais máscaras de indiferença quando estas se rompiam a pedaços.

—O que me fez, Caleb? Estou ficando louca... por que? —exigiu saber apoiando a frente no peito de Caleb em um gesto claro de derrota. —vai acabar comigo, verdade?

—Não, minha vida— embalou sua cara docemente com as mãos. — Não vamos acabar nada, a não ser começar algo.

—Não falava mentalmente comigo desde ontem... por que diabos não o fazia?

—Já não tinha poder para falar com você. Esgotei em nosso voo. Queria estar com você aí em cima, entre as nuvens.

Aileen tragou saliva e fechou os olhos com força. Nunca diria como passou mal quando ele não respondia a suas súplicas nem como estava ressentida por fez tão vulnerável.

—Sei que foi duro para você —continuou o vanirio . —Suplicava que estivesse com você, que me necessitava. Não me separarei jamais de você. A partir de agora, eu estarei dentro de você e você de mim. Seremos um, anjo —a voltou a puxar do cabelo, mas esta vez mais brandamente.

—Vai voltar a vê-las? —elevou o olhar para ele.

—A quem?

—A essas garotas loiras...

—Depende —disse divertido. —Incomodaria?

—Estou de saco cheio de você, Caleb. Não brinque. Faz um momento estava encantado de ter essas enganchadas a seus braços. Eu... —apertou com força a mandíbula. Estava justificando com ele mas não podia parar suas palavras. —Acreditei que estava me castigando por algo... Acreditei que ria de mim... Senti... mal —confessou se derrubando contra ele.

—Castigar você? —obrigou a olhá-lo nos olhos. —Não, Aileen, claro que não.

Caleb sacudiu a cabeça. Sentia perdido e irritado consigo mesmo.

—Deus... Aileen —seus olhos expressavam desespero. Ele estava acostumado a mandar. A ordenar. E ninguém pigarreava, ninguém menos ela. —Faço as coisas mal. Eu quero que me aceite,

quero que confie em mim — levantou o queixo e olhou seus olhos chorosos. —Elas não são nada. Só importa você.

—Então deixa de me tratar assim. É um bruto —respondeu ela suplicante. —Eu não gosto que me intimide nem que use sua força comigo. Eu não gosto que me ponha em ridículo como hoje de noite quando me tirou assim do pub como se eu fosse uma boneca sem voz nem voto. Eu não gosto que me arranque a roupa desse modo. Rasgou o vestido.

—Aileen...

—Se cale... Eu não gosto que não me respeite e que ache em todo momento que sabe o que é melhor para mim. Nem eu gosto que...

—Me perdoe —rogou acariciando a bochecha com os nódulos. —Tentarei me controlar... E o que fazia você com esse vestido? —grunhiu. —Rebolando diante de todos os homens...

—Rebolando diz? —vaiou arqueando as sobrancelhas.

—Não pode pôr algo assim quando eu não posso lhe proteger. Estava provocando, a mim e a todos outros.

—Para que saiba, Neandertal —pressionou seu peito várias vezes com o dedo indicador, —coloquei o vestido para você. Pensei que você gostaria de me ver com ele. Mas já vejo que não —olhou o vestido do Moschino feito migalhas. —Rasgou-o —o repreendeu com seus olhos lilás. —É um animal.

—Nunca ponha nada parecido se eu não estou com você.

—Estava com você, idiota. Além disso, você me deu de presente isso. Vê? —elevou os braços e os deixou cair com grande frustração. —Todo o momento mandando mensagens contraditórias. Se ficar violento que eu fique sexy, lhe agrado com outra coisa. Parece melhor uma burka?—empurrou mal-humorada.

—Não. Não é isso — disse docemente. —eu adoro seu corpo. Sua figura parece para que brilhe —a repassou com olhos famintos. —Só peço que vista assim quando eu possa proteger de tudo e de todos. Não tinha força nenhuma, Aileen. Não entende como me sinto se não poder lhe proteger. Olhe o que fez Bob e quase morro.

—Eu... não sabia o que era o que te passava. Não imaginava que estava tão mal —seu rosto refletiu sincero arrependimento. —Mas merecia isso por Cro Magon[29].

—Sei, pequena. Peço desculpas.

O rosto de Caleb era todo um rogo suplicante e fazia esforços por pedir em vez de exigir.

—Terei em conta se isso te tranquilizar. Mesmo assim, sou livre de pôr o que me dê vontade... entende-me?

Caleb assentiu. Agora o corpo de Aileen clamava por ser acalmado e acariciado. E o dele também.

—Tenho fome, cáraid.

---

[29] *Cro-Magnon é o nome que se dá aos restos mais antigos conhecidos na Europa de Homo sapiens, espécie à qual pertencem todos os humanos modernos. A designação não se enquadra totalmente nas formas convencionais de denominação dos hominídeos, sendo frequentemente usada para designar, em sentido genérico, os povos mais antigos conhecidos na Europa que podem ser integrados entre os modernos humanos.*

—Espera —Aileen colocou a mão no peito ao adivinhar o brilho em seus olhos. —Se eu tiver em conta o que você me pede, você vai ter em conta o que eu te peço —era uma ordem. —Não vais deixar ao contrario nem quebrará desse modo a comunicação comigo nunca mais — Caleb ia abrir a boca mas o gesto de Aileen advertindo que não voltasse o jogou para trás. — Não vai falar com nenhuma outra mulher, seja loira, morena ou ruiva. Ouve, Caleb? Nunca mais. Não quero pensar por que me incomoda, mas me incomoda, e esse sorriso arrogante de sua boca. E não vai voltar a utilizar essas maneiras de homem das cavernas, comigo. Fica claro? O machismo já não leva.

Caleb sorriu como um menino pequeno que se saiu com a sua. Inclinou e aproximou seu nariz ao pescoço de Aileen, impregnando de seu pastel. Ela era doce, doce de verdade.

—Eu não gosto que a toquem —reconheceu ele. Se ela se justificava, ele também, —nem que outros aproximem. Você ainda não controla o que provoca nos outros — soltou o cabelo e segurou o rosto com as duas mãos. Com o polegar acariciou seu lábio inferior. —Não é consciente do que provoca em mim... Morro de ciúmes, Aileen. Sou um celta vanirio, não posso evitar. Sou ciumento, , protetor...

—Arrogante, mandão, abusado...

—Sim — reconheceu. Umedeceu os lábios com a língua. —Mas você é minha cáraid e nossas relações são assim.

—Não quero uma relação assim, assusta. Nem sequer quero uma relação. Quero respeito...

—Eu a respeito a mais que ninguém no mundo, Aileen. É valente, leal, compassiva... e preciosa — inclinou e voltou a roçar seu pescoço com o nariz. A Aileen custava respirar. Com os lábios pegos a sua garganta sussurrou. —Mas o vanirio está cheio de paixão, assim nos têm feito. Seu corpo é meu templo e não vou deixar que ninguém ponha as mãos em cima. Eu tenho que proteger o que é meu, e você é minha. Não importa quanto lute, não importa quanto oponha. Nada vai mudar isso. Onde você esteja, estarei eu. É meu par.

—Quero meu espaço —jogou o pescoço para trás para afastar de seus lábios. Seu olhar atormentado e suplicante. —Ainda é cedo para mim. Faz cinco dias que te conheço e não começamos com o pé direito. Ainda estou assimilando o que sou, não pode exigir nenhum tipo de relação —embora desejava seu corpo com loucura.

—Não entende. Os vaniros são completamente distintos dos humanos, sobre tudo no referente a nossas relações de casal. Acaba de me alimentar, não pretende retomar sua vida com normalidade. Nada de espaços, nada de liberdade. Eu serei o mais importante em sua vida igual a você o é na minha. E isso muda tudo. Os humanos têm muitas distrações e deixam de lado a seus casais. Nós não. Eu não.

—O que mude ou não mude essa peculiaridade de alimentar —o marcou com aspas, — decidirei eu. Você não vai reger minha vida —respondeu altiva.

—Reger sua vida? Já está bem. Vêem aqui.

Aileen sentia a confusão interna de Caleb. Sentia desenquadrado, quebrado, transbordado por ela... e ela estava igual. As relações entre os casais vaniros pareciam ser muito tempestuosas e ela nunca teve nenhuma relação.

Mostraria o que significava ser cáraid de um vanirio , e se não podia explicar com palavras o faria com feitos. Regê-la? Não, tratava de ver invadido por uma maré de emoções e sentimentos contínuos até que não se sabe onde começa um e acaba o outro. Caleb colocou as mãos sobre as bochechas e aproximou os lábios. Roçou suas sobrancelhas, seus olhos, seu nariz, suas bochechas... Aileen fechou os olhos e duas imensas lágrimas derramaram até formar uma imensa gota em seu queixo. Caleb inclinou a cabeça para trás, e posou sua boca no queixo de Aileen. Então ela esqueceu todas as reprimendas e todos os inconvenientes de ter uma relação com ele, fosse do tipo que fosse. Perdeu em seu roce, em sua repentina doçura, e embora se odiava por isso, reconheceu que o necessitava tanto como ele a ela. Caleb a mordiscou e a beijou. Aileen deixou de tremer e apoiou com as mãos no duro peito de Caleb , deixando que as sensações de seus beijos, despertassem a todo seu corpo acalorado. Abriu os olhos e ficou enganchada em seu olhar verde e ele no dela. Uma faísca se acendeu, uma faísca poderosa que brilhou nas profundidades dos olhos de ambos.

Caleb, alto, grande, musculoso, quase imperial, estava diante dela, segurando o rosto com delicadeza, desejando que Aileen perdesse o medo e se entregasse totalmente a ele.

Ela observou sua cara, suas feições angulosas, cheias de tensão e de incerteza. Aileen estava certa de que se ela o rechaçava naquele momento, Caleb morreria. Rogava que o aceitasse, porque ela estava mais que convencida de que Caleb a aceitava a ela. Aileen não podia enganar. Desejava e morria de vontade de beijá-lo. Essa era sua nova natureza e se surpreendeu do muito que queria aceitá-la, assim esperou a agressividade e a possessividade de Caleb e grudou força para poder as aguentar.

Aileen lembrou sua primeira vez. Não houve beijos, nem carícias, nem nada... Caleb não gostava que o tocassem. Ela não poderia suportar uma segunda experiência como aquela. Não com Caleb. Não, sentindo em cada poro de sua pele como o sentia, estando quase nua na sua frente.

Caleb inclinou a cabeça. Deslizou as mãos desde seu rosto, por seu pescoço, seus ombros finos, suas costas elegantemente arqueada, até chegar aos quadris. Atraiu para que sentisse a palpitação de sua ereção, o desejo que rugia por ser liberado.

Aileen abriu os olhos e a boca com surpresa e, antes que pudesse dizer nada, ele baixou seus lábios com segurança e os posou sobre os dela.

Aturdida como estava, deixou que ele dirigisse o beijo. Seu primeiro beijo. Isso não esperava. De um modo indolente, sua boca foi possuída por Caleb . Os lábios esquentaram com o roce e a fricção, e então Caleb se concentrou em seu lábio inferior e o lambeu docemente para logo mordê-lo e pôr os cabelos como ganchos a Aileen. Ela nunca antes beijou ninguém, mas a experiência pareceu quase religiosa. A boca, a língua e os dentes de Caleb a estimulavam e a animavam a abrir mais os lábios. Quando o fez, sua própria língua saiu em busca da de Caleb e

quando se encontraram se enrolaram como se fossem amantes em um baile de promessas, carícias e intenções sensuais que despertaram todos seus sentidos. Suas mãos notavam, apoiadas no peito, a suavidade e o calor de sua pele. Sua boca e seu nariz se impregnaram de seu aroma e de seu sabor. Seu ouvido podia inclusive escutar o batimento do coração acelerado do coração do vanirio .

Sentindo poderosa e repentinamente atrevida, Aileen agitou entre seus braços. Queria roçar com ele.

Caleb ardia, e seus dedos se cravaram em seus quadris, contendo, medindo. Estremeceu quando sentiu o calor da língua de Aileen. Limitou a sentir como pouco a pouco ela despertava à paixão entre eles e desfrutou de sua reação.

Ela devia se render à evidência. Desejavam se, e não com um desejo humano, a não ser com um desejo quase animal, selvagem e arrasador. Aileen colocou nas pontas dos pés e agora roçava com avidez sua ereção, enquanto fazia amor com a boca e a língua. Ela era doce, cuidadosa, mas muito apaixonada. Tentava roçando seus lábios sem chegar a aprofundar, e quando ele desistia então ela se lançava a comer e morder, a lamber a língua e acariciar de modo totalmente intencionado as presas, a possuir sua boca por completo. Essa carícia gostava e seu sabor era fresco e ardente.

Aileen deixou de estar tensa. Armando de voragem, voltou a aproximar da parede e a aprisionou contra ela, enquanto seguiam beijando como se dependesse suas vidas disso. Caleb a agarrou pelo cabelo e deu um leve puxão para que ela o olhasse. Não havia medo, nem temor. Só desejo. Um desejo antigo por possuir e ser possuído. Aileen seguia sem mover os braços, suas mãos não se moveram do peito. Olhavam um ao outro, espectadores e assustados de sua própria paixão. Caleb a agarrou pelos pulsos e se levou suas mãos à cara.

—Tão suave... — ronronou ele.

Apoiou a bochecha em uma de suas mãos e esfregou, procurando calor e consolo.

Aileen franziu o cenho enquanto respirava agitadamente. Os lábios formigavam, queimavam, mas as palmas de suas mãos ardiam por tocá-lo. O que estava fazendo? Ela acreditava que Caleb não gostava das carícias, mas ele parecia um puma negro ferido e desejoso de que o tocassem. Sua mão se cavou, para permitir que Caleb se esfregasse nela. Caleb girou sua mão de modo que a parte interior de seus pulsos ficassem à altura de seus lábios. Continuando, fez algo que ela jamais teria esperado. Beijou seus pulsos, pela frente e por atrás. Beijos doces destinados a acalmar, a curar. Beijos úmidos destinados a avivar e a despertar.

—Fiz mal aqui. Não voltarei a tratar assim jamais. Não farei mal nunca mais. A cuidarei e a protegerei sempre — com os lábios pegos o pulso e o olhar avivado ordenou. —me toque, Aileen. Suplico isso. Necessito que me acaricie — expressou em voz alta.

Aileen se apoiou contra a parede. As pernas tremiam e o coração golpeava contra o peito. Respirava descompassado. Ele mantinha suas mãos femininas e elegantes sobre sua cara e as soltou, esperando que chegassem as carícias. Foi uma declaração muito humilde por sua parte.

A escura claridade da noite penetrava pelo balcão totalmente aberto, iluminando o quarto e emoldurando seus corpos com um aura clara e pálida como a lua. As cortinas vermelhas dançavam ao som do vento. A chuva marcava o ritmo de suas respirações.

Aileen titubeou até que no final decidiu ceder a seus impulsos. Emoldurou o rosto de Caleb e a acariciou, primeiro as bochechas, logo os lábios, o queixo. O vanirio fechou os olhos agradecido por aqueles mimos. Foi descendo por seu pescoço forte e tenso, por seus ombros largos e perfeitamente arredondados, por seu peito quente, tenso e marcado, por sua abdominais tão bem definidas e sua cintura magra. Logo ascendeu, deleitando no tato desse corpo feito para o amor e a guerra e passou seus dedos pelos músculos dos braços.

Caleb vaiou de prazer com cada uma de suas carícias e apertou os olhos para que as sensações fossem mais poderosas. Então deixou de sentir as mãos de Aileen. Abriu os olhos e ela não estava. No momento, sentiu como mãos desenhavam com seus dedos, os músculos de suas costas. De cima abaixo, de lado a lado... Aileen estava atrás e estava acariciando como ela queria. Por inteiro. Suas mãos rodearam seu peito e seu estômago e começou a sentir os lábios de Aileen em suas costas. Caleb jogou as mãos atrás e puxou as coxas nuas e quentes ao tato, enquanto ela prosseguia com sua exploração. Os seios de Aileen apertados contra suas costas. Lábios úmidos, benevolentes, percorriam a amplitude dos ombros, passavam pela nuca e o pescoço, seguiam sua coluna vertebral e logo voltavam a subir. Por ali por onde passavam seguia a língua, brincalhona e de tato de cetim. Quis apagar cada um dos açoites, embora já não estavam, mas quis que gravasse uma lembrança doce, não o lacerante.

—Aileen... — murmurou Caleb esticando. — Necessito que... merda... me beije.

Girou, a puxou pela cintura e, grudando a ele, inclinou a cabeça para e grudou sua boca à sua como um lobo faminto. Aileen passou suas mãos por seu pescoço e se agarrou a sua juba negra para sustentar como se fosse um salva-vidas. Caleb deslizou suas mãos até abranger as nádegas e puxando-as insistiu que ela ficasse nas pontas dos pés e aprofundasse no beijo. Ambos soltaram um gemido ao uníssono, som revelador da necessidade que ambos tinham dessa intimidade. A ereção de Caleb pressionava seu estômago, e seus torsos nus se acoplaram de modo que os batimentos de seus corações se mesclassem e se confundissem. Os beijos passaram a ser mais exigentes, até que já não foi suficiente beijando.

Aileen sentia que queria mais, necessitava mais dele e ele necessitava muito mais dela. Elevou pelas nádegas, movendo sua ereção contra ela e com ela nos braços caminhou até a cama sem deixar de beijá-la.

—Não, Caleb — disse ela esticando e falando sobre seus lábios. —Não quero que me estire aí. Não quero. Não posso.

Caleb olhou a cama e sentiu a turvada que se encontrava Aileen ao estar ali de novo, onde perdeu a virgindade. Tinha medo. Então ele se sentou em um extremo, e colocou a Aileen de pé no chão entre suas pernas abertas. Abraçou-a querendo acalmar sua ansiedade e a necessidade de ambos.

—Aileen, não sabe quanto te desejo — ronronou como um felino. Esfregou sua cara sobre o vale de seus seios, e acariciou o cabelo. Deslizou suas mãos por suas costelas, passando pela cintura e os quadris. —Senhor, é perfeita. Falta o ar —disse com a voz enrouquecida.

Aileen não podia falar. Estava apanhada sob suas carícias, hipnotizada por sua voz cheia de desejo, inundada no contato de sua boca e seu nariz em seu torso. Caleb passou os dedos pela calcinha de seda negra de Aileen, e as deslizou por suas esbeltas e longas pernas até o chão. Sem elevar o olhar ainda, desabotoou as tiras de seus sapatos de salto e também os tirou. Passou as mãos por seus pés finos e femininos até suas panturrilhas, joelhos e coxas fortes e escuras. Chegou ao triângulo de cachos negros e sua respiração se voltou mais difícil. Sem tocá-la nessa zona seguiu seu caminho ascendente acariciando quadris, cintura, o lateral de suas costelas e deixando a palma de suas mãos abertas sobre os dois seios.

Aileen estremeceu. As mãos desse homem a enlouqueciam. Parecia como uma panela de pressão a ponto de explodir.

—Note que bonitos são —sussurrou ele massageando seus seios com o olhar obscurecido.

—E...? —tragou saliva. —... gosta? —perguntou ela comissionada e agradada de uma vez.

—Quer que demonstre quanto eu gosto? —olhou com desespero.

Aileen assentiu lentamente sem afastar os olhos dos dele. Caleb procedeu a demonstrar Aproximou-a dele tomando a da cintura, inclinou para diante e grudou um mamilo em sua boca. Rodeou com a língua, até que ficou rígido. Chupou e de repente fechou a boca sobre ele e o sugou, primeiro brandamente e logo cada vez mais forte, puxando-o.

Aileen respirava entrecortadamente, enquanto o olhava com olhos nublados de prazer. Parecia tenro e erótico o ter, esse macho tão forte e tão dominante enganchado a seu peito, excitando, mamando com gentileza, como se fosse um bebê. Mas não era um bebê, era um homem e a estava seduzindo.

Deslizou seus braços pelo pescoço e entrelaçou seus dedos em seu cabelo, primeiro sustentando-o, controlando-o, e logo atraindo-o até ela para que tomasse tudo o que quisesse e mais. Gostava do cabelo de Caleb , gostava de o ter só para ela, ser a única que pudesse acariciá-lo. Surpreendeu ao sentir tão possessiva respeito a ele, mas o aceitou e grunhiu de prazer. Não ia brigar mais contra o que o vanirio tão repentinamente amoroso que enganchou ao peito despertava em seu coração, em seu interior. Fazia uns dias o odiava. Agora o necessitava como o ar para respirar.

Caleb massageava o outro seio com sua mão. Tomando ar, afastou a mão e decidiu martirizá-lo também. Mordeu-o, lavou-o com sua língua até que o seio ficou avermelhado, inchado e palpitante.

Caleb podia ser um tirano, um torturador, mas a tinha fundida e dócil por suas carícias. Não haveria cintos nem crueldade de nenhum tipo e exalou o ar de modo tremente.

Faria amor com ele. Não era nenhuma dissimulada nem nenhuma puritana. O destino havia trazido para Caleb e agora ela o necessitava com a mesma ansiedade selvagem que ele tentava reprimir para não assustá-la.

Caleb deixou de chupá-la e elevou o olhar para ela. Ele tinha os lábios entreabertos, e ela não o pensou duas vezes. Agarrou-o pelo cabelo com mãos trementes, inclinou e deslizou a língua entre eles, até que tocou a de Caleb .

Ele espetou os dedos em sua tenra carne e deixou que Aileen procedesse a sua invasão. Acariciou e apertou as nádegas e ela intensificou o beijo soltando um tímido gemido, entrando mais a língua.

Esse era o sinal que esperava. Caleb a elevou como se não pesasse menos que uma menina e a sentou escarranchado sobre ele. Os joelhos cravados na cama, a cada lado de seus quadris. Ele grudou o mando do beijo com a voracidade de um lobo.

Ela se afastou, olhou para seus corpos e encontrou aberta para ele. Suas nádegas pressionavam sua ereção e acariciava o traseiro, e a olhava divertido. Caleb não deixou que ela se distraísse. Posou seus lábios sobre os dela e a beijou meigamente enquanto acariciava as costas. Não parou de beijá-la até que se converteu em gelatina líquida.

Aileen o tinha pelo cabelo, e estava sentada sobre ele, completamente aberta e ao seu dispor.

—Quero fazer amor —disse ele sobre sua boca. Lambeu seu lábio inferior com cadência e perícia infinitas. —Quero me colocar dentro de você.

Aileen o olhou nos olhos com seu olhar lilás turvado de desejo, enquanto assimilava suas palavras. Logo olhou sua boca, passou a língua pelo lábio inferior e o voltou a beijar, mas esta vez jogando com ele. Avançando e retrocedendo, até que Caleb cansou e a saqueou. Fez dono de sua boca, de todo seu corpo e de sua vontade. Aileen se afastou para voltar a agarrar ar e entre baforadas sussurrou:

—Então, tire as calças.

Caleb beijou e mordiscou o pescoço. Sorriu triunfante. —Você também quer que faça amor, Aileen? —perguntou enquanto lambia o lóbulo de sua orelha.

—Ah... sim... —respondeu ela tiritando do estremecimento.

—Já não tem medo, então?

—Dá medo... o que cresce em mim. Tudo isto é novo para mim, Caleb.

Caleb tocou seus seios e os sopesou, massageou-os, juntou-os enquanto os observava com seu olhar faminto.

—Para mim também é. Tudo o que sinto é completamente novo.

Aileen sustentou o olhar. Tinha os olhos lilás mais claros que nunca, a juba negra esparramada por seus ombros e suas costas, as presas bicudas apareciam entre seus lábios semiabertos, estava nua e estava desejosa de, nunca melhor dizendo, fincar o dente.

—Tome, Caleb. Faz o que seja que tenha que fazer comigo, mas faz já porque vou morrer se não fizer algo. Me... dói todo o corpo — não deixou de olhá-lo enquanto ordenava como uma autêntica vanir fala com seu par.

Caleb sentiu que sua ereção crescia e palpitava a ponto de eclodir. Levantou com ela nos braços e com uma mão arrancou a calça. Não usava cueca, assim que seu pênis saiu disparado até seu umbigo.

Aileen notou a ponta da glande que acariciava sua carne trêmula e úmida e estremeceu. Caleb voltou a sentar.

—Me rodeie com suas pernas —sussurrou contra seu ombro e o mordiscou.

Aileen obedeceu e olhou para baixo. Seu púbis embalava o membro de Caleb . Era tal e como lembrava. Grande, grosso e comprido. Totalmente ameaçador.

Caleb não permitiu que pensasse que lhe faria mal ou não. A beijou de novo, tão profundamente que não houve nenhum lugar de sua úmida cavidade que sua língua não roçasse nem acariciasse. Aileen espetou os dedos nos ombros, e longe de intimidar, beijou-o com a mesma fome, com veemência, esfregando contra ele e voltando a entrelaçar seus dedos entre seu cabelo negro e abundante. Era excitante estar com um homem de cabelo comprido e agarrar a sua cabeleira enquanto se abraçavam e se beijavam. Desejava tanto que Caleb acalmasse a dor que sentia em seu ventre, em sua virilha.

—Me diga onde dói —exigiu saber ele contra sua boca. Aileen lambeu seus lábios enquanto falava, mas não respondeu. —Dói aqui? —deslizou seus dedos pela parte interna de suas coxas e acariciou a entrada de seu corpo com suavidade e ternura. Aileen deu um coice e soltou um gemido. —Sim, querida? Dói aqui? —sorriu e pressionou o orifício de entrada a seu corpo. Acaricio fazendo círculos, e observou a reação de Aileen, que cheia de curiosidade desceu o olhar para ver como sua mão bronzeada pinçava em sua intimidade. —Quer que acalme um pouco, verdade? —sussurrou contra seus lábios enquanto notava na umidade de seus dedos a disposição de sua cáraid. Não necessitava resposta. —Mmm, sim... —introduziu o dedo do meio e sentiu como sua Aileen se abraçava a ele, a esse dedo inquisitivo. —Claro que quer. Quer tanto como eu.

Ela acreditou que desmaiaria. Sentia o dedo de Caleb esfregar contra ela, acariciando, estimulando, despertando todo seu corpo. Aileen começou a balançar contra sua mão, bamboleando os quadris. Nunca fez amor mas sabia muito bem como fazia. Caleb começou a acariciar seus clitóris com o polegar, enquanto introduzia mais profundamente o dedo em seu interior. Aileen não podia parar seus movimentos, ardia e palpitava contra sua mão e adorava o que estava fazendo. De repente sentiu outra nova pressão e soube que Caleb estava deslizando outro dedo em seu interior. Dois. Ela sabia que a estava dilatando para a intrusão maior, mas se seguia assim não poderia aguentar por muito tempo.

Caleb não parou nem por um instante. Seguia seu ritmo implacável. Acariciava, acendia sua chama interior, seu fogo interior, observando cada uma de suas expressões. Queria dar prazer, muito prazer. Não só era prazer o que desejava dela, mas também uma total aceitação. Sentia algo muito forte por Aileen, algo que nunca antes havia sentido nem sequer quando era um mortal. Guiado por essa necessidade a que não se atrevia pôr nome, arrasado por essa ansiedade dela fincou os dedos mais dentro. O ritmo começou a ser mais rápido e Aileen se agarrou com força a seu pescoço.

—Não imagina quanta vontade tinha de te tocar aqui... —moveu os dedos mais profundamente — e aqui... —acariciou seu botão com o polegar, enquanto se inclinava para lamber e morder seu pescoço sem chegar a fincar as presas. —Mmm... está perto, *álainn*[30]— murmurou detendo e passando a língua pelo jugular. —A que cheiro eu para você? —perguntou retendo os dedos em um ponto de seu interior. Pressionava, mas não os movia.

Aileen franziu o cenho, sem acreditar que se detivera, sem querer tampouco. Quando Caleb percebeu sua frustração se limitou a torturá-la um pouco, movendo sutilmente os dedos, tirando-os quase por completo e mantendo aí, acariciando em círculos.

—A... manga —respondeu ela com as pupilas dilatadas e os olhos cheios de paixão. —Não, não pare —o agarrou por pescoço e o abraçou. Abraçou a ele de um modo tão desesperado, que para Caleb o coração deu um tombo.

—Ah, sim? A manga? —sorriu. —Já sabia. Só queria ouvir dizer isso.

—Por favor, Caleb... —esfregava seus quadris contra ele, contra seus dedos, contra sua ereção que crescia mais e mais. —Não posso parar.

—Sei tudo de você sabe? —puxou pela cintura e a elevou, dando um ligeiro beijo nos lábios e logo tomando um mamilo com os dentes. Aileen gemeu jogando a cabeça para trás. —se agarre a meus ombros.

Aileen se amarrou a ele, sustentando contra seu corpo, enquanto Caleb acariciava as nádegas com uma mão e com a outra dirigia seu pênis à entrada que se via úmida e brilhante. Insistiu que descesse, pouco a pouco, e a parou quando a glande, roçava os lábios de seu portal íntimo.

—Me olhe — ordenou brandamente. Ela obedeceu, completamente dócil e vulnerável. —Minha guerreira amazona... —sussurrou roçando seus lábios com os seus. —Tranquila... me deixe, eu guio... Sei que nunca gostou de nenhum homem —empurrou uns centímetros a glande dentro dela e vaiou quando sentiu o calor, a umidade e a textura de Aileen. —Mmm... OH merda... que bom. Sei que nunca se deixou tocar por ninguém —introduziu uns centímetros mais de sua ereção, e beijou seus lábios com doçura. —Sei que você gostou desde que me viu, porque... —uns centímetros mais entravam em sua interior e Aileen o abraçava como uma ventosa— só há... um homem para você, *Carbaidh*[31].

—Caleb... —gemeu ela desesperada cravando os dedos nos ombros.

—Sim, Caleb —repetiu ele introduzindo vários centímetros mais nela. —Esse sou eu, o único a quem pertence. O único homem destinado a pertencer —balançou um pouco em seu interior e sentiu como Aileen fechava os olhos e vaiava entre a dor e o prazer. —Eu —entrou um pouco mais empurrando com seus quadris— sou o único que pode fazer isto, Aileen. Seu corpo é meu, sua mente é minha e seu coração também será —de um empurrão acabou trespassando por completo.

---

[30] *Significa bela.*
[31] *Significa Caramelo.*

Aileen jogou a cabeça para trás e lançou um soluço. Caleb a abraçou e a imobilizou pelos quadris, sentindo como toda ela palpitava em seu interior, como seus músculos lutavam frenéticos por acostumar a ele e escutando como seu coração pulsava desbocado pelas sensações.

Aileen o apertava, abraçava e o cobria dentro de si, sabendo inequivocamente que esse era seu lar. Agradecido pelo recebimento, acariciou suas nádegas sensualmente, deslizou suas mãos em uma lânguida carícia ascendente pelas costas, o pescoço e abrangeu seu rosto com ambas as mãos, obrigando-a a inclinar sobre ele. Seguidamente a beijou com todo o ardor do inferno e a doçura do céu.

Ela não se sentiu assim na vida. Não queria ouvir falar com Caleb de posessividade e de pertencer. Isso a fazia mais vulnerável diante e ela tentava conhecer o prazer físico e sexual com o Caleb, não estava preparada para nada mais. Mas Caleb era um carniceiro emocional. Ia por todas, a marcaria como só um vanirio podia marcar sua fêmea, a possuiria através do sexo. E ela tinha medo.

Aileen devolveu o beijo com o mesmo desejo vulcânico, mas Caleb se afastou entre gemidos.

—Faço mal? —perguntou ele roçando a bochecha com o nariz.

—Não... —Aileen se apoiou em seus largos ombros para acomodar e deslizou as mãos por seu musculoso peito. —É só que... é... é muito grande, Caleb —murmurou olhando diretamente nos olhos.

Aileen sentiu como o vanirio se orgulhava de suas palavras. Sim, Caleb desejava ouvir isso de sua boca. Ele passou sua língua pelo lábio inferior de Aileen e logo o mordeu ligeiramente para seguir acariciando.

—Mas encaixo em você perfeitamente —sussurrou com a voz grave. Deslizou suas mãos de novo acariciando todo seu corpo e as deixou em suas nádegas, as apertando ligeiramente e aproximando mais a ele. Moveu delicadamente para que ela notasse até onde estava encaixado e como a enchia.

—Sim... encaixa —sussurrou ela entrecortadamente.

—Está preparada, Aileen? —disse com a voz enrouquecida pelo desejo. —vamos arder juntos, *Carbaidh*.

Sem prévio aviso, puxou as nádegas e a levantou deslizando sua ereção para fora e logo voltando a penetrá-la com mais força. Aileen mordeu o lábio e reprimiu um grito.

Caleb, voltou a penetrar mais profundamente, deslizando seu pênis ardente através de seu conduto tão apertado. O prazer que sentia era indescritível, impossível de sentir com alguém. Todo ele dependia dela, e ela dependia dele. Não havia dor, nem insultos nem jogos de poder. Caleb era muito grande e estava dentro devastando com seus movimentos, ativando com seu roce cada uma das partes sensíveis de sua interior e ela se sentia bem com ele.

O corpo tremente de Aileen começou a reagir e seus quadris empreenderam a carreira para o êxtase. Cavalgou-o com paixão, juntando seu frente à dele, deixando que Caleb fizesse o que quisesse, mantendo dentro dela. Um profundo estremecimento percorreu seu interior e transpassou parte de sua couraça. Caleb o estava fazendo, estava dando procuração. Sentia por

toda parte, suas mãos fortes não a soltavam mas ele estava dentro de todo seu corpo, em sua circulação sanguínea, em sua mente. Caleb seguia movendo com determinação, sem piedade, com a facilidade e a experiência de quem tem o poder e está certo de si mesmo.

—Sente, Aileen? —penetrou mais profundamente ainda. —Tudo o que há dentro de seu corpo, tudo o que é estremece, tudo, sou eu —olhou para onde seus corpos estavam unidos e sorriu orgulhoso. —nos olhe. Tudo inteiro. Faz sentir tão bem...

Aileen custava respirar e dificilmente podia ouvir nada, porque o coração zumbia nos ouvidos. Olhou para baixo e viu o que queria dizer. Caleb estava tão perdido nela, que seu cabelo púbico se confundia com o seu.

Caleb a olhou com determinação, emoldurou o rosto e juntou sua frente com a dela. Ela se agarrou a seus ombros. Ele a beijou e suspirou de puro prazer. Aileen sentiu como a mesma onda de prazer que arrasava Caleb se precipitava também por todo seu corpo. Respondeu ao beijo de um modo tenro e intenso e começou a balançar contra ele, deixando que desse ar.

Ambos excitados, estimulando o um ao outro com seus corpos. Caleb desceu as mãos por todo seu corpo, lentamente, em uma carícia ultra estimulante e abrangeu as nádegas de Aileen, para movê-la e compassá-la a sua penetração.

Aileen aprofundou o beijo e seguiu o ritmo de Caleb , um ritmo sensual e erótico. Dançavam ao ritmo da paixão.

Ela ofegou quando ele acrescentou o ritmo. Seus olhos verdes a olhavam com posessividade e com umas pálpebras muito pesadas pelo prazer. Aileen emoldurou o rosto com as mãos e voltou a juntar sua frente com a dele, esta vez sem piscar, só olhando-o, esperando transpassar sua alma.

—Não haverá ninguém mais para você —disse ele movendo a cabeça de um lado ao outro. —Vou marca-lhe, Aileen. Todos saberão que me pertence. Aceita.

—Caleb, cale, não diga nada mais —suplicou ela ofegante.

—Tem... que saber — ganharia a batalha, ela tinha que reconhecê-lo. —Sabe que digo a verdade. Só minha. Só para mim.

Caleb não podia fazer isso. Estava-a marcando com suas palavras, com seus movimentos. Queria enlouquecer e queria obrigá-la a admitir que pertencia.

—Por favor, Caleb... —gemeu sem saber se pedia que não parasse ou que se calasse.

Ele grunhiu e a invadiu uma e outra vez, torturando sua carne úmida. Aileen tinha que ser valente, ele sabia que ela tinha coragem para algo. Por que não admitia o que para ele era tão óbvio? Tentou deixar essa guerra e decidiu devastá-la de outro modo.

Aileen passou suas mãos pela nuca. Com uma mão acariciava o rosto, com a outra jogava com seu cabelo e o mantinha grudado a ela.

Um amontoado de sensações e de forças poderosas muito intensas se formou redemoinhos em seu interior à altura do umbigo. Caleb intensificou os movimentos com o objetivo de fazê-la arder no inferno.

Excitados, subiram à onda de êxtase que percorreu e a cavalgaram durante um comprido momento até que algo estalou de uma vez em seu ventre, algo incrível que os deixou quebrados.

Enquanto sentia aquele furacão de emoções e sensações internas, Aileen sentiu que Caleb era para ela, só para ela, mas longe de dizer e expressar algo tão louco como aquilo, esfregou seu pescoço com os lábios e o mordeu.

Caleb ofegou e a abraçou com mais força enquanto seguia balançando em seu interior. Uma mão se enredou em seu cabelo e a atraiu mais a ele. A língua de Aileen o lambia, os lábios o sugavam, ela bebia e de repente se encontraram de novo na onda de um segundo orgasmo.

—Mineadh... —fechou os olhos com força e jogou o pescoço para trás para soltar um gemido de luxúria e satisfação enquanto apertava sua cabeça contra seu pescoço para que ela bebesse o que desejasse e quanto desejasse. —Isso, pequena. Bebe de mim. Se alimente.

Ela tirou as presas e lambeu os lábios e os dentes com a ponta da língua. Tinha vontade de uivar à lua, seu lado berserker a animava a isso.

Caleb tinha sabor de manga de verdade, a fruta fresca e exótica, e ela por fim se sentiu saciada em dias. Puxou pelo cabelo de um modo e dominante, jogando o pescoço mais para trás, e o beijou enquanto gemia de prazer com os olhos completamente dilatados e cheios de prazer.

O segundo orgasmo os devastou, e os fez gritar. Aileen soluçando, com lágrimas nos olhos, deixou cair sua cabeça sobre o ombro de Caleb , e este acariciando o cabelo a acalmou sussurrando palavras de tranquilidade e de orgulho. Orgulho porque sua cáraid era toda uma amazona, forte e apaixonada, doce e tentadora. E era dele. Dele.

—Meu Deus... O que... o que tenho feito? —sussurrou Aileen chorando.

—Fizemos amor —respondeu ele balançando. Desfrutava de seu corpo doce, suarento e abatido sobre ele. Aileen ainda percorriam os espasmos do segundo orgasmo.

Aileen podia não estar preparada para aquela união mas ele sabia pelos dois que se pertenciam e, embora desejava loucamente que ela o dissesse, ele teria paciência.

Olhou a cama, estava desordenada e manchada.

—*Não*,— disse ela. Não dormiria ali.

Caleb assentiu.

—*Como ordena, pequena*. Saiu dela a inapetência, pois nada gostava mais que compartilhar seu corpo. Aileen estremeceu, mas não deixou de abraçá-lo e manteve sua cara inundada em seu ombro. Caleb a pegou nos braços, saiu do quarto e a levou ao andar de baixo. Abriu uma comporta, baixou uns novos degraus e entrou em um quarto quente, iluminado com abajures alógenas de chão ao redor. Uma grande cama cheia de almofadas e lençóis de seda negras e fúcsias ficava no centro do quarto. E ao redor, rodeando a sala, cortinas de água corriam pelas paredes e caíam a um riacho que percorria todo o círculo do lugar. Pedras de calcária branca decoravam esse pequeno rio e motitas de grama contrastavam com a pedra branca. Decoração Zen, sem dúvida.

O chão era de quente parquet.

Caleb a levou a cama, aproximou-a, abraçou-a e tamparam com os lençóis, deixando que esse jardim interior e o ruído da água ao cair sumisse em um sonho profundo. Beijou o cocuruto de sua Aileen. E prometeu que ensinaria a não temer nem a ele, nem aos sentimentos que

despertava nela. Mas estava ele preparado para os sentimentos que sem dúvida estava ela despertando nele?

Capítulo 17

Um corpo imenso e duro dava calor nas costas. Sua cabeça estava apoiada no braço musculoso de Caleb, seu cabelo esparramado pelo travesseiro. O vanirio acariciou a nuca com o nariz. Ela tentou mover as pernas mas ele as imobilizou com uma das suas, muito maiores e peludas. Estavam encaixados como duas colheres, perfeitamente amoldados.

Aileen sorriu. Caleb era uma caixa de surpresas. Sentiu um dedo de Caleb seguindo sua coluna vertebral de cima abaixo. Toda a pele arrepiou. O contato mais intimo do vanirio, despertava e a fazia ferver como um vulcão a ponto de estalar. Que loucura.

—Esta bem? —sussurrou Caleb em sua orelha.

—Estou... bem —surpreendida pela resposta, agradeceu porque Caleb não viu como estava ruborizada.

—Fiz mal? —sua voz soava preocupada. Para Aileen era sua segunda vez, ainda era nova nisso.

—Não, não me fez mal... —respondeu dando conta de como era importante para ele não voltá-la para fazer mal nem a intimidá-la na cama— desta vez.

Caleb a abraçou e apertou seu peito e tudo o que me sobressaía de seu corpo contra as costas e as nádegas de Aileen. Tinha medo de que Aileen não aceitasse tudo o que viu nele.

—O que passou aí dentro? No que me converti? —exclamou ela com incredulidade. —Mordi.

—Mmm... sim e me encantou —colheu com os dentes o lóbulo de sua orelha. —Assim fazem amor os vaniros. E você? Gostou?

Aileen emudeceu e pensou a resposta.

—Sim —apertou a cara contra o travesseiro. Sentia vergonha. —Como pode gostar de beber sangue?

—Beber sangue é generalizar —a corrigiu ele sorrindo. —você gosta só do meu sangue, que fique claro preciosa. Igual eu só gosto do teu. Seu sangue é muito poderoso —reconheceu passando a língua docemente pela orelha. —Nunca me senti tão bem.

—O teu é... bom. Bom não, delicioso.

—Obrigado — deu um beijo úmido na nuca.

—E se beber seu sangue... já não terei fome até...?

—Bebemos uma vez ao dia um do outro e graças a isso podemos desfrutar da boa comida. Agora pode alimentar de algo e sentir como a comida te sacia, porque meu sangue a saciou por hoje. Iremos a restaurantes preciosos e únicos no mundo, minha pequena Aileen. Desfrutaremos

juntos de tantas coisas... —abraçou-a com mais força, demonstrando a alegria de tê-la encontrado por fim e de ser aceito.

Pensando em suas palavras, Aileen lembrou como a encheu em todos os sentidos. Seu sangue era um manjar e sua maneira de fazer amor... estava surpreendida de que ainda seguissem vivos.

Então armazenou todas as imagens da vida de Caleb. Passaram diante seus olhos como um filme enquanto se alimentava dele.

—Agora eu também sei tudo de você —sussurrou ela.

Houve um longo e prolongado silêncio.

—Vi brigar contra romanos, Caleb. Contra vikings...

—Germanos — disse ele com um tom duro.

—Sim... —girou para ele sem sair do círculo de seus braços. —Foram dos poucos que aguentaram o assédio do antigo império romano.

Assentiu com a cabeça. Caleb a olhava com atenção, tentando averiguar se havia rechaço em seu olhar. Pegou uma coxa de Aileen e o colocou por cima de seu quadril.

—Não, espera —se queixou ela. —Quero...

—Tranquila — disse ele acariciando a perna. —Eu gosto de sentir o peso de seu corpo. Não farei nada... por agora —um brilho travesso iluminou seu olhar. —Mas não sou uma múmia, advirto isso.

—Tem dois mil anos — espetou ela sorrindo. —Agora esta quietinho certo? Quero que falemos do que vi e não posso pensar se você...

—Te tocar? —disse ele elevando as sobrancelhas e sorrindo picaramente.

Aileen se surpreendeu admirando o sorriso genuíno e travesso de Caleb. Estava desfazendo por ele. Obrigando a centrar seus pensamentos, prosseguiu com suas visões.

—Se centre, quero falar do que vi —murmurou ela olhando o queixo. —Você e meu pai lideraram o povo celta em suas guerras — umedeceram os olhos. —Amava muito.

—Sim —assentiu ele com seus olhos verdes abertos e solenes. —Já disse que era como um irmão para mim — colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

—Era muito bonito verdade?

—Suponho —fez uma careta e logo sorriu divertido. —Só terá que ver.

—Vi muitíssimas coisas, Caleb —o olhou com ternura. —Vi a um grupo de crianças tentando sobreviver nos bosques depois de que os romanos e os germanos arrebatassem deles quase tudo.

—Levaram nossas mães, mataram nossos pais diante de nosso nariz. A nós, pensavam nos recrutar para os próximos exércitos e o que devia ser o novo exército centurião, mas... escapamos. Nunca poderiam ter conseguido se alguns dos cães sarnentos de nossa aldeia não nos tivessem traído.

—Logo fugiram aos bosques, ocultaram e prepararam para enfrentar a eles. Mas só foram crianças.

—Sim, eles pensavam que nos manteríamos dóceis até que chegassem por nós. Fomos mais de vinte crianças em nosso povoado. Mas não nos conheciam, não ocorreu que os meninos celtas tinham o mesmo sangue guerreiro nas veias que os homens contra os que lutaram. Homens valentes que protegiam suas terras e suas famílias com sua própria vida.

—Você e meu pai foram os líderes dessas crianças, instruíram e os prepararam para as grandes batalhas.

—Sim —confirmou com melancolia enquanto acariciava as costas de Aileen.

—Sinto por sua mãe —apertou os lábios. —Esse homem...

—A levou. Era um dos melhores amigos de meu pai, chamava Gall. Os keltoi não foram fáceis de derrotar, assim que alguns centuriões romanos tentaram comprar em nome de César os membros de nosso clã. Gall nos vendeu. Em todos os lugares sempre há alguém que cede ao medo e ao poder sabe? Ele matou meu pai e levou a minha mãe. Era tão boa e tão formosa... —esclareceu a garganta. —Seus avos também morreram nesse dia. Os romanos arrasaram com tudo sabe? —apoiou o queixo sobre sua cabeça. —Thor era o maior de todos os meninos que deixaram na aldeia. Tinha cinco anos mais que eu — explicou apertando a mais contra ele. —Era um guerreiro incrível, o mais poderoso de todos os que eu vi. Ele nos ensinou a lutar e a nos defender. Samael também lutava bem mas onde Thor era frio e calculador, Samael se deixava levar pelo ódio e a ira e às vezes por sua inconsciência nos encontramos em mais de um apuro. Quando chegou o momento arrasamos um dos acampamentos romanos assentados no centro da Bretanha. Fomos um por um até dar com a zona onde estava Gall. Matei-o com minhas próprias mãos, a ele e o resto dos centuriões e traidores que desfrutavam do amparo do Imperador.

—E o que passou com sua mãe?

—Gall a vendeu como escrava por um punhado de moedas —disse enojado. —Ficou com ela um mês, até que se cansou. Nem Daanna nem eu voltamos a vê-la. Tampouco Menw, Cahal e o resto souberam das suas. Deixaram órfãos, mas o tiro saiu pela culatra.

—Eram crianças, Caleb— elevou o queixo para olhar nos olhos. Tinha o olhar perdido e o rosto cheio de determinação. —Não deveriam viver nada disso.

—Fomos fortes, altos e peritos na arte da guerra e da magia —voltou a enfocar seu olhar nela e acariciou o queixo afundando o dedo indicador na pequena covinha de Aileen. —Muitos de nós temos sangue druida em nossas veias. Não nos falta nada mais que a raiva e o orgulho keltoi para encontrar com todos e matá-los. Após fomos invencíveis, e nos encarregamos que os romanos saíssem de nossas terras. Venceram ao rei Cassivellaunus, é certo, mas nunca puderam chegar a nos dominar. Nós fomos os culpados —sua voz se manchou de orgulho. —Bretanha nunca foi de Roma.

—Não diz isso os textos históricos —murmurou ela sem querer ofendê-lo.

—Quando os vanir nos converteram, nos proibiram de participar das guerras entre humanos —fez uma careta. —Nós só devíamos equilibrar a balança no caso de algum lobacho ou nosferatus abusasse de seu poder contra os fracos. Não pudemos evitar que Roma finalmente obrigasse os

keltoi a pagar tributo e jurar fidelidade. Não nos deixaram lutar ao lado dos nossos, se não fosse assim hoje teria escrito outra coisa nos livros de história.

—Quantos foram transformados, exatamente?

—Vinte, porém logo se uniram a nós mais treze membros que recolhemos pelo caminho, procedentes de outros clãs.

—Trinta e três então. —Aha.

—Seguem todos juntos?

—Não. Muitos se dispersaram por outras partes do mundo e perdemos o contato. Não permanecemos unidos. Entretanto, somos mais de trinta e três —a olhou nos olhos. —Alguns começaram a ter relações...

—Já, claro, como os berserkers. Relacionaram com homens e mulheres humanas e... tacham... nasceram mini-vaniros por todo mundo.

—Há muito poucas crianças em nosso clã, ao menos aqui na Black Country. A verdade é que Beatha e Gwyn tinham dois pequenos, mas desapareceram faz dez anos. Quando capturamos um dos caçadores, vimos em suas lembranças o que fizeram aos pequenos. Não sei se morreram ou não. Gwyn não cessa em sua busca, certamente, e Beatha cada dia perde um pouco mais a esperança. Há outro casal mais do clã, Iam e Shenna, também originários. Faz sete anos que iluminaram a dois gêmeos, menina e menino. E há três meninos mais de dez anos que formam parte dos vaniros que se hospedam em Segdley.

—Só cinco em dois mil anos?

—Bom. Logo estão os filhos dos híbridos. No princípio, com nosso dom e nossa necessidade de beber sangue e de encontrar a nossos pares cometemos muitos enganos.

—Transformaram muitas pessoas?

—Eu nunca, mas sei de outros que não levaram nada bem. Como não estabelecemos comunicação entre nós e nos pulverizamos por todo mundo, eu não sei o que foi deles. Não sei se há mais crianças, não sei se há mais híbridos.

—E... os filhos dos vaniros do que se alimentam?

—Mamam do peito da mãe porque dele obtêm proteínas para seu crescimento, após temos que lutar com eles para que aprendam a suportar a fome.

—E o alimento humano serve para crescer?

—Não, mas é como a nicotina para um fumante viciado. Podem comer, mas graças a Menw descobrimos que crescem melhor e com menos ansiedade se dermos suplementos ricos em ferro.

—Ah... —aumentou os olhos interessada. —Não deve ser fácil ser uma criança vanirio.

—Não —a olhou de cima abaixo com olhos famintos. —Não é.

Se olharam fixamente, tentando ler a mente um do outro.

—Caleb, não utilizamos amparo.

—Não se preocupe, não tenho nenhuma enfermidade. Somos imunes.

—Já, deixa mais tranquila embora já o imaginava. Mas, podem ter filhos... Eu estou tomando pílula desde os dezoito anos.

—Garota pronta —sorriu ele.

Caleb aproximou sua boca e roçou seus lábios em um beijo que pareceu mais um bater das asas de uma mariposa. Ao voltar a afastar, notou o olhar cheio de fogo. Aileen olhou seus lábios e logo elevou a vista para estudar suas feições. Era puro pecado.

—Por que me olha assim? —perguntou ele incerto.

Aileen passou um dedo por sua viril mandíbula e acrescentou:

—Se responsabiliza pelo que passou a seus pais e a toda a aldeia. Por que? —disse ela solene.

Caleb a pegou com ar incômodo. Ela era sua cáraid. Seu casal. Surpreso e terrivelmente crédulo como nunca descobriu que tinha vontade de falar disso a sua apaixonada e doce amante.

—Cada povoado tinha um vigia, um observador que alerta ao povo acendendo um fogo quando se aproximam inimigos ou hostis. Meu pai era o de nosso clã — pegou a mão dela e beijou a palma para logo deixá-la sobre seu rosto. A Aileen arranhou a barba incipiente que crescia. —No dia que foi arrasada nossa aldeia meu pai não se encontrava bem, tinha mal do estômago. Minha mãe e eu o aconselhamos que ficasse no *chakra*[32]. Assegurei que eu me encarregaria da guarda, e assim fiz. Gall, que conhecia nosso proceder, estendeu uma emboscada esperando encontrar meu pai em seu posto de vigia. Junto com ele haviam quatro centuriões romanos vestidos de celtas, como nós. Eu não pude diferenciar e deixei que se aproximassem. Gall me encontrou no lugar de meu pai —encolheu os ombros. —Deram-me uma surra entre os quatro centuriões, não deu tempo de eu alertar ninguém. Ataram-me ao cavalo de Gall. Percorri todo o caminho até a aldeia miserável por esse maldito cavalo que corria como o vento —Aileen fechou os olhos, doída pelo que ele teve que sofrer. —Não... pude avisar os meus —murmurou com reprovação para si mesmo. —Mataram todos. Tiraram meu pai do *chakra* e cortaram a cabeça diante de minha mãe e de minha irmã. E logo levaram às mulheres para as violar, vender ou as mudar por outras coisas.

—Caleb... —sussurrou com o coração encolhido.

—Não. Me escute, não quero compaixão — disse em tom ameaçador.

—Não sinto compaixão — respondeu ela. — Vi essa lembrança e acredito que se culpa por algo que não podia controlar.

—Era meu dever alertar às pessoas e fracassei. Fui débil.

—Era uma crianças —protestou ela acariciando a bochecha.

—Era um homem.

—Até onde eu sei —colocou um dedo sobre seus lábios e o obrigou a calar, —um rapaz com quatorze anos não é nenhum homem. Acredito que ninguém deveria te culpar por isso. É mais, acredito que ninguém de seu clã faz. É admirado e respeitado por todos, Caleb. Não seja injusto com você mesmo. Para mim não foi tua culpa —confessou olhando com ternura. —O que passou foi que quatro homens deram uma surra a um rapaz. Isso é um abuso, é jogo sujo.

—Eu era maior para...

—Não era.

---

[32] *Nome que se dava às casas dos celtas.*

—Sim, para nós. Em nossa cultura um rapaz deixa de ser quando pode deixar grávida a uma mulher.

Aileen aumentou os olhos e se esforçou por não rir.

—De verdade, Caleb, parece uma atrocidade que julguem a maturidade tão cedo.

—Como?

—É escandaloso para mim te escutar falar assim... —respondeu. —Isso inculcavam? Assim ensinavam?

—Cuidado com o que diz, pequena bruxa —a advertiu fazendo o ofendido. —Está rindo de uma cultura muito antiga e poderosa.

—Não estou rindo —disse ela levantando os braços. —Compadeço — pegou uma de suas fortes mãos e beijou os nódulos como ele fez. —É muito suscetível sabe? Só digo que não me parece justo. É muita responsabilidade ser um homem aos quatorze anos. Se fosse humana e pudesse realizar esse trabalho de educação sociocultural, proporia que começássemos com vocês como um claro exemplo do que é o que não se deve inculcar. Mas não posso — disse com pesar. —Eu já não posso realizar o que eu gosto e vocês se supõe que já não existem, assim... —encolheu os ombros rendendo diante a evidência.

Caleb olhou seu gesto de derrota e se sentiu furioso por ela, porque já não poderia desempenhar algo que gostava. Ele queria ajudá-la, seus problemas eram agora os seus e não permitiria que ela se sentisse infeliz. Talvez ele pudesse fazer algo a respeito. Aileen era terrivelmente boa no que fazia e além disso era muito convincente falando. Poderia ensinar milhares de valores novos a muitas crianças. Pode ser que a Aileen fosse importante para os clãs, não só para os vaniros, mas também para os berserkers. Moldaria uma ideia sobre as possibilidades de ter a alguém como Aileen não só em sua vida, mas também na dos clãs. Pode ser que ela fosse a chave dessa mudança que devia instalar-se entre as duas raças para uma melhor convivência e uma fluida comunicação. Mas pensaria nisso mais tarde. Agora a tinha em sua cama, tenra e carinhosa, e isso era mais do que podia suportar seu já dando por si endurecido corpo.

—Que mais viu, pequena intrépida? —sorriu maliciosamente.

A Aileen pareceu incrivelmente sexy fazendo esse meio sorriso devastador. Ela queria seguir falando do assunto de Caleb e sua autoculpa, mas entendeu que já era muito para ele falar disso. Provaria em outro momento. Doía que ele sentisse essa dor por algo que não estava em suas mãos. Sorriu e respondeu a sua pergunta.

—Não podem se transformar em nada —respondeu ela olhando as presas. —Pensava que podiam se converter em bruma ou em morcegos e em coisas dessas... em lobos como Drácula do Bram Stoker sabe?

—São mitos. Nós somos como uma espécie de magos imortais com presas. Não bebemos sangue humano para sobreviver, a não ser que como em meu caso —roçou seu nariz com a dela— tenha encontrado meu par.

— Então as presas só são estéticas. Desenvolveram só para o gozo de seu casal, unicamente. Que romântico —entreabriu os olhos com brincadeira. —Por certo, não me deixará marca verdade?

—Quero deixar isso.

—Por que? —perguntou ela curiosa.

—Todos saberão que é minha.

—Assim por isso têm presas? Você Tarzán e eu Jane? —mofou ela um pouco zangada.

—Nossas presas são muito funcionais —respondeu ele rindo. —Posso rasgar um pescoço inteiro só com uma dentada. Posso arrancar extremidades com um pequeno movimento de minha cabeça e com estes — destacou os dentes— bem cravados na carne. Posso beber sangue. Mas não para me alimentar, a não ser para extrair informação. É obvio não necessito grandes quantidades, unicamente com um sorvo tenho suficiente. É Loki o que criou lobachos e nosferatus a partir de nossa natureza. Eles sim que são vampiros. Bom, já os viu...

—Um deles queria me raptar. Queria me levar com ele... acredito que foi o que você matou.

—Notam que é distinta, sabiam quem era. Mikhail a prendeu por algo, Aileen. Ele esperava sua transformação para logo te subentrar a seus estudos. Mas não há do que preocupar-se, não deixarei que lhe aconteça nada —acariciou seu ombro nu com os nódulos.

—Necessito que me deixe participar do que vai fazer, Caleb —confessou com a pele arrepiada por sua carícia. —Não só perseguem a vocês e aos berserkers, mas sim também me perseguem. Pode ser que ainda não saiba controlar meus poderes, mas me sentirei mais certa se formar parte disto. Não estou feita para ficar assustada em um rincão esperando que me salvem e sabe. Esteve em minha cabeça, viu toda minha vida.

Caleb a olhou fixamente, dando valor a suas palavras e analisando a situação. Era certo, Aileen não queria ser protegida, ela queria lutar também. Mas ele não permitiria. Fechou sua mente à intromissão de Aileen, e mudou de assunto rapidamente.

—Já veremos... Que mais sabe de mim?

—Não tem filhos —era uma afirmação. —Nunca teve uma relação com nenhuma mulher.

—Tive montões —respondeu ele sério.

Aileen elevou a mão e acariciou o lábio inferior.

—Teve encontros de uma ou duas horas, Caleb. Não teve nenhum par, jamais. Nem sequer quando era humano.

—Não. Meu clã era o mais importante, não tinha tempo para tolices românticas —espetou. —Logo quando fui pego pelos deuses, centrei no amparo dos humanos. Sabia que havia uma mulher destinada para mim, mas não me obcequei até o ponto de ir procurá-la.

—Claro —baixou o olhar. —Para que, não? Se já tinha a todas as demais que lhe abriam as pernas para acalmar a libido, usava e ponto.

—Não queria que visse isso —se lamentou elevando o queixo e acariciando sua boca com a sua. —Mas me abri a você com todas as consequências, não queria me reservar nada. Quero que me conheça.

Aileen assentiu com a cabeça, calibrando a importância que estava dando Caleb ao acontecido entre eles e como também era importante para ela que revelasse tudo. Olhou e tirou coragem para a seguinte pergunta.

—Previu para mim algo como o que Gall fez a sua mãe, verdade? —não titubeou nem por um segundo. —Queria me atar a você à força? Que fosse sua concubina, que não é o mesmo que companheira. Queria isso, verdade? Daí que Daanna recriminasse seu comportamento. O que passaria quando encontrasse sua verdadeira companheira? O que faria comigo?

Caleb apertou a mandíbula e franziu o cenho.

—Teria que te matar. Correria o risco de se converter numa vampira. Sem meu sangue, sem minha proteção, beberia de outros e converteria e isso é muito perigoso.

—Não teria permitido. Não teria deixado que nenhum de vocês acabasse com minha vida. Eu me entregaria ao sol, como dizem vocês.

Caleb estremeceu ao pensá-lo.

—Mas eu não sabia quem era na realidade. Embora desde que te vi titubeei em minha decisão, mas não quis reconhecer —encolheu os ombros, de acordo com sua resposta. —Logo as coisas foram como foram... —deslizou suas mãos até seus quadris e as deixou ali. —Se não provocasse o que provoca em mim e tão somente fosse uma humana inocente e não quem é na realidade teria deixado livre e com uma boa lavagem de cérebro. Mas é quem é e agora está aqui.

Suas palavras às vezes frias e sem emoções não concordavam com sua maneira tenra e doce de tocá-la. Aileen não percebeu de que retinha o ar até que o exalou nervosamente quando ele a aproximou de seu corpo.

—Não dou medo verdade? Depois de tudo o que viu de mim...

—Não exatamente. Deveria te ter medo, Caleb? —não era medo o que tinha, a não ser terror que ele acabasse convertendo em alguém indispensável para ela. Aileen jamais dependeu de ninguém.

Caleb era um homem perigoso. Um lutador, um guerreiro e um rival mortal para qualquer um que se enfrentasse. Não tinha compaixão no campo de batalha e além disso desfrutava do que fazia a seus adversários. Era um verdadeiro artista da guerra, no caso de que a guerra tivesse algum tipo de arte. Era um homem apaixonado e cheio de lembranças amorosas. Amava a seus pais e os arrebataram. Queria Thor com devoção e o tiraram. Ambos salvaram a vida mutuamente em várias ocasiões, mas Thor desapareceu uma vez de sua vida e não havia tornado a vê-lo mais. Agora só ficava Daanna, sua única família. Em mais de dois mil anos de existência não conseguiu se vincular com ninguém mais que não fossem ela, seu pai Thor, Menw e Cahal. Era ciumento dos seus e muito protetor. No clã todos o respeitavam e o consideravam o líder depois da morte de Thor. E ele atuava segundo essa etiqueta mas não por aparentar nada, mas sim porque eram valores que estavam em sua própria natureza, em seu coração. Não dava nunca o braço a torcer, porque quase sempre usava razão, como também acreditava nos cem por cento que ele usava a razão respeito a Aileen e sua relação com ela. Era um homem duro e imponente por fora, mas quando esse carapaça se gretava, aparecia parte do menino que uma vez foi e o medo por perder

aqueles que queria o deixava indefeso e incerto. Só ela viu essa parte dele e por isso ele queria submetê-la constantemente. Ele queria mandar. Não gostava de sentir fraco em frente dela nem de ninguém.

Aileen tinha muitíssimo poder sobre ele, e se sentia turvada pelo descobrimento.

—Não tem que ter medo de mim, se levar bem, pequena.

Aileen elevou as sobrancelhas incrédula.

—E isso o que quer dizer?

—Somos casal, anjo. Tem que me obedecer.

—Espera, espera — disse ela sacudindo a cabeça. —Eu não gosto do que disse. Deitamos mas —o empurrou tentando se liberar de seu abraço... — não quer dizer que eu lhe pertença, nem que você me pertença nem nada que se assemelhe... ouve? Suficiente estou fazendo ao tomar com a máxima calma possível tudo o que me passou como para que agora tenha que me reger a suas objeções —Caleb a apertou mais contra ele até que nem o ar corria entre seus corpos nus. —Caleb, não. Basta.

—Não entende nada? Gostou de fazer amor comigo? —murmurou contra seus lábios. —diga isso —Entendo que parte de sua mente humana esteja lutando ainda contra sua verdadeira natureza —esclareceu docemente. —Deixa de brigar comigo — ordenou baixando a voz. O corpo de Aileen ficou flexível como a gelatina. —Se separar de mim, se ...

Aileen tentou afastar a cara, mas Caleb a segurou pela nuca com uma mão brusca e autoritária e a imobilizou.

—Não posso acreditar que me esteja sugestionando deste modo. Deixe me mover... — respondeu tentando mover suas extremidades. Esse era o homem com o que acabava de fazer amor de um modo insuportavelmente íntimo e crédulo e agora a estava dominando e submetendo a sua vontade como se sua opinião não valesse nada. Encheram os olhos de lágrimas. Não devia ser assim, mas assim era, e por isso ela não queria entregar-se a ele por completo. Sempre daria valor.

—Se —voltou a pôr sua boca sobre a dela lamentando ver seus olhos avermelhados— fazer uma vida além da minha, não só não será feliz, mas também algo a quebrará por dentro. Lembra a sensação que teve quando perdi o contato mental com você? Pois coloca isto dentro dessa preciosa e adorável cabecinha teimosa que tem. Então, não nos tínhamos deitado depois de sua conversão e chorou toda a noite. Tremia e sentia dor física diante da minha ausência. Como acha que será agora depois de nos haver vinculado de um modo tão íntimo, Aileen? Nem você nem eu somos já humanos. Eles podem deitar com quem gostem e inclusive podem fazer a vista grossa assim que aparece sua meia laranja, podem atrever a ignorá-la e escolher não estar com ela. Podem ser infiéis se gostar. Nós não. Os vaniros não. A paixão que nos sentimos dói. Nós vivemos para o casal. Você é minha cáraid e você viverá também para mim. E não porque eu esteja ordenando isso, Aileen, mas sim porque é nossa maneira de correspondemos, de pertencer a alguém, de envolver com alguém e de comprometer. Assim nos relacionamos. Entende?

Aileen abriu os olhos consternada. A lembrança de como passou mal diante a ausência do contato mental de Caleb a deixou fria e tremente. Não queria voltar a se sentir assim, jamais. Um medo atroz percorreu a espinha. Mas como poderia conviver com um homem que a submetia constantemente? E não só isso. Como se comprometeria dessa maneira?

—Sou dominante —disse ele— e você uma cabeçuda, Aileen. Mas me converto num boneco inofensivo quando estou a sós com você —reconheceu pedindo um pouco de colaboração com o olhar. —Não tem do que se preocupar quando estivermos na intimidade. Sou uma marionete em suas mãos, mas minha atitude protetora diante as multidões pode ser que te incomode. Não posso fazer nada diante disso. A partir de agora você é minha responsabilidade, de ninguém mais. Sinto muito, mas você me escolheu. Seu olfato me escolheu por você. Você é o mais importante, agora é minha obrigação velar por nós dois.

Aileen compreendeu o muito que marcou Caleb o sucesso da vigia de seu clã quando era humano. Queria controlar tudo, responsabilizar-se por tudo. Por isso tudo devia fazer a seu modo.

—E se eu não quero?

—Não tem eleição.

—Claro que tenho —respondeu ela com um grunhido. —Escolhi me deitar com você. Posso escolher não voltar a fazer e isto pode ficar numa simples transa.

Se tivesse cuspido, não teria se surpreendido tanto. Uma transa? E não uma transa qualquer, a não ser uma simples. Nisso acreditava Aileen que foi a frenética união que experimentaram? Ele nunca fez amor antes. Sexo, sim. Transas, aos montões. Mas com a Aileen não foi nada disso, nem sequer a primeira vez.

O mesmo desconcerto que sentiu ao descobrir que havia algo mais entre eles que a dependência dos casais vaniros foi o que fez ao se colocar sobre ela e esmagá-la contra o colchão.

—Uma transa disse? —repetiu com a voz cortante. —De verdade acha que há algo que possa controlar entre você e eu? Entre o que sentimos? —sua juba caía a ambos os lados de sua cara.

—Eu não gosto desta posição, Caleb —observou nervosa como seu corpo estava literalmente esmagado pelo dele. —Saia de cima.

—Tire essa ideia homossapiens da mente. Isto é completamente distinto a nada do que tenha conhecido —a sacudiu.

—A relação entre cáraids é quente, abrasadora e quase humilhante de como é dependente.

—Eu não escolhi —respondeu ela débil. —Eu não vou depender de você. Eu... não quero —elevou o queixo com orgulho. —Não há amor, só luxúria desenfreada e você tampouco está apaixonado por mim —o desafiou a que a contradissera. —A que não?

Caleb a fundiu com seus olhos verdes. Estava apaixonado por ela? Sabia que a necessitava, que a desejava com loucura, que não deixava de pensar nela, mas era isso amor? Ou era obsessão? O que sabia ele do amor para uma mulher? Nada. Jamais esteve com uma tanto tempo. Sua irmã era quão única o conhecia e mesmo assim procurava que ela não visse tudo

como ele poderia chegar a ser débil. E com a Aileen? Aileen já era uma debilidade de por si. Estava apaixonado?

Aileen esperava uma resposta. Ela viu o que e quem era ele. Como era seu coração e como era difícil acessar seus pensamentos, suas lembranças, a sua alma. Fazia amor com ele e nunca se sentiu tão completa como quando esteve entre seus braços. Mas... o que implicava reconhecer que se estava apaixonando por ele? Era isso amor? O que queria ouvir dele? Não podia dobrar à vontade de Caleb. Já o fez durante muitos anos com Mikhail para que agora ele se comportasse igual. Por que se sentiu ligeiramente desinchada quando Caleb não respondeu?

—Não é meu coração o que escolheu, a não ser meu instinto, meu olfato, meu... paladar —precisava se defender. —E aconteceu o mesmo— assegurou terminante. —Não temos que fingir que estamos apaixonados, entende?

—Não me ama, ainda —disse mais docemente mordendo o lábio inferior. —Mas tampouco o necessitamos agora. Não há opção para nós.

Aileen tentou tirá-lo de cima, mas ele grunhiu sobre sua boca.

—Não me afaste — advertiu seriamente.

—Caleb, é tão romântico — burlou ela mais frágil do que desejava.

—Quem necessita o romantismo se tivermos isto?

Caleb a beijou apaixonadamente até que ela perdeu o fio do que ia dizer.

—Quero ser livre de escolher —ele seguia beijando-a, mordendo os lábios, —quero poder escolher. Preciso saber que controlo minha vida... e você não me ajuda. O que nos passa é... uma reação física, não emocional.

Caleb assentiu com a cabeça, dando a razão só para que ela se calasse e deixasse beijá-la.

—Não. O que nos passa é um milagre —colocou seus lábios sobre sua garganta, lambendo e mordiscando com perícia. —Há um homem para cada mulher —deslizou seus lábios pela clavícula e desceu até o erguido mamilo, —uma alma que complementa a outra à perfeição. Os humanos se conformam com que seus casais sejam compatíveis, não necessitam a verdadeira alma gêmea porque dá igual —deu uma ousada lambida no rosado mamilo. —Enquanto tenham sexo, uma vida social sã e não fiquem sozinhos ao final, que sejam ou não sua meia laranja não tira o sonho. Eles pensam: “enquanto se pareça, embora seja um pouquinho ao que eu quero...” —abriu a boca e a fechou sobre o montículo duro e suave.

Aileen exalou todo o ar de seus pulmões e o pegou pelo cabelo.

—O que... faz, Caleb? —não sabia se o retirava ou apertá-lo mais contra ela.

—Passam a vida com outra pessoa que cumpra só um pouco suas expectativas, que compartilhe um pouco seus gostos... e com isso se conformam. Até que um dia descobrem que esse pouco não é suficiente —voltou a lamber contra o mamilo enquanto com a mão massageava o outro peito— e então... vão por outra flor ou a por outro casulo, que certamente tampouco complemente nem dê a paz que necessitem. Essa outra flor será algo novo que compartilhe outro tipo de gostos e que cumpra outro tipo de expectativas, mas seguirá tendo carências. E assim se

passam a vida, procurando sem chegar a encontrar o que realmente necessitam. Nós não. Sabe por que?

Aileen tinha os olhos fechados e mordia os lábios, para evitar chiar de prazer. Negou com a cabeça e Caleb sorriu.

—A alma gêmea, a de verdade, desprende um aroma especial. Todos liberamos umas feromonas que chamam a nossos casais. Se tivermos os sentidos suficientemente desenvolvidos, podemos chegar a diferenciar o aroma. Assim nos escolhemos, pelo aroma. Eu cheiro a manga e você cheira a bolo de framboesa e queijo, que casualmente são nossos sabores favoritos — ascendeu roçando a pele com a língua e os lábios, até que chegou a sua boca e a invadiu.

Aileen não rechaçou o beijo, mas sim abriu bem os lábios e entrelaçou sua língua com a dele aprofundando mais em sua boca, desfrutando de do sabor masculino e excitante do vanirio, esquecendo-se de todos os mas e os contra de estar com ele e entregando a sua doce paixão. Caleb emoldurou suas pernas com as suas, impedindo que se movesse. O calor começou a emergir de sua pele. A carne vibrava, o sangue corria a grande velocidade por todo seu corpo e amontoava nos seios, a cabeça e o ventre.

—Não... —disse Aileen com um som afogado tentando recuperar o fôlego. —Olhe, eu... dou a liberdade. Não quero ficar claro? Certo que ali fora há alguém que realmente te complemente, mas essa pessoa não posso ser eu.

Caleb começou a rir com força.

—Me dá a liberdade? —perguntou elevando uma sobrancelha. —Não pode viver sem meu sangue. Não sabe o que diz.

—Então... então procuraremos encontrar a maneira de ter a nossa disposição garrafas com nosso plasma sanguíneo. Como no Underworld que tinham bancos de sangue ao seu dispor. Pode fazer, verdade?

Caleb rio de repente. Realmente a garota estava falando a sério e viu muitos filmes. Se afastou ligeiramente dela apoiando sobre as mãos, liberando-a ligeiramente de seu peso.

—Não só é o sangue o que necessitamos um do outro, pequena tola.

—Não me insulte.

—É isto também —a agarrou pela mão e a levou a seu pênis que de novo estava ereto e duro como uma pedra. —Não podemos ignorá-lo.

Aileen tocou seu membro pela primeira vez. Era suave, tenso, sedoso e forte. Palpitava contra seus dedos e estava quente. Tragou saliva e apertou a mandíbula apartando a mão.

—Libero disso também de acordo? —estava nervosa. Precisava meditar sobre eles dois, sobre o que sentia por ele. O que vinha da fome? O que vinha realmente das necessidades de seu coração?

—Você me libera? —repetiu perdendo a paciência por momentos.

—Sim, eu libero... —fez dramalhões com as mãos. —Olhe, não sei por que estúpida razão o destino quis que você e eu nos encontrássemos nesta situação. Certamente não somos compatíveis. Deitei com você... e não tenho palavras para descrevê-lo, mas você não é meu casal.

—Não sabe —respondeu ele cortante.

—Me acredite, sei o suficiente —se esforçou por sorrir. —Quero ter a oportunidade de conhecer meu verdadeiro casal. Quero que me seduzam, que...

Caleb franziu o cenho e golpeou o travesseiro com o punho.

—Esta tirando o sarro, mulher? —seu olhar se obscureceu. —É que não entende o que há sentido comigo? Nunca vais sentir com ninguém mais.

—Você não sabe isso...

—Claro que sei... Deitei com muitas mulheres, Aileen, e com nenhuma senti o que sinto com você.

Aileen calou por um momento. Não queria sorrir como uma tola pelo que disse Caleb, e Por Deus que não o faria, não demonstraria o muito que agradava ouvir isso.

—Ao menos você pode comparar —no momento em que pronunciou essas palavras se arrependeu. O olhar de Caleb se tornou inexpressivo. O rosto pétreo. —Quero dizer...

—Vá, vá com a híbrida. Sei perfeitamente o que quer dizer —Caleb deu um salto e se levantou da cama com sua esplêndida ereção e um saco cheio de campeonato. Se sentia ferido em seu orgulho. Como podia Aileen querer comparar o que ambos tiveram? Ficou de pé, olhando-a com frieza. —Então o que quer, bonita?

Aileen se ajoelhou sobre a cama e se tampou com o lençol, sentia nua e não só fisicamente. Agora a discussão era fria e feia de verdade.

—Quero minha independência, Caleb. Viver em minha casa, voltar com meus amigos, e recuperar minha vida. Desde ontem de noite não sei nem sequer onde estão, se estiverem bem...

—Por isso não se preocupe, Daanna está com eles —disse seco. —Mas referia a você e a mim. O que quer?

—Eu...

—Segundo suas palavras, quer comparar. Não confia em seus instintos e quer ver se por aí está seu verdadeiro príncipe azul — cruzou de braços, esplêndido e maravilhosamente sexy em sua nudez. —Eu dou medo, não me quer. Isso disse.

Aileen se sentia fatal para ouvir suas próprias palavras de boca de Caleb . Assim soavam cruas, vazias e superficiais.

—Só quero espaço e tempo— sussurrou apertando os lençóis contra seu peito. —Tudo isto me aflige. Você me aflige. Tem que entender que...

—O que entendo é que quer provar a outros —vaiou com malícia e cortando-a— para ver se não se sente tão afligida —repetiu com ironia. —Faz umas horas me disse que não queria que me aproximasse de nenhuma fêmea.

—Mulher.

—O que se supõe que devo fazer agora? Supõe que sou livre de fazer o que quiser? Essa é a liberdade da que me fala? Isso é o que deseja?

Aileen ficou em silêncio e afastou o olhar. Caleb a observava como se queria arrancar o lençol e demonstrar quem a afligiria de verdade. Mas para sua surpresa relaxou os braços a ambos os lados de seu corpo.

—Disse que não a obrigaria a nada —lembrou ele sem nenhum tipo de ternura na voz. —Não vou fazer, Aileen. Cumprirei minha palavra. Quer espaço? Perfeito, eu te darei espaço. Quer experimentar? Faz o que tenha vontade. Você mesma. Mas sabe uma coisa? Não tem nem ideia do que nos vai fazer, nem ideia —se aproximou e inclinou sobre a cama pondo uma mão a cada lado de seu corpo, abandonando. —Sabe o que? Eu também vou provar a ser afligido por outras —disse com desprezo, — ao menos não dou medo. Se você tiver direito, eu também não?

Aileen sentiu como uma adaga em forma de palavras cravavam no coração e retorciam fazendo-a sangrar. Não gostava nada de ouvir isso, um repentino ciúmes a aguilhoaram em carne viva.

—Por que quer tomar essa decisão? —perguntou intranquilo ao ver que doíam essas palavras. —Não o faça tão difícil... Disse que você levaria o ritmo desta relação, podemos ir pouco a pouco, você manda —sua voz implicava ternura e compreensão.

—Faz um momento me disse que não tinha escolha e que devia obedecer — afastou o cabelo da cara e levantou o queixo. —Como ficamos, Caleb?

Aquela garota o tirava do serio. Ele sorriu sem que os olhos chegassem a rir. Retorceu os lençóis com suas mãos para não ter que sacudi-la e beijá-la até tirar essa ideia absurda da cabeça. Fechou os olhos, franziu os lábios e negou com a cabeça, se incorporando de novo e afastando do corpo quente de Aileen.

—Falarei com Menw. Ele nos ajudará com o do sangue.

Aileen tragou saliva e olhou o gesto derrotado de Caleb. Por uma parte queria retificar o dito só para aliviar a dor do vanirio , mas era seu direito poder escolher. Por que não? Ela seria quem escolhesse seu par, não um absurdo jogo de sangue e aromas. Mesmo assim, partia a alma de vê-lo tão triste com a cabeça baixa, caminhando de costas a ela e dirigindo às escadas.

—Caleb, me escute...

—Não — girou para ela apoiando no repousa mãos da escada. —Quer seu espaço, isso me disse. Quer pensar e não o poderá fazer comigo dentro de sua mente, assim que digo isso já. Não falarei com você mentalmente. Não me busque.

—Mas...

—Aileen —suas palavras eram bruscas e afiadas, —me deixe obedecer a suas ordens. Devo-lhe isso, salvou minha vida verdade? Deseja ter sua oportunidade, ser proprietária de suas próprias eleições. Escolheu se afastar de mim e isso vai fazer. Tem que ser consequente com o que desejas e eu quero que compreenda o que há entre você e eu. Considera seu presente de aniversário, a liberdade. Mas te advirto: logo não me venha chorando.

Aileen esticou os ombros. Que não fosse chorando? Que não fosse chorando? Era um bordo presunçoso...

—Tranquilo —respondeu ela orgulhosa e sarcástica. —Tentarei não me arrastar diante você, fanfarrão arrogante.

—Isto não vai ser agradável, Aileen —sorriu divertido diante o insulto. —Volto a lhe perguntar: está certa de que quer que te deixe em paz?

—Sim... muito certa —duvidou diante a resposta.

Caleb assentiu lentamente e saiu do quarto para dirigir ao armário e pegar roupa nova.

Aileen ficou olhando a porta com o coração e os lábios tremendo. Tragando umas inesperadas lágrimas afastou os lençóis e saiu da cama. Dirigiu ao banheiro e abriu a ducha de hidromassagem. A água estava quente, assim que se colocou debaixo do jorro, jogou a cabeça para trás e abriu a boca para que a água entrasse dentro. Ensaboou rápido tentando não pensar no modo que tinha Caleb de tocá-la, de acariciá-la e de contatar com ela tão intimamente. O sabão cheirava deliciosamente, a cítricos. Como ele.

Saiu da ducha vestida com uma toalha que cobria sua nudez e com o cabelo negro molhado. O desenredou e o deixou todo penteado para trás. Sentou na cama, sentindo ainda ligeiramente incomoda aí abaixo. Caleb era realmente grande.

O vanirio abriu a porta com roupa para ela. A entregou sem olhá-la nos olhos. Comprou uma loja inteira de acessórios e roupa de todo tipo para Aileen e alguns objetos ficaram com ele para dias como esses, pensando que teria muitos com ela, nos que a jovem acabaria em sua cama sem ter planejado.

Supunha que Aileen teria que estar desejando deitar com ele de novo, mas não era assim. Ela queria fugir. Todas as mulheres que teve antes dela, morriam por estar com ele depois de praticar o sexo e ele as repudiava. Agora acontecia ao reverso, ele era o rechaçado e não gostava como se sentia.

—Toma, ponha isto — disse.

Aileen pegou a camiseta negra ajustada e os jeans femininos de cintura baixa. Inclusive havia um conjunto vermelho de roupa interior Vitórias Secret. Levantou da cama, pegando a toalha.

Caleb a observou e teve que reprimir um suspiro. Deus, era tão formosa. A notava incômoda e incerta. Olhou-o com esses olhos de cor violeta e disse:

—Obrigada.

Caleb esclareceu a garganta.

—Seu avô vem para cá. Vista-se rápido, está muito chateado porque passou aqui a noite.

—Já... bom —tinha que tirar a toalha de cima e, agora depois de todo o dito, não parecia correto despir diante ele. —Poderia...? —com a mão indicou que se desse a volta.

—Não, é obvio que não —seu olhar era frio, mas em suas pupilas dilatadas também havia um leve reflexo de dor. —Não há nada que não tenha visto já. Tenha pressa, ficam cinco minutos.

Parado frente a ela, tão alto, tão ameaçador e esplêndido, teve que fazer provisão de forças para não ir para cima dele e violá-lo no chão. Ele era um Adônis moreno e de uma beleza tão selvagem e cativante que não parecia real.

Caleb estava se comportando como um bordo. Queria incomodá-la mas Aileen não podia parar a reação de seus hormônios diante ele. Era perfeito e seu gosto pela moda, impecável. Agora usava uma calça negra e uma camisa Burberrys ligeiramente aberta até o peito, que combinava com a cor de olhos de Aileen. Usava um Tagheuer enorme no pulso e olhou a hora. Ele cheirava ao Allure.

Num impulso Aileen deixou cair a toalha e ficou nua frente a ele, olhando com desaprovação porque não deu a volta, mas com inegável desejo. OH Deus, desejava-o de verdade outra vez.

Caleb a olhou de cima abaixo, acariciando com o olhar o esplêndido corpo nu de Aileen. As pernas duras e ligeiramente musculosas, os agradáveis ossos de seus quadris, seu abdômen liso, sua cintura estreita, os seios perfeitos e aquela cara adorável e bela.

Ela não soube muito bem como passou, mas imediatamente estava desejando como louca que ele a tocasse. Mas estava doente ou o que? Disse que não iriam se deitar mais e no final nada estava rogando com linguagem corporal que a manuseasse e a estimulasse como antes. Assim não a tomaria a sério ninguém.

Caleb teve uma ereção de cavalo, mas seus olhos se mantinham inexpressivos enquanto a exploravam como se ela fora uma mercadoria. —Caleb, eu... —deu um passo para ele.

—Você o que? —aproximou ameaçador. Ocultou as mãos nos bolsos, para que ela não se desse conta de como tinha os pulsos apertado.

Ela tragou saliva, mas não retrocedeu. Caleb queria assustá-la, estava zangado. E ela sentia de novo necessidade e não sabia nem dissimular nem queria fazê-lo. Só queria que ele voltasse a abraçá-la e a fazer amor.

—Olhe, no melhor eu... estou um pouco C...

—Brincalhona.

—Diria confundida —grunhiu ofendida por suas palavras.

—Agora está brincalhona — disse em tom irritante, —e quer que te toque verdade? Mas, querida, é só algo físico, como você bem diz... uma reação que certo —se burlou incrédulo— pode despertar em outro. Não serei eu quem lhe tire essa ilusão.

Suas palavras eram um jorro de água fria. Aileen baixou o olhar a seu corpo exposto e colocou a calcinha o mais rápido que pôde, diante os olhos duros de Caleb. Nunca sentiu vergonha de seu corpo. Agora, sim.

—Necessita uma ducha fria, Aileen.

Como podia ser tão cruel? Aileen sentia a necessidade de estar com ele fisicamente, de unir a seu cáraid. Pobrezinha, logo o estaria desejando tanto que até doeria o corpo por isso e ela era uma completa novata nisto. Inconscientemente devotou em bandeja, mas por essa mesma razão a rechaçou. Está bem, também queria devolver o golpe, mas Aileen tinha que saber que além dessa união sexual havia algo mais forte. Caleb sabia e ela também tinha que saber.

Aileen apertou os dentes. Colocou o sutiã, a camiseta e os jeans. Mas não deixou de olhá-lo em nenhum momento, aguentando como uma campeã o abafado. Estava vermelha como um

tomate e sentia um pouco rachado o coração. Bom, já sabia o que se sentia ao ser rechaçada. Assim teria se sentido Caleb ?

Caleb não entendeu muito bem tudo o que saiu de sua boca uma vez que a viu vestida. Mas foram palavras que tivesse desejado não dizer jamais, palavras escolhidas para machucar a mulheres orgulhosas e formosas como ela. Palavras que nenhuma cáraid queria ouvir e menos uma com sangre berserker em suas veias.

—Acreditava que cairia a seus pés, bonita? Que não poderia lhe resistir? —franziu o cenho. —Você se super valoriza —estava passando. —Acha um animal saído, Aileen? Sim, já vejo. Um que ao lhe ver nua se ajoelha diante de você e teria esquecido tudo o que tem proposto só para poder fode-la. Sou um guerreiro, bonita —disse com desprezo— e eu não gosto que me gozem —plantou toda sua altura diante ela e a obrigou a que jogasse a cabeça para trás para olhá-lo. As presas de Caleb se sobressaíam de seu lábio superior. —Assim, já vê. De nada serviu atuar como uma "idiota". Não tenho caído —sorriu orgulhoso. —No melhor não é tão irresistível como pensa. Bom, nunca é tarde para que ponham os pés no chão. Vá... —colocou um gesto teatral de assombro— isto me faz pensar... No melhor não é você minha cáraid e nos equivocamos rotundamente, acaso não é isso o que acha? —puxou-lhe o queixo para ter certeza que ela via seus olhos quando soltasse a última punhalada. —Me diga Aileen? Porque talvez tenha razão sabe? Minha mulher —assinalou— tem que ser mais mulher, não uma menina caprichosa e medrosa. Tem que ter muito mais poder sobre mim, me voltar louco de desejo, ser mais valente e você hoje —sorriu com malícia— não me demonstrou isso. Embora tenha uma boa transa sabe? —soou o timbre da casa. —Salva pelo sino, né Aileen? Seu avô já está aqui.

Se separou dela, mas não o suficientemente rápido como para não ver que pelas comissuras de seus olhos lilás, desciam lágrimas maiores que ele viu em sua extensa existência. Era ruim fazer isso, sobre tudo quando ele sabia perfeitamente que Aileen estava confundida, como muito bem quis dizer ela.

Por agora, isso era o melhor. Se tinham que se ver, e não podiam estar juntos, ao menos se ambos se distanciavam depois dessa humilhação, as coisas podiam ser mais fáceis.

—Diga a meu avô que ao... agora desço —sua voz estava entrecortada pelos soluços silenciosos.

Caleb apertou tanto o pomo da porta que voaria pelos ares. Aileen chorava como uma menina pequena, ferida de verdade. Olhou-a por cima do ombro. Tampou o rosto, estava sentada na cama, e seus ombros não deixavam de tremer.

Inspirou profundamente e saiu do quarto como alma que leva o diabo. Sim, melhor assim.

Aileen tinha vontade de gritar, de arrancar o coração pelo muito que doía. Não a preparou para esse tipo de dor, de desplante. Caleb a humilhou, horas depois de fazer amor. Burlou dela, enfurecido como se não valesse uma merda. E tudo porque disse que não queria deitar com ele de novo. Devolveu a jogada, mas a havia devolvido com acréscimo. Além disso, ela estava a ponto de corrigir, de dizer que se sentisse confundida respeito dele e a ela, a sua relação. Já não importava. Não tinha mais coragem se disse isso por sentir rechaçado, por vingança ou se por acaso

realmente o sentia. Essas palavras não diziam a um casal. Jamais. E isso ela sabia pelo diário de Jade e também pelos instintos que ela tinha como mulher. Jade disse que o rechaço de um casal, de uma cáraid, era uma ferida aberta e sangrando, e que essa era a maior dor que se poderia infligir. Daanna também o disse. Toda sua natureza berserker e vanir se despertou com suas palavras. Estava irritada, mas também afundada.

De nada te serviu atuar como uma "idiota". No melhor você não é minha cáraid... Minha fêmea tem que ser mais mulher... e você hoje não me demonstraste isso.

Ouviu a voz de seu avô e se levantou da cama de um salto. Estava muito de saco cheio e como se não a visse logo ocorreria algo muito feio. Entrou no banheiro e enxaguou a cara com água gelada. Em seguida deu cor às bochechas. Secou com a toalha e correu até abrir a porta e aparecer no salão. Caleb não a veria chorar de novo. Nem pensar.

Capítulo 18

—Por Odín, Caleb —Ás farejou o vanirio com o rosto desencaixado pela fúria. —O que fez com minha neta? Tornou a marcá-la? Cheira a ela por toda parte...

—Não a obriguei a nada, Ás.

—Não se aproxime dela, ouviu? Ainda está superando a conversão como para que você agora a force. Me deixe desfrutá-la um pouco —seu tom perdeu o tom imperativo e ficou numa súplica paternal. —Tem que estar muito confundida agora. Terá que deixar que se adapte, entende?

Caleb o olhou envergonhado. Ás se comportava como um pai zangado com seu filho. Era curioso ver esse comportamento para ele.

—Onde está? —exigiu saber.

—Aqui, vovô —disse uma voz ao outro lado do salão.

Caleb nem girou, mas Ás a olhou o rosto consternado. Aileen parecia indefesa, embora seguia demonstrando a determinação e o porte de uma berserker. Entretanto, a luz de seus olhos violeta já não estava. Aproximou de seu avô e rodeou a cintura com os braços.

—O que aconteceu? —seu olhar gelado sobre Caleb.

Caleb endireitou os ombros e olhou para outro lado.

—Nada que não tivesse que acontecer, vovô —esfregou a cara no peito do homem. Queria cheirar a ele e tirar a essência de Caleb de cima.

—Você não está bem, querida —levantou o rosto. —Olhe seus olhos, estão inchados...

—É só que estou cansada —explicou ela. —Estes dias estão sendo exaustivos e ontem houve uma briga e...

—Fizeram algo? —perguntou tenso. —Enviei os pelotões de Noah e Adam à zona onde iria estar.

—Sim, Ás —comentou Caleb. —Eles vieram a nos dar uma mão. Agradecemos isso.

Ás nem o olhou. Tinha os olhos protetores sobre o rosto de Aileen.

—O que faz aqui, vovô? —perguntou ela jogando com sua camisa vermelha e negra.

—Estava preocupado por você. Querida vamos. Venha a minha casa para viver, não tem que ficar aqui —não gostava que o vanirio a levasse tão cedo e de uma maneira tão fulminante de seu lado.

Caleb admirou a facilidade com a que o berserker revelava seus sentimentos. Não os tinha que ocultar, dizia o que dizia porque assim o sentia. Talvez por isso tinha essa expressão de paz no rosto.

—Tranquilo, vovô Ás. Ontem estive na casa de meu pai, que agora é minha sabe? Meus amigos Ruth e Gabriel estão aqui, ele os trouxe —assinalou Caleb sem olhá-lo.

—Por que fez isso, presas? —perguntou assombrado. —Primeiro o cão, agora isto...

Caleb olhou Aileen, mas esta não devolveu o gesto.

—Acreditei que se sentiria melhor com eles aqui. Já sabe, não tão sozinha.

—Aha —o olhou intrigado. —Todo um detalhe. Então você gosta de sua casa, pequena? —voltou a sorrir.

—É muito para mim.

—Não é. Você tem o que merece. Mas repito isso: pode viver comigo. Eu gosto que esteja em casa e além não quero que esteja sozinha. Necessita amparo.

Por uma das portas da casa, apareceram Menw e Cahal, ambos com seu cabelo loiro e suas caras de pecado, vestidos de rigoroso negro.

—O que acontece, amigos? —perguntou Caleb.

—Trago o estudo de tudo o que obteve do caminhão —disse Menw entregando um amplo dossiê com tampas negra.

Cahal olhou Aileen e Caleb intermitentemente. Inalou o ar, mas franziu o cenho. Não havia o nó emocional entre eles. Sim uma vinculação física, mas não estavam vinculados realmente ainda.

—Fala, Menw. É bom que Ás esteja aqui para ouvir tudo. Nos sentemos, por favor —disse Caleb censurando Cahal com o olhar.

—Estamos enfrentando a homens que sabem o que se fazem —Menw entrelaçou as mãos e inclinou sobre a mesa. —Já não se trata dos típicos grupos com crucifixos, alhos e estacas. Nós não somos vampiros, assim que esses utensílios não nos afetam. Entretanto, estes homens são peritos na ciência e a medicina e sabem muito bem como nos aplacar —colocou uma bolsa negra sobre a mesa de desenho e puxou todos os artefatos.

Aileen abriu os olhos para ver tudo o que havia ali. Sprays, perdigoto[33], bala com pontas em forma de ouriço, bolsas isolantes da luz...

---

[33] *Gotículas minúsculas de saliva que são expulsas durante a fala de uma pessoa. Os movimentos musculares labiais criam uma pressão interna bucal, fazendo com que o líquido salivar existente nessa cavidade seja propelido com extrema velocidade, dissipando-se no ambiente. É uma fonte inesgotável de propagação de moléstias. A fonte ideal e que faz parte da rotina diária de várias pessoas está no "self-service" de restaurantes. Pessoas conversam durante o ato de se servir e fazem com que essas gotículas caiam sobre a comida, contendo micróbios.*

—Começa Menw —sugeriu Caleb.

—Neste frasco —grudou um vermelho metálico com o ponto negro, —há componentes fenólicos e térmicos: tinol, carvanol, geraniol, linalol e terpinerol.

—Estes potes —disse Aileen observando com atenção— são os que se utilizam nas salas de operações para esterilizar. É como um desodorante. Eu vendi estes produtos.

Menw elevou as sobrancelhas e assentiu.

—Você disse — disse o loiro. — É o que acha, só que se utilizam para outros meios. Usam para dissimular nossos aromas quando expectoramos. Nosso suor, nosso aroma corporal é muito forte, que não desagradável. Se estão fazendo mal a algum dos nossos, nosso nariz o detecta, mas se camuflarem o aroma com isto... não cheiramos nada. São substâncias que eliminam os aromas. Desodorantes, como indica a palavra. As salas onde fazem as operações estão seladas hermeticamente para que não transpire o aroma. Por isso, embora haja uma sede aqui do Newscientists e pegaram um dos nossos, nós não o notamos. Não podemos cheirá-los. Orvalham os corpos com isto, e voa lá. Se a isto soma que como disse o vira-lata...

—Noah —corrigiu Aileen reprovando.

—Perdoa... que como disse Noah —corrigiu— têm corpos criogenizados nos laboratórios, como íamos detectar? O corpo congelado não cheira.

—Mas encontraram meu pai —disse Aileen.

—Encontramos porque alguém quis que assim fosse —explicou Caleb sem olhá-la. —Seu corpo foi criogenizado e cortado em partes. Parte dos membros tinham resto de congelamento... É como se o tivessem tirado da geladeira de propósito. Puseram em um container público na rua Oxford. Isso é algo ridículo, impensável, a não ser que...

—Uma provocação —vaiou Ás.

—Ou talvez não. Colocaram aí para que o encontrássemos. Seu corpo, particularmente um selo que tinha no braço, levou nos a sede oficial em Barcelona. Ali foi estudado e logo o reportaram aqui, mas não chegou ao edifício da rua Oxford. Nós não sabíamos que em Londres tínhamos outros laboratórios Newscientists. Tínhamos em frente e não nos demos conta. O que me faz pensar que alguém quis desentupir o alpendre deixando o corpo à vista de todos.

—Alguém quis ajudar? —sussurrou Aileen.

—Pode ser... não sabemos com segurança. Unicamente o que sim sabemos é que a noite que tiraram o corpo de Thor, os dois melhores rastreadores do clã —disse Menw, —que são Caleb e Samael, estavam de guardiães. Cheiraram e o descobriram. O corpo não cheirava a berserker nem a nosferatus, só a humano. Isso, por eliminação, já dava uma pista sobre quem os pegaram.

—Que mais há? —perguntou Ás memorizando toda a informação.

—Esta creme que há aqui é a antiduto do desodorante —assinalou Menw esfregando parte do creme entre seu dedo indicador e o polegar. —Feromonas.

Os homens se voltaram para trás e tentaram não inalar.

—Das duas espécies —concretizou Menw. —Imagine que desaparece um berserker. No final um tempo aparece morto com este aroma por toda sua pele. Cheira —ordenou a Caleb.

—Não faz falta —disse ele, —cheiro daqui. Cheira a vanirio .

Ás inalou e assentiu.

—Durante muito tempo os berserkers acreditaram que depois das mortes de seus membros estávamos nós por trás. Como não iriam acreditar? Isso dizia seu nariz.

—E nos passou o mesmo —afirmou Cahal olhando a Ás.

—E que são estes? —perguntou Aileen.

—São cápsulas com o Pentotal e Propofol. Desfazem na corrente sanguínea uma vez perfuram a pele. Utilizam nas anestesias intravenosas. Disparam-nos com isto e se acertarem, deixam-nos em alfa. Têm doses muito altas, capazes com apenas uma delas de tombar a um elefante. Estas daqui —assinalou umas minúsculas de cor amarela— contêm ácido. Desfazem o músculo e a carne uma vez perfuram.

—Senhor —suspirou Aileen se abraçando.

Caleb a olhou de esguelha e sem poder evitar se aproximou querendo transmitir calor. Aileen o viu e se moveu contra seu avô, afastando. Assim estavam as coisas.

—Mais coisas... —Menw agarrou um envelope prateado, abriu e tirou um lenço úmido. —Panos com halotano, isoflurano, desflurano... é uma variedade de morfina. Inala e cai em redondo até que aparece Moisés. E estas daqui —assinalou as seringas e os frascos, —fentanilo, succinilcolina... Morfina intravenosa e relaxantes musculares. Isto o utilizam nos açougues que fazem conosco, certo.

—Como atuamos contra tudo isto? —perguntou Ás assinalando o arsenal da mesa.

Menw elevou os ombros e as sobrancelhas ao mesmo tempo.

—Contra as balas de ácido, o único que protege é que não deem. Contra todo o resto... só me ocorre que levemos conosco, o antídoto. Desbloqueadores. Droga —esclareceu. —A um humano mataria, mas a nós, não. Só nos pode deixar um pouco excitados.

—Do que está falando? —disse Ás se removendo na cadeira.

—O único modo de que nada disto nos afete é levar em nosso corpo uma substância que nos excite e nos ajude a eliminar o que for que nos colocam. É como uma terapia de choque. Elimina através do suor, da ferrugem e do... sexo.

—O que está insinuando? —disse Ás franzindo o cenho.

—Afrodisíacos e estimulantes. Só se nos alcançam —particularizou Menw certo de si mesmo. Tirou uma pequena bolsa negra de tecido e a abriu. Nela havia um pote de pastilhas de cor arroxeado e umas minis seringas de injeção. —Aqui há a dose justa para que não nos dê um colapso, preparei-as eu mesmo. Cada um de nós levará isto consigo, em seus guardados. Se vierem por nós e nos alcançam, teremos que ser bólidos para nos injetar estas daqui ou ingerir estas outras —olhou as pastilhas e as seringas.

—Efeitos secundários? —perguntou Caleb tomando a seringa de injeção.

—Bom —sorriu Cahal, —depois da guerra precisará desafogar ou doerão tanto os ovos que não poderá sentar. O veneno sai do corpo quando as glândulas apócrifas que segregam o suor ficam em funcionamento. A ansiedade e a dor que sentiremos só se verão acalmadas através da

estimulação sexual. Mas nenhum de nós tem problemas para encontrar a uma fêmea disposta —sorriu com veemência. —Só que não poderemos nos conformar com uma.

Ás e Menw riram abertamente. Aileen sentiu que seu coração era pasto da dor e da ira. Caleb quereria a mais de uma se injetava isso. E afinal disse que não era suficiente mulher, certo que ela não faria falta.

Caleb a olhou desafiante, e parecia que burlava dela com o olhar. Aileen afastou os olhos ressentidamente.

—O que há dentro das seringas exatamente? —voltou a perguntar Caleb.

—Latrodectus mactans misturado com metanfetamina, veneno da viúva negra com um pouco de droga. Se não injetarmos isto, provavelmente caiamos desabados no momento que uma destas preciosidades —agarrou uma bala— nos atravesse a pele.

—Está bem, Menw. Prepara uma bolsa destas para todos os guerreiros berserkers e vaniros —ordenou Caleb passando a mão pelo cabelo negro. —Alguma coisa mais que devamos saber?

— Por mim isso é tudo.

—E o que obteve você do disco rígido? —Ás passou o braço pelos ombros de Aileen e a abraçou com possessividade.

Caleb grunhiu. *Minha*. Agitou a cabeça tentando afastar aqueles pensamentos possessivos e começou a falar.

—A empresa tem uma Intranet conectada unicamente para eles —explicou olhando de soslaio. —obtive códigos de acesso, passwords para entrar na base de dados...

Aileen cruzou os braços e apoiou a cabeça sobre o ombro de Ás, gesto que agradou sobremaneira ao berserker. Enquanto Caleb explicava como entraram no sistema de segurança do Newscientists e adquiriram todos os e-mails enviados e recebidos entre toda a corporação, Aileen pensava no muito que doía o peito.

Essa mesma noite fez amor e foi incrível. Sentiu-se poderosa, formosa... adorada. Olhou as mãos do vanirio , que gesticulavam abertamente. Esses dedos estiveram dentro dela e agarraram suas nádegas para compassá-la a seus movimentos, acariciou-a com uma reverência deliciosa. Os lábios de Caleb repassaram seu corpo, beijado e mordido... e seus olhos daquele verde tão intenso a amou e admirado sem reservas. E agora?

Caleb exigia uma relação com ela, exigia-a os duzentos por cento, quando Aileen nunca esteve atada a ninguém. O vanirio a queria a seu lado, e não só as vinte e quatro horas do dia, mas também para toda a eternidade. E depois disso, de demandar todas essas coisas... espanco-a, e tudo porque o ofendeu com sua negativa a ceder.

Era normal que Aileen se assustasse. Embora sua natureza híbrida a ensinou a aguentar a questão do sangue de um modo natural, havia coisas às que não era fácil acostumar. Desde chupou seu pescoço, não pensou mais no que fez. É mais, estava desejando voltar a fazer. Olhou os pescoços fortes e bronzeados de Menw e Cahal, inclusive o de seu avô. A mais absoluta indiferença para eles. Entretanto, era olhar a jugular de Caleb , sua pele, seus músculos, seus olhos, ouvir sua voz e, de repente, as presas voltavam a formigar.

Caleb era toda uma surpresa para ela. Ela mesma era toda uma surpresa para sua própria consciência. Os três vaniros também eram.

Beber do sangue de Caleb não só a confortou como também além revelou informação sobre o resto dos vaniros.

Menw era o médico, o cirurgião, havia aficionado às artes curadoras. Cahal era o druida por excelência. Pelo visto tinha grande poder. E Caleb era o guerreiro mais temido, o líder respeitado.

Daanna era toda uma incógnita. A protegiam como se fosse algo muito valioso para eles. A mulher sabia lutar, mas sua figura era muito especial no clã. Por que?

Menw tinha hospitais e clínicas. Um bom cirurgião, um bom curador, isso é o que era.

Cahal era dono de dois centros de investigação para a energia alternativa e proprietário de centros de orientação espiritual.

E Caleb se tornou milionário graças ao boom da informática. Não só era forte e um excelente lutador, mas além disso era todo um cérebro. Trabalhou na Microsoft, idealizou programas para segurança de dados e ele foi um dos precursores das páginas Web. Tinha uma empresa privada que vendia indistintamente a Apple e a Microsoft, idealizando todo tipo de programas. Daí que pudesse fazer coisa extravagantes com o Pen Drive que conseguiu Aileen. Era o melhor Hacker do mundo, não havia ninguém que tivesse mais experiência que ele.

Caleb seguia falando, explicando que tipos de e-mails encontrou e decodificado. Havia vídeos de toda índole, gravações direto das operações às que eram submetidas as espécies que capturavam.

—Havia um vídeo escondido com um vídeo de Jade e de Thor —resmungou Caleb entre dentes. —Inclusive nos arquivos pessoais da conta de Mikhail encontrei vídeos de Aileen —informou sem olhá-la, como se ela não existisse. —Seu crescimento, sua progressão conforme ia fazendo aniversário. Asseguro que não há nome para definir o que esses desalmados fazem com todos nós. Pegaram muitos e acredito que alguns seguem com vida ainda. Teremos que localizá-los, pegar o porco de Mikhail e averiguar onde se encontram para liberá-los.

Aileen empalideceu para ouvir isso. Se ela esteve em sua cabeça, como fez o vanirio para ocultar essa informação? Por que não disse nada? Sentiu uma chispada dentro do estômago e logo como um suor frio percorria toda sua pele. Viu tudo vermelho. Isso queria dizer que entre cáraids não havia uma confiança mental total, não ao menos entre eles dois porque como bem disse, no melhor ela não era sua cáraid por que Caleb guardou isso? “Tenho aberto a você com todas as consequências, não queria me reservar nada. Quero que me conheça.”

Mentiroso. Tratava de seus pais, dela e de todos outros. Tiveram suficiente intimidade para que houvesse dito todo o descoberto, mas não para que. Era melhor desafogar com seu corpo, foderia e beber, não era necessário fazê-la partícipe de nada. Ele utilizou seu corpo e pelo visto só compartilhou o que interessava. Estava decepcionada com ele e consigo mesma por permitir pensar que havia algo um pouco melhor que isso entre eles. Ele pode saqueá-la telepaticamente entrando em seus lugares mais recônditos e vendo até os detalhes mais vergonhosos de sua vida. E ele podia reservar o que quisesse. Não era justo.

Queria estrangulá-lo com suas próprias mãos, mas sobre tudo queria aprender a bloquear sua mente para que ele não voltasse a entrar nunca mais. Explorar todo seu potencial para saber defender não só dele, mas também daqueles que queriam fazer mal.

Sentia-se estúpida e utilizada.

—Por que não me contou nada disso? —rugiu Aileen com a voz vazia.

Todos ficaram em silêncio, incômodos pelo tom da garota. Cahal e Menw olharam para outro lado e Ás se ergueu no assento ao cheirar o aborrecimento de Aileen.

—Faria — respondeu Caleb sem dar importância a sua recriminação.

E teria feito se não tivessem discutido. A teria preparado na cama, tirando o assunto, e logo enquanto tomavam banho juntos e ele a ensaboava, teria lhe explicado tudo e teriam acabado abraçados e arrulhados com a mesma toalha, enquanto ele a consolava. Mas não foi assim e ele, ofendido como estava, decidiu não dizer nada até agora.

—Mentira... —golpeou a mesa com os punhos e ficou de pé, feita um molho de raiva incontrolada.

Caleb se apoiou no respaldo da cadeira e a olhou sem alterar.

—Quer discutir aqui, Aileen? —assinalou ao resto presente. —Deveria se comportar, está tendo a possibilidade de que forme parte disto. Estou fazendo participar de nossa reunião, não faça que me arrependa. Para mim seria muito mais fácil fechá-la num lugar certo e não te tirar dali até que isto acabe, me acredite. Todos estaríamos mais tranquilos e não seria uma preocupação constante, mas não tenho poder sobre você ainda, assim devo comentar todas minhas ideias com seu avô Ás, que tem sua custódia cinquenta por cento.

O que? Aileen teve que fechar os olhos para conter as lágrimas que rugiam raivosas por derramar. Era um aporrinho para ele? Para todos? Estava incomodando?

—Deveria ter me contado isso, Caleb —murmurou com o queixo tremendo e os olhos frágeis.

Ás ia levantar para tranquilizá-la, mas ali havia muito mais que um aborrecimento por ocultar informação. Era uma discussão de casal em toda regra, percebia em Aileen e na linguagem não verbal de Caleb. Sim se tornaram íntimos, pensou Ás, mais da conta.

—Não vejo porquê —respondeu ele indiferente e cruzando os braços. —Disse que não é minha garota. Então tenho que lhe dar o mesmo trato que a outros.

Aquilo foi como uma bofetada. Caleb tinha a sensibilidade no traseiro e não se dava conta do muito que a estava envergonhando diante todos.

Cahal e Menw levantaram da mesa, dispostos a ir.

—Não, não se incomodem — disse Aileen sem afastar os olhos de Caleb . —Nada disto me incumbe parece, assim serei eu a que vai já que pareço incomodar. Sou como uma espécie de floreiro verdade? —perguntou a Caleb. Os olhos do vanirio faiscaram, mas não alterou sua pose. —Necessita para fazer sua casa um pouco mais bonita, sua vida um pouco mais acolhedora — sussurrou com desprezo. —Sou um alimento. E você é um porco.

—Do que está se queixando agora? —gritou ele golpeando a mesa também. —por que faz a ofendida? Ali em baixo me deixou as coisas muito claras.

Aileen elevou o queixo, e ficou reta como uma rainha. Também deixou as coisas claras.

—E você também a mim. Isto é uma merda, uma grande merda —repetiu mais para si mesma que para eles. —Vovô, vou a minha casa. Já me dirão o que é o que decidem fazer comigo. Se quiserem, claro.

—A acompanho, querida —seu avô se prontificou a deixar a reunião mas parou.

—Não. Você fica aqui e acabam de perfilar as coisas —seu olhar violeta o paralisou. —Preciso ver minha amiga Ruth e Gabriel. E quero estar a sós, ver a luz do sol —olhou de esguelha Caleb, que a seguia com os olhos e esticava os músculos da mandíbula. —Há muita escuridão aqui.

—Maldição. Não ocorra sair de minha casa, Aileen —a voz glacial de Caleb ressonou por todo o salão.

—O que vai fazer a não ser? Me parar? Estou farta de suas ameaças — desafiou sabendo que não podia tocar o sol. —Que deem, Caleb —respondeu ela dirigindo à porta.

O vanirio levantou com tanta força que a cadeira saiu despedida para trás, mas quando começou a correr para ela o braço musculoso de Ás proibiu o passo.

—Sinto muito, rapaz — disse com serenidade. — se acalme ou não se aproximará de minha neta.

—Ás, não pode deixá-la só por aí, e sabe —grunhiu ele.

—Não está sozinha. Noah e Adam estão ai fora. Não a deixarão sozinha —sussurrou para que ela não o ouvisse.

—Vovô, o cheirei antes que você pisasse à porta. Sei que estão aí —inalou com indiscrição. —Eu gosto do perfume que colocou Noah —sorriu olhando a Caleb. —Cheira muito, muito bem.

Os quatro ficaram parados diante do potencial de Aileen. Caleb apertou os punhos frustrado e encolerizado por esse comentário.

—Antes que você me dissesse que vinha meu avô —explicou ela com desdém— eu já percebia que vinha aqui.

Com quanta antecipação soube Aileen que Ás e seus dois cães se aproximavam de sua casa? Caleb estava assombrado diante dos sentidos tão desenvolvidos de Aileen.

—Menw —disse ela abrindo a porta da rua, — Caleb necessita que extraia sangue, e ponha numa garrafa —jogou uma última olhada a Caleb e se foi. —Agradeceria que alguém levasse isso a minha casa.

Caleb apertou a mandíbula e olhou impotente como Aileen ia de sua casa sem ele e o pior era que ia acompanhada desses dois enormes berserkers que cheiravam tão bem, segundo ela.

Menw olhou Caleb e mostrou preocupação por ele. Aquilo era muito triste para um vanirio. Aileen não queria Caleb e pelo visto Caleb tampouco a ela. Mas isso não era o que dizia a tensão sexual entre eles.

—Filho — disse Ás olhando Caleb com olhos ameaçadores. —Não sei o que passou entre vocês, mas se vir minha Aileen de novo com esses olhos tristes e descubro que o culpado de sua

pena é você —resmungou tomando do pescoço da camisa, —arrancarei as presas, Caleb, e colocarei isso pelo traseiro. Sem me importar pactos de clãs nem nada.

Caleb o agarrou pelos pulsos.

—Não voltará a vê-la assim —se afastou bruscamente. —E agora me solte, Ás, tenho respeito suficiente para brigar com você por uma mulher.

—É por uma mulher pelo único que se pode brigar neste mundo, guri — alisou o pescoço da camisa e deu uma palmada no ombro. —Todo o resto são estupidezes, besteiras. E mais que por uma mulher, briga por seu coração, pelo amor que são nossos corações de selvagens e nos enche de luz. Eu espero que o dela não saia machucado me entende?

—Perfeitamente.

—Não deve duvidar de meu amparo para ela, Caleb. Demorei muito tempo em recuperar uma parte de minha família. Agora que Aileen está aqui, mataria todo aquele que fizesse mal. Não é que deixe fazer o que tenha vontade. Ela me contou como vivia com Mikhail e esse homem era um demônio proibitivo. Ela tem que sentir bem aqui conosco, livre mas de uma vez certa. Se me comportar com ela como fez esse indesejável se afastará de mim e isso não posso permitir. É parte de minha filha e neta de minha mulher. Sangue de meu sangue. Tenho que dar espaço —o olhou fixamente, exigindo o vanirio que ele fizesse o mesmo. —Ela é muito especial —se sentou de novo. —É doce e carinhosa e não está preparada para alguém como você ainda.

—E tem um caráter de cães —comentou Caleb exasperado. —E pode ser que esteja mais preparada do que acha —lembrou como se aferrou a ele enquanto faziam amor. —Tempo ao tempo.

Ás elevou as sobrancelhas e sorriu.

—O caráter de cães leva no sangue —seus olhos faiscaram. —E está muito desgostosa com você, por certo. E —colocou as botas sobre a mesa— é um completo estúpido se você for a causa de sua tristeza.

—Acabou Ás?

—Você fica bravo que lhe digam a verdade, Caleb?

—Não me incomoda, mas Aileen é meu par e você sabe. Todos os berserkers sabem que ela é minha, está marcada para que fique bem claro —advertiu. —Agradeço seus conselhos, mas acredito saber como controlar a situação.

—Moço —bocejou Ás, divertido. —Não tem nem ideia de como tratar a uma mulher como ela. Ela não tem claro que você é seu par e pelo visto não sabe demonstrar. As mulheres são diferentes de nós, mas entre elas todas procuram o mesmo. Eu demorei tempo, suor e lágrimas até que compreendi a minha mulher. Você demorará o teu, rapaz.

—Bem —respondeu Caleb querendo acabar com o assunto. — Nos sentemos então e sigamos conversando como até agora —disse amigavelmente. —Não quero seguir falando de minha mulher.

Ás era mais amadurecido, punha o toque necessário de responsabilidade entre esses vaniros. Com o ambiente rarefeito, seguiram falando sobre tudo o descoberto por Caleb. Mas Caleb embora estava em corpo, parte de sua alma saiu pela porta. Sua cáraid a levou

Capítulo 19

Adam e Noah olhavam pelo retrovisor como Aileen soluçava em silêncio. Os dois berserkers estavam tensos, sobre tudo o de cabelo platinado. O que fez o presas desta vez?

—Quer falar disso? —perguntou Noah preocupado.

Aileen o olhou pelo retrovisor e negou com a cabeça.

—Posso chutar sua bonita cara, se quiser —disse apaixonadamente.

Ela sorriu entre lágrimas e voltou a negar com a cabeça.

—Não, obrigada. Noah... está tudo bem entre você e eu?

Noah a observou com olhos afáveis.

—Ele merecia, Aileen. Sei que doeu, mas sabe que merecia um castigo. Não estou zangado com você.

—Eu só um pouco. Mas está passando... —sorriu divertida e viu como Noah ria também.

Adam olhava a paisagem pensativo. Noah já notou que da noite anterior seu companheiro estava mais calado do normal.

—Como está sua amiga? —perguntou Adam olhando à frente.

Aileen esclareceu a garganta, surpreendida pela pergunta.

—Acredito que bem. Está com Daanna, a irmã de Caleb. Quero ir vê-la agora.

—Ah —respondeu ele com seus olhos negros olhando à frente, sem alterar. —Um desses lobachos a feriu no abdômen —sua voz destilava raiva.

Aileen sentiu que o coração subia na garganta. Ruth, ferida? Agarrou sua bolsa e tirou seu iPhone. Marcou o nome de Daanna.

—Olá Aileen —respondeu a voz ao outro lado.

—Como está Ruth? —sorveu pelo nariz.

—A ferida está bem. É impressionante como cura rápido...

—Onde vive, Daanna? Estou indo ai.

—Espera Aileen. Há um problema com Ruth...

—O que... o que acontece?

—Não posso mudar as lembranças. Não posso obrigá-la a lembrar de outro tipo de coisas... não se esquece do que passou e sua mente não me deixa entrar. Com Gabriel não houve problema, mas com ela sim.

Aileen ficou olhando à frente, com os olhos muito abertos.

—Está dizendo que Ruth já sabe o que sou? Que não há modo de fazer esquecer?

—Não. Eu não posso, sinto muito.

É obvio, Daanna não vivia num lugar humilde. Sua casa era igual à de Caleb , só que as cores que a decoravam eram lilás e amarelos. Cores harmônicas que combinavam muito bem e relaxavam a todo aquele que os observava. Embora a casa era cubital por fora, os quartos e salas internas eram circulares, como as de seu irmão.

As portas da casa se abriram só ao vê-los chegar. Agora subiam as escadas para uma das salas superiores onde estavam Ruth e Gabriel.

Gabriel foi para ela quando entrou na sala.

—Aileen... —abraçou e a beijou na bochecha.

Ela teve que esforçar ao máximo para não começar a chorar aí mesmo.

—E Ruth?

—Quando foi com Caleb ontem de noite — explicou Gabriel completamente convencido, —Ruth e eu ficamos com Daanna, o loiro que não a deixa tranquila e Cahal. Bebemos mais da conta e a Ruth se sentiu muito mal e agora está intoxicada. Menos mal que Daanna —a olhou com adoração quando a vanir apareceu na porta com cara de preocupação— teve a amabilidade de nos trazer aqui.

Aileen tragou angustiada e olhou a Daanna.

—Gabriel —sussurrou Daanna com voz hipnótica, —vai para baixo tomar um refrigerante.

—Claro —respondeu ele assentindo como uma múmia.

Aileen cada vez se sentia mais enojada de seus próprios poderes. Se Gabriel se inteirasse algum dia do que ela deixava que fizessem e que além ela mesma fez, acabaria enojado também dela.

—Vêem —Daanna segurou a mão de Aileen, atraiu-a para ela e a abraçou. —Não tem boa cara, Aileen.

Aileen deixou que a fortaleza da irmã de Caleb a abrigasse.

—Espero que não importe que Noah e Adam fiquem em seu jardim. Acreditam que vou escapar ou algo assim, e meu avô está me vigiando assim que os tenho de seguranças. Ás teme por minha segurança.

Daanna assentiu sem dar importância a esses fatos.

—E meu irmão?

—Não me fale dele —disse ressentida. —Quero ver Ruth —murmurou.

—Não posso entrar na cabeça de Ruth, Aileen —explicou Daanna preparando. —É realmente muito forte. É estranho em um humano que possa fechar a mente a um Vanirio desse modo. Acaso Ruth tem algum tipo de dom?

—Ruth? —repetiu ela surpreendida. —Não. Não que eu saiba.

Daanna ficou olhando por um momento e finalmente assentiu.

—Vêem —acariciou o rosto e a acompanhou ao quarto.

Ruth deitada na cama, com os joelhos agarrados e a cara afundada entre elas. Seu cabelo encaracolado e mogno caía esparramado por seus ombros. Seu corpo tremia.

—Deus... Ruth —sussurrou Aileen indo para ela.

Ruth elevou a cabeça e viu que Aileen se aproximava da cama.

—Se afaste... —gritou Ruth saltando da cama e abandonando contra a parede. —Não se aproxime... —os olhos rasgados e de cor âmbar a olhavam aterrorizada.

Aileen parou a meio caminho. Paralisada, percebeu o medo de Ruth. Sua melhor amiga tinha medo.

—Ruth, sou eu... sua amiga — disse com a voz quebrada.

—Você não é minha amiga. É um monstro. —gritou.

—Não é verdade —murmurou ela. —Ruth, nos conhecemos desde que somos meninas...

—O que tem feito a Gabriel? Por que atua como se estivesse drogado? —disse com desprezo.

—Não fizemos nada. Não sou o que você acha, Ruth. Eu não...

—É como eles. Mudou. Seus olhos, suas presas... Acha que não me dei conta? É distinta. Tentou mudar de assunto, tentava-me convencer de que não te passava nada... E olhe como estou agora... Já não é minha amiga. Não sei o que é... Nem sequer levo um crucifixo —murmurou com o olhar e levando mão ao pescoço.

—Me deixe ver seu estômago, Ruth. Ontem a feriram...

—O que quer ver? —gritou furiosa com os olhos de ouro cheios de lágrimas. —Olhe... — elevou a camiseta e mostrou os arranhões que embora estavam sarando, ainda os tinha inflamados. —Isto me fizeram isso seus amigos...

—O que a atacou não são meus amigos. Você, sim. E Gabriel, também —respondeu aproximando com sigilo. —Caleb salvou a vida...

—É um vampiro, maldição... Como você... Como ela... —assinalou Daanna. —Por Deus se até têm presas... Foi um açougue e atua como se tal coisa —meneava a cabeça incrédula. —Não, não se aproxime de mim —colocou as mãos para detê-la.

—Eles são bons, Ruth. Protegem aos humanos do que atacou você.

—Não...

—Não faria mal por nada do mundo, Ruth —tinha as bochechas úmidas de tanto chorar. Os olhos lilás clamavam por um pouco de compreensão de sua amiga.

—Não quero que me toque, por favor — cuspiu. —Acredito que estou transtornada... — fechou os olhos e apertou a cabeça com as duas mãos.

Aileen obrigou a si mesma a relaxar. Não poderia suportar que as duas únicas pessoas que queria se afastassem dela. Era muito doloroso. Já teve suficiente com o rechaço de Caleb.

—Ruth... —disse em voz baixa. —É verdade. Teria que ter sido sincera com vocês...

—Aileen... —disse Daanna advertindo do perigo que havia em revelar sua natureza— não deveria.

—É obvio que devo —respondeu ela com um grunhido.

Ruth tragou saliva e deixou que os braços caíssem a cada lado de seu corpo.

—O que é verdade? —perguntou olhando a de um lado ao outro.

—Eu... já não sou... como você —agachou o olhar envergonhado.

—Por que? —exigiu saber sem delicadeza. —Que como é, Aileen? Vai me morder? Querem me matar? —olhou Daanna, que esticou para ouvir as palavras.

—Se quisessem te matar, já estaria morta. Mas te asseguro que antes teriam que passar por cima de mim para chegar a tocar em você. Juro isso.

Aquelas palavras eram muitas óbvias. Ruth relaxou os ombros e pela primeira vez deixou que a imagem de sua amiga da alma, voltasse a construir diante seus olhos. Seu cabelo comprido e brilhante caía sobre um ombro. Seus novos olhos lilás não a olhavam, mas sim olhavam ao chão. Suas pestanas negras estavam úmidas das lágrimas e ainda por cima sorvia o nariz como uma menina pequena a que tirou o melhor de seus brinquedos. Era Eileen. Não usava capa negra, nem tinha os olhos brancos, nem jorrava sangue da boca. Seu corpo era o mesmo, sua voz também, e seu olhar, embora não era azul, seguia transmitindo querida e bondade a torrentes. Querida por ela.

Ruth começou a chorar. Era Eileen, mas já não era a mesma. Estava preocupada com ela. Afastada de sua vida uns dias e quando voltavam a ver estava convertida em uma ninfa de olhos lilás com presas.

Aileen levantou a cabeça ao dar conta que os gemidos não vinham dela, mas sim de Ruth. Deu dois passos para frente e a rodeou com os braços, tornando a chorar também.

—Ruth, por favor... não faria mal nunca. Não chore. Eu a amo. Por favor, não me deixe de lado. Por favor.

Ruth se agarrou a ela e correspondeu ao abraço.

—O que aconteceu, Eileen? O que está acontecendo?

—É uma história muito longa...

—Importa uma merda. Conta tudo agora mesmo —sussurrou contra seu ombro. Ruth era um pouco mais baixa que Aileen.

Aileen assentiu e, enquanto a guiava à cama e se sentavam juntas, sentiu como uma laje de centenas de quilos liberava parte da dor de suas costas.

—E então, Daanna me disse que não reagia a suas coações mentais. Assustei e vim correndo. Não sabia o que pensava de mim e sabia que estava aterrada.

Depois de ter escutado durante uma hora longa as estendidas explicações de Aileen, Ruth assentia como uma menina obediente e jogava com a borda de sua camiseta. Aileen explicou tudo, até os detalhes mais mórbidos e mais vergonhosos. Tudo.

—O que acha do que contei? —perguntou Aileen temerosa da resposta.

Ruth a olhou e seus olhos sorriram. Observou sua cara, seus lábios, seu queixo, seu cabelo negro azeviche... Sim, sem lugar a dúvidas seguia sendo sua melhor amiga. Apoiou sua cabeça sobre as pernas de Aileen e ficou estirada sobre elas durante um longo momento, sem dizer nada.

Aileen elevou a mão e acariciou o cabelo, como sempre estavam acostumados a fazer quando estavam a sós e contavam seus segredos mais íntimos.

—Sinto muito, Aileen —murmurou Ruth contra suas coxas.

A mão de Aileen parou sobre sua cara e afastou uma mecha de cabelo encaracolado de um mogno precioso que caiu sobre seus olhos. Ruth era uma garota muito sexy, mas não era sua beleza o melhor a não ser seu coração tão puro e compassivo.

Aileen agradecia ao céu ter uma amiga como Ruth. Era forte e mulher esperta, cheia de humor e de alegria.

—O que você sente? —repetiu Aileen emocionada. —Eu sinto por esconder tudo.

—Não, Aileen — cortou ela. —Eu o sinto por você. Aconteceram muitas coisas estes dias e esteve sozinha. Sinto não ter estado a seu lado — lamentou dando um beijo no joelho.

—Não diga isso, Ruth. Não sabia.

—Igualmente, sinto muito, querida. Sinto não ter sido eu a que te reconfortou.

—Faz agora ao não me rechaçar. Isto significa mais para mim que qualquer outra coisa que possa dar com antecedência. Você e Gabriel são minha família.

Ruth levantou, olhou e lhe segurou o rosto com ambas as mãos. Suspirou. —Quer me morder? —perguntou a garota divertida.

—Não... —respondeu Aileen sem afastar de suas mãos. —Você, eu não gosto —sorriu.

—Pode sair à luz do sol, pode comer o que eu, segue tendo um gosto delicioso pela roupa e além disso é bonita, rica e imortal. Me transforme aqui mesmo, Por Deus —disse teatral.

—Para Ruth — começou a rir.

—O das presas tem solução —continuou Ruth murmurando para si mesma. —Lima e ponto. Mas bem cuidadoso, são super sexy —elevou as sobrancelhas repetidamente.

—Diz a sério o de transformar?

—Depende me crescerá um rabo e cabelos nas pernas?

—Ruth... —recriminou Aileen sem aguentar a risada.

—Não, não falo sério. Embora não ache —se serenou, —estou assustada de tudo o que nos rodeia. Mas não tenho medo, agora que sei que é você, minha louca corrupta, companheira de jogos e aventuras. Segue sendo minha pessoa favorita, Aileen.

—Então, não lhe dou medo? Antes sim que me temia...

—Antes estava completamente desenquadrada. Me entenda, ontem me atacou um cão que levantava sobre as patas traseiras, mais alto e feio que Quasimodo e ainda por cima com a raiva. O que esperava? —elevou as sobrancelhas.

Aileen tentou aguentar a gargalhada que nascia na garganta, mas não pôde evitar e começou a rir com ela. Quando se acalmaram, Ruth grudou sua frente à dela.

—Me escute bem. Te conheço desde que éramos uns girinos. Tem que contar comigo sempre. Pode fazer. Ainda não sei como irá a minha mente saber que existem estes... vaniros e demais... mas se você estiver bem e segue sendo a mesma, eu estarei a seu lado.

—Obrigada, Ruth —murmurou Aileen.

—*Aconteça o que acontecer, esteja onde esteja, para sempre você será minha irmã de alma* —sussurrou Ruth tragando as lágrimas.

—Aconteça o que acontecer, esteja onde esteja —Aileen abrangeu a bochecha da Ruth com a mão, —para sempre você será minha irmã de alma.

Saiu sem pensar. Instintivamente. Ruth e Aileen se aproximaram de uma vez e se deram um casto, mas formoso beijo vinculante nos lábios.

Daanna que estava vendo aquela imagem tenra, sentiu que a pele arrepiava e separou da parede para aproximar.

—Onde aprendeu isso? —perguntou com os olhos iluminados.

Aileen e Ruth sorriram com cumplicidade e se abraçaram. Logo afastaram e encolheram os ombros.

—Não sei, pareceu correto —respondeu Ruth jogando o cabelo para trás.

—Alguma vez antes fizeram?

—Nos beijar? Sim, são bitoquinhas de amigas —respondeu Aileen sorrindo.

—Não —respondeu Daanna. —O que têm feito aqui e agora é um juramento antigo. Faziam as sacerdotisas, as virgens dos oráculos, quando recebia ou nomeava alguém novo na irmandade. O juramento *piuthar*[34]. O juramento das irmãs —explicou surpreendida. —De onde o aprendeu, Ruth?

Ruth franziu o cenho. Tinha razão. De onde saiu isso?

—Não sei —respondeu aturdida. —Saiu assim.

—Já. Saiu assim —repetiu Daanna inconformada.

A vanir cruzou os braços e repassou a Ruth de cima abaixo. Aileen também olhou a Ruth com curiosidade.

—Foi uma coincidência, isso é tudo —disse a garota desviando o assunto. —Vamos Aileen, tem algo que contar a Gabriel antes que fique vegetal e imprestável com suas artimanhas mentais.

—Quer que conte tudo?

—Sim —Ruth a segurou pela mão e puxou —Ou o conta você ou faço eu. E me acredite que minha versão não ira gostar. Além disso, Gabriel fez um trabalho sobre deuses mitológicos, não sei se lembra —puxou dela. —Quando disser que são reais, vai ficar pasmo.

—E se me rechaça?

—É tola? Eu não tenho feito, porque te amo. E ele te adora. — Com essas palavras, saíram do quarto guiadas por Daanna. No salão, sentado no balcão americano e tomando um cocktail, estava Gabriel com o olhar um pouco perdido.

Aileen se aproximou e sentou a seu lado. Ruth fez o mesmo.

—Daanna —disse Aileen. —Quero que Gabriel recorde tudo —exigiu com doçura olhando a seu amigo.

—Certo? —perguntou a vanir.

—Sim. Mostre.

---

[34] *Em celta gaélico significa irmã.*

—Está bem —se colocou atrás. —É simples. Se concentre em seu sobrecenho —Aileen obedeceu. —A mente adapta formas em seu interior. Quando não queremos que a leiam, que interceder nela se encontra com um muro. Quando queremos confundir o intruso, o intruso verá névoa, bruma ou inclusive um labirinto no que se for muito hábil o intruso acaba perdendo e não sai dele até que você o decida, com o qual se tornam as coisas. No caso de Gabriel —colocou sua branca e elegante mão sobre a nuca do rapaz, —fiz um pequeno apagão. Na realidade, as lembranças seguem aí, em algum lugar, mas estão sob chave. Encontrará com uma porta fechada. Para abrir as lembranças tem que visualizar uma chave mestre, uma que abra todas as fechaduras. Agora se concentre.

Aileen dirigiu os olhos lilás ao sobrecenho de seu amigo, que a olhava intrigado. Entrou em sua mente com muita facilidade. No princípio, tudo era escuro. Logo se materializou um corredor onde se refletiam várias imagens de sua vida, como slides. Algumas em movimento, outras congeladas. Aileen não podia perceber nada emocional, só se limitava a observar e a vagar pela mente de seu melhor amigo. Havia imagens dela e de Ruth, da Universidade, de seus pais, do dia em que quase se mata num acidente de moto... e no final do corredor, de repente, iluminou algo. Era uma porta fechada. Aileen se concentrou na fechadura e visualizou uma chave mestre, que entrava na fechadura e abria a porta.

Aileen foi para trás e deixou que as imagens saíssem.

—Sai daí, Aileen —ordenou Daanna.

Aileen saiu da cabeça de Gabriel e quando voltou a focalizar o olhar, Gabriel a observava com as pupilas dilatadas e a mandíbula pétrea.

O jovem olhou Ruth e franziu o cenho. Saltou da poltrona e levantou a camiseta. Então abriu os olhos e seu rosto empalideceu.

—Jesus... Aconteceu na realidade —murmurou.

—Gabriel — disse Ruth pondo a mão na bochecha.

—Esta bem? —perguntou Aileen com insegurança.

—Que estou bem? —repetiu furioso. —O que foi o que aconteceu ontem de noite? O que eram essas coisas com presas e cabelo na cara?— afastou a mão de Ruth. Sacudiu Aileen e logo a abraçou. —Deus, Aileen... Ruth... —abraçou a ela também e as apertou a ambas contra ele. —Estão bem... sinto-me estranho.

Aileen assentiu.

—Tenho algo que contar.

E procedeu como fez com Ruth. Gabriel teve que sentar na cadeira para não cair de bruços. Depois de gritar a Aileen e encarar com Daanna pelo que fez, tentou serenar dando um gole comprido da garrafa de uísque da vitrine. Secou a boca com a manga, deixou a garrafa e segurou Aileen pela mandíbula.

—Se isto for uma brincadeira, a mato — disse raivoso.

— Não é nenhuma brincadeira — respondeu ela.

Gabriel levantou o lábio para acima e vislumbrou as presas, bicudas mas não muito compridas.

—Merda, Aileen —as estudou girando a cabeça de um lado ao outro. —Tem presas de verdade.

—Para morder melhor —brincou.

—Não diga isso —ficou sério e deixou sua boca tranquila.

—Nunca o morderia —disse ela ficando séria também. —Como disse a Ruth, só gosto de dar um remoo ao insofrível de Caleb . A ninguém mais. Não sou uma vampira, nenhuma mulher lobo. Sou uma espécie de híbrida, mas sigo sendo a mesma de antes, Gabriel.

Gabriel entristeceu o olhar e um halo de dor apareceu em seus olhos.

—Procura não me falar dele agora —grasnou Gabriel irritado. —Odeio pelo que fez e quando o vir lhe baterei.

Aileen sentiu uma pontada de dor para ouvir essas palavras. Ela também o odiou, mas agora esse sentimento estava um pouco impreciso pela intromissão do desejo que sentia por ele.

—Acreditava que deixaria de lhe falar pelo que passou? —disse ele abraçando-a.

—Sim... —murmurou contra seu ombro.

—É como uma irmã para mim. Amo e amarei com todas as consequências, e sob todas as circunstâncias.

—Gabriel — abraçou forte a ele. —Dou graças a Deus por ter comigo.

Daanna olhava a cena e sorria com cumplicidade. Sem dúvida, a amizade que eles tinham poderiam com algo.

—E você, morena — disse Gabriel franzindo o cenho e olhando Daanna. —Pode se parecer com Megan Fox, mas estou de saco cheio com você. Nunca mais entre em minha cabeça.

Daanna sorriu conforme e assentiu, elevando uma sobrancelha.

Enquanto Gabriel e Ruth revisavam juntos um livro dos que tinha Daanna em sua livraria sobre mitologia escandinava e explicava a ela como ia a árvore familiar destes, a vanir e Aileen falavam em um canto.

—Daanna... como posso fechar voluntariamente minha mente à intromissão? —perguntou Aileen decidida.

Daanna a olhou de esguelha e fez uma careta.

—Se zangou com meu irmão?

—Tenho que aprender a me proteger, não é só porque me zanguei com ele.

—Então, se zangou com ele —resumiu sorrindo pormenorizada. —Meu irmão não está acostumado a tratar com as mulheres.

—Não me diga? —murmurou sarcástica.

—Ele não é mau nem cruel, Aileen. Acredito que está tão assustado como você. Agora dependem um do outro.

—Não vejo porquê — cruzou os braços enquanto olhava Ruth e Gabriel. —A dependência do sangue não tem que ir ligada com a entrega do coração nem do corpo —disse tentando convencer a si mesma.

Daanna abriu a boca assombrada.

—Disse isso a Caleb? —perguntou horrorizada.

—Sim, disse —moveu os braços fazendo dramalhões. —O que acontece? Você também acha que é um "obrigado"?

—É sua alma gêmea, sua cáraid. Só a ele pode entregar sua alma e seu coração completamente. Pelo Odín, não pode dizer isso a um vanirio , Aileen.

—Por que? —perguntou furiosa.

—Se rechaça o contato íntimo com ele, morrerá da pena. Se não poder compartilhar tudo com você, sua mente, sua alma, seu coração e seu corpo —enumerou, —o matará de tristeza. Os deuses nos fizeram assim apaixonados, assim de dependentes, tanto homens como mulheres. Não há remédio para isso. OH... —soprou colocando a mão na frente, —não quero imaginar a dor que deve estar padecendo o pobre.

—Dor? —grunhiu ficando tensa. —Doloroso é ver que um dia desperta depois de que tenham surrado e meio violado, e descobre que já não é humano. Doloroso é dar conta de que sua família não era sua família na realidade e que, de repente, se vê privada de sua dependência, de sua liberdade como pessoa, porque há um homem que tem tanto poder sobre você que quase não pode nem respirar se ele não está perto — os olhos encheram de lágrimas. —Doloroso é descobrir que esse homem não te entende e... e que além te despreza e ri de você, ninguém e justo depois de ter feito amor — girou para que seus amigos não a vissem chorar. —E que por cima não conta tudo o que sabe e que pode ocultar informação mental importante para mim e, além disso, faz de propósito — tremia da ira.

Daanna enterneceu por ela e a abraçou.

—Fez isso meu irmão? —sussurrou sobre sua cabeça. Aileen assentiu enquanto tragava as lágrimas. —Que bruto é... está assustado, Aileen. Não o tenha em conta.

—Eu... disse que queria averiguar se ele era meu verdadeiro par.

Daanna estremeceu. A maior humilhação a que se podia subentrar a um guerreiro vanirio era ao rechaço aberto de sua cáraid. Caleb era muito orgulhoso e ardia de desejos por Aileen. Ela sabia perfeitamente como estava mau e passando seu irmão. Deixando atrás lembranças, concentrou em tranquilizar a jovem cachorrinha que tinha nos braços.

—E então, me encontrei desejando-o novamente, com mais força que antes... e caí na conta de que talvez tinha medo da forte energia que sentia entre nós e que podia estar confundida e decidi me entregar a ele de novo, insinuei que só estava confundida... e ele... então ele... ele me disse que no melhor eu tinha razão. No melhor eu não era sua cáraid porque não era suficiente mulher... E me acusou de...

—Do que?

—Acusou-me de... Dá igual —exalou frustrada, —é uma palavra asquerosa.

—Sim, melhor não dizer isso — Daanna podia imaginar o que Caleb disse. Quando seu irmão se sentia maltratado podia ser muito malvado. —Aileen... —afastou para limpar o rosto. Seu irmão não tinha tato.

—Não, Daanna, você não entende —afastou as mãos. —Estou farta de chorar. Farta. Levo dezessete anos de minha vida, ferida e triste porque aquele que acreditava meu pai não me queria. Vivendo sob sua supervisão, sem poder mover com liberdade porque ele me seguia a todas as partes, como um marisco. Muito tempo me sentindo culpada pela morte de uma mãe que não existiu. Enganaram-me e não lembrava nem quem era, até uns dias. E justo quando começo a aceitar que sou diferente, Caleb me requer de uma maneira igualmente possessiva, ou mais. Como não vou estar aterrada? —abriu os braços. —Ultimamente, vêm imagens de meus pais, de como eram comigo... —assinalou beliscando a ponte do nariz.

—Vêm imagens de Thor?

—Sim. E lembro, volto a sentir —especificou, —o muito que os amava. De repente, minha mente e meu corpo estão voltando para esses sentimentos que foram entorpecidos tantos anos. Sinto o amor deles dentro do peito, como se fosse ontem —sussurrou, —e cada vez que fecho os olhos e me concentro volto a ver com claridade. Para meu coração, para minha mente, é como se ainda estivessem aqui. Mas não estão —amaldiçoou entre dentes. —Os arrancaram de minha vida. E o único que sabe o que fizeram com eles é Caleb —encolheu os ombros. Estava abatida e muito doída com ele. —E me privou essa informação, Daanna. Eu tenho me aberto a ele, sem reservas, e ele se permite o luxo de me ocultar coisas.

—Mas Aileen...

—Não —a afastou elevando a mão. —Quero aprender a me proteger dele. Se ele pode fazer comigo, eu também quero poder fazer com ele. Quero deixar de me queixar e para isso necessito o controle de meus poderes.

—Está pedindo que o destroce, Aileen. São um casal. É muito doloroso não abrir um ao outro sabe? Não pode compreender, ainda é muito jovem, como um bebê, como uma cachorrinha. Se ele te marcou e você correspondeu, vão necessitar tanto um ao outro que se não tiverem, enlouquecerão. Não me peça que a ajude a lhe fazer dano, por favor. Não me peça isso — rogou.

—Disse que seria minha amiga — disse séria. Daanna assentiu envergonhada.

—Isto é o que fazem as amigas entre elas. E peço que me ajude a recuperar as rédeas de minha vida, a ser forte e não me dobrar diante de nada nem ninguém. É uma mulher. Entre mulheres temos que nos apoiar.

Daanna afastou o olhar. Ela não tinha amigas, amigas verdadeiras. Seu irmão, junto com o Menw e Cahal, a tinham tão vigiada e era tão apreciada entre os machos do clã que a privaram de muitas coisas, como por exemplo, de dedicar às amizades.

Dentro de seu clã, Daanna era uma vanir respeitada e adorada por todos. Sobre ela, caía uma antiga profecia que a nomeava como a esperança diante do dia da porta. O dia que se abrisse a porta dimensional que conectaria os mundos, ela seria o escudo que não permitiria que o mal

entrasse. Era a ungida. Após, era protegida aonde ia. Ninguém tinha ciência certa quando chegaria esse dia. Só importava que ela estivesse a salvo.

Sentia afinidade com Aileen. Afinidade com a situação que viveu e afinidade com a que estava tocando nesse momento. Daanna sabia perfeitamente qual era a dor da cáraid. Tragou saliva e afastou das lembranças e de como feridas ainda supuravam abertas.

Aileen a olhava com seus incríveis olhos cheios de esperança e algo se removeu em seu interior, um pouco parecido à lealdade. Suspirou e no final cedeu a esses olhos lilás suplicantes.

—Está bem.

Aileen sorriu abertamente e a abraçou com força. —Obrigada —sussurrou.

—Não é tão difícil como acha — disse. —Só precisa desejá-lo. Antes disse que a mente obedece a uns patrões. Imagine uma parede de concreto. Quanto mais duro seja o material, mais difícil será que entrem em você. É assim de fácil.

—E assim devo atuar contudo? Já está? —perguntou incrédula.

—Sim —respondeu Daanna. —Quando quiser mover coisas, visualiza esse objeto já em movimento e dirigindo aonde você o quer levar. Quer falar com os animais? Visualize você mesma como um deles e fale. Corre e salta como deseja. Chegará tão alto como necessita e tão rápido como imagina. Não é tão difícil porque está em nosso código genético, são nossos dons. Os vaniros que instruem as crianças têm que ensinar todo tipo de códigos morais para que não abusem de seus poderes e não se vão ao outro lado. Entretanto, você não necessita essas diretrizes.

—Podem os humanos como Gabriel e Ruth ter dons mentais, como vocês? —perguntou Aileen com curiosidade.

—Sim, claro que sim. Só que eles têm que esforçar muito mais, preparar com força e acreditar que se pode fazer. O problema com os humanos é que a milhares e milhares de anos fizeram acreditar que não podem desenvolver seu potencial mental. São simples, planos como uma tabua. Moldaram sua mente, seu cérebro, a capacidade de mudar seu físico, seu código genético, de se moldar a si mesmo e fazer uma arma potente. Mas ensinaram a não acreditar.

Aileen assentiu pensativa. Quando era humana não acreditava possível nada do que vivia nesse momento e entretanto... aí estava. Quanto do que ensinaram era certo? A sociedade, a religião, a educação... não mencionavam nada sobre o potencial psíquico do ser humano. Como pedagoga que era, devia pensar nisso.

Assim era assim fácil? Caleb veria ou seja o que é bom e demonstraria algumas coisas, como por exemplo que sim era proprietária de sua vida e de suas eleições.

Se ela podia fazer tudo isso, também poderia se atrever a fazer outras coisas, como ir procurar Samael durante o dia. Ela era uma boa rastreadora, sabia. Seu pai Thor era. Usava seu sangue. E se Samael pode encontrar Thor porque eram irmãos, ela poderia encontrar Samael porque, embora repugnava a razão, ele era seu tio.

Algo atravessou sua mente nesse momento. Algo perigoso que encolheu seu estômago e acelerou seu coração.

—Aileen, corre...

Um grito esmigalhado de dor cruzou a estadia. Era a voz de Noah.

—O que foi isso? — perguntou Gabriel agarrando Ruth da mão e correndo para elas.

—Daanna —advertiu Aileen com todos seus sentidos em alerta, —são lobachos e estão no jardim —se aproximou da janela e olhou o espetáculo.

Noah e Adam permaneciam inconscientes no chão enquanto uns lobachos enormes os chutavam.

O vidro da janela arrebentou, e Aileen com uns reflexos sobre-humanos se equilibrou sobre Daanna e a cobriu dos raios do sol.

—Maldição... —gritou Daanna. —Não deixe que me alcance o sol, Aileen.

—Não se mova —a abraçou fortemente. —Gabriel, corre. Me traga o lençol negro para tampá-la. Como sabem que estamos aqui?

—Não tenho nem ideia —respondeu Daanna afundando a cara no ombro de Aileen. —Não deixe que me toque o sol, por favor. Não posso utilizar meus poderes se houver sol direto perto.

—Tranquila —sussurrou Aileen. Olhou o céu. Nunca viu um dia tão espaçoso. —Merda.

—O que fazemos? —perguntou Ruth histérica.

Os lobachos estavam derrubando a porta da entrada, e alguns escalavam pela parede dando saltos impossíveis e subindo quase como roedores. Dirigiam para onde eles estavam.

—Quantos há? —perguntou Daanna.

—São sete.

—Sete? —gritou Gabriel. —vamos morrer, merda...

—Não... —espetou Aileen. —Vocês dois cubram Daanna. — Gabriel e Ruth tamparam Daanna com a manta, e a cobriram de uma vez com seus corpos.

—O que vais fazer, Aileen?

Aileen olhou o primeiro lobacho que estava de quatro olhando sua vez em cima da janela. Tinha cabelo negro na cara deformada, os olhos vermelhos e os dentes bicudos e amarelos. Ela jogou mão à adaga de seu pai e se colocou em posição de defesa.

Pensou em Caleb. Com o sentido da responsabilidade e do dever que ele tinha tão enraizado, se acontecia algo a sua irmã, ele não o superaria. Jogaria a culpa de tudo isso nele, e ela não permitiria. Caleb estava sofrendo mais de dois mil anos por algo no que ele não teve nada haver, por algo que ele não pôde controlar. Não queria que Caleb sofresse de novo, porque seu sofrimento doía. Doía porque importava. Doía porque o... amava.

O que está dizendo? Se repreendeu. Apenas o conhece. Só faz seis dias que ele está em sua vida.

Sim, mas que dias. Lembrou-se de uma passagem do diário de sua mãe Jade.

Apaixonei-me por ele no primeiro momento em que o vi. Foi instantâneo e, embora foram só uns segundos que nossos olhos cruzaram, soube que ele era para mim. Agora, com minha filha nos braços, reconheço que houve momentos muito difíceis entre Thor e eu, mas o que senti nesses

primeiros segundos jamais me enganou. O amor não entende o tempo. Quando chega, chega, e não importa que conheça essa pessoa há cinco anos ou de só um simples cruzamento de olhares. Porque o amor é algo tão poderoso que escapa ao controle do tempo, simplesmente porque é algo que não se pode medir com nada.

—Vou brigar —respondeu finalmente enfocando os olhos de novo.

—Aileen, cuidado. —gritou Ruth.

O lobacho saltou em cima de Aileen, disposto a golpeá-la, mas ela com um movimento grácil, o afastou e a sua vez, quando este passou pela frente dando as costas, apertou com força o cabo da adaga e o espetou na nuca, retorcendo logo para cortar a carótida.

O lobacho caiu de joelhos e morreu sangrado.

Aileen olhou a folha da adaga, cheia de sangue. Ela o matou. Mau ou bom, tirou uma vida.

Dois lobachos mais apareceram pela janela e olharam o corpo sem vida de seu companheiro.

—A muito puta o matou —disse o mais feio dos dois. Certamente todos os lobachos tinham a desgraça de não só ser maus, mas também, além de maus, feios e fedidos.

—Esta é a híbrida? Vá, vá... Assim está aqui —disse o mais corpulento, passando a língua pelos dentes amarelos e desiguais. —Então matemos dois pássaros de um tiro. Levaremos às duas.

Às duas? Aileen apertou com mais força a adaga de Thor. Nesse momento lembrou de seu pai, de noite, praticando com a adaga. Seu corpo musculoso e moreno, fazendo seus exercícios, movendo como uma pantera. Uns passos para frente, uma cambalhota pelos ares. Toque secos.

—Sempre toque secos e concisos, céu —dizia seu pai enquanto ela o olhava. —Lembra, pontos vitais. Atravessa-os por aí. O sobrecenho, o pescoço, as axilas, as virilhas, os tornozelos e o plexo solar. Clava a adaga em um desses lugares. Os fetos de Loki, ao menos os lobachos, morrem se souber onde terá que machucá-los. Não são tão fortes como nós.

—Terá que aproximar-se muito, para isso, Athair —disse ela jogando os braços para que a agarrasse.

—Você pode. É tão rápida como eu, ou mais — beijou a bochecha e sorriu, —porque sua mãe corre como uma loba.

Aileen voltou de sua lembrança, com os olhos brilhantes da emoção.

Os lobachos a rodearam. Um deles se jogou em cima pelas costas, mas ela se agachou e fez a cama, fazendo que caísse de costas. Com uma velocidade inusitada e difícil de perceber inclusive para o lobacho, Aileen espetou sua adaga no plexo do monstro e este morreu quase imediatamente.

O outro lobacho deu uma patada na cara e Aileen caiu de costas. Deslocou a visão e uma dor criminal atravessou a bochecha e o lábio. Saboreou o gosto a ferro de seu próprio sangue.

O lobacho se sentou escarranchado sobre ela, e agarrou a adaga de Thor.

—Assim que você gosta de jogar duro, né? —murmurou elevando a adaga para cravar. O primeiro olhou o sangue do chão, e percebeu pesaroso de que todo era dos seus.

Aileen afastou a cabeça a tempo e a adaga se espetou no chão a um lado de sua cara. Então agarrou os pulsos do lobacho, elevou as pernas até passar os joelhos pelo pescoço e o impulsionou para trás, imobilizando. Agarrou a adaga e o espetou nos testículo, fazendo que o lobacho sangrasse e gritasse como um animal. Não era um dos pontos que seu pai disse, entretanto, ela sabia que era um muito importante.

Quatro lobachos mais entraram.

O primeiro olhou o sangue do chão, e percebeu pesaroso de que todo sangue era dos seus.

Ruth e Gabriel não queriam ver mais. Abraçaram-se enquanto cobriam Daanna e punham a chorar. Iriam morrer.

Aileen sentiu que as mãos ardiam, picavam. Houve um esmagamento em seu sobrecenho e de repente soube o que tinha que fazer.

Observou a adaga que ainda estava enfiada na virilha do lobacho e com uma ordem mental a mandou voar ao sobrecenho do quarto lobacho que ficou fulminado no ato. Correu para ele e ao mesmo tempo em que saltava para dar uma patada na cara do quinto arrancava a adaga do crânio do quarto e o lançava ao coração do sexto, fazendo retorcer para causar mais dor. Um deles, o quinto, ao que partiu o nariz e sangrava como um descosturado, imobilizou-a pelas costas e a mordeu no ombro, rasgando toda sua carne e provocando uma ferida profunda.

Aileen gritou de dor com todas suas forças.

—É saborosa —murmurou enquanto rasgava a pele com os dentes.

Grunhindo de raiva e impotência, olhou ao redor da sala e observou os vidros da janela que caíram no chão.

No momento, dois vidros afiados e acabados em pontas desiguais, saíram voando e se cravaram nas têmporas do lobacho que a mordeu, matando no ato.

—O que está ocorrendo? —gritava Daanna nervosa e aterrada de uma vez.

Ruth e Gabriel não tinham palavras para explicar o que Aileen estava fazendo. Era incrível.

Respirando pesadamente e limpando as lágrimas de dor dos olhos, Aileen girou lentamente até o sétimo e último lobacho, que a olhava temeroso.

—Cago na puta... —cuspiu tentando infringir coragem a si mesmo. —É muito forte, puta.

Aileen não afastava os olhos dele. Os vidros do chão se levantaram e levitaram até colocar-atrás de Aileen. Parecia uma imagem tirada de Matrix.

O lobacho olhou às três pessoas que estavam no chão, deitadas. Equilibrou sobre eles e agarrou a manta negra para afasta-la do corpo de Daanna.

—Queime viva, puta —gritou esperando destampar Daanna.

Aileen fez que todos os vidros caíssem sobre ele, esquartejando-o. Ruth e Gabriel cobriram a Daanna em todo momento, mas o lençol negro os tampou às três por uma ordem mental de Aileen impedindo que os raios do sol alcançassem a vanir e o sangue do Lobacho manchasse a pele inocente de seus amigos.

Tudo acabou. Sentindo-se fraca de repente, caminhou cambaleando até seus amigos e caiu de joelhos diante eles.

Colocou uma mão, sobre os vultos que ocultava o lençol negro. —Estão bem?

—Santo Deus... —suspirou Ruth tremendo. —Aileen... incrível... foi... —Está bem, você? Está bem? —perguntou Daanna. Aileen olhou à janela por onde entrava toda a luz prejudicial para a vanir.

—Fique aqui — ordenou, levantando ela também. —Já não há ninguém. Temos que nos deslocar para um lugar da casa onde não dê o sol. Vou dar uma olhada.

—Me levem — sugeriu Daanna.

—Não, Aileen. Não vá, pode ser perigoso —Gabriel queria sair de debaixo do lençol.

—Não levante o lençol Gabriel —disse com cautela. —Daanna pode resultar ferida. Agora venho. Já não há ninguém.

Seus instintos assim o diziam. Seu sexto sentido resultava ser um radar muito perfeito para não confiar nele.

Saiu da sala. Toda a casa estava iluminada pelo sol. Os vidros opacos, foram quebrados, e já não havia nada que impedisse que a luz do dia entrasse naquela mansão.

Saiu ao jardim. Noah e Adam permaneciam com os olhos abertos, os corpos de barriga para cima. Tinham algo no pescoço. Como uns dardos. Sim. Viu antes, na casa de Caleb. Eram imobilizastes. Mas eles estavam conscientes.

—Aileen? Pelo Odín... —grunhiu Noah ao vê-la. —Fizeram-lhe mal.

— Me acredite, eu fiz mais.

—Onde estão todos? —perguntou Adam com essa voz rouca de barítono.

—Os lobachos, mortos —arrancou os dardos dos pescoços dos berserkers. —Outros estão na sala. Daanna não pode sair dali. Está coberta por um lençol negro, mas se segue no sol desta maneira, logo começará a adoecer pela cercania do sol. Esta totalmente em toda a sala. Terá que levá-la a outro lugar.

—Não podemos nos mover —disse Noah.

—Sei —respondeu ela afligida. —Teria que pegar uma dessas bolsas que preparou Menw... vou chamar a meu avô. Direi que venha e que traga remédios para vocês.

Entrou no Hummer, e agarrou o iPhone de sua bolsa.

—Aileen estava preocupado por você —disse Ás nada mais desprender. —Caleb estava muito inquieto e não parava de dar voltas. Dizia que algo não ia bem. Esteve chamando muitas vezes e ninguém atende ao telefone. Estávamos a ponto de pegar o carro...

—Vovô, me escute —ordenou Aileen com um tom que em outras condições jamais se atreveu a empregar com ele. —Atacaram-nos.

Aileen pôde perceber como Ás ficava sem ar.

—Como? Caleb, espera.

—Estamos bem —esclareceu Aileen antes que Ás se voltasse louco. —Noah e Adam foram alcançados por uma desses dados com veneno que imobiliza. Daanna está coberta com um lençol negro, quebraram todos os vidros da casa e agora vou levá-la ao subterrâneo. Têm que vir

recolher Noah e Adam, eles não podem se mover e o veneno demorará em desaparecer se não tratar.

—Vou agora mesmo. Você está bem, querida?

—Rápido vovô. Vinham por alguém e voltarão. Desligou o telefone.

No momento sentiu como sua cabeça queria estalar. Apertou a cabeça com as mãos e fechou os olhos com força.

Um muro. Um muro. Tinha que ser um muro.

Entretanto, a força não desaparecia. Queria derrubar seu amparo, de um modo agressivo e sem inflexões. Aileen começou a tremer. Não havia nenhuma dúvida. Caleb queria entrar em contato com ela. Estava assustado. Aterrorizado, melhor dizendo. Mas ela não deixaria se intimidar. Não, esta vez.

Acabava de fazer desaparecer a sete lobachos ela sozinha. Sentia poderosa, forte e... terrivelmente dolorida. O ombro queimava e a dor descia pelo braço e subia até o pescoço. Sentia o lábio partido, palpitando e inchando no momentos. E o maçã do rosto a sentia aberta. Por que não cicatrizava? O sangue. Necessitava o sangue de Caleb .

Caleb podia fazer que ardesse Troya se dava a vontade, mas não entraria em sua cabeça. Nunca mais sem sua permissão.

—Aguentem um momento mais — disse agachando para segurar as mãos. —Vou levar Daanna e os outros. Terá que escondê-los, se por acaso voltam.

—E você, Aileen, você também tem que se esconder — recriminou Adam.

—Sim —respondeu esgotada, —agora mesmo. Quando meu avô os tenha recolhido e todos estejamos melhores, certo.

Sem dizer nada mais, voltou a entrar na casa. Chegou outra vez até eles e os ajudou a levantar.

A melodia de um celular desconhecido começou a soar. Aileen procurou provas entre os corpos em estado de putrefação avançada dos lobachos. Colocou a mão em um jeans e tirou um Nokia prateado.

Número privado.

Aileen desprendeu e uma voz se ouviu o outro lado.

—Ainda estou esperando sua chamada, estúpido. Tem à irmã? — Aileen ficou branca. Correu até onde estava Gabriel, colocou a mão livre e esperou a que voltasse a falar. —Está aí, imbecil?

Aileen assentiu com a cabeça e insistiu a Gabriel a fingir que era o lobacho.

—Sim.

—Tem à garota?

—Sim.

—Espero que não tenha feito muito dano. O chefe quer à híbrida e a irmã será uma boa moeda de troca. Se a entregarmos em mal estado...

—Está bem.

—Então, vejo esta noite no The Ivy. Traga isso e lembre-se da droga. A vanir é poderosa e muito importante para o chefe. Às nove. E não se atrase.

—Sim.

—Ah... me esquecia. Pareça decente, lembra que há homens poderosos e de estirpe. Não queremos mendigos.

O homem desligou.

Aileen guardou o celular, ainda com as mãos tremendo pela sensação inequívoca de lembrar essa voz. Porque lembrava essa voz. Era Víctor.

—O que foi isso? —perguntou Daanna.

—Acabamos de ouvir marcando com os chefes, para esta noite —respondeu Aileen com determinação. —Vamos.

Os três estavam cobertos pelo mesmo lençol e deixavam guiar pelas mãos de Aileen.

—Cuidado com o degrau... assim... outro mais... muito bem à direita... direita Ruth não esquerda... aí...

—Não pise em Gabriel —disse Ruth ainda com a voz tremente.

—Merda, não vejo nada —respondeu ele.

—Daanna? —perguntou Aileen. —Está bem?

—Estarei bem assim que me esconda do calor do sol e minha pele deixe de suar. Estou desidratando.

Chegaram à porta que conectava com os corredores subterrâneos.

Aileen grudou a mão de Daanna e a cobriu com a sua para que nem um só raio roçasse sua úmida e fina pele. Colocou a mão no identificador e a comporta se abriu.

—Lar, doce lar... —murmurou Daanna.

Uma vez dentro, só as tochas iluminavam o corredor de pedra. Daanna tirou os lençóis de cima e olhou com olhos vermelhos e imensos a Aileen.

—OH Deus, Aileen... —aproximou-se com lástima e grudou o queixo com delicadeza. —Dói? Aileen, seu ombro está esmigalhado... —gritou com surpresa.

Aileen dirigiu seus olhos à feia ferida e fez uma careta de desgosto. —Meu irmão tem que ajudar.

—Não —a cortou com decisão. Nem pensar, sentia orgulhosa de si mesma pelo que fez sem ajuda de ninguém. Agora não queria voltar a sentir frágil com o vanirio , que não confiava nela, que não se abria com ela, que não a entendia. Não estava disposta a falar com ele.

—Aileen... —murmurou Daanna.

—O que fez ali em cima, você sozinha... —reconheceu Gabriel. —foi... bom... foi... não tenho palavras. Foi Lara Croft possuída pela menina do Exorcista. Foi um desenho surripia em ação.

No exterior ressonou um som de carros estacionando.

—Meu avô já está aqui — disse ligeiramente abatida. —Fique aqui.

Ao sair ao jardim, encontrou Ás administrando uma injeção a Adam e Noah. Ao ver Aileen levantou de repente.

—Mas... o que têm feito? —agarrou-a pelo ombro bom e a abraçou com força.

—Estarei bem —disse ela contra seu peito.

Aileen explicou tudo o que passou. Ás ficou arrepiado ao escutar os acontecidos. No melhor Caleb tinha razão com isso de encerrá-la e vigiá-la até que todo esse pesadelo passasse.

—Aileen, leva sangue guerreiro nas veias. É muito forte. Isto quer dizer que já está aprendendo a desenvolver suas habilidades?

—Estou nisso —se separou de seu abraço, —embora nenhum de vocês quis assessorar —acrescentou ressentida. —Tive que fazer sozinha.

—Temo por você. Não quero ver metida em batalhas de nenhum tipo.

—E não acha que é inevitável, vovô? Não acha que seria melhor que eu soubesse dirigir meus dons cem por cento e estar preparada para dias como os de hoje?

—Aileen... —voltou a abraçá-la. — Lhe fizeram mal. Caleb e eu concordamos que seria melhor estar protegida. Nada de lutas, nada de golpes. As mulheres berserkers e vaniras são cuidadas e adoradas. Não estão feitas para brigar.

—E uma merda, vovô... Já viu que sim. Têm uma mentalidade retrógrada e machista.

—Não me fale nesse tom, jovenzinha.

—Não me diga o que tenho que fazer...

Estava muito alterada. A adrenalina ainda percorria seu sangue e as mãos ainda formigavam.

—É precisamente essa atitude a que faz que o número de berserkers e vaniros diminua —disse ela. —Se tivessem preparado às mulheres do mesmo modo que os homens, nada disto teria passado. Somos hábeis, ágeis e letais. Pode ser que não saibamos golpear tão duro como vocês, mas somos poderosas. E não nos intimidamos. A metade de vocês são mulheres, se contassem mais com nossa ajuda seria o dobro de fortes. Poderíamos dar uma mão.

—Você é diferente. Você é de verdade poderosa, Aileen. Quase não tem debilidades. Adquiriu a força e os dons de um vanirio e os instintos e a velocidade de um berserker. Entretanto, não herdou nenhum dos inconvenientes de ser de uma ou outra espécie, mas isso não quer dizer que as demais sejam como você. Teve que proteger Daanna da luz do sol, já viu, ela tem uma grande debilidade. E te asseguro que se em vez de ser uma híbrida tivesse sido uma berserker de pura cepa, pode ser que não estivesse viva agora mesmo, porque nossas fêmeas são fortes mas não para acabar com sete lobachos de uma vez, e você hoje o fez.

—De todos os modos, acredito que devem as preparar. Há algo que não vai bem a suas comunidades, vovô, e eu gostaria de poder ajudar. E eu sim que tenho debilidades —esclareceu.

Um homem alto, moreno e com os olhos mais verdes do mundo. Um homem que acabava de chegar com seu Porsche Cayenne.

Aileen tragou saliva. Embora os vidros fossem escuros sabia perfeitamente que a estava olhando fixamente. Seus olhos lilás brilhavam furiosos. Estava tão zangada com ele que a mesma fúria fazia que tivesse vontade de chorar.

Caleb a observava com o corpo tremendo de ira. Mataria a todos. Faziam mal a sua cáraid e isso não podia perdoar. Apertou a mandíbula ao ver que partiram o lábio, tinha um corte na maçã do rosto e o ombro aberto e destroçado por uma mordida.

Sim. Mataria a todos.

—Vá falar com ele — sugeriu Ás. —Não vi a um homem mais preocupado em minha vida.

Algo se removeu em seu interior por ouvir essas palavras e desejou que fora verdade que importasse, mas longe de pensar romanticamente o fez de um modo prático.

—Sou sua comida —respondeu com frieza. —Como não estaria nervoso? — Caleb crispou por ouvir essas palavras. Ele podia ouvi-la. Acaso esquecia? Ou era consciente disso e por isso falava desse modo? Agarrou seu iPhone e a chamou.

Aileen agarrou o telefone sem afastar o olhar do posto de piloto do carro. —Entra no carro —ordenou Caleb bruscamente.

—O que acontece, Caleb? —respondeu com ironia. —Não pode falar comigo telepaticamente?

—Você não me deixa —grunhiu. —Quem te ensinou a se proteger? Entra no carro, Aileen.

—Não. E não me fale assim —sentiu que as lágrimas se acumulavam até fazer um nó na garganta. Não pensava em reconhecer o que ela fez por sua irmã? Não pensava dizer que estava preocupado por ela? Não se desculparia pelo que disse no quarto? Nem por não fazer parte dos vídeos que descobriu de seus pais?

—Não faça que me enfureça, Aileen.

—Não me dá medo.

—Deveria me temer. Estou muito de saco cheio com você.

—Pois se espera ouvir que sinto, vai se cansar. Tem Menw a dose preparada? —perguntou consciente da frieza de suas palavras. —Começo a ter fome.

—Não.

—Não? —obrigou a manter o tom de falso controle da situação. De verdade que tinha fome, mas só dele, e não só de seu sangue mas também de seu corpo e de um pouco mais difícil de reconhecer. Seu... coração.

—Se tiver fome já sabe o que tem que fazer, pequena — disse docemente.

—Morder algum pescoço? —elevou as sobrancelhas, consciente de feri-lo em seu orgulho.

—Aileen, deixa de me chatear e veem aqui —gritou furioso ao imaginar Aileen bebendo de outro homem. —Está ferida e me necessita.

—Não necessito. Não me dá vontade. Saia você. A linha ficou silenciosa.

—O que te passa Caleb? Não pode sair? —sorriu com malícia sentindo forte para continuar. —Hoje faz muito sol verdade? Pode ser que eu não seja sua cáraid, mas um monstro como você não pode ser o meu. Meu par —repetiu com o mesmo tom irritante que utilizou ele no quarto— não pode me privar da luz do sol e infelizmente, Caleb, é uma das coisas que você me quer tirar sem dar nada em troca. Só tira, nunca dá. Exige, nunca pede. Nem sequer hoje pode me proteger... Não pode ser meu par, não posso necessitar a alguém como você.

De repente sentiu frio no coração. Não estava orgulhosa de falar assim, nunca o estaria, mas se sentia tão enfurecida com ele, tão necessitada de fazer mal como ele fez a ela, que não pôde evitar. Sentiria se mal Caleb ao dizer essas horríveis coisas depois de fazer amor? Ela sim que se sentia mal por dizer tudo aquilo.

Ás se moveu violento ao presenciar essa conversa. Sua neta tinha o mesmo caráter orgulhoso que teve sua filha Jade. A alguns homens isso parecia muito sexy, entretanto, ele não desejaria jamais estar na situação de Caleb . Tendo visto a preocupação nos olhos do orgulhoso vanirio , juraria que ele estava mais apaixonado por sua neta do que desejava estar de ninguém.

Caleb estava pálido no interior do carro e agradeceu que os vidros estivessem filmados.

Com um juramento entre dentes, ligou o motor e deu marcha atrás.

—Até esta noite —se despediu com dureza.

Aileen olhou como o carro se afastava e de uma vez formava um nó na garganta. Queria ir atrás dele e dizer que ficasse. Queria ir atrás dele e pegar e jogá-lo aos lobos. Era todo um mundo de contrariedades e sentimentos turbulentos para o vanirio , mas o pior de tudo, o que mais raiva dava, era que se dava conta de que sentia coisas por ele e que isso a punha em inferioridade de condições. Caleb tinha o poder de fazer mal e isso não podia consentir. Antes atacaria ela.

Ás agarrou Noah e Adam e os carregou como sacos de batatas.

—O que vai fazer, querida? —perguntou Ás uma vez montado aos meninos no carro.

Ruth e Gabriel saíram ao encontro de Aileen correndo.

—Daanna foi raptada pelo Menw no subterrâneo —murmurou Ruth entre ofegos. —Agarrou-a nos braços e a levou. Foi espetacular, não sei porque Daanna brigava com ele assim.

—O pobre estava apavorado por ela —explicou Gabriel. —Disse que fôssemos com você e que descansássemos, que Daanna iria para casa de Caleb .

Aileen assentiu com a cabeça e olhou a Ás.

—Vou para minha casa.

—Então, enviarei uma patrulha de berserkers para que vigiem a zona. Eu irei com eles.

—Obrigado, vovô — explicou ela, —mas não tem que cuidar tanto de mim. Já viu que sei me valer por mim mesma.

—Hoje ganhou você —respondeu ele com severidade. —Amanhã... nunca se sabe. Não moverá daí até que isto acabe. Em sua casa estará mais certa.

—Esta noite vou a The Ivy, vovô, contem comigo ou não. Já pode me encerrar onde dê vontade —o desafiou. —Encontrarei o modo de escapar.

—Não fará Aileen.

—Claro que farei. Não pode me controlar, levo muito tempo encarcerada.

—Não entende? Nós preocupamos com você.

—Sou adulta. Sou uma mulher, embora você e Caleb empenhem em me contradizer. Não vou me esconde de ninguém me entende? Sou proprietária de minha vida e única juíza de minhas decisões.

Isso sim que não podia negar. Sua neta era uma lutadora real. Uma guerreira.

—Aileen —a puxou pelos ombros. —Esta noite é muito perigosa. Estarão Víctor e Mikhail ali. Acha que irão acompanhados de simples humanos? Não. Certamente lobachos e nosferatus acompanhem. Haverá uma guerra.

—Já estive em uma.

—Sim, mas esta vez irão por você se a virem. Você mesma disse que foram por Daanna para fazer uma troca. Ela por você. Não imaginavam que você pudesse estar aqui com ela e muito menos que fosse imune aos raios do sol.

—Nem tão forte —disse orgulhosa.

—Sim, nem tão forte —sorriu seu avô. —Mas tinha a seu favor o fator surpresa, querida. Se te apresentar no restaurante, irão por você. Esta noite somos nós os que necessitamos o fator surpresa. Vamos interceptar os dois peões e descobrir o que pretendem fazer com toda esta caça e captura para nós e, se desejas saber, necessitamos que te mantenha à margem, porque se interferir nos desfocará.

Aileen apertou a mandíbula e afastou o olhar em um claro gesto de frustração.

—Vos estorvo —concluiu decepcionada.

—Não nos estorva — puxou pelo queixo e acariciou a covinha tão característica de sua família. —Simplesmente é algo tão valioso e te tem feito tão importante para nós em tão pouco tempo que tememos por você e o último que desejamos é que te aconteça algo. Não estamos dispostos a pôr sua vida em perigo, porque não queremos te perder. Eu te amo. Eu te amo —confessou com os olhos cheios de carinho e sinceridade. —Não quero que passe nada entende?

Aileen se emocionou e sentiu de novo esse já tão familiar nos últimos dias, nó na garganta.

—Por favor, não confunda nosso amparo com uma prisão— suplicou.

—Não faço, vovô —sussurrou ela com a voz quebrada. —Mas me sinto à margem de tudo o importante, de todo o seu. Desejaria que confiassem em mim, que me deixassem participar. Eu preciso me vingar por tudo o que me têm feito... —as lágrimas não deixaram continuar.

Ás fez um gesto de dor com a boca.

—Aileen, nos deixe esta noite — disse com decisão. —E depois de hoje, falarei com Caleb para a pôr nas patrulhas e para que venha conosco.

Aileen se enfureceu ao dar conta de que inclusive seu avô Ás cedeu parte de seu poder a Caleb. Como se todos já admitissem que ela era do vanirio e que ninguém mais que ele decidia sobre ela.

—Por que tem que perguntar a ele? —grunhiu ela secando as lágrimas de um tapa...

—Porque é seu par —respondeu seu avô cortante. —E porque estamos pondo paz entre os clãs depois de uma guerra que durou mais de dois mil anos. Não ajudaria a conseguir essa paz que um berserker e um vanirio brigassem sobre a custódia de uma híbrida.

—Mas eu sou sua neta... —gritou ferida.

—E também é sua mulher, do momento em que a marcou— puxou o rosto com carinho. —Pode ser que as coisas sejam difíceis entre vocês agora. Você o rechaçou e ele está ferido.

—E logo ele me rechaçou de um modo cruel. Eu não disse isso?

—É uma rixa de apaixonados —sorriu tirando lenha do assunto.

—Apaixonados? Ele não está apaixonado por mim... —disse nervosa. —Só é um dependente, porque eu sou seu cardápio diário.

—Duvido muito que uma carta de cardápio ilumine os olhos de um vanirio, especialmente de um tão taciturno, como o faz você. Inclusive estando brigados Caleb se iluminava quando olhava e erguia orgulhoso na cadeira. Duvido muito que uma carta de cardápio possa preocupar tanto a um homem como a Caleb.

—Teria que a ter assim que dava a notícia de que atacaram. Ficou pálido e fervia de fúria, mais do que o faz habitualmente. Antes que nos déssemos conta, já pegaram o carro para ir buscar.

Aileen imaginou Caleb atuando desse modo tão impulsivo por ela.

—Ponha em suas mãos —sugeriu Ás. —Ele cuidará de você como ninguém, estou certo. E volta a compartilhar sua mente com ele, Aileen. Ele teria vindo voando, se houvesse dito o que estava passando. Pensa em sua segurança.

Não podia. Ficar em suas mãos? Mais ainda? Não. Não se Caleb tomava tudo dela e não dava nada.

Assombrada e assustada de uma vez por essa revelação, entendeu que necessitava que Caleb também ficasse em suas mãos. Que a quisesse com toda sua alma e entregasse seu coração. Necessitava que ele a amasse.

Cobriu o rosto com as mãos e negou com a cabeça, incrédula ao dar conta de que se ela exigia isso era porque estava disposta a dar o mesmo. Porque estava apaixonada por ele. Não podia ser.

—Sinto-me doente... —disse ela.

—Sente-se mau? —perguntou Ás preocupado.

—Só preciso estar em minha casa.

Capítulo 20

—Menw, me deixe em paz —gritou Daanna ao vanirio quando não deixava que desse um passo sem ele atrás dela.

—Não grite —respondeu ele com calma. —depois do que nos contou, não duvide nem por um minuto de que possa se liberar de nós.

—Caleb, estão passando —Daanna olhou a seu irmão que estava parecendo uma pedra observando os jardins através da janela de seu salão. De agora em diante a iriam vigiar muito de perto, pois sabiam que também corria perigo.

—Me esqueça, Daanna —disse seu irmão muito tenso apoiando no sofá. —Por sua culpa Aileen não fala comigo. Mostrou como proteger se e...

—Perdoa? —disse sua irmã assombrada cortando-o. —Aileen não quer falar com você porque é um bruto, não porque eu tenha ensinado nada, irmãozinho. Eu também estaria muito chateada com você se meu cáraid fosse um mandão ditatorial como você que além me oculta coisas e não tem paciência comigo. — Caleb não respondeu ao sarcasmo.

Já entardeceu e desde que Caleb chegou a ver Aileen não se moveu da poltrona. Usava horas ouvindo discutir Daanna e Menw pelo mesmo.

Menw ia ser seu guarda-costas particular e Daanna não o queria ter a menos de dois metros, enquanto que Cahal ria entretido de vê-los enfurecidos um com o outro.

Caleb, entretanto, tinha a mente em outro lugar. Pensava em Aileen.

Quando chegou com o carro e a viu no jardim da casa de Daanna de pé, sob a luz do sol, ferida e com os olhos chorosos, algo se desfez em seu endurecido coração.

Queria consolá-la e cuidar dela. Aileen demonstrou ser valente e muito protetora dos seus, incluindo Daanna nesse grupo de pessoas.

Ela só, sem ajuda de ninguém mais, cuidou de sua irmã, brigado como uma tigresa e além disso sangrado por ela. E ele não fez nada para prepará-la, nem sequer para explicar a classe de poderes que possuía. Não, não o fez porque não a queria brigando a seu lado. Não se perdoaria nunca se ela resultasse ferida ou morta em uma batalha e ele não tivesse podido salvá-la. Como passou com seu pai, sua mãe e com Thor. Mas olhe por onde, resultou ferida igual.

Não deixava de pensar nela. Admirava. Admirava sua coragem para lutar pelo que era justo segundo seus princípios e, por isso demonstrou, tinha uns princípios muito valiosos. Para um homem como Caleb, um que mandava sobre outros, um que tinha sempre a última palavra, que era respeitado e querido por seu clã, encontrar com Aileen não só era apavorante mas também além disso era subjugante. Só podia fincar de joelhos diante dela e ficar a sua inteira disposição. Ela, com seu caráter desafiante, com suas carícias e sua aceitação, com seus sermões e suas rixas, estava devolvendo parte da humanidade que foi perdendo com os séculos. E sim, estava assustado. Assustado porque todos aqueles aos que esteve ligado e quis por cima de si mesmo desapareceram, e ele, com toda sua força, com todo seu poder, não pode fazer nada para evitá-lo.

Se perdesse Aileen, ficaria louco. Ela estava em sua pele, em seu sangue, em seu coração. E o estava por méritos próprios.

Daanna se salvou por ela. E resultava turbador, dar conta de que seu casal, deu a vida por alguém de sua família. Aileen agora era sua família. Sua vida. Sua companheira.

A amava. Amava a Aileen. Era um viciado nela e não pelo sabor de seu sangue mas sim por tudo o que vinha no pacote. Sua compaixão, seu sentido da justiça, sua lealdade, seu senso de humor... seu calor.

Levantou do sofá e se aproximou da janela. O sol já se escondeu e só ficavam no céu as cores elétricas de um precioso entardecer.

Aileen estava muito zangada com ele. E não era para menos. Comportava-se como um egoísta e não estava sendo pormenorizado com ela. Fazia só cinco dias que se converteu, era uma

cachorrinha, uma bebê necessitada de muito carinho e agasalho, e só exigia coisas, como muito bem jogou ela na cara.

Essa atitude defensiva e machista o provocava o medo a perdê-la. Do momento em que a viu, até sabendo que ela era sua inimiga —ou ao menos acreditando então, —a jovem o encarou e o colocou em seu lugar mais de uma vez e, desde que se cruzaram seus olhares, ele a desejou e a reclamou como dele.

E agora que esteve em sua cabeça, que se conheciam mais intimamente, gostava de tudo nela. Inclusive quando se zangava com ele e ficava como uma fera, isso não só gostava mas também o punha ereto como um mastro.

Mas como reconhecer todas essas coisas, como as admitir. Caleb não se atrevia a ceder o controle a ninguém e menos a aquela que mais poder teria sobre ele, Aileen.

Poderia confiar nela para se entregar por completo? E o mais importante: ela poderia chegar a amá-lo e confiar nele?

Certo que não, se seguia sendo um homem manipulador, cruel e . Não estranharia nada que ela não queria ser parte dele, devia lembrar a Mikhail.

Soltou um grunhido de impotência. Samael seguia sem aparecer. Mikhail seguia vivo e conforme contou Daanna Víctor falou por telefone com Aileen. Perseguiam a sua cáraid, atacavam-na e ainda por cima sabiam onde vivia sua irmã. E eles em troca o que tinham? Nada.

Com mais raiva do que queria admitir, Samael cada vez parecia mais suspeito. Tinha o pressentimento de que essa noite, em duas horas exatamente, tudo começaria a esclarecer-se. Mas o que pintava Samael em todo isso exatamente?

Esclareceria inclusive sua relação com a Aileen. Sobre tudo sua relação com essa descarada de olhos lilás que não fazia mais que dizer coisas feias e dolorosas, e que o enfurecia e o debilitava por igual em um abrir e fechar de olhos. Depois do que planejaram para o The Ivy, iria ver Aileen.

Maria curava as feridas de Aileen com mimos e determinação. A jovem fazia esforços por não queixar e assustá-la, mas cada ponto da agulha em seu ombro era tão lacerante e dolorosa.

—Gabriel e Ruth ficaram adormecidos. Dei um chá relaxante, receita de minha mãe, que é mão de santo.

—Obrigada, Maria, por tudo —agradeceu com sinceridade.

—Não merecem, menina. Seus amigos querem muito e acredito que esta visita Londres não a vão esquecer nunca. Vai ficar aqui para sempre, senhorita Aileen?

Não sabia. De fato, tinha várias propriedades interessantes que ver. Entretanto, embora agora corria perigo estando ali, Londres não desagradava. À exceção do clima, a cidade era adorável.

—Sim, por agora —respondeu franzindo os lábios para não gritar de dor.

—Alegra-me ouvir isso. Eu gosto de vê-la aqui. Santa mãe de Deus, pequena —murmurou a mulher muito preocupada. —Seu pai vinha com estas feridas e às vezes pensava que o que fosse

que fizesse pelas noites deveria ser muito importante para que valesse a pena ser maltratado desse modo.

—Chame-me Aileen. Trate de mim, por favor. Você... curava-o?

—Huy, sim —respondeu Maria dando outro ponto. —Embora não servia de muito minha ajuda, porque depois de dormir todo o dia, suas feridas cicatrizavam completamente como por arte de magia. Desejo, minha menina, que a você... que passe o mesmo porque isto tem que te doer.

Aileen apertou a mandíbula para suportar a última estocada. Não, não passava o mesmo até que Caleb não a alimentasse. Seu pai sarava porque até então ainda não conhecia sua mãe e não tinham feito a troca de sangue para a vinculação. Aileen sim. E o necessitava com todas suas forças. Desejava tomar Caleb e morder por todo o corpo, beber dele, de todos os lugares. Ao imaginar nu e ela em cima saboreando-o, sentiu que os mamilos endureciam. Amaldiçoando entre dentes se levantou da cadeira da penteadeira e deixou Maria com o fio e a agulha na mão.

—O que te acontece, pequena? —perguntou a mulher.

—Necessito um banheiro... —sussurrou acalorada apartando o cabelo da cara.

—Está bem —assentiu recolhendo o estojo de primeiro socorros de enfermaria. —Quer que prepare a banheira?

—Não, gosta de estar sozinha. Muito obrigada.

—Como quiser —se aproximou e sem mediar palavra a abraçou e a beijou na bochecha. —Eu cuidarei de você enquanto ele não faça.

Aileen deu um coice entre os braços da mulher.

—Sou uma mulher, menina — explicou acariciando o rosto. —E percebo muitas coisas.

Aileen afastou o olhar, mais envergonhada do que desejava.

—Caleb a necessita e você necessita a ele. É muito simples.

—Não é.

—Claro que é —insistiu ela. —Não se pode lutar diante do verdadeiro amor. Por ele, arrisca tudo, tudo —repetiu Maria misteriosamente.

—É uma mulher muito estranha, Maria —a olhou fixamente nos olhos e então percebeu algo dela. Era formosa e ainda o seguia sendo. Seus olhos negros pareciam infinitos e eram realmente magnéticos. —O que é, Maria? Quem é? Você... sabe coisas. Não me engana.

—Só sou uma mulher que aceitou todas as realidades que convivem em nosso mundo. Não me dá medo o que é, como tampouco me deu medo seu pai. Suponho que aceitei que humanos e seres de outras procedências vivem juntos e que o único importante ou seja sobre eles é a verdadeira natureza de seu coração. Não me parece nada desatinado saber que há muitas raças de seres. E você? —arqueou as sobrancelhas insinuando um sorriso de cumplicidade. —Tampouco tenho interesse em saber o que é você. Só me importa saber que está no bando dos bons. Eu estou — piscou um olho. —Está você?

Aileen entendeu que Maria seria muito importante em sua vida e desejou tê-la a seu lado para sempre. Agradecida por aquelas palavras, abraçou-a com ternura.

—Sim, é obvio. É um presente, Maria. Entendo que meu pai confiasse tanto em você.

Maria assentiu e sorriu.

—Nunca a trairei, Aileen. Poderá confiar sempre em mim. Agora — segurou seu queixo com doçura — encherei a banheira, poremos sais de banho e descansará em sua cama.

—Mas não posso... —respondeu ela. —Tenho que sair esta noite.

—Nem pensar, jovenzinha —a recriminou ela. —Agora mesmo entre na jacuzzi e logo à cama.

—Não entende. Tenho que ir ao centro de Londres. Fiquei ali com...

—Não ficou com ninguém. Caleb chamou —a empurrou brandamente até fazê-la entrar no banheiro e abriu a água. —Proibiu-nos que a deixemos sair.

—O que...? —gritou ela enfurecida. —Caleb pode dizer a missa, mas eu...

—Aileen —Maria segurou docemente pelo rosto— não o contradiga nisso. Primeiramente é sua segurança.

Aileen tremia o queixo da impotência. Caleb estava empenhado em controlá-la e parecia que todos obedeceriam a ele antes que a ela.

—Mas... esta noite —sussurrou angustiada— Vai haver uma briga... e quero estar lá.

— Tranquila, menina —a ajudou de um modo maternal a se descalçar e a tirar as calças. — Não vai passar nada. É muito forte.

—Não me preocupo com ele — apressou a responder. Maria elevou as sobrancelhas com incredulidade e sorriu.

—É orgulhosa como seu pai e muito cabeçuda, mas não me engana. Só está ressentida com ele por algo que fez, mas sei que o quer, a primeira noite que chegou aqui —lembrou meneando a cabeça com gesto risonho— soube. Ele a olhava como se fosse a mais formosa do mundo e você o olhava de um modo... ufff... Teriam que fazer uma foto.

—Esta errada.

—Não, querida, não estou —uma vez nua a ajudou a entrar na banheira de hidromassagem. —Com cuidado não escorregue. Assim, muito bem — apertou o botão de aceso e a água começou a borbulhar. Seguidamente segurou os sais de banheiro de aroma frutado e o verteu dentro da banheira.

O corpo de Aileen estremeceu diante da água quente, mas em seguida pôde estirar-se sem que o ombro inundasse de tudo e imediatamente relaxou. O aroma de frutas subiu até seu nariz. Maria passou uma esponja de água quente pelo rosto de Aileen e limpou o sangue seco de seu rosto.

—Caleb mandou dez homens até aqui. Agora estão vigiando a casa inteira. Eu tenho ordens estritas de cuidar de você até que tudo se solucione.

Caleb não confiava nela e Aileen sorriu ao se dar conta que começava a conhecer bem. Era ela que não o conhecia de tudo. Frustrada por não poder desafiá-lo nem dobrá-lo com nenhuma de suas decisões, grasnou como um animal.

—Estúpido —golpeou a água com o punho fechado. —Estúpido. Estúpido. Eu tinha que estar ali... Esta noite vão brigar por mim, machista arrogante... Quando o agarrar o mato... —grunhiu entre dentes. —vou agarrar essa cara tão bonita e a vou esmagar... Aaaaarg —gritou rendida.

Maria a olhou enquanto sustentava a esponja no ar. Então estalou em gargalhadas tentando pegar o ar a cada baforada. —Jesus, menina —riu Maria. —Vá caráter.

Aileen se obrigou a tranquilizar, mas permaneceu calada pensando mentalmente no que faria a esse homem quando voltasse a vê-lo. Tinha que beber dela e ela dele. Pensou que Menw viria antes do anoitecer para tirar sangue e trazer o de Caleb, mas se angustiou ao ver que eram oito e meia da tarde e ninguém apareceu em sua casa. Vestida só com uma longa bata de seda amarela, seu cabelo descansava seco e reluzente sobre os ombros, estendendo até a metade de sua coluna vertebral.

Cruzou os braços, olhava os berserkers e vaniros que rondavam os arredores de sua casa e pensou em Caleb. A mantinha presa. E se...? E se Caleb não vinha essa noite procurar seu sangue? E se atrevia a beber de outra mulher?

Apertou a mandíbula diante dessa dolorosa ideia. Não. Não aguentaria que Caleb se aproximasse dela com o aroma de outra mulher.

Mais preocupada do que gostaria de estar, se viu sentando no saliente interior da janela, agarrando os joelhos e apoiando sua testa no frio vidro.

Rezou para que Caleb retornasse a salvo e rogou que ninguém mais que ela pudesse alimentá-lo. Mas sobre tudo implorou pela força necessária para não ceder diante o desejo persistente, a necessidade entristecedora de contatar com sua mente. Decidiram não comunicar entre eles como faziam os casais, foi o desejo de Caleb, e antes teriam que matá-la para quebrar esse pacto. Se ela cedia, deixaria mais à mercê do vanirio . Ela era a fraca. Caleb parecia o forte. Se Aileen não demonstrava que ela também podia ser forte, então estava perdida e tinha que marcar seu território com Caleb, porque se não, um homem como ele ocuparia tudo.

Começavam a suar as mãos, o coração corria com a intenção de sair do peito e tinha o estômago encolhido por uma dor surda e agonizante que não deixava sequer respirar sem aliviar um soluço.

O necessitava. Dependia dele. Estava apaixonada e já não podia negá-lo por mais tempo. Mas devia lutar contra isso porque não era aconselhável entregar o coração a alguém tão e abusado como ele.

Nunca se entregou a Mikhail quando acreditava que era seu pai, nunca lutou por seu amor. E muito menos faria cegamente com alguém a quem sim desejava porque então Caleb a anularia e ela seria infeliz.

Mas esse homem estava debaixo de sua pele, dentro de sua alma e pouco a pouco roubava parte de seu coração. Uma noite compartilhada com ele foi suficiente para render a todos seus encantos.

Havia trazido seu cão e seus amigos. Pirou com ela, a fez rica e independente. Fazia amor com ele e não deixava de pensar em voltar a fazer.

Sentia que com seus corpos entrelaçados, Caleb deixava cair todas suas barreiras e mostrava como o homem de bom coração, doce e tenro que era. Um homem que a queria, desejava e a protegia por cima de suas próprias necessidades. E ela desejava reencontrar com essa parte outra vez.

Entretanto... o dia foi o pior e Caleb ocultou o mais importante para ela desde sua conversão: saber o que passou a seus pais. E Caleb a enganou ao dizer que se abriu a ela por completo. Não era certo.

Mas inclusive agora, ferida tanto por fora como por dentro como se encontrava, desejava perdoar e deixar que desse consolo. Que a abraçasse, beijasse e a acariciasse para acalmá-la. Sem dúvida estava tendo um ataque de ansiedade. Era como ter uma droga, mas a droga era Caleb.

Exalando um suspiro trêmulo, afundou a cara em seus joelhos e deixou de lutar contra ele. Seria uma noite longa e dolorosa e seu único pensamento cordato entre todos os tremores físicos que provocava a necessidade de estar com seu cáraid era que ele retornasse a ela. Seu único desejo, que ele não resultasse ferido e que voltasse a procurá-la.

Covent Garden, Restaurante The Ivy. 20:50 H.

Caleb e Ás olhavam através da janela da cozinha do restaurante como a mesa reservada seguia sem se encher. Fazia uma hora que chegaram. Depois deles, estirados no chão da cozinha, estavam os garçons e o chef do solícito lugar, adormecidos placidamente uns em cima dos outros. Nada mais chegar, Menw os incitou a que fechassem os olhos, desse modo eles teriam a cozinha para observar tudo que acontecia no salão.

O restaurante The Ivy, de primeira classe, albergava aos clientes mais seletos da cidade. Necessitavam quase três meses de antecipação para adquirir uma mesa. Atores e atrizes populares assim como importantes desenhistas estavam entre sua clientela mais habitual. Já haviam pessoas sentadas nas mesas, esperando que os servissem. Estudavam as cartas com grande entusiasmo. As portas do restaurante se abriram e dois casais mais, os homens visivelmente mais velho que as mulheres, deixaram que o recepcionista, previamente hipnotizado por Caleb, guardasse seus casacos e os guiasse a seus reservados.

Cahal colocou atrás de Caleb e Ás e estudou a situação cruzando os braços.

—Têm que estar ao cair —murmurou. Caleb assentiu sem olhá-lo. —Minha irmã está bem?

—Menw não a deixa nem a sol nem a sombra —respondeu com um sorriso de suficiência.

Caleb apertou a mandíbula. Sua irmã não teria que estar correndo perigo algum e entretanto estava ali. Em teoria só tinha que estar ali para que os lobachos pudessem cheirar sua essência que ela estava presente.

Nem Víctor nem Mikhail apareciam ainda, mas depois de tudo o que fizeram a sua Aileen não acreditava poder controlar muito bem quando os visse.

Todos se orvalharam com sprays que anulavam seus aromas peculiares, desse modo não poderiam ser detectados. Se aqueles humanos vinham acompanhados de lobachos e nosferatus

como se esperava, não poderiam rastreá-los. Graças a Menw e ao estudo que fez previamente sobre os artefatos que utilizavam contra eles para os caçar, agora já sabiam que esses mesmos artefatos podiam utilizá-los contra eles. E assim fizeram. Cada um deles usava uma bolsa negra atada no cinto da calça, onde guardavam remédios de urgência a utilizar se os alcançavam com alguma de suas substâncias.

—Terá que evacuar o restaurante —ordenou Ás. —Há muitos humanos.

—Eu os evacuarei —disse Cahal elevando uma sobrancelha arrogante. —Atrairei mentalmente até a saída do restaurante e os tirarei daqui, mas temos que esperar até que eles entrem.

Ás olhou para trás para acertar que entre berserkers e vaniros os ânimos estavam acalmados. Dez de cada clã, uns a um lado e outros ao outro, delineando por uma linha imaginária sua separação, esperavam as ordens de atacar de suas líderes. Para os berserkers, Ás. Para os vaniros, Caleb.

Ao fundo, ouvia a arejada discussão de Menw e Daanna, como única nota discordante daquele sepulcral silêncio na cozinha.

—Não aproxime disso muito mais, Menw —vaiou Daanna seriamente irritada.

—Deixa de comportar como uma menina? —respondeu Menw cruzando os braços na frente dela. —Não tente se afastar, não poderá escapar. Estou te protegendo. Todos aqui fazemos. Assim não vá jogar o plano por terra.

—Não necessito sua segurança. Não aguento —girou a cabeça para outro lado.

Menw a olhou de cima abaixo e desenhou um sorriso torcido com seus lábios.

—Na realidade você gosta que eu esteja preso a você —acertou ele elevando o queixo e animando a negar o que dizia. —Assim pode se vingar —sussurrou em seu ouvido. —Rechaça uma e outra vez, fala mal, insulta-me, trata-me com desdém... isso é porque ainda sente algo por mim. Tenho imersão, Daanna.

Daanna apertou a mandíbula e fechou os olhos com força.

—Isso é o que você gostaria —respondeu mais indignada do que teria gostado de parecer. —Me ter atrás de você, como antes... Como uma menina estúpida, ingênua e infantil que velava os ventos por você. Lembra? —perguntou esgotando os olhos ressentidamente. —Era tola. Uma estúpida. Babava com apenas ver-te e pensava que você... que entre você e eu... —voltou a apertar a mandíbula para não dizer às palavras que empurravam através de seus dentes. Soprou e relaxou os ombros. Olhou com seus olhos fascinantemente azuis com uma total inexpressão. —Por sorte, isso já passou. Você se encarregou de tirar a atadura dos meus olhos.

Olhou-o desafiante e observou com satisfação como Menw palpitava um músculo do queixo.

—Logo deixarei de incomodar —sentenciou Menw. Se Daanna o ouviu ou não, não importou. Se separou o suficiente para deixar um metro de espaço.

—Silêncio —a voz de Caleb elevou entre todos eles, nem muito baixa nem muito forte, mas com o tom necessário para fazer calar a um coliseu completo.

Daanna e Menw obedeceram à contra gosto, embora não tiraram os olhos de cima um do outro nem um só instante.

Pela porta do restaurante entraram um grupo de dez homens, de pele pálida, olhos grandes e negros, e cabelo negro muito curto. Todos eles vestidos solenemente com roupa escura, com amplas gabardinas de Armani e sapatos negros brilhantes e lustrosos.

—Merda... —murmurou Ás. —Vampiros.

—E quem vem atrás? —sussurrou Cahal excitado pela ânsia de brigar.

Depois deles, vestidos elegantemente, apareceram duas pessoas mais.

Um jovem loiro com óculos, vestido com traje e jaqueta negra e camisa branca.

A seu lado, um homem de juba branca, com lábios finos e olhar aquilino. Corpulento e certo de si mesmo, revisava o restaurante de cabo a rabo e lambia os lábios ao posar seus olhos sobre os humanos.

—Mikhail —murmurou raivoso Caleb, apertando os punhos até fazer estalar os ossos.

—Me equivoco ou Mikhail agora tem presas? —perguntou Cahal elevando as sobrancelhas.

—Menw, leve Daanna —ordenou Caleb. —Os vampiros já sabem que está aqui. Acabam de detectá-la —afirmou enquanto observava como levantava o queixo os dez homens para farejar a sua irmã. Sim. Detectaram-na.

Menw segurou Daanna pelo pulso, abriu a porta do porão e a levou a força dali.

—Caleb, também posso lutar... —gritava querendo escapar das mãos de Menw. Ela era uma guerreira como ele. Viu Aileen brigar. Sabia o que eram capazes de fazer como mulheres vaniras. Não podiam relegar a dessa maneira.

Caleb a ignorou e deixou que Menw a levasse.

—Cahal, quando levarem a esses desgraçados a seu reservado, ordena a todos os humanos do salão que se vão do restaurante.

—Em seguida, Caleb. Por certo posso perguntar algo? —Caleb o olhou e assentiu.

—Você e Aileen ainda não estão vinculados —observou olhando fixamente. —Pensei que ao ter passado a noite juntos, já teria aparecido o *comharradh*[35].

—Temos problemas —respondeu receoso.

—Necessita algum conselho? Sei que não sou o mais indicado...

—Você é um libertino, Cahal. O que saberá de casais? —riu mais relaxado.

—Pouco —encolheu os ombros. —Mas sei de mulheres e todas procuram o mesmo, e certo que não é só o que temos entre as pernas.

—Já sei. Obrigado pela informação.

—Digo isto —insistiu— porque aos olhos dos outros Aileen não tem a marca de exclusividade que deveria ter, portanto, ainda não está de tudo emparelhada e Aileen é... como diria... uma bomba que além disso chama muito a atenção.

—Acha que não sei? —grunhiu furioso. —Eu tampouco tenho a marca e estou desejando que nos selem de uma vez amanhã, nas fogueiras. Não deixo de pensar nela, só respiro tranquilo

[35] *Em celta gaélico significa sinal.*

quando a vejo, não suporto que outros se aproximem... e... quero... necessito que me aceite. Ela agora é tudo para mim.

—Assim vai vir às fogueiras —repetiu divertido. —vai gostar.

—Isso espero.

—O amor, cara... —deu uma palmada compassiva nas costas, —vá à merda.

Caleb assentiu um pouco derrotado e Cahal decidiu deixá-lo só para recuperar.

O recepcionista indicou aos vampiros o salão privado reservado só para eles, e uma vez os levou ali dirigiu para a cozinha. Com uma ordem mental, o jovem maitre agarrou sua jaqueta e saiu pela porta de entrada do restaurante e assim seguiram outros clientes deixando as mesas sós e vazias.

Seu restaurante sumiu no mais pesado dos silêncios. Caleb empurrou as portas da cozinha com fúria e adiantou com passo certo para a sala privada.

—Vamos —ordenou fazendo que seu cabelo ondeasse a cada pernada decidida.

Mikhail franzia o cenho observando tudo que o rodeava. Tinha muita fome, muita ao parecer, e não havia nada que pudesse encher o estômago nem sequer cinco minutos. Estava desesperado.

Só o sangue humano parecia acalmar seus apetites, mas nem assim. O beber esse líquido vermelho o insistia a seguir desejando mais e mais, até que cada pescoço latente que passasse a seu lado se convertia em um cardápio delicioso e suculento.

Passou a língua entre os dentes até roçar com ela suas presas. Não o desagradavam, essa era a verdade. Desde que sofreu a conversão sua vida não mudou em demasia. Seguia sendo igual escuro de sempre, só que a luz do sol era mortal para ele e que morder pescoços era o único que podia dar um pouco de paz diante a vida sobrenatural que se erguia cada noite diante seus olhos. Sim, aquela era sua nova vida. Sua claudicação desapareceu.

Seu conversor disse que ao ser transformado por alguém que não ia ser seu casal, ele careceria de alguém fixo que o alimentasse. A fome o obrigaria a beber sangue de outros pescoços e quando transbordasse a quantidade de seu próprio peso se converteria em um vampiro.

Mas antes, esperava encontrar aquela solução mágica que pudesse curar essas debilidades. Por isso, aquele desgraçado o transformou. Disse que usava muito tempo trabalhando para ele e que entretanto não encontrou essa vacina mágica que faria dos vaniros seres invencíveis. Então o indivíduo em questão o converteu, desculpando no fato de que se ele sofria em suas próprias carnes quais eram as debilidades dessa raça, antes encontraria a solução.

Seu conversor o fez por isso e porque se não, teriam o matado e não podiam permitir o luxo de perder o melhor cientista que tinha a organização.

—Ela está aqui —sussurrou Mikhail entreabrindo os olhos. O perfume corporal de uma fêmea vanir era algo irresistivelmente enlouquecedor para seus recém incorporados sentidos. —Onde está o lobacho?

—Agora mesmo tem que chegar —respondeu Víctor movendo inquieto. —ouviu a porta da rua várias vezes. Certamente esteja dirigindo até aqui.

Ouviram vários passos aproximar com passo ágil e determinado. Os vampiros ficaram de pé de uma vez, alongando suas presas e enegrecendo por completo suas pupilas.

—O que passa? —perguntou Víctor aumentando os olhos e ficando alerta.

Mikhail levantou pouco a pouco da cadeira e colocou as mãos sobre a mesa.

—São vaniros —disse um dos vampiros.

—E berserkers —sussurrou outro com a voz tinta de asco, como se pronunciar essas palavras sujasse o fôlego da vida.

A porta saiu despedida e atrás apareceu o corpo imenso e ameaçador de Caleb seguido de Ás e Cahal.

Nesse momento os vampiros tiraram suas pistolas e ficaram a disparar a esquerda e direita.

Um deles equilibrou sobre Caleb, mas este deu uma forte patada no estômago. Caleb deu uma mão atrás da calça, desencapou sua adaga e se colocando atrás fatiou a garganta puxando sua cabeleira com força e separando a cabeça do corpo. Sua cara foi salpicada com o sangue do vampiro. Imediatamente segurou a adaga pela manga e a lançou contra o corpo de Mikhail com tanta força que ao cravar no ombro o lançou contra a parede.

Mikhail gritou de dor e alargou seus dentes.

O resto de vampiros disparavam nos outros, enquanto estes se protegiam como podiam das balas. Já estavam informados por Caleb do que continham as balas e a nenhum deles gostava de ter que submeter a uma terapia de choque desse tipo.

Ás gritou com todas suas forças e se transformou. Seus músculos cresceram, seus ossos se desenvolveram dando a aparência de um gigante. Um dos vampiros ficou sem munição e o berserker se lançou de um salto por ele, afundando um punho no coração e arrancando no momento.

Mikhail olhava com olhos frios tudo o que estava se desencadeando nesse lugar, enquanto arrancava não sem esforços a adaga do corpo. Esse vanirio moreno e de olhos incrivelmente verdes salpicados de ódio o buscava como um cão raivoso e alcançou com sua adaga. Estava maravilhado pela força bruta que continha esse espécime. Se tão somente o pudesse levar a seu laboratório... Teve que lembrar a si mesmo que ele também era um deles agora.

Mesas e cadeiras voavam e se chocavam contra as paredes da sala. As facas saíam voando dirigidos aos corpos de uns e de outros.

Seu conversor já mencionou que os vaniros e os vampiros tinham poderes telecinesi muito fortes. Mikhail tentou, mas não saiu nada. Ele era mais débil.

Víctor correu para se esconder debaixo da única mesa que estava vazia e tampou a cabeça com as mãos, agachando no chão.

Então, uma mão forte o elevou do pescoço da camiseta.

—Boo —disse Caleb maliciosamente.

Víctor o olhou de marco em marco.

—Por favor... não me mate... eu...

—Se cale —espetou Caleb com o rosto pétreo.

Olhou para onde estava Mikhail resguardado por três vampiros que ainda seguiam em pé tentando proteger.

Cahal se dirigiu por volta de um dos vampiros e este saltou para ele como um gato a ponto de arranhar. Cahal se impulsionou também para cima e os dois corpos colidiram no ar, mas o corpo mais poderoso do vanirio acabou ancorando à parede e com um movimento ágil de sua adaga deslizou a folha até alcançar o coração. O resto de vampiros morreram às mãos do resto do pelotão.

Mikhail, ao ver ferido e evitar que fossem por ele e que não liberaria de morrer ali mesmo, colocou uma mão no bolso da calça e tirou um cilindro de cristal. Agitou e apertou um botão.

—Toca Mikhail —disse Caleb com o olhar cheia de ódio enquanto mantinha sem esforço o corpo em velo de Víctor.

Os dois vampiros que ficavam escondiam no chão, dispostos a brigar como feras.

—Assim é Caleb... —disse Mikhail afirmando em vez de perguntar.

—Quem o converteu? —perguntou Caleb com um grunhido. —Deveria estar morto. Vimos morrer em Barcelona.

—Em certo modo estou não acha? —elevou as sobrancelhas ligeiramente grisalhas. —Agora sou como você.

—Não é verdade —disse ele negando com a cabeça. —Está tomando sangue humano para paliar a fome. Logo será um vampiro. O que me faz pensar que quem transformou não tinha intenção de te emparelhar a ele ou a ela. Quem o tem feito? Foi Samael? Ele o mordeu.

Mikhail farejou agitando as aletas nasais e sorriu como se tivesse um ás na manga.

—Jogou meus próprios produtos para confundir seu aroma. Mas cheira a ela. Cheira a Eileen.

Caleb grunhiu como um tigre com ânsias de liberação. Não permitiria que esse animal a nomeasse sequer. Aileen era dele. E Mikhail teria que lavar a boca antes de pronunciar seu nome.

Ás grunhiu atrás dele e mostrou os dentes desejosos de acabar com ele.

—Para começar, esse não é seu nome. Não se atreva a chamá-la. Vale menos que nada —grasnou Caleb dando um passo para ele e detendo Ás.

Mikhail negou com a cabeça repreendendo sua linguagem tão áspera.

—Por fim fez sua transformação. Pensei que não o faria nunca — murmurou Mikhail para si mesmo.

—Não importou nada as drogas quando era só uma menina. Não queria que ela lembrasse quem era —recriminou um Caleb cada vez mais furioso.

Mikhail encolheu os ombros em um gesto indiferente e sorriu. Colocou óculos de sol com muita rapidez, apertou o botão do cilindro de cristal e uma luz tão potente como o sol iluminou todo o restaurante. A luz saía através das janelas do edifício como se fora um farol.

Todos se cobriram com as mãos e Mikhail correu através do salão aproveitando o fator surpresa, não sem antes dizer a Caleb.

—A tiraremos, Caleb. Ela será nossa e não imagina como vamos desfrutar. Agora já não sou seu pai, assim não haverá incesto. Enfim, como se isso me importasse.

—É um homem morto — gritou ele tentando apalpá-lo, dando golpes ao ar com seu braço livre. Víctor dançava pendurado de seu outro braço de um lado ao outro. —O matarei antes. Ouviu?

—Mikhail, não me deixe aqui —Víctor tirou uma pequena pistola de dardos de seu cinturão e disparou a Caleb no peito.

Este sentiu a espetada e o puxou pelos ares fazendo cair em qualquer direção. Ouviu um estalo. E depois disso, silêncio.

No final uns segundos a luz desapareceu, mas não assim seus efeitos. Caleb estava com um joelho cravado no chão, esfregando os olhos. Ás mantinha preso a ponte de seu nariz e agitava a cabeça tentando enfocar a vista.

—Cagou na puta —murmurou Cahal entrando em tropicões e a provas no salão. —Caleb?

—E Víctor? —murmurou Caleb que pouco a pouco recuperava a visão.

Cahal olhou à parede de frente e encontrou Víctor com o perônio de sua perna direita deslocado e o rosto pálido compungido de dor. Seus óculos estavam quebrados no chão.

—Acredito que quebrou a perna, mas o temos vivo —respondeu orgulhoso.

—Mikhail escapou?

—Esse cara é como McGyver. Tem uns aparelhos incríveis —comentou Cahal prendendo seu cabelo liso e loiro em um coque de uso samurai.

—Merda, não sinto as mãos —Caleb tentava mover os dedos mas não o obtinha.

—Me deixe ver —o inspecionou Cahal. —Merda, Caleb. Te dispararam —retirou o dardo de seu peito.

—Me dê essa merda, Cahal, a terapia de choque.

—Não acredito que seja bom...

—Se cale e me deem isso. Aileen necessita segurança e eu não me posso ficar como um vegetal. Rápido, deem isso — insistiu com uma mão.

Ás se aproximou deles, com a vista parcialmente recuperada.

Cahal se agachou, segurou a bolsa de remédios do vanirio e tirou uma seringa pequena. Espetou no pescoço de Caleb.

—Logo se recuperará —Cahal assentiu olhando com preocupação a seu amigo.

—As balas alcançaram a três de meus meninos —disse Ás. —acabam de injetar o veneno que nos recomendou Menw — ajudou a levantar.

—Se encontram melhor? —perguntou Caleb esfregando nuca.

—Vão necessitar uma série de cuidados femininos para expulsar o veneno... já sabe — murmurou um pouco envergonhado. —O veneno é muito excitante.

—Está bem, Ás —Caleb não queria saber mais.

Cahal sorriu e disse:

—Temos Víctor. Vamos fazê-lo cantar como um soprano — bateu em suas costas com camaradagem. —Vai descansar, Caleb. Necessita alívio —olhou a sua virilha afogando uma gargalhada. —Ás e eu nos encarregamos do restaurante e de Víctor.

Caleb olhou como seu pênis começava a palpitar e um formigamento quente percorria sua coluna vertebral. Tentou controlar-se e fechou os olhos.

—Não o tente, guri —sugeriu Ás compadecendo dele. —Quando recolhi Noah e Adam esta manhã, com muita dificuldade podia retê-los no carro para que não saltassem em cima de qualquer mulher. Nunca viu uns homens sofrer tanto por uma liberação. Hoje não vieram até aqui porque ainda estão em tarefa.

Caleb apertou a mandíbula. Mas é que ele não queria a qualquer mulher para liberar. Ele queria Aileen, a ela e a ninguém mais. Não faria falta ter esse veneno pulando em seu sangue para se excitar por ela, mas se além de seu apetite sexual por sua cáraid acrescentava um afrodisíaco, então a mescla era explosiva.

—Aproveita, Caleb —riu Cahal agarrando Víctor pelos ombros e elevando como um saco de batatas. —Você tem um corpo quente te esperando.

—Cuidado — ameaçou Ás. —Está falando de minha neta.

—Nós vemos mais tarde —murmurou Caleb saindo do restaurante.

—Isso se sobreviver... —gritou Cahal divertido.

Caleb não respondeu a nenhum dos dois. Já não escutava. O único que desejava era afundar no corpo de Aileen. A tomar de todas as maneiras possíveis. Acalmar a fome e a sede que tinha.

Só pensava nisso quando se elevou sobre as nuvens. Sabia qual seria a reação de Aileen ao vê-lo.

Embora estava zangada com ele, ela tinha fome e certamente estava sofrendo por isso. Mas também estava doída por tudo o que passou essa manhã entre eles.

Ele a rechaçou e ocultou o que descobriu sobre seus pais. Mas seria igual se a tivesse furiosa com ele, ele podia canalizar essa fúria na cama, mas ela tinha que se render antes. Tinha que domar a fera.

Esticou mais dentro das calças até provocar dor. Em seu estado nem ele mesmo podia controlar seus apetites por ela mas tinha que conseguir Aileen, ela devia entregar-se a ele.

Com essa fixação em mente aterrissou sobre a planta superior onde dormia seu par, sua companheira. Só queria a ela.

Superexcitado como nunca, descobriu que uma das amplas janelas de seu dormitório estava ligeiramente aberta.

Capítulo 21

Era a terceira ducha fria que tomava essa mesma noite. Voltou a colocar a camisola de cor amarela diante do espelho. O ombro martelava e o lábio ardia. Mas isso não era impedimento suficiente como para não sentir o vulcão que rugia em seu interior. Um vulcão feito de desejo. Sentia a pele hipersensível, a camisola roçava seus mamilos e os acariciava como se fossem asas de mariposas. Parecia arder e as presas doíam.

Não pode dormir nada. Pensava em Caleb a cada segundo, a cada minuto, a cada hora.

Tentou. Durante cinco minutos se sentou sobre a cama em posição de lótus e tentou meditar, deixar sua mente em branco para não pensar nele. O resultado foi humilhante. Acabou encolhida sobre a cama afogando os silenciosos soluços na colcha e com o corpo tremendo de frio.

E se lhe fizeram mal? E se o feriram? O que descobriu? Estava absoluta e irremediavelmente perdida. O descobrimento de que sem ele, ela não poderia nem sentir nem viver nem querer... deslocou.

E se ela não era sua cáraid? E se ele estava certo? O que faria ela então? Deveria reclamá-lo? Ela sabia melhor que ninguém que se tivesse sido ele quem se ofereceu a ela, teria saltado sobre Caleb e o teria violado. Ela o desejava. Desejava o contato com seu corpo quase tanto como o de sua mente.

Quando fizeram amor descobriu algo inquietante. E essas horas sofrendo e pedindo a gritos sua companhia abriram os olhos.

O momento mais completo e feliz de seus 22 anos o encontrou nos braços desse celta. Esse momento de mútua entrega foi pura luz, pura energia, pura simbiose entre duas almas. E pedia a Deus, se é que Deus estava ali acima no céu, que nada fizesse mal a Caleb e que ele retornasse a ela, embora só fora para alimentar-se.

Estava apaixonada então? Conectar com ele aos níveis em que o fizeram criou um vínculo muito forte entre ambos. Ou ao menos isso acreditava ela, porque ao parecer Caleb não o viu assim depois.

Entretanto, ela também tinha seu orgulho e não suplicaria nada. Se ele quisesse pedir algo, adiante, ela daria, mas se Caleb não desse nada a ela, não voltaria atrás.

Ao menos com o sangue dele, ela poderia ir atirando, porque, de fato, se vincularam e já não havia volta. Mas não imaginava compartilhando seu corpo com ninguém mais que não fora ele. E ferveria de ciúmes se Caleb tocasse a outra como fez há ela horas antes. E então? Passaria a eternidade sem desfrutar de Caleb? Desejando?

Aileen, não tem dignidade? A chamou de esquenta pênis. Disse que não era mulher suficiente. Acorda.

Aileen saiu do banheiro. Abraçou o corpo tentando acalmar os estremecimentos que sentia. Seu cabelo úmido se enganchava em suas costas e umedecia parte da camisola. Uma rajada de ar arrepiou a pele, coisa que agradeceu porque a pele queimava como se estivesse a quarenta graus de febre. Mas, de onde vinha o ar? Fechou todas as janelas e então o viu.

Caleb. Estava escondido no balcão, quase de quatro, o vento removia sua longa juba negra como o azeviche e o olhar de depredador estava fixo nela, como um animal. Seu rosto estava tenso, seus impressionantes músculos marcavam sob a camiseta de alças negra que usava. Os bíceps, o peito, os ombros dignos do melhor e maior boxeador do mundo. Seus olhos verdes destilavam pequenas cintilações e a repassavam avidamente de cima abaixo. Aileen era uma fantasia andante. Material da revista GQ, de calendário Pirelli. E a tinha toda para ele.

Aileen secou a boca. Ele era uma ameaça no mais literal dos sentidos. Exsudava perigo por todos os poros de sua pele.

Estavam a quase cinco metros de distância em um quarto onde a única claridade que entrava era a dos abajures do jardim e os reflexos da lua e, mesmo assim, ela pôde observar como Caleb tinha a boca entreaberta e passava a língua por suas presas. Logo a olhou e seus olhos contataram.

Então Caleb elevou a comissura de seus lábios e sorriu como se fosse o ganhador de um prêmio.

Aileen não estava preparada para vê-lo nem tampouco para sentir que algo relaxava por completo em seu interior. A preocupação desapareceu dando passo a uma alegria e a uma excitação desmesurada. Mas junto com isso, outros sentimentos contraditórios colidiram e a obrigaram a dar um passo para trás.

Caleb apagou o sorriso da boca quando viu a dúvida e o retrocesso na atitude dela. Uma sombra cruzou seu olhar. Deu um salto digno do melhor antílope e a encurralou contra a porta do quarto.

Aileen olhou surpreendida sua nova localização. Fazia um segundo havia distancia entre eles e agora estava contra a parede e com as mãos de Caleb a cada lado de seu rosto, encarcerando.

Aileen tragou saliva e Caleb seguiu com concentração o movimento de sua garganta.

—O que faz aqui? Foi tudo bem? —perguntou ela com voz débil. Caleb parecia não escutá-la, mas finalmente assentiu. —Está bem meu avô?

—Sim.

—E Noah e Adam?

—Sim.

—E... Daanna?

—Também.

Ficaram em silêncio. Caleb parou seu olhar na ferida de seu ombro e em sua cara machucada.

—Dói? —perguntou com preocupação sem retirar os olhos de sua maçã do rosto e de seus lábios. Logo deslizou os nódulos por seu pescoço, até roçar o ombro machucado. Olhou através de suas espessas pestanas negras. Havia pesar e dor em seus verdes olhos.

—Neném...

Mataria a todos.

Aileen estremeceu diante da carícia. Não sabia o que fazer com as mãos, assim para reprimir as ânsias de tocá-lo, colocou-as atrás de suas costas e as deixou aprisionadas por seu próprio corpo contra a parede. Não queria responder, mas então Caleb voltou a deixá-la outra vez sem guia. Afundou sua cara em seu pescoço e soltou um gemido de lamento, de reprovação para si mesmo. Se ele tivesse estado com ela certamente não a teriam ferido.

Aileen sentia o fôlego de Caleb no pescoço e se obrigou a fechar os olhos e a lembrar de que devia respirar. Ele parecia ou Caleb estava tremendo também?

—Pegamos Víctor —explicou ele roçando sua garganta com os lábios. —Amanhã vamos interrogá-lo.

Aileen o escutava com atenção. Meu Deus. Víctor.

—E Mikhail? —não pôde evitar que tremesse a voz e os joelhos afrouxassem quando ele a acariciava desse modo.

—Mikhail estava com ele mas escapou — separou de sua jugular para ver a reação de Aileen. A garota o olhou com seus olhos lilás pedindo mais informação. —Ele já não é o mesmo. Ele... Aileen... Alguém converteu Mikhail. Agora é como eu.

A Aileen cortou a respiração.

—O que quer dizer?

—Alguém o mordeu e tem feito uma troca de sangue com ele.

—Quem? Samael? —sussurrou ela agonizante.

—É possível —disse ele dando a razão.

—Estava ele ali?

—Não. Mas esperamos interrogar Víctor para averiguar até que ponto Samael está envolto em tudo isto. Sei que ele é o responsável por tudo.

—Sei. Mas por quê? Ou para que? Terá que averiguá-lo.

Aileen apertou a mandíbula e Caleb esticou mais a calça se coubesse.

Mãe do amor formoso... Era uma deusa cheia de caráter e força. Voltou a se apertar contra ela e se esfregou descaradamente contra seu sexo.

—Não vai perguntar como estou eu? Tenho que suportar como perguntas por todos menos por mim? —comentou irritado.

Aileen sentiu sua frustração. Estudou.

—Tem sangue no rosto —observou ela não sem preocupação.

—Nosferatus —murmurou ele e limpou rapidamente e entre maldições com o dorso da mão.

Aileen o observou tentando reprimir a excitação sexual que ele ativava em todo seu corpo.

—Está tremendo, vanirio — disse em um sussurro rouco que não pretendia expressar.

—Tenho frio. Me dê calor — pediu ele.

—O que está fazendo? —disse ela tentando se afastar e retirando o rosto.

—Vim a alimentar —sussurrou ele contra seu ouvido.

—Trouxe... a garrafa? —perguntou com certas reservas e tentando simular indiferença.

Caleb afundou os dedos na parede fazendo profundas brechas e endireitou como se tivessem lhe dado uma chicotada.

—É isso o que quer? —respondeu sem afastar a cara de seu pescoço.

—Acertamos de que esse seria nosso modo de beber um do outro.

—Não, Aileen... —levantou o rosto e a olhou roçando com seu nariz. —Assim acertou você, eu não dei minha aprovação. Se tiver fome já sabe onde tem que cravar as presas — tirou a camiseta de um só puxão deixando todo seu torso ao descoberto e se aproximou, aprisionando-a com seu corpo contra a porta.

Aileen começou a respirar descontroladamente. Seu peito subia e baixava a fora de tempo e olhava o peitoral, o pescoço e o rosto de Caleb como se fora o mais importante na vida.

—Me morda — ordenou ele.

—Não —respondeu ela com debilidade. Custava o maior dos sacrifícios não acariciá-lo.

—Me morda, Aileen —passou uma de suas fortes mãos ao redor de sua nuca e a aproximou até que seu rosto afundou em seu peito. Caleb sabia que ela estava sentindo os tamborilares de seu próprio coração. Saberia o muito que a desejava? Saberia quanto a necessitava ou ainda o veria como um déspota ditador? Com todo o desejo frenético que sentia em suas veias, antes de fazer nada, antes de arrancar essa camisola provocadora, esperava que ela bebesse o suficiente para que cicatrizassem suas feridas.

—Não —murmurou Aileen com um gemido, esfregando seu nariz contra seu peito. Cheirou sua pele, procurando inconscientemente rastro de outras mulheres. Não percebeu nada, só o aroma frutado de Caleb. Regozijou nisso e sentiu alívio pela revelação.

—Quero que me escute —sussurrou sobre sua cabeça. —Se quer saber tudo o que tenho descoberto sobre seus pais, tudo o que passou hoje no restaurante, só tem que beber de mim.

—Bebi de você antes e me ocultou coisas. Agora também pode fazê-lo.

—Aileen —murmurou ele com os lábios acariciando o cocuruto. —Não esteve bem, sei — Caleb apertou toda sua virilidade contra o púbis de Aileen e ela murmurou algo ininteligível contra sua pele. —Neném, agora estou muito descontrolado e tem que recuperar de suas feridas. Bebe —ordenou sem inflexões.

Aileen tragou saliva com dificuldade e tentou escapar da mão que tomava pela nuca.

—Não vou beber —brigou com ele.

Caleb grunhiu e se separou para não ter que violá-la contra a parede.

—Não o faça mais difícil —suplicou passando as mãos pela cabeça e puxando o cabelo desesperado.

—Que diabos quer agora? —explodiu realmente enfurecida. Não entendia, não entendia Caleb e isso a frustrava. —Eu não sou sua cáraid —levantou o queixo de modo desafiante e seus olhos lilás se umedeceram e brilharam com a luz da lua que entrava pelas janelas. —Assim por mais vontade que tenha de fazê-lo, não vou lhe morder.

Essa negação rebelou Caleb como estava doída seu par com ele por ter posto em dúvida que lhe pertença e era sua exclusividade. Ele quis fazê-la ver como era doloroso que entre

companheiros se negassem um ao outro. Agora se repreendia ao vê-la tão vulnerável e tão ofendida.

Aileen sim era sua cáraid e ele a faria ver.

—Não. Não vais me morder —insinuou ele provocador. —Eu que vou lhe morder.

Com estas palavras Caleb se abateu sobre ela e a imobilizou jogando os braços às costas e obrigando-a a inclinar o pescoço.

—Não, para —gritou Aileen rasgando garganta.

Ao Caleb gelaram todos os sentidos ao ouvir a súplica de Aileen. Ela permanecia com o pescoço jogado para trás. Os olhos fechados não conseguiram encarcerar as lágrimas que agora se deslizavam por suas bochechas. Caleb se retirou e pouco a pouco a soltou.

Plano B. Teria que provocá-la. Agarrou a adaga da calça e cortou no pescoço. Aileen aumentou os olhos ao ver o sangue deslizar até seu peito e mais abaixo, chegando quase ao umbigo.

—Bebe... —ela tinha que beber para que todo seu corpo se ressarcisse da surra que lhe deram e ele então poderia fazer o amor como realmente desejava. —Esta manhã me disse que não era minha mulher. Você pode dizer e eu não? É isso, Aileen? —perguntou aproximando-se com cautela. —Eu só me limitei a repetir o que você dizia, querida.

—Limitou-se? —repetiu ela com os olhos obscurecidos e perdidos no fio de sangue que percorria seu peito. —Não, Caleb. Eu não diria que limitasse muito. Esta manhã cevou comigo —recriminou-o com tom amargo.

—Então... Não gostou do que disse? Por que não? Pensava que se alegraria ouvir o que você mesma afirmava com tanta segurança.

Aileen elevou o olhar com sérias dúvidas sobre como devia atuar. Caleb parecia encurralá-la para que ela voltasse a se humilhar, a se entregar a ele. Para que se declarasse ferida pelo que sentia pelo que disse e então ele pudesse voltar a rir de sua debilidade. Para que confessasse a necessidade tão forte que sentia para ele, de suas vontades de acariciá-lo, de abraçá-lo, de beijá-lo e de compartilhar com ele, só com ele, tudo o que tinha.

—Quer me envergonhar outra vez? —perguntou cheia de incerteza.

—O que? Não, eu não... —Caleb franziu o cenho. Não esperava que ela contra-atacasse com essa pergunta.

—Quer me insultar? Não teve suficiente me humilhando esta manhã? —repetiu com os olhos lilás cheios de dor.

—Não, Aileen...

—Não, claro. Você nunca tem suficiente —se separou de seu lado e correu a pegar uma taça de cristal de boêmia. O coração doía tanto que custava até respirar. —Esquecia que é um autêntico idiota sabotador — cortou o pulso com os dentes frente ao olhar atônito de Caleb e começou a encher a taça com seu sangue. —Acabemos com isto rápido... —sentenciou com um vaio de dor e de horror diante o que estava fazendo. —Não vai rir mais de mim —quando a taça

esteve suficientemente , olhou Caleb e sentiu uma pontada de arrependimento ao vê-lo com tão pouco autocontrole.

Caleb obscureceram tanto as pupilas que o verde amarelado de seus olhos se tornaram esmeralda. Aquilo era doloroso e ruim a partes iguais. Furioso com ela e consigo mesmo, apertou os punhos com força quando Aileen ofereceu a taça com seu sangue vital.

Ela estava tão ou mais nervosa que ele.

—Acha que isto vai acalmar-me? —grunhiu ele entre dentes.

—Deveria —afirmou ela com toda a têmpera de que foi capaz. —Não há nada pelo que possa te descontrolar, Caleb. Não entendo o que pode querer mais de mim se, como bem disse esta manhã, sou só uma menina caprichosa e medrosa, uma que se super valoriza muito, que se acredita irresistível e que pelo visto não tenho o que terá que ter para fazer que você caía de joelhos diante de mim. Certo que não sou sua cáraid então —encolheu os ombros aparentando indiferença.

Caleb deixou escapar um comprido suspiro e todo seu corpo começou a tremer.

Aileen observou como todo ele se estremecia, como se estivesse a ponto de estalar e liberar algo muito perigoso.

—Disse que estava brincando e que atuava como uma... como uma... —fechou os olhos e tragou saliva. Era incapaz de repetir todas as palavras venenosas que cuspiu.

A taça de sangue desapareceu de suas mãos para ir parar diretamente à boca de Caleb. Este fechou os olhos de modo prazeroso e desfrutou ao sentir que o sabor de Aileen que deslizava por sua garganta. Lambeu e jogou a taça com fúria contra a parede, por isso se quebrou em pedaços diminutos.

—A merda o copo.

—Você... maldito filho de... —gritou Aileen enfurecida com ele.

Caleb segurou Aileen pelos ombros e a levou a rastros até a outra esquina do quarto. Aileen tentou soltar, mas Caleb não a deixava. Quando a esmagou contra a parede, obrigou-a a dar a volta com brutalidade e a deixou de costas para ele.

Aileen sentiu como Caleb esmagava contra ela e deslizava uma de suas enormes mãos por suas coxas para fechá-la sobre a camisola amarela e elevá-la com descaramento.

—O que faz? —sussurrou ela. Não tinha medo, não estava assustada.

Só sentia que a ira a enrolava com uma paixão fogosa que corroia suas vísceras. O odiava. E, entretanto, desejava tudo o que ele pudesse dar. —Não lhe agradeci por salvar a minha irmã.

—Não o tenho feito por você...

—Aileen... —ronronou Caleb contra seu ouvido enquanto apertava seu pênis contra as nádegas escuras dela. —Já sei. Hoje me deram com um desses paralisantes dos que falamos esta manhã — explicou afundando o nariz em seu cabelo. Aileen ficou quieta diante da notícia. —Senhor, que bem cheira —penetrou sua imensa mão por debaixo da camisola, percorreu toda sua coxa até o quadril em uma longa e lânguida carícia. Tocou sua pele suave e tensa, levantou o objeto com esse movimento e fez que se formasse redemoinhos sobre sua cintura.

Caleb queria ver as nádegas nuas mas se encontrou com uma calcinha de seda da mesma cor que a camisola.

—Me solte, Caleb...—chiou ela desesperada. —Não... não me faça isto, por favor.

Caleb não atendia a nada que não fosse o corpo daquela mulher. Acariciou as nádegas com possesividade e sorriu. Ele era o dono dessas carnes tão bem postas. Ele era o único que podia desfrutar de Aileen.

—Por sorte —continuou sem deixar de acariciá-la, —seu avô me administrou o outro veneno de choque.

—O outro...? —sussurrou Aileen franzindo o cenho e enrijecendo ao lembrar. —Minha mãe... me solte agora mesmo.

—Sim. Poderia me desafogar com qualquer mulher. Mas estou aqui porque a única em quem posso pensar e a única a quem desejo é você —penetrou os polegares entre sua calcinha e as deslizou pouco a pouco por suas pernas, deixando ao ar esse traseiro tão sexy e arrebitado. Sua respiração se dificultou. —me acalme, Aileen. Alí... me alivie... me demonstre que é minha cáraid —roçou com os dentes sua garganta. —Não me fica autocontrole —apoiou a cabeça na nuca da garota. —Sei que você também me deseja, Aileen. Com uma força que inclusive assusta. Sei por que me passa o mesmo.

Ela quis sair dali antes que fosse tarde, mas Caleb a aprisionou com mais força. Com um movimento rápido mordeu a parte interna do antebraço e se colocou diante de Aileen.

Aileen ficou paralisada diante a visão e sentiu como as presas se aumentavam em sua boca.

—Cuidado, Caleb. Ou sou uma menina ou sou uma mulher. Escolhe, não posso ser as duas coisas. Você me disse que não era uma mulher e isso te converte em um pederasta, sabe?

—É minha mulher. Necessito você.

—Mas segundo você, eu só estou brincando —lembrou ela com despeito. —Necessito algumas duchas frias.

—Sim —respondeu ele aproximando o antebraço aos lábios de Aileen. —E seguiu meu conselho. Tem o cabelo molhado e a pele fresca e... e suave... —grunhiu para si quando deslizou a calcinha pelos tornozelos e as puxou a um lado. —Mas não é suficiente. Necessita-me , Aileen —pronunciou seu nome com um lamento doloroso e esfregou seu nariz contra o ombro são.

—O que quer que faça? —grasnou ela inclinando-se para seu antebraço.

Seu sangue, seu aroma, sua fortaleza, sua voz... tudo nele a enfeitiçava e a dobrava a sua vontade.

—Bebe de mim. Por favor... Por favor, Aileen... —suplicou deslizando o outro braço por seu estômago e apertando contra ele. —Está ferida e quero curá-la. Me deixe entrar em sua mente, não se feche para mim. Não suporto.

—E eu não suporto você —respondeu como uma fera.

—Por favor...

Aileen negou com a cabeça. O nó que tinha na garganta doía inclusive ao tragar saliva. O torso de Caleb desprendia calor e esquentava suas costas. —Não sou uma puta, ouve?

—Sim, ouço. Sei.

—Diga.

—Não é uma puta.

—Tem me feito sentir suja, Caleb.

Caleb apoiou a testa em seu ombro e o beijou com doçura.

—Me perdoe. Queria te incomodar porque me estava rechaçando. Não pensava em nada do que disse.

Aileen fechou os olhos e inspirou.

—Bebe, *mo bréagha donn*[36]. Toma o que é teu —rogou ele.

Não foi consciente do gelo que se depositou em seu coração até que Caleb, com essa voz grave e sedutora, disse isso naquele idioma que começava a lembrar. Todo o gelo frio se desfeito diante sua reclamação.

Sua mente transladou às lembranças de Thor e Jade.

Uma noite os espiou fazendo amor. Thor sussurrava isso ao ouvido de sua mãe Jade. *Mo bréagha donn*. Minha garota formosa.

Sua garota formosa. Ela era de Caleb, pensou enquanto ele a abraçava rodeando o ventre com mais força.

Seu corpo entrou em calor. Sua mente contatou com seu corpo e com seu coração e desfez nos braços duros e cheios de promessas sensuais de Caleb. Todas as barreiras mentais desapareceram quando Caleb falou em sua língua paterna e então se fundiu com ele. Sentiu que seu lar retornava, que retomava suas origens e que, por fim sabia, a quem pertencia. Lembrava o gaélico.

—O que quer de mim, Caleb? O que? —sussurrou ela abatida, passando os lábios pelo sangue do antebraço de Caleb. Como gostava de seu sabor. Como o necessitava.

Caleb fechou os olhos e suspirou de prazer quando ela lambeu descaradamente a marca de seus incisivos.

—*Liuthad, mo álainn*[37].

—Tudo? Mas eu não sou o que você quer —murmurou contra a ferida, contrariada pelo que desejava fazer e pelo que supunha que não deveria fazer.

—Basta, Aileen — pediu com a voz rasgada. —Esquece o que disse esta manhã. Sei muito bem quem é e o que significa para mim, mas tem que demonstrar isso você mesma —lambeu o lóbulo de sua orelha e o mordiscou provocando que ela se estremecesse. —Necessito que me acalme, porque esta merda que me deram —deslizou a mão do ventre até um de seus seios e o cobriu por completo até que inchou e endureceu, —está me deixando louco. E eu só posso pensar em me colocar dentro de você — massageou o peito com a mão e logo a deslizou até seu quadril. Ali segurou a camisola, que estava enrugada sobre sua cintura, e a deslizou para cima enquanto beijava a pele que pouco a pouco ia descobrindo.

---

[36] *Em celta gaélico significa minha garota formosa.*

[37] *Toda, minha bela.*

A Aileen custava respirar. Caleb lambia e beijava suas costas e lhe tremiam as pernas. Um beijo no coxis, outro na coluna, um lambida nas costas, uma pequena dentada na nuca.

Caleb acabou tirando a camisola pela cabeça e deixando-a completamente nua diante dele. Voltou a apoiar a mão direita na parede e aproximou seu peito às costas.

Aileen dirigiu seus lábios à ferida sangrando de Caleb. Sabia que estava nua de costas a ele e não se atrevia a girar e encará-lo. Estava completamente vulnerável e sensível a qualquer de suas ações.

Caleb se deleitou nas curvas de seu corpo, em sua pele e grunhindo de prazer se apertou contra ela.

—Desejo ser parte de você —murmurou deslizando a mão esquerda até seu ventre. —Não quero voltar a brigar com você porque isso me destroça. Vou ser paciente e pormenorizado. Quero aprender a estar junto a você. Foi tanto tempo sem depender de ninguém, tanto tempo tomando eu todas as decisões, que me custa compartilhar, custa delegar. Mas quero fazê-lo com você, quero te fazer feliz... e vou lutar por isso.

—Caleb...

—E para começar, quero chegar até onde me deixe seu corpo, até onde você me permita —deslizou os dedos até seu triângulo de cachos negros e jogou com eles. —dar um prazer sublime, esse prazer que só se consegue entre os casais vaniros. Me deixa entrar?

Aileen inspirou profundamente e acariciou o antebraço com a bochecha. O que podia fazer diante, diante de suas súplicas sinceras? Sentindo impotente e completamente a sua mercê espetou os dentes na parte interna do pulso e bebeu sem ser gentil nem delicada.

Toda a raiva, toda a dor por ser tão fraca frente a ele foi expressada nessa dentada.

Caleb sentiu que sua ereção crescia tanto que até doía. Esticou a mão sobre o sexo de Aileen e o apertou, ofegando de prazer e fazendo que ela se queixasse ao sentir o puxão de seu pelo púbico.

Aileen deu um coice ao sentir como ele a amarrava e fechava o punho sobre seus cachos mais íntimos e decidiu beber mais, puxando sua pele e cravando as presas com mais força, retendo o braço de Caleb com suas mãos. Enquanto bebia, sentia como o ombro cicatrizava por si só e como a bochecha e o lábio deixavam de arder. Caleb a estava curando.

Caleb gemeu e afastou o antebraço. Fez um traço e provocou que Aileen quase soluçasse de frustração. Seguia estando agarrada por suas partes mais íntimas, mas esta vez abriu a mão e estendeu um de seus dedos pela abertura.

Aileen sentia que estava úmida e deu igual. Necessitava Caleb.

Caleb jogou a mão à braguilha da calça e liberou seu pênis, que palpitava e assinalava as nádegas de Aileen como se fosse Colombo o Conquistador. Deslizou a mão do braço ferido, que ainda palpitava pela furiosa dentada de Aileen, e o dirigiu por trás de suas coxas, elevando sua perna direita em um ângulo de noventa graus a respeito a sua perna esquerda, enquanto que com a outra mão seguia umedecendo, pressionando o clitóris de forma continuada.

—Pouco a pouco, meu neném. Sei que está zangada. Não pense que a privo de mim — disse docemente. —Mas não pode beber muito agora, querida —se apertou contra ela e colocou a ponta de seu pênis na entrada de Aileen. —O veneno corre por meu sangue e não quero que se sinta tão mal como eu. Necessito que você me mantenha na terra, entende?

Aileen se apoiou com as duas mãos na parede e deixou cair à testa para frente. Assim conseguiu permanecer em equilíbrio, pois só se sustentava com a perna esquerda. Tentou tomar ar de maneira trêmula.

—Está zangada. Eu também estou comigo mesmo, sabe? —acariciou os lábios internos com a glande.

—Por quê? —ela se sentia incerta nessa posição. Assim faziam os animais, não parecia muito decoroso. —Caleb... o que me faz?

—Porque é o mais bonito que se passou em toda minha longa existência e não sei como fazer sorrir. Não deixo de danificar tudo e quero que você se sinta bem comigo.

Aileen quis chorar por ouvir sua declaração.

Caleb elevou um pouco mais sua perna, grudado a suas costas e a empalou de um só empurrão.

Aileen afogou um grito e colocou uma bochecha contra a parede. Certo que não era decoroso, mas nessa posição o sentia até no estômago e o prazer vinha acompanhado de ligeiras pontadas roçando a soleira da dor.

Caleb deu pequenos beijos calmantes no queixo, na sobrancelha, na comissura dos lábios. Tinha que acostumar a ele.

—Sente-se bem? —apertou mais contra ela, deslizando para fora e entrando de novo. —Dói nesta posição? —Caleb a seguia acariciando entre os cachos e a penetrava de uma vez com seu sexo ardente e luxurioso.

—Não... Não dói —inspirou longa e profundamente.

Caleb aprofundou mais a investida e quase a levantou do chão. Aileen deixou cair à cabeça para trás e se apoiou no ombro dele.

—Não sei se posso controlar —sussurrou Caleb acariciando o cabelo com a bochecha. Estava tremendo da agonia e precisava liberar-se. —O veneno me faz pensar em coisas... nubla-me a razão.

Aileen o olhou nos olhos por cima de seu ombro.

Ele estava agarrando grandes baforadas de ar, movendo em seu interior e franzindo o cenho para controlar-se. Estava sofrendo e não gostava de vê-lo assim. A agonia era também a sua.

Aileen fechou os olhos e soube o que tinha que fazer. Derrubou suas barreiras mentais para que ambos compartilhassem seus pensamentos e o deixou entrar em sua cabeça. Caleb rugiu de satisfação ao poder iniciar de novo a comunicação mental com ela.

Pelo amor de Deus... Esse vanirio atrevido a queria comer inteira. Só pensava em se esvaziar dentro dela, em praticar o kamasutra por completo.

Caleb tentou sair de sua mente ao ver que ela se assustava diante do que ele estava pensando, diante a força do que sentia. Era consciente de que sua mente conjurava com crueldade todo tipo de imagens luxuriosas, o veneno o mantinha superexcitado. Para se acalmar, mordeu ele mesmo no braço. A dor o manteria cordato e impediria que fizesse mal a Aileen com seu comportamento um tanto depravado.

—Quieto... —suplicou ela tomando pelo rosto e obrigando-o a que a olhasse. —Não faça isso.

Ele tinha os lábios manchados de seu próprio sangue e seus olhos verdes a olhavam desesperados por adverti-la do perigo que corria em suas mãos.

—Não quero lhe fazer mal... eu... eu a desejo muito, Aileen. E você não sabe nada de sexo. E. se assustará —meneou a cabeça com impotência.

—Esse veneno está fazendo mal a você —murmurou ela acariciando a bochecha. —Sua mente é um inferno de perversão, Caleb —confessou Aileen com uma faísca de diversão e preocupação nos olhos.

Caleb quis retirar de seu olhar obscurecido de desejo. Certo que desagradava por completo o que viu. Certo que ele a desgostava.

Tampouco podia sentir o que era o que ela via nele, porque o afrodisíaco o tornava um egoísta e fazia que só se interessasse e se centrasse em suas necessidades.

—Aileen. Ainda está a tempo. Se te envergonho só tem que me rechaçar abertamente e...

Aileen esticou todo seu corpo e o atravessou com o olhar.

—Chist —cega de dor pela insinuação de Caleb , cobriu sua boca com a mão. —Não me envergonha. Isso nunca.

Caleb sorriu e seus olhos verdes se obscureceram e brilharam vitoriosos. Aileen se equivocava. Ela o desejava. Segurou a mão de Aileen e a retirou de sua boca para guiá-la à parede. Aileen olhou estupefata como ele entrelaçava seus dedos com os dela e apoiava a mão sobre a sua, a encarcerando na parede.

Se Caleb a provocava para saber se sentia algo por ele, ela caiu como uma tola.

—Se apoie bem, pequena —sussurrou ele enquanto se cravava mais para dentro dela.

Aileen apertou os dentes para não o insultar e dizer todo tipo de palavras de lavadeiras. Aquilo era uma invasão em toda regra, só que desta vez, ela aceitava tudo o que ele pudesse dar.

—Já decidiu —disse ele rodeando um peito com uma mão. —Não há volta atrás. Agora vai me aliviar. Vai demonstrar-me que é minha cáraid, mo carbhaidh? —investiu de novo.

Aileen procurou a mão que ele tinha em seu peito e entrelaçou os dedos com os dele para levar à boca. A chamou de meu caramelo.

Caleb a observou hipnotizado. Aileen lambeu e beijou seus dedos, um por um e ele voltou a penetrá-la com mais dureza, sem perder de vista seus próprios dedos largos e morenos que desapareciam na formosa boca de Aileen. Logo plantou um beijo tenro e cheio de admissão no centro de sua masculina mão para levá-la definitivamente sobre seu peito, à altura do coração, e mantê-la cativa. Fechou os dedos sobre seu seio com a mão dela em cima da sua.

Caleb comprovou que sua mão quase a dobrava em tamanho e se sentiu imenso e bruto ao seu lado.

—Aileen —se movia mais rápido em seu interior. —Quero tudo, ouve-me? Tome como quero.

—Toma tudo o que queira de mim, Caleb. Não vou quebrar e não tenho medo. Entrego-me toda. Dou isso tudo. Liuthad —repetiu em gaélico enquanto deixava que ele a invadisse de um modo profundo e frenético. —Sei que não me fará mal, assim... faz, Caleb— ordenou ela movendo os quadris para acoplar-se a seu ritmo. —*Beag is beag*[38].

Santo Deus... Aileen ordenava que tomasse "dentada a dentada". Caleb afundou sua cara no pescoço, liberou a mão de Aileen que sustentava contra a parede e deslizou a sua por baixo de seu joelho levantando a perna e abrindo-a mais a sua violenta invasão.

Caleb gemia descontrolado, afundava nela de um modo rude e . Aileen o aceitava e o deixava fazer, seguindo suas investidas, arqueando no momento adequado, apertando quando tinha que apertar. Não era suave nem tenro, a não ser duro e castigado. Mas gostava, acendia-a como uma chama.

O calor chegou a seu interior, um comichão prazeroso. Logo a explosão que esticou seus corpos por completo e os liberou de qualquer inibição.

Caleb espetou suas presas no ombro, são e completamente cicatrizado, e a prendeu dominante como um animal enquanto seguia investindo. Aileen gritou de dor e de prazer e se deixou cair para trás até apoiar no amplo e suarento corpo de Caleb. Ele ardia e ela também.

Caleb soltou sua perna e levou sua mão a seu ventre, apertando a e obrigando a sentir como ele se movia à altura de seu umbigo, obrigando a sentir seus próprios espasmos musculares. Caleb não cessava em seu ritmo, não parecia se esgotar, e Aileen se sentia torcida e sensível. Ele tirou as presas do ombro de Aileen, liberando-a, mas não parou suas investidas.

Aileen vaiou e voltou a apoiar a cabeça no ombro dele. Segurou a mão de Caleb que seguia sustentando sobre seu coração e a levou até sua virilha. Inclinou a cabeça até o queixo obstinado do vanirio e deslizou seus lábios brandamente até sua boca entreaberta procurando um beijo.

Ele girou a cabeça em sua direção e roçou sua bochecha com o nariz. Aileen prendeu o ar. Caleb estava sacudindo seu corpo tinha um animal afrodisíaco em seu sangue, mas Caleb seguia ali com ela tentando ser tenro, tentando dar prazer. Não faria mal. Isso a tranquilizou.

Aileen guiou os dedos de Caleb até sua abertura e insistiu que a pinçasse nesse botão de prazer. Ao mesmo tempo, levantou um pouco a cabeça e capturou seu lábio inferior, lambendo e sugando. Caleb abriu a boca e ofereceu a língua perversamente e ela a aceitou também oferecendo a sua. Logo os lábios se juntaram e se uniram em um beijo úmido e puxador que os encheu de mais inquietação e desejo.

Aileen se afastou para poder respirar e reclamou sua atenção com os olhos entrecerrados, movendo os quadris para esfregar seu clitóris contra os dedos dele.

---

[38] *Em celta gaélico significa dentada a denta.*

Caleb, que seguia movendo-se sem trégua em seu interior, elevou uma sobrancelha divertido, mas não moveu nem um só dedo.

—O que quer minha guerreira? —sua voz soava enrouquecida pelo prazer.

—Me acaricie —murmurou contra seus lábios sem nenhuma vergonha. —Me acaricie aqui —apertou os dedos dele contra sua virilha.

Caleb se desfez diante seu rogo.

—O que você desejar —a beijou com tanta força que ela acreditou que perderia o conhecimento. Seus dedos encontraram distraidamente o casulo inchado e escorregadio e o esfregaram. —Tudo o que deseje, tudo, darei isso.

Aileen gemeu e permitiu que ele entrasse ainda mais profundamente. As chamas percorreram seu corpo.

O vento entrou através das janelas e os refrescou, mas não havia nada que pudesse detê-los, nada que pudesse apagar o fogo de seus corpos acoplando.

Os músculos internos dela palpitaram com tanta força em seu orgasmo que provocaram que Caleb ejaculasse violentamente. Gritou contra as costas de Aileen e a ambos fraquejaram os joelhos. Deslizaram da parede ao chão, ainda unidos.

Aileen permanecia sentada sobre as coxas de Caleb. Ele estava dentro dela como uma estaca e respirava agitadamente contra suas costas. Tinha as duas mãos apertando os seios de maneira monopolizadora, quase cruel.

Aileen respirava fortemente, tentava recuperar o conhecimento com o pescoço jogado para trás e apoiado por completo no ombro dele. Abriu os olhos e viu os olhos esfomeados e implorantes de Caleb que a olhavam pedindo mais.

Ele se mexeu de novo em seu interior, sem pedir permissão, simplesmente tirando dela quanto queria, e ela se rendeu.

Caleb deslizou uma mão de novo até sua parte mais íntima e voltou a esfregar sua virilha, mas ela vaiou ao senti-lo muito estimulado.

—Espera — pediu ela detendo sua mão.

—Não posso —respondeu ele levantando com ela em cima e levando-a ao banheiro. Com uma ordem mental abriu a água da ducha de multi jorros e a colocou dentro.

Com cuidado deixou que ela ficasse de pé no chão e saiu de seu interior exalando o ar dolorosamente. Aileen se apoiou na parede e deixou que a água umedecesse todo seu corpo, mas os jorros a estimulavam mais que a relaxavam. Estava muito excitada.

Ouviu Caleb puxar algo ao chão. Ela virou para vê-lo e encontrou com o peito a um centímetro de sua cara. A água corria por sua pele, como a corrente de um rio sobre as rochas. Voltava a abandoná-la contra a parede e sua ereção seguia como um mastro destemido, tocando seu umbigo. Aileen sorriu. Era como um leão, não deixava a sua presa até que acabava com ela.

Ele a olhou de cima abaixo, como quem vê um bolo e não sabe por onde começar a comer. A capturou pela cintura e a elevou.

—Caleb... —gemeu ela quando a levantou e a obrigou a rodear a cintura com as pernas.

—Já não tenho calças —sussurrou ele colocando os dois em um jorro que os banhava de cima abaixo. Abraçou-a com força e apoiou sua frente no pescoço para pedir consolo. Como gostava de sentir a pele de Aileen contra a sua, completamente abraçados.

Aileen ficou sem fala. Levantou uma mão e acariciou o cabelo negro, úmido, liso e comprido até as costas. Mimou-o e o acariciou.

Caleb seguia tremendo.

Aileen deslizou seus lábios pela curva de seu pescoço e chegou até sua orelha. Sabia o que estava pedindo o vanirio. Sorriu ao dar conta de que ele a reclamava de novo. Era completamente insaciável.

—O que quer? Quer mais? —perguntou ela sedutora plantando um doce beijo em sua orelha.

Caleb levantou a vista e juntos voltaram a avivar com apenas olhar-se.

—Mais... mais... —disse ele percorrendo suas coxas com as mãos. Passou os antebraços por debaixo de seus joelhos e colocou as mãos sob suas nádegas, retendo. Aquela posição a elevava mais e colocava seu corpo em uma melhor inclinação para a penetração.

—Caleb... —gemeu ela deixando invadir e mordendo o lábio enquanto estremecia. —Com cuidado...

—Tsss... tranquila, pequena —murmurou ele sobre sua boca. Ele mesmo a moveu de cima e abaixo com suas próprias mãos e, orgulhoso, sentia como Aileen se fechava em torno dele e respondia com descaramento a suas penetrações. —Te tenho.

Aileen enredou os dedos em seu cabelo, endireitou pegando seus seios aos dele e o beijou. Foi um beijo que implicava a entrega absoluta de uma mulher a um homem e respondeu com o mesmo ímpeto.

—Sim... tem-me... —sussurrou ela deslizando os lábios por sua mandíbula e chegando a seu pescoço. —E eu tenho você —jogou com sua língua sobre a carótida e o mordeu, apertando contra ela, puxando o cabelo como uma fêmea exigente, necessitada da fortaleza e a proteção de seu par.

Caleb grunhiu de prazer, espetou os dedos em suas nádegas e imprimiu um ritmo devastador a seus quadris, até que os dois de uma vez voltaram a gozar.

Aileen tirou os dentes e soluçou jogando a cabeça para trás, deixando que a água molhasse seu rosto.

Caleb ficou muito quieto em seu interior e voltou a apoiar Aileen de novo contra a parede enquanto se deslizava mais pouco a pouco.

Se maravilhava de como era receptiva sua garota, do bem que o acariciava com suas paredes e o ordenhava. Estava fascinado pelo modo que ela o aceitava e agradava estar dentro, de fato, era o melhor lugar que ele podia visitar. Sua casa. Seu lar. Aileen.

—Quer me matar? —perguntou ela abraçando e afundando a cara em seu pescoço. Estava tremendo.

—Perdoa —murmurou ele beijando-a no ombro. —Veem, vamos nos secar.

Sem soltá-la, saiu da ducha e segurou uma toalha enorme de cor amarela. Foi para a cama, deu um salto e os colocou a ambos sobre ela. De repente, ele ajoelhou e sentou sobre seus calcanhares. Aileen seguia rodeando a cintura com as pernas e seguia trespassada por ele.

Caleb passou a toalha por suas costas e os tampou a ambos com ela.

Aileen se moveu incômoda, tentando sair, sentia-se um pouco irritada, mas então Caleb a capturou das nádegas forçando no mesmo lugar.

—Não —disse com um tom de soberania.

Aileen deslizou o olhar para baixo e logo voltou a olhá-lo interrogando com seus olhos lilás. Não podia ser que quisesse mais.

—Não saia de mim, por favor — pediu ele mais suave.

—Caleb, não acredito que possa outra vez... eu... estou um pouco dolorida...

—Sim pode —a animou ele movendo em seu interior. Esta vez com lentidão e paciência. —Farei com cuidado. Sim. Assim, querida. Não, não se feche serei... suave.

Aileen fechou os olhos, apoiou a frente na de Caleb e deixou que ele com sua força manipulasse seu corpo.

—Me dê um descanso —pediu ela abatida. Mas ele já a estava fazendo chegar ao limite de novo com seus movimentos.

—Vou entrar um pouco mais... —pediu ele contra seu pescoço.

Aileen teve vontade de começar a rir. Como se ela tivesse podido negar... Nada ela gostava mais que fazer amor com ele.

Caleb colocou os antebraços debaixo de seus joelhos e investiu com dureza para dentro.

Aileen voltou a gemer e saltaram as lágrimas. Nunca se sentiu tão tensa, tão.

Esta vez a profundidade de suas investidas eram quase dilaceradora. Justo quando acreditava que ele não podia chegar mais longe, a estocada era mais profunda.

—Aileen — afastou o cabelo da cara e a beijou entrelaçando a língua com a dela. —Sinto ter mentido.

Aileen abriu os olhos e viu como Caleb estava realmente arrependido.

—Perdoa-me? —perguntou sem deixar de olhá-la.

Aileen tragou saliva e exalou o ar tremulamente.

—Não volte a fazer —sugeriu ela abrigando mais com a toalha e respondendo a suas investidas.

—E sinto o que disse esta manhã. Também menti —a apertou mais contra ele e mordeu brandamente seu lábio inferior.

Aileen sacudiu a cabeça e roçou seus lábios com os dele. —Não... não volte a me insultar. E não volte a rir de mim —sussurrou angustiada sobre sua boca.

—Não, nunca mais. Não farei. Você me feriu ao me rechaçar.

—Não quero lhe rechaçar.

—Bem —Caleb olhava a boca hipnotizado diante de seus lábios grossos e inchados pelos beijos.

—Eu também menti —puxou o ar. —Também protegi Daanna por você. Não queria que... — mordeu o lábio e fechou os olhos para não ceder ao prazer. Não antes de dizer o que queria. — Não queria que lhe fizessem mal e, se fizessem mal a Daanna, também fazem isso a você.

Caleb não a deixou falar. Beijou-a até deixá-la quase sem respiração. Com dificuldade, Aileen se retirou para pegar o rosto com as mãos.

—E agora me diga no que mentiu para mim exatamente antes que morra por combustão espontânea. De todas essas horríveis coisas que me disse... — perdeu o fio de seus pensamentos quando ele a puxou pelas axilas e a levantou ligeiramente para poder morder ao prazer um de seus seios. Morder, não beijar.

Caleb sugou, lambeu e se encheu dela. Aileen vaiou e gritou de prazer. Bebeu de sua teta e nada pareceu tão erótico como aquilo. Logo voltou a penetrá-la.

—Me olhe — ordenou ele segurando o cabelo com doçura.

Aileen pensou que morreria se esse homem seguia invadindo e fazendo amor desse modo. Olhou nos olhos e voltou a ver desejo irrefreável neles. Ela se estremeceu de novo.

—Me tem de joelhos, Aileen. Nos olhe —percorreu seus corpos com os olhos. Sim, ele estava de joelhos e ela estava em cima dele. —Você é a única que pode ter esse poder sobre mim. E agora quero que me escute e que ache quando ouvir tudo o que quero dizer. Não é nenhuma menina, a não ser toda uma mulher —acariciou suas formas femininas com reverencia para acabar rodeando a cintura com os braços e dar um abraço protetor. —Uma mulher que me volta louco e me tira o fôlego apenas por olhá-la. Não é nenhuma covarde, a não ser justamente o contrário. Salvou a minha irmã quando eu não podia fazê-lo e entregou a mim quando menos razões tinha para isso. É valente e formosa. E está... está me deixando louco...

Aileen não podia fazer outra coisa que olhar as presas e os olhos enquanto ele se justificava.

—Acha? —perguntou ele sobre sua boca.

Aileen sem piscar, completamente a sua mercê, assentiu lentamente com a cabeça.

Depois dessa confissão, voltaram a sucumbir ao prazer e chegaram juntos de novo ao êxtase. Beijando, aferrando um ao outro, acariciando.

Caleb ficou convexo de costas com Aileen em cima, recostada sobre seu peito. Não tinham forças para seguir respirando.

Caleb procurou seu rosto com as mãos e puxou até pô-la à mesma altura que seus olhos.

Aileen o olhava com as pestanas úmidas. Chorou no último orgasmo e se via lânguida e quebrada em seus braços.

Caleb acariciou com os lábios a ligeira fenda, tão sexy, de seu queixo e logo a beijou na boca.

Ela se levantou ligeiramente, esparramando todo seu formoso cabelo azeviche sobre ele para poder devolver o beijo com mais comodidade.

—Me dê uma oportunidade — sorriu docemente enquanto acariciava suas costas, abraçava com ternura e dava tudo seu amparo. —Diga.

—Está bem, Caleb —estava abatida.

—Não volte a te afastar de mim, pequena. Pode ser que discutamos mais de uma vez, mas não vou permitir que se vá de novo.

Aileen o olhou nos olhos e logo à boca. Estava pesando o que ele dizia.

—Então não volte a me falar do modo que fez esta manhã, Caleb. Não permitirei. Se voltar a me fazer mal, se voltar a me ferir de algum modo, vanirio abusado, o matarei —deixou cair sua cabeça sobre o cômodo peito de Caleb e esfregou seu nariz como uma gatinha saciada e feliz.

Caleb sorriu e o quarto se iluminou.

—Aileen, quero que durma assim, comigo dentro —murmurou sobre seu comprido cabelo.

—Assim não vou poder —beijou seu bico do peito com plena confiança e voltou a olhá-lo nos olhos. —Ainda não te saciei?

—Sinto-me pleno e cheio de você —sorriu.

—Não, querido —disse arrastando as palavras docemente. —Eu sim que estou cheia de você —levantou a sobrancelha e sorriu amplamente. —Tenho o ventre ardendo... —sussurrou escondendo a cara em seu peito. —Eu gostaria de me limpar.

—Sente suja? —perguntou ele à defensiva.

—Não, Caleb —voltou a elevar e a beijá-lo nos lábios, mordendo e sugando com prazer. —Está muito suscetível —brincou ao beijar o nariz. —Pensava que quereria...

—Não —respondeu ele massageando as costas. —Eu gosto de te ter assim. Se noto que me rodeia, sinto alívio, *álainn* —posou suas imensas mãos sobre suas nádegas e a apertou contra ele. —Não me mande embora.

—É uma ordem? —perguntou ela acariciando sua pele com os lábios e elevando suas perfeitas sobrancelhas para olhá-lo.

—Não. Não é —ele a olhou a sua vez. —Estou rogando isso. Aileen, por favor...

Ela alargou sua mão e colocou os dedos sobre sua boca para silenciá-lo. Se tivessem mais luz, Caleb teria jurado que ela mordia o lábio para não voltar a rir.

—Se cale, pequeno — espetou imitando seu modo de falar. —Nunca dormi assim, não sabia nem que se podia realmente, mas acredito que eu gostarei mais do que dormir com você em meu interior, tolo.

Olhou diretamente as janelas e ordenou que se fechassem. Logo ordenou às persianas que se baixassem por completo.

—Não queremos que o sol da manhã nos torre, verdade? —sussurrou ela com um sorriso. Deu um ligeiro beijo nos lábios e se apoiou nele.

Aileen fechou os olhos sobre seu peito e, embora Caleb não deixasse, ela tampouco sentia vontade de se afastar dele. Caleb os cobriu com o lençol, sorriu por ouvir as palavras cheias de satisfação sexual, beijou no cocuruto e sucumbiram ao sonho.

Ficavam duas horas para o amanhecer. Caleb não deixava de observar a essa garota temperamental e formosa que tinha entre seus braços. Seguiam unidos, mas de lado, um em frente do outro. Uma das firmes pernas de Aileen descansava sobre o quadril de Caleb.

Ele a olhava embevecido. Brincava com uma mecha de cabelo negro entre seus dedos. Inclinou a vista até seus seios. Estavam vermelhos pela fricção e os beijos, e o esquerdo tinha as fendas delineadas de suas presas. Pensava de fechava essa marca territorial com sua própria língua ou se devia deixá-la semi-cicatrizar. Gostava da ideia de que Aileen levasse em seu corpo restos da paixão que compartilhavam. Ela era dele, maldição.

Aileen tampouco fechou as feridas, mas ela não sabia que sua saliva era cicatrizante se lambia o corpo de seu par com essa intenção.

Ele sim. Deslizou o indicador pela covinha de seu queixo e sorriu com orgulho. Queria que ela levasse suas dentadas, mas antes perguntaria. Em outros tempos, ele teria decidido sem perguntar, mas essa mulher era tão importante para ele que não permitiria que sua arrogância e sua vontade de ditar tudo danificassem a pequena confiança que parecia ter forjado entre eles naquele interlúdio amoroso.

Nunca tomou uma mulher desse modo, tão avaro e ambicioso. Mas correspondeu em cada um de seus movimentos. Desinibiu-se com ele. Só de pensar nas vezes que gozaram de uma vez, sentiu que ficava duro de novo. Seus gemidos, o modo de morder o lábio, seu tom de voz turvo pelo desejo. Pequena mulher...

Aproximou o corpo de Aileen ao dele, embora teve que apertar a mandíbula quando o interior dela o aferrou de novo em um gesto inconsciente. Caleb afogou uma gargalhada gutural.

Ainda adormecida, sua cáraid não queria que ele se separasse. Uma onda de satisfação e algo parecido a mais profunda ternura o abrigou. Sentia vivo de novo.

Capítulo 22

Ficava pouco para a saída do sol. Aileen abriu os olhos e encontrou com o peito de Caleb. Afundou seu nariz nele, como se fora a mais normal das coisas, e a esfregou carinhosamente enquanto inalava todo seu aroma. Pelo amor de Deus, cheirava tão bem... A mão enorme descansava sobre sua coxa direita, que estava apoiado por completo no quadril de Caleb .

Sua própria mão descansava em sua nádega, amarrando para que não saísse. Ruborizou ao lembrar tudo o que passou entre eles.

Fazer amor era algo incrível. Era a primeira vez que confiava plenamente em alguém. Não só entregou a Caleb seu corpo, sua alma e mais da metade de seu coração, a não ser tudo.

Aileen o observou adormecido. Seu queixo não tinha esse gesto severo e mandão que tanto a tirava do serio. Estava relaxado e seus lábios semiabertos eram os mais apetecíveis que jamais viu.

Como a beijaram, que sinceras divulgaram todas as palavras felizes dessa boca. Apertou os músculos internos e o acariciou em tudo seu comprimento. Seguia dentro dela. Estremeceu quando percebeu que inclusive relaxado era enorme.

Como a mordeu. Pequena noite...Pequena verbena de San Juan... Essa noite com Caleb, rendendo comemoração a seu corpo, viu os melhores foguetes de sua vida.

Suspirou mais que satisfeita, roçou com seus dedos aqueles lábios de pecado e perfilou sua forma e sua silhueta.

Sim, pequena noite... Justo quando acreditava que ele voltaria a derrubá-la, que voltariam a brigar, Caleb voltou a surpreendê-la com todas essas declarações.

Mas não podia surpreender, porque ela sentia a mesma necessidade por ele. E seria igualmente se era por algo genético ou por algo espiritual ou emocional. Caleb confessou tudo o que ela também pensava.

Sorriu e voltou a agradecer ter vivido uma noite tão explosiva. Sim.

Entre seus braços podia degustar a segurança e o amparo daqueles músculos fortes e grandes. Podia degustar a calma e a serenidade que outorgava um verdadeiro abraço. Um abraço de urso como o de Caleb . Voltou a sorrir. Segurou seu rosto em seu peito, inalou e deixou envolver pelo aroma do vanirio.

Pequena noite...

Sentiu a carícia de Caleb. Acariciava o cabelo com a vista cravada em sua cara. Ela era uma bênção e ainda não podia acreditar que lhe pertencesse, que a tivesse relaxada sobre ele. Estava suficientemente confiante para estar nua semi-apoiada em seu corpo e adormecida.

Aileen esticou como uma guarita, acariciando conscientemente o peito de Caleb com a bochecha. Encontrou com o olhar concentrado. Sorriu e beijou o bico do peito como se esse gesto fosse o mais normal do mundo com ele.

—Hora de levantar? —perguntou ela com voz rouca.

—Sim. Agora vem quando me diz que não quer saber nada de mim e que o que há entre nós não é tão importante, bla —gesticulou de maneira cômica.

Aileen se apoiou no cotovelo e o olhou com uns olhos que mesclavam a diversão e a aflição.

—Não direi —negou olhando-o com ternura. —Não fique nervoso.

—Não dirá?

Aileen negou com a cabeça e se aproximou para beijá-lo na bochecha.

—Não estou nervoso —sentenciou ele tentando parecer forte.

Aileen sentiu que algo se desfazia dentro dela. Sim que estava nervoso. Havia sentido como é doloroso o rechaço entre casais e estava certo de que Caleb não queria sentir tão vulnerável. Mas era. Era por ela.

—Claro. Não direi nada disso, guerreiro. Em troca... —sussurrou enquanto subia até sua orelha e lambeu seu lóbulo, mordiscando brincalhona. —Mmm... sabe tão bem... Darei bom dia. Bom dia —desceu até beijar o pulso acelerado da garganta e a marca das presas que deixou.

—Marcou-me? —perguntou Caleb com a voz débil. Nunca amanheceu de uma maneira mais doce.

Aileen observou orgulhosa sua marca na pele de Caleb .

—Sim. Você também me marcou —respondeu ela.

Caleb levantou uma mão e roçou com os dedos o sinal que deixou no seio e no pescoço.

—Quer que as tiro?

—Não —disse ofendida e levou uma mão ao pescoço para proteger a marca.

Caleb sorriu, esperou um momento e elevou as sobrancelhas.

—Não vai me perguntar se eu quero levar sua marca?

—Vai levar diga o que diga —saiu da cama tão rápido que ao Caleb não deu tempo de retê-la. Entrou no banheiro. —Não quero que a tire —gritou em voz alta.

Caleb sorriu e entrelaçou suas mãos atrás de sua nuca. Ficou olhando ao teto um bom momento, pensando em como seria possessiva Aileen.

—Acha que sou possessiva?

—Acredito que sim.

—E você não gosta?

Caleb não respondeu e Aileen se esticou. Saiu do banheiro com as mãos nos quadris, olhando ameaçadoramente.

—Fiz uma pergunta, Caleb.

—Veem aqui e comprova você mesma se eu gosto ou não —a provocou com um sorriso inclinado afastando o lençol de seu corpo de um só puxão.

A Aileen não se importou aproximar. A ereção de Caleb demonstrava o muito que a desejava assim.

—Como pode ser que ainda tenha vontade? —perguntou ela fascinada por seu corpo.

— Você morre de vontade de me tocar.

—Sim, mas se tivéssemos que ceder a nossos instintos, estaríamos em posição horizontal a maior parte do tempo — jogou o cabelo para trás e com um sorriso ofereceu a mão. —Veem comigo.

—E o que faremos com isto? —olhou sua ereção.

—Ignora um pouco — disse ela estendendo a mão para ele. —Sempre quer ser o centro das atenções —brincou.

—Aonde me leva?

Caleb entrelaçou os dedos com os dela, maravilhado pela paz que o embargava com seu contato.

Aileen o guiou até o banheiro.

—Preparei um banho aromático —disse sedutoramente o arrastando para a imensa jacuzzi.

Caleb se perdeu na pele lisa, tensa e suave de Aileen e deixou que ela o inundasse pouco a pouco. A água estava quente, mas ele era um vulcão. Olhou de cima abaixo e não pôde evitar um ronco de desejo.

—É tão grande que parece uma piscina —comentou ela alheia ao modo em que ele a olhava. —Esta casa é espetacular e não posso acreditar que seja minha.

Caleb deu um passo para ela e segurou seu corpo pelas costas. Aileen apoiou o peso nele e deixou que a acariciasse e a tocasse a seu desejo.

—É toda tua, Aileen. Se converteu em uma mulher rica —a beijou no pescoço com doçura.

—É estranho —murmurou ela fechando os olhos, presa do desejo.

—O que? —Caleb passou os polegares por seus mamilos e depois lambeu o ombro.

—Minha nova vida. Esta intimidade... —Aileen girou e agarrou a seus ombros. —Tudo o que acontece a você e a mim quando estamos juntos.

—É natural entre aqueles que estão destinados a compartilhar —Caleb sorriu e rodeou a cintura para elevá-la e beijá-la ao prazer. O corpo de Aileen reagia ao seu com tanta naturalidade que o fascinou. Passou a língua pelos lábios, mais brandos depois do beijo.

—Então... —desviou o olhar para não enfrentar seus olhos inquisidores. —vamos compartilhar tudo, diz?

Caleb a olhou fixamente e tentou adivinhar por que a cautela tingia sua voz.

—Quero compartilhar tudo com você, sim.

—O acompanharei a interrogar Víctor.

—Contava com isso —disse ele rendendo-se.

—Bem. É um bom começo —aceitou ela sorrindo agradada. —Mas quero algo mais.

—Sim. O que quer, Aileen?

—Compartilha o que viu nos vídeos das base de dados da empresa de Mikhail —ela o abraçou com mais força ao ver que esticava as costas. —Mostra o que fizeram a meus pais, Caleb.

—Não.

—Não? —um brilho de advertência iluminou os olhos violeta de Aileen.

—Não, Aileen. Não me faça isto —disse com a voz rasgada pela preocupação. —Não quero te mostrar algo assim.

—Mas eu quero vê-lo —suplicou sem inflexões na voz. —Eram meus pais, Caleb.

—Fará mal —afundou sua cara em seu pescoço e acariciou suas costas para consolá-la. —E não posso permitir. Supõe que estou aqui para proteger e não para...

—Basta, Caleb. Sou adulta —sua voz era em si um desafio. —Se me negar isto, não nos levaremos bem —deslizou a mão até sua virilha e sentiu como ele se endurecia ao contato. —Me deixe entrar. Agora —o olhou fixamente e entrou em sua mente como uma invasora.

Caleb alucinava. Aileen estava arrasando sua cabeça e seu sentido comum. Tinha-a em suas lembranças e ele estava literalmente em suas mãos. Deu procuração de sua mente e de seu corpo, e se sentia violado.

Mataria a sua irmã.

—Merda, Aileen... —ela era muito forte e não podia tirá-la de sua cabeça.

—Não se feche —sussurrou ela esmagando contra seu corpo e enredando sua outra mão em sua juba. Ficou nas pontas dos pés e o beijou, introduzindo a língua de uma maneira agressiva.

Caleb se encontrou com que não podia resistir a ela. Era um torvelinho. Aileen estava dentro dele, pinçando em suas lembranças, em seus sentimentos. Estava em seu nariz, seu aroma o enlouquecia e seu contato era esmagador.

Aileen seguia massageando todo o comprimento de Caleb , mas não desfrutava do contato, ela ia ao que ia. Encontrou uma porta mental fechada e a empurrou, mas ele resistia.

—Detenha, querida... —pediu ele.

—Me deixe, Caleb. Quero vê-los —grunhiu furiosa e mordeu o lábio enquanto movia a mão sobre seu pênis mais rapidamente.

Caleb fechou os olhos e tentou jogar a cabeça para trás para gemer de prazer, mas Aileen o pegava pelo cabelo para exigir obediência.

—Deixa de resistir, por favor... —rogou ela soltando os lábios vermelhos com dois pontos de sangue que fez.

—Está jogando duro —disse Caleb excitado pela pequena batalha de vontades.

A Aileen tinha vontade de gritar ao ver como Caleb se entrincheirava para ela. Aquilo não era confiança e nesse momento ela não queria seu amparo, só queria que mostrasse a verdade.

A porta mental estava ali. Se ela a derrubava ele não poderia fazer nada, assim sem pensar duas vezes o agarrou pelos testículo e os apertou. Caleb estava vulnerável, entregue aos mimos de Aileen, mas assim que ela o agarrou por esse modo ele ficou em tensão e abriu os olhos para olhá-la surpreso.

Então ela, pedindo desculpas com o olhar, afundou os dentes em seu pescoço e finalmente Caleb ficou derrotado e tudo, absolutamente tudo, se abriu para ela.

Viu tudo. A sua mãe atirada em uma mesa metálica, chorando, gritando o nome de Thor, enquanto outros a faziam sangrar com todo tipo de instrumentos. Viu Thor, gritando e batendo contra as paredes metálicas, com os olhos avermelhados de dor pela necessidade de proteger sua cáraid.

Separados, cada um em uma sala contigua, ouvindo os gritos e os soluços do outro, sem poder proteger, sem poder dar calor.

Sua mãe morta. Seu pai enlouquecido. E finalmente...

Aileen tirou as presas e tragou com força e com o olhar perdido. Não notou que Caleb agarrava seu pulso e a apertava para que o soltasse. Caleb tinha os olhos brilhantes avermelhados também pela dor.

Aileen olhou sua mão que apertava Caleb com tanta força que tinha os nódulos brancos. Brancos pela tensão e pelo sofrimento do que ela foi presente, apesar de ter escutado as advertências de Caleb. De repente teve vontade de vomitar, não só pelo que viu, mas também pelo que fez a ele para que finalmente cedesse.

—Caleb, eu... —não piscava, tremiam os lábios e as lágrimas caíam com força por suas bochechas. Estava horrorizada, ela não era assim.

—Já viu o que queria? —Caleb retirou a mão e vaiou ao notar como seu testículo lutavam por recuperar a normalidade.

—Sim —respondeu ela se arrependida.

—Espero que se sinta melhor... —sussurrou inundando na água. Caleb estava de saco cheio. Excitou-o para derrubar suas muralhas e logo, quando mais entregue estava, machucou-o.

Aileen viu como Caleb saía à superfície com as musculosas costas mais reta do normal e tentando simular uma normalidade que não existia. Agarrou o sabão de frutas e encheu as mãos, mas em vez de aplicar ele mesmo, girou e encarou Aileen.

—Veem — ordenou. —Quero lavá-la.

—O que?

—Que venha.

Aileen deu dois passos hesitantes e ficou diante dele.

O corpo dela tremia ainda pela impressão do que viu e as lágrimas não deixavam de escorregar por suas bochechas. E, além disso, sentia-se mal por ter feito mal a Caleb. Essa foi uma parte mesquinha de si mesma.

—Como se encontra? —Caleb apertou tanto a mandíbula que cedo ou tarde saltariam lhe os dentes.

—Mau —ela afastou o olhar de seus olhos verdes e furiosos.

Caleb explodiu.

—Por que acha que não queria mostrar nada? Né? Responde...

—Eu...

—Se olhe... Acha que eu gosto de vê-la assim?

Aileen sacudiu a cabeça num gesto que indicava negação. Só queria chorar e que ele a consolasse.

Caleb a agarrou pelos ombros seguindo seus instintos, já que não podia ler sua mente se não deixava, e então a abraçou sem deixar partes de seu corpo sem contato com ele. Acariciou as costas com as mãos ensaboadas e procedeu a massageá-la enquanto ele mesmo reprovava seu mau humor.

Aileen afundou a cara em seu ombro e começou a soluçar de um modo gritante e dilacerador. As carícias de Caleb davam consolo.

—Chist... Tranquila, pequena. Já está —a balançava como uma menina. —Não queria te chatear.

—Está bem, Caleb. Mereço isso... p... mas precisava saber... —agarrou ar entrecortadamente.

—Não fazia falta isso.

—Cla... claro que sim. Eram meus p... pais — rodeou a cintura com os braços e o abraçou. —É horrível. Como são capazes de fazer algo assim?

—O mal adota muitas formas, Aileen. Você só viu uma delas.

—Mataram-nos. Torturaram-nos. Não deram clemência... —sua voz estava vermelha de ira.

—Sei, pequena —apoiou o queixo sobre sua cabeça e acariciou o cabelo.

—Quero ver Víctor.

—Iremos hoje mesmo.

—Quero vê-lo agora —exigiu sem se afastar de seu corpo.

—Nós encarregaremos de Víctor juntos — se separou dela e elevou o queixo para limpar as lágrimas com os polegares. —Você e eu. Iremos daqui a um momento. Agora relaxe e me deixe lhe acariciar.

Aileen sentiu como o olhar de Caleb a enchia de calor. Com ele estava certa e protegida. Algo no interior de seu peito se expandiu ao dar conta de que entre seus braços conseguia o calor de um lar que nunca teve.

—Não posso ler, Aileen —levou uma mão cheia de sabão até sua virilha e a acariciou brandamente, excitando-a com total deliberação. —É muito forte. No que está pensando agora? —perguntou intrigado ao ver o brilho de seus olhos.

Pensava dizer que o necessitava e o queria a seu lado para sempre. Mas a força desse sentimento, dessa revelação que era uma verdade, fez recuar.

—Em que sinto. Sinto ter lhe feito mal — mordeu o lábio para não gemer de prazer diante o que Caleb fazia ali em baixo. Segurou seu pulso e a separou.

—Foi uma grande estrategista —sorriu Caleb, mas seus olhos não riam. —Me fazer acreditar que me desejava e logo... —estava dramatizando mais da conta, mas gostava de ver a Aileen arrependida.

—E desejava.

—Não é verdade. Fez para tirar seu benefício —deslizou as mãos até seu pescoço e roçou o jugular com o polegar. Sentiu orgulhoso como o coração acelerava diante esse roce.

—Não —negou com a cabeça. Aileen fez uma careta sincera. —Já te disse que sinto — sussurrou. —Queria te tocar como você me toca, mas me dava raiva que não cedesse ao que estava pedindo. Fui cruel.

—E entende agora por que não queria ceder, Aileen?

Aileen assentiu em silêncio, mas não se intimidou. Elevou o olhar e espetou seus olhos nos seus com uma faísca de algo que Caleb não soube o que era.

—Pela primeira vez, eu tenho me feito de Caleb. Fui egoísta, cruel e má. Muito má. Caleb 10 X Aileen 1. Ainda ganha por goleada.

Caleb a olhou ameaçadoramente, mas tinha razão. Ele foi assim com ela no princípio.

—Mas posso arrumar o dano que te tenho feito —murmurou Aileen sem um pingo de vergonha.

Caleb teve que puxar o ar para não ceder ao relâmpago de desejo que percorreu sua virilha e sua coluna vertebral.

—O que vai fazer? —perguntou calorosamente.

Aileen estendeu a mão até acariciar outra vez toda a longitude de Caleb. Estava dura, quente e molhada pela água. Ele deu um coice em suas mãos para fazer-se maior.

—Posso acariciar, se quiser.

—Vai me espremer como antes?

—Não —gemeu Aileen com pesar. —Veem —o beijou docemente na bochecha para apagar essa parte. —O que queria dizer é... posso lhe acariciar assim —sussurrou afundando a boca em seu pescoço enquanto o massageava acima e abaixo.

—Ah...

—Faço mal? —deslizou a língua até sua mandíbula e ficou nas pontas dos pés para beijá-lo nos lábios e lamber o sangue que já secou. Logo se retirou com fogo no olhar.

—Pelos deuses, Aileen, ah...

—Ah...? O que quer dizer isso? —perguntou divertida sobre sua boca. Deslizou a outra mão por suas costas e desceu até cravar os dedos nas nádegas. —Eu gosto que cresça em minhas mãos, Caleb. Eu adoro —inclinou a cabeça até entrar um mamilo de Caleb na boca. Mordia e o lambia como o fazia a ela. —Assim me sinto quando me beija você aqui. É como se o mundo desaparecesse.

Caleb que até então tinha os olhos fechados, abriu-os mostrando um brilho sensual no olhar. Se abandonou contra a parede do jacuzzi e a beijou nos lábios de maneira insaciável abrindo a boca e colocando a língua como um conquistador.

Aileen sorriu enquanto se deixava avassalar por ele.

Ela seguia mimando-o com as mãos e ele se balançava de maneira descarada e sem reparos, sacudindo-se entre seus dedos. Desfrutava de sua atitude, de seu total abandono.

A aquele homem gostava do sexo com ela e era incapaz de dissimulá-lo. Tomava o que queria e a tinha fascinada, porque esse mesmo desejo era o que a punha a ela de joelhos cada vez que o via. Só que agora, junto com o desejo, havia um vínculo mais forte. Mais poderoso. Algo que poderia mover algo, trocá-la, regenerá-la ou destruí-la, e isso a atemorizava mais que nada.

—Aileen, seus amigos estão aqui embaixo te esperando —o comunicador ativou e ouviu a voz de Maria.

Caleb e Aileen olharam desorientados o comunicador de mesa de uma vez.

—Não responda —sussurrou ele pondo as mãos sobre os seios. Massageou-os e os olhou como se fossem um bolo.

Aileen teve que afundar o rosto no peito de Caleb para que não ouvisse rir. Caleb sorriu ao sentir que tremiam os ombros de risada.

Olhou Aileen e logo observou como ela seguia se balançando em sua mão.

—Quero ficar aqui com você —sussurrou ele em seu ouvido. —E que me toque assim toda a vida.

—Terá que descer, Caleb —ficou nas pontas dos pés e deu um beijo suave e provocador nos lábios. —Quererão ver se segue vivo.

—Por que iriam duvidar?

—Ontem não estava muito manso —elevou uma sobrancelha negra e sorriu. —Possivelmente acreditam que me comeu.

Caleb a olhou de pés a cabeça e seu olhar se obscureceu.

—Não, ainda. Mas pode ser que esta noite...

—Para ou não sairemos daqui —o arreganhou ela apartando para sair da banheira.

—Espera —a puxou pelo braço para que se virasse. Agarrou pelo queixo e o elevou para ele. —Não agradeci, Aileen.

Aileen se esticou. Agradecer? Agradecer pelos serviços? —Como diz? —tremeu a voz.

Caleb entendeu que ela temia suas palavras. Certamente pensava que voltaria a feri-la.

—Agradeço por me aceitar. Ontem, quando a dor carcomia todo meu corpo, você foi meu padre —ela o olhava com os olhos grandes e lilás mais abertos que nunca. —E quero que saiba que foi um presente para mim, de fato, o melhor que já recebi. É o mais importante que tenho, cáraid, e quero que saiba que vou cuidar —Aileen tragou saliva sem saber muito bem o que dizer. Ele a beijou com intensidade, abraçou-a fortemente e ela respondeu jogando os braços ao pescoço e apertando-o contra ela. Seus lábios eram puro mel para o vanirio .

—Descemos? —perguntou ela emocionada. Não estava certa de dizer nada mais porque só tinha vontade de chorar e rir de alegria. Eu também quero cuidar, pensou enternecida. Caleb assentiu e a ajudou a sair do banheiro.

Quando desceram ao salão, Caleb ia a frente dela e a pegou pela mão com os dedos entrelaçados.

Os dois usavam roupa informal. Ele jeans desgastados e camiseta negra. Ela umas calças negras ajustadas de cintura baixa e um Top branco que deixava ver seu ventre plano, o osso de seu quadril e sua cintura magra.

Aileen tinha o coração feito uma confusão. Não entendia muito bem como essa sensação de ser querida e desejada por ele podia crescer a cada minuto, estivessem juntos ou separados.

Caleb a olhou de esguelha e elevou a comissura de seus lábios em um sorriso arrebatador e provocador.

—Eu gosto de a levar pela mão, Aileen. Faz-me sentir bem.

Gostava porque era como um símbolo de propriedade. Aileen era dele e queria que todos soubessem.

—Não diz nada? Não me responde? —perguntou ele falsamente ofendido.

—Não —se esclareceu voz. —Não sei o que quer que diga.

—Quero que comece a dizer em voz alta o que eu faço sentir — parou diante e a puxou pelos ombros. —Eu gostaria muito de escutar coisas bonitas de seus lábios. A simpática de minha irmã te ensinou a proteger e agora se fecha para mim continuamente. Não teria problemas em entrar em sua mente se não fosse meio berserker, mas é e isso o faz tudo muito mais difícil, pois seus padrões mentais são parecidos com os deles e um vanirio não pode ler. A não ser que você se abra para mim... E não faz. Assim não sei se estou fazendo bem ou não —confessou aflito. —Vai me deixa fora para sempre?

Aileen ficou olhando intensamente. Realmente parecia triste. Caleb queria ouvir coisas bonitas de sua boca, queria compartilhar seus pensamentos.

—Necessito um pouco de intimidade e você tampouco me abre seus segredos especialmente —respondeu ela fechando em banda.

Olharam-se um ao outro em silêncio, estudando sem saber muito bem quem era a presa e quem o caçador. Havia um problema de confiança e ambos sabiam.

—Quero que confie em mim —sussurrou ele levantando o queixo com uma mão.

—Não é fácil, Caleb. Você sabe muitas mais coisas que eu, coisas que eram importantes para mim e não me disse por quê...

—Porque queria te proteger —se defendeu ele.

—Confunde o amparo com o fato de me manter a margem. Às vezes a informação nos ajuda a estar mais preparados, a ser mais fortes —levantou uma mão e acariciou a bochecha. —Entendo que é sua maneira de se comportar. É assim. Mas, Caleb, não está tratando com alguém de seu clã. Estou pedindo que me deixe formar parte de seu mundo e isso implica me contar tudo isso. Entende? Me mostrar o que você sabe.

—Tem uma maneira de pensar muito distinta à minha, Aileen —ele esfregou em sua mão como um cachorro. —Se mostrasse, você quereria me acompanhar, viria comigo. É assim, vi em seu interior. Me assusta lhe pôr em perigo. Eu quereria tê-la só para mim —a abraçou como se não queria deixá-la escapar nunca. — guardá-la num lugar onde ninguém pudesse lhe fazer mal.

—Se me relegasse, faria mal —sua voz soou amortecida pelo peito dele.

—Mas não te mataria.

—Há muitas maneiras de morrer —sussurrou. —Não sou frágil.

—Não —disse ele orgulhoso e prendado dela. —Não é. É como minha irmã. Ela sempre insiste em vir, em nos acompanhar, e não é consciente de como é perigoso para nós perder a uma mulher. A guerra não está feita para algo tão belo como a mulher. Não nos entendem... As mulheres são o mais valioso para nós. Como acham que poderíamos nos manter no bom caminho se fizerem mal? Quem nos iluminaria?

—Mas embora não lutemos, há outras maneiras de ajudar, outro modo de colaborar com vocês —respondeu apaixonada. —Superprotegem às mulheres, guardam-nas com receio como tesouros, em vez de deixar que brilhem e iluminem o mundo no que vivem com todos os dons e a sensibilidade que possuem. Eu... não poderia estar com você se você me tratasse assim, Caleb — afastou o olhar para que ele não visse o brilho das lágrimas aparecer por seus olhos. Doía o coração ao ver nesse dilema.

—Tem razão —respondeu ele inesperadamente. Não podia ler a mente, mas os casais eram empáticos e sim que sentia sua aflição. —Verei o que posso fazer. Tentarei —puxou o rosto e a beijou com uma ternura tão intensa que ela teve que agarrar ao peitilho de sua camiseta para não cair. —Chora por que doeria afastar de mim se assim fosse?—perguntou juntando sua frente com a dela.

Aileen tragou o nó que tinha na garganta e o olhou com os olhos implorantes.

—Não sei por que choro —negou com a cabeça. —Me deixa sem jeito, Caleb.

—Eu sim que sei. Chora porque doeria —colocou os dedos sobre seus lábios para sossegá-la. —Doeria porque me...

—Por fim, Caleb —a voz da Daanna cortou a conversa de coalho.

Caleb e Aileen giraram para olhá-la um pouco envergonhados por sua melosa atitude.

Daanna advertiu as lágrimas de Aileen e franziu o cenho.

—Interrompi algo. Sinto muito.

—Não, tranquila —Aileen limpou as lágrimas em um gesto rápido. —Já descíamos.

—Aileen —Caleb a puxou pelo pulso.

—Logo, Caleb — advertiu ela em um tom que só ele podia ouvir. —Mas eu...

—*Logo. Esta noite — repetiu mentalmente.*

Caleb assentiu. Não se dava muito bem em esperar, a paciência não era precisamente uma de suas virtudes.

—Esta noite então —entrelaçou os dedos com os dela e desceram juntos as escadas.

Reuniram-se todos na imensa cozinha. Daanna olhava a seu irmão e a Aileen como se quisesse averiguar por que ela chorava. Menw e Cahal não deixavam de arrasar o frigorífico diante o olhar de assombro da Ruth e Gabriel. Maria preparava uns waffles para tentar saciar o apetite de todos. Noah e Adam acabavam de chegar. Noah se sentou sobre a bancada da cozinha e Adam estava apoiado na mesa ao lado da cadeira onde Ruth sentou.

Na realidade, todos tentavam fingir que não queriam aceitar de que Aileen estava bem, inteira. Queriam certificar de que o novo casal, como mínimo, não brigava.

—Como está, Aileen? —perguntou Ruth preocupada. —Já sabe... Está... bem?

—Sim —disse Maria. —Como dormiu, jovenzinha?

Aileen tentou não sorrir ao ver como todos esperavam uma resposta. Caleb estava divertido diante de tanta preocupação. Gabriel, entretanto, olhava-o exigindo vingança.

—Bem —respondeu Aileen sorrindo para tranquilizá-la. Pegou uma manga, cortou, cortou e ofereceu uma parte a Caleb sem ser consciente de como íntimo isso era diante os olhos do resto. —Dormi muito bem, embora me custou conciliar o sonho.

Caleb a olhou divertido e seus olhos verdes se acenderam de calor. Puxou o pulso, aproximou sua mão e meteu os dedos com a peça de fruta em toda a boca. Aileen entreabriu os lábios quando sentiu que lambia um a um os dedos e logo plantava um beijo em toda a palma.

—Mmm... Que bom... —sorriu ele.

—Caleb... se comporte... —ordenou ela.

—Me dá comida de sua própria mão e me diz que me comporte? Isso é muito erótico, pequena.

—Basta, não seja absurdo. Te pareceria erótico até ver cagar um porco.

Caleb soltou uma gargalhada. Uma das autênticas, dessas que nascem no estômago e fazem cócegas na garganta. Foi uma risada sincera que surpreendeu a sua irmã e a seus amigos e também os fez sorrir e olhar Aileen agradados, aprovando a jovem cáraid de Caleb .

—Pois sim —disse Ruth elevando as sobrancelhas e olhando a sua amiga com aprovação. —Sim que está bem.

—Então... dormiu bem? Não dói nada, Caleb? —perguntou Cahal cruzando os braços e sorrindo. —Ontem estava bastante indisposto.

Aileen o olhou jogando fogo pelos olhos.

—Muito bem, Cahal —respondeu Caleb repassando a Aileen com olhos famintos. —Já não me dói nada.

—O que doía, senhor? —perguntou Maria lubrificando os waffles de chocolate.

Daanna esclareceu garganta ao ver as marcas dos incisivos, ligeiros, mas marcas no final, em seus pescoços. Aquela conversa estava saindo do vaso.

—Os ovos —comentou Menw fazendo que todos se partissem da risada.

—Perdão? —disse Maria aumentando os olhos de uma maneira não muito inocente.

—Ovos —corrigiu ele. —Poderia me fazer uns ovos fritos, também?

—Claro —respondeu Maria esgotando os olhos. —Senhorita Daanna, aproxima os ovos de Menw?

Aquele comentário pegou a todos despreparados e de repente estalaram a gargalhadas. Não se podiam aguentar.

Daanna o olhou de esguelha de um modo desafiante. Agarrou dois ovos de cima da mesa e ela mesma se encarregou de parti-los e jogá-los à frigideira.

—Dois ovos, muito feitos. Tostados, poder ser —sugeriu Daanna.

—Guri... —sussurrou Cahal limpando as lágrimas de tanto rir. —Que cru tem.

Maria se foi da cozinha e os deixou sozinhos.

Menw não respondeu. Seus olhos estavam cravados em Daanna. Em sua maneira de mover, nesse porte elegante e sexy que a fazia parecer inacessível.

Ruth olhou Menw e a Daanna com olhos de cafetina. Logo sorriu ao ver Aileen, tão cômoda e a gosto com a cercania de Caleb . E finalmente teve que virar o olhar aos dois berserkers. Noah era todo porte. Adam, que tinha ao lado, parecia ocupar todo o espaço e o ar de ao redor.

Adam a olhou. Não sorriu, não fez nenhum gesto para que se sentisse cômoda. Simplesmente a olhou como se não houvesse ninguém mais na cozinha, seus olhos de obsidiana eram todo um espetáculo.

—Bom —Noah separou do respaldo da porta, —já vejo que está bem, Aileen. Me alegro.

Aileen se ruborizou mas não o suficiente para afastar o olhar.

—Obrigada. A isso vieram todos? —perguntou enquanto cortava outra parte de manga e o metia na boca. —A ver se seguia viva?

—Antes de responder —disse Adam, —até que ponto eles podem escutar? —assinalou a Ruth e ao Gabriel.

—Perdoa? —disse Ruth girando para ele com os olhos de cor âmbar refulgindo de incredulidade. —Acha que não me lembro do que passou a outra noite? Mostrei as marcas que me deixaram no estômago? —irritada levantou a camiseta negra que usava e mostrou a todos uma fantástica porção de seu estômago plano e do diamante que tinha no umbigo. As marcas já quase desapareceram. —Sei muito bem do que vai falar aqui assim não me tente afastar.

Adam grunhiu estranhamente e se abateu sobre ela para encobri-la diante os olhos de outros. Isso a obrigou a retroceder.

—E eu sei muito bem o que passou. Se cubra —respondeu com um tom frio. —Eu estava ali. Todos estávamos ali. É só que... —não saíam às palavras e girou para falar com Aileen. —São humanos.

—Premio para o menino —soltou Gabriel. — relaxe, não é para tanto.

—Olá, estou aqui —disse Ruth ofendida ao sentir ignorada.

—Não está bem que eles saibam nada disto. Nunca foi assim —continuou o berserker.

—Muito tarde —murmurou Ruth. —Já sabemos tudo.

—É perigoso que eles —seguiu Adam sem fazer caso— saibam de nossa existência. Se porão em perigo.

—Ouça, bonito —disse Ruth encarando-o, —acha que estamos tão loucos de arejar o que vimos? Minha amiga é uma meio mulher lobo com presas. Acha que a poria em perigo? Não sou tão tola para revelar nada disto.

—Confio em meus amigos, Adam —disse Aileen caminhando para eles. —Jamais dirão nada.

—Está certa? —perguntou ele olhando a Ruth de um modo que à garota não gostou de nada. —Esta é distinta. Posso cheirar.

—Não passe —advertiu Gabriel assinalando-o com o dedo.

—Que me pode cheirar? —repetiu ela ficando a um centímetro de sua aposta cara. Era bonito. Muito bonito. —Vira-lata, cuidado com o que diz, eu não gosto de como me fala.

—Do que me chamou? —disse ele divertido diante o atrevimento de Ruth.

—Vira-lata.

—Parem já os dois —ordenou Aileen surpreendida diante a atitude de Adam e Ruth. —Meus amigos ficam, Adam. Não os vou jogar de minha vida.

—Sim, fico. Digo, ficamos —Ruth olhou a Gabriel. —Passamos a noite falando do que vivemos aqui. Queremos ajudar em sua missão de afugentar os vampiros e os lobachos.

—Você não pode afugentar ninguém. É um ímã para os problemas, bonita —a cortou Adam.

Ruth o olhou sem importar, sem entender muito bem a que vinha essa atitude agressiva para ela.

—O que passa com você? Hoje não deram sua ração do Royal Canin? Pobrezinho —murmurou Ruth desafiante. —É que não tem correia? —olhou Noah enfurecida.

—Claro —respondeu Adam atravessando com as palavras. —Quer uns açoites?

Ruth empalideceu para ouvir esse comentário. Olhou Adam como se ele soubesse coisas de sua vida que tentou enterrar. Como se ele a conhecesse.

—Adam —Aileen correu a abraçá-la ao ver a lívida que estava Ruth. Só ela conhecia os detalhes acidentados da vida da Ruth e não permitiria que ninguém voltasse a feri-la assim. —por que disse isso?

Ruth separou de seu abraço. A vulnerabilidade se refletia no tremor de seus lábios, mas seus olhos de âmbar amendoados voltaram a desafiá-lo.

—Bobby, cão bonito —segurou uma laranja, olhou Adam e a jogou ao salão fazendo que voasse e logo rodasse pelo chão. —Busca.

Noah aumentou os olhos surpreso. Essa garota era a primeira que desafiava seu amigo de um modo tão aberto.

Adam esticou os músculos da mandíbula até fazê-los palpitar.

Os vaniros olhavam a cena sem poder acreditar. Adam a olhou fixamente e logo olhou Aileen.

Caleb esticou ao sentir o alarme de Aileen diante as palavras do berserker.

—O que acontece com as pessoas de Barcelona? São todos tão atrevidos?

—Se nos tocarem os narizes, sim —respondeu Ruth elevando o queixo.

Adam a olhou fixamente e logo olhou Aileen.

—Trará problemas —e dito isso, Adam deu as costas e se foi.

Noah ficou olhando. Estudava. Nunca viu Adam perder os nervos.

—Aileen, ligarei —disse Noah desculpando.

—Diga a meu avô que estou viva —ordenou enquanto acariciava o cabelo de Ruth.

—Sim —Ruth esfregava os braços, ainda um pouco consternada pelo comentário de Adam— e, de passagem, diga que leve esse desagradável a passear mais frequentemente. Está muito tenso.

—Cuidado, garota —advertiu Noah dando as costas. —Terá que ter muito cuidado com ele.

Aileen esperou a escutar a porta de a entrada fechar. Logo se voltou a olhar Ruth.

—O que quer dizer com que querem nos ajudar?

—Como não íamos querer? —repetiu Ruth abrindo os braços. —Quantas vezes tem uma pessoa de viver o que vivemos nós em dois dias que levamos aqui? É algo impensável. Quando éramos pequenas brincávamos se super heróis, lembra?

—Sim —assentiu Aileen e sorriu com melancolia. —Catwoman e Wonderwoman.[39]

—Você pode ser uma heroína com seus dons, Aileen. Eu posso ser com minhas ações. Quero ficar aqui e ajudar, como é. Não posso seguir sendo indiferente a tudo isto. Me diga com que cara voltaria a retomar sua vida se soubesse disto? E seja sincera, Aileen —assinalou com um dedo desafiando.

—Mas, Ruth...

—Nada de mais. Tenho decidido. Aqui ficamos —cortou sua amiga elevando o queixo. —Agora o único que têm que nos dizer é como podemos ajudar.

Aileen olhou Gabriel com a boca aberta.

---

[39] *Mulher gato e mulher maravilha , personagens de desenho animado.*

—Não podem falar a sério. Têm uma vida em Barcelona, têm...

—Nada —respondeu Gabriel metendo um pedaço de waffles na boca.

—A família não é nenhum nada —disse Aileen franzindo o cenho.

—A família é a que toca. E você conhece bem como é a minha — disse Ruth cruzando os braços. —Sabe perfeitamente que se fosse por mim escolheria uma nova.

—Se colocarão em perigo e não quero que façam lhe mal —confessou ela como último recurso olhando Caleb. — diga algo.

—Não posso dizer nada, Aileen. São suas decisões e acredito que fará bem os ter perto. Além disso, têm razão. Necessitamos ajuda —encolheu os ombros. —E eles necessitam amparo e nós a daremos.

—O que? —perguntou ela em um sussurro. —Caleb, não.

—Necessitamos ajuda —repetiu ele aproximando de Aileen. —As coisas têm que mudar e nos virá bem ter um apoio humano. Estive pensando nisso e acredito que sei como podem nos ajudar. Já não estão a salvo. Quer levar todo este caos a Barcelona?

—Não, não quero. Mas... —rebateu ela. —São frágeis e, além disso, são os únicos amigos que tenho. Não suportaria que fizessem mal.

—Farão todo o possível para te alcançar através deles e quererão caçá-los. Da noite no pub, converteram se também em objetivos. Cedo ou tarde o teriam sido. Mikhail e Víctor os teriam utilizado contra você e sabe —Caleb colocou as mãos sobre os ombros para tranquilizá-la. —Por isso os trouxe aqui. Nós podemos dar o amparo e eles podem nos dar uma mão.

Aileen o olhou uns segundos e finalmente baixou os ombros.

—Tem razão... Acredito.

Caleb sorriu e Ruth abraçou Aileen para tranquilizá-la.

—Não nos passará nada — assegurou. —E o que vamos ajudar? —perguntou Ruth excitada.

Capítulo 23

Enquanto foram no Cayenne de Caleb, Aileen o olhava impressionada por como refletia rápido sua mente. Era um visionário, um homem terrivelmente inteligente e cheio de iniciativa.

Caleb montaria uma página na Web. Algo relacionado com a tradição celta, uma página informativa sobre a cultura ancestral da Britannia. Entretanto, a página teria uns tribais simbólicos que só os vaniros puros e os que fossem descendentes poderiam reconhecer. A Web teria também um fórum, é obvio. Caleb tinha a esperança de que no fórum criptografado todos os vaniros pulverizados pelo mundo voltassem a entrar em contato.

Ele estava convencido de que o celta vanirio, ao ver os tribais e as palavras antigas refletidas na página, identificariam com elas e tentaria entrar em contato com os responsáveis.

Caleb decidiu que era momento de se unir, de reencontrar e de trabalhar cotovelo com cotovelo. Foram muitos anos de guerras, de enfrentamentos com vampiros e lobachos, mas também de terríveis desavenças entre eles e os berserkers, e de indiferença diante a possibilidade de conhecer os que eram como eles e estavam fora da Inglaterra.

A indiferença era o pior. Se tivessem se interessado um pouco mais talvez cedo ou tarde teriam sabido dessas sociedades que os capturavam e os torturavam.

Aileen observou sua mão grande e forte agarrar o cambio para mudança de marchas automático e ela sentiu desejos de acariciá-lo.

Caleb quis que Ruth e Gabriel fossem os responsáveis por manter a página atualizada e que fossem também os moderadores dos fóruns com o único objetivo de observar e avisar assim que alguém interessado entrasse para falar com eles.

Nesse caso, Caleb e outros entrariam em contato com os que pudessem ser vaniros perdidos ou filhos de vaniros.

A questão era fechar filas, aumentar o grupo e lhes informar das sociedades de humanos que trabalhavam com vampiros e lobachos para desgraça de berserkers e vaniros. Todos deviam saber a verdade, todos deviam aprender a defender-se como eles estavam aprendendo agora. Tinham que saber tudo. Das localizações maciças desses malditos, até o rádio de ação de raptos, ataque, violações e assassinatos que pudessem utilizar para seu benefício. A questão era organizar e estruturar por grupos de trabalho. Estava convencido de que a página serviria para isso. A página seria o meio para que todos se unissem e se reconhecessem de novo.

Ruth e Gabriel seriam os enlaces e, é obvio, pagaria por isso. Esse seria agora seu trabalho.

Aileen colocou sua mão menor e feminina sobre a de Caleb. Caleb abriu os dedos para que ela entrelaçasse os seu com os dele e os fechou para manter sua mão pega à sua. Logo a olhou com doçura e sorriu.

—Caleb o que tem feito hoje... —ela meneou a cabeça. Não saíam as palavras.

Ele tragou saliva e algo incômodo afastou o olhar. A chuva golpeava com força o vidro dianteiro do carro. Ligou o limpador de para-brisas.

—Não tenho feito nada.

—Não é certo —recolocou girando o corpo para olhá-lo diretamente.

—Aileen...

—Está ficando avermelhado? —disse ela divertida.

—Para.

—Escuta... — se aproximou dele e colocou a mão sobre o queixo para obrigá-lo a olhá-la.

—Assim não posso conduzir.

—Ambos sabemos que pode conduzir sem mãos e com os olhos enfaixados se quiser — olhou como seus lábios tentavam não sorrir. —Não se faça de duro.

—Neném... Estou duro sempre que está ao meu lado.

—OH, se cale, está doente — inclinou para frente e o beijou nos lábios enquanto Caleb sem nenhum problema dirigia o carro a seu desejo. Ambos voltaram a sentir a chicotada do desejo em seus corpos. Era se tocar e a pele arrepiava.

—Tire a roupa — disse ele com voz rouca mordendo os lábios. —Os vidros são opacos, ninguém te verá, só eu e...

—Não penso em tirar a roupa, Caleb —respondeu com a risada na voz. —O beijei porque quis, não para seduzir.

—Teu beijo para mim é como um afrodisíaco. Sempre quero mais.

—Pervertido —mas disse rindo.

Aileen queria lhe agradecer a importância que teve com Ruth e Gabriel. Não só estava dando a possibilidade de trabalharem, como também abriu a porta de seu clã, confiando neles só porque eram seus melhores amigos e também porque ela estaria mais feliz com alguém próximo a seu lado. E, além disso, devotou seu amparo e ele nunca os trairia.

Mas não só fez isso. Caleb não teve nenhum problema em dar uma de suas casas para que vivessem nela. Uma casa em Notting Hill, com serviço e chofer que levassem e os trouxessem aonde e de onde eles quisessem.

Seus amigos estavam encantados com a ideia. Aileen não deixava de se surpreender como estavam dispostos em ajudar à causa.

Ruth via assim: Havia duas equipes. As pessoas formadas pelos berserkers e os vaniros, e outro formado pelos vampiros, os lobachos e os humanos maus, como muito apropriadamente os batizou. Em meio das duas equipes se encontrava a humanidade ignorante. Uns a protegeriam e os outros a espreitariam. Gabriel disse que estavam dispostos a equilibrar a balança, a fazer de humanos bons e unir aos berserkers e aos vaniros na luta pelo bem da humanidade.

—Isto é um trabalho transcendental, um existencialista, um importante —disse Ruth emocionada. —E não a merda que me ofereceriam em outro lugar por uns miseráveis euros.

Caleb pagaria muito bem. Ele era muito generoso embora não queria reconhecer e, na realidade, não lhe importava o dinheiro. Aileen pensou em sua nova situação e entendeu. Quando se tem tanto dinheiro, deixa de ser importante, já não se converte em uma prioridade para sobreviver. Agora viveria para a sobrevivência de outros.

Sorriu em seu interior. Estava contente, terrivelmente assustada por eles sim, mas egoistamente contente porque viveriam perto dela.

Voltou a olhar Caleb enquanto seguia tomando o queixo e soube que ninguém poderia ter lhe dado um presente melhor. Embevecida, olhou seus traços masculinos, seus olhos verdes que a devoravam e a mimavam por igual e então o entendeu. Estava perdidamente apaixonada por ele.

Rendida diante a evidência, soltou o queixo, se separou dele e voltou a acomodar em sua poltrona olhando pela janela para distrair-se.

—Está assustada por algo? —perguntou ele. Deu conta de sua mudança de atitude.

—Não —respondeu ela rapidamente.

—Sim. Está preocupada —resmungou ele. —E eu me sinto mal porque não sei o que está pensando. Tampouco me vai dizer isso?

—Não há nada que dizer —tentou aparentar normalidade.

—Em relação ao que falamos antes... por que se empenha em se fechar para mim? Não entende que é natural entre nós? Sua mente e a minha têm que fundir sempre, não só quando queira.

—Não posso... ainda.

Caleb a olhou com desespero e voltou a se centrar na estrada, esfriando assim o ambiente entre eles.

Aileen não o permitiria. Deslizou uma mão sobre a coxa musculosa de Caleb e a deixou aí, deixando que seu calor transpassasse a calça e esquentasse sua pele.

Caleb apertou a mandíbula, estava cansado de ficar à margem. Assim não eram os casais vaniros. Mas não pôde se conter ao sentir seu tato doce e carinhoso. Cobriu sua delicada mão com a dele, levantou, girou e a beijou no interior do pulso murmurando sobre sua pele.

—Pouco a pouco, pequena. A seu ritmo.

Não soltou a mão durante todo o trajeto.

A casa onde se encontravam formava parte de um complexo residencial de Dudley. Território vanirio.

—Tranquila...

—Não...

—Tranquila...

—Mas, Caleb —respirava agitada em seus braços enquanto olhava com ódio a Víctor, —riram de mim.

—Sei. Mas pagarão.

—Aileen? —perguntou Víctor com enganosa voz melosa. —Aileen, é você?

—Sim, desgraçado. Sou eu.

—Aileen houve um mal-entendido. Eu... eu não tenho nada que ver com isto. Eu queria dizer isso mas... mas Mikhail me mataria...

—Cinco anos... Cinco anos me enganando...

—Não enganava. Cuidava de você. Eu... não, não... eu teria protegido... teria lhe levado comigo a algum lugar...

Caleb grunhiu e se aproximou da maca. Deu uma alavanca e Víctor passou de estar na horizontal a estar na vertical. Caleb tirou a atadura dos olhos e o olhou fixamente.

—Basta —ordenou o vanirio com voz cortante.

Víctor apertou os olhos para se acostumar a tênue luz da sala e logo olhou Aileen.

—Impressionante... —sussurrou com um brilho lascivo no olhar. Caleb deu um forte murro no estômago e o deixou branco e sem respiração durante um comprido minuto. O agarrou pelo cabelo e sussurrou ao ouvido. —Não se atreva a olhá-la.

—Há... —Víctor tossiu para buscar ar. —Está... Aileen, é espetacular. — Aileen se aproximou, tentando sustentar os demônios que a animavam a arrancar os olhos.

Víctor não viu chegar à primeira bofetada.

—Está é por me enganar —sussurrou friamente. —E está —Víctor tampouco viu chegar à segunda bofetada. A cara foi de um lado ao outro —por disparar em Caleb e querer lhe fazer mal.

Caleb teve vontade de abraçá-la, tirá-la dali e a encher de mimos durante todo o dia. Ninguém o protegeu nunca desse modo.

—Me conte, Víctor —disse ela com voz melosa e atraindo com seus olhos. —Conta tudo. Para quem trabalha?

Víctor a olhou embevecido e Caleb se limitou a admirá-la, embora não gostava que baixasse seu tom de voz com ninguém mais que não fora ele.

—Trabalhava para o serviço de inteligência do estado. Detectamos a pessoas com poderes extra sensoriais, estudamos e averiguamos o que é o que as fazia distintas, mais evoluídas. Um projeto subvencionado entre outras coisas pelo departamento de defesa. Mikhail Ernepo, Patrick Cerril e Sebastián Smith são os cabeças do projeto. Uma noite Mikhail, encontrou-me e disse que tinha algo espetacular entre as mãos —o olhar perdido. A voz monótona e sem emoção. —Disse que havia um grupo de pessoas, que trabalhavam em algo parecido ao que eu, mas muito mais secreto. Investigavam a seres que não eram humanos —ficou calado. —Mas que era segredo de estado e não podia dizer nenhuma palavra disso a ninguém.

—Continua —Aileen cruzou os braços.

—Estes seres têm poderes extraordinários. Uns mudavam a animais e outros controlavam tudo a seu desejo. Estes últimos têm uma debilidade. O sol. Como vampiros e homens lobos. Só que não são nada disso, verdade?

— E estas três pessoas se encarregam do projeto por completo? Não há ninguém que...?

—Há cinco homens mais. Eles são os que realmente dão o visto bom geral ao que se faz ali. Três deles são vaniros, acredito, mas a sede os perdeu. O último caiu faz dois dias.

—Quem? —perguntou Caleb com um grunhido.

—Samael.

Aileen se esticou e Caleb golpeou com tanta força a maca que esta deu uma volta inteira de sino. Víctor chiou pela impressão.

—O que? O que acontece? Não... não me matem — despertou do feitiço da voz de Aileen e tinha os olhos brilhantes.

—Merda —gritou Caleb. —Ele era o irmão de Thor. Seu irmão... Como foi capaz? Não queria acreditar nisso mas é certo.

Víctor começou a rir como um histérico.

—Nenhum desses cinco psicopatas tem remorso algum —afirmou. —Aileen —moveu sua mandíbula —Bate bem. Se... se me soltarem ajudarei a encontrá-los. Sei onde se escondem...

—Não vai nos comprar. Quero seus nomes agora —Caleb o agarrou pelo peitilho e o sacudiu.

—Lu... Lucio, Seth e ele... o outro já sabe quem é. Samael.

Aileen esfregou os braços com o olhar perdido. Samael se converteu.

—O que lhe ofereceram em troca por vender sua alma ao diabo, Víctor? —seus olhos eram duas linhas lilás.

Víctor apertou a mandíbula em uma tentativa por evitar que suas palavras saíssem de sua boca.

—Responda —Caleb deu uma bofetada na cara.

—A... a imortalidade. Serei como vocês. Forte, idoso e poderoso. Há muitos humanos que trabalham para eles. Há grupos de caçadores que perseguem porque acreditam que são vampiros e estão dispostos a cravar uma estaca em seu coração. Eles pegam e torturam. Há outros que só são escravos. Proveem de alimento com seu próprio sangue. Logo estão os que são como Mikhail. Os iniciados, os recém transformados. Eu serei um deles.

—Será estúpido —espetou Caleb com um frio sorriso. —Parece que a todos atrai que se convertam, mas o que não contam é que a pessoa que te converte se converte em seu banco de sangue. Acha que Samael estaria disposto a alimenta-lo? Eu acredito que não.

—Tem feito com Mikhail.

—Me acredite. Mikhail ontem estava morto de fome. Acredito que já negou a primeira tomada.

—Mas se não se alimentam —sussurrou Aileen, —morderão a outros e acabarão se convertendo em animais sem escrúpulos como os nosferatus.

—Serão nosferatus, porque Samael já é. Está provocando o caos.

—Mas serei poderoso e velho de todos os modos —respondeu Víctor.

—Quais são os outros dois? —perguntou Caleb puxando o cabelo.

—Alguns berserkers renegados que também estão mudando às pessoas, sabe? Não passam muito bem com os outros três que movem todo o albergue, mas também têm a sua prole. Acredito que se chamam Strike e Hummus.

—Está acabado —murmurou Aileen incrédula.

—E você fode com um vampiro —Víctor cuspiu ao chão com asco. —Não há diferença.

—Não é verdade — disse Aileen elevando o queixo indignado. —Os vaniros não são vampiros —Caleb sorriu diante sua resposta. Não negava o que fazia com ele. —Está muito equivocado. Além disso, você é cúmplice de um terrível genocídio contra uma raça distinta à tua. É mais monstro que eles.

—Quando Samael a agarrar, Aileen, vais chorar tanto... Arrancará de coalho toda essa humanidade que diz ter e obrigará a ver como come o coração deste imbecil —assinalou Caleb com um gesto depreciativo de seu queixo. —E de seu avô e de todos esses que...

—Se cale ou corto a língua e a atiro aos ratos —sussurrou Caleb rodeando sua garganta com os dedos.

Caleb a olhou, soltou uma maldição ao vê-la pálida e assustada, se afastou de Víctor e a abraçou, acariciando o cabelo com a bochecha.

—Me escute, *álainn*, não vai passar nada. Não tema.

—E você? —perguntou ela com a voz tremente. —Também irá por você.

Caleb se afastou para lhe olhar o rosto. Não estava preocupada com ela, mas sim por ele. Sentiu que a preocupação o abraçava dando calor e forças. Sem dúvida era afortunado de tê-la.

—Víctor, quem deixou meu pai no container? —Aileen o olhou de esguelha.

Víctor jogou a cabeça para trás e soltou uma cínica gargalhada.

—Seu antigo doutor. O senhor Francesc.

—O que? —estava pálida de novo.

—Em algum momento recuperou os escrúpulos e deixou Thor à vista dos vaniros para dar pistas sobre como nos encontrar. Ele também trabalhava para eles. Mikhail e Samael o mataram. Era um traidor. Ele queria tirar dessa casa e deixar que vivesse sua própria natureza. Velho idiota... por sua culpa os vaniros chegaram a nós.

—Filhos da puta, são covardes... —sussurrou ela cheia de pena pelo senhor Francesc.

—Samael está esperando o momento adequado —sussurrou Víctor com ódio. —Irá por este e o matará —seus olhos cintilavam ódio ao olhar Caleb. —Maldito idiota. Já deitou com ela? Ela... Aileen... Você é minha... Eu estava ali para você. Protegendo-a... Esperava que chegasse sua conversão. Puta... Teria que ter esperado...

Caleb a soltou, e soltando uma maldição sem pensar duas vezes, com um rápido movimento se colocou a frente de Víctor, arrancou as correias e o lançou dando cambalhotas pelos ares até que seu corpo chocou contra a parede e fez uma brecha no concreto.

Deu um salto e voou para o corpo que jazia deslocado no chão. Víctor seguia vivo, mas a sua já malograda perna acrescentava um ombro desencaixado, a mandíbula cortada e uma das costelas sobressaía por seu corpo.

—Caleb, espera... —sussurrou Aileen assustada e tremente. —Caleb.

—Ela não é tua, ouve? —Caleb não a ouvia. Dispunha-se a dar um murro letal.

—Caleb. Não...

—Samael me vingará —Víctor ameaçou. —Samael virá por você, por que... apropriou-se do que ele queria. Como fez Thor.

—Como? —perguntou Aileen correndo a ajoelhar ao lado de Víctor. —me responda.

—Veja... Samael apaixonou-se por Jade. Ele a queria, p... mas teve que ver como seu irmão a usava em seu lugar.

—Não chegou a conhecer para apaixonar por ela... —sussurrou Aileen negando com a cabeça. —Não pode ser.

—Fazia tem... tempo que a desejava. Samael usava mais de vinte anos tentando desenterrar a disposição genética das espécies, porque intuía que o sangue berserker daria suficiente força

para resistir ao... sol. Experimentou com o sangue dos machos berserkers e logo com a de algumas mulheres, mas não obtinha nada. Depois decidiu desistir em seus experimentos porque todos fracassavam —tentou tomar ar. —Mas um dia a viu. Apaixonou por essa berserker. Queria ter Jade, apaixonou-se por ela, obcecou por ela. Mas Thor o cruzou e privou seu principal desejo. Separou-a dele. Samael queria tudo o que Thor tocava e isso só aumentou seu desejo e suas ânsias de vingança para eles.

—Samael queria Jade? —repetiu Caleb absorto.

—Ele os viu... vigiou durante os anos que estiveram fora. Encheu de ra... raiva e rancor e esperou para vingar-se. Além disso, de... descobriu que o sangue berserker não obtinha os resultados adequados, não... não fazia nada. Morto de ódio e frustração para os berserkers e para Jade, arrancou Aileen de seus braços e aos dois os torturou, durante... durante anos. Agora deseja Aileen e não parará até que a tenha.

—Terá que passar por cima de meu cadáver antes. E por que seguem raptando a berserkers e a vaniros? Descobriram algo? —perguntou Caleb surpreso por aquelas revelações.

Víctor fechou os olhos e cuspiu sangue.

—Não... Ainda não... —Caleb o sacudiu.

—É uma maneira de diminuir suas forças e um modo de seguir fazendo experimentos, porque final... finalmente, depois de décadas de experimentação... ele... ele descobriu algo recentemente.

—O que? —perguntaram os dois de uma vez.

—Aileen... você... —exaltou uma última vez, afogou com seu próprio sangue e morreu.

Ela o olhou horrorizada. Deu conta que empanava a vista até que compreendeu que chorava por ele. Pelas lembranças que tinha, que embora eram falsas, seguiam ali.

—Não estará chorando por este assassino, verdade? —perguntou Caleb furioso.

—Tem que se controlar, Caleb —sugeriu limpando a umidade das bochechas. —Deveríamos ter interrogado e o matava.

—Ele... disse —sua voz afiada saiu disparada. —Disse que era dele.

—E o que? —gritou ela se levantando furiosa.

E o que? Não podia aguentar ouvir essas palavras.

—Que não é verdade... —ele também levantou abatendo sobre ela.

—Poderia dizer tudo e você estragou... —tinha os punhos apertados a ambos os lados do corpo.

—Sim... Estraguei... E me senti melhor ao arrebentar a coluna desse assassino... Você não gosta do que vê? Pois escuta. Eu sou assim, sou um destruidor, Aileen... se acostume —a agarrou pelos braços e a apertou com força. —Sou um guerreiro, um caçador, entende? Não sou gentil.

—Faz-me mal — advertiu ela obrigando a que afrouxasse às mãos. —Não, não é gentil. É um bruto e não tem autocontrole. Por sua culpa agora não sabemos nada mais.

Tratou de dar-lhe as costas mas Caleb com um grunhido de frustração a agarrou pelo cotovelo e a obrigou que o olhasse.

—Ninguém lhe falará assim enquanto eu esteja na frente. Ouviu? —segurou o rosto com ambas as mãos e juntou sua testa à dela. —Mataria outra vez, Aileen —declarou desesperado. —E tampouco me arrependeria. Você não é dele.

—Não sou uma propriedade, Caleb —respondeu ela cativada pela dor que tingia a voz do vanirio . —Tem que deixar de me ver como uma posse. Não é bom.

—Eu... sei —confessou Caleb fechando os olhos e agitando a cabeça. —Mas sinto como se fosse minha, parte de mim. Não vou permitir que ninguém fale assim.

—Caleb... —jogou os braços ao pescoço e o abraçou. Ela não estava zangada com ele, só tinha medo do que disse Víctor. E se faziam mal a Caleb? E se... o matavam? —Só estou assustada. Abrace-me.

Caleb a abraçou e a elevou do estofado balançando-a com ele.

—Não me passará nada —a tranquilizou. —De verdade tanto se preocupa o que me possa acontecer?

Aileen apertou sua cara contra o pescoço ocultando sua expressão, protegendo de sua vulnerabilidade. Caleb não devia saber como importante agora era ele para ela.

Caleb se arrependeu de tudo o que passou entre eles. Se desde o começo tivesse sido distinto, nesse momento Aileen poderia ter reconhecido abertamente o muito que importava ele. Mas ela não confiava, ainda.

Ainda não. Disse no carro.

Inspirou cansado por essa situação. Era difícil para um homem como ele, esperar e reconhecer que sua felicidade e seu humor, dependiam dessa garota que tinha entre seus braços. Se algum dia dizia que o necessitava ou que importava ou que amava.

Ele a queria. Amava. Obrigando a se separar de sua mente essa sensação dolorosa de rechaço, abraçou com mais força.

—Sabia? —perguntou ele no final um momento. Afundou sua cara na curva do ombro dela. —Sabia que ele a desejava? Que a queria?

—Acredito... acredito que sim.

—Porco —grunhiu ele. —E você foi confiada com ele? Contava tudo? E ele ia a seu quarto cada noite?

—Sim.

—E você o deixava entrar? Estava coberta? Tocava em você?

—Como? —afastou o suficiente para olhá-lo nos olhos. Estava ressentido e ela surpreendida. —Não pode ser que esteja ciumento.

—Me responda —ordenou ele admirando a pele de sua garganta. —Ele te tocava? Tirava sangue?

Aileen se sentiu estranha e entraram os calores da morte.

—Sim — mordeu o lábio. Agora parecia horrível e muito íntimo esse gesto de tirar sangue diante de outro homem.

—Maldição —Caleb apertou a mandíbula. —Estou furioso, Aileen. Acredito que vou lhe chutar o crânio para me certificar de que está morto.

—Caleb, olhe. Está —Aileen colocou uma mecha de cabelo negro atrás da orelha. —Odeio o que me fez —reconheceu. —Estou zangada —voltou a enterrar o nariz em seu pescoço. Seu aroma a reconfortava.

—Não me arrependo do que tenho feito, pequena. Não serve de nada que me exorte —murmurou ele. —O teria matado muito antes.

—Sei —beijou seu pescoço com doçura. —Não estou zangada com você, Caleb. Só me impressionou o que fez e, além disso, estava desgostada por tudo o que estamos descobrindo. Além disso, quem são Lucian e Seth?

—Seth é um originário. Cresceu conosco, de fato, queria emparelhar com minha irmã.

—Com Daanna? —perguntou surpreendida.

—Sim.

—Mas não fez.

—Não. Minha irmã não o queria. Faz cinco séculos que não sabemos nada dele, não esperava que se convertesse, é uma notícia terrível.

—E o outro?

—Lucian —sua voz se tornou perigosa.

—Sim.

—Era um guerreiro poderoso, mas já de humano parecia que desfrutava matando. Nunca gostei dele. Nada mais quando se converteu afastou do clã e jamais soubemos dele. Ainda não posso acreditar nisso — acariciou as costas. —São perigosos. Os três. Mas eu a protegerei. Falaremos com Ás para que nos diga quem são os outros dois. Para ver se ele os conhece.

—E quem cuidará de você? —perguntou ela beijando na bochecha. Deslizou sua boca até a comissura de seus lábios e o beijou ali também.

—O que aconteceu? —perguntaram Menw e Cahal enquanto olhavam divertidos a cena.

—Caleb estava me protegendo —respondeu Aileen olhando com uma sobrancelha levantada.

—Samael se converteu —anunciou Caleb a deixando de novo no chão. Não tirou as mãos dela. —Em resumo. Samael procura alguém que permita sair sob a luz do sol. Acreditava que o sangue berserker poderia paliar esse defeito. Quis provar sua teoria com Jade, de quem estava apaixonado, mas Thor se adiantou ao reclamá-la como sua cáraid. Furioso, perseguiu-os por todo mundo jurando vingança, pois considerava que Thor roubou sua companheira. Quando os achou, os separou de Aileen e os torturou durante anos. Descobriu algo... mas não soubemos o que era.

—Merda— disse Cahal sério. —Como não pudemos nos dar conta de nada?

—Como íamos ou não? —reprovou Caleb. —Outra coisa. Os fundadores da seita que nos persegue, são Samael, Lucian e... Seth. Converteram se em vampiros.

Menw se enrijeceu ao ouvir esse nome e em sua cara posou uma determinação absoluta.

—Samael se converteu? —a voz de Cahal se tornou gelo.

—Terá que caçar Samael e Mikhail. Não ficaram livres disto —sentenciou Caleb. —Há dois berserkers mais que movem o albergue junto com os outros três. Varreremos as casas de Samael e destruiremos as sedes da Newscientists de todo o mundo. Samael se esconde em algum lugar e nos está vigiando. Devemos localizar as guaridas de Seth e Lucian. Até agora fomos cautelosos, mas isto já acabou. Vamos à morte. Avisarei Ás para que ponha em alerta os seus.

—Hoje mesmo faremos jogadas a rede —Cahal agarrou o iPhone e ficou a fazer chamadas telefônicas.

—Os encontraremos. Por certo, Cal —antes de dar meia volta, Menw o olhou, —serei o guardião de sua irmã e, se tiver que levá-la a outra parte, que não caiba dúvida de que o farei.

Caleb sorriu com sarcasmo.

—Está-me pedindo permissão?

—Não, não peço permissão. Não se tiver que ver com sua segurança. Ponha sua irmã em aviso —ignorou o comentário.

—Não gostará.

—Mas você não voltará atrás, verdade?

—Jamais —disse solene. —Deveria saber, Caleb.

—Sei, Menw —sorriu pormenorizado.

Menw saiu acompanhado de Cahal e deixaram Aileen e Caleb sozinhos. —Quero sair daqui, Caleb —pediu Aileen olhando ao seu redor enojada.

—Como deseja. Ainda tenho coisas que lhe ensinar. — Caleb olhou Víctor e, no final um segundo seu corpo fez combustão, como se alguém o tivesse orvalhado de gasolina e tivesse jogado um fósforo em cima. Abraçou Aileen e, diante do assombro da jovem, saíram da sala voando.

Não podia acreditar. Seu carro. Seu BMW estava estacionado diante do jardim da que era sua nova casa. Impoluto. De um azul elétrico formoso. Perfeito.

—Meu carro... —sussurrou Aileen caminhando na frente de Caleb. Tinha os olhos abertos e a mandíbula desencaixada. —É meu carro.

—Faz ilusão o ter aqui, *álainn*? —perguntou ele iludido caminhando com as mãos atrás das costas.

—Trouxe para mim? —girou para olhá-lo nos olhos.

—Supus que era algo que pago e que você gostaria de conservar. Assim pensei...

—Trouxe para mim? —repetiu ela esperando a que ele o reconhecesse.

—Bom... suponho que sim.

—Supõe?

—Sim. Trouxe para você.

—Obrigada, obrigada, obrigada —o beijou as três vezes e ele ficou com vontade de mais. —Por quê?

—Já disse isso.

—Diga isso outra vez. Já não me lembro —ficou nas pontas dos pés para estar à mesma altura de seus olhos. —Tenho memória de peixe.

Caleb parou em seco e deu um empurrão mental para que pudesse entrar em seus pensamentos.

—Não, Caleb —franziu o cenho zangada. —Não quero que entre.

—Não confia em mim, ainda? Quero estar dentro de você —grunhiu com impotência.

—Não, até que eu o diga.

—Aileen, tem que parar com isso. Tem que se enlaçar comigo. Por favor.

—Antes me responda— ordenou ela agarrando docemente do peitilho.

—Não quero —agora Caleb estava zangado.

Aileen percebeu que sentava realmente mal que lhe negasse as coisas, assim reagiu utilizando seu poder. Acariciou os lábios com a gema dos dedos, os delineou e se levantou um pouco mais para roçar sua boca com a dele. Um roce suave.

—Não quer? —perguntou com a voz enrouquecida.

—Não me vacile, Aileen —murmurou ele comendo os lábios carnudos de Aileen com os olhos. Seu corpo estava tenso e tinha os punhos apertados. —É perigosa.

—Não faço, Caleb.

—E o que quer então? —meneou a cabeça confundido por sua atitude.

—Que reconheça as coisas —voltou a levantar e beijou na comissura dos lábios, apoiando seu peso no peito de Caleb.

—Não me leve ao limite, neném. Nenhum dos dois saberá como reagirei —era uma ameaça.

—Você não gosta de ceder terreno, né, Caleb? Se as coisas escaparem a seu controle, fica nervoso.

—Isto não é um jogo. Estará mais certa se você e eu tivermos nosso enlace mental. E deixa de me provocar. Já disse que meu caráter é muito explosivo desde que te conheço. Me tem completamente desequilibrado.

—Então, se una ao Clube dos desequilibrados. Isto tampouco é fácil para mim. Você tem feito que me comporte assim e você é o culpado que agora eu queira me proteger de sua intromissão mental —relaxou as pontas dos pés e se afastou um passo. —Quer que eu confie em você? Então, responde a minhas perguntas com sinceridade. Só são perguntas.

—São perguntas que mostram muitas debilidades aos inimigos —respondeu ele dando um passo para ela e abandonando entre ele e seu BMW. —A perseguem. A perseguem, Aileen. É consciente do perigo que corremos?

Aileen sentiu o frio nos rins.

Sim. Era consciente do perigo que ele poderia correr. E estava muito preocupada.

—Caleb? —Daanna apareceu pela porta. —Um carro precioso, Aileen —cruzou os braços e os olhou divertida por sua atitude. —Caramba, bráthair... vai detalhar um dia.

—Economize os comentários —respondeu ele pegando Aileen pela mão bruscamente. —Contaram?

—Sim.

—E o que parece? —perguntou sem se importar pela calma de sua irmã. Daanna olhou a Aileen e sorriu com cumplicidade. Aileen soprou entreabrindo os olhos.

—Então já se preparou? —continuou Caleb. —Menw virá A... — Daanna elevou uma mão para que ele se silenciasse.

—Esta bem meu irmão? É muito para você, Aileen? —disse a jovem caminhando para eles.

—Tranquila. O tenho controlado —respondeu ela olhando de soslaio.

—Não entendo vocês. Podem estar aqui agora, nos vigiando, e estão assim tranquilas.

—Não somos estúpidas, Caleb. Nosso radar vai tão bem como o seu —respondeu sua irmã. —Se você não sentir perigo, nós tampouco. Agora não há ninguém que nos esteja espreitando e sabe.

Caleb grunhiu.

—Daanna, trata de Lucian e Seth. Seth estava obcecado com você.

Daanna o olhou fixamente.

—E o que? Não me dão medo.

—Nem a mim tampouco, merda —respondeu ele cada vez mais frustrado. —Mas vocês têm que estar protegidas. São mulheres.

—Que ardiloso —murmurou Aileen tentando liberar sua mão.

—Menw a levará com ele —continuou Caleb. —Ele te protegerá, sempre o tem feito e confio em...

—Estaremos onde achamos que mais nos precise —respondeu Daanna altiva. —E te asseguro que esta noite não nos vai danificar isso ninguém. Por isso estou aqui, venho por Aileen. E Menw não vai se atrever a se aproximar de mim, esta claro —mas disse nervosa e sem convicção.

—O que passa esta noite? —perguntou Aileen olhando Caleb com curiosidade e tranquilizando assim o ambiente entre os irmãos.

—Não contou nada, Caleb? —elevou as sobrancelhas divertida. Olhou Aileen— É a noite das fogueiras. 24 de junho.

—Isso ouvi. E o que se passa nesta noite? Onde eu vivo é San Juan, mas não tem nada especial à exceção que esse dia não se trabalha.

Daanna soprou roubando a mão de Aileen da mão enorme de Caleb.

—A deixe um pouco. Já não vai escapar —o olhou por cima do ombro. —Fique bonito, bráthair e alegra essa cara de saco cheio.

Aileen seguiu Daanna enquanto a segurou pela mão. Olhou Caleb com preocupação que observava com o rosto escurecido como as duas cabeças morenas se juntavam para cochichar.

—A verá de noite — assegurou Daanna dando um tapinha no dorso da mão. —Tampouco vai escapar. Tranquila. Ele já sabe o que tem que fazer.

—Está bravo —assegurou cheia de remorsos. Ela o levou a esse estado.

—Vai bem por uma vez que tenha a alguém que lhe baixe as fumaças. Não se preocupe por ele agora. Vamos ficar muito bonitas.

—Para que?

—A noite das fogueiras é como o baile da rosa do principado de Mônaco. Só que nós o fazemos de um modo celta. E este ano temos berserkers convidados.

—Seu irmão não me disse nada —voltou a olhá-lo por cima do ombro. Zangada agora era ela. —Melhor não queria me convidar. Melhor ele...

—Tranquila, querida. Sua atitude é própria de um homem nervoso e assustado.

—Por quê? —franziu o cenho de novo.

—Vamos dentro e conto.

Caleb observou às duas mulheres de sua vida. Pareciam bem e nunca viu Daanna tão entretida com ninguém. Tratava Aileen como se fosse um brinquedo prezado para ela, como uma irmã pequena. Aileen olhava encantada Daanna e aumentava os olhos em sinal de surpresa diante as coisas que a vanir estava lhe explicando.

A noite das fogueiras. Estava muito nervoso porque era especial e seria a prova definitiva para ele e Aileen.

De noite, se os deuses estavam de acordo com sua relação, os marcariam atando-os para sempre.

Qual seria a reação de seu jovem par?

Capítulo 24

Aileen observava seu reflexo no espelho. Fizeram um coque no cabelo que o deixava solto à meia juba. Usava um vestido comprido até os tornozelos, de cor vermelha, com claras alusões gregas, sem mangas e de ombros descobertos, atado com uma fita de seda negra sob os seios que realçava o busto de maneira generosa. O vestido era uma ode à feminilidade, pois marcava o corpo de mulher à perfeição.

Passou rímel e sombra de olhos cor lilás escuro e os delineou com o Kohl negro. Sorriu e pensou que em Troya todas as mulheres deviam ir assim vestidas, ao estilo helena.

Daanna se aproximou por trás e admirou sua obra.

—Céu, esta noite vai ser a rainha das chamas.

—Acha que gostara Caleb? —passou as mãos por cima do vestido num gesto de agitação.

Daanna a olhou com incredulidade.

—Esta tirando o sarro? Meu irmão gostaria inclusive coberta de cuspi.

—Isso é asqueroso.

—Certo — começou a rir.

—Você também está muito bonita, Daanna —reconheceu.

—Obrigada —assentiu com modéstia a vanir.

Ela usava um vestido da mesma cor e com uma única tira sobre o ombro direito. Seu vestido abria na parte inferior, igual ao de Aileen, e deixava entrever uma esplêndida e esbelta perna.

—Vestimos assim em lembrança a nossos rituais celtas. A noite das fogueiras é realmente toda uma declaração de intenções tanto para homens como para mulheres. Meu irmão não terá querido se curvar mais do necessário, por isso não contou nada.

—Você acha? —girou para olhar nos olhos.

Daanna explicou que essa noite, os celtas se enlaçavam através de uma cerimônia a aquelas que escolhiam como casais. O símbolo do fogo representava a alma e a paixão, daí que essa noite se chamasse das fogueiras, porque tudo se relacionava com esse elemento que faz que todo esquilo.

—Quando os deuses nos transformaram, a muito puta da Freyja conjurou que se alguma vez um vanirio encontrava seu par, não se vinculariam totalmente até que levassem o selo divino. E eles outorgam esse selo.

—Como é isso? —perguntou Aileen com um estremecimento.

—É uma marca sobre a pele. Uma tatuagem de cor marrom que sai em uma zona representativa do corpo, um lugar especial que simbolize algo de sua relação. O selo é definitivamente o que põe o rótulo de “Não tocar” aos olhos dos outros.

—Me vão tatuar?

—Ninguém o fará. O símbolo aparecerá sobre sua pele —naquele tempo começou a fazer as tranças.

—Não estou certa de querer levar uma tatuagem.

—Não pode fazer nada a respeito.

—Já, claro, como não... —exalou com irritação enquanto Daanna sorria por sua atitude. —E unicamente sai essa marca de vinculação nesta noite?

—Não. Na realidade, deveria sair à terceira vez que vinculam intimamente, com a troca de sangue incluída é obvio — ruborizou.

Aileen pensava sobre isso, de pé diante de Daanna, observando com admiração e reconhecimento por ter encontrado alguém amigável que contasse as coisas com consciência e paciência. Ela a tratava com carinho, como bem poderia fazê-lo Ruth. Sim, seria uma grande amiga.

—Eu não o tenho e certo que...

—Mais de três vezes, suponho —Daanna colocou corretamente.

—Sim —assentiu olhando a outro lado.

—É porque não está dando a ele os cem por cem. Ainda priva sua mente? —acabava a última trança.

—Não quero ser tão transparente quando ele não é. E não acha que não tenho vontade de me abrir a ele, mas se voltar a me ocultar algo ou a me enganar, não poderei voltar a fazê-lo de novo. As emoções aqui são muito fortes e, por agora, não posso com elas.

—Caleb está arrependido por tudo.

—Sei.

Daanna assentiu.

—Tudo sairá bem, mas têm que arriscar.

Aileen pensou em Caleb e sentiu seu coração esquentar. Arriscar. Como se já não fosse uma suicida no que a ele respeitava. Esclareceu a garganta.

—Como é a tatuagem que nos sai?

Daanna inclinou um extremo de seu lábio em um tênue sorriso.

—É um nó perene.

—Um nó?

—É um símbolo celta. O nó perene nunca desfaz e representa o complemento, o apoio incondicional, a força e a fusão do casal. Os celtas os trocavam com os amantes demonstrando assim que essa relação era para sempre. Suponho que a Freyja gostou dessa ideia romântica, assim decidiu marcar a aqueles que se vinculavam com o mesmo símbolo.

—Vá com a deusa...

—É uma grande idiota. Chateia aos casais e faz passar do Caín só porque o saído mental de seu marido era uma assalta-camas. Ainda não entendo como Morgana não saiu em nossa defesa e chutou seu bonito traseiro.

—Assim você não gostou do que fez com vocês —começou a rir. —Já sabe... as presas, a mudança de cor dos olhos, a sede de sangue e, é obvio, a exigência de saber que se não encontrar realmente seu casal, não pode ser feliz.

—É uma vinculação muito exigente e muito dura. Acredito que nem sempre se pode encontrar a sua meia laranja, sabe? Às vezes pode equivocar quando acha que a encontrou... —seus olhos azuis claros se tingiram de tristeza, mas mudaram tão rápido de expressão que Aileen acreditou que o imaginou. —Mas não deveriam nos fechar as portas diante da possibilidade de tentar ser ditosos com outras pessoas. Nós somos um clã poderoso, tentamos cuidar da humanidade e passamos a vida ocultos, para que não saibam que existimos. As mulheres —retirou uma mecha de cabelo negro para trás— estamos muito protegidas e não temos muita liberdade. Assim sempre estamos rodeadas dos mesmos homens, de maneira que não nos dá a possibilidade de nos encontrar com ninguém que possa nos estimular, alguém que nos fascine... como, por exemplo, passou com Caleb e você.

—Assim está fascinado comigo —sussurrou divertida.

—Tem meu irmão num estado de atordoamento muito preocupante, garota.

—Eu gosto —disse orgulhosa.

Daanna começou a rir.

—Você tem um nó perene em sua pele?

—Não.

—Por que não tem casal? —disse Aileen de supetão.

Daanna segurou o lápis de olhos negro e o fez rodar entre seus dedos enquanto pensava a resposta.

—Meu coração está... está ferido de morte —encolheu os ombros. Nunca foi tão fácil falar com alguém como fazia com Aileen. A moça inspirava confiança. —Olhe, vou lhe repassar.

—Esteve apaixonada?

Daanna tinha vontade de rir. Apaixonada? Ela viveu, respirou e lutou por outra pessoa durante muitos anos, em sua juventude. Não esteve apaixonada, a não ser completamente abduzida por ele. Logo, tudo mudou.

—Estive muitíssimo tempo —respondeu com pena.

—O que passou?

—Escolhi mal —fez uma careta com os lábios.

Aileen seguiu com atenção as expressões de Daanna enquanto pintava os olhos.

—Você e Menw sempre estiveram tão mal?

Daanna deu um coice. Aileen era muito direta e tinha que acostumar-se a ela. As mulheres de seu clã aprenderam a falar o justo e com sabedoria, mas isso era espontaneidade e autenticidade a seus atos. Aileen conservava todo isso e gostava.

Daanna devolveu o Kohl a seu lugar.

—É ele verdade? Ele tem quebrado seu coração —inquiriu Aileen.

—É difícil... Ele e eu...

—Pode falar com ele. Às vezes se fazem coisas horríveis acreditando que é o que se deve fazer —puxou a mão apertando com doçura. —Essas decisões fazem mal tanto ao que toma como a quem sofre as consequências e então se enche de ódio e rancor e acha que jamais voltará a acreditar nessa pessoa que tanto tem feito sofrer. Mas terá que saber perdoar, porque se não o tenta, se não conseguir transmutar a dor em aceitação e em amor, se priva da possibilidade de ser feliz. Só aqueles aos que mais quer e que mais querem são os que nos farão mais dano.

Daanna aumentou os olhos diante das palavras de Aileen.

—Também é sábia, Aileen, e uma grande oradora. Eu gostaria que outros pudessem escutar — apertou a mão em reconhecimento.

—Não sei o que te fez, mas...

—Aileen, não — deu um beijo na bochecha. Estava angustiada e realmente parecia sofrer com esse assunto. —Já disse muito e eu ainda não estou preparada para falar disso.

—Está bem. Mas lembra do que me tem feito seu irmão. E agora... eu tive que o perdoar, Daanna, porque o ódio me carcomia e me fazia sofrer e porque sentia algo muito mais forte por ele do que nunca cheguei a imaginar que fosse possível.

—Mas ainda não o perdoou de tudo. Não está marcada e é porque não confia nele — assinalou Daanna com suficiência.

—Está-me custando, Daanna. Não é fácil. Mas, enfim, acredito que tampouco sou a mais idônea para dar conselhos. Minha cabeça é um caos.

—Você disse —sorriu pormenorizada. —Mesmo assim, seu caso e o meu... são diferentes. Mas estou orgulhosa tanto de você como dele. Foi valente por sua parte. Meu irmão agora está rodeado de luz e nunca o viu tão cativado. Volta a estar vivo.

—Você também voltará a estar —Aileen estava convencida disso. Uma mulher como Daanna encontraria o amor. Devia ser amada.

—Não o vejo tão claro. Uma vez vivi sob o sol, mas agora me faz mal.

—Daanna...

—Vamos —puxou a mão e puxou ela. —Quando meu irmão a veja, vai sofrer um colapso.

Aileen assentiu. Esperava de coração que Daanna sarasse de suas feridas. Tinha muito carinho e desejava que Menw e a vanir arrumassem suas desavenças, porque se via algo claro em sua história, era que Menw foi o culpado de ferir de morte a seu coração.

Quando Caleb a viu aparecer entre as fogueiras que rodeavam o bosque do Kilgannon, simplesmente sofreu um colapso. Aileen vestia como as mulheres celtas e seu porte denotava a mesma atitude. Uma mulher celta, orgulhosa, formosa e muito consciente de seu magnetismo. Seu vestido vermelho dançava com o vento e sua juba recolhida pela metade descansava sobre um de seus esbeltos ombros.

Daanna falava com ela e ambas sorriam. Caleb não podia deixar de olhar à filha de seu melhor amigo. Era todo um espetáculo de luz e cores para ele.

—Aileen —disse Daanna entre dentes. —Aí está meu irmão. Tem que ver a cara que põe nada mais só de te olhar.

Aileen elevou o olhar e procurou com os olhos Caleb. Não fez falta procurar muito. Já o cheirava e, além disso, Caleb era o homem mais atraente que havia naquele imenso bosque rodeado de fogueiras cercadas com pedras. Seu cabelo meio solto chegava pelos ombros e seus olhos verdes a estavam avaliando centímetro a centímetro.

Caleb a olhou fixamente. Ela o olhou. E o fogo das fogueiras alcançou cotas muito altas com suas chamas.

—Vá, Cal — disse Cahal com um olhar de admiração a Aileen. —Sua cáraid pode deixar um homem sem fôlego —Caleb não afastou a vista de sua mulher e não respondeu a Cahal. —Verdade, Menw?

Menw estava apoiado em uma árvore olhando fixamente à garota que acompanhava a Aileen. Seu cabelo comprido estava trançado e tinha duas mechas negras sobre a bochecha direita. Cahal elevou as sobrancelhas e começou a rir.

—Por favor —exclamou exasperado. — Olhe... dá pena. Embevecidos por duas fêmeas. Juro pelo Odín que isto não me acontecerá —burlando deu meia volta e foi rondar às vaniras que estavam ali reunidas.

Menw se aproximou de Caleb e cruzou os braços para ver como se aproximavam as garotas.

—Se em algum momento percebemos algo estranho...

—Tranquilo, Menw. Estamos todos em alerta. Se fosse por mim, agora não estaria aqui, mas sim estaria em um lugar mais certo com Aileen. Mas é a única festa que realmente celebramos, é parte de nossa cultura e uma das noites nas que se podem emparelhar nossas mulheres.

Menw apertou a mandíbula.

—Se atreverem a nos atacar esta noite...

—Não. Não esta noite. Não tão cedo. Já sabem que os temos descoberto e, além disso, sitiou as propriedades de Samael. Estará muito entretido agora ocultando e reorganizando sua seita.

—Não é só ele quem me preocupa.

—Seth e Lucio não estão na Inglaterra. Temos vigilância em todo o país e, de momento, não há notícias deles.

—Seth virá — disse com veemência. —Pressinto.

—Pode ser. Acabamos de declarar a guerra. Agora sabemos quem são e o que fazem, e estamos unindo para combater. Não ficarão de braços cruzados enquanto sabotamos.

Menw olhou Daanna e assentiu com decisão.

—Terá que vigiá-la, Caleb.

Caleb o olhou de esguelha e assentiu com um leve gesto do queixo.

—O que tem pensado?

—A levarei. Não sei nem quando nem como. Samael conhece a profecia que recai em Daanna —encolheu os ombros. —Certamente informou a outros sobre ela. Também irão por ela.

—Sei que a protegerá, Menw. Ela é muito importante para nós.

—Nunca desejou —sorriu amargamente. —Freyja a marcou para sempre.

—Daanna tem muito poder em seu interior. Os deuses sabiam o que deviam fazer. É a ungida.

—Não lhe perguntaram.

—Não tinha opção —respondeu Caleb olhando pormenorizado. —Está preocupado por ela.

—Sim.

—Não tem que se preocupar por ela, meu amigo. Deve se ocupar dela. — Menw se surpreendeu ao ouvir falar Caleb daquele modo. Aileen o estava trocando, serenava e o enchia de paz, daí que surgissem seus sábios conselhos. Mais que nunca admirou a Aileen por fazer de seu amigo um homem feliz e admirou ao Caleb por não temer o amor e o poder que este acordava no interior das pessoas quando se compartilha com o casal perfeito.

Daanna e Aileen chegaram nessa mesma altura e Menw retrocedeu um passo até voltar a apoiar na mesma árvore onde estava anteriormente. Olhou Daanna com um falso gesto indiferente e esta o olhou a ele durante uns segundos compridos que pareceram eternos e logo saudou carinhosamente a seu irmão, como se nunca tivesse se fixado em Menw.

Quando Caleb olhou Aileen para elogiá-la, Beatha e Gwyn que se aproximavam deles com as mãos entrelaçadas, se adiantaram.

—Aileen, está preciosa — disse Beatha saudando carinhosamente e beijando na bochecha. Olhou Caleb e os olhos brilharam de cumplicidade. —Alegra-me que compartilhe esta noite conosco —reconheceu a formosa mulher voltando para olhar.

—Obrigada —respondeu a jovem ruborizando ligeiramente. Parecia que todos ali sabiam o que aconteceria entre Caleb e ela.

—Impregne —disse Gwyn desviando a atenção. —Ás e seus meninos já estão aqui.

—Obrigada por convidá-los, Caleb — disse Aileen agradecida.

—De nada —assentiu ele.

—De fato, agora estão tomando um pouco de nosso prezado hidromel —comentou Gwyn agradado.

—Então terão que me desculpar um momento —soprou Caleb pesaroso. —Cahal preparou esta vez todo o processo e acredito que o deixou fermentar muito... Está muito forte e terá que os advertir.

—Hidromel? —perguntou Aileen.

—É nossa bebida predileta em noites de solstício e rituais —respondeu Beatha. Puxou o braço de Aileen e Daanna e as levou com ela.

Caleb e Aileen se olharam fugazmente e ela teria jurado que Caleb se desculpava por não poder atendê-la pessoalmente.

—O que é? —inquiriu Aileen centrando em Beatha.

—É feita de água de chuva e mel — disse a alta e loira mulher. —Quer ir e a provemos?

—Sim —soltou Daanna. —Será divertido.

—Leva... leva álcool?

—É como vinho... e sim —assentiu Beatha divertida. —Sobe à cabeça.

—Se embebedam? —disse uma cética Aileen deixando arrastar para a zona onde bebiam as mulheres.

Todas elas estavam embelezadas com vestidos helênicos, o cabelo solto e sandálias plainas com tiras até as panturrilhas. Aileen admirou tanta beleza feminina junta. As mulheres eram preciosas, esbeltas e com certo ar aristocrático.

O mundo vanirio era um mundo visceral e noturno. Entretanto, tudo nele estava impregnado de beleza.

Todas a olharam e sorriram dando boas vindas. Aileen em seguida se sentiu cômoda, mas quando acreditou que faltava sua melhor amiga, Ruth apareceu de em meio delas.

—Ruth? —exclamou Aileen feliz.

—Meu Deus, Eileen... —Ruth não se acostumou a chamá-la por seu verdadeiro nome. Para ela sempre seria Eileen. Estava tão bonita. Inclusive ela também a vestiram igual e seu comprido e espesso cabelo mogno brilhava como se fora fogo. —Esta parecendo carregar o diabo.

Todas as mulheres se puseram a rir diante a ocorrência de Ruth. Aileen admirou a facilidade que tinha sua amiga para contatar com as pessoas.

—O que faz aqui? —perguntou.

—Daanna é misericordiosa —respondeu Ruth sorrindo à irmã de Caleb. —Disse-nos que nos viria bem nos limpar e conhecer melhor seu mundo. Além disso, seu querido namorado é um nazista, sabia? Já nos está dando trabalho que fazer e pretendia que ficássemos encerrados na casa de Notting Hill. Dispôs tudo para que estejamos ali e temos guarda-costas que não deixam o sol nem a sombra. Só levamos umas horas nessa mansão e já me estava afogando —sorveu fechando os olhos com prazer. —Que bom está isto... Por certo, a casa é tão grande que vou necessitar um mapa para não me perder.

—Gabriel também está aqui? —Aileen olhou aos arredores.

De repente se ouviram vivas e gargalhadas ao outro lado, onde bebiam os homens dos barris. Ali, um Caleb muito divertido golpeava as costas de Gabriel para que não se afogasse com o hidromel. Não foi difícil imaginá-los faz dois mil anos com as caras pintadas, as espadas e os escudos na mão, aclamando e chiando de alegria quando ganhavam uma batalha.

Aileen sentiu fogo nas vísceras quando olhou o imenso corpo do vanirio junto ao de seu melhor amigo, e isso que Gabriel era grande.

Quando girou para olhar Daanna, esta já oferecia a primeira taça de hidromel.

—Por você, Aileen. Bem-vinda a casa.

Ao olhar às vaniras, todas tinham uma taça na mão e a olhavam esperando que ela bebesse. Ruth voltou a encher sua taça do barril e elevou o braço preparada para brindar.

Aileen inspirou profundamente e ao exalar disse.

—Por vocês.

As mulheres esvaziaram suas taças de repente e Aileen seguiu seu exemplo. Quando aquele gostoso e doce líquido deslizou por sua garganta, relaxou por completo maravilhada pelo gosto que deixava em sua língua e no paladar.

—Minha mãe... —sussurrou. —Isto terá que comercializá-lo, porque ficaríamos ricos.

—Está bom, verdade? —Beatha passou um braço por cima. O hidromel desinibia a todos.

—Por isso os romanos lutavam contra Asterix. Queriam sua beberagem —sorriu aceitando outra taça que oferecia Ruth.

—Que não decaia... —murmurou Ruth passando língua pelos lábios.

—Cheira bem, brilha como o ouro e é muito bom.

—Amém —exclamou Daanna bebendo de sua segunda taça.

—E Cahal fez isto? —perguntou uma incrédula Aileen ao aceitar a segunda taça de Beatha.

Algumas suspiraram para ouvir o nome de Cahal.

—Uff, esse homem as põe brincalhonas, querida —murmurou Ruth olhando de soslaio. —A verdade é que está muito bom.

As vaniras puseram a rir diante o atrevimento de Ruth.

—Cahal é um terrível mulherengo —disse Daanna observando ao longe o buchicho. —Mas sabe como fazer uma boa fermentação alcoólica do mel... —bebeu um gole da segunda taça e deu o copo a Ruth para que o enchesse. —E seu irmão é um inepto. Quero outra taça.

—Vá a turca vai pegar, Daanna —comentou Ruth enquanto voltava a encher a taça.

—Bem-vinda seja —elevou a taça de novo e todas as vaniras, incluídas Beatha e Aileen a imitaram. —Por um mundo sem tripés que nos amargurem a vida —exclamou olhando os homens que riam e jogavam entre eles.

Beatha começou a rir com Daanna e então, quando abraçou à irmã de Caleb morta de rir, Aileen divisou sua tatuagem. No ombro direito, havia um precioso tribal circular de cor marrom escura, do tamanho de uma moeda. No centro do intrincado desenho havia uma espécie de gema de cor amarela. Sem dúvida era um selo formoso.

—Você gosta de sua tatuagem, Aileen? —perguntou Ruth observando o desenho.

Beatha girou para elas e sorriu orgulhosa.

—É meu selo.

—Gwyn o deixa igual? —perguntou Aileen maravilhada pelo desenho.

—OH, sim —assentiu Beatha olhando Gwyn ao longe. Gwyn percebeu que Beatha o observava, girou e piscou um olho. —Ele me pertence.

Aileen olhou o casal e sentiu um pouco de inveja pela aceitação que havia entre eles.

—Acredito que levam muito longe de pertencer —murmurou Aileen por cima de sua taça.

—Também acontecerá —Beatha encolheu os ombros e bebeu de sua taça. —Não está marcada ainda?

—Não.

—Não me quer perguntar nada? —a olhou de esguelha com cumplicidade.

—Não sei...

—Quer saber se doerá?

—Doerá? —franziu o nevoeiro obscurecendo seus olhos lilás.

—Sim —tentou não tornar a rir.

—Fantástico —respondeu desinteressada. —E a ele?

—OH, a ele também. Mas passará.

—Basta, não aguento — disse Daanna. —Tomem outra taça pelas que não têm a ninguém a quem se aproximar, estão dando vontade de vomitar. Brindemos por mim —levantou sua taça de novo e todas a imitaram.

—É um clube novo? —perguntou Ruth. —Posso apontar? —olhou de soslaio ao grupo de homens formado por berserkers e vaniros. Entre eles estava o desagradável Adam. —Não trazem suas mulheres?

—Quais? Os berserkers? —disse Daanna assinalando com a cabeça. —Não podem. É lua cheia e precisam descansar para o que os espera.

—O que? —perguntou Aileen curiosa.

—São noites de acoplamento. É não te contou nada seu avô?

—Não sobre isso.

—Conta, Daanna —Ruth a animou a prosseguir enquanto olhava divertida o enorme berserker que agora a olhava com desdém. Ruth parecia cair tão bem como ele a ela.

—De fato, é todo um detalhe que os machos berserkers estejam hoje aqui. Suponho que irão porque suas fêmeas os necessitam. Precisam acoplar com eles, culpa da lua —encolheu os ombros e ela mesma voltou a encher um novo copo de hidromel. —passam toooodo o dia cardando —sorria divertida.

—E você como sabe? —perguntou Beatha intrigada.

—Uma noite vi um casal em ação —confessou um pouco envergonhada. —Faz anos. Era lua cheia. Não podem imaginar como o som era selvagens...

—Ah, sim? —Ruth elevou uma sobrancelha e voltou a olhar Adam do longe. Este a observou completamente quieto enquanto esvaziava seu hidromel. Devolveu o copo a Caleb, disse algo e o vanirio voltou a encher o copo.

—Querida — Beatha colocou uma mão sobre o ombro de Daanna, —quando encontrar seu cáraid verá que os vaniros não estão muito domesticados nesse aspecto —logo olhou a Aileen e piscou um olho.

Aileen sorriu enquanto bebia e logo controlou os movimentos de Caleb. Queria vê-lo. Queria estar com ele.

Ali estava esse homem, se fazendo de anfitrião dos que até fazia uns dias eram desgraçados inimigos de sua raça. Noah lhe bateu e, entretanto, agora falava com ele e o berserker parecia que prodigalizava um enorme respeito.

Os carros rodeavam a clareira do bosque onde estavam celebrando. Cahal se dirigiu ao dele, abriu a porta do piloto e ligou seu equipamento de música.

Imediatamente a canção No fear, do The Rasmus, soou alto e claro, a uma grande escala de decibéis.

—Que comece a festa... —gritou eufórico com o pescoço jogado para trás.

Aileen sentiu uma profunda emoção ao ver o que ali acontecia. As mulheres correram para estar no centro das fogueiras e começaram a mover seus quadris sinuosamente. Não atendiam os homens, dava igual se as olhavam.

Estavam desfrutando de sua sensualidade juntas, entre elas, e não se envergonhavam diante do público.

Os berserkers as olhavam embevecidos diante de sua coquete desinibição.

Os vaniros em seguida animaram a dançar com elas, as agarrando pelos braços, entrelaçando pernas, quadris com quadris... Elas gritavam divertidas e embriagadas pelo hidromel.

Ruth não demorou em unir se a elas.

—Veem, Aileen... — animou-a.

Aileen observou Caleb ao longe e pôde comprovar que ele a controlava de soslaio enquanto falava com Adam.

—Sim, agora irei —respondeu enquanto se aproximava da carriola de homens entre os que se encontrava ele.

—Certo... —imediatamente um enorme berserker segurou Ruth pela mão para que dançasse com ele. Era atrativo. —Não me importo nem que me peça isso, bonito — sorriu encantadoramente enquanto agarrava seus ombros e se deixava levar.

Aileen começou a rir ao ver sua melhor amiga tão divertida. A meio caminho seu avô Ás parou para saudá-la.

—Passa bem, pequena? —perguntou.

Aileen se alegrou ao vê-lo em um momento tão corajoso e o abraçou.

—Olá, vovô —esfregou sua bochecha contra seu peito. —Também veio.

—Caleb nos convidou a tomar hidromel. Não podia rechaçar o convite —puxou o rosto com ambas as mãos. Seus olhos pareciam desafiantes. —Está tratando bem, Aileen? Se não for assim, diga isso e eu...

—Não, não, vovô —se apressou a cortá-lo. —Ele... A verdade é que sim.

—Eu não queria forçar que estivesse com ele. Acha? Não queria obrigar, mas... É um assunto delicado e ele realmente é seu casal e eu...

—Vovô —segurou sua imensa e calosa mão entre as suas, —compreendo. Está-me custando entender este mundo. Não é simples. Me educaram como uma humana e tenho uns patrões mentais muito fechados, mas...

—Sim?

—Mas também está em minha natureza aceitar tudo o que me acontece agora. Eu formo parte disto —olhou encantada tudo o que rodeava. —Rituais, feitiços, deuses, magia, guerra... presas. Não me parece tão desatinado e, cada dia que passa, entendo melhor.

—Então, não é tão horrível, não?

—Não —respondeu olhando Caleb , que agora tinha os olhos velados de incerteza. Desde quando se mostrava tão transparente com ela? —Acredito que não.

—Tinha medo de que estivesse ressentida comigo por impor sua relação com ele —Ás girou e o saudou com um gesto da cabeça. —É um homem de honra, Aileen. Ele tratará como merece e eu estarei tranquilo se permanecer a seu lado.

—Vovô —abraçou a ele. —Não posso estar zangada com você nem sequer com ele —se surpreendeu ao reconhecer isso em voz alta. —Tudo o que me passou me revelou quem sou.

—É valente —disse Ás com admiração. —Como sua mãe foi arriscar por amor.

—Você... Você a perdoou?

Ás apertou a mandíbula e baixou o olhar.

—Ela fugiu de mim porque temia que não entendesse sua relação com Thor. O que mais odeio é reconhecer que Jade tinha razão. Eu a teria castigado e repudiado por isso, Aileen. Então não sabíamos nada do que sabemos agora —suspirou e observou a sua neta com olhos chorosos. —Ela foi valente ao lutar pelo que queria, deixou de objeções sociais entre nós, de prejuízos e racismo, e no final sua valentia deu um fruto maravilhoso.

Aileen tragou saliva para aliviar o nó que sentia na garganta.

—Você, Aileen— prosseguiu, —tem aberto os olhos e nos deste a possibilidade de nos fazer mais fortes. É a lembrança vivente de minha filha e a amo pelo que está conseguindo e pela mulher que é.

—Obrigada —abraçou fortemente a ele. Não queria chorar e custou muito encarcerar as lágrimas para que não se derramassem sobre suas bochechas. —Obrigada.

—A você, querida —beijou sua cabeça e se afastou um pouco. —Então, já vou —sorriu envergonhado. —vai estar bem, verdade?

—Sim. Estarei bem.

—Qualquer coisa, já sabe onde estou.

—Sim, sei — começou a rir.

—Bem —sorriu abertamente.

—Bem — deu um beijo na bochecha.

—Anda, vai.

Ás se afastou dela. Deu a mão a Caleb para despedir, disse algo ao ouvido e este assentiu solenemente para logo olhá-la a ela com olhos acesos.

Aileen sentiu um calafrio ao ver Caleb aproximar-se. Grácil, masculino, certo e elegante. Poderoso, pensou enquanto passava ao redor das chamas que cercavam a zona.

O vanirio não tirava os olhos de cima. Fazia um momento que queria escoltá-la toda a noite, explicar o que significava um dia assim para eles, mas todos a roubavam.

Quando não ficava mais que cinco passos para chegar a ela, Noah cruzou em seu caminho.

Aileen aumentou os olhos ao vê-lo e deu de presente um enorme sorriso de complacência.

—Dança comigo? —perguntou o berserker fazendo uma reverência. Aileen ficou nas pontas dos pés para olhar Caleb. Este franziu o cenho.

—Pois é que...

—É só um baile, Aileen. Logo irei —Noah inclinou o pescoço a um lado e sorriu picaramente. —Por favor.

Aileen sacudiu a cabeça e sorriu. —Está bem, só um.

Caleb se afastou enquanto ambos foram juntos a essa pista improvisada onde todos dançavam desinibidos. Não imaginaria que seres tão letais e agressivos pudessem ter tanto sentido do ritmo.

Soava ao fundo a canção do All Good Things Come To An End.

Noah a agarrou pela cintura enquanto se moviam ao som da música com graça e elegância.

—E me diga — sussurrou Noah ao ouvido, —como vai com a presas?

Aileen esclareceu a garganta.

—Bem, obrigada. Se chama Caleb.

—Trata bem? —deu uma volta para logo voltar a segurar pela cintura. —É bom com você?

—É muito bom —o olhou censurando.

—Ainda segue zangada comigo pelo que fiz?

Aileen lembrou com amargura as chicotadas que prodigalizou Noah a Caleb.

—Devia ter um castigo pelo que fez, Aileen. Entende? —seus olhos a olharam rogando perdão.

—Não gosto de falar disso agora.

—E bem?

—Não. Não estou zangada. Não aprovo essas ações. Me... sacode por dentro tanta violência.

—Fiz por você —agora Noah a balançava mais brandamente com suas mãos doces e ligeiras.

—Bom... não sei se agradeço —apoiou uma mão em seu ombro para por distância.

—Quando chegou à manada...

—Quando me recolheram, faz apenas uns dias —retificou-a docemente. —Não somos animais, lembra.

—Sim. Pensei que fosse ser para mim. Meu... casal. — Aileen parou em seco e o olhou assombrada.

—Segue dançando — animou ele arrastando. —Eu acreditei que era meu momento de me emparelhar —encolheu os ombros. —E de verdade que não me importaria fazê-lo com você.

—Noah, eu...

—Mas acredito que Caleb chegou antes que eu, verdade? —sorriu com tristeza.

—Sim.

—Não duvidou nem um segundo —fez uma careta de desgosto.

—Não, não duvidei —afirmou ela observando o belo rosto de seu amigo.

—Ama-o?

—Mmm?

—Ama-o.

—Eu não disse...

—Bem —exalou o ar bruscamente. —Agora que estou certo de que está convencida já posso ir desta festa de bêbados. Mas, Aileen...

Aileen ainda estava confundida pela afirmação tão terminante de Noah a respeito de seus sentimentos por Caleb.

—O que?

—Se cansar dele, sempre pode vir para mim —um brilho de diversão relampejou em seus olhos ambarinos.

—OH, se cale — golpeou no peito com força.

—Tem meu número — fez o gesto do telefone com as mãos. —me chame, querida.

—Certo —levantou o dedo do meio.

Quando Noah se foi, arrastou com ele Adam, que seguia olhando furioso a Ruth, e esta o despedia beijando seu dedo do meio e soletrando a palavra imbecil com os lábios enquanto meneava o traseiro roçando a virilha de um dos de sua manada.

Aileen fez negações com a cabeça. Odiavam-se.

Logo observou Daanna, que dançava rodeada de vaniros. Intocável. Longínqua. Inalcançável para todos. E Menw não tirava o olho de cima. O que complicado parecia tudo entre eles.

Mais tarde, seus olhos se detiveram diante do espetáculo que ofereciam Beatha e Gwyn. Aquilo era sexo implícito em cada um de seus movimentos. Gwyn deixava que ela se agitasse e se movesse entre seus braços, ele aproveitava e cheirava o cabelo, beijava o pescoço, lambia a orelha... queria tocá-la, mas não deixava. Mantinha suas mãos longe e o provocava. E quando se olharam, não só havia desejo, mas também adoração. Perderam duas crianças pelo caminho, mas tinham uma vida imortal juntos para ressarcir. Ambos se amavam e seu amor era mais forte que nada.

Um amor como o que ela sentia por Caleb. Sim. Não negaria mais. Aileen procurou o vanirio com os olhos e o viu afastando das fogueiras e cruzando uns matagais que o ocultaram por completo.

Aileen acelerou o passo e o seguiu. Por que ia?

Quando cruzou os matagais, encontrou em uma planície oculta por árvores, em cujo centro havia umas pedras enormes a modo de altares. Não havia rastro de Caleb.

—Caleb? —perguntou elevando a voz.

—Está se divertindo, princesa?

A voz vinha de suas costas. Quando girou o encontrou apoiado numa das árvores com as mãos nos bolsos de suas calças negras de pele. A cintura da calça ficava por debaixo do umbigo e sua pele desenhava todos os músculos à luz da lua. Seu torso nu, como o de todos os vaniros em uma noite como essa. Meio cabelo recolhido em um rabo e várias tranças magras caíam pelos ombros. Em sua bochecha direita, três linhas perfeitas de igual medida ressaltavam de cor negra e faziam que seus olhos parecessem muito mais claros do que já eram.

Aileen o olhou de cima abaixo e ficou hipnotizada. Mas quando centrou em seus olhos esmeraldas, tremeu de emoção, de antecipação diante o que poderia acontecer entre eles.

—Hoje todos queriam falar com você, pelo visto —se aproximou mas não a tocou.

—Sim.

—E seu avô Ás.

—E Noah —murmurou entre dentes.

—Sim, Noah também —respondeu ela esgotando os olhos. Não parecia muito tenro, precisamente.

—Dançou com ele e riu — levantou o queixo.

—Por isso se foi?

—Fui para deixá-los com intimidade. Parece que a necessitavam. Diga-me, Aileen, você gosta dele? Se eu não estivesse aqui, teria ido com ele?

Aileen sentiu como se alguém jogasse um balde de água gelada por cima.

—Não posso acreditar nisso... claro — espetou provocando. —Assim que desse a volta — levantou o queixo desafiando. Os olhos brilhavam pelas lágrimas. A raiva deixava ver em suas palavras.

—Diga isso Aileen. E não brinque comigo — a segurou pelos braços apertando com força. — É por isso? Por isso não me deixa entrar em você? Não sei nem o que pensa nem o que sente por ele. Diga isso. Sei que gosta.

—Merda, Caleb. Odeio você. Odeio... Porco... Odeio... —golpeou o peito com força para o afastar o dela.

Como se atrevia a insinuar algo assim? Como podia sequer pensar?

—Por favor, Aileen — apertou contra ele abraçando com força. Ela seguia brigando com ele, —estou ficando louco. Necessito o contato com você e não sei se o que me diz é verdade. Não tenho modo de comprová-lo.

—Então, confia em mim... —voltou a bater no peito. —Não pode ser tão difícil...

—Mas...

—Tem que confiar em mim, Caleb... Tem que fazer... Se não... Se não me respeitar e não aceita este desafio, nada funcionará entre nós — disse desesperada sem nenhuma possibilidade de parar a corrente de lágrimas. —Tem que esforçar igual a eu me esforço em compreendê-lo.

—Aileen, não está em minha natureza fazer as coisas assim.

—Sim está... Fodido covarde... Acha que eu não quero me fundir com você? —suas bochechas estavam vermelhas da ira e frustração.

—Quer? —perguntou ele tremente.

—Claro que quero, Caleb... Mas preciso saber até que ponto posso confiar em você outra vez. Preciso estar certa de que não guarda nada para você.

—Mas o de ontem à noite...

—Ontem à noite foi genial —respondeu ela apertando os punhos. —Mas não é suficiente. Não para mim. Você se abre enquanto me manuseia e goza... mas só faz nesse momento. Ontem, além disso, estava drogado. Quando tudo isso passa, logo, volta a desconfiar de mim. A guardar coisas. Esta manhã tornou a fazer e me vi obrigada a tratar mal, Caleb, e eu não gosto.

—Mas você gosta do que faço. Desfruta comigo.

—Temos que separar o que acontece entre nós na cama do que acontece fora dela. Tem que ser meu melhor amigo, não só meu amante —colocou a mão sobre a frente e exalou com força. — Quero um companheiro que não duvide em me dar isso tudo, porque eu não duvidarei em dar isso tudo.

—Aileen...

—Daanna me disse que tinha muitas couraças. É certo — assinalou com o dedo obrigando a que ele retrocedesse. —Não quer que ninguém escave nelas, que ninguém as desmorone, porque acha que isso o faz vulnerável. Mas eu não sou seu inimigo, Caleb. Entende? Não sou seu inimigo —gritou furiosa cravando o dedo indicador no peito. —Não vou ceder até que veja que realmente se abre para mim. Se esforce. Fale e explique isso tudo. E faz não só porque eu me coloque à força em sua cabeça e averigue as coisas, mas sim porque realmente gosta de dizer.

Caleb tremia da ira e a impotência que o percorria. —Mas não somos humano —grunhiu. — Os casais vaniros não se comunicam assim.

—A merda os casais vaniros... vais tratar-me como eu mereço, como eu digo... foi horrível, Caleb. Desde o começo. Você aparece, coage e ocupa tudo. E a única que cedeu e é flexível aqui sou eu. Eu... eu não posso respirar.

—Eu tampouco —explodiu. —Acha que eu gosto de ver como outros casais se sentem tranquilos entre eles porque têm um contato do que me priva minha mulher? Odeio... Deixa-me louco... Você, bruxa insuportável... Não posso pensar —puxou o cabelo e caminhou para ela. —Tudo é você. Olhe onde olhe, aí está você, aqui dentro —golpeou a cabeça. —E não sei o que fazer... Sou idiota e torpe. Sinto me estúpido... Tornou-me um inútil. Assim... eu... não posso te proteger. Eu não tenho nada bom que lhe dar... Estou podre... Levo muitos anos brigando... Eu sei de guerra, não sei de... não sei o que é... Mas você está aí... está aqui — golpeou o peito— como um torniquete, me fazendo sangrar a cada momento. E não sei como fazer que você... que possa... porque eu realmente quero... —realmente estava arrasado e por fim revelava algo mais de si mesmo. A deixou e deu meia volta abatido e murmurou. —Noah seria melhor que eu.

Aileen sentiu que algo explodia em seu interior por ouvir sua rendição.

—Covarde... Veem aqui... É um covarde — gritou entre lágrimas. Correu para ele e o golpeou nas costas. —Quer que vá com ele? Diga-me? Seria mais fácil para você? Odeio, Caleb...

Caleb girou e a agarrou pelos pulsos para que deixasse de bater.

—Iria com ele? —perguntou desolado e triste. Desesperado porque não sabia como fazer ver o que ela significava em sua vida. —Se isso for fazer feliz, faz. Eu só...

—Você o que? —soluçou.

—*Mas fheárr leat Noah, Gabh e, leannán.*[40]

Aileen fechou os olhos e negou com a cabeça.

—Deixa de me tratar assim. Não pode me provocar tanto... —gemeu rogando. Estava se voltando louca. —Por favor, Caleb.

—A quem prefere? Com quem iria? —sacudiu-a levemente. —Ele certamente é mais compatível com você do que eu sou —cada palavra que dizia em favor do berserker rasgava o coração. —Eu só quero deixar de a fazer chorar... e Odín sabe que eu não suportaria saber que outro a toca, mas, se for melhor para você...

—*Gur fuathach leam dou thu* [41]— disse com raiva agarrando pelo cabelo.

—Aileen —puxou o rosto. —Só me responda. Deixe-me ouvi-lo. Preciso ouvi-lo.

—*Thagh me thu...*[42] —gritou. Olhou-o desesperada e afundou sua cara no peito e começou a chorar como uma menina. —Bruto insensível... Thagh me thu... —golpeou sua peitoral rendida e abatida.

Ele a observou tremer sobre seu peito. Rodeou com seus braços e a abraçou. Sabia que a levou ao limite, mas não sabia fazer as coisas de outro modo. Entretanto, deu conta de algo

---

[40] *Em gaélico significa Se preferir Noah, agarra-o, meu doce coração.*

[41] *Em gaélico significa odeio.*

[42] *Em gaélico significa escolho a você.*

valioso para ele. Algo que nunca havia sentido. Acreditava. Acreditava nela. Confiava em suas palavras. Confiava nela. E do mesmo modo desejou... Não. Do mesmo modo queria que ela confiasse nele. Não estava preparado para dizer que a amava, mas a amava. Amava. Como não soube dizer afundou o rosto no oco de seu pescoço e a beijou docemente.

—Thagh me thu, Aileen — sussurrou apaixonadamente.

—*Cha deán*[43] —respondeu ela entre soluços tentando afastar. —Não é verdade. Estava entregando a outro quando eu...

—Sim, é, meu doce coração. Minha *leanndn*[44] —quis beijá-la mas afastou o rosto. —Veem, não se afaste.

—*Carson*[45]? por quê? —exigiu olhando com os olhos arrasados em lágrimas. —por que me escolhe agora?

—Porque necessito isto para começar a mudar... —tocou os lábios e deslizou a ponta de seus dedos por seu pescoço até chegar a seu peito esquerdo. —Só isto — colocou a mão sobre o coração. —Sou todo teu, Aileen. *Tha thu mo leanndn*[46] e te necessito.

—Não —soluçou.

—Sim. Veem —abrangeu sua cara com as mãos.

—Tentará confiar em mim? Disse isso esta manhã. Isto não funcionará se não nos abrimos. Só tenta, suplico isso.

—Me olhe. Não estou drogado nem sob pressão. Estou falando de dentro — acariciou a bochecha e se inclinou para beijá-la. —Aqui o único que deve suplicar por você sou eu. Demonstrarei que sou de confiança, que posso me entregar por completo e que pode confiar em mim. Eu já confio em você, Aileen. Mas eu sou o problema. Verá que poderá confiar em mim — mordeu os lábios e ela tremeu entre seus braços.

—*Carson*? —ela ficou nas pontas dos pés e não pôde resistir beijá-lo com doçura. Realmente ele estava abrindo. Sentia-o em seu interior, como se entre eles fluíra uma energia poderosa e inquebrável que não tinha fluido antes, e gostava.

—*Tha meu gu tinn Á t 'aonais*[47]— agarrou nos braços e a beijou como se fosse comer

—Sim —reconheceu beijando de novo.

Aileen teve que pinçar em sua memória para lembrar o que significava isso.

—Fica doente sem mim? —abraçou a ele e beijou seu pescoço.

—Sim —a abraçou com força e ela se deixou mimar. O corpo dessa mulher era um bálsamo de luz e de paz para ele.

—Está ciumento de Noah, por isso me falou assim?

—Sim —reconheceu beijando de novo.

---

[43] *Em gaélico significa me deixe em paz.*

[44] *Em gaélico significa meu doce coração.*

[45] *Em gaélico significa por quê?*

[46] *Em gaélico significa você é meu doce coração.*

[47] *Em gaélico significa porque me ponho doente sem ti.*

—Mas sabe que eu não poderia me deixar tocar por ninguém que não fosse você. Sabe, verdade?

—Sim, acredito quando diz —reconheceu humildemente.

—E por que me pressiona desta maneira? Me encurrala constantemente.

—Porque ele é mais amigo teu que eu. Com ele está tranquila e relaxada. Comigo nunca está assim.

—Então me relaxe, Caleb. Tranquilize-me — passou a mão por sua espessa juba e o atraiu para ela. Beijou de um modo que era pecado. Não havia um lugar de sua boca que sua língua não acariciasse. —Nunca fiz isto a ele. O que acha que quererá dizer? —perguntou sobre seus lábios.

—Por Morrighan... e matarei se faz —e passou a língua pelos lábios e saboreou Aileen. —Quer... quer dançar comigo?

Aileen olhou seus corpos. Penduravam os pés porque Caleb a levantou com todo seu corpo em contato com o dele.

—Não aqui — disse ele com a voz rouca.

—Onde?

—Você só me diga se aceitar. *'N deíd tão li um mo chailin?*[48]

—Sim. Vou com você —sorriu e se agarrou melhor a ele. —Mas só porque me chamou "minha dama".

—Você gosta que te diga mo chailin? —abraçou melhor.

—Eu gosto de tudo o que me diz quando fica tenro —acariciou seu nariz com o seu.

—E me põe a mil quando fala em gaélico.

—Bem —sussurrou ao sentir o desejo em seu sangue. —me leve para dançar, Caleb.

—Se agarre, pequena.

De um salto se impulsionou com ela para o céu e saíram como uma bala do espesso bosque inglês onde se encontravam. A seus pés, seguia a festa, corria o hidromel, agitavam os corpos e dançavam as fogueiras.

Pega a seu corpo sentiu uma estranha sensação sob o ventre, como se deslizasse mel líquido. Caleb se apertou mais a ela e embalou sua ereção entre as pernas dela.

—Caleb —gemeu ela. —Estou ardendo.

—E eu, neném —gemeu ele também acelerando o voo. —Morro de vontade de...

—Não, estou ardendo de verdade. Queima —esta vez sua voz soou se desesperada.

—O que te queima querida? —perguntou ele preocupado.

—Abaixo —murmurou ela apertando a cara contra seu pescoço. —E... ah...

—O que?

—Não sei o que me passa, mas... dói.

—Dói? Aguenta, já chegamos em casa.

—Não. Não aguento — abraçou mais forte a ele e rodeou a cintura com as pernas apertando fortemente contra sua ereção.

---

[48] *Em gaélico significa Virá comigo, minha dama?*

Capítulo 25

—Aileen... —custava se manter no ar. Visualizou sua casa de Dudley e desceu até chegar ao balcão de seu quarto.

—Dói —exclamou esfregando suas pernas.

Caleb a deixou em cima da cama e observou seu corpo. Aileen estava suando e encolhida, e ele sabia o por que. Rapidamente tirou as calças e ficou nu, observando embevecido e orgulhoso. Sua ereção também ardia e clamava por ela. Ela o observou com o rosto perolado em suor.

—Caleb...

—Chiss — Caleb a acomodou sobre o travesseiro. —Tranquila —sorriu com ternura. Exalou franzindo o cenho e agarrando o pênis com a mão.

—Também dói —notou-a abrindo os olhos.

—Sim. Veem aqui —Caleb puxou suas pernas e a colocou a sua altura. Levantou o vestido com mãos trementes e o tirou pela cabeça com delicadeza. Estava nua diante dele e ele sorria com adoração. Colocou uma mão a cada lado de sua cabeça. Sua juba caía para frente e acariciava os seios de Aileen, que em seguida se arrepiaram.

—Querida... dançou sem calcinha com Noah —murmurou elevando uma sobrancelha.

Aileen gemeu colocando sua mão em sua fenda. Queimava e contraía como se necessitasse algo duro e grande dentro dela. Olhou pedindo com os olhos que a acalmasse.

—O que nos passa? —perguntou tragando saliva compulsivamente. —Caleb, veem a mim. Entra em mim —queria abrir as pernas mas ele estava em cima dela, de quatro, abandonando.

—Vamos nos selar, *álainn* —soltou orgulhoso e afastou o cabelo que cobria os seios.

—Como Beatha e Gwyn?

—Sim. OH... merda — exclamou entre dentes. —Como eles.

Ela quase gritou no último espasmo. Doía a virilha, o útero e os seios.

—Me toque, me faça algo — pediu puxando-o.

—Calma —levou uma mão a seu pênis. Aileen o massageou de acima a abaixo enquanto ele deslizava uma imensa mão a sua virilha e a acariciava. Ela levantava os quadris e ele aproveitou e deslizou um dedo dentro. —*Álainn*... Mata-me, está tão úmida —juntou sua testa à dela e a beijou com doçura enquanto colocava e tirava o dedo.

—Vou gozar —quase chorou de alivio ao dizer.

—Não, espera — pediu ele. Tirou seu dedo e colocou dois de uma vez. Desfrutou da sensação de notar como apertava os dedos. —Pobrezinha, dói muito?

—Sim —levantou seus quadris mordendo o lábio. —foda-me, Caleb.

—Assim? Nesta posição? —perguntou contrariado. Não queria assustá-la.

Ela nem sequer notou que estava de costas e com ele em cima.

—Caleb —o puxou pelo rosto com a outra mão. —Não tenho medo. Estou confiando em você. Venha, me esmague —lambeu seu pescoço e beijou seu ombro.

—Sim. Esmago — se colocou entre suas pernas e guiou seu pênis a sua úmida entrada. —Pouco a pouco— introduziu justo para fazê-la tremer.

—Mais.

—Espera.

—Não quero que controle, Caleb... necessito já —levantou os quadris mas ele afastou para que não empalasse com violência.

Caleb grunhiu, puxou os quadris e a espetou na cama.

—Tranquila, fera —a tranquilizou com beijos doces. —Quer duro? —custava respirar, precisava mergulhar nela como um desesperado. —Como quer? —se introduziu nela pouco a pouco, apertando os dentes para não soltar obscenidades pela boca.

—Caleb... —jogou o pescoço para trás e o agarrou pelas nádegas empurrando para ela.

—Está bem —de um empurrão se impulsionou para frente e a espetou até o mais fundo. Aileen gritou e o arranhou. —Sim, eu também quero assim com você —separou mais as pernas com as mãos e a penetrou mais deslizando as palmas por suas nádegas e apertando para aproximá-la mais a ele. O interior estava ardendo e molhado. Aileen não podia se mover porque ele a tinha capturada.

—Eu gosto — exalou-a.

—Não quero lhe fazer mal.

—Segura bem, Caleb. Está bem.

Caleb segurou seus pulsos e as elevou por cima da cabeça. Ela o olhou e seus olhos brilharam desafiadores.

—Não dá medo, verdade? —perguntou ele com cautela. Voltou a impulsionar profundamente nela.

—Não. Mas não me ate. Eu não gosto —seus olhos brilhavam porque o prazer os umedecia.

—Não vou atar. Nem vou machucar.

—Sei. Não me dá medo — elevou e o beijou. Mordeu o lábio e puxou.

—Aileen, vou fazer que goze tantas vezes que logo não saberá nem quem é —inclinou sua cabeça e levou um mamilo à boca. Devorou literalmente. Chupou e o mordeu fazendo ouvidos surdos das súplicas de Aileen.

—Não suporto... se mova.

—Quer isto? —balançou seus quadris brutalmente. Acima e abaixo. Entrelaçou os dedos com ela e a beijou. Foi um beijo puxador. Enquanto fazia amor ela se retorcia de prazer, esmagada por seu corpo e sem poder mover os braços. Aberta para ele e indefesa. —Mmm... *álainn*... é puro fogo.

—O pulso... —sussurrou escondendo a cara em seu peito. —O pulso me arde. Não pare.

Caleb olhou seu pulso e o viu. O nó perene aparecia no interior de seu pulso direito. Um nó perene precioso e perfeito, queimando a pele ligeiramente, e no centro uma gema de cor verde. A cor dos olhos dele.

Aileen começou a chorar e quis soltar de sua amarração, mas ele o impediu.

—Dói... —soluçou.

Caleb a penetrou ainda mais. Também estavam selando o mesmo pulso, só que sua gema era lilás, como os olhos de Aileen.

—Já está, querida —a consolava enquanto a estirava até o limite. —Já está... já não dói.

—Sim.

—Não —recolocou buscando a boca. A dor desapareceu. —Já está, céu —quando Aileen o olhou entre as lágrimas entendeu que ambos ganharam algo nesse interlúdio. —Aileen... minha Aileen. É tão bonita... Tão suave... Não chore.

—Caleb, está me fazendo enlouquecer —se olharam um ao outro. Reconhecendo. Medindo. Aceitando humildemente o que havia entre eles. Beijou as lágrimas e deu um beijo ligeiro como uma mariposa na bochecha.

—Você está me ensinando a sentir — sussurrou cravando de novo nela e ficando quieto em seu interior.

—E você gosta? É bom?

—Sim —sorriu abertamente e esse gesto iluminou o quarto. —Eu gosto.

—Bem —entrelaçou os dedos com força aos seus. —Não pare, bebe — pediu ela ficando tensa e elevando os quadris.

—Não —Caleb não soltou as mãos enquanto se movia mais e mais rápido e os fazia chegar os dois a uma escala de desejo e prazer além do que era possível.

Aileen espetou suas presas em seu pescoço e convulsionou a seu redor e ele gozou com ela, a enchendo com sua semente. Quando cederam os tremores e Caleb desabou sobre ela ambos respiraram agitadamente. O fôlego na orelha direita dela. Os corações de ambos ressonavam em suas cabeças. Ela inclinou a cabeça para seu ouvido.

—Foi incrível.

Caleb elevou a cabeça.

—Não acabamos — disse ele saindo pouco a pouco.

—Não?

—Não, querida. Não se mova — ordenou.

Aileen soprou extasiada.

—Como se pudesse me mover —murmurou olhando a marca que tinha no pulso. Era tão bonita. E era dela.

Caleb entrou no banheiro e trouxe uma toalha úmida com ele. Ajoelhou entre suas pernas e colocou a toalha em sua virilha, limpando e acariciando.

—O que faz? —perguntou Aileen ruborizando.

—Agora nada. Mas quero fazer algo —a agarrou pelos joelhos e dobrou as pernas para cima.

—Não, Caleb.

—Você gostará, querida. Dá vergonha que a veja assim? Eu adoro. Dê-me o gosto.

Aileen olhou como ele voltava a estar ereto.

—Não é isso, é que...

Não pôde seguir falando. Caleb baixou a cabeça e começou a lamber suas partes mais íntimas com a língua. Aileen tentou afastá-lo, mas quando colocou a língua deixou cair na cama e o agarrou pelo cabelo, puxando para ela.

—O que... está fazendo? —perguntou soluçando. Jamais imaginou que pudesse sentir tanto prazer.

—O que desejei fazer no primeiro dia que te vi. Saborear — deu uma comprida lambida de acima a abaixo e ela apertou seu cabelo mais fortemente. Logo sugou e lambeu seus clitóris alternativamente e ela quebrou em mil pedaços em sua boca. —Há seu sabor em minha língua... —disse incorporando sentido prazer. —Isto farei cada dia —acertou girando e pondo-a de barriga para baixo.

Aileen estava rendida. Desprezada em cima da cama.

—Poderia fazer algo, agora — sussurrou ele colocando a suas costas e abrindo ligeiramente as pernas. —Está dócil e submissa. O que quer que faça, Aileen?

—Tudo o que queira. Confio em você —conseguiu dizer.

Caleb sentiu bem diante dessa resposta.

—É você. Você me faz ser insaciável — abriu uma perna. —Dobra, céu.

—Me quer fazer isso por atrás? —perguntou ela com o rosto escarlate.

—Quero que tome tão profundamente que uma parte de mim fique sempre em seu interior —murmurou ele mordendo a nádega e acariciando entre as pernas. —Quer? *Ou furrainn*?[49]

—Sim posso — disse ela.

—Tentarei não fazer mal —falou ele incorporando e agarrando um travesseiro. —Levanta a calcinha —colocou o travesseiro sob seus quadris e isso elevou mais suas nádegas. Caleb assentiu e beijou seu traseiro. —eu adoro seu traseiro. Abre um pouco mais as pernas. Assim.

Se colocou atrás, puxou os quadris e a penetrou por atrás, com rapidez.

—Está bem? —perguntou ele deslizando mais dentro.

—Sim. —Aileen se agarrou ao lençol. —Mais.

—*Beil feum agad air*[50]?

—Necessito —ela sentiu o peito dele em suas costas e notou como deixava cair todo seu peso sobre ela. —OH sim. *Tha feum agaim air a sem*[51].

—Como o necessita? Como quer? —Caleb seguia entrando mais a fundo. Acariciou sua nuca com seu nariz. —Pode mais?

---

[49] *Em celta gaélico significa pode?*

[50] *Em celta gaélico significa É isto o que necessita?*

[51] *Em celta gaélico significa Isto é o que necessito.*

—*Gobha*[52] —ordenou ela movendo os quadris.

—Mais fundo? —Caleb tinha vontade de uivar. Passou um braço por debaixo de seu quadril e a acariciou entre as pernas enquanto a penetrava. A outra mão capturou um peito e o massageou.

Aileen respirava e gemia, só podia fazer isso. Sentia tudo dentro. Ele a abraçava tão forte que quase não podia respirar. Caleb fazia passo entre seu conduto e chegava com seus impulsos até onde ninguém poderia ter chegado jamais.

Ela elevou seus braços e rodeou o pescoço com eles.

Caleb afastou o cabelo da nuca e afundou suas presas na jugular. Gozaram tão fortemente que caíram rendidos imediatamente. Sem dúvida, pensava Aileen enquanto fechava as pálpebras satisfeita, uma noite de fogo e fogueiras.

Passadas umas horas, Caleb apoiado sobre sua mão, olhava a Aileen dormir. Acariciava a pele, o cabelo, os lábios e ele sorria quando ela movia a boca ao notar seu leve contato.

Aileen agora era seu mundo, sua vida, sua existência. Tudo.

Não permitiria que nada nem ninguém a ferisse, ele o primeiro, e a cuidaria e a protegeria. Segurou seu pulso e delineou o nó perene com o que os marcaram.

No pulso. Para lembrar como mau ele se comportou com ela no princípio.

Foi um machista arrogante, um homem das cavernas. Intransigente e brutal. Mas havia devolvido a prudência, a ternura, todo aquilo do que ele se autocensurou só para proteger os seus. Só para não voltar a cometer enganos, para não voltar a falhar.

Foi só um menino, disse Aileen. Ela com suas palavras começaram a sarar sua dor, a redimi-lo, e só por obter algo assim ele a amaria toda a vida.

Beijou o selo e colocou a mão dela sobre sua bochecha para que acariciasse sua barba de poucas horas. Sentia forte e poderoso sempre que ela o alimentava.

Não podia viver pensando que Samael e Mikhail ainda seguiam com vida, que a perseguiriam. Isso só podia solucionar de uma maneira. Encontrando-os e matando-os, acabando com a vida desses indesejáveis que passaram ao lado maligno da existência.

Uma luz piscou sobre a mesinha. Seu iPhone. Caleb franziu o cenho. Era Cahal. Desprendeu o telefone.

—O que acontece, Cahal?

—Por que fala tão baixinho?

—Cahal... —meio sorriu. Seu amigo era um provocador. — Diga.

—Acabamos de descobrir a morada de Samael.

Caleb esticou e esperou não ter despertado Aileen.

—Onde?

—Nas cavernas do Glastonbury. E sabe uma coisa?

[52] *Em celta gaélico significa mais profundo.*

—Fala.

—Mikhail está com ele e com alguns comparsas mais. É um sabá, cara.

—Onde está você?

—A caminho.

—Bem. Nós vemos ali em meia hora.

—Até lá. Chamarei Menw.

—Bem.

Sim. Já os tinha. Não os deixaria escapar esta vez. Nem pensar. Contemplou Aileen uma vez mais. Colocou as calças e as botas. Logo voltou a inclinar sobre ela. Senhor, era preciosa. Certamente se zangaria com ele se ao despertar não o encontrasse a seu lado. Mas estava bem. Não queria importuná-la. Estava melhor que nunca, capaz de tudo e assim que agarrasse Mikhail e Samael ambos ganhariam em tranquilidade. Ele não temeria por ela e ela tampouco o faria por ele. Problema resolvido.

Acariciou e a beijou na bochecha docemente para logo sussurrar ao ouvido.

—Isto que vou fazer o faço por nós, *álainn*. *Chain eil fhios a chaoidh dhut air meud mo ghaoil dhut*[53].

Deu meia volta e saltou pela janela em busca de seus inimigos.

Sobressaindo da paisagem plana de Glastonbury achava a colina chamada Glastonbury Tor. Samael escolheu muito bem onde esconder já que numa cidade tão cheia de mística e de lendas como era esse um personagem gótico e misterioso passaria inadvertido. As pessoas da cidade estavam acostumadas a ver frikies disfarçados de cavalheiros da mesa redonda e sacerdotisas, e tudo porque diziam que nessa colina se ocultava o Santo Graal e também porque as lendas se localizavam a porta de entrada de Avalon nesse lugar. Portanto, Samael e seu sabá tampouco desafinaria nesse ambiente.

Chegou ao chão e pisou com força para não escorregar. Tudo estava sumido na calma mais absoluta e isso parecia importar. Esperava receber Cahal e Menw, mas no momento nem o ar trazia seu aroma. De fato eles deveriam ter chegado muito antes que ele e ali, à exceção de uma ave solitária, não havia ninguém mais.

Pensava em como estranho parecia tudo quando ouviu uma risada diabólica a suas costas. Caleb esticou seu corpo e se virou de repente para encarar, com surpresa, Samael.

Não pôde enlaçar um pensamento seguido com outro, mas do primeiro que foi consciente era de que criou uma armadilha. O segundo, que Aileen estava em perigo. E Daanna também.

—Olá, Caleb —a voz de Samael era fria, sem nenhum tipo de entonação.

Caleb levantou o lábio superior, mostrou os incisivos e grunhiu como um leão. Queria arrancar a cabeça de coalho como traidor. Saltava à vista que Samael se converteu num vampiro.

[53] *Em celta gaélico significa nunca saberá o muito que te quero na realidade.*

Seus olhos se tornaram vermelhos, a pele perdeu coloração, seu cabelo estava branco como a neve e as veias pareciam azuis através de sua cara. E fedia. Fedia a ovos podres, a enxofre.

—Suponho que já deve saber que não falou com Cahal —sorriu com suficiência mostrando seu telefone celular. —O bom de que não falem telepaticamente entre vocês por medo de que detectem outras ondas vampirescas é que se veem forçados a utilizar estes artefatos, e por sorte sempre se podem manipular —assinalou um aparelho parecido a um micro que estava ligado ao iPhone.

—Um transmutador de voz —murmurou Caleb amaldiçoando mil vezes.

—Menino preparado. Diga-me, Caleb. Interrompi algo quando liguei? Desfrutou de Aileen com você esta noite? Quantas vezes puxou isso, já?

O simples feito de que Samael pronunciasse o nome de sua cáraid o enlouqueceu. Se equilibrou sobre ele e puxou sua adaga da calça para cravar no coração.

Aileen levantou de repente na cama. Estava suando e se sentia nervosa. Inquieta. Procurou com a mão Caleb, mas só tocou a colcha. Tinha vontade de abraça-lo e relaxar, mas ele não estava.

Observou o quarto e percebeu de que as janelas do balcão seguiam abertas. Tocou a pele fria e a esfregou para entrar em calor. Levantou e colocou uma camisola de seda cor Borgonha.

—Caleb? —perguntou voltando-se para sentar na cama.

—Sim, querida?

Aileen cobriu com o lençol e ficou de pé, dando voltas sobre si mesmo, procurando a origem dessa voz. Porque esse que respondeu não era Caleb.

Mikhail estava ali com ela.

Esfregou os olhos e o viu. Estava sentado na cômoda, escondido entre as sombras, com algo na mão que apontava para ela.

—Sorri à câmara, filha minha — ordenou brincando com ela. —Caleb está olhando.

Antes de cravar a adaga e deixá-lo completamente indefeso e reduzido a cinzas Samael foi o suficientemente hábil para pôr seu iPhone diante e mostrar o vídeo que passou Mikhail.

—Alto, Caleb. Ou terá que ver como corta o pescoço a essa preciosidade.

Caleb, ainda em cima de Samael, olhou a tela e congelou o coração. Mikhail segurou pelo cabelo Aileen e a sacudia com violência. Aileen não se ricocheteava porque Mikhail dizia algo que a reduzia.

—Nem ocorra, bonita —dizia Mikhail. —Temos Caleb e como tenta voltar contra mim o Mato. Ouviu? —lambeu a cara com lascívia e ela a afastou fechando os olhos com força.

—Sim, ouvi —sussurrou entre dentes. —Onde está? Onde o têm?

—Temos em boas mãos.

—Mikhail, filho de puta —o encarou com valentia.

—Não insulte sua avó —começou a rir com maldade. Puxou o pulso e puxou-a, mas Aileen uivou de dor. —O que é isto? —olhou o selo. —Fez uma tatuagem? Converteu em numa filha rebelde? —meneou a cabeça fazendo negações. —Não, não, querida. Papai ficará bravo.

—É um nó perene —sorriu um homem apoiado no balcão. —Já estão selados.

—Você... —exclamou Aileen. —É Dubv... do conselho do Walsall.

—Sim, cadela. Um dez para você.

—Covarde traidor... —insultou deixando que seus incisivos se alongassem.

—Tem caráter —murmurou outra voz.

—Fynbar —espetou Aileen. —Como pode? Onde está Caleb?

—Isso não importa —encolheu os ombros.

—Onde está? —seus olhos lilás obscureceram e sua energia explodiu fazendo que as janelas estalassem a pedacinhos.

—Rápido. A levemos daqui —ordenou Mikhail assombrado.

Mikhail a empurrou para o Fynbar e este, nada mais agarrá-la, saltou com ela pelo balcão.

Capítulo 26

—Já está. Já está despertando.

Ouvia essa voz na lonjura. Queria mover mas não podia. Tinha frio e se sentia drogada. Onde se encontrava? Onde estava Caleb? O que fizeram com ele? Se ele estivesse morto ela o sentiria fisicamente?

Agitando, tentando recuperar a mobilidade, precaveu de que estava atada. Uma luz potente a iluminava e ela quis abrir os olhos, mas essa luz a cegou. —Levanta o abajur —ordenou outra voz.

Do que soava? Não. Não queria que fosse certo. Era Samael. Inspirou tremulamente, como se tivesse estado chorando durante horas, e cheirou a podre. Essa peste insuportável provinha dele.

Tinha a boca pastosa e sabia perfeitamente que a drogou e que além disso estava atada sobre uma mesa metálica e muito fria.

—Olá, sobrinha —Samael sorriu com cinismo. —Teria levado a uma de minhas casas, mas seus amigos as cercaram e as queimaram muito amavelmente. A incorporem —ordenou.

A mesa metálica girou cento e oitenta graus e a deixou em posição vertical, como se estivesse de pé. Os braços estendidos aos lados e as pernas abertas.

Aileen olhou Samael. Era um vampiro. Pálido, com os olhos desfigurados e vermelhos, os dentes amarelos e os lábios morados.

—Me solte —murmurou tentando vocalizar o melhor possível. Seus músculos despertavam pouco a pouco. —Onde estou?

Samael começou a rir.

—Olha, Caleb. Está aqui por sua culpa.

—No Glastonbury Tor, *álainn* — murmurou Caleb.

Quando Aileen ouviu essas palavras soube que Caleb estava com ela e que podia falar era porque seguia vivo. A alegria e a esperança se transbordou em seu interior.

—Não soube protegê-la, como tampouco fez conosco faz tantos anos.

—Não... —gemeu Aileen tentando enfocar o olhar. Não permitiria que culpasse Caleb disso. Nem pensar. Suficiente conduzia Caleb com suas lembranças.

Aileen esforçou um pouco mais para ver onde estava. Ele estava caído começou a delinear. Um chão cinzento, sujo. Elevou a vista e vislumbrou uma madeira cravada no chão. Uns centímetros mais acima uns pés sujos e sangrando estavam cravados pela impigem com uma estaca à madeira. Aileen apertou a mandíbula ao ver essa imagem. Seguiu subindo e sentiu que o coração partia a cada milímetro. Umas calças negras cobriam umas pernas poderosas, mas agora, entretanto, indefesas e em muito má posição. O torso nu tinto com manchas de sangue em qualquer parte que empapavam a calça e os braços abertos em cruz se sustentavam porque os pulsos estavam cravados à madeira com uns pregos. Pensou que seguia subindo começaria a chorar se além de tudo isso tivessem colocado uma coroa de espinhos. Mas embora o rosto de Caleb, porque era Caleb, estava tingido de sangue e cheio de cortes não tinha nenhuma coroa de espinhos.

Quando o olhou nos olhos começou a soluçar abatida.

—Caleb... O que têm feito?

—Não chore, querida — disse Samael agarrando bruscamente do cabelo. —Ele merecia. Matou a mais de quinze de meus homens ele sozinho e além a colocou em perigo depois de dizer que resistia a mataria.

—Caleb... Está... está...? —Aileen ignorou seu comentário.

—Não se preocupe, *álainn* —sussurrou Caleb forçando a sorrir.

Samael girou e deu um murro no estômago. Caleb expulsou o ar bruscamente e ficou lívido.

—Para, maldito porco... —gritou Aileen.

Samael a olhou com os olhos acesos de raiva.

—Nenhuma palavra mais me ouviu? A não ser que queira que o desfigure diante de seus olhos.

Aileen franziu os lábios. Faria o que fosse com tal de que não fizessem mais dano.

—O que quer de nós, Samael? —perguntou Caleb recuperando o ar.

—Já disse isso, perdedor. Na realidade nada. Só quero demonstrar o que tenho descoberto e para isso a necessito ela. Uma vez mostre que minhas suspeitas são certas já não necessitarei, mas ficarei com Aileen.

Caleb gritou e uivou como um animal ferido, sacudindo tentando desencravar ele mesmo da cruz, mas a cada puxão sua carne sofria novos rasgões.

—Caleb... —soluçou Aileen. Não por ela, mas sim por vê-lo tão desesperado.

Aileen fechou os olhos e tentou entrar em comunicação mental com ele, mas quando o tentou Samael a agarrou e deu um murro em plena bochecha.

—Idiota, filho da puta —gritou Caleb ofendido e doído por ela. —O matarei se voltar a tocá-la...

Aileen, que cuspia sangue pelo lábio partido, olhou de esguelha a Samael.

Samael tirou uma adaga de sua calça escura. Sua adaga distintiva. Colocou a ponta dois centímetros por cima do umbigo de Aileen e esperou para ver a reação de Caleb. Aileen segurou ar e colocou a barriga para dentro e Caleb em seguida se serenou.

Ou isso. Ou ver como Samael fazia mal a Aileen.

—Bem —sorriu Samael. —Vejo que entendem que idioma falo. Deixe de estimular, Aileen — a olhou recriminando. —Não ocorra cercar comunicação com ele. Nem com ele nem com vaniros, nem com berserkers, entende? Eu falo nessa frequência e posso as detectar. Se alertar a alguém do que está acontecendo simplesmente o matarei — encolheu os ombros. —Mas seria uma pena porque então não poderá ver o que vamos fazer.

Mikhail apareceu justo ao lado de Samael. Usava uma mala negra consigo e estava pálido e desfigurado. Aileen não foi fácil de reduzir e afinal Samael não o alimentava, parecia forçado a beber sangue de humanos. O sangue o mantinha vivo, mas ao não ser o tipo de hemoglobina que ele necessitava para manter as características vaniras o estava mudando a passos forçados em um vampiro.

—Por que faz isto, Samael? —perguntou Aileen angustiada e assustada. —Pode que esteja enfastiado de tudo —respondeu sinceramente. —Abre a mala, Mikhail. Pode ser que me fartei viver à sombra da vida, escravizado por um ser muito mais débil e menos poderoso que eu. Que sentido tem? Levo tantos séculos de vida que me deu tempo de ver o esplendor do ser humano, e estou farto de proteger algo tão estúpido, ignorante e vaidoso. A raça humana deve chegar a seu fim.

—Assim quer acabar com todos os humanos?

—Não —sorriu sem que chegasse aos olhos. —Das duas uma: ou acabo melhorando a raça ou simplesmente os farei desaparecer.

—Não é Deus —respondeu Aileen.

—Não. Mas graças a ele, a meu Deus, hoje sou o que sou.

—Um assassino —respondeu esta vez Caleb.

—Um visionário. Caleb —se agachou e observou os instrumentos que dispunha Mikhail em sua mala. —O que obtive desde que transformaram? Pensou alguma vez nisso? Serve de algo tantos séculos de fome e de sofrimento para que logo não saia nem nos livros de História?

—Não preciso ser lembrado por nada quando eu mesmo sou mais velho que a memória de outros. Não acha?

Samael apertou a mandíbula diante de sua resposta.

—Mas não te engane, Samael —continuou Caleb. —Sempre quis ter protagonismo. Sempre quis ser o líder e entretanto nunca o escolheram. Um homem que é tão vaidoso e tão egoísta não pode pensar nos outros. Que bem poderia ter feito você, além de nos levar a guerras e mais guerras entre clãs e certamente no final entre nós e os humanos? Nunca foi conciliador e teve sempre uma luta particular. Não odeia andar sob a sombra do ser humano. Nem odeia andar baixo a noite. Odeia andar sob a sombra de um homem que foi melhor que você em tudo, você não chegava nem à sola do sapato, daí sua raiva. Thor sempre foi o melhor de nós e isso te corroia as vísceras. É um fodido traidor.

Samael arqueou as sobrancelhas e o desafiou com o olhar.

—Eu pude ter devotado muitas mais coisas das que Thor deu. Tinha conhecimentos, estava investigando sobre nós, sobre nossa maldição.

—Não. Não é uma maldição —falou Caleb olhando fixamente a Aileen.

Samael olhou a Aileen com seus olhos quase brancos e acariciou uma bochecha. Esta se encolheu esperando receber outro golpe e Caleb esticou acreditando que chegaria.

Caleb odiava não poder protegê-la. Necessitava tempo para tirá-los dali. Como faria?

—Agora não o vê assim porque encontrou algo que acalmará pela eternidade —ronronou Samael. —Que suave é... É realmente formosa. Enfim, eu esperava encontrar ao menos uma fórmula para que nos permitisse sair sob a luz do sol —Mikhail ofereceu um bisturi e ele o aceitou sem alterar.

—O que vai fazer? —perguntou Caleb entre dentes. —Não faça nada, por favor. Se tiver que fazer algo faça a mim.

—OH, se cale. Dá pena — espetou Samael furioso assinalando com o bisturi. —Sabia que o sangue guarda fórmulas, quebra-cabeças que se conseguem decifrar podem reconstituir aquilo que foi malogrado. Como nós. Mudaram-nos.

—Assassinou a berserkers, torturou a vaniros. A meninos e meninas. Matou Thor e a Jade —Aileen sentenciou atirando de sua amarração e a maca se agitou. —Não se defenda em seu afã de encontrar uma padre para seu defeito. Não achará ninguém.

—Esse não era o fim. O objetivo era encontrar a fórmula perfeita que reconstituíra nosso DNA e retificasse nossa deficiência. O fim era nos converter no clã mais poderoso do mundo uma vez pudéssemos sair também sob a luz do sol. Seríamos invencíveis. Seríamos reis.

—Loki tentou e não pode voltar atrás, verdade? Fez por avareza. Tudo o tem feito por avareza —Caleb cuspiu. —Um homem que não pode ganhar o respeito de outros através de sua atitude e suas palavras sempre quer fazer no final através da extorsão. Covarde genocida. Thor era o líder e você quis seu posto, Thor se apaixonou e quis a sua mulher. Thor teve a uma filha e agora quer a sua filha. É triste ir sempre atrás de todo aquilo que não pode ter...

—Quem disse que não posso ter Aileen? Se olhe —aproximou dela e colocou uma mão sobre o peito, apertando— Estou tocando e se quiser agora mesmo subo a camisola a fodo diante de seus olhos. Não poderia parar. Você gostaria?

Aileen enojou diante o que fazia Samael. Ele fazia mal no peito, era brusco e seu fôlego fedia. Soube que aquilo não acabaria bem se não acontecesse algo que realmente surpreendesse a todos e fizesse baixar a guarda o suficiente como para que ela pudesse entrar em contato com alguém... Não podia falar com vaniros nem com berserkers, só tinha... Ruth. Ruth era especial. Havia dito tanto Daanna como Adam. Ambos coincidiam em que era poderosa mentalmente. Haveria uma possibilidade? E Maria... Aquela mulher tinha um sexto sentido para as coisas. E se o tentava também com ela?

Aileen observou Caleb. Ele irradiava ódio por seus olhos verdes e além se sentia impotente e indefeso.

Sim, Ruth. Ancoraria a essa única salvação. Fechou os olhos com força e isolou do que estava fazendo Samael que agora tocava o outro peito cravando as unhas. Estava machucando.

—Ruth, é Aileen... e estão a ponto de nos matar...

Ruth acabava de despertar rodeada por dois berserkers. Não estava nua, simplesmente dormia apoiada, ou melhor desmaiada, sobre o peito de um deles.

Ao redor, vários membros do clã também despertavam. Daanna se aproximou por trás e deu a mão para que se levantasse.

—Garota, esse hidromel é... —comentou Ruth aceitando a mão de Daanna. Colocou uma mão sobre a cabeça e apertou os olhos com força. —Sinto que vai me estalar a cabeça.

—A sim? —sorriu Daanna. —Seria a primeira pessoa que conheço a que dá ressaca do hidromel.

Ruth sorriu e limpou o vestido com as mãos.

—Apitam os ouvidos —murmurou meneando a cabeça.

Daanna não se importou ouvir isso.

—E Aileen? —perguntou Ruth fazendo um coque mau feito. —Devo parecer um farrapo.

—Não está em seu melhor momento e leva dois chupões no pescoço — assinalou Daanna cruzando os braços. —Aileen desapareceu atrás desses matagais dali —assinalou com o dedo, — seguindo a meu irmão, é obvio.

—É obvio —colocou os olhos em branco. —Ah, merda...

—Tão mal encontra? —Daanna a ajudou a sentar. Ruth se cambaleava.

—Não, nunca me passou.

—O que sente?

—É este assobio... incomoda muito — tampou os ouvidos.

—Um assobio...

—É como se algo queria entrar em minha cabeça. É como se...

—Ruth...

—Daanna —sussurrou Ruth. —Sinto a voz de Aileen...

—O que? —Daanna alterou.

—*Ruth... Samael capturou Caleb e a mim.*

—O que? Aileen. É a voz de Aileen —repetiu Ruth sustentando cabeça com duas mãos.

—*Me escute, Ruth. Tem que avisar a meu avô e a Daanna Ouve? Capturaram. Estamos no Glastonbury Tor, acredito que estamos em uns túneis... Ficam poucas horas para amanhecer e se não derem pressa nos vão matar. Ajude-nos, Ruth. Avisa às pessoas.*

Ruth levantou como alma que leva o diabo e agarrou Daanna pelos ombros.

—O que acontece, Ruth? Não me assuste.

—Aileen... Caleb... os capturaram. Terá que avisar os berserkers e ter muita pressa antes que saia o sol. Vão os matar.

A mão do Samael subiu a camisola e arranhada o estômago. O vampiro passou a língua pelos lábios morados e admirou a escultural figura de Aileen.

—Quer ver o que faço, Caleb? Vou puxar isso aqui em frente de você, só para ver sofrer. Você gostaria? —seus olhos brancos e injetados em sangue.

Caleb com muita dificuldade se controlava. A cruz em que estava preso tremia devido à força que continha o vanirio.

—A mim sim —respondeu Aileen ficando uma máscara de indiferença. Necessitava tempo.

Caleb entreabriu os olhos para ela.

—Não, Aileen. O que faz?

Samael a olhava assombrado e Aileen tinha um olhar frio e calculador. Se não a conhecesse, Caleb pensaria que ela falava sério. Entretanto, confiando nela como agora confiava... Aileen tramava algo. Mas isso a poria em perigo e ele não o poderia permitir. —Basta, Aileen.

—Se cale. É penoso, Caleb. E já me cansei de você. — Samael soltou uma gargalhada de incredulidade.

—Sempre igual —continuou ela. —É débil e comete muitos enganos. Por que hoje me deixou sozinha? Sabia que iriam atrás de mim e me abandou. Nem sequer me avisou onde iria. Tornou a fazer, Caleb —a Aileen quebrava o coração ao ver a cara de dor de seu casal.

Caleb gemeu. Um murro no estômago não o teria surpreendido mais. Aileen estava atuando, verdade? Já não estava certo.

—Você me deixaria sozinha hoje, Samael? —olhou sedutoramente.

—Samael, cuidado... —murmurou Mikhail atônito diante da atitude de Aileen.

—Se cale —ordenou Samael. —Não a teria deixado sozinha —afirmou negando com a cabeça. —Eu sou um bom líder. Não cometo enganos.

—Não duvido. Parece certo e firme. Diga-me, Samael. Por que sou importante para você? —perguntou ela ronronando.

Samael duvidou. Aileen estava jogando?

—O que propõe? —Samael esgotou os olhos e deixou de manusear o estômago.

Caleb observava a cena como se aquilo não fosse com ele. Mas sim que ia com ele. Tratava de sua cáraid. E sua cáraid estava paquerando agora com o assassino de seu pai, e o estava rechaçando a ele.

—Mikhail, explica —ordenou Samael. —Seu pai dirá isso.

Aileen mordeu a língua. Tinha muitas coisas que dizer a seu "pai".

—Faz duas semanas, na última extração de sangue que fizemos, demos conta de que seu DNA começava a mudar. Essa era a conversão que esperávamos fazia anos. Samael foi provando seu sangue religiosamente...

—Deliciosa, por certo. Não está de acordo, Caleb? —Samael encarou Caleb e começou a rir.

Caleb já não falava. Simplesmente se limitava a escutar.

—A última extração que fizemos confirmou nossas suspeitas — explicou Mikhail. —Depois de anos de busca e de experimentos por fim o temos.

—O que?

—Seu sangue é um antídoto a nossa foto-dermatite —disse Samael centrando de novo nela.

—Meu sangue? —repetiu ela sem poder acreditá-lo que tentavam dizer.

—Experimentei com berserkers. —Samael voltou a levantar sua camisola e acariciou suas coxas. —Eles não eram humanos e entretanto podiam sair de dia. Pensei que seu sangue poderia me dar às respostas que precisava —aproximou sua cara a seu estômago e inalou. —Cheira tão bem...

—Continua, por favor —suplicou Aileen ainda seduzindo-o.

—Os berserkers não nos deram o resultado que procurávamos —disse Mikhail observando a pele de alabastro de Aileen.

—Experimentei com humanos —Samael lambeu a zona do umbigo de Aileen e esta deu um coice que ele interpretou mal como prazer. Sorriu agradado. —Os humanos som mais fracos que nós, seu sangue não potencializa os poderes, simplesmente nos sacia a fome. Então, quando já estava num estado de desespero absoluto, apareceu Jade —Samael acariciou a bochecha contra o interior da coxa direita.

—Minha mãe —assentiu Aileen.

—Já sabe a história. Víctor teve que contar isso antes que o matassem.

—Se apaixonou por ela? Samael duvidou na resposta.

—Ela tinha a mente brilhante. Era tão sedutora. Sua maneira de caminhar, de sorrir, de afastar o cabelo da cara. Seu tom de voz, lânguido... arrastava as palavras. Eu a espiava. Seguia. Escutava às escondidas. Voltou-me louco.

—Mas apareceu meu pai —disse Aileen elevando as sobrancelhas e observando a reação de Mikhail.

—Esse mal nascido do Thor... —murmurou Samael soltando sua perna com um grunhido. —Ficou ele.

—Minha mãe o escolheu, dirá. Você nunca se apresentou. Nunca o fez conhecer. Foi um covarde.

—É sua maneira de atuar —respondeu Caleb desafiando. Samael agarrou o bisturi e sem avisar o espetou na coxa de Aileen. Esta se esticou, apertou os olhos e gritou até que não ficou voz nem ar. —A deixe, Samael...o matarei —gritou Caleb.

—Disse que não jogue comigo, Caleb. Não tenho paciência. Isto é por me desafiar antes —retorceu o bisturi na perna de Aileen. —Mikhail, injete um tranquilizador.

Aileen apertou os lábios. Não queria dar o gosto que soubesse que estava fazendo muitíssimo mal.

Mikhail se aproximou de Caleb e espetou com raiva uma agulha no centro do peito.

—Seja... Samael —disse Aileen entre lábios. —Deixa. É... é um néscio e um perdedor. Não me castigue por seus enganos.

Samael elevou a vista e quis averiguar se Aileen dizia ou não a verdade. Tirou o bisturi e observou cismado como seu sangue saía a jorros de sua pele.

Mikhail grunhiu diante o aroma, mas Samael o advertiu com o olhar de que se tentava prová-la antes que ele era homem morto.

—Quando Jade e Thor fugiram os segui. Mais tarde descobri que estavam esperando um bebe. Disseram isso aos humanos temos trabalhando nos Cárpatos. Quis te levar comigo antes de nascer, mas os clãs dali estavam muito bem organizados e gozava do amparo de todos seus membros. Thor se inteirou de tudo o que havia ao redor dos vaniros e os berserkers. Descobriu nossa organização e retornou decidido a advertir os clãs e a uni-los a todos. Por sorte, interceptei antes.

—Eu os interceptei —retificou Mikhail.

—Isso não importa —aceitou Aileen. —Os mataram.

—Com o tempo —explicou Samael. —A primeira extração de seu sangue me deu uma pequena amostra do que poderia fazer quando mudasse.

—O que posso fazer?

—Assim vendo que Jade e Thor criaram algo como você —ignorou sua pergunta. Realmente falava orgulhoso de suas proezas, —os obriguei a ter mais filhos enquanto estavam em cativeiro. Ambos se negavam com unhas e dentes, nunca melhor dizendo. Queria verificar o que tinha entre as mãos e você poderia passar algo, assim... por que não fazer mais Aileens?

—Não puderam —as lágrimas alagaram seus olhos lilás.

—Não. Não puderam —afirmou como se desse a hora. —Quando me encarreguei de sua mãe pessoalmente tentei me deitar com ela, ela não me deixou e eu simplesmente me descontrolei. Só recordo que tinha afundado minha adaga em seu ventre. Depois disso não pôde voltar a ter filhos.

—O que... o que pode fazer meu sangue? Diga isso.

—Seu sangue, Aileen, imuniza diante o sol —explicou finalmente. —Com você podemos voltar a sair de dia sempre que nos alimente como é devido.

—Como eles já não me serviam —prosseguiu fazendo ouvidos surdos, —tinha que encontrar a maneira de engendrar mais híbridos. Por isso raptei tanto a vaniros como a berserkers e os

obriguei a manter relações. Nasceram cinco híbridos mais e os separamos de seus pais para estudá-los. Não aguentaram os testes. Simplesmente morreram aos poucos dias.

Nem Aileen nem Caleb podiam acreditar no que ouviam. Aquilo era horroroso e estremecedor. Caleb deixou de mover. Seus músculos já não respondiam. Seus olhos era o único que podia utilizar.

—O que descobriu a primeira vez que... que tirou meu sangue? — tinha vontade de vomitar.

—Pude sair sob o sol uns cinco minutos —esclareceu ele olhando de esguelha a Caleb.

—Meu Deus... E o que acha que fará agora meu sangue?

—Seu sangue, Aileen, imuniza diante o sol —explicou finalmente. —Com você podemos voltar a sair de dia sempre que nos alimente como é devido.

Caleb abriu os olhos com surpresa e procurou o olhar de Aileen. Quando entraram em contato um milhão de palavras atropeladas ficaram pelo caminho.

Samael agarrou o bisturi ensanguentado e fez dois cortes verticais em ambos os pulsos. O sangue começou a emanar e Mikhail se encarregou de pôr recipientes que a recolhessem.

Aileen sentiu a pele rasgar, tinha afundado tanto o bisturi que certamente cortou um tendão. Doía até o osso.

—Vamos fazer a prova —Samael apertou mais os pulsos.

—Mas eu... —os cortes doíam. —Não sou suficiente para todos.

—Não é. Mas seu sangue será suficiente agora para nos manter sob o sol e fazer o que queremos fazer. Está a ponto de amanhecer e os vaniros não podem sair. Os berserkers ainda dormem e descansam depois da lua cheia. Os meninos são nossos. Eles serão os próximos que nos subministrem o sangue que necessitamos. Educaremos e quando forem suficientemente maiores para ter filhos os utilizaremos para conseguir aos híbridos que nos mantenham de dia. Seremos invencíveis.

—Não... —gritou Caleb explodindo vendo como sangravam Aileen. —Não permitirei... —ele está acostumado a tremeu ligeiramente. Uma sacudida pequena mas notável.

—*Caleb, se detenha...*

—Quantas vezes terá que repetir isso — perguntou Samael brigando com Aileen raivoso. Agarrou a adaga e dirigiu a Caleb. Três estocadas firmes no estômago. A adaga se afundou até o punho as três vezes e Caleb ficou sem respiração.

—Não, não, Caleb... —Aileen chorava e gritava, mas não havia modo de livrar-se de tudo aquilo. Era um pesadelo.

—Não me disse que queria que eu fizesse isso diante dele? — Samael a agarrou pelo cabelo e a puxou com força. Aileen jogou o pescoço para trás e Samael inclinou a cabeça para seu peito. Mordeu com dureza e ao arrancar as presas a rasgou.

Aileen ficou tremente e pálida ao sentir o que mostrava os dentes.

—Assim aprenderá — cuspiu Samael. —Não chore. Logo eu a curarei.

—Vai morrer, Samael — prognosticou Caleb com a língua quase adormecida. —Eu te matarei. Juro —sua voz cheia de força e afiada como suas presas que explodiram em sua boca.

—Matamos já? —perguntou Mikhail enchendo o décimo copo.

—Não, espera. Eu gosto de ver como sofre por ela.

Aileen estava perdendo o conhecimento e sua pele empalidecia por segundos. Seus olhos lilás ficavam sem expressão e seus lábios que antes eram rosados e suculentos agora estavam morados e secos.

—Aileen... —Caleb a chamava dolorido pelas punhaladas. —Aguenta, Aileen...

—Leve vinte de meus homens. Dê de beber. Dentro de meia hora —disse Samael a Mikhail— Sairá o sol. Seu sangue nos cobrirá umas duas horas, mais ou menos, devemos nos apressar.

Mikhail assentiu.

—Posso beber eu? —perguntou Mikhail olhando faminto um dos copos cheios.

—Pode —deu as costas e procedeu a desatar Aileen, que caiu sobre seu ombro como peso morto.

—*Ruth... Ruth... As crianças. Protejam as crianças. Os leve dali* —não sabia se o que enviava a Ruth chegava de algum jeito. Mas o que sim soube foi que aquele seria a última mensagem mental que enviaria em sua vida se não chegasse um milagre. Depois desse pensamento se desabou e tudo se voltou negro.

—E o que faremos com ele? —Mikhail que tinha os lábios vermelhos de beber sangue assinalou Caleb com um gesto depreciativo de sua cabeça.

—Está debilitado, não poderá escapar. Além disso, vamos deixar que desfrute em sua própria desgraça mais uns dias.

Caleb tinha a cabeça afundada e os ombros tremiam de ira ou de pranto. Nenhum dos dois soube o que provocava que seu corpo se sacudisse. E tampouco se importaram.

Mikhail avisou aos comparsas, entre eles Dubv e Fynbar, e quando beberam todos saíram daquele lugar deixando Caleb parecido como um mártir na cruz ao que Deus deixou de lado.

Samael voava com a Aileen pendurada no ombro. O vampiro podia sentir o amanhecer em sua cara e, entretanto depois de dois mil anos a pele não ardia nem queimava.

Mikhail voava a seu lado e o resto ia atrás deles.

Mikhail carregava uma bolsa cheia com bolsas de depósito negras para cobrir as crianças vaniros com eles e assim evitar queimaduras pelo sol.

—Em cinco minutos me reúno com vocês —disse Samael a Dubv e aFynbar.

Estes assentiram e se dirigiram para o Dudley sem pigarrear.

Samael desviou e se chegou adquirindo uma velocidade vertiginosa à costa inglesa. Desceu até a praia com Aileen nos braços e se internou numa caverna rochosa. Uma gruta.

A maré subia pouco a pouco, mas isso não importou porque ele chegaria antes que o mar a levasse.

Estava meio morta, quase completamente sangrada. Sua camisola rasgada e ensanguentada. Sua pele cerúlea não ocultava as finas e delicadas veias que apareciam por baixo, trêmulas tentando bombear um sangue que já não estava.

—A deixo aqui só um momento, Jade —acariciou os lábios ressecados. —Virei te buscar assim que tenhamos feito todo o planejado —sorriu e observou a feia ferida que fez no peito. —Será minha mulher —logo acariciou o selo de seu pulso. O bisturi não conseguiu cortar essa parte de carne. Samael grunhiu. —Esta marca irá. Embora tenha que te cortar a mão para isso.

Tirou sua adaga. Estava ido e mal-humorado. Colocou a folha sobre o frágil pulso da jovem. Mas enquanto a cortava pensou melhor.

Não havia tempo a perder. Teria a eternidade para castigar Jade pelo que fez. Porque não era Aileen. Não para ele. Aileen já não se movia. Tinha o pescoço jogado para trás numa má posição, os braços estendidos para os lados.

Samael levantou e saiu correndo da gruta.

Capítulo 27

Caleb estremecia de dor. Não era uma agonia física o que sentia, a não ser um vazio, um nada que ameaçava comendo internamente. As vísceras queimavam como ácido, mais pelo que viu que faziam a sua cáraid que pelas três facadas que recebeu do assassino Samael. E ele não pode protegê-la. Desde que a viu chegar, tentou introduzir em sua mente, mas essa defesa que ela criou diante de sua intromissão não deixava que dissesse nada. Sempre que tentou chegava uma surra atrás de outra e não podia voltar a colocá-la em perigo.

A ira o consumia. A raiva dava forças. Devia ir por ela. Fazia quase meia hora que se foram.

—Deve ser por aqui... Caleb? —ouviu uma voz longínqua. Caleb acreditou que estava delirando.

—Caleb? Merda, Caleb — ouviram passos que corriam para ele. Um homem alto de cabelo loiro platinado muito curto se colocou na frente dele e o encarou. Sacudiu para movê-lo. —Me passe à bolsa, Gabriel.

Caleb estava completamente grogue, mas consciente cem por cento.

—Já está, presa —sentiu que cravava no ombro. A substância correu rápido por seu sangue, estimulando, dilatando suas pupilas e alongando seus incisivos. —Bem. Está despertando.

—Noah?

—Sim, presa. Espera, vamos tirá-lo daqui.

—Me tirar?

Caleb tremeu e se agitou como um animal encarcerado. Com um grito arrancou uma mão do prego. Logo com a mão liberada arrancou a outra. Dobrou o torso, alheio à dor e ao sangue que corria por seu corpo, e arrancou a estaca das mãos. Caiu de joelhos ao chão. Suas costas subiam e

baixavam devido à respiração. Sua pele coberta em suor. Seu sangue brilhava e jorrava até o chão. Dava igual. Nada disso importava.

—Como... como soube onde estava?

—Aileen se comunicou com Ruth —Noah o segurou por debaixo das axilas e o ajudou a se levantar. —Ela veio nos buscar Adam e a mim e nos disse o que recebeu.

Vá. Sua cáraid era poderosa e tinha muitos recursos. Ao não poder se comunicar nem com berserkers nem com vaniros o fez com humanos. Entretanto, Caleb sabia que para que um humano pudesse receber ondas mentais de outras entidades e comunicar com elas esse humano devia ser igualmente diferente. Mais evoluído. Pelo visto Ruth era algo disso, consciente ou inconscientemente.

Quando levantou estirou. Os ossos faziam estalos.

—A levaram, Noah —a voz de Caleb era fria e irradiava uma profunda dor. —E vão pelas crianças. Querem...

—Sei, Caleb —acenou Noah. —Ruth recebeu a mensagem de proteger as crianças. Pusemos ao coberto. Estão todos em guarda.

—Sabe Ás que...?

—Não o localizamos. Mas todos os berserkers estão já em seus postos, dispostos a proteger o que é nosso. Adam leva o esquadrão do Wolverhampton e há outros berserkers que se deslocaram até Dudley com Daanna, Menw e Cahal. Se não puder lutar ao sol, nós faremos por vocês.

Caleb o olhou com respeito e admiração.

—Então devo muito —o agarrou pela nuca.

—Não temos feito nada ainda. Não me deve nada.

—Bem, me escute. Samael sabe onde estão nossos pequenos e ele usava Aileen com ele. Eu vou a Dudley. Se os pequenos já estiverem cobertos, então terá que proteger a outros.

—Caleb... é de dia.

—Sei. Levo comigo? —perguntou.

—Não pode sair —respondeu Gabriel. —Queimará.

—É uma história muito longa... —respondeu Caleb. —Mas sei que não me queimarei.

—Irá mais rápido sem nós — acrescentou Noah. —Eu me encarrego de Gabriel.

—Está bem. Obrigado, vira-lata — piscou um olho e saiu correndo dali, desaparecendo depois da escuridão daquele túnel.

Estava voando. Os raios não o queimavam. Estava voando e era de dia. Sua Aileen não só havia devolvido seu coração, mas também deu o sol. Seu sangue, sua vinculação, dava possibilidade a ele de recuperar parte de sua vida humana.

A terra sob horas diurnas era muito diferente, não tão mística e tão misteriosa que quando estava sob a lua, entretanto sim mais pura e mais vital. O sol tingia tudo o que tocava de vivas cores, difíceis de classificar para ele já que alguns nem os reconhecia.

Sua Aileen dava de presente tudo isso e ele a ela só dor e sofrimento.

Deixou-a sozinha, desprotegida. Se não se apressasse, certamente acabariam matando-a por sua culpa. E se Samael fugia com ela no final acabaria fazendo coisas piores.

Acelerou a velocidade e chegou a uma colina montanhosa de Dudley. Ali, no interior da montanha, os vaniros criaram uma escola e um modo de vida eficiente para seus filhos, tão débeis e vulneráveis ao sol. Necessitavam muita mais amparo que eles. E o vampiro Samael ia por eles. Não eram mais que cinco meninos indefesos. Os vaniros não tinham muitos meninos no clã, mas sabia que os berserkers sim. Eles criavam armadilhas. Não queria nem imaginar o que fariam com eles se os agarravam.

Divisou a um grupo de berserkers lutando com outro grupo de nosferatus, justo à entrada das cavernas subterrâneas.

O que lhe injetou Noah acendia todo seu poder interno, mas também o descontrolava.

Quando caiu, toda a fúria que sentia pelo que fizeram recaiu sobre dois nosferatus.

Os esmagou com seu peso e em um arranque de fúria endemoninhada arrancou a cabeça a ambos com as mãos.

Os nosferatus e os berserkers ficaram assombrados diante do grito esmigalhado tanto de Caleb como dos dois cadáveres que agora se incendiavam diante seu olhar.

—O que é do inferno ao inferno vai — levantou pouco a pouco para parar um nosferátum que corria para ele agarrando-o pelo cangote e levantando-o. Espetou seus dedos em sua garganta e arrancou a traqueia. Fez sem o mínimo esforço e com uns olhos verdes e sem expressão.

Caleb olhou ao redor e dois nosferatus mais se equilibraram sobre ele. Alguém o imobilizou pelas costas e mordeu no pescoço, mas Caleb o agarrou pelo cabelo, abaixou e fez a cama. Uma vez caído levantou seu pé e esmagou o crânio de uma pegada.

O outro nosferátum, ao ver como era poderoso o vanirio, quis fugir correndo, mas Caleb não o permitiria. Com o ódio que sentia não deixaria nenhum impune diante seus atos.

Deu um salto, colocou uma mão na nuca e o impulsionou para frente até que espetou um ramo de uma das árvores no olho e transpassou a cabeça. O nosferátum se convulsionou e morreu.

Caleb deu meia volta e viu que os berserkers venciam aos nosferatus. Os homens do clã de Ás estavam lutando por eles e isso o agradeceria sempre. Mas de nada serviria se não agarrava pela frente Samael e recuperava Aileen.

—Onde estão? —perguntou a um berserker enorme que acabava de trespassar com um pau a um nosferátum.

—Lá dentro. Faz um momento que entraram na caverna.

Internou-se na montanha e entrou na caverna. O chão úmido. A escuridão o recebia, mas ao longe várias tochas iluminavam já o caminho.

Desceu por um túnel totalmente vertical e aterrissou de quatro sobre uma imensa sala. Vários berserkers mantinham a raia o grupo de Samael e entre eles Menw e Cahal lutavam cotovelo com cotovelo até sabendo que um passo em falso poderia provocar que um vampiro os elevasse e os levasse ao exterior para que morressem queimados. Mas esses eram seus amigos, guerreiros inquebráveis que nunca davam seu braço a torcer. Uma quebra de onda de orgulho o invadiu. Ele encarregava pessoalmente de dois deles.

Caleb procurava com esforço Aileen, mas nem a via, nem a cheirava nem a percebia. Seu coração pulsou desbocado diante da possibilidade de que a tivesse arrebatado para sempre. Nunca se perdoaria. Se isso aconteceu, ele mesmo se entregaria ao amanhecer.

Ao fundo, uma porta metálica de cor prata era a única separação entre os meninos e os vampiros.

Samael girou e ao vê-lo aumentou os olhos com assombro.

Caleb sorriu friamente e correu para ele como alma que leva o diabo.

Quando Mikhail chegou a Wolverhampton com o sabá de vampiros e lobachos não pôde imaginar que um grupo que igualava seu número em berserkers estivessem esperando com os braços abertos, dispostos a arrancaras cabeças a todos.

Nem os lobachos nem os vampiros os cheiraram. Nem sequer ele.

Orvalharam com os produtos que ele um dia criou para seus próprios benefícios. Tudo se voltava contra ele.

Os berserkers, descalços, todos vestidos com camisetas brancas de alças e calças longas e negras tinham umas tochas estranhas nas mãos. Eram enormes e grunhiam como cães selvagens.

Adam assinalou o grupo de Mikhail com a tocha na mão, uivou como um lobo e então desatou a guerra.

Os corpos saíam despedidos de cada golpe de tocha que estes davam, partidos, sangrando e rasgados.

Aquele grupo formado por vampiros e lobachos não teriam nenhuma possibilidade diante aqueles guerreiros natos e temíveis.

Mikhail parecia assustado de como sua única possibilidade de ser normal outra vez, de caminhar à luz do sol de novo escorria pelos dedos. Como podiam saber o que eles foram ou seja? Como, se nem Aileen nem Caleb podiam dar nenhuma mensagem mental?

Acabava seu tempo. Estava claro que Samael não o alimentaria nunca mais, ele já era um vampiro e demonstrou não ter nenhuma intenção para com ele. Foi um estúpido por acreditar que a imortalidade o faria mais feliz e mais poderoso.

Diante de seus olhos caiu um lobacho com a garganta aberta e os olhos que saíam das órbitas.

Que fazia ele ali? Morreria.

Como um covarde recuou. Cada passo dissimulado usava para uma possível salvação. Inclusive poderia fugir? Já teria outras oportunidades de pegá-los despercebidos... E se não gostasse de estar com Samael então poderia ir com Seth e Lucian. Sim. Devia fugir.

Seus olhos se fixaram em Adam, que se levantava lentamente e não o perdia de vista. Aquele homem dava medo. Medo de verdade.

Adam assentiu. Parecia que dava o beneficio para que fugisse e Mikhail sorriu agradecido em resposta até que se chocou contra algo muito mais duro.

Um grunhido despertou de sua falsa ilusão.

Depois dele, um berserker intimidante de barba negra e cabelo comprido o olhava com ódio em seus profundos olhos verdes.

—Você deve ser Mikhail —disse secamente.

Mikhail alargou seus incisivos e seus olhos se tornaram brancos e sanguinolentos. Tentaria lutar. As unhas alongaram. Ia atacar quando aquele berserker adiantou, dando um murro em plena mandíbula que o fez voar pelos ares e se chocar contra o tronco de uma árvore. Depois do atordoamento, deu conta de que não era uma árvore, a não ser um totem. Um totem com a cabeça de um lobo olhando à frente.

O berserker o agarrou pelo pescoço e o elevou com uma só mão.

—Sou Ás, o pai de Jade e o avô de Aileen.

O rosto de Mikhail contorsionou pelo medo. Aqueles olhos eram também os da berserker que estava emparelhada com o vanirio.

—Bá... desce. Direi tudo o que precise saber...

—Devolverá minha filha? —apertou mais do cangote. —Onde está Aileen?

—Não... não sei. A levou Sam... ael. Você filha... Eu... eu não queria.

—Não acha nem por um momento que quero escutar suas explicações. Só me apresentei para que leve para o inferno o nome do homem que acabou com sua mísera vida. Isto é por Jade.

Mikhail gritou e esperneou tentando liberar daquela amarração.

Ás elevou o braço com sua tocha de guerra e enviesou de um único movimento o tronco de Mikhail.

Mikhail abriu muito os olhos e olhou para baixo. Já não tinha pernas. Aquele berserker o cortou meio corpo por debaixo do umbigo e agora sangrava como uma cascata.

—Não me importa nada do que me conte. Olhe-me bem nos olhos — ordenou Ás.

Mikhail em seus últimos segundos de vida perdeu todo o orgulho e olhou suplicando a Ás.

—Vamos dar caça a todos. Seitas, sociedades, lobachos e vampiros. Encontraremos e devolveremos ao buraco podre do que nunca deveram ter saído. Começou uma guerra. Ateneus às consequências. Isto, e por Aileen.

Lançou o corpo de Mikhail ao céu e quando caiu e esteve a sua altura cortou a cabeça, fazendo um movimento com seus braços digno do melhor rebatedor da História.

Ás olhou o corpo esquartejado de Mikhail e logo procurou Adam com o olhar. Assentiu com a cabeça e se uniu à matança que ia a favor dos berserkers desde que começou.

Caleb correu e chapou Dubv e Fynbar que agora protegiam Samael. Sua força multiplicou, a raiva o alimentava.

Dubv e Fynbar levantaram um pouco aturdidos, mas nem assim puderam parar a corrente de golpes que caíam sobre eles, e só vinham de Caleb.

Em um desses golpes Caleb golpeou o peito de Dubv e o deixou sem respiração. Dirigiu dois dedos a sua cara e esvaziou os olhos.

O vanirio gritou de dor e levou as mãos à cara.

Fynbar o atacou por atrás, mas Caleb se afastou e parou o pulso que empunhava uma adaga. Deu uma cotovelada na cara e partiu o nariz ao tempo que tirava a adaga de Fynbar e dava um salto seguidamente para acabar cravando no centro do peito e com o impulso da queda rachá-lo de acima a abaixo. Caleb levantou, introduziu uma mão dentro de seu peito e arrancou o coração.

Fynbar morreu no ato.

Dubv seguia convulsionando de dor. Caleb se plantou em frente dele. De um golpe seco introduziu a mão no interior de seu peito, transpassou as costelas e chegou até a coluna. Puxou dela até que a partiu, ficando com uma parte na mão. Puxou-o sem alterar.

Samael tentava abrir a comporta com a contra-senha. Mas alguém a mudou. Alguém misericordioso, pensou Caleb.

Samael punha agora um dispositivo na comporta. Faria voar em pedaços.

Caleb o agarrou pela camiseta negra e o jogou para trás.

—Como está aqui? Como sabiam...? —seu rosto transformado pelo ódio e a confusão.

—Onde está Aileen? —Caleb com sua juba solta, suas presas alongadas, os olhos quase completamente negros e seu corpo suarento desprendia um aura de poder a seu redor difícil de ignorar.

—Deram-lhe um estimulante —sussurrou entre dentes.

Caleb gritou e o agarrou pela perna, mas Samael o golpeou com a outra livre. Tirou sua adaga e dirigiu para o vanirio.

— Vou arrancar isso tudo —espetou Samael. —Sua namorada está boa e sabe muito bem. A farei minha, ficará como eu. E você não vai poder ver todas as coisas que quero fazer a seu corpo.

Caleb o escutava sem se alterar. Nada do que dizia Samael importava. Ele tinha um objetivo e era descobrir o paradeiro de Aileen. Por hora sabia que estava viva.

—Vou cortar essa tatuagem que deram de presente os deuses. Jade é para mim.

—Enlouqueceu, Samael. Jade o odiava e nunca se fixou em você. A Aileen dá asco e me deixe dizer que está longe de agradar.

Impulsionou para trás e o golpeou com as duas pernas juntas. Samael voou para trás mas Caleb foi para ele. Abandonou o corpo de Samael contra a parede e colocou diante do braço na garganta.

—Olhe a seu redor, vampiro —Caleb juntou seu nariz ao seu. —perdeu. Ninguém dos teus está em pé.

Samael fez caso a Caleb. Berserkers e sentinelas vaniros procedentes dos túneis se achavam de pé, olhando aquela briga pessoal entre ambos. Cahal e Menw se situavam em frente da comporta no caso.

Samael começou a rir presa do histerismo.

—O que acha que soluciona me matando? Isto não acabou. Seth e Lucio, inclusive Hummus e Strike, os berserkers. Todos procuramos o mesmo. Todos queremos o poder. Isto não tem feito nada mais que começar. E são muitos os humanos que nos apoiam. Humanos poderosos, Caleb. Eu quero o sangue dos híbridos para sair ao sol. Lucio e Seth quererão outra coisa, mas o objetivo é o mesmo. Querem o controle deste mundo. Loki está de nossa parte.

— Não se preocupe, Samael. Você não poderá ver o que vamos fazer quando os encontrarmos. Porque e certo que vamos os encontrar.

—Por que insiste em proteger à humanidade? A humanidade deveria servir a nós. Somos filhos dos deuses Lembra?

—E chegará um dia em que os humanos também sejam e se reconheçam por isso. Mas enquanto isso alguém tem que velar por eles.

—Você certamente não. Aileen morrerá, você enlouquecerá e se converterá. Loki se encarregará do resto.

—Onde está Aileen?

—Merda, Caleb. Está morrendo.

—Onde está?

—Certo que está úmida e passando muito frio... —riu como um demônio. Era um demônio.

Caleb apertou o pescoço com o braço da frente. Agarrou sua adaga e abriu a garganta com ela.

Samael levou as mãos ao pescoço para parar o sangue, mas Caleb já deslizava a adaga por seus ovos e os cravava esvaziando Samael já não sabia onde tapar. Caiu de joelhos.

Caleb, friamente, o levantou de novo. Samael tremia e urinou em cima.

Com sua mão atravessou o peito do vanirio e arrancou o coração. Mostrou o órgão latente a Samael. O colocou em frente de seus olhos.

—Olhe, vê? É seu coração — sussurrou no ouvido. —vou encontrar Aileen. A curarei e os vaniros e os berserkers nos encarregaremos de proteger tudo aquilo que os vampiros e os lobachos reclamem. Não vamos dar quartel. Ficam poucos segundos de vida e sua pele já arde como a de um vampiro. Thor foi melhor que você em tudo. Thor levou a mulher que você acreditava que queria porque simplesmente o pertencia. Thor teve uma filha que é uma bênção

para ambas às raças. E ele trará uma paz que você nunca pôde conseguir. Agora... vai ao inferno, Samael.

Caleb arrebentou o coração de Samael em sua própria mão. Deu meia volta e dirigiu à comporta.

—Qual é a contra-senha, agora?

Perguntou a seus amigos. Menw a abriu, olhando Caleb com respeito.

Parecia não haver ninguém.

—Olá? —perguntou Caleb.

—Caleb? — era a voz de Daanna.

Dentre a escuridão apareceu Daanna com sua juba negra e os olhos amendoados claros e azuis. Carregava nos braços um vanirio de olhos de cor mel e cabelo loiro, de três anos. Suas presas se alongaram pelo medo e parecia que acabava de despertar.

Segurava na mão de uma menina de olhos negros e enormes e cabelo encaracolado de sete anos. Atrás dela três pequenos mais a secundavam.

—Encarregava-se deles? —perguntou Caleb triste.

Daanna assentiu e se fundiu em um abraço com seu irmão.

—Bratháir —soluçou.

—Então não podiam estar mais certos —a beijou no cocuruto. —E Aileen?

—Vou a sua busca —a beijou na bochecha e desapareceu dali. —Nós também a buscaremos, bratháir —exclamou Daanna.

Sulcando o céu que de novo voltava a nublar, algo característico das highlands, Caleb se deixava guiar pela intuição. Enviava empurrões mentais a Aileen, mas ninguém respondia. Devia obrigá-la a reagir, a despertar para que falasse com ele. A resistência era mínima, mas aí estava, e isso impedia de internar em seus pensamentos.

O nó perene picava. Sentiu que devia ser como um radar, algo que indicava se seu par estava ou não perto.

Olhou para baixo. Praias e rochas desenhavam a costa inglesa. Fazia mal mar.

Está úmida e terá frio, isso disse Samael.

—Aileen, me fale.

Centrou todas suas forças em derrubar essa defesa mental que ela criou para se proteger dele. Aileen sentiria a intromissão forte e dolorosa. Ele poderia ter enfrentado, mas não podia defraudá-la de novo. Entretanto, agora, com sua jovem vida em perigo, não teria piedade.

Enquanto se concentrava em fazer estalar suas defesas seguia olhando pensativo a costa. O nó queimava cada vez mais e parecia que... Não... estava desvanecendo...

Algo em seu coração se rachou e então descendeu até a praia.

Silenciou e se concentrou nos sons que envolviam. Ao longe umas gaivotas, as ondas se chocando contra as rochas, os peixes chapinhando na superfície, o vento balançando o mar, um caranguejo caminhando pelas rochas e introduzindo-se em uma gruta... Silêncio.

Bum.

Um batimento do coração lento e candente. Um batimento do coração sem apenas vida, mas que lutava por bombear em um corpo maltratado. Voltou a silenciar temeroso de só ter imaginado.

Bum, bum.

Era um batimento do coração, não havia dúvida. Um batimento do coração humano. Inalou profundamente e percebeu ligeiramente um aroma de morango... O bolo que em vez de recém assado estava ficando frio e seco.

Internou-se numa gruta. Dali vinha o coração. A água estava alagando a caverna e, flutuando no interior, um corpo de pele pálida e camisola de cor Borgonha se chocava contra as rochas cada vez que entrava uma nova onda.

Caleb correu como um lobo desesperado e puxou o corpo inerte de Aileen da água.

—Meu Deus... Aileen... mo chailin... —abraçou e a balançou como a um bebê.

Colocou uma mão sobre sua frente e se internou em sua cabeça.

—Aileen... Sei que está aí, princesa. Não se renda. Luta por mim. Pelos dois. Sei que me escuta —a tirou da gruta e voou com ela pelos céus, sabendo que cada segundo que corria no relógio era um segundo menos de vida para ela.

Capítulo 28

Três dias. Três dias sem que Aileen reagisse. Ruth, Maria e Gabriel cuidavam dela pela manhã. Daanna, Menw e Cahal o faziam de noite.

Seu avô e os berserkers a visitavam diariamente e sempre iam tristes e cabisbaixos ao ver que a jovem não melhorava.

Caleb descansava no quarto contiguo, Menw se encarregava de dar alimento intravenoso, mas ambos sabiam que Aileen estava em algum lugar muito mais tranquilo e devia ter algo forte que a trouxesse de volta. Permanecia mais de setenta e duas horas em coma profundo.

Caleb ordenou, antes de sumir num sonho profundo, que extraíssem todo o sangue que pudessem para dar a ela. Não dormia. Não fazia desde que pegaram os dois e os levaram a sua casa para cuidá-los.

Caleb permanecia o dia na horizontal, com os olhos fechados, às escuras —já que sem que Aileen o alimentasse não poderia suportar de novo o sol— e não falava com ninguém. Nem sequer com Menw, que se encarregava de limpar e desinfetar as feridas e de extrair o sangue.

Em seu quarto, Caleb tentava como sempre dar forças a Aileen. Falava com ela de tudo, fazia três dias que derrubou suas barreiras bruscamente no Tintaghel e ela não tinha forças para resistir. Sabia que sua cáraid estaria perdida, levitando entre este e o outro mundo, e ele seria sua âncora para que voltasse.

Contava tudo o que ele viu desde sua transformação, como era diante que os deuses fossem a eles em Stonehenge. Contou como fazia zangar-se sua irmã quando eram crianças e como ela o fazia passar raiva.

Explicou como se sentiu a primeira vez que a viu através do vidro de sua casa de Barcelona. Como arrependido estava de tê-la tratado tão mal. Como arrependido estava de não ter aberto a ela como merecia.

Aileen deu uma razão de viver de novo a todos os imortais e estavam enfastiados de sua idosa existência. Uma nova razão para rechaçar Loki e suas tentações. Aileen demonstrou que as pessoas podem mudar, que pode unir e lutar juntos por algo bom em comum, até tratando de clãs que estiveram eternamente enfrentados. Aileen demonstrou, que o amor não conhece barreiras nem leis nem raças. E que além tudo era possível.

—Eu estava muito unido a Thor —explicava. —Ele era um modelo a seguir para mim e embora o clã nos respeitassem tanto a ele como a mim eu tudo o que sabia aprendi com ele. Você é como ele, Aileen. Não pode se render. Porque sei que mudei nestes dias, e tudo de bom que começaram haver os outros em mim devo isso a você. Você me fez um homem melhor e sinto que já não poderei continuar minha vida se você não estiver. Pode chegar a imaginar o dom que me deu de presente? Posso voltar a caminhar sob o sol, álainn. Você é meu melhor presente, minha maior surpresa. E eu como pago isso? Caindo em uma armadilha e a pondo em perigo. Sou um inepto.

—Caleb?

Caleb ficou imóvel. Aileen estava falando.

—Caleb, não pare. Segue falando. É você, verdade?

—Sim, mo chailin —tinha os olhos fechados mas às lágrimas saíam igual.

—Não sei... não sei como te encontrar. Sua voz é como um bálsamo.

—Aileen? Onde está? Por que não volta comigo?

—Não sei como fazê-lo. Ensina-me. Guia-me.

Caleb esforçou em levantar da cama. Não perderia o contato mental nem louco. Abriu a porta do quarto contínuo e cambaleando internou nela. O corpo de Aileen estava imóvel e pálido na cama. Os lençóis brancos não dissimulavam seu corpo esbelto e precioso. Perdeu um pouco de peso, mas seguiu parecendo formoso.

Ajoelhou a seu lado e cobriu sua mão com a dele. Apoiou sua frente nela.

—Aileen, faz um esforço por mim. Necessito. Segue minha voz.

—Tenho frio.

—Não, querida. Minha voz dará calor. Eu darei calor.

—Estou em um corredor e não sei que porta escolher... Estou perdida.

—Eleja a minha. Minha porta.

—Como é essa porta?O que há atrás?

Caleb tinha o coração esmigalhado. Viu que duas lágrimas caíam sobre o lençol branco e impoluto. Eram dele.

—Depois da porta está meu coração.

—Seu coração? Não posso ver.

—Sim. Não faz falta que veja. Só sinta.

—Que mais há nessa porta?

—Há um enorme letreiro que diz AMOR. Eu darei o amor mais sincero, o mais profundo e vinculante. Escolha-me, Aileen. Eu... eu... —tragou saliva. O que poder tinha essas palavras que faziam sentir diminuto e terrivelmente frágil. *—Eu te amo. Lutarei por você, por isso temos. Não o entendia diante. Mas você me abriu os olhos a um mundo cheio de emoções. Vêem a mim. Deixe-me te compensar. Escolha-me. Amo-te.*

Caleb esperou tremendo uma resposta de Aileen, ajoelhado, humilde e sincero como nunca foi. Subjugado a ela.

—Aileen? —elevou os olhos para ver o rosto amado.

Não respondia. Olhou seu nó perene. Voltava a picar. Olhou o dela por cima de suas cicatrizes que pouco a pouco e com o tempo se selavam. Maldito Samael. Não podia tirar da cabeça todo o sofrimento que provocou a Aileen.

—Aileen, por favor... Não me deixe. Fica comigo.

Depois dessas palavras, Caleb desmaiou e caiu no chão.

—Quando o poderei ver? —perguntou Aileen acomodando o travesseiro atrás dos rins.

—Espera amanhã, dona impaciente —a repreendeu Daanna tirando a atadura da coxa. —Meu irmão quer estar forte para você e antes que despertasse caiu desacordado no chão. Estava três dias sem dormir e perdeu muito sangue.

—Ele me trouxe de volta —murmurou Aileen olhando pela janela. Sim a trouxe de volta com suas palavras. A dor ficava atrás, mas não as ânsias de voltar a ouvir de sua boca as palavras que disse mentalmente. —Quando despertará?

—Logo. Ainda dói a cabeça? —perguntou admirando a fina cicatriz que ficava na coxa. —Garota, que rápido se cura.

—É seu irmão. Não entendo como permitiu que Menw preparasse tantas garrafas cheias de seu sangue para mim. E sim. Ainda me dói um pouco.

Claro que doía. Caleb fundiu seu muro defensivo fazendo estalar pelos ares. Mas nunca, jamais, o reprovaria. Graças a ele ela vivia.

—Você tem feito possível que hoje estejamos a salvo, Aileen — comentou Daanna. —O ataque não nos pegou de surpresa e embora caíssem na luta uns quantos de nós, a maioria sobreviveu. Obrigada — apertou a mão em um gesto de sincero agradecimento.

Aileen sorriu e assentiu inclinando o queixo.

Ruth apareceu à cabeça pela porta e tocou com os nódulos.

—Pode?

As duas se alegraram de vê-la. Daanna deu um beijo na bochecha e logo o deu Aileen. Ruth trouxe uma caixa de bombons para elas. —Como se encontra hoje? —perguntou Ruth. —Já estou bem. Preciso sair daqui. Tire-me. — Ruth sorriu e olhou Daanna. —Não posso —encolheu os ombros.

—Ruth — disse Aileen puxando a caixa de bombons das mãos. Abriu e as convidou a que comessem com ela. —Temos que falar de suas.... aptidões. Ajudou a salvar tanto a vaniros como a berserkers.

—Não —respondeu Ruth negando como uma menina enquanto mastigava um bombom. —Foi casualidade.

—Não diga estupidezes. O que tem medo? Ruth, só quero saber de onde vêm suas faculdades para poder falar mentalmente com as pessoas.

—Ouça, olhe. Não quero ser um coelhinho das índias, certo? Vocês aproveitem disto se passa comigo sempre que quererem, mas me deixem tranquila. Suficiente tenho com tudo o que nos encarregou de fazer o nazista de seu namorado para ter que me subentrar a provas de nenhum tipo.

—Gabriel se encontra bem? —perguntou Aileen preocupada.

—Sim. Acompanhou Noah para te encontrar. Ele estava desesperado para vê-la outra vez em plenas condições. Sabe que enjoa com o sangue? Pois quando viu o chão desse lugar pintado de vermelho quase desmaiou.

—Veio vê-la esta manhã. Não parava de me abraçar —pobre Gabriel. Quanto medo passou por ela.

—Já vou. Pois quando Caleb se recupere quero que veja que tenho preparado tudo o que me pediu, se não tanto eu como Gabriel iremos de cabeça a um campo de concentração —sorriu maliciosamente a Aileen.

Definitivamente para Ruth, Caleb era um ditador. Mas Aileen sabia que Ruth já gostava dele.

—Ruth, não deveria se esconder —espetou Daanna.

—O que? Não me escondo.

—É especial. O que tem que mau nisso? —perguntou Daanna saboreando um bombom de amêndoas.

—Tudo. Olhe em que mundo estou. Homens lobo, vampiros... E eu com um suposto dom para me comunicar com vocês. Sou humana, Por Deus, não teria que falar disto com ninguém.

—Por isso. És humana, Ruth. Um novo passo para a evolução. Não parece?

—Basta. Não quero ouvir mais —as repreendeu com o olhar. —Por certo, vi seu avô comendo a boca de Maria —soltou como quem não queria a coisa. —Quer que falemos disso?

Aileen e Daanna riram a gargalhadas.

—Sabe como meu avô soube o que estava acontecendo e se preparou primeiro que ninguém avisasse para estar no Wolverhampton? —disse Aileen tomando ar.

—Me ilumine —colocou os olhos em branco diante do delicioso sabor de um bombom de chocolate negro.

—Porque estava com Maria quando eu me comuniquei com ela.

—Na cama?

—Aha —Aileen elevou as sobrancelhas.

—Então Maria passa a ser sua avó —comentou Daanna.

—Não. Maria será Maria, para mim. Minha Maria —comentou Aileen sem querer pensar que tivesse uma relação com seu querido avô Ás.

—Então têm que perguntar a Maria por que pôde receber sua mensagem mental como eu, não?

—Não faz falta —sorriu Aileen. —Ela já me disse que tinha um dom. Você não.

—Bom, garotas. Já não quero ouvir mais, põem a pele arrepiada — Ruth levantou agitando sua juba da cor do fogo. —Além disso, tenho que ir escravizar de novo.

Daanna e Aileen sorriram e a despediram com amplos sorrisos.

—Se cuide, Aileen. E pega forças porque quando Caleb a pegar...

—Ruth…

Eram doze da noite. Aileen morria de vontade de ver Caleb e o maldito ainda não despertou.

Tinha tomado à decisão de despertá-lo ela mesma. Sim, senhor. Vestiu uma bata de cor lilás clara até os tornozelos. Debaixo nada. Só pele.

Pensava a cada minuto sobre todas as coisas que revelou. Como a manteve em seu passo entre os dois mundos. Segura pela mão, não a soltou em nenhum momento.

Realmente reprovava ter que ir despertar, Caleb devia descansar, mas sua necessidade a animava a seguir com seu propósito. Hoje ela seria o caçador e ele o caçado.

Abriu a porta com cuidado e deslizou dentro como uma serpente.

O quarto cheirava a ele. A manga saborosa e suculenta. Em seguida sentiu como formigavam as presas.

Ele estava dias sem alimentar como era devido e embora Menw tirasse sangue dela para transferir não era suficiente como para que ele recuperasse toda sua força.

Aproximou-se da cama. Já retiraram as sondas. Seu corpo, um pouco mais magro mas igualmente musculoso, delineava através dos lençóis.

Aileen ficou imóvel ao ver seu rosto. Estava tão apaixonada por ele que doía o peito ao vê-lo tão desprotegido.

Inclinou para lhe dar um beijo inocente na testa e o observou aniquilada enquanto acariciava o cabelo sedoso e negro como a asa de um corvo.

—Olá, nenê... — acariciou o nó perene de seu pulso e arrepiaram os mamilos. O nó tinha recuperado sua cor e sua tonalidade natural. Parecia perfeitamente.

Por muito que o desejasse não podia equilibrar sobre ele. Caleb necessitava um pouco mais de descanso. E ela decidiu que iria dar lhe por tirá-la da escuridão e por dizer que a amava.

Porque passaram horas depois disso, e ela estava certa de que ele confessou. Queria acreditar que disse isso.

Suspirou. Esperaria até manhã para ouvir de sua boca. Mas tinha tanta vontade... Todos a colocaram em dia dos acontecimentos e das proezas de Caleb. De como lutou. De como todos se haviam retraído.

Deu meia volta para sair do quarto, bobamente deprimida por não poder acalmar o ardor que sentia entre as coxas e no coração.

Tentou abrir a porta mas esta não abriu. Parecia trancada. Com um pouco mais de força tentou sacudi-la de novo. Nada. Olhou para cima e viu a poderosa mão de Caleb, que sustentava a porta para que ela não saísse dali.

Aileen se virou bruscamente e chocou contra seu peito nu e duro.

—Aonde acha que vai, neném? —sua voz rouca e seca depois de não exercitá-la em dias.

—Eu... não queria te despertar. E então... me... —demônios, por que estava tão nervosa?

—Estaria louco se deixasse que partisse agora mesmo, pequena.

Ele a estreitou entre seus braços com tanta força que a Aileen custava respirar. Afundou a cara em seu cabelo e inalou fechando os olhos de prazer.

—Carbhaidh... —murmurou com ternura e desejo.

—Caleb.

Aileen rodeou o pescoço e o abraçou também com força afundando o rosto em seu pescoço. Caleb a elevou e a levou a sua cama.

—Está, está tremendo —Aileen enredou seus dedos em sua juba.

—E você, querida. E você —murmurou ele.

Aileen sorriu e deixou que ele a subisse na cama e a deixasse de pé, ali. Não parecia que queriam falar de nada. Tudo o que podiam dizer diriam com gestos, com carícias, beijos e com gemidos.

—Tem fome? —perguntou ela pondo as mãos sobre seu peito e jogando com seus mamilos.

Caleb assentiu como um animal que necessitasse sua ração diária. A atraiu para ele agarrando pelos quadris.

—Morro por você, Aileen. Nunca mais volte a me assustar desta maneira. Ouve?

Aileen quase começou a chorar. Empurrou o peito e o afastou ligeiramente. Olhou nos olhos e tirou a bata como uma sedutora.

Caleb grunhiu e passou seu olhar pelo corpo maravilhoso de Aileen. —Não me provoque — advertiu ele.

—Não o faço, mo duine —deu um passo para ele e passou a língua pelo lábio inferior.

Aquilo foi suficiente para Caleb. Atraiu-a para ele e saqueou sua boca com perícia e dedicação. Estirou-se na cama, debaixo dele. Sua boca e sua língua arrasaram toda a razão, excitando e atormentando. Com as mãos cobriu seus seios e os acariciou com reverência.

Não poderia amar a aquele homem mais do que o amava. Queria gritar e dizer em voz alta.

Caleb tirou as calças de um puxão e seu pênis saltou em toda sua glória. Colocou entre suas pernas e deixou cair todo seu peso sobre ela.

—Aileen, fez tanta falta... Não me deixe nunca mais — suplicou com os olhos chorosos.

—Não —respondeu ela olhando fixamente nos olhos.

—Está zangada comigo? —lambeu sua garganta como um gato.

—Zangada?

—Voltei a entrar em sua cabeça. A outra noite fui avisar, sem...

—Chist — colocou um dedo nos lábios. —Você não tem feito nada mal, Caleb. A outra noite o enganaram. Eu e qualquer um poderia ter caído diante dessas artimanhas. Entretanto, ninguém fala disso agora. Todos dizem que não há guerreiro mais poderoso e mais mortal que Caleb da Britannia. Isso está na boca de todos. Sejam vaniros ou berserkers. E eu como sua cáraid me orgulho de você. Lutou por mim. Brigou por mim. E me salvou. E entrou em minha mente outra vez à força. Graças a isso, eu estou aqui com você, de novo. Como poderia me zangar? Quero que recupere o contato mental comigo. Fundemos-nos, Caleb— Aileen abriu um pouco mais as pernas para acomodar os quadris de Caleb. —Não me ocorre outro lugar melhor no que estar aqui, a salvo, com você.

—Aileen, eu gosto tanto do que me diz.

Caleb inclinou a cabeça e lambeu seus seios. Tremia pelo desejo tão poderoso que sentia por ela. Divisou uma ligeira cicatriz sobre o montículo esquerdo.

—Ele te mordeu aqui —grunhiu como um cão ferido.

—Sim —Aileen tragou saliva.

—Eu apagarei essa lembrança, mo leannán —abriu a boca e sugou esse ponto dolorido. Lambendo e beijando com cuidado e dedicação.

Aileen movia os quadris diante do prazer de sua boca. Queria que ele entrasse de uma vez por todas.

Deslizou sua mão entre seus corpos e tomo o pênis de Caleb. Este saltou em sua mão. Estava ardendo, suave e duro.

—Caleb...

—Querida —puxou o pulso afastando a mão de seu pênis. —Não me faça isto ou não durarei nada.

—Não passa nada —respondeu ela.

—Sim que passa —deslizou a boca pelo vale de seus seios e desceu dando sensuais beijos até o umbigo. —Que mais te fez Samael?

—Na... nada mais —estava quente e ele a enlouqueceria.

—Não suporto que ele tenha lhe feito mal —sussurro ele contra seu estômago.

—Caleb, não me dói o que ele me fez. Você me curou.

—Eu? —seguiu deslizando até o triângulo de cachos negros. —me diga como. O único que tenho feito foi danificar tudo com você uma e outra vez.

Aileen o olhou, espectador diante o que ele ia fazer.

—Mas já acabou —aceitou ele mordendo brandamente no interior da coxa.

—O que?

—Vivo para te servir, amor —separou mais suas pernas e colocou os ombros entre elas para que não as pudesse fechar. —Não há nada que eu não vá fazer por você. Nada —sorriu e inclinou a cabeça para acariciar sua virilha com a língua.

Aileen moveu a cabeça de um lado ao outro, o agarrando pelo cabelo. Estava difícil tomar ar. Gemia de prazer emitindo ruídos de desespero com a garganta.

Caleb internou a língua em sua cavidade e a moldou por dentro.

—Quero te ouvir gemer, Aileen.

—Caleb, já... já o faço...

—Não é suficiente —a devorou com a boca, os lábios, as presas e a língua. Aileen estava tão úmida que acreditava que estava se desfazendo. Ondeava os quadris de cima abaixo, e quando chegava já ao clímax... Caleb alargou mais os incisivos e a mordeu, cravando profundamente os incisivos entre os lábios.

Aileen o agarrou e o puxou pelo cabelo, espetou os calcanhares no colchão arqueando contra ele e soltou um grito de surpresa e liberação.

Caleb absorvia sedento tudo o que dava, seu mel e seu sangue. E Aileen sentia como ele se fortalecia com cada sorvo e o saber que ela o revitalizava a excitou muitíssimo mais.

Para Caleb, agradar a sua cáraid e ver como ela se desinibia com ele o enchia de sorte e de alegria.

Lambeu até que os espasmos de seu orgasmo cederam. Logo passou a língua para limpar um fio de sangue que corria entre suas pernas e fechou assim a incisão de suas presas.

Levantou e acomodou entre suas pernas.

—Doeu, leannán?

Aileen ainda retornava do céu quando perguntava isso. —Não... não. Só me impressionou —tragou saliva e o observou detalhadamente. —Caleb, tem muito bom aspecto, agora. Caleb sorriu e se entregue a ela por completo.

—Você me dá vida. Dá a luz do sol. Eu sinto que nada que possa dar ou fazer poderá ser comparado com o presente que você deste a mim — a beijou e juntou a testa. —Eu era um homem entregue a uma causa. À guerra —empurrou entre seus quadris e deslizou a ponta de seu membro entre a umidade de Aileen. Ela tremeu e ele também. —Não sabia o que era amar.

—E... agora sabe? —acariciou o nariz dele com a seu em um gesto cúmplice e carinhoso.

Caleb assentiu como um homem que estivesse sofrendo.

—Me coloque dentro de você, querida — ordenou tomando sua cara entre suas mãos. As mãos de um guerreiro, cheia de cicatrizes, pareciam muito mais poderosas diante de um rosto tão belo e frágil como o dela.

Aileen assentiu com os olhos alagados em lágrimas. Segurou com uma mão e o guiou até sua entrada. Caleb gemeu e ela vaiou. A dentada a deixou muito sensível, mas a matariam diante de tê-lo e privar o de estar em seu interior.

—Tome — disse ele enquanto se introduzia até o mais fundo.

Aileen abriu mais as pernas para acomodá-lo melhor e facilitar o acesso. A sensação de senti-lo roçando e esfregando todo seu interior a voltou louca. Rodeou as nádegas com suas mãos e espetou as unhas diante da sensação de plenitude e fragilidade que sentiu sob seu peso e suas estocadas potentes.

—Sabe, Caleb? Sabe o que é o amor? —perguntou ela beijando seu queixo entre tremores estremecidos.

Caleb a impedia de virar o rosto ou desviar a vista. Queria vê-la enquanto tomava.

—Sim.

—Por quê? Como sabe?

—Por que... porque eu te amo, Aileen. Você me ensinou como fazer.

Aileen teve que fechar os olhos para que as lágrimas pudessem deslizar e deixar de empanar a vista. Caleb era formoso. Seu cabelo negro caía sobre ela, assim que o certou com uma mão enquanto com a outra acariciava a bochecha.

—Diga outra vez.

—Amo você.

—Outra.

—Amo, querida. Amo. Necessito. Adoro — as investidas eram mais e mais fortes.

—O amo, Caleb — disse ela atraindo sua cara a dele.

—Como pode?

—Tem explicação. Estou louca — sorriu mordendo o lábio.

—Diga outra vez.

—Amo. E...

O beijo que então se deram foi quase criminal. Não se podiam dar mais do que se davam nesse momento. Caleb a mantinha o rosto agarrado.

—Estou a ponto... —disse ele rindo e recuperando o ar.

—Sim. E eu... —ela também riu.

—Se alimente, cáraid —a investiu mais duro, pois sabia que já estavam ao limite.

Aileen obscureceram os olhos e dilataram as pupilas. Puxou de seu cabelo atraindo para ela, esfregou seu nariz a seu jugular para marcar o terreno. Caleb tremeu de antecipação. Aileen espetou as presas em sua pele e bebeu, e tanto ele como ela gozaram de uma vez. Suas mentes se abriram, compartilharam pensamentos, necessidades, desejos, sonhos e desejos.

Aquilo era uma verbena de orgasmos. Passaram um após o outro, e os elevaram até cotas inexprimíveis de prazer.

Caleb seguia balançando seus quadris dentro, mais brandamente, acalmando um ao outro com palavras carinhosas e beijos doces. A arrulhando com mimos.

—Não se fechou — disse Caleb assombrado.

—Nem você tampouco.

—Está louca por mim —elevou uma sobrancelha pirata e Aileen estalou em gargalhadas. —Não se esqueça.

—Não seja presumido.

—Eu estou louco por você, pequena, e não vou esquecer.

—Então... acabaram as brigas? —perguntou ela acariciando o queixo.

—Não sei. Eu gosto das reconciliações... —sussurrou mordendo o lóbulo da orelha.

Caleb deslizou um dedo desde seu sobrecenho, passou por seu nariz, acariciou seus lábios e parou na covinha rebelde de seu feminino queixo.

—*Is caomh li um thu, mo ghraidh*[54] —disse ele dando um beijo nos lábios.

—*Is caomh lium thu glé mhor, mo ghraidh*[55] —respondeu ela aceitando o beijo.

—Para sempre?

—Que dure a eternidade.

Ao amanhecer, Caleb a pegou nos braços, cobertos só com os lençóis da cama. Voavam juntos através de um céu claro, espaçoso e azul. O sol bronzeava a pele quanto mais alto se impulsionavam.

Aileen se abraçou a ele sem perder um só detalhe de seu voo com ele. Os olhos de Caleb pareciam agora muito mais claros com a luz diurna.

Caleb podia sair sob a luz do sol, e isso ela que lhe deu.

—Sim, querida. Você me deu isso, tudo — sussurrou ao ouvido.

Aileen sorriu com ternura.

—Aonde vamos?

—Quero mostrar qual vai ser sua função em nossa comunidade.

—Procurou trabalho? —disse ela incrédula.

—Não. Simplesmente pensei em todas as coisas que me disse — desceram numa colina montanhosa rodeada de vibrante floresça silvestres.

Aileen olhou o lugar assombrada. Era precioso.

—O que fazemos aqui?

—Aqui — explicou ele abraçando-a pelas costas, —vai construir sua escola.

—O que?

—Imagine um edifício formoso, de cores que vão acorde com o ambiente e os arredores. E no interior, um montão de crianças que estejam desejando escutar a sua nova professora.

---

[54] *Em gaélico significa amo você, meu amor.*

[55] *Em gaélico significa amo muito, meu amor.*

—Mas Caleb — ela se virou e o puxou pelo queixo. —Eu não posso dar aulas a crianças normais. Não... não posso. Necessitam permissões... os pais poderiam suspeitar de mim. Minhas presas, a cor de meus olhos... Não...

—Chisss — colocou o dedo sobre seus lábios. —Não falo de crianças humanas —Caleb se divertiu ao ver a cara de confusão de Aileen. —Lembra quando comentou que se pudesse realizar um trabalho de conduta com a sociedade começaria por nós?

—Sim.

—Temos meninos e meninas, Aileen. E necessitam de novos valores. Confiaríamos isso às cegas se você os educasse. Quero trazer aqui as crianças dos berserkers e que se mesclem com os nossos.

—Caleb...

—Você pode transmitir novos princípios. Você é o exemplo perfeito para eles. É a mescla de ambos. Não somos incompatíveis, nem devemos ser nunca inimigos. Você pode ressarcir todo o dano que nos temos feito entre clãs, se começa unindo a nossos filhos. Eles criarão uma nova sociedade, se seguirem. Odín sabe que eu a seguiria às cegas.

—Caleb, eu... não sei o que dizer.

—Diga que sim —acariciou sua bochecha. —Este é o projeto que esperava. Demos uma lição aos deuses e a nossos verdadeiros inimigos. Ensinemos que de agora em diante somos um. Suas crianças são as nossas, nossa terra também é deles. Seja o pilar desta iniciativa, mo ghráidh.

—Já falou com meu avô?

—É obvio. Não me atreveria a propor nada assim sem seu beneplácito. Ele me disse que estava orgulhoso de mim — assentiu emocionado.

Aileen não podia acreditar. Seu projeto. Sua ilusão, seguia estando aí. E a oferecia um vanirio, bruto e rude, mas com um imenso coração que a amava mais do que ela acreditou possível.

As lágrimas se deslizaram por suas bochechas.

—Espero que sejam lágrimas de alegria —sussurrou Caleb.

—São —disse ela limpando com a mão. —São.

—Então? Sim aceita?

—Sim... Por Deus, claro que sim... —agarrou a seus ombros, saltou sobre ele, e rodeou sua cintura com suas pernas, sentando escarranchada sobre sua pélvis. —Sim, Caleb —o beijou nos olhos, as bochechas, o queixo, as sobrancelhas.

Caleb fechou os olhos extasiado diante de tanta doçura.

—Há muito trabalho por fazer — disse ele arrancando o lençol de um puxão e colocando-a no chão a modo de cama improvisada. Beijou-a profundamente tomando pelas nádegas e a acariciando entre as pernas.

—Muito trabalho por fazer... —repetiu ela em tom desenvolto.

—Sim. E devemos estar preparados para algo —aceitou ele caindo de joelhos sobre o lençol com ela nos braços. Deixou-a estirada e dócil e ele se colocou em cima. —Começou uma batalha. E necessitamos do apoio de todos para que chegue a um bom fim.

—Sim —ela o puxou e o beijou. —Sim cale, Caleb... logo me falará depois de como será difícil. Você está aqui e me faz feliz, mo duine. É de dia e ninguém virá a nos incomodar. Faça amor e já nos ocuparemos logo depois de todo o resto, mo ghráidh.

—Como desejar, minha Aileen. Como desejar.

Beijaram com doçura e fizeram amor o um ao outro com absoluta dedicação.

Ninguém os incomodou.

Fim



****Essa tradução foi feita apenas para leitura dos membros da Tiamat.**

Muita gente está querendo ganhar fama e seguidores usando os livros feitos por nós.
Não retirem os créditos do livro ou do arquivo.
Respeite o grupo e as revisoras.

Colaboração com dados do início do arquivo: Gisa e Sandra Maia